

MARIO SETTE

ARRUAR

HISTÓRIA PITORESCA DO RECIFE ANTIGO



2.^a EDIÇÃO



AUMENTADA

*Coleção
Brasil que não conhecemos*

RIO DE JANEIRO



ARRUAR

ARRUAR também significa passear com ostentação a pé ou montado, correr as ruas. Embora o autor vivesse "muito trancado no seu lar, sentindo-se muito bem dentro d'ê" - conforme revelou, banca nestas páginas, no bom sentido, o arruaceiro do Recife dos tempos que já se foram. E assim o faz com a autoridade de quem nasceu naquela cidade, no dia 19 de abril de 1886, e lá viveu, com exceção de 9 anos, até a morte. Só deixou a sua terra natal com a idade de 11 anos, para lá voltar com 16, depois de ter feito os estudos secundários no Rio de Janeiro, e de 1932 a 1936, quando permaneceu em Alagoas. O curso primário êle o fêz com o seu avô materno, o professor Antônio Rufino de Andrade Luna. Não se formou, mas apesar disso era, para todos os fins, o DR. Mário Sette,

Ilustre historiador, a essa matéria se dedicou desde cedo. Seu primeiro livro, *Ao Clarão dos Obuses*, contos de guerra, editou-o a Liga Pró-Aliados, do Recife, de que foi o 1º Secretário. "Em seguida emendou a mão" confessa - "e deixou o estrangeiro à margem: cuidou de sua terra e de sua gente, do que não se arrependeu até hoje". Escreveu contos regionais, entre êles *Clarinda das Rendas*, de que Bilac tanto gostou; romances regionais, como *Senhora de Engenho*, obra que revelou Mario Sette ao Brasil, e *Os Azevedos do Poço*, além de outros: crônicas regionais como *Maxambombas e Maracatus*, *Anquinhas e Bernardas*, muito conhecidas; obras didáticas, entre as quais *Terra Pernambucana*, também repassadas de seu regionalismo pitoresco e bom:

Com o mesmo requintado gosto pelo regional e o seu estilo vivo de romancista, Mario Sette nos legou *Arruar - história pitoresca do Recife antigo*. Do Recife dos cavalos a galope pelas ruas, das cadeirinhas e das diligências; dos bondes de burro e das maxambombas; das gazetas de dois vinténs, dos homens de fraque e de chapéu-côco, dos negros carregando "tigres" mal cheirosos para o mar então degradado, das iaiás brancas e de longos cabelos tomando banho de rio, nobilitado rio como eram todos naquela época. Recife dos "tigres" e cambrones, dos lampiões e candeieiros, das bicas e torneiras, das procissões ortodoxas, rigorosas, com mulheres de pés descalços, homens caminhando de joelhos ou se torturando, negrinhos vestidos de Senhor dos Passos; Recife dos tribofes e das cômicas, dos tipos populares como Pensamento e Leseira. Enfim a crônica viva do velho Recife heróico, que na história nos deu os invasores holandeses derrotados, a Guerra dos Mascates, a Revolução de 1817, a Confederação do Equador, a Revolução Praieira, os heróis nativistas Henrique Dias, Frei Caneca, Padre Miguelinho, Nunes Machado, os tribunos abolicionistas Joa-

quim Nabuco e José Mariano, os extremistas republicanos Martins Júnior e Trigo de Loureiro, a Faculdade de Direito criada pelo Imperador Pedro I, as polêmicas de Tobias e Romero.

A história dêsse Recife, nos 4 séculos de evolução, é retratada pelo professor Mario Sette, com direito e autoridade, neste livro, 1º volume de coleção *Brasil que não conhecemos*, ilustrado pelos talentosos desenhistas pernambucanos Luís Jardim e Percy-Lau e com fotografias e fac-símiles da época.

CONSAGRAÇÃO DE "ARRUAR"

ARRUAR ganha, assim, uma densidade de interpretação, uma riqueza de conceitos, uma amplitude de percepção panorâmica, em condições de emparelhar-se muitas vezes a certos aspectos da monumental obra sociológica do eminente compatriota da Casa-Grande & Senzala.

HERMAN LIMA

(**Letras e Artes** - Rio, 18-1-48)

•

Livros dessa natureza deveriam ser encontrados sempre a disposição de nativos e turistas, falta, aliás, que se sente tanto no Recife, ou no Rio, como em quaisquer lugares de visita histórica no Brasil.

RACHEL DE QUEIROZ

(**O Cruzeiro**- Rio, 31-7-48)

•

Quem lê Arruar... se é pernambucano fica mais pernambucano; se brasileiro de outro Estado, mais amigo de Pernambuco ou do Recife; se estrangeiro, mais simpático à gente pernambucana e à cidade que não é apenas capital de um Estado mas metrópole de uma região.

GILBERTO FREYRE

(**Diário de Notícias** - Rio, 26-9-48)

•

Mario Sette reconstitui tudo com mão de mestre paciente, com o sentimento de folheador metódico das velhas páginas e investigador dos mais remotos costumes e tradições.

RAUL LIMA
(**Diário de Notícias** - Rio, 7-12-47)

•

Tôdas as origens e a evolução do Recife aí se encontram nada parecidas com os cadáveres em formol, antes expondo as marcas de uma estranha vivacidade que chega quase a anular as fronteiras das épocas.

MAURO MOTA
(**Diário de Pernambuco** - Recife, 4-48)

•

Mario Sette foi o único escritor, depois do velho Pereira da Costa, a se preocupar com o nosso passado social, vasculhando em todos os sentidos quanto arquivo público ou particular se lhe deparou

LUCILIO VAREJÃO
(**Jornal do Brasil** - Rio, 22-7-48)

•

E tudo que está no livro é quase o milagre de transformar em ouro a poeira dos arquivos.

SILVINO LOPES
(**Jornal do Brasil** - Rio, 1-8-48)

MARIO SETTE

ARRUAR

HISTÓRIA PITORESCA DO RECIFE ANTIGO

2.^a EDIÇÃO AUMENTADA

CONTÉM UM VOCABULÁRIO DE TERMOS
REGIONAIS E PALAVRAS POUCO USUAIS

ILUSTRAÇÕES

- 44 desenhos de abertura e encerramento de capítulos, por Luís Jardim.
- 22 desenhos fora de texto, de Percy-Lau.
- 11 fac-símiles documentários.
- 33 fotografias características da cidade e do povo, fora do texto.

COLEÇÃO

BRASIL QUE NÃO CONHECEMOS

I



RIO DE JANEIRO

ARRUAR

1.^a edição 1948

(Prêmio "Othon Lynch Bezerra de Melo" — 1949) — Este prêmio é concedido anualmente pela Academia Pernambucana de Letras ao melhor livro publicado sobre Pernambuco.

*

LIVRARIA - EDITORA
DA
CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

Largo da Carioca, 11 - 2.^o andar - tel. 42-2741
Rio de Janeiro - Brasil

★

Av. Duque d'Ávila, 20 - 1.^o andar
Lisboa - Portugal

Estas páginas, escritas num enternecido envolvimento evocativo de figuras habituais ao cenário já muito distante da infância, a elas são particularmente dedicadas em pensamentos de afeto e de saudades:

Meus avós

Meus pais

*Tios, primos, minha mãe-preta,
outros pretos lá de casa,
freguesas de bolos...*

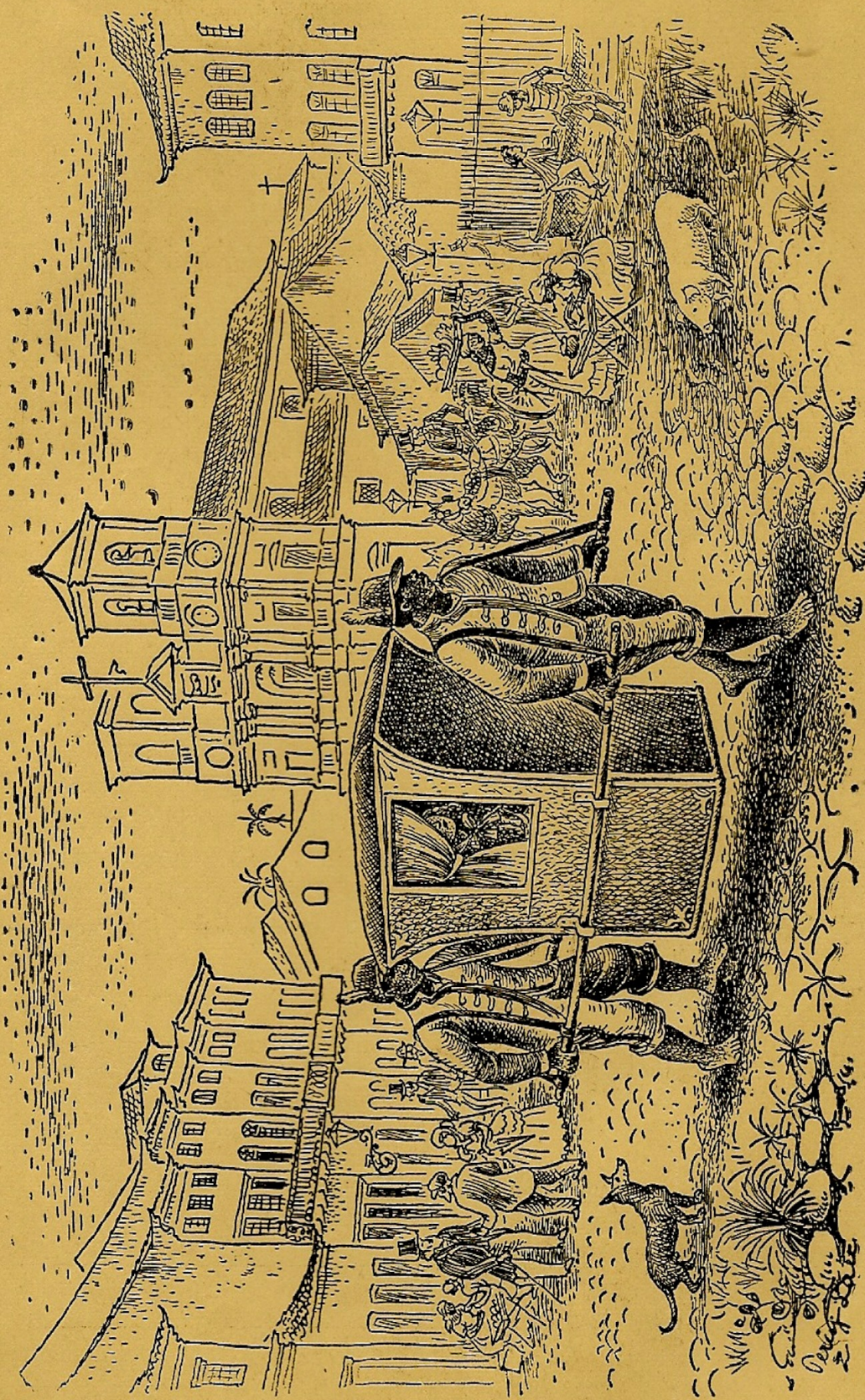
cujos nomes dispensam ostentação a estranhos porque saibam permanecer bem vivos no coração do autor.

*

ARQUIMEDES DE MELO NETO:

Não sei se entre as justas alegrias de um mestre já se tenham proporcionado muitas iguais à que você espontânea e generosamente me ofereceu: - ser editado por um prezado ex-aluno. Fique certo de haver o seu gesto assinalado os meus sessenta anos.

Recife, 1946



Cadeirinhas de arruar, misto de recato e de ostentação, transitando
pela Boa Vista e indo até Fora-de-Portas



Quem dirá hoje da perfeita expressão jubilosa dos gulosos olhos de mulher que se viam, através da móvel moldura do postigo de uma cadeirinha de arruar, fugindo à clausura do lar, a percorrer as ruas da cidade, na indisfarçável cobiça de saber das suas novidades? Cadeirinha de arruar tão bonita, tão maneira, tão fôfa, invejada pelas vizinhas que a espreitavam, fingindo desdém, pelas frestas do balcão. Assim valia a pena ir-se assistir ao sermão do Corpo Santo, ouvir a missa cantada no Poço, visitar a comadre de resguardo, andar mesmo à toa pelos pátios cheios das barraquinhas de uma novena de Nossa Senhora, quando não ouvir o oratório na Casa da ópera... Não se cansavam as pernas e dava-se tanto na vista!

Cadeirinha de arruar, misto de recato e de ostentação. Um pouco de mistério e um muito de vaidade. E tão raras a princípio! Não era para quem queria e sim para quem podia. Distinguiam-se na cidade os seus donos, falava-se das transitadoras pela Boa Vista, por Santo Antônio, por Fora-de-Portas. As senhoras de relêvo social, moradoras dos sobrados de azulejos, por cima dos trapiches ou das lojas dos maridos, ou já nos sítios de casas apalacetadas dos arrabaldes, possuíam as suas, com ornatos de talha, com estofos de gorgorão, com portinholas desenhadas, conduzidas por escravos em pares de igual altura, negros bonitões e robustos, trajando librés de côres berrantes e bonés de oleado que o jornal anunciava como "novidade de Paris".

Apareciam novos modelos: de cúpula dourada, com portinhas em alto-relêvo, grades, correias de marroquim, e o que se tornou um auge de bom gosto: providas de vidros. Vidraças! Que luxo! Não se temia mais a poeira das varreduras nem os churviscos imprevistos. Sobretudo, ia-se ali dentro, à vontade, vendo-se tudo, sem recear a indiscrição de uma mão afoita ousando atirar uma flor, ou um escritinho, se não

mesmo o furtar de um beijo...

Cadeirinhas douradas, "de caixão", das mais suntuosas e pouco vistas, evocando as em que passeavam as fidalgas parisienses, de cabeleiras empoadas. Bom mesmo atravessar a cidade numa delas, protegida pelos vidros, apreciando o movimento, olhando as lojas, descendo na igreja ou na costureira.

Cadeirinhas de arruar... Que de poemas inspirastes! Que de ansiedades e esperanças provocastes! Quantos homens ficaram horas, ao sol ou à chuva, esperando uma dessas balouçantes caixinhas de luxo, por se aninhar nela sinhazinha que ia pedir a bênção à madrinha, escoltada pelo pai, a cavalo, de chapéu alto e rebenque em punho! Às vezes as cadeirinhas tomavam estradas, viajavam. Caminho do Mondego, Estrada dos Apipucos, Caminho de Olinda. Ia-se passar a Festa ou pagar uma promessa na Sé. Na reclusão feminina dos tempos, a cadeirinha possibilitava uma rápida visão da rua, a surpresa de um quadro maldoso, a acolhida de um olhar ousado, a observação estranha de um outro bairro. Cadeirinhas de arruar... Seu nome resumia uma finalidade ampla, saborosa, mundana. Arruar. E a rua constituía um pecado tão feio! Rua tinha saibo de cousa proibida e de má fama. Moleque de rua... Povo da rua... Mulher de rua... Bôlo de rua... Namôro de porta de rua... Mas arruar era tão gostoso! E a cadeirinha proporcionava êsse gôzo, com uma espécie de poder isolador, vendo-se tudo sem perigo de contágio. Vendo-se, ouvindo-se e sentindo-se. Camarim ambulante para se apreciarem as cenas constantes e variadas dessa peça social que as ruas oferecem a todo instante.

Arruar! Ver apenas, não! Sentir a cidade. Evocar seu passado, partilhar do seu presente, sonhar com o seu futuro. Encontrar interesse vivo numa fachada de azulejos, numas pedras de calçamento, num bico de telhado, num cocuruto de mirante, numa cara de transeunte, numa escadaria de igreja, numa jaqueira de muro, num interior de loja, num lampião de esquina... Arruar... Conhecer e recordar. Pisar e querer adivinhar os que já pisaram. Ser ao mesmo tempo a geração de agora e as gerações de outrora. Arruar... Passatempo e análise. Regalo dos olhos e entendimento dos espíritos. Arruar... Ver as ruas e penetrar-lhes a história. A história cronológica e a história social. A história pitoresca também. Não somente a trilha inicial, a origem do arruado, o imperativo do cordeador, as exigências das posturas, mas, igualmente, os costumes, o vozear, as expansões, os vícios, as festas, os maus dias, os amôres de seus habitantes...

Arruar é abrir êsse livro de história, folhear-lhe vagarosa e saborosamente os capítulos, contemplar-lhe as ilustrações, comparar-lhe aspectos e episódios, compreender-lhe o sentido através das épocas e das gentes.

Hoje, já não se sabe arruar direito. Anda-se, ou melhor, corre-se pelas ruas. Os meios de transporte não favorecem êsse prazer dos antigos. O automóvel e o ônibus passam rápidos, indiferentes, ignorantes. Não importa o percurso; interessa apenas o término. O rio, as árvores, o templo, a rua, a estrada, o sobrado, o tipo popular, a ponte, o nome local, que fiquem depressa para trás. Não se arrua mais. Chispa-se, voa-se... O bonde, que sempre consentia um vagar para êsse prazer, hoje com a superlotação é um sacrifício...

Arruar é diferente do que fazemos hoje ao atravessar a cidade, no interesse do trabalho ou na distração de um passeio, a caminho da escola, da igreja, do cinema, da loja, da festa, sem darmos um reparo menos superficial à sua fisionomia, sem server melhor o seu perfume, sem escutar meditadamente a sua música... Vamos por aqui, por ali, a êsmo, abstratos, guiados pelo hábito, sem atentar, como devêramos, no encanto dêste trecho, na claridade desta manhã, no colorido dêste ocaso,

na harmonia dêste movimento, no feitiço dêste pitoresco. Atravessamos as ruas apenas com o cuidado nos automóveis e olhamos as placas das esquinas sem outro propósito do que lhes ler os nomes. Somos, no cenário de nosso nascimento e de nossa vida costumeira, quase uns estranhos, à sua história, às suas tradições, à sua poesia. O passado é um baú velho atochado de papéis amarelos que se destroem num momento azado. Os velhos monumentos foram embora e poucos se lembram dêles. Mudam-se as expressões típicas da cidade, e ninguém quase protesta. Desdenhamos não somente o passado de nossa terra, mas o nosso próprio passado...

E, no entanto, que lição e que entendimento proporciona o estudo e o conhecimento da nossa cidade! O seu rosto, o seu cheiro, as suas cores, os seus sons!... Há nela um sentido que transcende de mero núcleo civilizado para atingir as raías de um templo de nós mesmos. Em cada rua destas, em cada telhado daqueles, numa ponte, numa calçada, numa nave, num cais, num jardim, viveu também alguém que nos precedeu no mundo e que nos foi querido. Nossos avós, nossos pais, irmãos de nosso sangue, uma madrinha, uma ama-sêca, um amigo, já longe de nós, dormindo no cemitério, por ali andaram, por ali sorriram, por ali sofreram, por ali pensaram em nós... Por onde arruamos há os passos dêles, num arruar distante, indeléveis nas recordações dos que sabem recordar. Entremos, por exemplo, nesta igreja. É velhíssima e nada mudou no seu interior. Os altares, os santos, os candelabros, as tribunas, a pia batismal, tudo está como era. Até o piso, até as soleiras, até os degraus. Rezamos hoje; rezaram ontem êsses antepassados, essas criaturas muito amadas. Êsses mesmos nomes de templo – Penha... Carmo... São Pedro... Madre de Deus... São José de Ribamar... Santa Cruz... Nossa Senhora do Têrço... - estiveram nas suas bôcas e nas suas vozes. Quando aquela mesma bênção foi dada, há anos, há séculos, êles estavam aqui mesmo, de joelhos, recebendo-a, batendo nos peitos e curvando as cabeças. Essa procissão que sai tôdas as quaresmas, com suas velas acesas dentro de angélicas de papel, com suas duas imensas fileiras de devotos, com seu andor velado por um baldaquino roxo e a ponta da cruz de fora, aos dobres dos sinos das matrizes, essa procissão êles a viram também como nós a vemos, êles também se encheram de recolhimento e de preces, êles ouviram os mesmos sinos, carregaram os mesmos barandões, adoraram a mesma imagem.

Ali está o nosso velho e sempre novo teatro. Talvez nenhum ambiente nos sugira recordações como o dessa casa de espetáculos tão típica de nossa cidade. Gerações e gerações passaram pelos seus camarotes e pela sua platéia. Na emoção da arte, na ânsia de comunicabilidade, nos encontros de amôres, na faceirice da vaidade. Se quiséssemos - ou melhor, se pudéssemos - realizar uma história dos indumentos, teríamos de reviver os aspectos dos saraus de várias épocas, enchendo aquêlê teatro, pela imaginação, com os cavalheiros e as damas, os rapazes e as sinhàzinhas do seu tempo, ouvindo o auto pastoril, a ópera de Bellini, a tragédia de Dumas, o *vaudeville* de Feydeau, o drama de Pinheiro Chagas ou a revista de Artur Azevedo. Tôdas as modas por ali desfilaram. Da saia-balão à saia entravada. Para somente aludir às que se foram. Essas criaturas de outrora sentaram-se nas frisas e nas cadeiras, olharam o palco, choraram e riram-se, miraram-se aos espelhos do salão, apoiaram as mãos nas balaustradas, desceram as escadarias...

Tôdas as paisagens e cenários de nossa cidade impregnaram-se dêsses olhares antigos. E como que procuramos adivinhar como é que êsses olhos viam, o que os lábios diziam, o que os pensamentos traduziam, o que as almas sentiam... Temos o capricho de querer viver a nossa cidade por nós e pelos nossos antepassados. Não vemos apenas o rosto da cidade, mas também seu espírito. Na beleza do rio espraia-

do e sinuoso, nos reflexos das luzes, nas sombras do casario, na solidão dos sobrados, nas angústias dos becos, na quietude das alvarengas, no pinturesco do Mercado, nos cotovelos das ruas tortas, no burburinho das docas, na alacridade dos sábados, nos arvoredos dos sítios, nos terraços das pontes, nos toques das igrejas, nos apitos dos trens, nos pregões dos vendedores, no vocabulário da gente... Tudo é nosso, tudo é expressivo, tudo é diferente das outras cidades.

Cada cidade tem sua história, não apenas a política, mas, sobretudo, a peculiar aos seus costumes, aos seus regionalismos, aos seus modismos. E se aquela empolga, entusiasmo, esta entenece e embala como um berço impelido por mãe carinhosa. História, ou histórias, semelhantes às contadas pelas velhas pretas de antigamente; histórias que ainda nos encantam quando vamos envelhecendo...

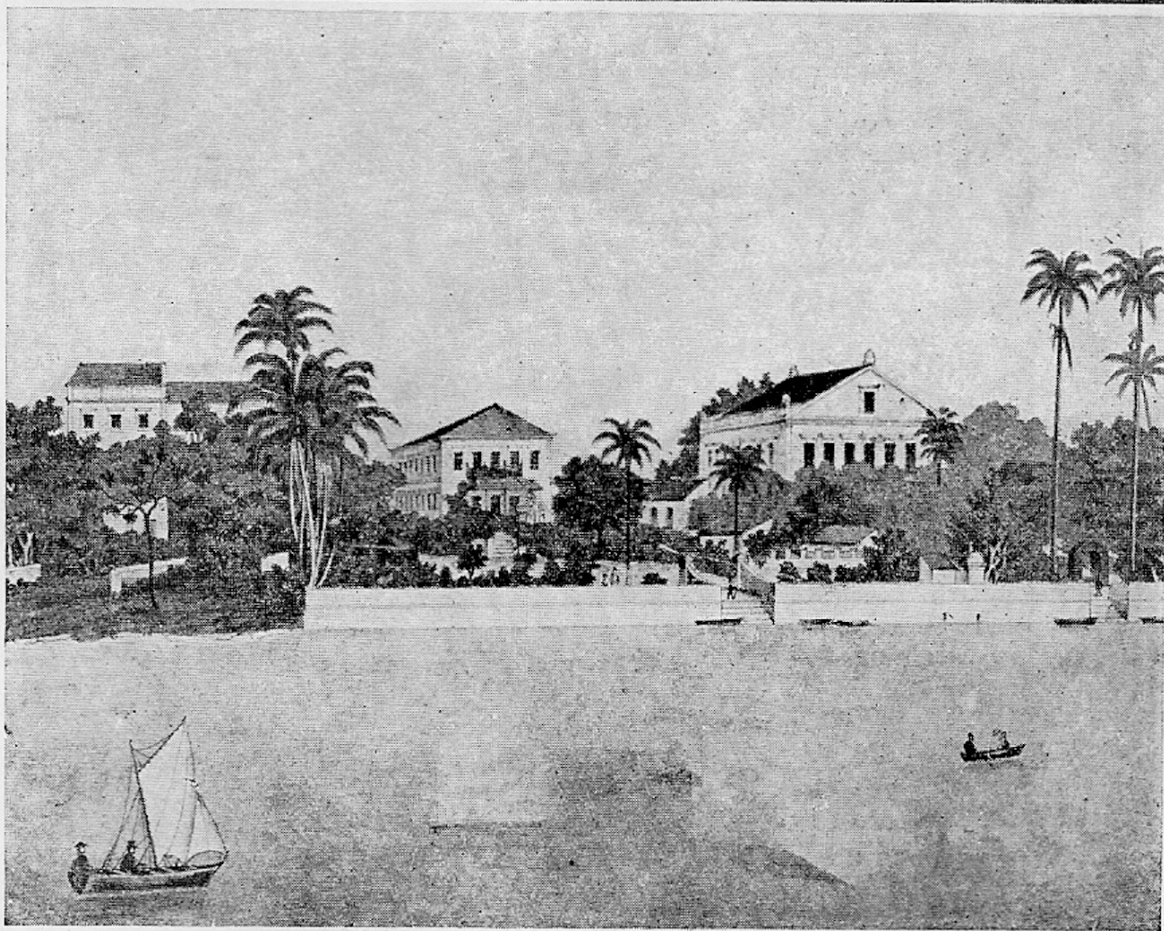
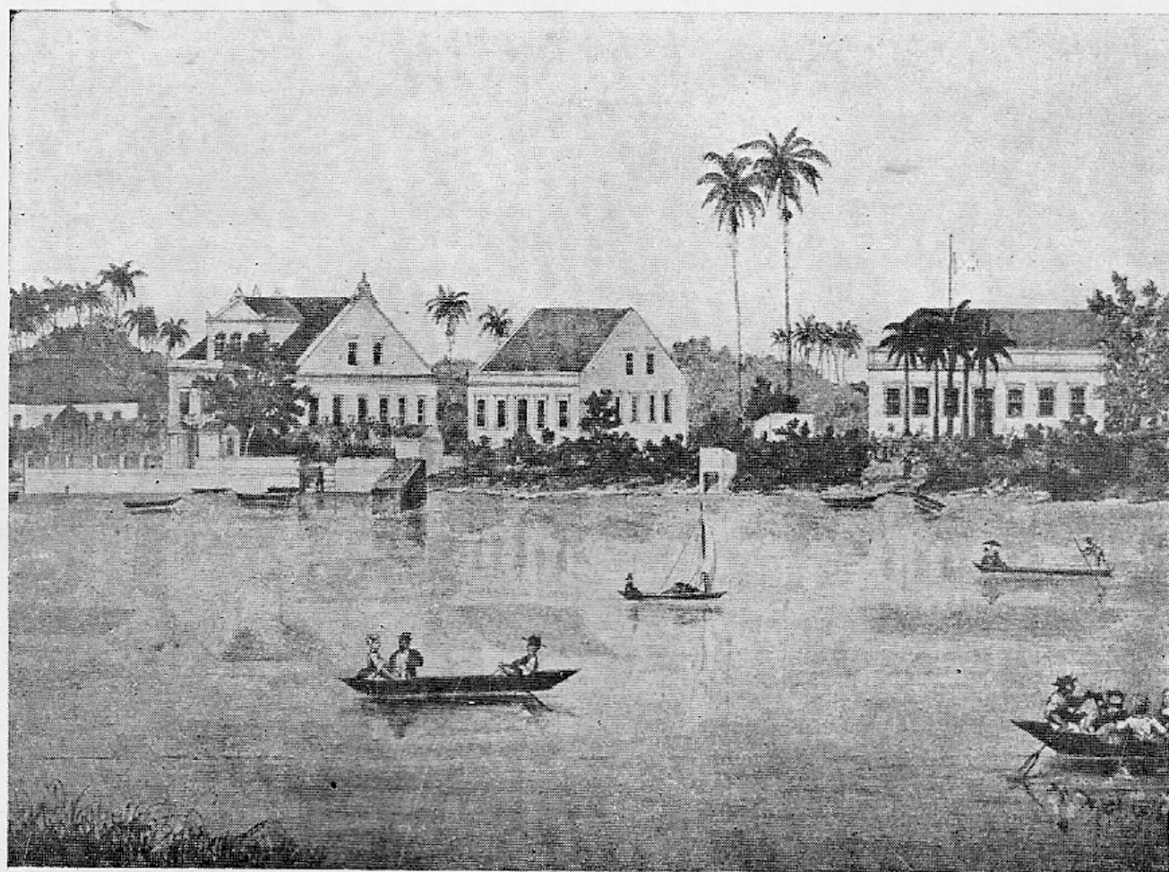
Arruar é apreender o sentido dos vários trechos da cidade, penetrando-lhes a origem e saboreando o acerto de batismo dos bairros, das freguesias, dos logradouros. Recife, Santo Antônio, Afogados, Boa Vista, Várzea, Espinheiro, Camboa do Carmo... Nomes históricos, lendários, geográficos, pitorescos, a evocar um episódio, um costume, um aspecto, uma ironia, por vezes, Quando não uma figura também.

Quem, sabendo um pouco do nosso passado colonial, ao ir à Casa Forte não se recorda logo daquela formosa e galante dama pernambucana, D. Ana Pais, que teve a habilidade de passar conjugalmente pelos braços de três homens, harmonizando ao calor de seus beijos portugueses e holandeses?

Quem não se identifica de pronto com as raízes populares de denominações claríssimas como Caminho Novo, Pôrto da Madeira, Ponte Velha, Ilha do Retiro, Agua Fria, Espinheiro, Fora-de-Portas? Meditemos nesses nomes, e cada um dêles será um pequeno capítulo do romance do Recife.

Que dizer, por exemplo, de Mangabeira de Cima a contrastar com a Mangabeira de Baixo, ali na estrada do Arraial, que por si mesmo já constitui um cenário histórico? As duas árvores, no caminho há pouco rompido, eram duas balizas dos transeuntes. Mangabeira, a de baixo; Mangabeira, a do alto da ladeira. Orientavam os que iam ali, e quando o trem suburbano substituiu a diligência do Cláudio, deram nome às respectivas estações que nós ainda freqüentamos. Bem próxima, Tamarineira também teve fonte semelhante. Formoso exemplar vegetal, sem dúvida, de copa farta e sombreadora, no amplo sítio local. Ninguém deixava de descansar um pouco debaixo da tamarineira, quer fôsse para Cruz das Almas, quer se destinasse a Água Fria ou ao Monteiro. Mais tarde, compram o sítio para o novo asilo dos doidos. Festas da primeira pedra e da inauguração. Trazem da Misericórdia de Olinda os dementes. Mas o nome da árvore fica, e agora com um significado irônico - e de morada dos que não giram direito... Mangabeiras ou tamarineiras, elas sabiam convidar ao repouso da etapa e ainda davam o sabor dos frutos. Caíram aos golpes do machado, porém ficou a lembrança delas com as crismas a que deram lugar.

Dos primitivos engenhos de açúcar há uma linda coleção de nomes no Recife: Apipucos, Madalena, Torre, Dois Irmãos. Do seu cenário de canaviais, de carros de bois, de moendas, de casas de purgar, êles se transformaram em povoados e hoje em arrabaldes. Dois Irmãos também foi Encanação devido aos mananciais de onde proveio a água para a cidade, melhoramento que muito deu que falar com seus chafarizes e torneiras. Quem nos dirá dêsse artista do ferro que de tão conhecido no mister e na simpatia batizou o trecho de sua tenda em Caldeireiro? Das virtudes e dos milagres da água numa volta do Capibaribe onde iam se encher as vasilhas e banhar os corpos nasceu o famoso Poço da Panela, que não se limitou ao fastígio das curas e da vida social, mas transcendeu para as glórias de uma das páginas mais belas e mais



Dois aspectos do rio Capibaribe, na Madalena, bairro aristocrático de então, quando os palacetes olhavam para o rio e por ele vogavam embarcações em transportes e passeios

humanas de nossa história, quando ali escondiam escravos para libertá-los.

Casa Amarela. Clima benéfico, onde de comêço apenas se agrupavam mocambos entre veredas de ubaias e de pitangueiras. Um convalescente agradecido se fixa e levanta um prédio de tijolo e de telhas, que manda cair de amarelo. Era a casa amarela indicadora, "Pegado à casa amarela", "dobrando a casa amarela", "confronte à casa amarela"... Povoação, teve também o seu trem. E a estação recebeu o nome popular. Nascido da gratidão do major ou do comendador que ficou bom do puxado ou da maleita.

Ali o rio ainda não conhecia ponte. Havia canoas e uma balsa para a travessia. Era a "Passagem". Mais conhecida assim por mais freqüentada. Ia-se para a Madalena, para a Ponte d'Uchoa, para Caxangá. Mais tarde abriu-se rua, ergueram-se palacetes de azulejos e de caramanchões, fizeram uma ponte, rodaram segos. Porém dizia-se: - "Estou morando na Passagem". Fonte semelhante tiveram o Pôrto da Madeira, o Atêrro dos Afogados, o Chora-Menino, a Estância, a Boa Viagem, a Encruzilhada de Belém, a Ponte d'Uchoa. Numa as canoas vão buscar a lenha, noutras o lançamento de uma estrada onde existiam mangues, o sacrifício de crianças pagãs numa revolução, a estacada defensiva do negro que repele o invasor, os navios que se vão e deixam num voto de bonançosa travessia uma igrejinha entre coqueiros, o cruzamento de caminhos em demanda de Beberibe e de Olinda, a pinguela de serventia num sítio particular...

E são somente os arredores a nos oferecerem o embalo evocativo dêsses nomes tradicionais dos logradouros públicos? Não. No centro da cidade, quer nas artérias principais, quer nas de menor predicamento, há um mundo de reminiscências, de ensinamentos, de poesia. A começar pela nossa rua mais galante, mais nobre, a preferida: a Rua Nova. Um encanto de batismo. Transparente, preciso, sintético. Fácil, curto, expressivo. Rua Nova? Perfeitamente. O acesso recente, cômodo, útil. Pelo antigo, o rodeio era maior e sem dúvida a paisagem menos apreciável. Ao se rumar para Fora-de-Portas ou para o Atêrro da Boa Vista, por ali era outra cousa. E a trilha vira arruado. Casas de um lado, depois de outro, salteadas e unidas. Boticas no andar térreo, moradias nas que tinham sobrados. Embaixo vendiam-se panos, borzeguins, chapelinas, braceletes, mezinhas, bacalhau, manteiga fresca, queijo-do-reino. E até um dia, loja de tirar retratos ou de pentear cabelos. No alto, em varandas de pau surdiam de furto rostos de moças, quando não transitavam procissões de quaresma para encher de todo êsses balcões rendados. Rua Nova... Passam cadeirinhas de arruar, ônibus de terraços, carroças de açúcar, traquitanas, bondes... Rua Nova sempre.

E a do Queimado com seu "fogo" espetacular, no tempo em que o povo se armava de gamelas, de baldes, de quartinhas para apagá-lo? E a da Cadeia Velha com seu sobrado de grades onde espiavam condenados às galés ou à fôrça? E a das Águas Verdes com seu pântano de inverno? Cais do Apolo, vaidoso de ter deixado de ser praia e com o seu teatro a atrair a alta sociedade para ouvir a *Norma* ou o *Trovador*. Rua do Cotovêlo, rica de ângulos e de mistérios. Rua da Aurora, primeira a receber as pompas do Sol. Ponte Velha, a recordar os tempos em que Nassau do seu palácio olhava as matas do continente ou Franz Post pintava nossas primeiras telas. E os doces cultos ao Rosário, à Conceição, ao Bom Jesus, à Santa Cruz, a Santa Rita, traduzidos em artérias e pátios onde existiam igrejas ou nichos para se rezarem novenas e terços. As guerras de antanho emprestavam feitos para a Rua das Trincheiras, para o Largo das Cinco Pontas, para a Rua de São Jorge, para a dos Guararapes. Ouvimos

cadências de marchas, entrechoques de piques, ribombos de peças, toques de chamarelas, ressons de vitória e de reconquista. A nossa outra rua elegante de hoje, que se chama da Imperatriz, fôra por muitos anos do Atêrro da Boa Vista - vastos mangues que se encheram de lixo e de areia, transformando-se numa via pública a rivalizar depois com a sua vizinha de além-rio - a Rua Nova. E por que não falar também dos becos? Afigura-se-me que essas passagens estreitas nasceram de um imperativo de sociabilidade. Comunicações mais curtas e rápidas por necessidades de relações, de visitas, de comércio, de amôres. Ia-se mais depressa por ali, por entre casas. E a passagem como serventia pública persistiu na paisagem urbana. Sua fisionomia, seu préstimo, sua figura popular veio a dar-lhe o nome. Beco da Viração, do Serigado, da Luxúria, do Sarapatel, do Veras, do Calabouço, da Roda, do Quiabo, das Sete Casas... Cada denominação dessas ressalta uma origem. É uma tela, é um retrato. Tem côr, tem cheiro, tem malícia... As maxambombas, trifurcando-se a caminho de Dois Irmãos, do Arraial, da Várzea, com seus apitos e seus barulhos de vapor, batizaram o Largo do Entroncamento. Sumiram-se os trenzinhos suburbanos, demoliram a velha estação de três plataformas, porém o nome ficou nas bocas de novas gerações.

Quem "adivinha" agora os quadros vivos ali representados todos os dias ao rápido encontro dos trens cheios de passageiros habituais ou de "passadores de festas", na convivência diária dos mesmos vagões e por vêzes dos mesmos bancos? Comenta-se o fato político da Europa ou do país, lê-se *A Província* ou a *Gazeta da Tarde*, discute-se a crise do açúcar, critica-se a prima-dona do Santa Isabel, planeja-se a dança do sábado, pensa-se na noite de Ano-Bom no Bonfim ou no Poço...

Quem avalia o antigo bairro do Recife torturado de ruas estreitas e becos incriveis de tortuosidade; o Largo do Corpo Santo, o Beco das Sete Casas, a Rua da Cadeia, o Arco do Bom Jesus, a Doca do Arsenal, o Cais da Companhia Pernambucana... Tudo isto se sumiu na paisagem da cidade. Ninguém o reconstitui mais sem tê-la conhecido. E mesmo entre os que o conheceram, quantos de memória pouco nítida!

Não há saudosismo em recordá-lo. Nem desejo de que a vida houvesse parado. Há, porém, uma modalidade de amor a tudo o que desapareceu, e que se não foi nosso contemporâneo, terá sido de nossos bisavós: cenário de sua infância, de seus amôres, de suas preocupações, de suas atividades, de seus sonhos e de suas saudades também... Daí nossa ânsia de saber-lhes particularizadamente dos costumes, dos trajos, dos hábitos sociais. Essa existência longínqua e apagada é bem verdade que se projeta somente numa quase realidade através das velhas crônicas, dos romances, dos relatos verbais de pessoas idosas, numa carta, mas, sobretudo, nas páginas amareladas dos jornais da época. Estas, sim, são de um flagrante que lembram os instantâneos de hoje. Porém é preciso saber interpretá-las, às vêzes. Um anúncio de loja trai uma cena, até uma conversa. Uma reclamação revela um costume. Quem não o sentirá, lendo aquela advertência a um novo morador de rua, que ali não se tolera mais deitarem-se águas servidas da varanda abaixo? E a venda de uma cadeirinha estofada, por qualquer preço, certamente por ter caído da moda? E o toucado riquíssimo chegado de Lisboa, por encomenda, muito próprio para noiva, e do qual "se declara que é talvez o primeiro aqui visto, principalmente pelas ricas plumas que tem"? Qual a moça que não sonharia possuí-lo para sua tarde de núpcias? E a casa da Rua da Matriz por 6\$000 mensais, uma botija de cerveja por um tostão, trazendo-se o casco, um queijo-do-reino por 1\$500, leite diàriamente por três vinténs a garrafa? Queixavam-se da carestia, sim, queixavam-se. E dos maus processos de educação. Meninos já grandes que antigamente dormiam nos colos das iaiás gordas, chu-

pando os dedos - agora.... empinavam papagaios e tomavam genebra... Vejam só!...

E que dizer das modas de antanho? Estou em que as mulheres especialmente se sentirão curiosas de conhecer os figurinos dessa época distante. Já havia, sim, publicações do gênero, doutrinando em galanteria, em feitos, em modelos. Não será difícil formular uns "retratos vivos" dessas elegantes de faces de papoila que se chamavam, por exemplo, coquetes e casquilhas, tinham mel nos lábios feiticeiros, vestiam lantejoulas, só faltavam cuspir à francesa, mostravam dengues e medeixes, dardejavam olhares sedutores, dançavam valsas de corrupio e usavam adereços de diamantes, anéis de crisólitas, broches de coral, atacas de ouro... Mas gastavam fazenda muita para se vestir, bojudas e recheadas que eram. Patos, anquinhas, babados, mangas-presuntos. A ponto de se aconselhar aos pais e maridos:

Se vossa filha ou espôsa
Já com seis varas de cassa
Para um vestido bem passa.
Por cumprir com o modernismo
Dar-lhe mais é patetice.

E, também a respeito:

Antigamente, a mulher, quanto mais pequena, melhor, porque levava menos fazenda nos vestidos; hoje, alta ou baixa, bojuda como uma pipa ou esguia como um espeto, gasta as mesmas varas de côvado porque o que sobeja no comprimento acomoda nas ancas, embora pareça campainha de cima de mesa.

O hábito de sair de casa para compras, para consultas ao médico, para tratamento dos dentes, mesmo a passeio, seria restrito depois de haver sido por longos séculos proibido e pecaminoso. Mas o século XIX, já de início, se prometia revolucionário pelas terras do Brasil, mormente pelas de Pernambuco, até nas usanças e na guerra aos preconceitos. O arruar, como outros hábitos, ia ganhando alento. A ponto de um moralista se insurgir:

Muita moça sai à rua
Somente pra se mostrar
E vai toda enfeitadinha
Como se fôsse casar.

Arruar. Na cadeirinha de vidraça, a princípio, e depois na sege, no ônibus, no bonde... Vejam que escândalo!... Na promiscuidade dêsses transportes coletivos. Também as ruas já iam oferecendo atrativos e comodidades: sapatinhos de duraque e cetim a 4\$500, frasco de extrato de Paris por 1\$500, chita da mesma procedência a 120 rs. o côvado, e o leque de madrepérula, todo de sêda, com figuras de cêra em relêvo, ou de longas plumas, a 15\$000. "Um desperdício, minha gente!" Mas - o leque! Amenizava o calor, acompanhava graciosamente o ritmo das músicas, batia no ombro da amiga, e tapava o rosto pudicamente ao ouvir uma confissão, ao prodigalizar um sorriso... As lojas de Mesdames Rey, Milochaud, Théard, anunciavam tanta

coisa: blondes, capotinhos de retrós, Chapéus de palha de Itália, a fazenda da moda *gros de Naples*, as bareges de listras, os espartilhos, além de fazerem pregas a vin-tém a vara... E os artigos de compra discreta, quase em segredo: depilatório para os pêlos do rosto e do corpo, a água-de-vênus para apagar manchas, os pós para criar e empretecer os cabelos. Não esquecer o xale de toquim de 50\$000, a que a modinha exaltava o préstimo:

Meu papai, eu quero sêdas,
Quero um xale de toquim...

Os dentistas franceses ou inglêses abriam consultórios: inserir um dente, 10\$; arrancá-lo, 2\$; chumbar a ouro, 3\$; dentadura completa, 30\$. Preços de Mawson ou Gaignoux. Os cabeleireiros, outra tentação: O Jaime, o Gustave, o Desmarais, Mme. Potellier, o Odilon. "Quarto particular para cortar cabelos à moda". Penteavam à marrafa a uma pataca. Tabela de preços para domicílio no estabelecimento. Penteado de noiva, 5\$000.

Arruar... para tirar o retrato, sim senhor. A moda do retrato dera que falar. Não mais as demoradas *poses* para os "óleos" dos artistas estrangeiros de passagem ou de estada na cidade. Agora, os daguerreótipos. O Mavignier, o Decoux, o J. Pereira tiravam êsses retratos a 10\$ em fumo e 20\$ coloridos. Também miniaturas para caixa de rapé, broches, medalhas, alfinêtes de gravatas. Depois, os retratos em negativo, às dúzias, para distribuir com parentes, padrinhos, amigos e... "Lá vem mamãe! Abriam-se fotografias de luxo, de artistas premiados na "Exposição de Paris". Retratos a qualquer hora e com qualquer roupa. Não se entregavam senão os parecidos e não faziam as pessoas mais velhas. Ao contrário... E para tirá-los lá se ia a sinhá com seu vestido de sêda de quadros, com bico francês no talho e babado largo em roda da saia. A Madama cobrara-lhe de feitio 10\$. Se fôra de merinó, 8\$; de cambraia, 6\$; e de chita, 4\$. Para vestido de noiva (pobre não podia mais casar, meu Pai do Céu)... 15\$000.

Um poeta do tempo dizia, embora escrevendo em prosa, da sua perturbante impressão de um encontro de rua:

Vi passar, dentro de um palanquim, uma moça que me feriu o coração. Era uma jovem côr de pelica branca, olhos azulados côr de céu em primavera, boquinha composta de duas pétalas de rosa.

O vagar da cadeirinha dava tempo para tôdas essas minúcias, tôdas essas e mais algumas que o enamorado calou sem dúvida. O palanquim simboliza bem as baladas, os poemas de outrora, longos, rimados, líricos. Ao passo que o automóvel de hoje, chispando, mal permitindo distinguir o sexo de sua guiadora, tão confusa é a indumentária, será uma dessas poesias modernas em verso livre e de sentido super-realista.

E que dizer dos outros atrativos? O Cosmorama, com vistas novas tôdas as semanas, inclusive as horríveis da guerra da Europa... Na Europa há sempre uma guerra. As sorveterias... O sorvete, outro capítulo verdadeiramente saboroso na história da cidade. De creme ou de frutas. O *Café Rui* tinha-o duplo. De comêço, um tostão. Depois - talvez a tal guerra do momento... - subida para dois tostões. Mesmo assim:

Das 10 às 9, fregueses,
A sorveteria está pronta:
Um sorvete a 2 tostões.
Não há nada mais em conta.

Numa das mesinhas, as famílias conversam:

- Já soube da estréia da Companhia Lírica com a *Favorita*?
- Preferia que fôsse com a *Sonâmbula*. Toco a partitura toda.
- Será a 2ª récita de assinatura. Não vai?
- E então! Meu marido assinou um camarote de 2ª ordem.
- Nós, também. Camarotes só de 2ª ordem; é mais caro, porém...
- Os de 1ª são para êsse povo de pé rapado que não mora na Madalena... Mas dizem que a prima-dona é um rouxinol.

Do mesmo modo comentava-se a festa do Poço, a corrida do prado, as temporadas de Festa nos arrabaldes ou em Olinda. Dali, da sorveteria, iam às lojas do Pavão ou do Zé Bigodinho, à *Ville de Paris* ou *Paradis des Dames*, comprar a carteirinha de 100 agulhas a 28:0 rs., as baleias a 1\$ meia dúzia, o pente para alisar a 1\$200 e, mais baixinho, o de "tirar piolhos", a uma pataca. Linha de carretel, 80 rs. As anquinhas estavam subindo com a moda: 2\$500 as francesas. Também chamadas, por quem vinha da Europa no pacote de vapor: *tournure*. Adquiria-se na Livraria do Pátio do Colégio a revista de moças *A Bonina*, os *Suspiros Poéticos de um Desterrado*... Nas lojas de ourives as rosetas de ouro, os camafeus com cercadura de brilhantes, os diademas para os penteados...

A rua era já um paraíso. O progresso cercava-a de comodidades - calçamento, luz, passeios de lajes, vitrinas e até músicas. Sim, ouviam-se pianos nas lojas que os vendiam, de cauda ou de coluna. Polcas, quadrilhas, valsas e até modinhas como a que dizia:

Se eu brigar com meu amor
Não se intrometa ninguém,
Que, acabados os arrufos,
Ou eu vou ou êle vem.

Via-se, ouvia-se, sentia-se, amava-se. Os olhos, pelo menos, andavam livres das rótulas dos balcões ou dos postigos das janelas. Os janotas esperavam as gamenhas em plenas portas das lojas. E embora severamente acompanhadas - pudera não... - quem as privaria de dar ou receber um sorriso ou um sinal? Difícil falar, sim. Porém já o jornal consentia, em prolongamento dos olhares de rua, os quadrinhos com as confissões, as queixas, os avisos e até os "desabafos" :

DESABAFO

Enganei-me quando a vós me dirigi.
Foi recebida e um recado fêz-me nutrir esperanças.

Julguei ser realidade mas eram aparências.

O recado foi um estratagema. E o estratagema? Foi para ser
[eu desfeiteado bruscamente.

O fim meu era puro, confesso-o.

A nossa união, talvez, se por acaso obtivesse vosso consentimento e de vossos pais. Foi um sonho - dissipou-se - procuro distrair-me - Contudo, desejo-lhe um futuro lisonjeiro.

Arruar... Na escola os meninos soletram: d-a, dá; d-e, dé...

Ou argumentam: 2 vezes 3 - 6... 2 vezes 6 - 12, nove fora - 3...

Palestras, discussões, desaforos, vaias, pregões... E tipos de cada época ou de todas as épocas. Os maldizentes, os derrotistas, os desalentados... - "Um país perdido!"... - "Esta terra tem caveira de burro - não vai para diante..."

As vendedoras de bolos ou de tapiocas sentam-se em plena via pública, os transeuntes param também ali e formam grupos em palestra demorada, e a todos mal interrompe uma carroça puxada por escravos sob o chicote do feitor... Vêm-se com fartura cabras, porcos, cavalos, à solta. Um raro ônibus a luar dobra uma esquina. As pontes são de madeira. As varandas são de pau e quase não há rótulas nas janelas. Mas, depois, a cidade evoluiu: há pedras forrando o chão das ruas, há lampiões, são de ferro as pontes, passam bondes de burros, surgem berlindas e landaus, damas andam pelas calçadas, protegidas por sombrinhas, também varandas de metal, os bichos desaparecem, ficando apenas os cães, rareiam as negras de turbantes, e até a novidade da maxambomba, que leva tão depressa os passadores de festas a Apipucos ou Caxangá.

Longe ia já o Apipucos de outrora... Aquêlê arrabalde com um pátio ainda rústico cheio de mato e caminhos revessos. De um lado e outro, casinhas, assobradadas ou térreas, de alpendre à frente. Ao fundo, numa delas, uma tabuleta: "Hotel".

Um ônibus, dos de seis cavalos, parte cheio para o Recife... Vai muita gente no andar superior, e pitorescamente de pernas para fora. Outro ônibus, vazio, faz hora. Sairá à tarde, porventura. Cavalheiros passeiam. A porta de uma das habitações uma família toma fresco. Duas damas em cadeiras de balanço, daquelas antigas, amplas e cômodas. O chefe da família também descansa, sem dúvida a fumar seu charuto. Perto, um moço conversa com uma sinhazinha. Amôres? Noivos? Coqueiros, jaqueiras, um ar de quietude, de "passar festa", de distância. De "mato".

Ainda se tinha muito o preconceito, se não o pavor, do mato. O mato era o subúrbio. Ia-se para o mato quando se procurava um arrabalde para morada ou vilegiatura. Outros detestavam sair da cidade. Perder o Carnaval, as procissões... não se via quem passava... E as conversas nas calçadas, e os mexericos de postigo a postigo? No mato, cada um metido no seu sítio como bichos...

Grandes melhoramentos agitavam a cidade. "O Recife progride". Quem não o está vendo logo, ao encontrar-se com aquêlê ônibus puxado a quatro cavalos, com a sua "imperial" cheia de gente, ao dobrar a esquina da Rua da Cadeia Nova com a do Crêspo? Os transeuntes miram-no com desvanecimento e talvez inveja. Ônibus para Apipucos, para o Monteiro, para Olinda. Que luxo! Canoas e palanquins vão ficar fora de moda...

E o chafariz que golfa a água encanada, a água do Açude do Prata, ao invés da

que vinha em tonéis do Varadouro de Olinda? Progresso indescritível. Chafarizes por toda parte, e alguns artísticos, como o "da Boneca", na pracinha da Boa Vista. Tão famoso que os anúncios das lojas locais precisavam: "Em frente da Boneca". Água da encanação, muito melhor do que a daquela cacimba de arrabalde que "se coava em três panos".

Somente isto? Que nada! E os bondes? Lá estão eles, a princípio fechados, "baús", e depois abertos, pelo Pátio das Cinco Pontas, pela Rua do Imperador, pelas pontes, atraindo a atenção geral. O bonde de burros revolucionara a cidade. Agora, podia-se vir à Rua Nova sem incômodos, com dois tostões em níquel ou em cobre...

Luz? Não mais azeite de peixe. Estampas ainda revelam este sistema, com lâmpadas muito próximos uns dos outros, porque o brilho dos candeeiros fôra fraco. Mas outros impam com os de gás carbônico. Aquilo sim. Feérico. Lâmpadas de parede, elegantes, espalhando claridade de "encandear os olhos"... O Recife ia de vento em popa. Bem o afirmavam aqueles versinhos:

Dir-te-ei primeiramente
Que este Recife d'agora
Não é mais, nem já parece
Qual o conhecestes outrora.
Novas casas, novas ruas
Vão surgindo de repente
E não podes calcular
O quanto se aumenta a gente.
Do Colégio a imunda praia
A ser cais há pouco veio,
Convertendo-se um monturo
Num agradável passeio.
No campo do antigo Erário
Um teatro se levanta
Que dizem ser coisa boa
Segundo o risco ou a planta.

Ainda há melhoramentos maiores. As pontes de ferro a substituírem as dos banquinhos da Boa Vista antiga e a das lojinhas de panos e quinquilharias "do Recife". Os jardins de gradil e figuras de louça. O Teatro Santa Isabel novinho em folha, dispensando a velhusca *Casa da ópera* crismada de "Capoeira". Acham pouco? E os cupês e berlindas puxados a cavalos de raça? Aos punhados.

As ruas vão ser calçadas. Ficarão esplêndidas e poder-se-á dançar nelas.

Vão tirar das ruas os seixos
E pôr tijolos em pé.
Dêsse modo me parece
Todos iguais vão ficar,
Que pelo meio das ruas
Poder-se-à quadrilhar.

1858. Que é isto? Um apito! É o trem do Cabo. Inaugurado há dias. Uma maravilha. 90 minutos do Recife até lá. E que passeio de paisagem, de frescura, de rapidez! - "Você já foi?" - "Não? Vá domingo. O hotel é excelente. Mas tome um número antes, senão fica sem comer. Não chega para quem quer". As gravuras mostram o trem: dentro da cidade, na estação do Cabo, a caminho de Escada... Trem! O segundo no Brasil inteiro.

A vasilha do lixo à porta, farejada pelos cães vadios, demonstra que já existe uma carroça coletora dêesses restos de varreduras e de cozinha. Não é preciso mais enterá-los no fundo do quintal ou mandar o escravo atirá-los à maré. No entanto, o descontente maldiz a inovação: não se suporta a catinga dêesses depósitos de cisco; êles emporcalham as calças dos transeuntes; atraem os cachorros vadios. Enfim, protestos surgiam contra a limpeza pública, preferindo-se talvez a "porcaria privada". Não há duvida que o mundo, neste ponto pouco mudou...

Fala-se que os "tigres" irão igualmente desaparecer da paisagem urbanística. Os negros que carregam nas barricas mal cheirosas os dejetos humanos deixarão de transitar à noite pelas ruas. Há quem se contrate para um serviço de esgotos. As sujidades dos domicílios, escoar-se-ão pelos canos. Será a época dos "cambrones".

"Esses ingleses" não têm mais o que inventar! O "vapor" de terra, o gás encanado, e agora o esgôto. Um pessimista, porém, resmunga: - "Vão se fiando. Os ingleses tomam conta da terra por baixo, e acabam tomando-a por cima como os holandeses".

E por falar em vapor... Que dizer das barcas de vapor a visitarem o pôrto do Recife, onde somente apareciam dantes os navios a vela? Lá estão êsses vapôres do mar no Capibaribe, com suas chaminés esguias, suas rodas, seus mastros embandeirados. Rebocadores puxam alvarengas de açúcar.

Tudo as gravuras refletem. Nas varandas do sobrado de azulejos os tipos das sinhazinhas meio ariscas, talvez à espera do namorado, que vem no bonde ou no trem.

Certa mocinha bonitinha,
Engraçadinha,
Que faz croché à janela...
Nas horas do trem partir,
Esperando até que passe
O querido namorado Rebicado,
Espartilhado...

Os negros escravos a puxar carroças ou carregar fardos. O inglês de cachimbo e paletó de xadrez. O capitalista que conversa na praça. O casal que passa de braço dado. A família que se despede na Lingüeta. O pedinte de esmolas para os santos, com sua opa e chapéu-de-sol. Meninos a empinar papagaios. Homens de negócios de redingotes e calças brancas a acertar transações nas esquinas. Peixeiros de calão ao ombro. Grupos que esperam a maxambomba na Ponte d'Uchoa. A sensacional maxambomba de Apipucos que meteu num chinelo o ônibus a cavalos. Não se falava noutra cousa:

Trepei na bomba,

Comprei pitomba,
Atirei caroço
Na maxambomba...

Até as tabuletas dessas estampas revelam alguma causa curiosa e típica do tempo. Aquela "Casa de Banhos" do Pátio do Carmo. Anunciava-se pelos jornais:

Este grande estabelecimento situado no centro da cidade, provido pela Companhia de Beberibe, com água do Prata, dispõe de 18 quartos, 10 destinados para homens, 4 para senhoras, 2 para banhos de chuveiro e medicinais e 2 para douches.

E adiante enumeravam-se os males que êsses banhos medicinais curavam: inflamações crônicas de quaisquer das vísceras, as inflamações das articulações, as erupções cutâneas, o beribéri, a paralisia, as digestões lentas, reumatismo articular ou muscular, ingurgitamento do baço, do fígado, das glândulas linfáticas, esfalfamento nervoso, flôres-brancas, histerismo, impotência, insônia, palpitações nervosas, etc."

Banhos medicinais! *Douches!* Que diferença daquele outro anúncio de anos atrás em que se oferecia a venda uma esplêndida gamela de amarelo muito própria para quem gostava de um bom banho.

Qual gamela, qual nada! O Recife tinha agora água de torneira a escorrer fácil e prestadia para os banheiros. E quem não a quisesse que se botasse à Barca de Banhos, ancorada no Capibaribe, com vários quartos para se mudar de roupa, "sem que de um se visse quem se despia no outro", acentuava o anúncio. E tinha-se mais café com leite, bolinhos, chá com torradas, e aos domingos sorvetes. Barca de Banhos... Quantos banhos de Igreja serviram de prolongamento aos do rio!

A cidade enfeitava-se. A Câmara Municipal cuidava até de arborização. Avisava já estar feita a cordeação de diversos logradouros, e nêles os moradores eram convidados a, dentro de 40 dias, plantar árvores. Podemos até conhecer as espécies dessas plantas: aroeira, gameleira branca ou vermelha, espinho-de-judeu, trapiá, visgueiro, caneleira e mangueira. As posturas da época cogitavam de medidas reveladoras do adiantamento urbano. Basta comprovar-se êsse zêlo municipal com êste artigo que cuidava do silêncio público:

São proibidas as casas vulgarmente conhecidas por casas de batuques: os infratores, chefes dos divertimentos ou donos dos prédios, serão multados em 30\$000 e no dôbro nas reincidências.

30\$000. Multa dura, reparem. Uma rica chapelina para senhora, último gôsto de Paris, custava 10\$000... Comparem.

Progresso... Até na língua. Os francesismos invadiam a cidade. Mudavam-se os nomes das coisas para torná-las mais finas. E ironizava o poeta purista:

O tremó hoje é *console*,
Tête-a-tête é canapé,
Étagères as prateleiras,
Dança à noite é *soirée*.

Chamam *soutache* a trancinha,
A sêda fraca *joulard*,
Chamam *passamaneries*
Ao mais pequeno alamar.

Tudo tem mudado os nomes
De certo tempo pra cá,
Até os pais de família
São: a mamã e o papá.

Era assim nossa cidade de antigamente. Com o mesmo sabor peculiar de hoje. Formosa e amena. Sem suplícios de canícula e sem arrepios de frio intenso. Banhada de janeiro a dezembro pela viração que suaviza e delícia; que bole com os espanadores dos coqueiros e rica as águas do Capibaribe. Com as mangas que cheiram maduras e coloridas, e com a luminosidade do sol a esmaltar folhagens, areias e casario. Com um céu limpo e azul durante o dia e pintadinho de estrêlas pela noite a dentro. Cidade que começa ao norte com uma exclamação de gabo: OLINDA, e acaba ao sul com um voto cordial muito de sua gente: BOA VIAGEM.

Arruar... As páginas dêste livro não pretendem ser mais do que um arruar de outrora. Vagaroso, prudente, tímido, modesto, mas de olhos vivos, de ouças penetrantes e de uma curiosidade indisfarçável. Ver-se-á, ouvir-se-á também. O que fazem e o que dizem. A caminho pelas ruas e pelas estradas, rompendo um beco ou atravessando um pátio, cenas e ditérios se oferecerão. A crítica ao govêrno e o mexerico da vizinhança; uma que sai da bôca dos compadres que conversam à boquinha da noite nos bancos do Passeio Público, outra que se permuta entre as amigas de varanda a varanda, paredes-meias:

- Fique sabendo... é uma verdade... a procissão dos Passos êste ano não passa pela ponte do Recife porque senão com o pêso do povo ela vem abaixo...

- É isto mesmo! Faz-se jardim catita, mas não se consertam as pontes...

Agora, as vozes são femininas:

- Nem lhe conto, D. Sinhá Nola!... Ela se meteu a brincar no entrudo...

- Quem mesmo? D. Umbelina?

- E então!... Com aquela cara de santa de andor!... Brincou como uma desadorada com lima-de-cheiro, papel picado, e até com goma... Pensou que não se soubesse... Mas na quarta-feira de cinzas...

- Que foi? Acabe com essas risadas e diga logo...

- Meus Deus perdoai-me!... Só castigo!... Trouxeram o xale dela ao marido... Com os folguedos, ela perdera no meio da rua... o seu xale de ramagens amarelas...

- Eu sei!...

Não nos chegam aos ouvidos apenas êstes reparos políticos nem estas maldades domésticas. Há ali adiante um grupo. Na esquina da Rua do Crêspo. Dois senhores austeros de fisionomia, de porte e de indumento. Palestram com policiada moderação de gestos, mas há nas sobranceiras franzidas de um dêles e no friso irreprimível da testa do outro indícios de espanto, de escândalo porventura:

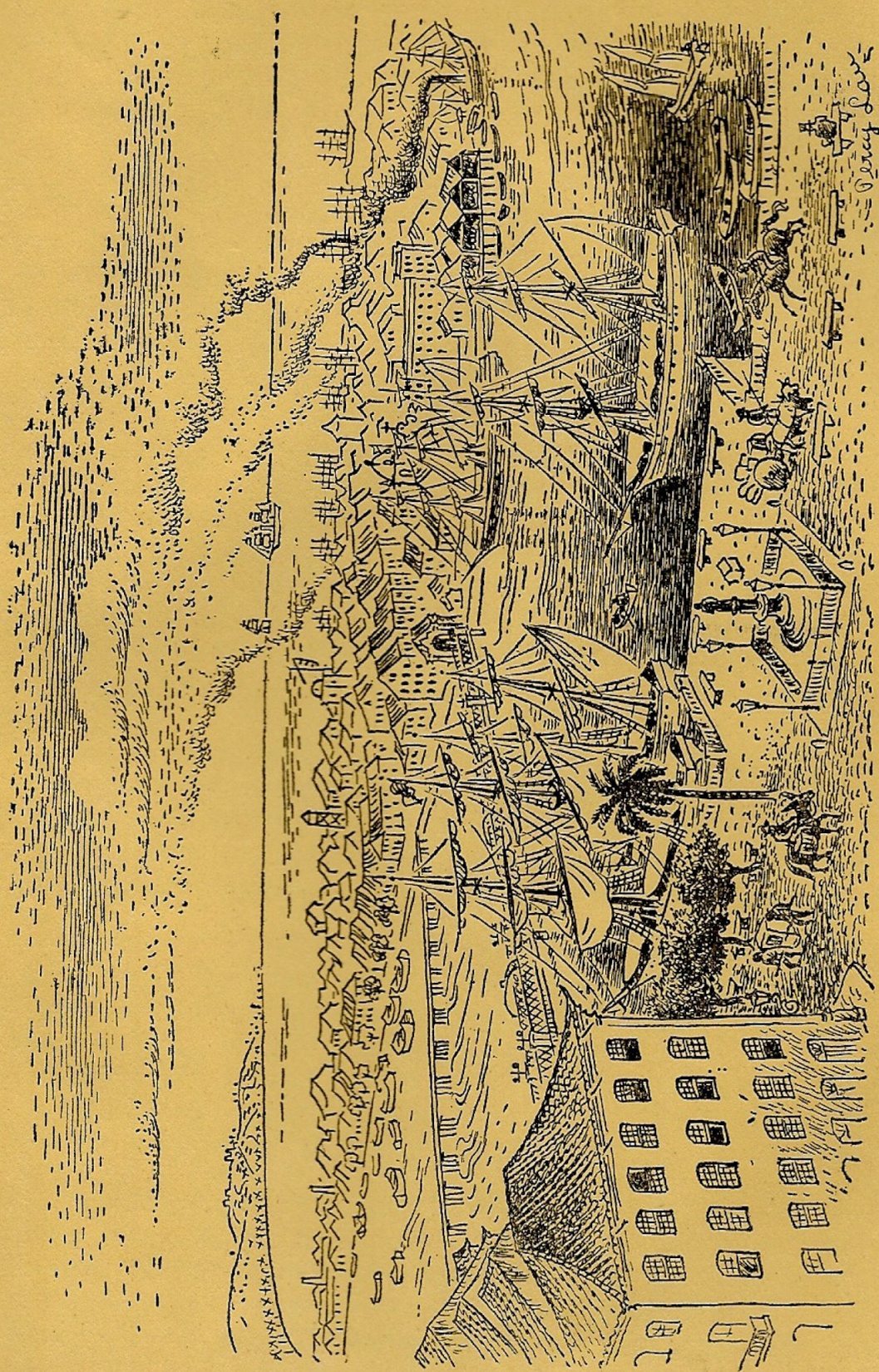
- Sim, meu nobre amigo Desembargador, vi há pouco o Conselheiro a aparar a bar-

ba naquele cabeleireiro da Rua Nova...

- O que abriu casa no andar térreo pegado à igreja? É crível?
- Exatamente. Vi com êstes olhos que a terra há de comer. O Conselheiro, duas vezes Presidente da Província, tratando de suas suíças numa loja que fica às vistas de tôda a rua !...
- Não eu, que só corto meu cabelo em sobrado.
- E eu também, que não me permito desfrutes...

*

Arruar... A expressão é antiquada e em desuso. O vício, entretanto, será prazer de tôdas as épocas. Como é gostoso fazê-lo na cidade de hoje! Mas quanto é saboroso também arruar pelo Recife de outrora, do "povo" da capelinha de São Telmo, com suas jangadas de pesca e seus trapiches de recolher, do burgo que viu as romarias da entrada do século XX, com salvas da fortaleza do Brum à meia-noite... Amando-o e compreendendo-o. Adivinhando-o. Sentindo-o. Vivendo em cada uma de suas centúrias de idade. Sabendo de sua história cronológica e política, e conhecendo-lhe não menos as histórias populares e pitorescas que não têm a chancela dos institutos, pôsto se embalsamem com a peculiaridade e a verossimilhança da nossa paisagem e da nossa gente.



O Recife no meado do século XIX: a ponte de ferro, o vapor, o vapor, o Passeio público, o lampião a gás...



Palhoças e jangadas. Trapiches e veleiros.

Era o "Povo".

Naquela língua de "terra estéril e arenosa", defronte da faixa de pedra, nada mais. E quem poderia supor viesse a oferecer-se fisionomia de melhor aprêço diante do esplendor da vila fundada meia légua ao norte pelo muito nobre fidalgo Duarte Coelho e tão ufana de louçanias no seu adiantamento, na sua riqueza e na sua vida faustosa?

Apenas o "Povo". O rio vinha contornando o istmo, juntava-se ao que descia suas águas pelos mangues do sul, e, reunidos, investiam o oceano na bôca chamada pelos selvagens de "paranambuco"... De assalto, quase sempre, as vagas golpeavam a murada dos arrecifes, cresciam num tapume de espumas, tombavam de supetão molhando as pedras plantadas por Deus para darem abrigo e nome a uma cidade cujo destino andava ainda distante de se prometer.

Por enquanto, Pôrto dos Navios, para uns. Povo dos Arrecifes, para outros. E não menos, para alguns, impantes de orgulho olindense: Ribeira-Marinha dos Arrecifes, aonde se ia ver se o açúcar já embarcara ou se o pano da Costa ou de luxo já aportara. Viagem incômoda de canoa, Beberibe abaixo e acima, com o Sol ardente por cima, ao tardo impelir da vara em mãos do negro cativo, e de lambujem os maruins em noites de lua se a gente se demorava mais um pouco às voltas com os trapicheiros ou os capitães de bordo.

Que havia para entreter no "POVO"? Ao longo da praia intumesciam-se rolos de espias cheirando a maresia, dormitavam correntes de sujeição das quilhas nas marés de ventania, guardavam-se remos de galés e de esquifes, croques de fugar portalós,

velas de fragatas e naus em costura, tonéis vazios de aguadas, bolinas e bóias, todo um mundo de apetrechos da marujada por ali a se derramar num quotidiano de azáfamas e de folgas. No estaleiro batiam cavernames ou rebites, na faina intensa de preparar um bergantim encomendado para acolher no seu bojo, a ser acolchoado, como o de uma cadeirinha de arruar, o Visitador do Santo Ofício, que já se fazia mostrar pela cidade do Salvador a inquirir dos cristãos-novos que furtivamente praticavam judiarias, como varrer as casas nas sextas-feiras, mudar as torcidas das candeias, deixá-las acesas a noite inteira, e nos sábados se darem a regalias de sueto, quando não comiam aves afogadas, pescados sem escamas, choravam os parentes mortos, atrás das portas, e raspavam os santos-óleos dos meninos batizados...

De quando em quando apontava no longe do mar uma vela encardida de tanto ro-mariar pelos oceanos, e, de rumo para o ancoradouro, em breve ali cuspiam ferro, de bandeira içada. Não tardava o afã de descer pelos turcos as pipas de vinho, os gigos de cebolas, os barris de azeite, os fardos de gangas, enquanto nos telheiros dos trapiches esperavam as caixas dos açúcares a vez de ocupar praça nos porões, a caminho do Tejo, de onde se distribuiriam pelos ávidos mercados do Mediterrâneo, do Báltico, da Flandres, do Danúbio... Açúcares de Pernambuco tomando o canto do pau-de-tinta, que sempre se ia, também, mas ia menos.

Ribeira-Marinha dos Arrecifes. Qual a senhora branca ou a sinhazinha rica, moradora da soberba Olinda dos sobrados da Rua dos Nobres, das igrejas bonitas dos sermões e das missas solenes, dos leitos de veludos franjados de ouro, das mesas de pratarias e porcelanas, dos trajes de sêda e de damascos carmesins, dos cavalos ajaezados de prata e dos palanquins de pintura nas portinholas - qual delas faria caso dêsse distante povoado mal entrevisto, remoto e mofino, de uma varanda do planalto onde o donatário assentara sua tôrre quadrada? Quando muito lhe conheciam o humilde préstimo de ancoragem aos barcos vindos da Europa e trazendo as tafularias de Lisboa. Raros os que, sem premência de traficância, já houvessem visto de perto êsse "Povo", pôsto houvessem por lá surgido as guritas de vigilância, a ermida da oração, o torreão do mestre da equipagem, o paiol da pólvora, o castelo da bateria de defesa, a casa de sotéia do armador, as palhoças dos marujos do pôrto e dos pescadores de jangada... As ondas atrevidas borrifavam dia a dia mais costados de navios de proa em direitura ao ancoradouro, fugindo aos baixios da barra, deixando os alvoroços do Lamarão arisco para "abafar os panos" e mergulhar a âncora na água tranqüila do rio. Os açúcares davam para todos e ainda sobravam nos armazéns. Tanta abundância que cresciam também as peças de longos pescoços negros golfando dos baluartes dos Castelos do Mar ou de São Jorge, mirando os horizontes, querendo surpreender os capitéis das naus de pirataria ou de conquista.

A singularidade topográfica do pôrto não fugiria ao reparo dos visitantes que gostavam de escrever. O reverendo Baers, participante da investida de Waendenburch, deixaria estas impressões, tão cheias de nitidez como as de Olinda, por êle também traçadas em 1630:

Recife é um arrecife que também significa na língua dos Portuguezes e é o nome do lugar; ao sul de Olinda estende-se um banco de areia, geralmente largo de 36 a 40 passos e assaz alto contra o qual bate o mar; seguindo-se uma hora grande ou mais de caminho, pelo banco de areia, acha-se uma aldeia; a um tiro de peça desta aldeia para o lado de Olinda está sôbre o mesmo banco um castelo ou forte de cujo sítio e conquista já falamos. Em frente dêste castelo para o lado do sul que é o lado do mar está também um banco igual estendendo-se de Olinda para o sul, tam-

bém uma hora de caminho ou mais, porém, nem tão alto nem tão baixo como o outro; no dorso dêste banco bem defronte do castelo do forte há um outro castelo que é uma torre octogonal: entre os dois castelos onde a água tem a largura de um tiro de canhão entram os navios e fundeiam em um bom cais com pouca fundura entre os dois bancos e carregam e descarregam na aldeia situada no extremo de um dos bancos onde achavam-se muitos armazéns.

Aqui temos uma das páginas mais primitivas de flagrante do Recife do século XVII. Baers fala-nos ainda do rio que nasce dos montes onde se assenta Olinda e se junta a outro que vem das vizinhanças, cercando ambos a aldeia e desembocando no mar entre os dois castelos. Nesse rio "navega-se em chalupas, pequenas barcas ou botes, e saveiros, para Olinda, onde há um cais no qual carrega-se e descarrega-se e assim são transportadas tôdas as fazendas e mercadorias de e para Olinda". Já se dava então a essa aldeia o nome de Recife e, numa profecia tôda holandesa, porque de povo afeito ao contacto das águas, assegura o reverendo:

O Recife é naturalmente forte e capaz de ser ainda mais fortificado, porém é Olinda de natureza fraca.

O padre Fernão Cardim, nosso visitante em 1583, de tal modo se deixou enfeitiçar pela beleza e opulência de Olinda, em trechos de gabos conhecidos, que não teve olhos para destacar o Recife, por onde transitava vindo de bordo e ao navio regressando. Em compensação Gabriel Soares de Sousa, no seu famoso *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, dá-nos sempre um quadro do que êle chama de "pôrto de Olinda":

Se entra pela bôca de um arrecife de pedra ao sudoeste e depois norte-sul, e, entrando para dentro ao longo do arrecife, fica o Rio Morto pelo qual entram até acima navios de cem tonéis até duzentos, tomam meia carga em cima e acabam de carregar onde chamam o Poço defronte da bôca do arrecife onde convém que os navios estejam bem amarrados, porque trabalham aqui muito por andar neste pôrto sempre o mar de levadio; por esta bôca entra o salgado pela terra a dentro uma légua, ao pé da vila; e defronte do surgidouro dos navios faz êste rio outra volta deixando no meio uma ponta de areia onde está uma ermida do Corpo-Santo. Neste lugar vivem alguns pescadores e oficiais da ribeira, e estão alguns armazéns em que os mercadores agasalham os açúcares e outras mercadorias.

O retrato é fiel. Reflete inteiramente o Recife que Lancaster e Venner saquearam por essa época e o que os flamengos encontraram na terceira década da centúria subsequente. Os assaltos aos fortes do Mar e de São Jorge, êste defendido com denôdo pelo capitão Antônio Lima e aquêle capitulando sem combate por julgá-lo inútil Manuel Pacheco, abriram as portas do "Povo dos Arrecifes" às hostes de Waendenburg já triunfantes em Olinda. E assim, com os percalços da guerra, iria paradoxalmente principiar a fortuna do Recife.

O progresso urbanístico, sem dúvida, não teria corrido todo por conta dos holandeses em cinco anos de agoniada ocupação para se oferecer a povoação com um aspecto tão afiançador de desenvolvimento na estampa do livro de Laet. Há mesmo, como documentação dessa anterioridade de importância, alusões, no inventário dos

prédios deixados pelos holandeses, a edifícios de construção portuguesa no bairro do pôrto. Por outro lado, no entanto, não haveria justiça em ressaltar a prosperidade do Recife após o incêndio de Olinda, e, notadamente, o período de Nassau, que não somente cuidaria da Cidade Maurícia, plantada na antiga Ilha os Navios, mas igualmente estenderia os seus cuidados à península onde se achava o ancoradouro e todos os serviços com êle relacionados.

Teria sido dêsses tempos o esbôço de um desenho do velho burgo que todos nós conhecemos no comêço dêste século, na angústia de seus arruados esquivos a largas, com seus becos arrepiados, com seus trapiches sôbre água, com os seus arcos, com seus sobrados de mirantes. Ali se localizara o Supremo Conselho dos conquistadores, em um palácio. Erguera-se a cadeia. Ostentava-se a Matriz. Enfileiraram-se de pedra e cal armazéns de recolher com guindastes. Rasgaram-se docas de repouso, de consertos e de manobras de embarcações. Traçaram-se mesmo as comunicações improvisadas porventura pela necessidade do trânsito e que viriam a ser a rêde dos arruamentos definitivos e batizados.

O futuro bairro de São Frei Pedro Gonçalves sucedeu à Povoação dos Arrecifes. Pátio do Corpo Santo, ruas dos Judeus, da Cadeia, Largo do Pelourinho, Beco dos Tanoeiros, Praia do Trapiche Novo, que viria a ser o Cais da Lingüeta, com as gameleiras e os banquinhos em redor dos seus troncos; Arco do Bom Jesus, areal de Forade-Portas, por onde se passava debaixo das baterias alertas do Brum e do Buraco. Perto do Arco do Bom Jesus ficava o fortim do Quebra-Pratos, alcunha provinda dos estragos na louça da vizinhança quando as velhas peças salvavam. Em 1850, por exigências do tráfego, disseram, o Arco foi abaixo. O próprio Bispo, consultado, opinara: o Arco não convinha mais. Retiraram, em procissão solene, as imagens. O Bom Jesus das Portas, Santo, Antônio e Nossa Senhora do Rosário, em charolas, aos ombros das autoridades, o Presidente Marquês do Paraná inclusive, foram levados à Madre de Deus para altares de improvisação e teto de empréstimo. A Irmandade recebera seus 3:200\$000 e achou bom o negócio. História, tradição, pitoresco, importam pouco. A população gostou da procissão fora da Quaresma, e do desfile, em guarda de honra, do 2º Batalhão de Fuzileiros.

Alegria geral, sobretudo dos urbanistas da época. Contudo, dias depois, ao arrebentar um cano d'água no subsolo, em ponto onde existira o Arco, falou-se em fonte milagrosa, castigo do céu, e houve quem fôsse molhar a testa e rezar por ter assistido à festança do bota-abaixo.

De Maurício de Nassau o bairro de Santo Antônio foi criação. Com o predicamento de cidade. Ao chegar a Pernambuco, apesar de ter de início gabado a terra como das mais belas do mundo, não se deu bem com a morada no antigo burgo dos Arrecifes. Achou os mangues e riachos que envolviam a ilha dos Navios ou de Antônio Vaz propícias a um novo núcleo de habitações. Um quê de Holanda. Planície, águas, futuros canais, intensos aterros. Luterano, achegou-se ao mosteiro dos franciscanos com seu templo. Pieter Post teve o trabalho de desenhar talvez as primeiras plantas brasileiras. Criou-se uma cidade moderna, de feitio a fugir dos moldes lusitanos. Ruas mais amplas, parques, palácios bebidos em influências renascentistas... Pieter traçava, enquanto Franz Post pintava, as paisagens oferecidas pelos rios, pelas ruínas, pelos engenhos...

Não se precisava mais recorrer às canoas e balsas: Nassau mandara lançar as pontes de contacto entre a península e a ilha, e entre esta e o continente, a Boa Vista admirada na verdura de seus sítios, de suas estâncias, de seus caminhos, dos torreões de sua morada de verão. Porque das varandas do outro palácio, o Friburgo, seria

o mar, seriam as praias, seriam as colinas de Olinda, quando não fôsem para o sul as curvas litorâneas até o ímpeto do promontório de Santo Agostinho, com aquelas elevações chamadas pelos índios de "Guararapes"... Que formoso panorama o da capital do seu Brasil holandês!

Consolava-o mirá-la dos problemas agudos de administração, das combinações de guerras, dos choques de ambição e intolerância da sua gente com os nativos, das injustiças e mesquinharias dos XIX com as manhas de Artichofsky a soprá-las. E se descia as escadarias do palácio, mergulhava nas alamêdas dos seus maravilhosos parques, por baixo das copas das mangabeiras e cajueiros, ouvindo os cantos de galos-de-campina e de sabiás-da-mata, divertindo-se com os sagüís e os tamanduás, apanhando aqui um cajá e ali um arará, admirando a fúria da onça enjaulada, comparando o colorido das flôres, indo por fim sentar-se a um banco onde não raro vinha palestrar com o Conde-Governador o subtil Frei Manuel dos óculos.

Paraíso do mundo... E quantos sonhos na cabeça de Nassau! Diria dêles na Assembléia que tencionava reunir em breve, falando aos escabinos de tôdas as freguesias, flamengos e portugueses. Nem lhe faltava a blague do boi do Melchior - o conhecido animal de pêlo amarelo, tão manso que entrava nas casas - a voar, na tarde da inauguração da primeira ponte. Sim, o boi iria voar. Quem duvidasse fôsse ver, pagando o pedágio... Encheram-se praias. O rio também se povoou de barcos. Se a ponte grande já era uma maravilha, que diria um boi voar?! E o boi do Melchior voou, mas "de mentira", cheio de palha, puxado por um cordão.

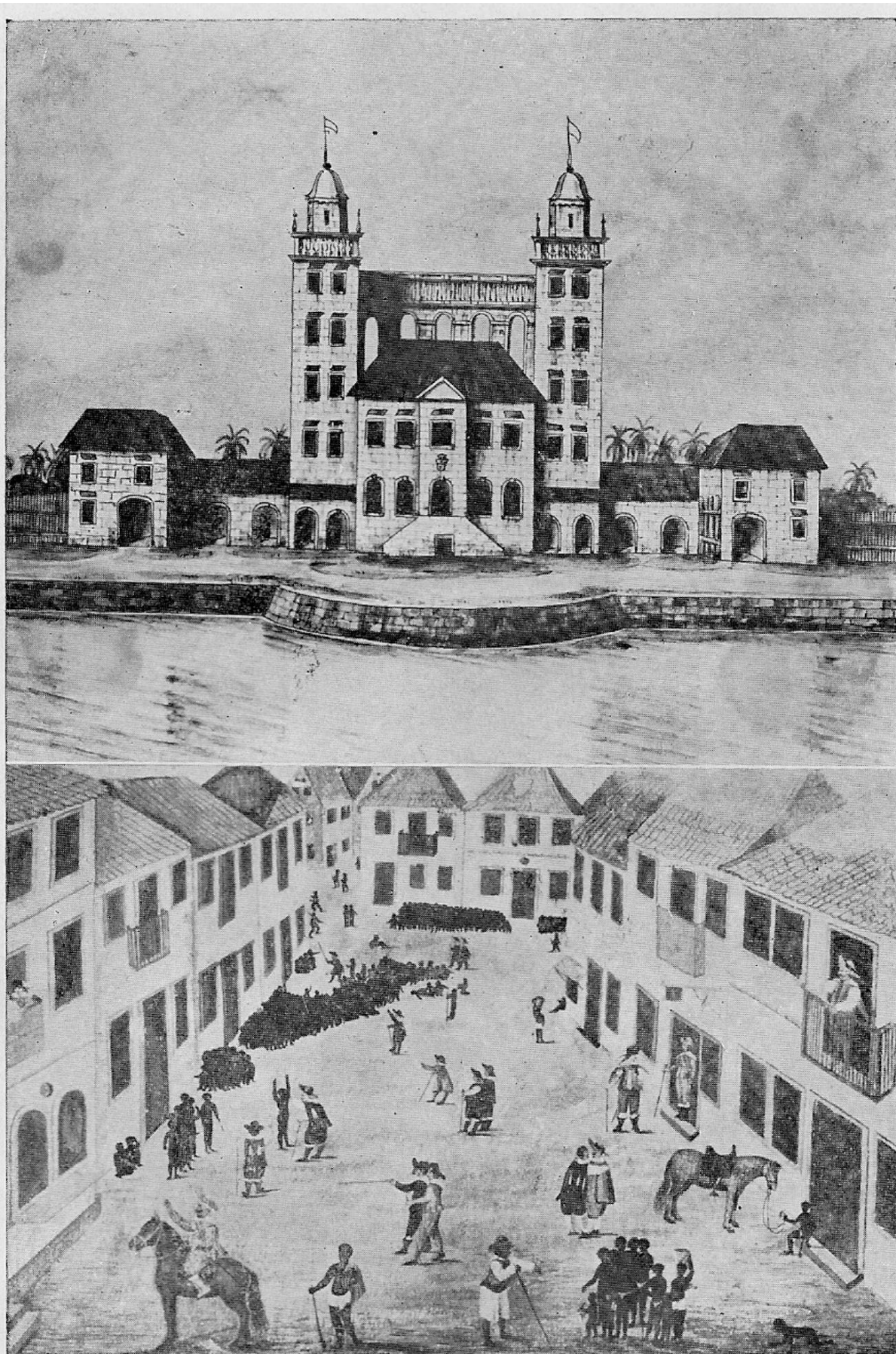
- Êsse Conde !...

O Conde, antecipando-se, sabia fazer seu reclamo e sua defesa. A ponte quase ficou paga.

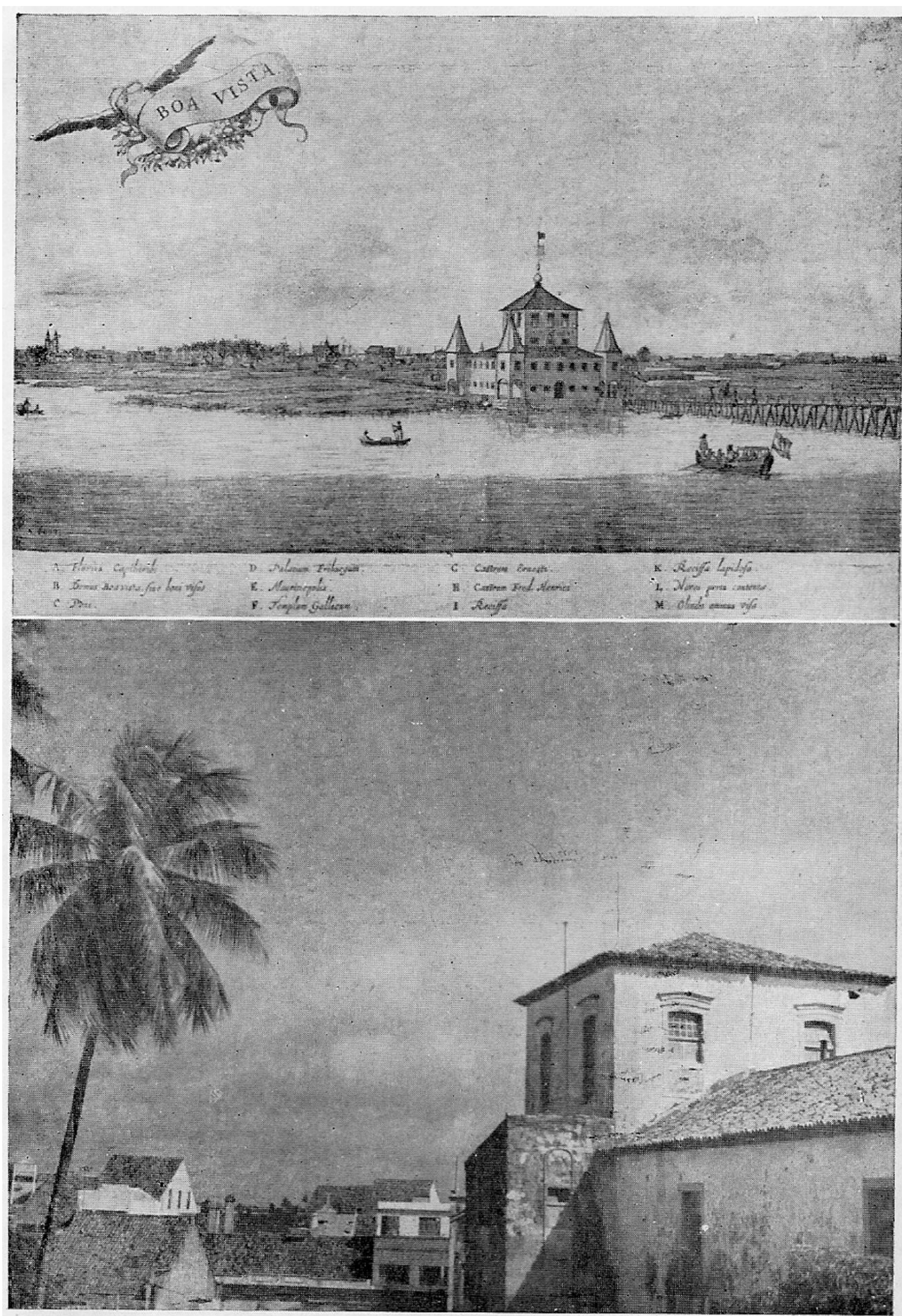
A cidade crescia e aformoseava-se. O próprio Frei Manuel do Salvador vira Nassau de medida nas mãos cuidando de endireitar as ruas para que nelas todos levantassem casas. Aos domingos a música militar tocava nos jardins para o povo ouvir. As procissões vieram de novo às ruas e as igrejas abriram-se para resmungos dos judeus e queixas dos luteranos. E nas festas de regozijo pela libertação de Portugal do domínio espanhol, a cidade estêve uma semana em rebuliço com os torneios no Terreiro dos Coqueiros. Cenas deslumbrantes de tratos, de destreza, de cortesias que só se haviam visto parecidas na Olinda de antes da guerra dos flamengos.

No terreno aplainado ergueram-se os palanques e "teatros de madeira" para se assentar a gente que viesse ver as festas, enquanto as janelas das casas fronteiras eram disputadas. Mancebos de belo porte e de perícia em equitação foram convidados a tomar parte no prélio das argolinhas. Formaram-se assim duas quadrilhas: a dos holandeses, alemães, franceses e ingleses, comandada pelo Príncipe; e a dos portugueses, capitaneada por Pedro Marinho Falcão. Damas povoavam palanques e batéis. Soavam trombetas e os cavaleiros rompiam em animais ricamente ajaezados:

Os portugueses como todos iam à gineta corriam tão fechados nas selas, e tão compostos, e airosos, que levavam após si os olhos de todos, e principalmente os olhos das damas; porém nenhuma se poderiam gabar que Português algum de Pernambuco se afeiçoasse a mulher das partes do Norte; não digo eu para casar com elas, mas nem ainda para tratar amôres, ou para alguma desenvoltura, como por o contrário, o fizeram quase vinte mulheres que se casaram com os Holandeses, ou por melhor dizer, amancebaram...



*O Palácio das Tôrres, construído na época de Nassau
Mercado de escravos no tempo do Conde de Nassau*



O Palácio da Boa Vista, levantado por Nassau, e uma das pontes lançadas no seu tempo, ligando a Cidade Maurícia (bairro de Sto. Antônio) ao continente.

O Torreão do palácio da Boa Vista que ainda hoje existe no Convento do Carmo.

As funções prosseguiram. Dispararam a artilharia, trocaram-se brindes, distribuíram-se prêmios, houve jogos de canas e laranjadas, com tal entusiasmo que senhoras estrangeiras tiraram dos dedos os anéis para ofertá-los ao cavaleiros.

Vilhena diria mais tarde:

Chamei maravilhoso ao Recife porque verdadeiramente o é por ser uma muralha de rocha viva tirada como à linha que nascendo de muito fundo sobrepuja a superfície do mar quebrando o impulso das altas e furiosas ondas que sempre o estão combatendo como em uma costa brava e que em poucos anos comerão a terra toda em que está fundada a povoação do Recife.

O prognóstico de Vilhena felizmente ainda não se consumou, e ao que parece não terá muita probabilidade de objetivação, malgrado as profecias não há muito agitas entre os crédulos a propósito de chuvas copiosas e de cheias tão velhas quanto a cidade. Mas Vilhena, afora seu vêzo de hierofante, tem pedacinhos saborosos sobre o Recife. Fala, por exemplo, da ponte que "os holandeses deixaram imperfeita e os portugueses acabaram". Era a ponte situada no local da atual Maurício de Nassau :

Por um e outro lado está povoada de pequenas barracas que por bons preços se alugam para lojas de venda de fazendas e capela que ignoro se a benefício da Real Fazenda, se das rendas da Câmara; há no fim da ponte uma guarda reforçada para evitar tumultos e roubos.

Amaral, em *Escavações*, pintaria melhor essas lojinhas:

Com o fim de dotar o govêrno dos recursos necessários para a construção das pontes, mandara Henrique Luís erigir pequenos compartimentos, os quais, no máximo, podiam ter quatro metros de fundo, parte firmada na ponte e outra sobre a água; esta, porém, era sustentada. por enxameis de madeira que se ajustavam à ponte. E de fato: apenas concluídos os referidos estabelecimentos não faltaram alugadores, chegando êles a atingir à soma de 800\$ anuais, bem alta na verdade para o tempo.

Nesses estabelecimentos tudo se mercava, desde as gangas e louça da China, jóias, *panos da fábrica*, e Chapéus de Braga, até miçangas e quinquilharias etc.; por isso não é exato que nêles somente se vendessem quinquilharias e ferragens, como diz um cronista. Perfeitos *magasins*, nêles se encontrava do bom ou do mau, em grande escala; e o que é mais de notar por serem estabelecimentos que, como já dissemos, não tinham mais que 4 metros de fundo, e que eram como que vitrinas fixas, porém de muito mau gôsto. Em alta escala era o comércio que ali se fazia que, semanalmente, se renovava o seu sortimento.

Alude então Vilhena ao segundo bairro da cidade, que tinha bons edifícios, como o Convento dos Carmelitas Descalços, o dos Capuchos de Santo Antônio, os Barbonos italianos, o hospital da Casa dos Expostos, o ex-colégio dos Jesuítas (agora Palácio dos Governadores). Da Boa Vista, para onde se saía de Santo Antônio por uma extensa e larga ponte dêsse nome, na qual há grande movimento de cavalos e mantimentos, diz: "Há pouco tempo Boa Vista era arrabalde, hoje é bairro". Gaba os sítios e vivendas onde há melões e melancias. Ali os bispos têm um sítio de recreio na So-

ledade. Há ruas compridas e amplas, nobres propriedades e aseados templos onde existiram casas de campo ou retiros. Nem mesmo os arrabaldes banhados pelo rio escaparam à observação de Vilhena: no verão os moradores buscavam êsses aprazíveis recantos, gostando de banhar-se no Capibaribe ou nêle passeando em barcos, quando não deitados à sombra dos arvoredos. E por fim sentenciava:

Em nenhuma das capitais de nossas colônias da América se acha hoje mais recato e modéstia nas senhoras do que em Pernambuco.

A propósito dessa antiga e pinturesca ponte bordada de lojas já Loreto Couto falava:

Entre Recife e Santo Antônio há uma majestosa e soberba ponte que sôbre si sustenta 60 casas de pedra e cal e nelas 60 lojas de mercadores, de longitude de 300 passos com arcos de maravilhosa arquitetura nas duas entradas dela. Tôda esta pomposa máquina está assentada sôbre dois espaçosos e fortes cais de cantaria.

E é Loreto Couto que afirma, ainda, possuir o Recife 1.082 casas de 2 e 3 sobrados, feitas no estilo moderno e onde moram homens de negócio com grande comércio, trato, fausto e luzimento.

Com o retorno de Nassau aos Países Baixos, iria o Recife testemunhar as aperturas e perturbações dos tempos de insegurança, de injustiças e de lutas. À administração liberal do Conde seguir-se-iam os vexames, as restrições, os despotismos do Conselho Supremo. Todos os revides encontravam pretextos. O povo suportava, retraía-se, esperava... Porque, à sombra das inclemências, conspirava-se, tramava-se a epopéia da Insurreição. Angústias econômicas e anseios nativistas conubiam-se para a reação, e já João Fernandes Vieira não era mais o palaciano de dantes nem o hábil tirador de argolinhas dos torneios do Campo dos Coqueiros, para se metamorfosear num dissimulado revolucionário, de par com Antônio Cavalcanti, Francisco Berenguer, Amador Araújo e outros. Vidal de Negreiros passara pelo Recife com a capa de ir ver o pai na Paraíba. Cochichava-se muita coisa nas boticas. Os terços de Henrique Dias e de Camarão tinham rompido as fronteiras. E não tardara que se soubesse da batalha das Tabocas e da tomada do engenho de D. Ana Pais, a mulherzinha que gostara tanto dos flamengos a ponto de tomar logo dois para maridos. Ah! tempos duros! Teriam, porém, de acabar. Em cêrco dos patriotas a vida estava-se tornando amarga dentro dos muros da cidade. Tudo pela hora da morte, e... não havia quase o que comer. Farinha-de-pau por 16 tostões o alqueire, laranja a vintém e água salobra a 5 tostões o porte. O General Van Schkoppe, com sua presunção germânica, chegara de novo para acabar com a valentia dos insurretos, levantar o assédio e recuperar as praças perdidas. Até se contava, baixinho, dêle, uma boa. Ao desembarcar teve sede e pediu água. A de bordo ficara intragável com a travessia demorada. Trouxeram-lhe água num copo de cristal, provou-a e fêz careta:

- Diabo! Água salobra!

Explicaram-lhe então que as cacimbas boas tinham ficado da banda do inimigo. Ali todos se contentavam com aquela... O General bufou, mas garantiu:

- Eu vou dar água saborosa a vocês !

Preparou a sortida pelos Guararapes e foi aquêle destrôço. Até Van Schkoppe teve

de usar muletas. No ano seguinte, Van Brinck repete a façanha e os patriotas por sua vez dobram a vitória. E o remédio foi mesmo a capitulação de 27 de janeiro de 1654.

Os recifenses vieram para a rua a ver o esplêndido espetáculo de Francisco Barreto ocupando a cidade, recebendo solenemente as chaves na Campina do Taborda, à sombra dos canhões do forte das Cinco Pontas. E ainda foi, a cavalo, cortêsmente, acompanhar o general vencido até sua morada. Dia como nenhum outro houvera antes. As igrejas escancararam as portas, o povo encheu-as, os padres entoaram cânticos de júbilo e graças. Os hereges iriam embarcar para sempre. Dali a pouco, de flamenengo nem o cheiro...

Uma nova época encetava-se no Recife. Os capitães-generais suceder-se-iam no govêrno da capitania, a qual transitaria para a Coroa, pôsto não a houvesse defendido como merecera e até cuidasse de aliená-la com as manobras do Embaixador Coutinho e o "papel forte" do Padre Vieira. Logo de início, o Xumbergas, êsse violento e desonesto governador que o próprio povo prendeu, atraindo-o burlescamente a um acompanhamento de Nosso Pai. Em meio do trajeto, dão ordem de prisão ao Capitão-General, que ia pegando na vara do pálio, e embarcam-no para Lisboa, de onde o transferem para a Costa d'Africa. Enquanto a musa popular cantava:

A peste já se acabou.
Alvíssaras, oh! gente boa!
O Xumbergas embarcou.
Ei-lo! Vai para Lisboa.

O Recife crescera. Da península à ilha e desta ao continente eram três florescentes. O comércio abrangeria todos. No da Boa Vista uma larga faixa de mangues posta em enxuto tomara o nome de Atêrro e por ali se alinhara casario de uma bonita rua de moradas e de boticas. Vão-se desenhando as artérias onde as casas se grudam, aproximando balcões e postigos para as palestras de vizinhos e comadres, enquanto à noite, na fresca da viração habitual, as cadeiras também se atraem para os comentários, os entendimentos, os namoros... Por vêzes, segundo contam cronistas, estendiam-se esteiras sôbre as quais se comiam as ceias de caranguejo com pirão de mólho de pimenta, as frigideiras de aratus, e as comezainas de milho verde quando era tempo... Convivência de intimidade, até nos trajos, porque se viam mulheres de cabeções, mal cobertos os seios pelos xales de franjas, e homens de chambre e barretes de dormir. Missas, novenas, lava-pés, sermões, terços, nas igrejas de Santa Cruz, de São Gonçalo, da Soledade, na Matriz tôda feita de pedra de lioz vinda de Portugal... Sociabilidade boa-vistana, como a de Fora-de-Portas e a de São José, em cantorias de mês mariano, em "partidas" de aniversário, em noites de Santo Antônio ou São João com fogueiras às portas, balõezinhos, traques, sortes, adivinhações da clara de ôvo ou da faca na bananeira.

Os períodos governamentais de Henrique Luís Pereira e D. Tomás José de Melo seriam de realizações. Reconstruiu-se a velha ponte, transferindo-se as lojinhas para uma praça onde sob arcadas em colunas haviam levantado dezenas de pequenas casas de comércio: a futura Praça da Independência. Ali se vendiam todos os artigos, num mercado sortido e variado. Numa sêca terrível que afligiu a cidade, mandaram-se retalhar por preços convidativos partidas de farinha adquirida pelo Govêrno, em combate aos aproveitadores do flagelo (Como é velho o mundo!) Ao chegar essa farinha, anunciava-se ao povo com girândolas e por isso todos acudiam a comprar "fa-

rinha de foguete". Coisa semelhante aos tecidos populares de hoje... Praça da Polé, com sua cacimba no meio, onde os negros vinham encher os baldes e os potes.

Faz-se o atêrro para os Afogados, obra de vulto. Plantam-se gameleiras nas ruas. Calçam-se algumas delas. Constrói-se um asilo para os leprosos. Aparece um trapiche novo com guindaste para as descargas do pôrto. Põem banquinhos na ponte da Boa Vista, onde as cenas são mais interessantes do que as do teatro público, como diria *O Carapuceiro* já no século XIX. Porque, nesse tempo, os banquinhos convidavam, à noite, para os cavacos, grupos de todos os matizes e línguas de todos os tamanhos: "A mó dos rabequistas, a mó dos tesouras, a mó dos gamenhos, a mó dos políticos". De tudo ali se fala, tudo se critica:

Conversas sôbre o melhor alfaiate, as calças bem ligadas, os penteados de Paris: a cabeça atrás tosquiada e na frente uma gadelha de leão. Cabelos anelados como os novos prédios urbanos - com 3 e 4 compartimentos e um mirante.

Insurgiam-se contra o "não se usar mais colête", e numa verdadeira profecia acrescentava-se indignado: - "Breve mangas de camisa". As moças usavam as jaquetinhas com folhos e os homens as sobre casacas franjadas em roda da cintura. O chapéu alto passava por uma crise, pois ao avistarem-no gritavam irônicamente: - "Olha o baú!" As mulheres à-toa exibiam-se na ponte cheirando a massapê e água de lavanda. Andavam "ao fanico". A ponte era fértil de malícias. E de pecados.

A verdade é que o Recife já podia se ufanar dêsses progressos sociais porque, brincando, brincando, completara seus três séculos de existência e já fizera sua revolução para lhe darem o título de vila, muito merecido, sim senhor. Olinda, depois dos flamengos, nunca mais voltara ao fastígio de antes. Os homens práticos da Holanda haviam ensinado como era robusta tolíce encarapitar-se uma povoação em montes quando poderia se estabelecer à beira-mar com um ancoradouro que a própria natureza riscara. Agora, tarde! Podiam os olindenses torcer o nariz, mangar, dizer nomes feios, chamar-lhes de "mascates", podiam... Não valia a pena. A gente do Recife é que tinha o dinheiro, enquanto os senhores de engenho de Olinda viviam de "glórias", de títulos, de saudades da grandeza perdida. Falavam em nativismo: da banda do Recife também havia filhos da terra que não queriam ser reinóis nem mazombos. Legítimos mestiços, "pés-no-chão". Os anos iriam provar.

E assim o Recife foi vila também.

O século XIX amanheceu cheio de novidades. Soubera-se antes dele, por pilotos e mestres de equipagens vindos nas barcas do Reino, de histórias tenebrosas da França. Cabeças de reis e de fidalgos cortadas como se cortam as das galinhas e capotes. Homens pregando liberdade e afirmando serem iguais todos os viventes. Que rei por vontade de Deus era bobagem, invenção para viver à tripa fôrra à custa dos pobres. E que o povo tinha que governar também, impondo as leis aos soberanos... Constitucionalismo... Histórias vagas, mal sabidas. Um ou outro doutor vindo de Coimbra explicava melhor. Mas as novidades borbulhavam. Um capitão de artilharia, nessa diabólica França, passara a imperador e tomara para si quase tôda a Europa. De parentes seus fizera reis como se fôssem de congadas. E tanto ameaçara o Príncipe Regente de Portugal que êle com tôda a côrte, fidalguias, gente assim, trazendo trastes e papeladas, mudara-se para o Brasil. Os recifenses andavam de olhos no mar à espera de barcas com mais desadores de notícias... Se até um rei viera parar na Baía!

E agora, com os portos abertos ao comércio do mundo, já a França serenada, en-

travam com as modas, as costureiras, as francesias de Paris através de livros e jornais. Soubera-se direitinho de tudo que se espalhava pelo universo. Os países da América não queriam mais ser colônias. O Padre João Ribeiro, do Seminário de Olinda, formara uma biblioteca, e quem quisesse ir lá ver essas obras afoitas... Que rei mais, que nada! República...

É em 1816 que desembarca no Recife, sôfrego de negócios, um francês, Tollenare, e por entre as páginas de um seu diário podemos viver um pouco na cidade daquela época. Num domingo, 17 de novembro, êle, de bordo, nos pinta êste quadro hoje ainda familiar a nossos olhos:

O mar estava coberto de jangadas ou pequenas balsas do país, nas quais os negros pescadores se aventuram com uma audácia assombrosa. As jangadas se compõem de três pedaços de madeira de 12 a 15 pés de comprimento, e 8 a 9 polegadas de largo, apenas esquadriados e ligados por travessas; uma delas é munida de um buraco no qual se implanta o mastro que suporta uma vela triangular de algodão; na outra há um pequeno banco de dois pés de altura sôbre o qual se acocora o piloto, a fim de colocar-se um pouco ao abrigo das vagas que a todo instante alagam a embarcação.

Tollenare prossegue nas suas deliciosas descrições, e mal desembarca tem o que contar do que vê. Na Lingüeta vê negociantes trajados à européia, conversando; repara nos sobrados de três e quatro andares do bairro da península, nas ruas geralmente estreitas, nas lojas sortidas de mercadorias da índia e da Inglaterra, e sobretudo ferem-lhe as vistas os negros. Mulheres dessa côr a vender bugigangas e guloseimas pelas ruas, e grupos de negros de tôdas as idades e todos os sexos, vestidos de uma simples tanga, acham-se expostos à venda diante dos armazéns. Êsses desgraçados estão acorados no chão e mastigam com indiferença pedaços de cana que lhes dão os compatriotas cativos que encontram aqui. Estende-se na apreciação do mercado de escravos e não deixa de acentuar certos encantos voluptuosos das raparigas de "gargantas de Hebe e seios túmidos". Para a ilha de Santo Antônio atravessa-se uma ponte arruinada e entra-se em uma praça quadrada onde se construía um mercado coberto para substituir as lojinhas da ponte: queijos flamengos, bacalhau, biscoitos, e também ourives trabalhando em jóias maciças. As casas são na maioria térreas e não têm ainda vidraças, ornadas de caixilhos gradeados de madeira com charneiras para abrir e fechar. Era por êles que as mulheres de então espiavam a rua e a furto estendiam o braço para entregar uma flor ou receber uma missiva. Por fim, o francês parra à Boa Vista e ali tem impressão mais folgada: "é mais alegre e mais moderno". Ruas e calçadas largas, casas bonitas de gente rica, e entre elas atinge-se o campo, onde há vivendas de recreio. Ali descobre a "libré da preguiça", mas vê também a almofada de fazer renda. Aqui, uma outra tela sugestiva:

A ponte que conduz de Santo Antônio à Boa Vista serve de passeio durante as belas noites dêste clima; é guarnecida de bancos; o panorama que dali se descortina é encantador; ao Norte vê-se a cidade e os pitorescos. oiteiros de Olinda; ao Sul o rio Capibaribe, o atêrro dos Afogados e também o Oceano. Canoas indígenas, escavadas num só tronco de árvore, conduzidas por negros nus e munidos de compridas varas, cruzam-se em todos os sentidos sôbre as águas mansas do rio; no horizonte as ligeiras jangadas, com as suas velas triangulares, são o brinquedo das ondas agitadas.

Nesse Recife do comêço do século XIX não havia quase onde um visitante se hospedar. Daí o hábito de hospedar particularmente as pessoas amigas. "Aliás os costumes da terra não consideram decente morar-se em hospedaria." Havia apenas duas ou três seges de dois lugares, e as senhoras andavam muito em cadeirinhas ou palanquins, O teatro só se abria aos domingos, e isto mesmo sem regularidade. Raramente se viam senhoras nas ruas, mas com freqüência "camélias" de tôdas as côres. "Existem intrigas com mulheres casadas, porém expõem a facadas."

Tollenare assiste, no Recife, a tôdas as peripécias da revolução de 1817. As "francesias" tinham fermentado nas almas dos pernambucanos, que sonhavam com a independência e a república, a ponto de no dia 6 de março o movimento irromper. Era o mata-mata-marinheiro, o fecha-fecha, o corre-corre nas ruas. Tiros. A artilharia de Antônio Henrique toma a ponte. O Governador, de quem se dizia irônicamente que era Caetano no nome, Pinto no tamanho, Monte na altura e Negro nas ações, capitula na fortaleza do Brum, e forma-se a junta governativa, com Domingos José Martins, Capitão Domingos Teotônio Jorge, Dr. José Luis de Mendonça, Padre João Ribeiro, e Manuel Correia de Araujo, agricultor. Não se fala noutra cousa. Há entusiasmos e há receios. O rei D. João VI ali no Rio seria capaz de muita severidade para dominar os revoltosos. O francês dá seu testemunho, aliás eivado de parcialidades, com um vêzo europeu de não crer muito em nossa capacidade para autonomia política. Demais, por ciúmes de negócios, hostil a Domingos José Martins... Pecúnia...

Mas a revolução, nada obstante o júbilo, os ensaios de organização, o idealismo dos cabeças, as festas pomposas da bênção das bandeiras no Campo do Erário, é jugulada pelas tropas de Cogominho Lacerda e pela armada de Rodrigo Lôbo. Dias de ansiedades, de temores, de lutas e desânimos. Depois, as sentenças e os enforcamentos no mesmo Campo do Erário que meses antes se enfeitara de galhardetes e folhagens, ouvindo hinos, salvas e vivas,

A tudo Tollenare presenciou, e ao embarcar na Lingüeta, de regresso à França, viu ainda a cabeça do Padre João Ribeiro espetada num pau, para escarmento dos futuros rebeldes.

De nada terá servido, porque em 1821 os pernambucanos de novo se levantam contra o governador Luís do Rêgo Barreto e pelas armas lhe impõem renúncia e embarque para Lisboa. Luís do Rêgo, sem embargo de atos administrativos elogiáveis, e de realizações como a nova estrada para Olinda pelo atêrro da Tacaruna, tanto se desmandara contra os suspeitos de conivência com a revolução de 17, que provocara a reação nativista. Todavia, o general lusitano apreciara a seu jeito os prazeres de nossa terra, mormente nos suculentos almoços bem regados de vinho no palacete do capitalista Bento José da Costa, ex-sogro de Domingos José Martins, ali na Ponte d'Uchoa. Maria Teodora já se esquecera do marido e das lindas núpcias em pleno apogeu revolucionário. *Les morts vont vite*, diria Tollenare.

Nesses dias agitados de combates contra Luís do Rêgo visita o Recife a inteligente e perspicaz espôsa do comandante da fragata inglesa *Dóris* - Mary Graham. Essa inglesa, no seu turismo do tempo, deu-nos também boas páginas de suas observações do Recife. Percorreu ruas com o comércio fechado por causa dos barulhos, visitou a família do governador, tendo tido excelente impressão da maneira por que fôra recebida; conversou em francês e tomou refrescos de frutas da terra; andou nos arrabaldes, que a encantaram pela variedade vegetal e pelas aves canoras ou de bela plumagem; visitou templos e observou, com agrado, as casas da Boa Vista com seus jardins e pomares. Acha a cidade agradável e limpa, com temperatura magnífica.

Surpreende-se de andar ao sol e ser acariciada pela brisa. Atravessa as pontes: que bonito o rio! Na estrada para o "sertão" vê matutos de chapéu e gibão de couro. E chega até aos quartéis-generais do govêrno e dos revoltosos, em Beberibe, passando entre tropas, sentinelas avançadas e canhões assestados.

Uma esplêndida vilegiatura... E Mary Graham, quando deixa Pernambuco, faz ainda um conceito cuja exatidão não se tardaria a positivar :

Deixamos Pernambuco na firme persuasão de que pelo menos esta parte do Brasil jamais se submeterá pacificamente a Portugal.

O Recife entrara num firme caminho de progresso. E rápido, porque Koster, visitante inglês que nos legou um livro maravilhoso de seu quotidiano no Brasil, anota a diferença de aspectos e costumes num período curto decorrido entre sua primeira e sua segunda vinda à nossa cidade. Êle já fizera uma descrição interessante ao ter um contacto inicial com o Recife, particularizando os cenários de seus bairros, e agora escrevia:

Notei uma modificação considerável no aspecto do Recife e de seus habitantes, embora minha ausência fôsse de curta duração. Várias casas tinham sido reparadas, e as rótulas, sombrias e pesadas, foram substituídas pelas janelas com vidros e balcões de ferro. Algumas famílias haviam chegado de Lisboa e três outras da Inglaterra. As senhoras das primeiras davam o exemplo indo às missas a pé, em plena luz solar, e as damas inglesas adquiriram o hábito de passear tôdas as tardes, por distração.

No capítulo da indumentária acrescentava Koster, tão nosso amigo que ficou conhecido por "Costa":

As fazendas de cetim e sêda, tornadas de uso normal para roupa nas festas e dias-santos, foram logo vencidas pelas musselinas brancas e de côr, e pelos tecidos de algodão. Os homens que antigamente compareciam todos vestidos de prêto, com fivelas de ouro e tricórnio, não faziam grande questão de substituí-los pelas calças de nanquim, meias-botas e chapéus redondos.

As cadeirinhas tornavam -se mais elegantes e leves. Construía-se bastante e os fabricantes de tijolos enriqueciam com a procura do artigo de cerâmica. A igreja do Corpo Santo, remodelada, ficara pronta. Os arrabaldes entravam a ser tidos em aprêço. Já Tollenare se ocupara pinturescamente do de Poço da Panela, onde vira moças banhando-se no rio e até se afoitando a mostrar, fora do aconchego dos banheiros de palha, curvas encantadoras dos corpos... O "passar a Festa fora" tornava-se um regalo, e não tardaria que se estabelecesse o tráfego dos ônibus a cavalos para Ponte d'Uchoa, Monteiro, Apipucos e Caxangá. O "mato" era a frescura no verão, as fruteiras peladas, os chalés de azulejos, os solares de sótãos e terraços de pedra de lioz, os caramanchões perto dos muros para ver quem passa, as figuras de louça do Pôrto, a vida regalada da mesa farta, do leito macio e das palestras convidativas. Sem falar na dança, nos jogos de vispora ou gamão, nas músicas e nos cantos ao piano. As famílias dos comerciantes, afeitas à moradia nos sobrados, por cima das lojas, embora com o prazer dos mirantes e dos torreões, gostaram do verão nos arra-

baldes. Os mirantes preponderam em muitos dos prédios dos antigos bairros do Recife: eram as sotéias, de excelente vista para o mar e para os campos. Ponto de reunião, à noite, para palestras e sonecas. Jardins de inverno... Noites estreladas ou de luar. As vizinhas mais intimas subiam até lá. Chá com sequilhos e tortinhas, licor de genipapo, garapas de maracujás... E a paisagem do alto. Tudo chão, tudo visível, tudo amplo. A planura interrompida de quando em quando pelo enxerimento potâmico. As pontes acolchetando os bairros. Massas verdejantes de cajueiros, de mangueiras, de coqueirais. Distantes colinas. Os próprios mangues alimentavam motivos de encanto nas subidas das marés em largos espelhos d'água. E mais praias, jangadas, velhos fortes, matas, debaixo de um céu sem um fiapo de nuvem. Mirantes... refúgio das sinhazinhas, das mocinhas esquivas e amorosas, que de lá contemplavam, na esquina, embaixo, o gamenho tímido, de flor ao peito e olhos gulosos...

Os arrabaldes tinham criado outros quadros. Cada um a gabar o seu, predileto:

Caxangá não era nem o poético Apipucos, nem o aristocrático Jaboatão, nem o suntuoso Poço, nem a gentil Olinda, nem a européia Passagem, nem a orgulhosa Ponte de Uchoa, mas é o humilde Caxangá onde as famílias parecem ser uma só família.

Êsse trecho pinta a psicologia dos arrabaldes do século passado. Vários dêles possuíam hotéis - hotéis, sim senhor. E hotéis que se anunciavam nos jornais com elogios aos cômodos, ao banho de rio, à comida, aos bilhares, ao transporte. E que dizer dos que tiveram teatros e clubes de danças - ou, melhor, "partidas"? Prestigiavam-nos também as novenas e festas dos padroeiros. Algumas, como as do Poço, do Monteiro, do Monte, tinham fama que chegou até os nossos dias. As coletas para essas festividades, precedidas de cortejos encantadores levando a bandeira a hastear, interessavam a todos. Havia a espórtula gorda do senhor de engenho ou do comerciante em grosso, e as modestas dos moradores mais simples:

Professôra do Monteiro.....	2\$000
D. Amalinha pianista	1\$000
Franceses da casa de Sr. Gaspar.....	5\$000
Criada do Lagrange	\$500
Marocas em casa de Cazuza	2\$000
Mestre de meninos	1\$000

E assim por diante, saborosamente.

Pouco a pouco os arrabaldes passavam a ter habitantes fixos.

Botaram luz a gás. Melhoraram os caminhos. Apareceram cabriolés e berlindas. Veio o trenzinho suburbano. Cresciam os núcleos intermediários entre os subúrbios populosos. Perdera-se o preconceito contra o "mato", contra "um fim de mundo". Nasceram as residências nos extensos sítios, com' a casa envôlta pelas árvores, a cacimba de água gostosa, o copiar aberto à viração, o viveiro farto de peixes, a cocheira para os cavalos de montar e os de puxar a sege.

Entre vários outros visitantes do Recife, no século XIX, uns de morada provisória e outros em mero trânsito, como o francês Biard, houve um reverendo protestante, Daniel Kidder, que aqui demorou e fêz sua propaganda religiosa distribuindo bíblias e

folhetos luteranos, segundo confessou, até ao ingênuo sacristão da igreja-matriz de São José, que percorrera. Kidder hospedou-se em um sobrado, parece, da Lingüeta ou arredores. Descreve-o em todos os seus andares, e faz o elogio do panorama descortinado das altas janelas. Tinha o prédio 6 pavimentos. O primeiro ou térreo era armazém, e à noite ocupavam-no empregados do sexo masculino. O segundo, escritório; no terceiro e quarto havia salas de visita e quartos de dormir; no quinto, sala de jantar, e no sexto a cozinha. Havia, nota o Padre, vantagens em ser a cozinha tão em cima, para dar vazão à fumaça; mas, por outro lado, que custo para chegarem até ali as provisões, o combustível, a água... Temia até que os baldes tombassem da cabeça dos pretos ao subirem as escadas. Kidder, como todos os visitantes, admira o Recife que desenha o ancoradouro, e descreve-o com pormenores. Depois de mostrar seu encanto pelo aspecto externo de Olinda, que, mais tarde, acharia certamente vazia e monástica, Kidder esboça uns quadros da cidade, pelos bairros. O do Recife, a que chama de São Pedro, conserva prédios antigos com seus balcões de madeira trançada ou gelosias. A principal rua é a da Cruz, antiga dos Judeus, e hoje Bom Jesus. Kidder confunde-a, no trecho que ganha a ponte, com a da Cadeia. "Santo Antônio é a parte mais bela da cidade." Ali existe o Palácio do -Govêrno, e o Arsenal de Guerra, a cuja frente fizeram um novo cais - o Passeio Público, aliás. Tinha bancos pintados de verde para comodidade do público. Fala Kidder na praça aberta para mercado, a nossa Independência, e reputa espaçosas e elegantes as ruas que para ela confluem. A Boa Vista esmalta-se de casas de campos, e Kidder alude a vivendas à beira do rio com estátuas de louça. Contaram-lhe que, sendo uma dessas casas de moradia de um rico cuja fortuna se fizera à custa de escravos, um gaiato certa noite lhe pintara de preto todos os calungas do sítio...

Sai a passeio Kidder pelos arrabaldes. Quem não se deixa fascinar pelas suas belezas naturais? Mondego, Soledade, Manguinho, Ponte d'Uchoa, até Beberibe. Viu a Várzea. Atravessou o rio em canoa. Percorreu igrejas e fez sua crítica ao catolicismo, puxando a brasa para sua sardinha. Mas não pôde ocultar sua emoção certa noite, de volta de uma excursão ao campo. O pastor assistira na véspera a uma novena em honra da Senhora Sant' Ana, e não gostara. No entanto, no outro dia... É melhor deixá-lo confessar:

Interessou-me muito mais o espetáculo que presenciei na noite seguinte, quando, ao voltar de um passeio a cavalo nos arrabaldes, dei com uma multidão reunida em frente à capela do convento do Carmo. Nada menos de cento e vinte pessoas estavam ajoelhadas ou de pé, no adro lajeado, cantando uma novena diante da imagem da Virgem, que os contemplava do alto de um nicho na fachada da capela. As mulheres estavam postadas em redor dum grupo central de rapazes que faziam de côro. Não havia luzes além da lua brilhante, que dava um encanto peculiar à cena, ao passo que as vozes estridentes dos devotos subiam no ar tranqüilo da noite.

Louvemos êsse sacerdote luterano, perdoemos-lhe a perfídia das bíblias metidas nas mãos do sacristão de São José, que lhe mostrara tão solícito e confiante na sua fé todo o templo, por êsse quadro magnifico de uma das cenas mais comuns no Recife de antanho: o têrço cantado defronte dos nichos que tanto povoavam as ruas da cidade.

Estava-se então em 1838. O Recife não diferiria do da planta de 1844 publicada na obra *Memórias Históricas da Província de Pernambuco* em 1844, e na qual se pode ver bem o perímetro da *urbs* nessa época. O traçado seria o mesmo que no século

XVII foram impondo ao povo dos Arrecifes e que Nassau esboçaria para sua Mauricéia - o bairro de Santo Antônio. Não havia senão as pontes do Recife e da Boa Vista. - Do Largo do Hospício para Santo Amara indicava-se na planta um Bairro Novo, e o Atêrro de Afogados iria ser "de grande futuro". O arruado no bairro da Boa Vista, ao que se revela no desenho, não ia além do Pátio de Santa Cruz, havendo apenas em seguimento dêste um caminho que ia ter à chamada Trempe, onde se unia com a Rua do Cotovêlo, dando motivo à denominação tão familiar nas bôcas de nossos avós. A Trempe corresponde a uma zona atualmente no encontro da Rua do Sebo com a Visconde de Goiana. Outro caminho no bairro era o que, iniciando-se na Rua do Pires, seguia pelo Corredor do Bispo e atingia o Palácio Episcopal. De permeio a essas duas vias sem edificações de monta ficavam os terrenos baldios, os imensos sítios, e para diante o "mato".

Indicam-se na planta o *Teatro Novo*, sem dúvida em construção, pois só se inaugurou em 1850, e o *Teatro Velho*, a *Casa da ópera* ou *Capoeira*, defronte do convento de São Francisco. Os outros nomes emotivos e sonoros de nossos templos lá se acham, e faz bem repeti-los para que a lembrança da sua idade os torne - aos que nos restam! - mais dignos do carinho dos contemporâneos e dos pósteros: Matriz do Corpo Santo, Convento da Madre de Deus, Arco do Bom Jesus, Conceição da Ponte, Nossa Senhora do Pilar, Conceição dos Militares, Rosário, Livramento, São Pedro, Nossa Senhora da Penha, dos Martírios, do Têrço, Santa Rita, São José, São Gonçalo, Santa Cruz, Glória, Recolhimento da Conceição, Jerusalém... Que formosa ladainha de piedade, de orações, de culto dos nossos antepassados e de nós mesmos! O pres-tígio e o perfume do Passado.

Recife de 1844. Cem anos. Cenários e figuras que as velhas estampas nos ressuscitam. Velhas estampas com seus casarões de abalcoados, suas negras vendedoras pelo meio das ruas, seus grupos de homens de cartolas conversando, suas famílias saindo das igrejas e cortejando-se, seus comerciantes acorrendo ao correio em busca de cartas da Côrte ou do Reino, suas damas de sombrinhas tomando a diligência ou despedindo-se de parentes no cais do Trapiche, seus escravos carregando fardos ou empurrando carroças, seus aguadeiros de baldes à cabeça, suas noites de luar nos banquinhos da ponte...

O centro da cidade ia numa animação de melhoramentos. O Teatro Novo substituindo o "Capoeira". Na "imunda praia do Colégio", o Passeio Público. Que atração! Diziam que as mulheres casadas maldiziam êsse logradouro porque os maridos reen-travam tarde nos lares a pretexto de terem ficado em conversa no Passeio Público. Paraíso das "camélias" de sandálias de cetim e xales de toquim.. As ruas iam-se transformando: calçamento, lampiões, calçadas. O cordeador já oferecia ensejo para se arborizarem certos trechos urbanos como o Largo do Colégio, a Ribeira, o Pátio da Santa Cruz, o Atêrro dos Afogados, as ruas do Sol, da Aurora, da Cadeia... Os moradores eram convidados a plantar aroeiras, gameleiras brancas e vermelhas, espinho-de-judeu, trapiá, visgueiro, caneleira ou mangueira... De um exame comparativo das gravuras do tempo pode-se deduzir quanto o Recife mudara. Entre uma Rua do Crêspo, da gravura de Shlapitz, com o ônibus, e a de Carls, com o bonde de burros, há um mundo de realizações municipais e privadas. Na arquitetura, na via pública, nos transportes, no movimento, nos tipos, nos trajas.

A Municipalidade estabelecera em 1849 :

Locais para enterrar animais mortos: areal do Brum por um e outro lado; areal das Cinco Pontas ao correr do matadouro.

Locais para açougues: Ruas da Guia e Fora-de-Portas a partir da primeira travessa

à direita até o Pilar - Pátio do Paraíso, inclusive becos que dão saída na Rua de São Francisco - Casinhas da. Ribeira do Mercado, e Açougue Público.

Para Matadouro: o existente e os Coelhoos.

Para capim e lenha: Velho Pôrto das Canoas, Praça de Santo Amaro, outrora Mundo Novo.

Para hortaliças e frutas: Rua da Cruz, Largo do Paraíso, Ribeira e dentro da Ribeira da Boa Vista.

Para soltar foguetes e bombas: Santo Amaro e Ilha de Ana Bezerra.

Os despejos também não se efetuavam mais ao capricho dos escravos ao esvaziar os "tigres". Havia pontos determinados. Não mais em qualquer canto, como, por exemplo, perto da estação inicial da maxambomba. As águas servidas, por sua vez, se lançadas de sobrados teriam de obedecer a um aviso prévio e repetido: "Água vai!" Isso, a princípio. Agora, nem assim. As lojas retiravam as "feiosas empanadas". Os almocreves não entrariam na cidade montados nos animais nem tampouco de camisa por fora das calças, (Não existia ainda o termo americano: *slap*.) Reclamava-se contra os abusos de pedintes de esmolas para os santos - de opas azuis, vermelhas ou verdes, com bandejas onde se exibiam imagens cercadas de dinheiro e até de ovos... As varandas de pau dos prédios iam sendo substituídas pelas de ferro, e tiravam as tapagens de madeira entre as varandas das casas, o que provocava protestos dos que gostavam de chegar a elas de chambre ou de cabeções, longe das vistas indiscretas dos vizinhos de parede-meia. Pegavam-se nas ruas porcos, galinhas, patos e cabras (*bichos*). Posturas severas: os moradores eram obrigados a varrer as frentes dos prédios e limpar as fachadas dos mesmos em tardes de procissão. Depois a ordem passou a ser diária: das 6 da manhã às 9, e à tarde varredura e irrigação, sob pena de multa. Proibidos carros pelas calçadas, carros sem luzes, galopes a cavalo, buscapés e ronqueiras, venda de aguardente a escravos, trânsito dêsses cativos depois de 9 da noite sem "bilhete dos senhores", tráfego de veículos nas quintas e sextas-feiras maiores, permanência de pretas quitandeiras em certos pontos da cidade, como por exemplo na calçada da Matriz da Boa Vista, onde faziam derriços com os negros... As cantorias dos pretos carregando fretes também estavam sendo condenadas, por monótonas e prejudiciais à saúde - duplo esforço sem necessidade.

Nem sempre as medidas achavam cumprimento fácil. O fiscal da freguesia de Santo Antônio queixava-se à Câmara Municipal de não lhe ter sido possível "desavesar as pretas quitandeiras da Rua do Rosário largo". Os carros de bois insistiam em passar pelas ruas do centro, e havia quem defendesse êsse costume revelador de atraso, porque o açúcar não tinha outro meio de vir dos engenhos para o cais de embarque. "O govêrno só fazia prometer trem, e nada". Êsses carros ainda rodavam pela Rua da Imperatriz quando já se viam bondes, pois um dêles colidiu, certa manhã, na aludida artéria, com um pesado carro puxado por três juntas de bois. Também se viu um cavalo de matuto, assustado, disparar Rua Nova a fora puxando um palanquim cujos varais com a rédea se embaraçaram.

Medidas de estética exigiam largura nas ruas e travessas novas: estas 40 palmos, aquelas 60. Abriam-se novas comunicações. A da Esperança, na Boa Vista, que hoje é o Caminho Novo, ou Conde da Boa Vista. A dos Quartéis foi alargada, desaparecendo o prédio que lhe dera nome, famoso pela estocada de Leão Coroado no Brigadeiro Barbosa, em 1817. O Campo do Erário, depois das Princesas, embelezou-se com o Teatro Santa Isabel, o Palácio do Govêrno e o jardim. O Bêco do Tambiá, pertinho da praça já crismada de Maciel Pinheiro, foi alargado, e nasceu a Rua da Inten-

dência, hoje Manuel Borba. Ajardinam-se a Praça do Colégio, a Maciel Pinheiro, outrora do Moscoso e Conde d'Eu; inauguram-se pontes de ferro para substituir as velhas e arruinadas de madeira, da Boa Vista e do Recife. No intervalo das obras constroem-se passadiços provisórios, a pedido dos comerciantes das ruas Nova, da Imperatriz, do Crêspo. Em 1866 outra ponte na cidade: a de Santa Isabel, e mais tarde a Buarque de Macedo.

E um francês, Nicolau Gadault, pelo meado do século passado, loteava terrenos de sítios onde nasceria o bairro da Capunga em que "como por magia, ofereciam-se aos olhos do observador arruados com população crescida."

Em 1850 o Cemitério Público de Santo Amaro. Não se faziam mais enterros em igrejas. Repulsa, queixas, escrúpulos. Incidentes, até cadáveres retirados clandestinamente das catacumbas. Foi preciso agir pela força. A guarda cívica interveio. Depois, como sempre, veio o costume, e as irmandades construíram sepulturas no cemitério para seus irmãos. Benzera-se a capela do Redentor. E como na época só se enterrassem no sagrado os católicos, fizeram ao lado outro cemitério, onde se enteravam de preferência os suicidas: era o dos Enforcados.

No govêrno do Barão da Boa Vista uma febre de melhoramentos: água encanada, teatro, calçamento mais extenso, cais, caminhos modernos. A população aumentava. Em 1840. o bairro do Recife tinha 1.858 fogos, com 1.893 habitantes; Santo Antônio, 3.545 fogos, com 4.300 habitantes; Boa Vista, 3.107 fogos, com 3.173 habitantes; e Afogados, 1.943 fogos, com 2.061 habitantes. Em sítios, como na rua do Sebo, anunciavam-se terrenos para a construção de casas em rua a ser aberta. Aterravam-se alagados nos fundos do Convento do Carmo e defronte do Hospício dos Frades de Jerusalém. Também se oferecia um terreno de 70 palmos de frente e perto de 100 de fundo por detrás das casas da Rua Nova, da banda do norte, e onde se acha um estaleiro de canoas".

Na Soledade:

Aluga-se ao lado da igreja um pequeno sítio com árvores frutíferas e cercado de alto muro, com sofrível casa de vivenda, capaz de arranjar duas famílias, portão de lado e duas cacimbas de boa água com tanque.

Também a Rua Imperial, "que está com disposição de ser uma das melhores da cidade", dispunha de chãos novos com fundos suficientes para quintais. E comprava-se uma morada de casa térrea em Santo Antônio ou na Boa Vista por 800\$ a 1.000\$000, metade em patações e o resto em ouro.

Por volta de 1867 concedera-se isenção integral de décimas urbanas ou qualquer outro imposto provincial à Companhia Edificadora de Francisco Maria Duprat, por 40 anos, para construir casas de morada. Havia um projeto de abertura de ruas e travessas na Campina da Casa Forte. O cordeador recebeu pela planta 7\$680.

Os moradores do Recife já se tornavam zeladores da boa fisionomia da cidade. Queixavam-se freqüentemente. O Beco do Caju, por exemplo, era um monturo de lixo. (Quem espera os ônibus na *Sulacap*, hoje, mal sabe disto!) Em frente da Ponte de Santa Isabel havia matas de jurubebais que serviam para "prática de torpes atos", bem no caminho do trem de Apipucos. Debaixo das gameleiras da Praça do Comércio jazia um prêto velho, leproso, magro, quase nu, abandonado pelo dono por impresentável. Na Rua Direita um realejo atormentava os vizinhos. Num cortiço da Rua do

Sossêgo, no escuro, prisioneiros paraguaios "divertiam-se" com mulheres e inválidos da pátria, em regabofes e patifarias. E mais: o bairro do Recife muito sujo. Na Boa Vista ruas intransitáveis com as chuvas; precisavam os moradores de pernas de pau. Uma lagoa onde se ouve "sapo-cururu na beira do rio", bem no Largo do Chafariz. E o areal da Rua do Hospício onde será construído o "decantado Passeio Público"? Versos reforçavam as críticas:

Mamoeiros, embaúbas,
Cafés baratos, trapiás,
São ornamentos das ruas
Tiririca e araçás.

Cabras, bodes, porcos grandes,
Bacorinhos e timbus
Cruzam as ruas de dia,
Sem-vergonhas, quase nus.

Qualquer súcio novo ou velho
À luz do Sol ou da Lua
No cais chamado de Apolo
Vai lavar a pele sua.

Não clamo porque se lave
Todo e qualquer maganão;
Mas é que essa brava gente
Banha-se em trajo de Adão.

No tempo do Conde da Boa Vista as casas foram numeradas. Do norte para o sul e de leste para oeste em números pares e ímpares. Seriam numeradas mesmo as que não pagassem décimas. Deveriam acrescentar-se letras aos números dos prédios levantados de permeio. Placas com os algarismos brancos sôbre fundo prêto. Também adotado o modelo para as placas dos nomes das ruas.

Começariam a desaparecer aquelas indicações expressivas de então: Rua do Nincho, Beco que vai para a igreja, Rua que vai dar na ponte, Travessa por detrás da cadeia, Rua do sobrado amarelo de azulejos, Largo do Capim, Caminho da Trempe, Estrada das Ubaías, Passagem da Madalena, Rua do Sebo, Rua do Peixoto, Campina do Chora-Menino, Beco do Sarapatel, do Cirigado ou da Luxúria, Atêrro da Boa Vista - uns que morreram nas bôcas de hoje, outros que permaneceram a ponto de a Municipalidade sàbiamente oficializá-los. Em 1870, vencida a Guerra do Paraguai, houve uma febre de mudança dos nomes das ruas, como no comêço da República, em homenagem a heróis da luta e políticos em evidência. Felizmente, entre nós, essas crises cessaram e as ruas voltaram a seus apelidos antigos, verdadeiras certidões de batismo e suas próprias histórias, dentro da história da cidade.

Alcançaram-se assim os derradeiros lustros do século XIX, que tão alvoroçado nascera. As festas da Abolição enfeitaram a cidade por mais de uma semana. A Lei Áurea iria tirar ao Recife muitos aspectos peculiares à escravatura. Os pretos tornavam-

se, petulantemente, "tão bom quanto tão bom". Humanamente, opinavam os simpáticos ao término do regime servil, discordando dos escravocratas, tão poucos! Cuidava-se agora da república. Só mesmo a república daria ao Recife o que ele precisava para maior progresso. Luz a gás, bonde de burros, não bastavam. Na América do Norte havia coisas superiores. Demais, o século estava velho e bambo. O outro, prestes a chegar, iria ser o das maravilhas. Mesmo assim, o trono ruiu no que agonizava. E quando, a 1 de janeiro de 1901, o século XX rompeu, entre romarias, salvas, orações e festas populares, muita gente resmungava contra a república. Não fôra "a dos seus sonhos".

O Recife continuava a ter seus ares provincianos. Vida quieta, burgo em que todos se conheciam, em que se falava do "tipo estranho" a viajar num bonde ou a passar pela Rua do Crêspo, conversas nas calçadas, compras em trajos mais à-vontade de noite... O comércio varejista fechava às 9 horas, com o sino da Matriz. Hora em que os rapazes também corriam para casa com medo do carão paterno. Repúblicas de estudantes nos últimos pisos dos sobrados das ruas centrais, com discursos, vaia, gracejos, madrigais... E serenatas em noites de lua, pelos arrabaldes ou pelo rio, em botes. Rapazes de jaquetão, colarinho alto, calças tabica. Moças de saias de baixo engomadas, pés escondidos, blusas de golas altas, espartilhos afinando cinta e escondendo seios... Recife patriarcal de 1900. Almôço às 9, jantar às 4, ceia às 8 ou 9, para dormir-se depois. Diversões por épocas: Ano Bom - cartões, abraços, festa do Bonfim em Olinda; Carnaval - papel picado, bisnagas, cordões de mascarados, clubes de alegorias, filhós; Quaresma - jejum, procissões (ah! uma rua de procissão!), ofício da Paixão, aleluia, jantar de páscoa com peru gordo, presunto, vinho moscatel, queijo-do-reino; depois, São João, com as adivinhações e as sortes - "Como será meu noivo?" - e, com o verão, a Festa no "mato" ou na praia. De permeio, eventualmente, o *Santa Isabel* com o drama, a opereta, os mágicos, a ópera.

A fisionomia urbana não se alterava quase. "Enquanto o rosismo não cair... "

Mas... Em 1904, a 7 de abril, assume o govêrno de Pernambuco o Desembargador Sigismundo Gonçalves. Fôra êle o derradeiro presidente da Província, na Monarquia. Quando, a 15 de novembro de 1889, se proclamou a República e chegaram ao Recife as notícias, a princípio confusas e suspeitas, depois oficiais e definitivas, o Presidente oficiara ao Comandante das Armas entregando-lhe o cargo e as funções. Voltava a dirigir, não mais a Província, porém o Estado, o Desembargador Sigismundo.

Posse solene e festiva. Como de praxe, no recinto da Assembléia, moviam-se os fraques elegantes ou achamboados dos eternos freqüentadores das rodas palacianas, uns com os favores já assegurados, outros com suas eternas candidaturas a êsses bafejos. Esperanças, apegos ou receios, Máxime quando se boatejava, embora sem fundamento, que o novo governador iria romper com a política e o partido que o elegera; ou fôsse, na expressão popular, "com o Rosa". Expectativas de abaladoras novidades, Até os arraiais da oposição sorriam. Quem sabe o que viria de bom nessa mudança de timoneiro? Se êle acenasse com uma nova era... Muito se falava pelas calçadas da Rua do Imperador e pelas redações dos jornais contrários ao rosismo. E, coincidência ou acaso, o próprio Conselheiro Rosa e Silva, não familiar ao Recife, estava nesse momento presente à vida da cidade e recebera dias antes pomposas manifestações de acolhida e solidariedade. O Dr. Gonçalves Ferreira, que deixara o govêrno, também merecera espetaculares provas de aprêço.

Era êsse o cenário e o ambiente de 1904. Sigismundo Gonçalves assume a governança de Pernambuco e instala-se no palácio da Praça da República. Primeiras nomeações: chefe de polícia, Dr. Manuel dos Santos Moreira; prefeito do Recife, o Co-

mendador Eduardo Martins de Barros... Aí, as críticas explodiram logo: - "Viram o homem?" E brotavam as ironias: prefeito da capital um comerciante, sem título científico, um mero comendador de Portugal... Começa bem... E os que já sabiam irrealizável o sonho da cadeira de deputado ou do emprêgo público exclamavam:

- "Eu nunca me enganei." A oposição, por sua vez, também descrente do rompimento, ironizava.

Martins de Barros, porém, ia trabalhar. No Conselho Municipal, os Conselheiros Silva Fragoso e Miguel Macedo haviam apresentado um projeto nestes termos :

Art. 1º - Serão demolidos por utilidade pública os prédios municipais situados na praça da Independência logo que expirem os prazos constantes de arrendamentos feitos pelos atuais locatários dos mesmos prédios.

Art. 2º - O Prefeito mandará embelezar e aformosear a dita praça.

Art. 3.º - Para ocorrer às despesas com o embelezamento e demolição fica o prefeito autorizado a abrir os necessários créditos.

Esse projeto era de janeiro de 1904, mas, sem dúvida, inspirado pelas idéias que o novo governo trazia. Mesmo porque o Conselheiro Fragoso era figura da intimidade palaciana e, por isto, bastante visado pelas folhas oposicionistas com os costumados remos e sátiras dos jornalistas contrários ao partido dominante. E prova-o o fato de em maio já haver outro projeto municipal autorizando a Prefeitura a contrair um empréstimo de 500:000\$000 em apólices de 1:000\$000 e 100\$000, a juros, respectivamente, de 8% e 2%, amortizáveis em prestações semestrais de 25 contos de réis. Essa operação financeira destinar-se-ia aos seguintes trabalhos de remodelação da cidade:

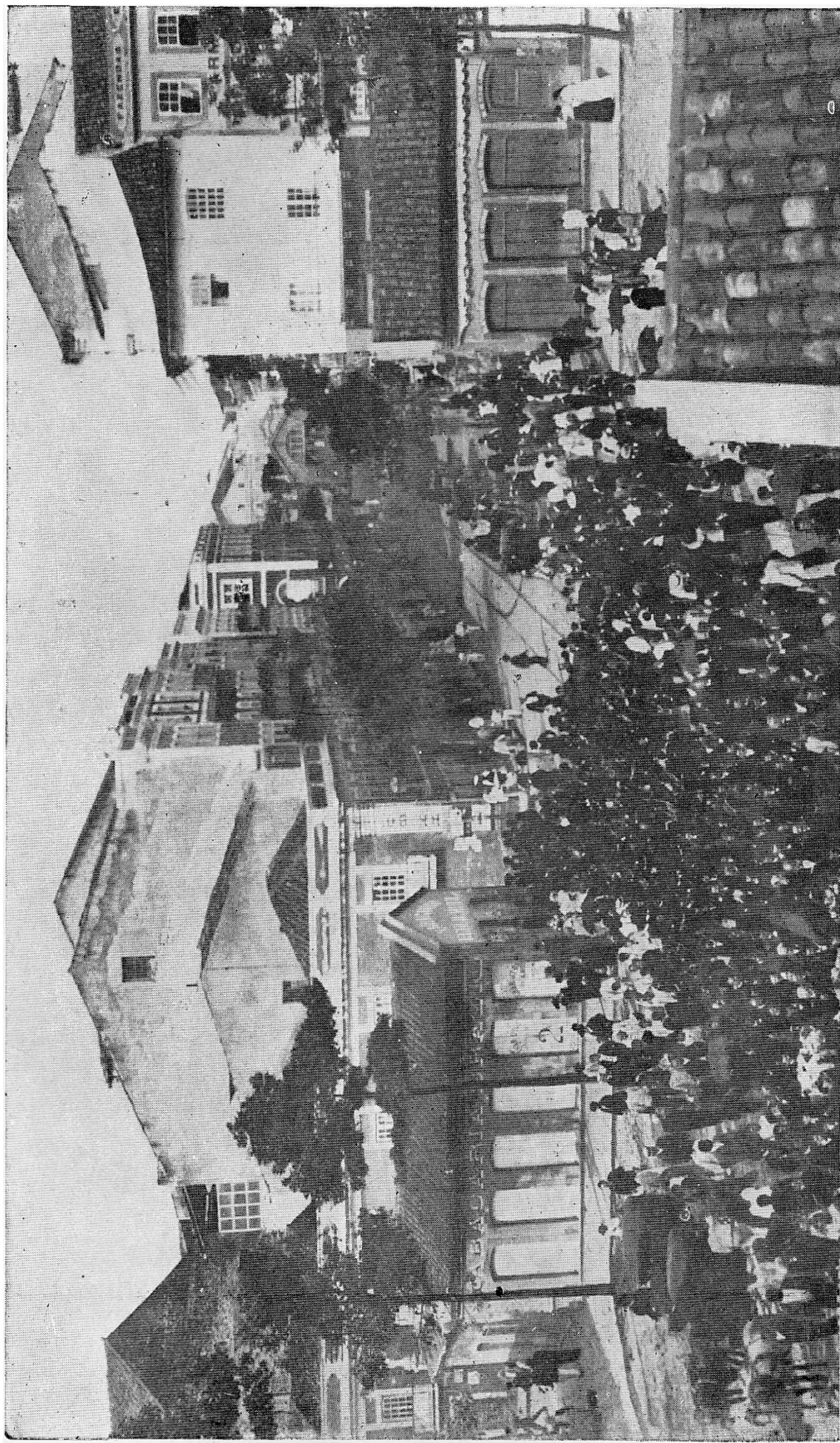
Alargamento da Rua do Cabugá, lado impar.

Abertura da Rua de Santo Amaro, demolindo-se o sobrado nº 48 da Rua Nova e o de nº 40 do Beco do Caju.

Alargamento da Rua 7 de Setembro, demolindo-se o sobrado nº 42 da Rua da Imperatriz e as meiáguas ns. 1 a 5 do Beco dos Ferreiros.

Alargamento da Rua do Hospício, demolindo-se os sobrados 86 e 88 da Rua da Imperatriz e o de nº 2 da mesma Rua do Hospício e mais duas pequenas meiáguas do Beco do Camarão.

É de se avaliar o espanto dos recifenses ante essas iniciativas. A princípio, julgou-se não se tratar senão de "obras no papel". A cidade, que desde o Conde da Boa Vista não assistia a melhoramentos de vulto, perdera a crença nêles. Aquilo era "pomada do Sigismundo". E o pobre Martins de Barros, nem se ligava importância a êle. Só mesmo aquêlê tipo compridão, com um farto bigode de pontas, metido num sutambaque prêto, seria capaz de realizar trabalhos de tal porte! Botar abaixo um lado inteiro da Rua do Cabugá, com uma porção de sobradões e lojas importantes em baixo, com o Anel de Ouro, o Couceiro, a venda do Cristóvão... Estavam doidos varridos!... Nem o dinheiro dava, nem se emprestava nada à Municipalidade, sempre em apuros, nem se conseguia a mudança de estabelecimentos comerciais daquela ordem, há tantos anos ali localizados. Era lá crível comprarem-se pulseiras e diademas, ou presuntos e queijos-do-reino, sem ser na Rua do Cabugá! ... E as lojinhas da Praça da Independência, com tantas casas de bilhetes de loterias, de sapatos!... E o



As lojinhas da Praça da Independência e o Arco de Sto. Antônio ao fundo da rua 1.º de Março



A Rua da Cadeia, no antigo bairro do Recife. Ao fundo o Arco da Conceição, demolido em 1914. Local da Avenida Marquês de Olinda de Hoje

café *La Puerta del Sol*, com suas mesinhas na calçada e o pianista a distrair tanto os fregueses a tocar *A Louca* e o *Sonho de Virgem!* Qual!

As picaretas começaram a agir e os edifícios a vir abaixo. Com pouco a pracinha estava limpa, a Rua do Cabugá talhada de um lado, a do Hospício ressaltando a fachada da Matriz, e das meáguas do Beco dos Ferreiros somente os escombros. Os descrentes calavam-se. Os entusiastas regozijavam-se. Todo o mundo ficava pasmado da ousadia dos empreendimentos. Contudo, ainda restavam os que não acreditavam nas construções da Rua do Cabugá, Botar no chão é fácil, mas levantar prédios novos... Com a crise do açúcar, com a carestia da vida, com os desgostos dos munícipes...

O lado ímpar da artéria ficou pronto. De um mero beco passou a rua de verdade, rivalizando com a Nova, sua vizinha. Comerciantes antigos e modernos instalaram-se nas lojas com outro aspecto. O lado oposto, invejoso, também sofreu transformações. E os transeuntes já não precisavam andar pelas calçadas a um de fundo, como outrora.

Martins de Barros não descansava. O velho Cais do Colégio, o remoto "Passeio Público" de nossos avós, precisava igualmente uma reforma. O encanto do rio e dos cais feria o espírito cheio de bom gosto do prefeito de 1904. Era mister endireitar, ao menos, êsse trecho próximo da Faculdade de Direito, da Igreja do Espírito Santo, do Quartel-General, do Jardim 1817, e ponto de desembarque para viajantes ilustres, como já o fôra para Pedro II. Calçou, botou muralha, colocou banquinhos, plantou árvores. E nasceu a Avenida Beira-Rio, que tem hoje, merecidíssimamente, o nome de Martins de Barros.

Antes, porém, dessa homenagem... O Prefeito quisera acabar com as vasilhas de lixo expostas abertamente pelas calçadas das ruas. Caixões, latas velhas, barricas, tudo sem proteção, à disposição dos cães vadios, da ventania, dos moleques. Urgia dar um jeito àquilo. O Conselho Municipal vota uma lei determinando que o lixo dos domicílios somente poderia ser pôsto nas calçadas, à espera das carroças, em vasilhas com tampa. Explodiram as queixas: Despotismo, violência! Gastar dinheiro em latas catitas para o cisco! Um escândalo! Insinuara-se até que o Prefeito era sócio de uma loja de artigos de fôlha-de-flândres...

E os novos depósitos de lixo foram crismados de "comendadores" em honra ao prefeito que vinha remodelando o Recife... Que - justiça histórica - principiara a remodelá-lo, após uma longa estagnação de melhoramentos, a qual permitia a carrocinha de bois, as noites de lua com lampiões apagados, e calçamento revêssô da época do Barão do Livramento, os bondes de burros...

A lembrança ainda viva das remodelações de 1905 não aquietou os temores, as descrenças nem as maledicências em face de mudanças urbanísticas mais profundas no bairro do Recife, quando das obras do pôrto. Ia-se proporcionar à cidade um vestíbulo moderno, com as docas, e não seria estético nem conveniente à circulação permanecerem as vias estreitas, antiquadas e difíceis de burgo primitivo. Projetara-se logo talhar entre êsse casario vetusto uma ampla avenida no trajeto da Rua da Cadeia, ou Marquês de Olinda, de então, em demanda da Ponte do Recife, vulgarmente chamada assim, embora fôsse "7 de Setembro" seu nome oficial. Outros técnicos, à frente o engenheiro Eduardo de Moraes, batiam-se por duas novas artérias ao invés de uma somente: a segunda partiria também de uma praça situada mais ou menos onde fôra a Lingüeta e procuraria galgar a Ponte Buarque de Macedo. Venceu essa idéia, desaparecendo uma terceira idéia de uma avenida circular. Ruas e becos adjacentes do bairro iriam também abaixo, oferecendo-se vias mais largas de in-

tercomunicações. De todos êsses projetos, tornados decisões, dois atentados às nossas tradições cometeram-se quase sem protesto dos contemporâneos, nem sequer do Bispado, que os aceitou: a demolição da trissecular igreja do Corpo Santo, onde existira a primitiva ermida de São Telmo dos pescadores do século XVI, e os Arcos da Conceição e Santo Antônio, que guardavam os encontros da Ponte 7 de Setembro. Demolição inútil, espetacular, lamentabilíssima, porque, quanto aos Arcos, perdíamos uma característica arquitetônica de nossa cidade e monumentos de sentido histórico e religioso, coisa perfeitamente evitável sem nenhuma quebra da beleza nem do tráfego do Recife atual. Mas a mania de botar os Arcos abaixo vinha de longe... Em 1850 fôra ao chão o do Bom Jesus. E pelas últimas décadas do século passado agitara-se na imprensa a derrubada dos restantes até em versinhos :

A pública conveniência
Lembra a Sua Excelência:
Uma obra meritória. Bem podia o Sr. Dória
Nos fazer.
Dos Arcos da Conceição
Santo Antônio a demolição
Promover.

Concluídos os processos de desapropriação, começara a demolição do velho bairro. Transferências de negócios, de residências, de grandes escritórios, de bancos. Sobradões de quatro e cinco andares fechando-se com tristezas, incômodos e recordações de antiquíssimos ocupantes. Casas térreas dos becos também silenciando. Trapiches desmanchados. Gameleiras postas de raízes ao sol. Martelos batendo dia e noite; carroças rodando no escoamento do material demolido; engenheiros tomando medidas e espiando pelos teodolitos; bondes com percursos desviados; alterada a vida e o caminho de todos; ondas de poeira e não raro tijolos ou telhas atingindo transeuntes. Pouco a pouco desaparecia aos olhos não um bairro, mas um cenário de milhares de criaturas no seu presente e no seu passado. Comerciantes gordos de contos de réis, marinheiros de várias gradações, peregrinas do amor caro das pensões da Lingüeta, famílias modestas das habitações baratas em últimos andares de sobrados, quitandas e vendolas, quiosques e barracas, "raparigas" de fáceis leitos e pequenas pagas, arraigados moradores da freguesia por devotos do Senhor dos Passos ou da Conceição do Arco, tudo, tudo se deslocava enquanto as picaretas golpeavam e os tetos se abatiam. Os esqueletos dos prédios meio derrubados equilibravam-se, e devassavam-se interiores impudicamente: paredes com restos de pintura a óleo, outras de simples caiação, salas de visitas, alcovas, corredores, banheiros, cozinhas, mirantes, sotéias... E quantas histórias nesses interiores através de quatro centúrias!... Paixões, cobiças, amores, pecados, vagidos de nascituros e suspiros de moribundos, noites nupciais, lágrimas de separação, sustos de revoltas, conspirações de liberdade, escondimento de escravos, júbilo de festas públicas é íntimas...

E o Corpo Santo também se desmanchava. A cantaria da fachada, os sinos das torres, os retábulos do teto, a talha dos altares, o mármore do piso, as pias, as molduras das tribunas, as portas almofadadas, deitavam-se pelos terrenos vagos da vizinhança. Ao pé da ponte, que também viria a ser substituída em sua estrutura de ferro pelo concreto armado, o Arco da Conceição igualmente ia pouco a pouco privando-se de suas pedras e de sua fisionomia própria. A capelinha ao alto já não falava

aos fiéis. O bairro do Recife, aquela "outra banda" dos velhos habitantes de Santo Antônio e da Boa Vista, iria ser outro: as gerações mais novas, de fracas impressões de retentiva, dali a tempos não saberia mais como aquilo fôra. Sòmente os mais idosos, antes de irem "estudar a geologia dos campos-santos", falaria ainda dêsse burgo onde o Recife nascera, tão enviesado de ruas e ruelas, com seu Pátio do Corpo Santo, com seu Cais da Lingüeta, com seu Beco Largo, com seu Forte do Matos, com tantos outros recantos cujos nomes por si eram uma cartilha do abc da cidade...

Tudo no chão. Nunca se vira uma loucura assim. E não faltava quem não acreditasse no ressurgir das atividades por êsses terrenos imensos, cobertos alguns de telhas, caibros, postigos, tijolos, pinhas, traves, soalhos, que os jornais anunciavam que se vendiam barato... Qual! . " Por longos anos, seria um deserto, uma tristeza, umas ruínas. Somente para destruir o que estava feito e incomodar os moradores... "Pretexto para comilanças" - resmungavam com acidez. Bom para criar porcos e galinhas, ironizavam outros. Os flamengos não fizeram tanto... - opinava um amigo da História. Os mais devotos, passando perto dos destroços da Matriz, benziavam-se, oravam baixinho, como a entrever na imaginação a saída da procissão do Encêrro, a missa cantada dos dias santos, o ofício de trevas da quarta-feira maior.

Descrença do progresso. Nem mesmo o brotar dos novos edifícios do London Bank, da Associação Comercial, da Equitativa, fazia-os acreditar nas avenidas. Ficaria naqueles!... Onde arranjar dinheiro para construir o resto?

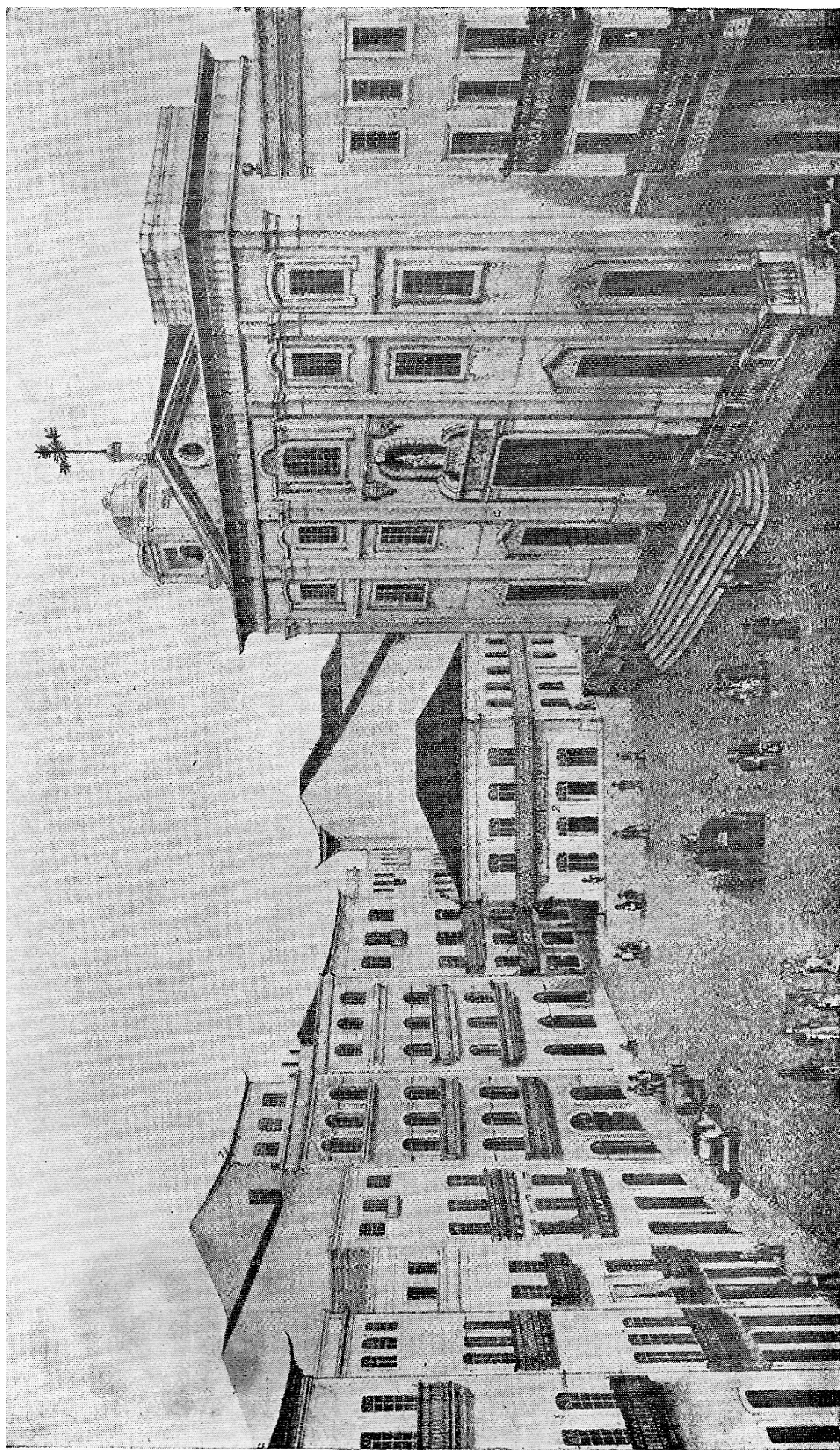
Contudo, havia os que tinham fé. Os que sonhavam com um Recife parecido com o Rio de Janeiro do Prefeito Passos. Por que não? Os terrenos não chegariam para os que quisessem. As avenidas mostrar-se-iam breve onde, como contavam, há centenas de anos viviam jangadeiros e marujos.

* * *

No traçado de seus logradouros públicos, que já se caracterizara, a bem dizer, desde os primitivos caminhos do "Povo dos Arrecifes", ampliados na época holandesa e estendidos à Mauricéia no tempo de Maurício de Nassau, o Recife modelara a sua fisionomia própria e inconfundível. Porque ela não se parece com nenhuma outra, nem mesmo com a Veneza a que Gonçalves Dias a comparara, abrindo o hábito de comparações semelhantes. Mas Joaquim Nabuco, em página imortal, já dissera:

Melhor, porém, do que em Veneza, os canais do Recife são rios, a cidade sai da água doce e não da maresia das lagunas, e seu horizonte é amplo e descobertas as suas pontes; são compridas como. terraços suspensos sôbre a água, e o oceano vem se quebrar diante dêle em um lençol de espumas por sôbre o extenso recife que o guarda como uma trincheira, genuflexo, imenso, onde o eterno aluidor de terras se ajoelhará ainda por séculos diante da graça frágil dos coqueiros.

O Recife tinha o seu *facies*, êsse rosto de beleza que todos nós, embora insensibilizados pelo quotidiano dos percursos ou o imediatismo dos interesses, de quando em quando focalizamos com atenção e enlêvo, como a paisagem emoldurada de nosso berço e de nossa vida. E, então, como que experimentamos uma sensação que foge



O Pátio do Corpo-Santo

à banalidade de um mero conhecimento para se expressar penetrante e emotiva em uma particularíssima afinidade com os seus recantos menos ostensivos. Tôda a rêde de seus arruamentos está palpitante nos nossos olhos, pôsto não os possamos abranger numa visão de conjunto, senão do alto. Pouco importa nos situemos na Praça da Independência, estuante de transeuntes, ameaçadora de caminhões e limusines, barulhante de bondes e de pregões, ou no Pátio de São José de Ribamar, com sua quietude, seu templo dos pescadores, sua gente cujas cabeças curiosas golfam dos postigos das casas térreas de feição primitiva. Assim como há os pátios e as ruas para se nos tornarem indefiníveis no que nos comunicam e nos confiam, há, igualmente, os becos, misteriosos, sombrios, maldosos, e os cais com a sua poesia intraduzível e incontável. Já nas estampas de antanho se vêem os casais e os passeantes isolados perambulando pelos cais, por entre as pretas do mungunzá ou das tapiocas, olhando as águas do rio em que se balançam os brigues de velas recruzadas, as canoas empurradas a vara, as jangadas na pesca, os botes de excursões fluviais onde os pares parecem se prometer a novos beijos e amôres... Não se precisa lembrar que na fisionomia do Recife o rio predomina, porque êle está a se nos proporcionar a cada volta de percurso: numa rua que o contorna, noutra que a êle vai ter, numa janela ou soteia que o sobrepuja; numa ponte que o galga ou numa amurada que o contém. Essa poesia do rio reflete-se notadamente nos seus cais, sejam os de recreio e de elegância, como os da Aurora e da Rua do Sol, sejam os de trabalho, ainda com um aroma do passado, como o do Apolo, com seus fundos de armazéns de açúcar, seus negros suados e suas alvarengas prenhes de sacos ou vazias balançando-se nas águas crêspas.

Os cais do Recife revestem-se, a seu modo peculiar, de um encanto e de uma sedução experimentados, ao que se vê das velhas gravuras, desde as mais distantes gerações que os palmilharam. Os pintores da época exteriorizaram, mais talvez do que o teriam pretendido, êsse enlêvo dos transeuntes, amiudando-lhes os passos, paralisando-os mesmo, num à-vontade de marcha ou de pouso, com os olhos voltados para a fluência do rio. Uns se encostam ao muro de amparo; outros indicam um motivo de curiosidade; outros e mais outros procuram e conseguem no cenário o que lhes enfeite a atenção. Porque havia, na época, uma movimentação fluvial maior que a de nossos dias em uma cidade tão provida de diversos meios de transporte, escassos então. As viagens para os subúrbios, as mudanças de trastes, os passeios das autoridades, o transporte dos tijolos e da lenha, o embarque na barca de vapor, tudo se efetuava no bergantim a muitos remos, no escaler de um só remador, na canoa a vara ou a velas. E nem faltava às vizinhanças das novas pontes, tão admiradas por sua vez, a visita dos brigues, sumacas e iates, cula vida dos conveses prodigalizava aos observadores dos cais cenas de coloridos estranhos. Tão estimado nas suas graças e nos seus préstimos o rio, que os belos solares da Madalena, da Ponte d'Uchoa, do Monteiro, quando não voltavam fachadas principais para as águas do Capi-baribe, debruçavam nêle escadarias vistosas, muros de caramanchões floridos com bancos de azulejos, dispondo de turcos que fàcilmente desciam pequenas embarcações predispostas ao confôrto de tapetes de veludo para as excursões e as serenatas...

As águas ilustrando, nas estampas como na realidade, a vida do Recife, transitando pelo centro da cidade ou pelos arrabaldes onde o rio se constituía em um dos motivos essenciais de atração pelo seu banho e até pelo seu préstimo purificador nas noites de tradições do Batista:

Oh! meu São João!
Eu já me lavei
As minhas mazelas
No rio deixei.

A expressão "maré" tão familiar às bôcas de nossos antepassados e não raro ainda hoje no vocabulário de nossa gente, afiança a importância das águas- no currículo recifense. "Maré me leva, maré me traz", "estar de maré", "espia-maré" são locuções muito ao sabor de nossos avós.

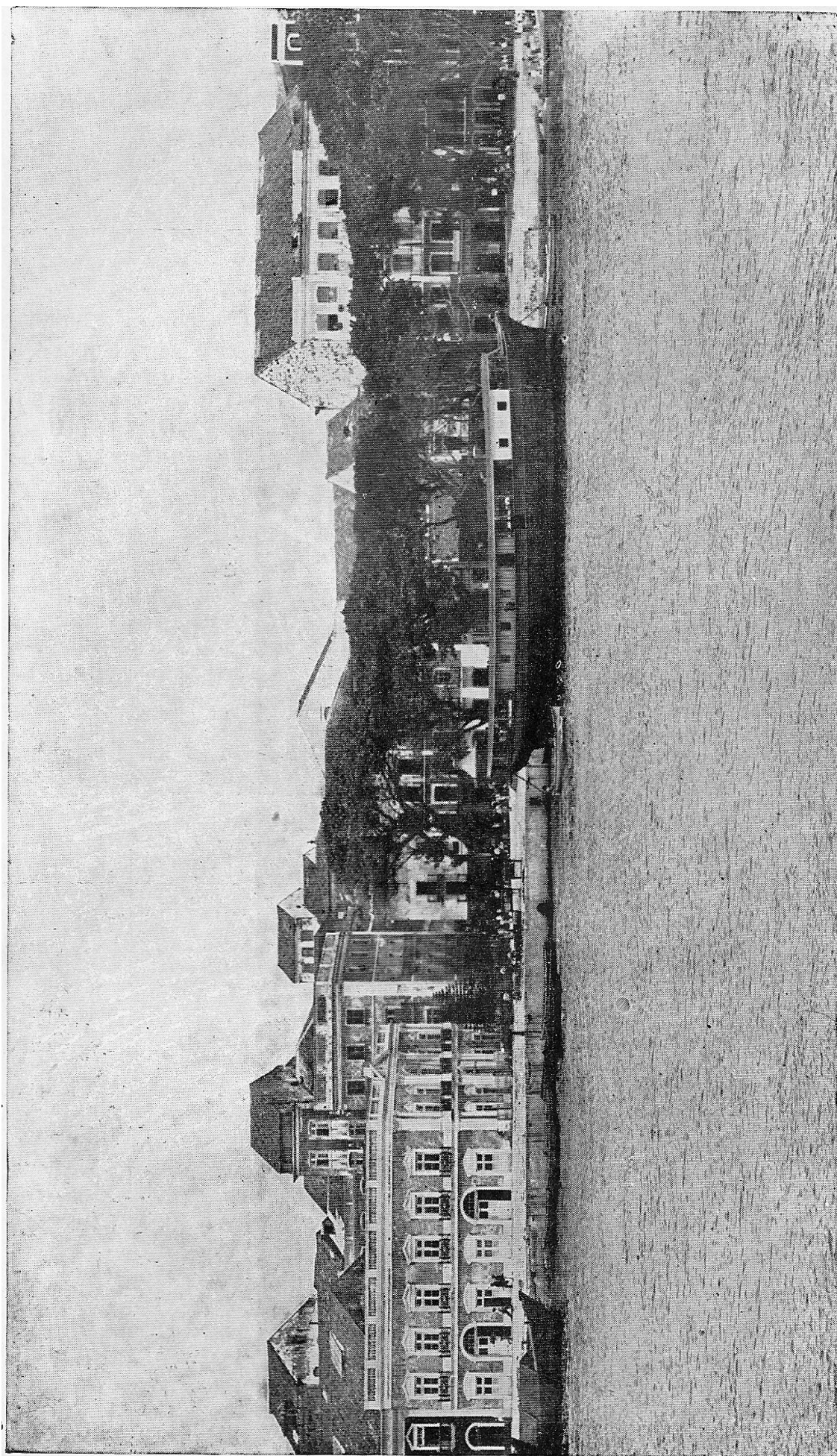
Eu adoro uma laiá
Que quando está de maré
Me chama muito em segrêdo
Para me dar cafuné.

Ou aquela outra quadrinha aproveitada nos contos infantis:

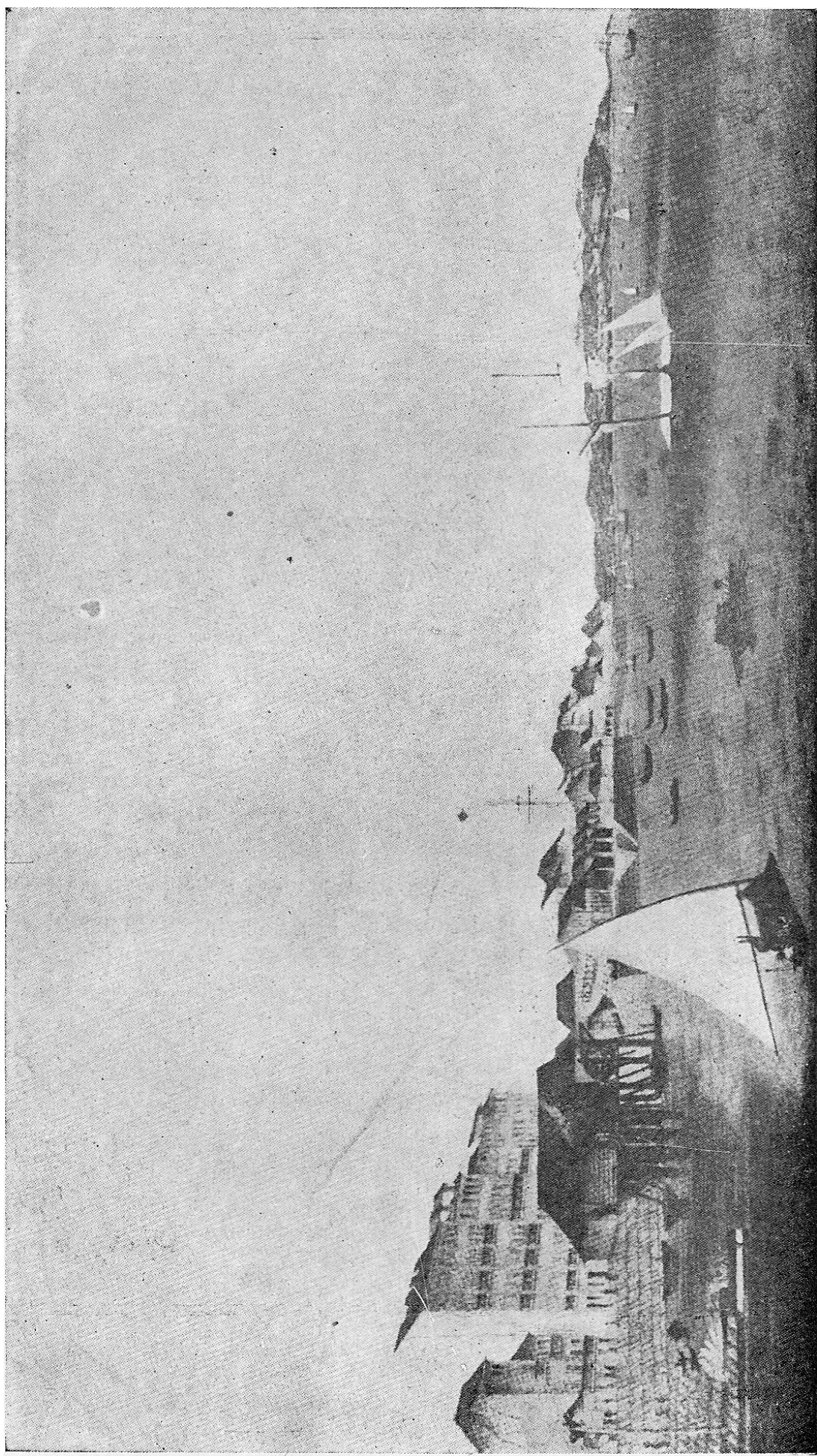
Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré.

Dêsse namôro com o rio pincelaram-se as nossas formosas e típicas ruas da Aurora e do Sol de denominações definidoras, e as que preferiram guardar seus títulos afirmativos de cais: o do Capibaribe, do Forte do Matos, do Colégio, do Apelo, da Lingüeta... A Rua da Aurora aristocratizar-se-ia com as moradas de sobrados, e de braços dos viscondes e das baronesas, com portões para a saída das carruagens, tetos estucados, lustres de cristal, salões à moda de Paris, e dentro dêles também quadrilhas, madrigais e indumentos parisienses, ditados pelo Conde da Boa Vista e pelo poeta Maciel Monteiro... Rua da Aurora, o mais belo balcão da cidade, beirando as águas, com seu cais primitivo de pilastras conjugadas por correntes de ferro, sem dúvida numa evocação popular das naus criadoras do país. Cais da Regeneração, ou do Abacaxi, pelos montes do fruto, debaixo das gameleiras, expostos à mercancia de uns e ao paladar de outros. Cais da Lingüeta, que os velhos não esquecem, pórtico do Recife de há 40 anos, cheio de flagrantes marítimos, vapôres ancorados ao longe, "golas" e "mulheres-damas" de flor espetada no cabelo, vitórias e berlindas em chegada da Europa, "açucareiros" acertando negócios da safra, ou tomando grogues no Schichlander, o mar arisco levantando espumas sôbre os arrecifes, a cutucar o rio, que não fazia caso e se mantinha, quieto e agasalhador das quilhas de agora como das de antanho.

Outros cais e outras praias, às quais chamamos mais docemente de "beiras de rio", se alongam pelos arrabaldes ornadas de tufos vegetais de sítios ou de vivendas nobres e humildes. São as margens do Poço, onde os escravos escondidos por José Mariano se refugiavam em barcaças de capim para alcançar o Ceará liberto, e osromeiros de Nossa Senhora da Saúde desciam nas noites das novenas; são as margens do Caxangá, com os banhos famosos nos tempos das alegres pensões; margens do



O Cais da Lingüeta, vestíbulo da cidade no tempo do antigo pôrto



O Cais do Trapiche Novo, depois conhecido por Lingüeta

Apipucos, onde o "passadio de festa" se revestia de tanto agrado e tanto gabo que merecera uma das pinturas mais saborosas de Schappriz, num quadro que vale por uma história dessas vilegiaturas de verão, tanto mais deliciosas quanto mais remotas.

As transformações urbanísticas, por profundas que se tornem, não mudam êsse *facies* da cidade. No Recife, o rio se imporá eternamente à permanência de uma característica urbana. A menos que o aterrem... Êle orientará a lembrança ou a pesquisa numa observação topográfica. Temos prova disto na leitura do *Inventário dos prédios edificados ou reparados pelos holandeses na cidade do Recife até 1654*. Nesse distante Recife de 1654, através dessas páginas sem propósitos pinturescos, nós vemos a nossa cidade de hoje. Fácil a eleição de dois trechos ilustrativos. Êste, por exemplo:

14 e 15 - Da mesma banda do rio, com fronteira para a Rua dos Judeus, estão duas moradas de casas de dois sobrados cada uma, que ambas têm suas lojas, e se servem pela mesma escada, fabricadas de novo pelo Judeu Abraão de Azevedo. Em uma delas está aquartelado o capitão Francisco de Lisboa, do Têrço do Mestre-de-Campo João Fernandes Vieira, ao qual Capitão foram alugadas em preço de vinte e cinco mil réis por ano pagos em dinheiro de contado e a quartéis, e começa a correr dito aluguel desde ditos vinte sete de maio de seiscentos e cinqüenta e quatro.

Essa Rua dos Judeus, onde, no mesmo *Inventário*, há várias outras casas com tra-seiras para o mar, é a Rua do Bom Jesus de hoje, com os mesmos sobrados em colocação idêntica. O *Inventário* está referto de prédios situados em ruas que fàcilmente os mais velhos verificaram terem sido a Rua da Cadeia, o Pátio do Corpo Santo, e outros trechos do bairro do Recife que tanto conhecemos por volta de 1900.

Umas casas de dois sobrados com lojas no terreiro da Igreja, fronteiras à porta principal, feitas pelos Flamengos...

Se atravessarmos a ponte construída por Nassau, estaremos logo na "porta de Santo Antônio", onde está a porta de Serventia que vem dos Afogados, na qual assiste um Capitão de Infantaria, com as portas fabricadas pelos Flamengos, de tijolo e pedra, e se cerca da banda do rio e do mar como trincheiras e fica por baixo de dita ponte um dique.

Quem não reconhece o Arco de Santo Antônio, que após a restauração passou de porta de Serventia a monumento religioso? Dessa "porta" parte uma "rua direita" muito aludida no *Inventário*, seguida de uma praça, também identificáveis com a atual Rua 1º de Março, Praça da Independência, e depois o corredor das ruas do Ca-bugá e Nova até ao rio. Aliás, êsse traçado é bem reconhecível numa velha planta da época holandesa. Nela, igualmente, se podem reconhecer vários outros trechos do "Povo" e de "Mauriciópolis", como sejam a Rua do Imperador de hoje, o Pátio de Pa-lácio, o do Corpo Santo, a Rua da Cadeia, etc. E há curiosidades como a primitiva ponte ligando Santo Antônio à Boa Vista, a qual partindo do palácio dêste último nome e demandando a "Ponte Velha" de agora, não era reta; perto de seu encontro no continente fazia um ângulo.

Não se obliteram os traços marcantes da fisionomia de uma cidade. Quem há mais



*O Arco de Sto. Antônio demolido em 1917 e o bonde de burros desaparecido em 1914.
A Rua Nova no começo do século XX*



Rua do Bom Jesus – outrora dos Judeus e da Cruz – com a torre do arsenal da Marinha e o chafariz de “água de encanação”. Ao fundo desta rua ficava o Arco do Bom Jesus – demolido em 1850.

Rua 1º de Março, outrora do Crêspo. Ao fundo a praça da Independência, com as lojinhas, e a Rua do Cabu-gá, ainda estreita.

Aparece uma das torres da Matriz de Sto. Antônio.

de século viveu e no presente ressuscitasse não se perturbaria com as transformações de sua cidade a ponto de nela deixar de encontrar com abundância motivos de recordações e de saudades. Ademais, existe em cada cidade, para os que a amam e muito sabem senti-la, uma impregnação tôda peculiar, como um aroma pessoal, que os anos não destroem. No Recife êsse particularismo se evola num sino, num pormenor de procissão, num desvão de bairro, numa volta do rio, num perfume de tabuleiro, numa galhofa do povo, numa toada de Carnaval, numa alamêda de sítio, num sabor de oiticoró ou de abacaxi... Tôdas essas coisas haverá em diferentes terras, mas no Recife elas se harmonizam com a paisagem no nosso entendimento.

A ânsia por um Recife que se defina integralmente pelo conceito de Pedro II - "Pernambuco é um céu aberto", - ao desembarcar no Cais do Colégio em 1359, é velha. Tôdas as gerações insatisfeitas têm assim suspirado. A 7 de fevereiro de 1858 um jornalista que escrevia no *Diário de Pernambuco* um rodapé sob o título "A Carteira" dêste modo se expressava:

Ninguém contesta que a capital de Pernambuco, debaixo do ponto de vista da natureza, seja uma das mais belas cidades conhecidas. Os estrangeiros que por aqui passam confessam esta verdade, mas lamentam até certo ponto que essa beleza natural tenha sido tão pouco desenvolvida pela arte e pela ciência.

Sentada em uma magnífica planície, que para o lado do Ocidente permite-lhe estender-se numa vasta proporção; dividida em três partes por dois rios que, juntando-se em um ponto, vão depois de curto trajeto unir as suas águas com as do oceano; a cidade do Recife está destinada a vir a ser a estrêla mais brilhante da constelação brasileira.

Em seguida, porém, o cronista lamenta a falta de melhoramentos, "cuja realização julgamos útil e necessária para esta cidade". Principalmente um parque, um "jardim público para recreio geral". Com tabuleiros de flôres, aviários, um museu, bancos, banda de música duas ou três vêzes por semana das 5 às 7 nas noites de escuro e até às 9 nas de luar. Lugar para "refrescos e petiscos". O parque deve ser alumiado a gás, sendo proibido nêle fumar. Entre as plantas - cafeeiros, algodoeiros, canas do Brasil, e outros "paus de frutas". Havia sítios apropriados, a escolher: na Soledade, entre o Corredor do Bispo, a Rua do Pires e a do Sebo; no Mondego, entre esta rua, a da Trempe e a do Sebo; outro entre Soledade e o caminho para Ponte d'Uchoa.

Agora vamos ver outra idéia que... ainda hoje, um século transcorrido, de vez em quando se agita. O do transporte regular pelo Capibaribe. Os carros estavam caríssimos e a condução escassa e ruim. Daí o projeto de uma companhia de navegação fluvial a vapor. Uma embarcação espaçosa, rasa, com tôlido para os dias de sol ou de chuva, com trapiches para partida e escalas. Sairia do Pôrto das Canoas, no bairro do Recife, e tocaria na Boa Vista, nos Coelhos, na Capunga, e no lado oposto, na Torre, na Ponte d'Uchoa, em Santana, Poço da Panela, Monteiro e Apipucos.

Quanto o jornalista de "A Carteira" estaria em voga nos dias que correm, em que o transporte é mais do que uma dificuldade, um "bilhete de merecimentos para o céu"!

Outros alvitres acudiam à pena dêsse comentador do Recife de há cem anos, sempre com a avidez de fazer da nossa cidade a "estrêla da constelação brasileira".

Havia pessimistas que explodiam:

- "Esta terra nunca passará de uma aldeia."

Outros, sem azedume, prognosticavam confiantes :

- "Isto aqui há de progredir! Dêem-nos um pôrto moderno e deixaremos de ser aldeia grande."

Ambos os grupos afinavam num idêntico anelo: o de um Recife cada vez melhor.

E, nesse anseio sempre crescente, não estariam senão repetindo o desejo de um daqueles remotos pescadores do século XVI que, sentado numa jangada, teria dito a um marujo de vigia a um rôlo de espias:

- Quem me dera já ver êstes trapiches virando uma povoação!

* * *

E se vila o "Povo" fôra pela graça régia de D. João V em 19 de novembro de 1709, a despeito das ciúmadadas dos olindenses, editais mandavam pôr luminárias em sinal de júbilo público por haver sido o Recife elevado à categoria de cidade pela Carta Imperial de 5 de dezembro de 1823. Tigelinhas de côres, foguetes, repiques, filarmônicas, gente nas ruas.

Mas ainda não seria tudo. Se a sede do govêrno era aqui, se aqui morava o Governador e as outras autoridades, se o Bispo tinha seu palácio na Soledade, onde vivia mais que no alto da Sé, por que não capital o Recife? O Tribunal da Relação criado em 1821 fôra no Recife instalado. E então?

O Senado da Câmara de Olinda protestara. Pedira a Pedro I o Tribunal para seus muros, depois de apelar em vão para Luis do Rêgo e a Junta do Govêrno Provisório. O Presidente Mayrinck Falcão anda aborrecido com as queixas dos olindenses. Iria lá o govêrno de Pernambuco meter-se mais naquele velho e esquecido burgo de que os versinhos satíricos afirmavam ser refúgio único de

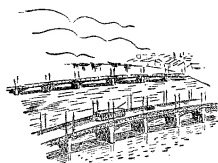
Beatas e baratas?

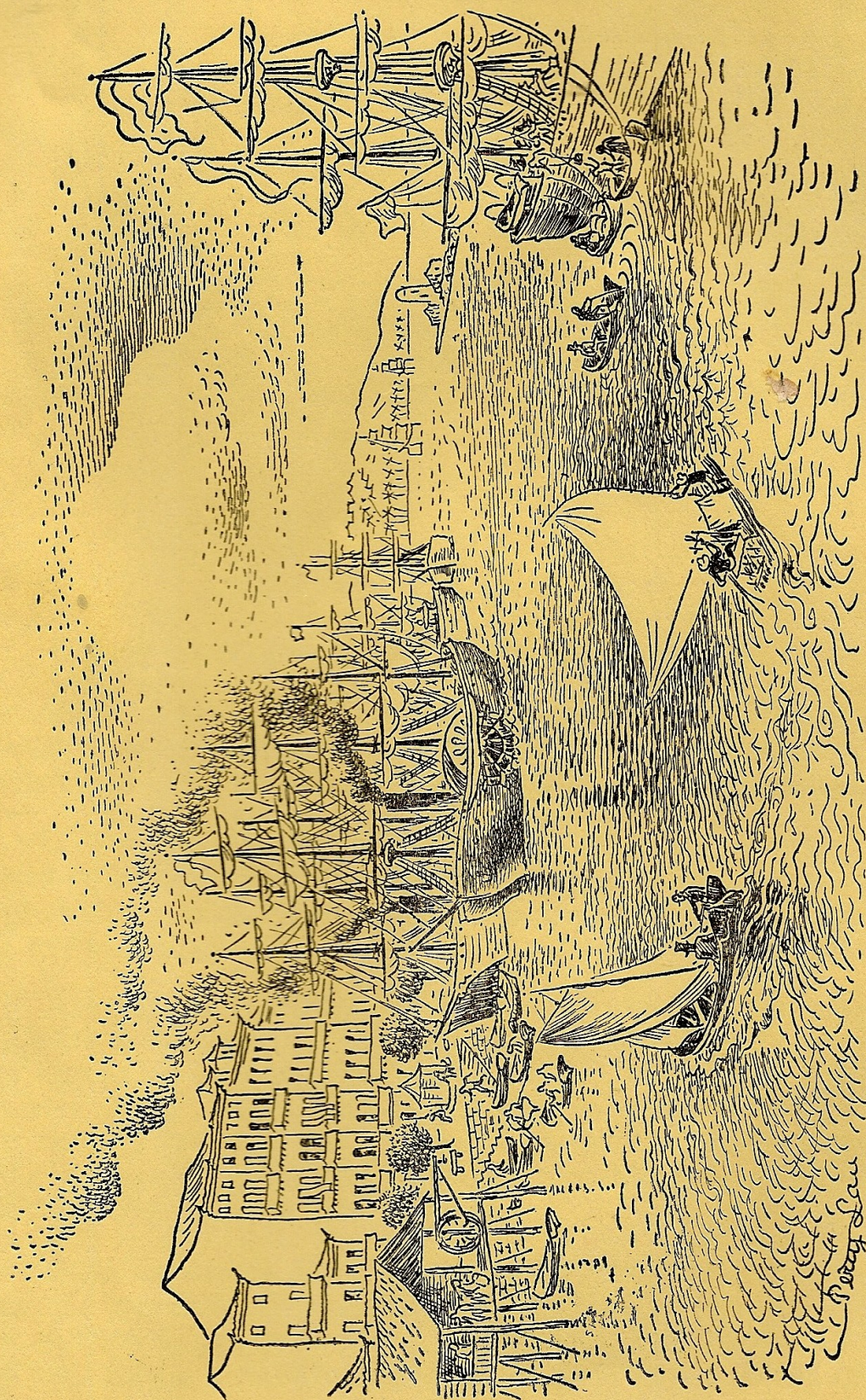
Teria graça essa volta ao passado. Não êle que se fôsse viver em um claustro ao invés de gozar a existência numa cidade alegre e moderna. Que esperança! Chama o secretário e manda baixar uma portaria: O Recife seria provisoriamente a Capital de Pernambuco. Olinda não passava de uma "capital de mentira". Estava-se a 29 de dezembro de 1825.

Olinda pega fogo e, como não pode mais recorrer às armas, recorre ao Imperador. Pedro I anda escabriado com os pernambucanos. Meter a mão em combuca outra vez... E a tal da Confederação do Equador? Custara-lhe até o remorso de mandar matar o pobre do Frei Caneca. O melhor era, como se diz hoje, "desapertar"... Fê-lo hâbilmente : o Conselho Geral da Província que decidisse o barulho das duas Câmaras.

E o Conselho Geral da Província resolve a 15 de fevereiro de 1827: a Capital é onde se expedem os negócios. Portanto, o Recife passa a ser de uma vez para sempre a Capital.

Os moradores do "Povo" não haviam querido tanto.





A grande voga dos vapôres começava... Eles ancoravam defronte do cais da Lingüeta



Um tiro de peça no silêncio provinciano da cidade.

Ninguém se assustava. Ao contrário: corria um frêmito de satisfação e de curiosidade. Nem eram mais as conquistadoras urcas holandesas, nem as escunas represoras de surtos revolucionários.

O tiro fôra do forte Quebra-Pratos. O vetusto baluarte próximo do Arco do Bom Jesus das Portas, que ao atirar fazia estremecer tôda a louça da vizinhança, não sendo raro terrinas e xícaras se estilhaçarem.

Mas por quê êsse disparo? Salva de aniversário dos soberanos ou gloriosa data pátria? Não. Apenas a aproximação do "paquête" da Europa ou da Côrte. Já estava à vista: vêrgas embandeiradas, velame aberto... A baleeira do práctico lá se ia ao encontro do barco anunciado. Trá-lo-ia dali a pouco ao abrigo dos arrecifes, se é que não se desse a um luxo de tonelagem bastante para arriar o ferro no Lamarão, longe do farol da barra.

Navio da Europa ou da Côrte: passageiros, carga, cartas. Cada um que buscasse seu interêsse. No Trapiche Novo, na Alfândega ou no Correio, que ainda não tinha carteiros. Viagens de 60, 90 dias ou mais para a Inglaterra ou Portugal, e de 20 para o Rio de Janeiro.

O pôrto tinha sempre uma bela fisionomia. Veleiros muitos, de vários mastros e tipos, largas vêrgas, altas gáveas, rijos cordames. Nem parecia mais o ancoradouro de quase quatro séculos atrás, quando na praia jangadas e armazéns velavam pela pesca das cavalas e siobas ou pelas carradas de caixas de açúcar ou pipas de vinho. O "povo dos arrecifes", apenas. Ao longo da muralha de pedra que Deus estendera diante da península para separar o rio do mar, mordiam as âncoras a vasa do fundo

das águas cativando os brigues, as naus, as sumacas, as caravelas e as galeotas. De vez em quando, um dêles, de porões cheios, escancarava as velas e rompia oceano fora, decidido a vencer os meses de travessia com as asperezas de tormentas ou imobilidades de calmarias. Fôra assim por três centúrias. Piratas de arremêso haviam dobrado a pedra da tartaruga e saqueado. Armada flamenga, de centenas de vasos, com rugidos de peças, tinha conseguido calar as baterias do Castelo do Mar e de São Jorge, ancorado, permanecendo, dominando. Chegara, porém, o dia de se irem embora, murchas de belicosidade, vazias de mercancias, quebradas na grimpada de superioridade. Veleiros sempre. Mais alentados, já, de tamanho, de carreira, de conforto. Esbeltos, alígeros, de castelos esculpidos e de arrogantes capitéis

Traziam do reino as provisões de bôca, os panos de fábrica, os chapéus de Braga, as quinquilharias, as canastras de cebolas, as pipas do Moscatel ou de azeite. O reino entrava no vocabulário popular a todo instante: farinha-do-reino, queijo-do-reino, pimenta-do-reino... Coisas que vinham nas barcas de entesados velames, ligeiras umas, forradas de cobre outras, seguras tantas, como já as gabavam anúncios de jornais. E nelas de retôrno embarcavam açúcar, algodão, couros, pau-brasil, para que êste também falasse do país pelas terras estranhas.

Os "negreiros", também conhecidos como "tumbeiros", tornavam-se freqüentes no ancoradouro. Apontavam no horizonte, e os mercadores das peças negras farejavam lucros.

A negraria desembarcava, magra, trôpega, espantada, nua, rumo ao telheiros de abrigo, perto das praias. Mulheres de filhos aos peitos, homens de olhar feroz, de rosto humilhado, jovens de corpos provocadores da lubricidade dos brancos.

Navios negreiros. A comêço ostensivos, arrogantes, legalizados. Depois, porém, da lei da proibição do tráfico, clandestinos, disfarçados. Daqueles que se tornavam suspeitos nas visitas dos cruzeiros de alto-mar se tivessem a bordo

escoteiras com grades abertas, repartimentos, cobertas corridas ou separação em maior número do que do costume - tábuas aparelhadas para segunda coberta; gargalheiras, algemas, anjinhos, cadeias, maior quantidade d'água que a costumada, muitas pipas, selhas, bandejas para ranchos, caldeira de menor dimensão que a usual, excesso de feijão, carne, arroz, peixes salgados, mandioca, milho...

Navio assim, ia para o tribunal de prêsas, sem jeito.

Paisagem do pôrto que fôra pia batismal da cidade: Arrecifes... Recifes... Os "paquêtes" já realizavam viagens regulares no litoral. Nos dias 1 e 15 de cada mês saía um da Côrte, com escalas na Baía e em Jaraguá, vindo ao Recife. Custavam as passagens, compradas: na Administração dos Correios, 24\$000 do Rio à Baía, 30\$000 a Alagoas, 34\$000 ao Recife, dêste pôrto ao Ceará 11\$000, ao Piauí 24\$000" ao Maranhão 30\$000, ao Pará 34\$000. Não achem barato, porque a comedoria era à parte: mais 24\$000 até Bahia, 30\$000 até Alagoas e 36\$000 até Pernambuco. Na volta do Norte, cobrava-se o dôbro. Criados e escravos pagavam 1/3 da passagem. Crianças de 2 a 7 anos, 1/4. Menores de 2 anos: grátis.

Recomendava-se-lhes tomar sempre rumo conhecido, com a maior fôrça de velas, salvo inimigo ou temporal. Ainda não se cuidava de *black-out*; sem dúvida porque os faróis de azeite de carrapato não o requeriam, na sua minguada intensidade de luz.

A 8 de fevereiro de 1839 o pôrto assistiu a uma extraordinária novidade. Vira pela primeira vez uma barca de vapor, a *São Salvador*, entrada da Baía, por Maceió, 20

horas da última cidade, comandante José Venceslau Gonçalves.

A imprensa não se mexeu para dar do fato uma notícia. Apenas o registro comum na seção marítima. Todavia, no dia seguinte a agência anunciava:

A barca de vapor "São Salvador", com fôrça de 100 cavalos, sairá para a Bahia no dia 10 de fevereiro, domingo, às 4 horas da tarde. Quem nela pretender carregar ou ir de passagem, para o que tem excelentes cômodos, dirija-se ao escritório de Rosas & Braga.

Os comentários na cidade não apoiariam o silêncio do jornal. Êste andava muito preocupado com os editoriais políticos, as correspondências da Europa e os mexericos das solicitadas, quando não com os avisos de fuga das escravas ladinas e bonitas... No cais do Trapiche sobretudo, a primeira viagem da barca de vapor despertara interesse e entusiasmo. Uma realidade maravilhosa a de ir-se do Recife à Côte em oito dias tão somente, sem estorvos de vento contrário. Capitalistas moradores nos sobradões de mirantes das ruas da Cadeia ou de Fora-de-Portas planejavam viagens de negócios ou de recreio nas próximas travessias da "barca de vapor". E tudo a chegar mais depressa. Até as fôlhas com as novidades da Regência Araújo Lima e da questão da Maioridade.

Em abril do mesmo ano vem do Rio outra barca de rodas: a *São Sebastião*, de 149 toneladas, do comando de M. Glover. E não tardou a varar o Capibaribe a barca *Baiana*, também em tráfego.

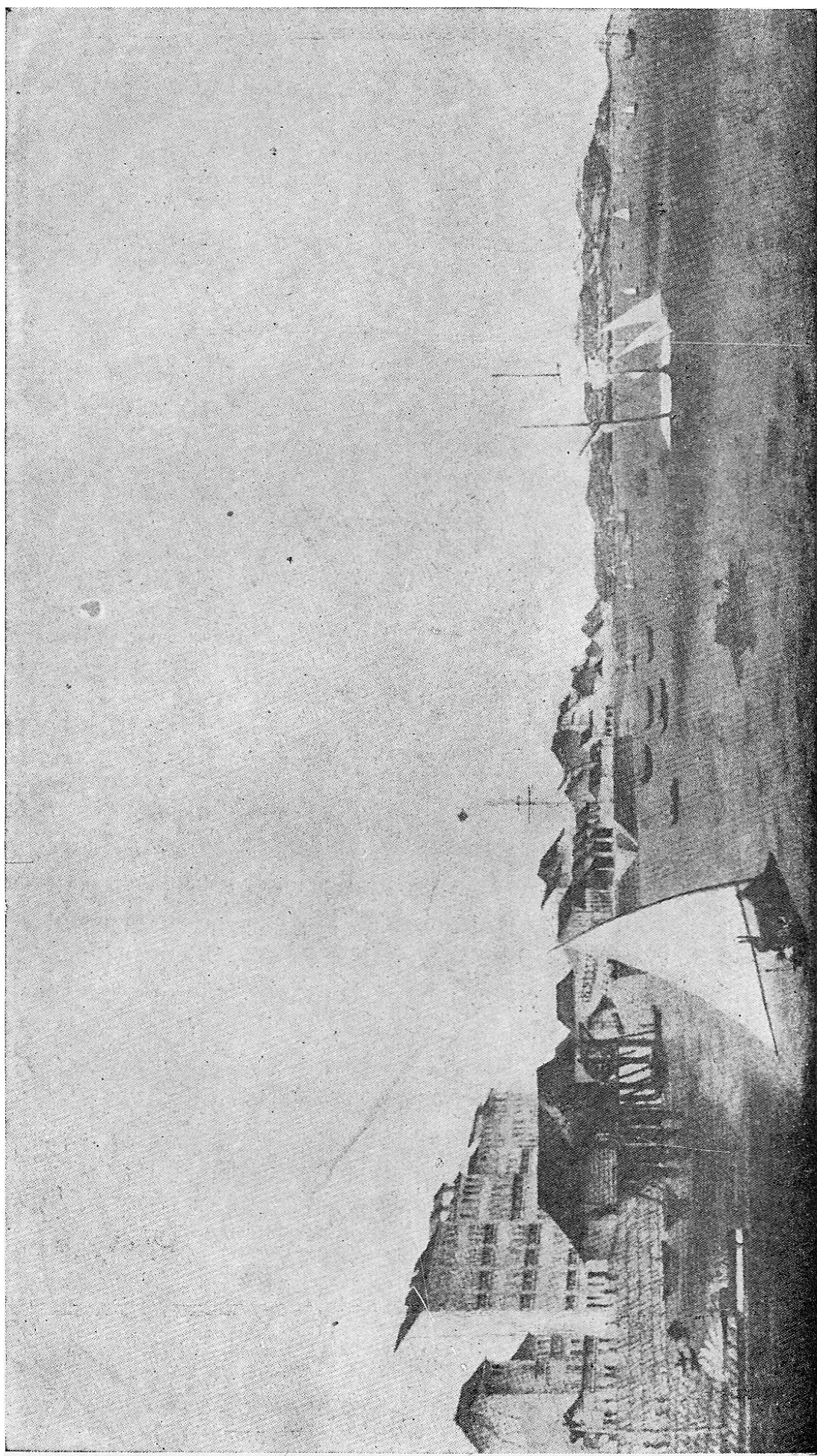
No fim de outubro aparece, procedente de Liverpool, onde se construíra, com 35 dias de viagem, a barca de vapor *Pernambucana*. Já de 230 toneladas - um gigante dos mares! - trazida pelo capitão Francisco Coob e tendo como passageiros em trânsito: John Rey, John Esquit, Archebado Fino, Robert Grade, Constantino Machado Coelho, Carlos e Jorge Neli.

O movimento do pôrto registrava pelo menos quinzenalmente a entrada de uma embarcação daquele tipo. Mais a *Piauiense*, a *Todos os Santos*, a *Paraense*. O notável surto de progresso de iniciativa da Regência estava dando frutos. A ponto de *O Carapuceiro* glosar a moda dos vapôres:

A grande voga dos vapôres. Tudo a vapor. Leis que se fazem, publicam e desaparecem. Repartições que se criam, mudam-se, trocam de nomes, desaparecem. Patentes e títulos que surgem e também se somem. Virtudes de vapor: enquanto há comezainas, boa mesa, carrinho, fausto... Dinheiro de vapor: é pior que tudo. Logo que por desgraça nossa se levantou consideravelmente o valor nominal da nossa moeda, mormente de cobre, os especuladores da moeda falsa surgiram e em tôda parte apareceu o xenxém, que bem podia se chamar de "dinheiro de vapor"...

O *Diário de Pernambuco*, com tôda sua sobriedade, abriu uma seção "Notícias do Vapor".

No correr do ano de 1841 falava-se em paquetes de vapor ao invés de "barcas". Também, os preços de passagens subiram: a Companhia Brasileira de Paquetes de Vapor cobrava para Maceió 25\$000, para Bahia 45\$000, e para o Rio 160\$000 em 1ª classe, Inclusive comida. Note-se, porém, esta Singularidade: as passagens para o Rio custavam 160\$000 de março a setembro, e apenas 120\$000 de outubro a fevereiro.



O Cais do Trapiche Novo, depois conhecido por Lingüeta

Ia o ancoradouro exigindo maiores cuidados. Em 1849 cai ao rio, do estaleiro do Arsenal de Marinha, uma barca de escavação com 74 metros de comprimento pelo convés, 71 de quilha limpa, 20 de bôca, tôda de madeira sicupira . Após o ato do lançamento da barca houve sarau na residência do Capitão do Pôrto, Capitão-de-Mar-e-Guerra Rodrigo Teodoro de Freitas. Essa autoridade fôra o autor de uma ordem pela qual ficava proibida a entrada ou saída de embarcações pela barreta, que seria trancada com correntes de ferro, desde o pôr-do-sol até ao nascer do dia.

Foi a 2 de fevereiro de 1852, dia da Festa do Poço, que o primeiro paquête a vapor de uma carreira regular entre a Europa e o Brasil escalou pelo Recife. O *Teviot*, da Real Companhia de Paquêtes Inglêses a Vapor. Saíra de Southampton a 9 de janeiro. Na véspera, lanche a bordo e brindes. Devido ao *fog* atrasa-se bastante e somente a 15 alcança Lisboa. Admira-se no Recife a rapidez da travessia e a pontualidade da chegada. Vem sob o comando do Capitão Richard Rivett e traz para Pernambuco três passageiros, dois britânicos e um alemão. Seguir-se-iam o *Tay* e o *Severn*.

As passagens nesses vapôres custavam para o Rio 50 patações e para a Bahia 25. A Real Companhia de Paquetes Inglêses a Vapor iniciara as comunicações rápidas com o Velho Mundo. A livraria do Cardoso Aires anunciava a venda de papel de carta com obreias para se escrever no "vapor inglês". Outras companhias em breve imitariam aquela: a Companhia de Liverpool-Sul Americana de Navegação Geral a Vapor, por exemplo. Dispunha dos paquêtes *Baiana*, *Brasileira*, *Lusitânia*, de 1.700 toneladas o primeiro e de 1.100 os dois últimos, já prontos. Construíam-se ainda o *Imperador* e a *Imperatriz*, de 1.800 toneladas cada um.

A Companhia de Navegação Luso-Brasileira, por sua vez, enviava ao Brasil seus paquêtes *D. Maria II* e *D. Pedro II*, que aceitavam cargas, passageiros e cartas, com os portes seguintes: cartas para Portugal e escalas, 400 rs. por oitava, jornais, grátis; para outros países da Europa, 800 rs. a oitava para as cartas, e jornais, 60 rs. cada um.

A *Messageries*, francesa, não fugiria à competição das emprêsas marítimas. O seu *Gironde* teria a preferência de uma das viagens da nossa família imperial à Europa. Chamou-se a princípio "Messageries Impériales" e tinha como um dos seus paquêtes o *Extremadure*, que freqüentou bastante nosso pôrto por volta de 1866. Depois passou a denominar-se "Messageries Maritimes" e com êsse nome serviu ao Brasil até antes da Grande Guerra com transatlânticos de alta tonelagem, como foram o *Brésil*, o *Chili*, o *Portugal*, o *Amazone*, o *Équateur*, o *Atlantique*. Francesa também a *Chargeurs Réunis*, com os vapôres da série *Ville de Paris*, *Ville de Bahia* e outros. Dessa *Chargeurs Réunis* foi também o *Santa Fé*, tornado popular na vida recifense por um acidente. Sofrera aqui um princípio de incêndio, e tôda a mercadoria, avariada pelo fogo ou pela água, veio a ser vendida no comércio com abatimento. - "É do *Santa Fé*" - dizia-se de uma pechincha. A expressão pegou, e muito depois do sinistro ainda se anunciavam mercadorias do *Santa Fé*, baratinhas...

Já apareciam competições entre os vapôres. O "alígero *Tocantins*", da *Brasileira*, vencera a velha barca *São Salvador*, numa viagem do Pará ao Recife, fazendo o percurso em 7 dias e horas. Desdenhava-se a velha barca, a 15 anos de distância do seu triunfo, pioneira que fôra da navegação a vapor em nosso litoral. Nessa época o *Cruzeiro do Sul*, de 1.100 toneladas, vinha em 5 dias e horas da Guanabara ao Capi-baribe.

Episódios curiosos ilustravam a crônica do pôrto. As visitas dos navios confederados *Alabama* e *Florida*, por exemplo. Ia acesa a Guerra da Secessão. Êsses "corsários" pintavam o sete pelos oceanos; o *Alabama* gabava-se de haver incendiado 47

embarcações adversárias. Náufragos foram deixados em Fernando de Noronha. O *Mamanguape*, da nossa *Companhia Pernambucana*, saía até o alto-mar para perseguir tais "corsários", desrespeitadores de nossas águas neutrais. Pedacinhos que se parecem com os tempos de hoje.

Fundara-se em 1854 a *Companhia Pernambucana de Navegação*. Seu primeiro vapor foi o *Marquês de Olinda*, "o mais lindo vapor nacional", conforme anota Mário Mendonça, num excelente trabalho a respeito daquela empresa; esse navio naufragou em Goiana, logo depois de encetada sua vida marítima. Outros navios vieram: o *Persinunga*, que naufragou espetacularmente à entrada da barra do Recife, ameaçando interceptá-la. *Jaguaribe*, *Mamanguape*, *Iguaraçu* pertenceram à sua primitiva frota, vindo depois o *Una*, *São Francisco*, *Jaboatão*, *Beberibe*, *Rio Formoso*, os quais, depois de prestarem ótimo serviço aos nossos produtos e ao nosso comércio, se acabaram melancolicamente nos começos deste século, pelos recantos do ancoradouro, e por fim na praia de Rio Doce, onde os jogaram como num cemitério...

Os navios da *Companhia Pernambucana* tiveram até sua voga de turismo. Sim, turismo de 1868... Excursões à cachoeira de Paulo Afonso, por exemplo. Inscrições para 50 turistas a 350\$000 cada um; incluindo transporte, alimentação e cavalgadas. Outra viagem desse tipo foi aquela realizada até Rio Formoso pelo paquete *Mamanguape*. Saltariam os turistas no pôrto da Calheta, a 100 passos da povoação de Nazaré do Cabo, onde se efetuava a festa de Bom Jesus dos Passos, do Convento do Carmo. 3 horas de passeio por 3\$. O vapor *Camaragibe*, aproveitado nessas excursões, era cognominado "o belo cisne dos mares". Também a ilha de Itamaracá mereceu uma visita aprazível num domingo de outrora.

Um dos barcos da *Pernambucana*, o *Pirapama*, chocou-se defronte de Goiana, em 1887, com o *Bahia*, da Brasileira. Sinistro de conseqüências tremendas, porque o *Bahia* se submergiu e morreram dezenas de passageiros.

Entre muitos festivos dias viu o pôrto, durante a guerra do Paraguai, vapôres chegando do Sul, embandeirados já de longe, num anúncio de boas novas. Traziam por menores de vitórias: Riachuelo, Tuiuti, Itororó, Lomas Valentinas, Humaitá, Assunção. Repiques, salvas, foguetes, músicas, luminárias. E quando voltaram os batalhões, após a vitória de Aquidabã?

Notável data a da chegada dos Imperadores, em sua primeira visita a Pernambuco, a 22 de novembro de 1859. O pôrto vestiu-se das galas das bandeiras. Os cais cheios de gente. E na baleeira que o traz à terra, Pedro II exclama:

- Pernambuco é um céu aberto!

Em outras ocasiões os monarcas transitam pelo Recife e desembarcam. Eram momentos de movimentação, de júbilo, de curiosidade. Não menos quando os príncipes também por aqui andaram. Há uma gravura de Schappriz que evoca bem a passagem do Conde e da Condessa d'Eu no ano de 1865. Digna de ser vista e observada: nos tipos, nos indumentos, nas atitudes, nos barcos engalanados e no paquete, o *Douro*, da Mala Real, no pôrto externo.

A *Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor*, origem do *Lóide Brasileiro*, ia prosperando. Em 1871 renova a frota com três paquetes julgados luxuosos de mais para a navegação costeira: *Pará*, *Ceará* e *Bahia*. E em 1875 viriam unidades melhores: o *Esprito Santo* e *Pernambuco*, gêmeos, com 2 hélices, 258 pés de comprimento, marcha de 12 milhas, 1.746 toneladas, comportando 100 passageiros de 1ª classe, 400 de 3ª. Ambos viajaram por mais de 30 anos, sendo que por volta de 1900 ainda eram iluminados a querosene. Navios de fundo chato e na velhice vagarosos. Em

1885 viria o *Manaus*, paquêto esplêndido no seu tempo, resistente e veloz, a ponto de ter cruzado nossas águas até pouco antes de 1940. Um "vovô" sadio, ágil e pres-timoso. Deu surras em outras mais novos. Seguiram-se-lhe, já com a bandeira do *Lóide Brasileiro*, o *Brasil*, o *Maranhão*, o *Alagoas*, o *São Salvador*, o *Olinda*. Mais mo-dernos, mais confortáveis, mais decorados. A cada um dêles, à primeira visita, tece-ram os jornais os melhores elogios, ressaltando-se sobretudo terem piano a bordo, luz elétrica, salão para senhoras, água encanada... Foram os preferidos do *Lóide* an-tes de 1904, quando novamente a frota se remoja. Vieram os segundos *Bahia*, *Ceará*, *Pará* "malas-reais mirins", e ainda o *Acre*, *Rio de Janeiro*, *São Paulo* e *Minas Ge-rais*, que iniciaram linhas para os Estados Unidos. Eram, realmente, na época, barcos magníficos. O *Ceará* ainda hoje navega com o nome de *Comandante Riper*; o *Acre* é *Rodrigues Alves*, e o *Pará* conserva o primitivo batismo. Menos felizes, os outros três sucumbiram: o *São Paulo* afunda na Guanabara e não o tiram mais; o *Minas Gerais*, crismado de *Prudente de Moraes*, encalha e perde-se no Estreito de Magalhães, a ca-minho do Chile; e o *Rio de Janeiro*, com o nome de *Afonso Pena*, a êsse caberia a sorte de merecer um torpedo dos ultracivilizados submarinos ítalo-teutos.

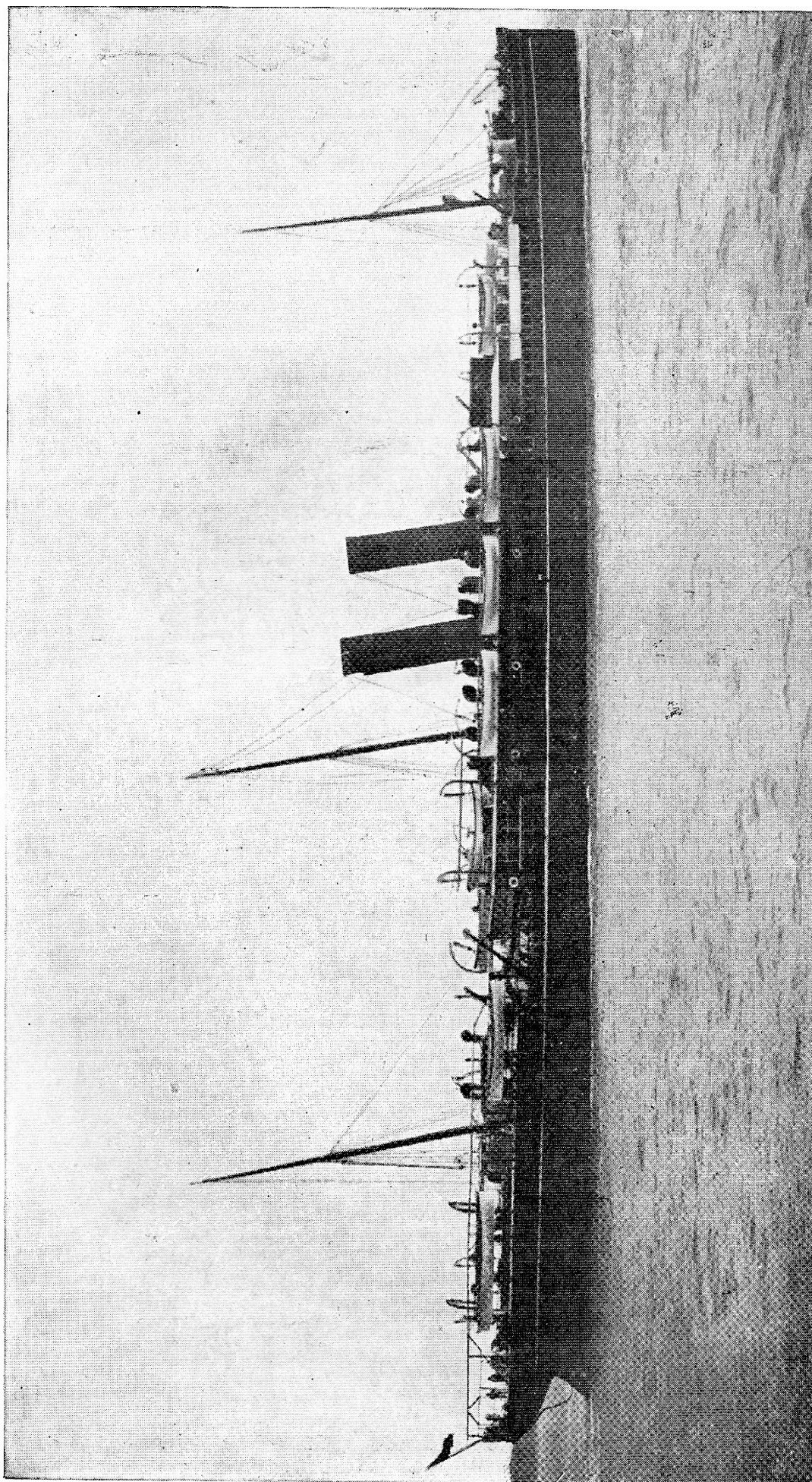
Com o Grande Conflito de 1914-1918, o *Lóide* incorporaria dezenas de grandes vapores confiscados à Alemanha. Uns ainda viajam; outros foram tendo o seu fim na paz e na guerra.

A *Mala Real Inglêsa*, ex-*Real Companhia de Paquêtes a Vapor*" depois do *Teviot*, do *Neva*, do *Douro*, do *Elbe*, do *Tagus*, mandou-nos de 1891 a 1893, cinco paquêtes no-vinhos em fôlha, de grande porte, de belas figuras - três mastros e duas chaminés - que se chamaram *Thames*, *Magdalena*, *Clyde*, *Nile* e *Danube*. 18 milhas. 7.000 tone-ladas. Primores por dentro. Foram durante uns 25 anos a coqueluche dos viajantes da Europa. E muito se viajava para lá nesses tempos de calma, de bons negócios e de vida barata - pela França, por Portugal, pela Espanha... Todos preferiam os "inglês-es", gabando-lhes a segurança, pontualidade, rapidez, bom passadio . Não podiam vencê-los os da *Messageries Maritimes*, da *Hamburg Sudamerikanische*, da *La Velo-ce*, mesmo os da *Pacífico* com seus nomes em O - *Oropesa*, *Orellana*, *Orcana*, *Orita*, *Oravia*...

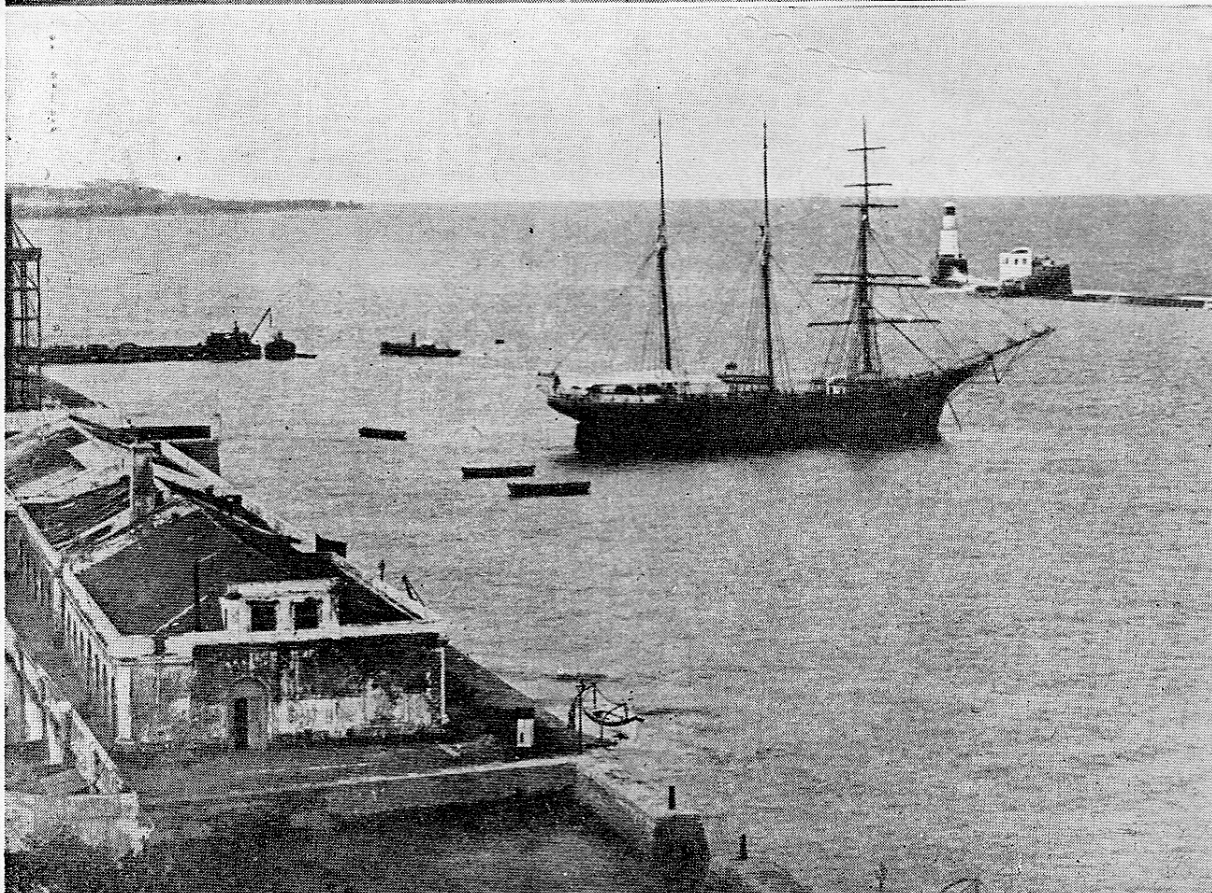
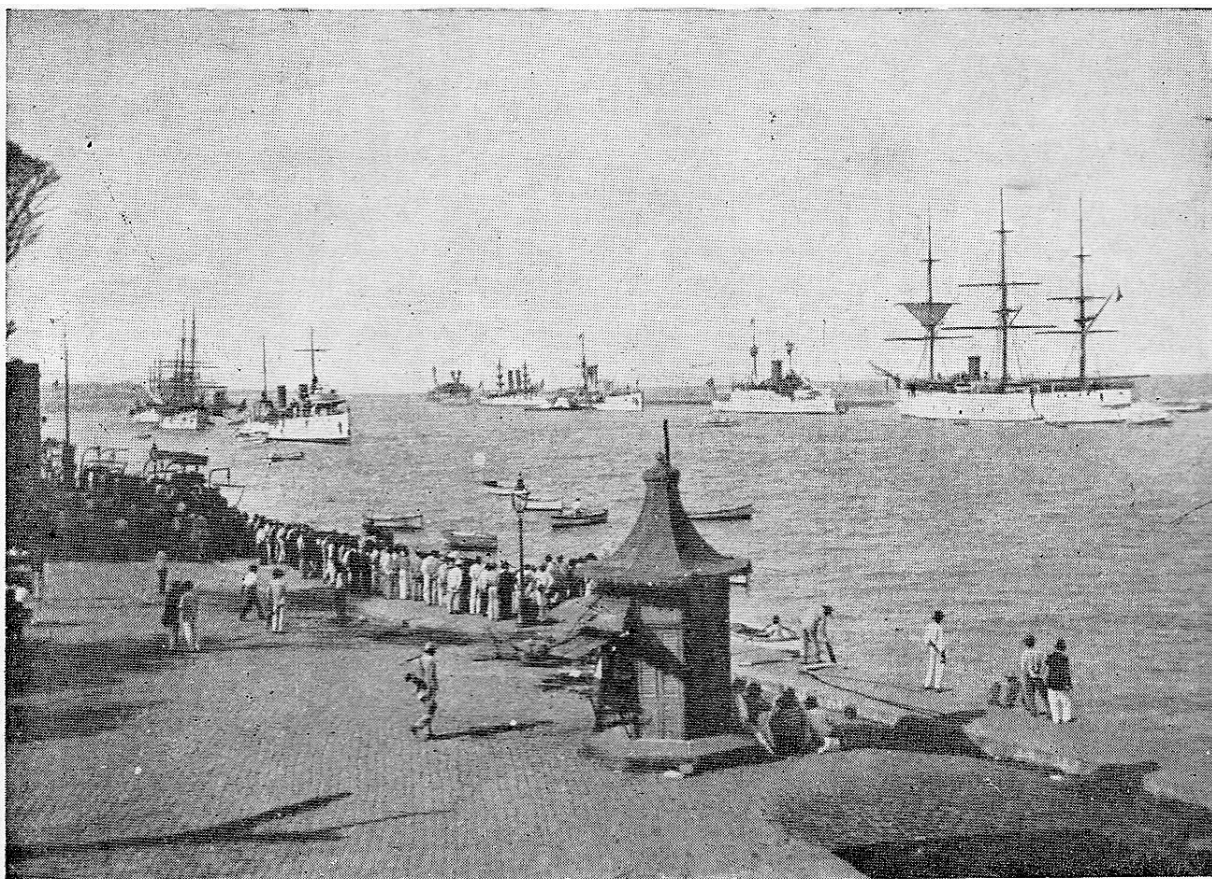
Tempos do Lamarão. O pavoroso ancoradouro externo, pleno mar, distância capri-chosamente longa, mercê da vontade dos comandantes, vagas empoladas, pulos ar-riscadíssimos de escada para os escaleres, dias de ventania de agosto... Tudo se su-portava, contanto que se embarcasse no *Magdalena* ou no *Danube*. £ 20 para Lisboa. 200\$000 para o Rio. Todavia êsses paquetes iam envelhecendo, e a Mala Real prima-va por manter a supremacia. Um a um vêm o *Aragon*, o *Amazon*, o *Araguaia*, o *Avon*, o *Arlanza*. Ah, que "palácios flutuantes"! Decorações, cabinas modernas, ca-mas ao invés de beliches, salões de música, de jogos, de refeições, primores de gô-sto, conveses amplos, orquestras, telégrafo sem fio... Aquilo, sim! Qual *Clyde*, qual nada! "Inglês era inglês." Os submarinos da outra guerra torpedearam quase todos.

Em 1912, a *Costeira*, acompanhando o progresso das construções navais, substitui seus minúsculos *Itaqui*, *Itaperuna*, pelos *Itajubá*, *Itapura*, *Itajiba*, *Itatinga* e outros da série. Ainda pequenos mas convidativos, velozes, limpos, simpáticos. E não ficou nisto. Mais uns anos e apresenta os Itas maiores: os conhecidos *Itaimbé*, *Itapé*, *Ita-najé*, *Itaité*, *Itapagé*, *itaquicé*. 6.000{ } toneladas. 16 milhas. Flechas de ouro da cos-ta, competindo em breve com os quatro Aras, famosos igualmente na velocidade.

O pôrto já não era o mesmo. Por tão longos anos o seu balcão e o seu vestíbulo haviam sido a "Lingüeta". Que era a Lingüeta? A antiga praia e depois cais do Trapi-che. Calçaram-na, plantaram-lhe umas gameleiras, puseram-lhe em roda uns banqui-



Um dos belos paquetes ingleses — o "Nile" da Mala Real — que levava à
Europa a gente rica do Recife



O cais da Lingüeta, cheio de curiosos diante de uma esquadra brasileira que visitou o Recife em 1905.

O antigo ancoradouro interno do Recife. Ao lado do farol da barra o Forte do Picão que com o nome de Castelo do Mar defendeu a povoação contra a armada holandesa em 1630.

nhos de ferro de serventia e agrado incalculáveis. A ponto de, mais de uma vez, tendo êsses cômodos assentos sofrido estragos, reclamarem os jornais da municipalidade consertos urgentes, sob pena de os moradores locais se encarregarem disso. Nos sobradões que olhavam o mar quatro e cinco andares com mirantes, ficavam hospedarias e restaurantes de nomes franceses: *Hôtel de France*, *Hôtel d'Europe*. Ou *ship-chandlers* afreguesados de comerciantes, marítimos, práticos da barra, funcionários aduaneiros. Também escritórios e a *Western* - "o cabo submarino" ou "telégrafo inglês". Ali na Lingüeta chegava-se de longe ou para longe se partia. Ali, também, se discutiam, se combinavam e se fechavam transações de açúcar, algodão, peles, câmbio. Cenas variadíssimas. Pretas vendendo bolos, canjica, bonecas de pano ou jangadinhas de brinquedo. Carroças puxadas por bois em trânsito. Carros de luxo das cocheiras à espera de viajantes. Gente a abraçar chorando ou a beijar sorrindo. Músicas da linha. ou particulares tocando em recepção ou em despedida. Em horas menos luminosas ou intensas de bulício, marujos requestavam mulatinhas dos becos circunvizinhos, de flôres nos cabelos pixains...

A Lingüeta, vestíbulo secular e queridíssimo. Pedaco típico daquele bairro do Recife angustiado de ruas tortas e de becos sombrios, derrubados pelas picaretas reformadoras do comêço do século. Espetáculos dos mais imprevistos também ali se ofereciam. Uma. aposta entre dois catraieiros, certa tarde. Qual dêles iria a remadas até o Lamarão contornar um vapor fundeado no ancoradouro externo, voltando primeiro à Lingüeta? O que perdesse pagaria 200\$000 e daria o seu bote. Aceito o páreo. Testemunhas. Um fiscal da Capitania. O povo afluí para assistir à corrida. E partem, remam, afastam-se, surgem no alto-mar, rodeiam a embarcação estrangeira, e regres-sam. O vencedor é aclamado e levam-no a um dos botequins para beber.

De um paquêto do *Lóide* certo passageiro ao desembarcar deixa cair, segundo afirma, um cofre em que trazia três dezenas de contos de réis em libras esterlinas, e outros valores. O cofre mergulha nas águas do rio. Faz-se um ambiente de curiosidade em tôrno do caso. Durante dias escafandristas descem e procuram. Todos esperam o resultado. Só se fala no cofre, e afinal êle não aparece.

A Lingüeta tinha sempre uma novidade. Hábito velho, de quem fica à porta da cidade. Não fôra dali que o popularíssimo Garrafuz, no século XVIII, embarcara de modo inédito para Lisboa? Era êle filho de um fogueteiro, e um boêmio integral. Certa vez dá-lhe o pai uma moeda, um patacão, para trocar ali pelas redondezas. Sai Garrafuz de loja em loja, e nada. Já havia dificuldade de moeda miúda sem existirem ainda as passagens de bondes... De déu em déu, Garrafuz chega à Lingüeta, de onde costumava admirar os navios e os marujos. Ali, um grupo dêsses convida-o:

- Vamos a Portugal, Garrafuz? E o rapaz responde :
- Vou, sim.

E com a maior naturalidade do mundo desceu a rampa, tomou o bote e meteu-se na barca. Estêve uns dois anos ausente sem dar novas de si. Até que um dia desembarca na Lingüeta, toma o caminho de casa, entra na tenda do pai e, como se tivesse dali saído meia hora antes, restitui-lhe o patacão, dizendo:

- Não achei trôco, não.

De outra feita, a Lingüeta teve uma nova evidência. 1905. Santos Dumont, em princípio de sua imensa glória de pai da aviação, passaria pelo Recife, de regresso a Paris. Preparam-lhe estupenda manifestação. O cais ornamenta-se a gôsto. O povo enche-o. O vapor francês *Atlantique* é esperado à tarde, mas atrasa-se, e escurece sem que êle apareça no Lamarão. O *Beberibe*, da *Companhia Pernambucana*, saíra

do pôrto interno à tardinha com a banda do 14 e cêrca de 700 pessoas, homens, mulheres e meninos. Mar áspero, vento de agôsto. O *Beberibe* pinota. Bordeja. Avança até ao cabo de Santo Agostinho e volta à altura de Olinda. A bordo, um pânico de enjôo e de mêdo... Afinal, o paquête chega, Santos Dumont vem à terra. Recepção, discursos. Mas a multidão é de tal vulto que o aviador a teme, e por fim 90% da gente que dava tudo para ver-lhe a cara, nem o chapéu desabado descobre... Às 9 da noite o *Atlantique* prossegue. E os viajantes improvisados do *Beberibe*, inclusive os músicos, que não puderam tocar, tomam magnésia fluida...

Quanta coisa saborosa a Lingüeta contaria!... No terreno político... Chegadas de presidentes da Província em pleno prestígio. Cais repleto. Abraços, zumbaias, admiração. Mas quando embarcam apeados do poder, meia dúzia... Dias gloriosos de Nabuco, de José Mariano, do Conde da Boa Vista, de Rosa e Silva, de Dantas Barreto. Flagrantes do desembarque do Conde d'Eu e de Silva Jardim, de bordo do mesmo *Alagoas*, às portas da República - um a querer consolidar o trono, outro a se esforçar por derrubá-lo. Aquêlê *Alagoas* que em breve passaria ao largo de rumo à Europa levando a família imperial exilada.

Durante a revolta da Armada, de 1893, passam pelo Recife, a caminho do Rio, os navios adquiridos por Floriano para formarem a "esquadra legal". Os custodistas chamavam-lhe de "esquadra de papelão". Eram o *Niterói*, o *Andrada* e o *Gustavo Sampaio*. Nessa época os vapôres do *Lóide* iam somente até à Bahia Na Guanabara dominavam os canhões do *Aquidabã*.

Outro aspecto curioso da Lingüeta era o desembarque das companhias de teatro, vindas para o Santa Isabel. Francesas ou italianas, espanholas ou portuguesas, quando não nacionais. Os ricos comerciantes, costumados "perus" dos camarins, iam fixar os olhos gulosos nas prima-donas, nas primeiras damas, nas coristas bonitas... E já pensavam nas jóias que teriam de comprar para presenteá-las .

Os arrecifes, levantando-se das águas defronte da faixa de terra contornada pelos dois rios em enlace, quiseram protegê-la desenhando-lhe o ancoradouro e dando nome à povoação. Profetizavam-lhe, não lhe possibilitavam, o futuro urbanístico e econômico.

E tudo assim foi. O Recife, mercê do pôrto, sobrepujaria Olinda, em breve. Contudo, pouco a pouco, foi-se impondo uma evidência: o ancoradouro calmo e seguro ia ficando insuficiente, mesmo incapaz. A tonelagem dos barcos subia. Não mais as naus de 200 toneladas. Agora andavam pelo mar barcas de vapor de mais de 4.000 toneladas. E estas já não conseguiam penetrar no pôrto traçado pela natureza com facilidade e segurança. Temia-se a entrada com baixios traiçoeiros e a pouca profundidade lá dentro. Assim, grande número de embarcações preferiam lançar ferros em pleno oceano, no Lamarão. E ir até lá, que tortura de enjôo e que ameaças de perigo! Os botes pulavam nas vagas quase sempre ariscas, e o acesso a bordo requeria primores de destreza nos saltos para a escada. Na melhor das hipóteses, um banho salgado...

Nem mesmo o recurso da cesta atenuou o sacrifício Porque inventaram os embarques e descidas numa bojuda cesta que comportava meia dúzia de pessoas e era suspensa de um guindaste como uma vulgar lingada. A cesta, transportavam-na em uma alvarenga em que viajavam os passageiros ou visitantes dos belos paquêtes da *Mala Real* ou da *Pacífico*. As cenas que se ofereciam motivavam risadas, críticas, censuras e instantâneos dos que transitavam pelo Recife, vindos de terras onde as docas de atracação eram comuns.

Precisava-se acabar com isso - diziam todos os pernambucanos. A falta do pôrto moderno entravava o progresso e atraía-nos a ironia estrangeira. Quando viria o "melhoramento do pôrto"? Governos prometiam-no desde o Império, mas promessas. Surgiam projetos. Inúmeros. Desde o longínquo 1814, em que o Capitão-de-Mar-e-Guerra João Félix Pereira de Campos, apresentara logo dois projetos, sendo que em um dêles já falava em empregar "máquinas que tirassem a matéria do fundo" (*O Pôrto do Recife e sua evolução histórica*, de Estevão Pinto) até o ainda próximo 1908, em que se assinou o contrato das obras hoje realizadas, fôra um rol extenso de planos, estudos, concorrências, caducamentos de concessões... Figuraram entre êsses interessados por um pôrto moderno para Pernambuco nomes como os de Vauthier, Martineau, Liais, Law, Pereira Passos, Fournier, Alfredo Lisboa. José da Silva Loio e Antônio João de Amorim, portadores de nomes de duas famílias assaz conhecidas no Recife pelas suas iniciativas e pela sua fortuna, contrataram as obras em 1889, porém deixaram a concessão ir de água abaixo depois de a transferirem à Companhia de Obras Hidráulicas do Brasil. Em 1887, o engenheiro Alfredo Lisboa dá a lume sua *Memória descritiva e justificativa do projeto de melhoramento do pôrto do Recife*, e logo no ano seguinte abre-se concorrência para os serviços e é a essa concorrência que os dois capitalistas acima acodem, vencendo-a.

O século XX, porém, entraria com a persistência do Lamarão. Os paquetes cada vez mais portentosos, e o nosso ancoradouro dia a dia mais exíguo por entupido de areias. À série, familiar ao pôrto externo, dos *Danube*, *Madalena*, *Cordillere*, *Chili*, *Oravia*, *Oropesa*, tinham sucedido os transatlânticos de mais de 10.000 toneladas, como o *Arlanza* e o *Astúrias*, que nem do farol se aproximavam. No "Mosqueiro" apenas fundeavam os vapores do *Lóide Brasileiro*, da *Costeira*, da *Comércio*, da *Pernambucana*, e uns raros alemães que não iam a mais de metade daquela tonelagem.

A imprensa, de quando em quando, feria a tecla do "melhoramento do pôrto". Há um abaixo-assinado monstro dos pernambucanos, endereçado ao Presidente da República, pedindo o "pôrto", e entregue solenemente ao Governador do Estado para que o encaminhasse ao Catete. Realizam-se conferências sôbre o pôrto e uma delas profere-a o engenheiro Edgard Gordilho, no teatro *Santa Isabel*. As Associações Commercial e dos Empregados no Comércio também se movimentam a favor dessa "necessidade vital para Pernambuco".

Afonso Pena, antes de assumir a presidência da República, vem ao Norte e vê o que é o pôrto do Recife. Promete efetuar as vultosas obras de seu melhoramento. Na verdade, a promessa foi recebida com justo ceticismo. Havia quem, mesmo diante do início dos trabalhos, escrevesse irônicamente: "Hoje que já sou casado vou ver se consigo um lugarzinho nas obras do pôrto para meu neto."

Contudo, as esperanças costumam ser persistentes. E, afinal em 1907, após os novos estudos efetuados por uma comissão presidida por Alfredo Lisboa, abre o Governo concorrência para as obras, e nesta sai vencedora a proposta Edmundo Bartissol-Demétrio Nunes Ribeiro.

Por grandes que fôssem ainda as dúvidas, não tardou ato mais expressivo e garantidor dos intuitos do Presidente Pena. Leiamos êste pedaço de *A Província*:

PORTO DO RECIFE

Ontem às 5 e meia da tarde nossos colegas do *Correio do Recife* afixaram à porta o telegrama abaixo, no papel mesmo da Western Telegraph Company, transmitido

pelo seu correspondente no Rio:

Correio Recife - Assinado contrato.

O contrato era o das Obras do Pôrto. Dali a pouco todos os outros jornais recebiam telegramas idênticos. A cidade sabia dêles e vibrava. O *Jornal Pequeno* tira 2ª edição com os retratos de Afonso Pena, Miguel Calmon, ministro da Viação, e Luís Gomes, o incansável batalhador do nosso pôrto. Samuel Vieira, tribuno popular, conhecido como "Gravata Encarnada", anunciava um *meeting* às 4 horas na pracinha.

- Então, meu caro, um abraço de parabéns. Agora o pôrto vem.
- Sei lá... Farofas do govêrno... Jeito de cativar a nossa bancada...
- Não diga isto. Anime-se, homem! Pernambuco está assim atrasado por causa dêsse esmorecimento... O "Tico-Tico" é quem vai mostrar que faz o pôrto do Recife.
- Deus permita...

Mas os entusiastas eram em maioria. Os cafés enchiam-se e bebia-se à "saúde do pôrto". Cerveja, grogues, champanha também. E no Girão um cidadão propõe:

- Bebamos somente vinho... do Pôrto .

E lá apontavam as passeatas. Uma banda estourava num dobrado. Estandarte da Faculdade do Direito. Leva-o o acadêmico Pereira da Costa. São os estudantes. Fala o velho João Teixeira. Oram também Franklin Seve, Isaac Cerquinho, Da Costa e Silva, Osvaldo Machado, Ulisses Costa, Tomé Gibson. Em palácio, o Governador Herculano Bandeira também se dirige ao povo. O comércio fecha as portas. Há ruas embandeiradas. E novas passeatas.

E já vinham telegramas pormenorizados: as obras constariam de um quebra-mar, de um molhe, de cais acostáveis, de desobstrução da entrada do pôrto, de dragagem, de armazéns com guindastes elétricos, de uma porção mais de serviços complementares. Custariam 54.252:838\$000. O pôrto demorara, mas viria de primeira ordem.

E o engenheiro Bartissol telegrafava do Rio de Janeiro:

"Vamos começar imediatamente trabalhos".

- Ah ! Isto, sim. De promessas estamos fartos desde a Monarquia!

No Teatro Santa Isabel estava uma companhia lírica. Na noite da assinatura do contrato, a orquestra tocou, antes de subir o pano para o *Fausto*, o hino nacional. Na rua ainda vibrava o povo e estrugiam os foguetes. Os cafés do Vicente, do Crispim, do Girão, Cascata, continuavam com suas mesinhas repletas, abrindo-se cerveja e ouvindo-se brindes. Um entusiasta do pôrto exclamava:

- Se a morte me levasse hoje, eu ia completamente feliz.

E por muitos dias não se falou noutro assunto. Até os anúncios de jornais o aproveitavam para angariar maior atenção:

Melhoramento do pôrto

Vende-se um importante prédio situado à rua Imperial nº 233, com 4 quartos, 4 salas, uma saleta, cozinha, banheiro, água e gás, edificado em um grande sítio com inúmeras árvores e fruteiras, tendo à frente um excelente jardim. A tratar com o

sr. Pedro Paiva, na estação de Cinco Pontas, das 10 horas da manhã às 3 da tarde.

E a 29 de julho de 1909 iniciam-se as obras. Há uma solenidade inaugural, com a presença do Governador Herculano e tôda a gente que, na época, por títulos e dinheiro, andava no galarim da fama. Movimentam-se dragas, areeiros, o guindaste *Titã*, os rebocadores. O pôrto toma uma feição diversa da de seus dias habituais anteriormente. A *Société de Construction du Port de Pernambuco* instala escritórios, armazéns, galpões. A Fiscalização, ao lado, vigia-lhe os passos contratuais. Pelos arrecifes corre a locomotiva puxando lastros com blocos de pedra vindos das pedreiras de Comportas. O quebra-mar e os molhes desenham-se na paisagem portuária. Ao longo do velho cais aterram-se outros trechos para nêles surdirem em breve os arcabouços metálicos dos armazéns. E começa a desaparecer muita coisa aos olhos dos recifenses: o forte do Picão (o antigo Castelo do Mar), a praia do Brum com seus banheiros de palha e seus banhistas de trajos de baêta, o casarão da *Companhia Pernambucana de Navegação*, que já ali substituíra os baluartes do Forte do Matos, o Trapiche Conceição com a vizinhança dos bacalhoeiros, o casario da Rua de São Jorge, e, dali a pouco, o Corpo Santo, os Arcos, a Rua da Cadeia...

Discutem-se as desapropriações, contratam-se as demolições. Entulharam-se ruas de traves, de telhas, de azulejos, de esquadrias, de lajes, de tijolos. O pôrto !...

Nem os poetas fogem ao entusiasmo. Ambrósio escreve no *Jornal Pequeno*:

Vai principiar a começar a Inana,
A nossa aspiração mais aspirada.
A construção do pôrto da adorada
E bela capital pernambucana.

Se eu tivesse o Titã da Société,
Guindava 35 toneladas
De saudações as mais acaloradas
Para cada leitor que isto me lê.
Mas... não tenho o Titã
E passe muito bem... Até amanhã.

O grande poeta Faria Neves Sobrinho vinha pelo *Diário de Pernambuco*, exultante:

Vais ser domado, oh! Mar!, nos teus arrancos
Nos teus ímpetos cegos,
Nos teus anseios e nos teus ofegos,
Na fúria hostil dos teus assaltos brancos.

Para conter-te nos desassossegos,
Nesses revoltos e assomados trancos,
Pétrea muralha vai rasgar-te os flancos,
Alicerçada em teus profundos pegos.

E quando em teu regaço remansado,
As altas naus, de formidáveis quilhas,
Tiverem pôrto e abrigo sossegado,

Vencido em teus rancores de possesso,
Não cuides, velho Mar, que assim te humilhas:
Não te humilha a vitória do Progresso.

As obras sofrem de súbito uma paralisação. É a Grande Guerra. Dificuldades, crises, submarinos. Na Europa, só se faz brigar; como tantas outras vezes. 1914. De golpe o ancoradouro interno povoa-se, ou melhor, superlota-se, de vapores alemães e austríacos, fugidos dos barcos de guerra ingleses. Entram em dois ou três dias mais de trinta, refugiando-se na muralha de pedra. O *Bluecher*, o *Cap Vilano*, o *Sierra Nevada*, o *Bahia Laura*, o *Gundrun*, o *Tijuca*, o *Santos*, o *Eisenach*, o *Patagônia*, tantos mais. De luxo ou cargueiros. Aqui ficariam durante os cinco anos da luta. E aqui, uma tarde, é descida dos mastros a bandeira germânica para alçar-se a brasileira.

Episódios não faltaram no pôrto. A bordo do *Bluecher* uma revolta de passageiros em trânsito contra maus tratos dos alemães. Êstes reagem a água fervendo. Intervêm autoridades do pôrto, fôrça do exército, bombeiros. De outra vez o *Patagônia*, desrespeitando nossa neutralidade, zarpa clandestinamente, para... o inglês pegá-lo lá fora como a negro fugido. Vêm navios de guerra nacionais garantir a ordem no pôrto. Passam de quando em quando cruzadores de John Bull, ancoram e de novo se somem pelos horizontes. Um repórter interroga um dêsses comandantes da Albion:

- De onde veio ?

E o lôbo-do-mar responde num sorriso inglês:

- Do mar...

Um dia, todos os navios apitam, embandeiram-se, põem um ar de festa no pôrto. 11 de novembro de 1918. O Armistício.

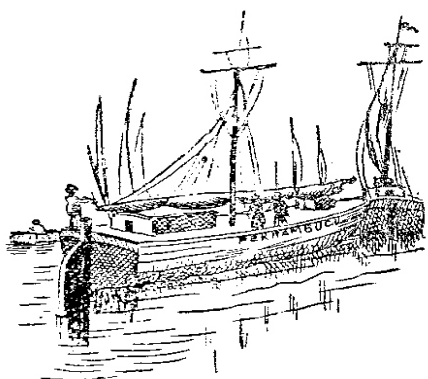
Mesmo depois dêle as obras se arrastam. Renasce o desânimo e a descrença: -"Docas? .. Para meus tataranetos." Contudo, a 12 de outubro de 18 o vapor do Lóide *São Paulo* vem do Sul e atraca ao primeiro trecho de cais pronto: 900 metros.

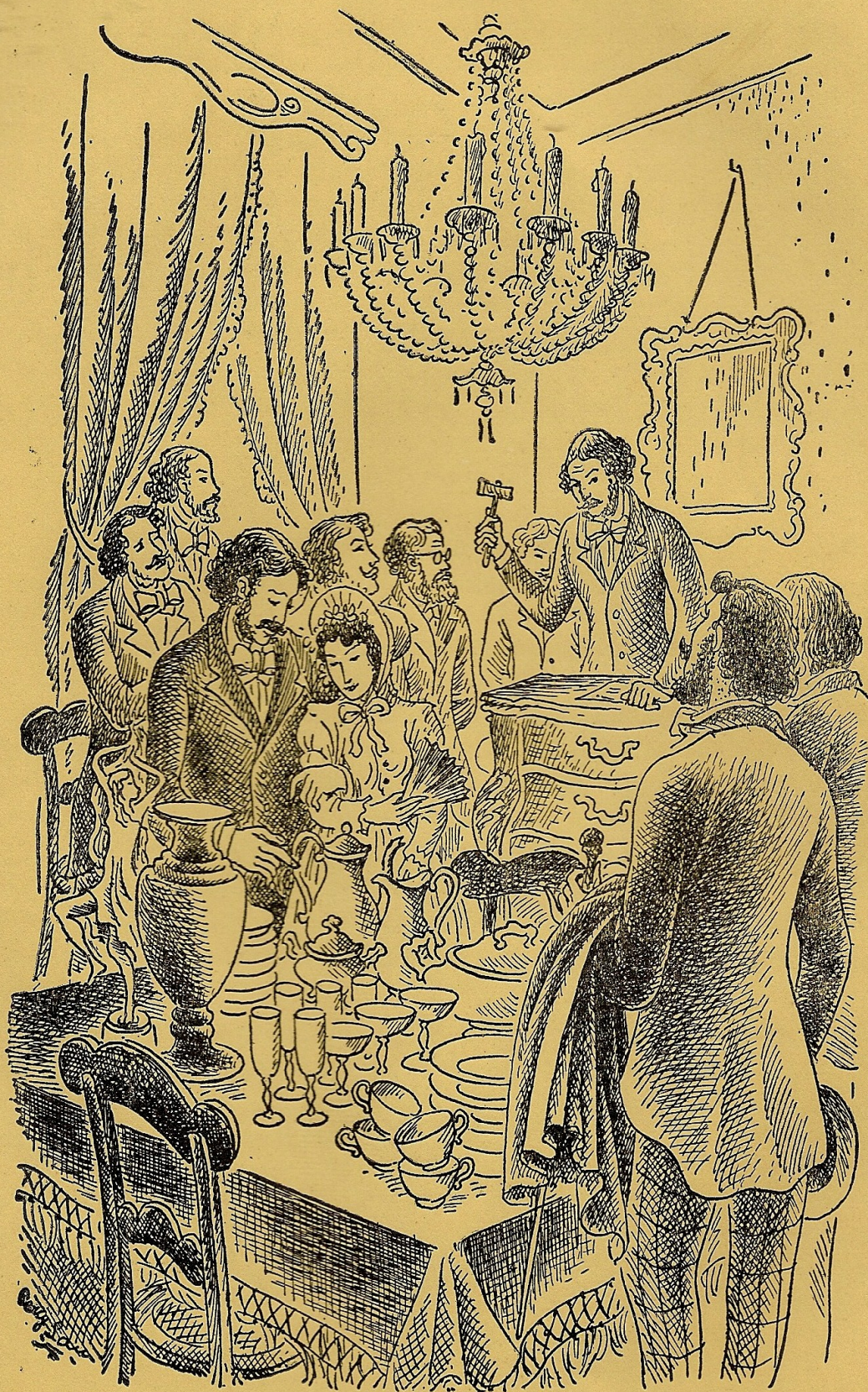
Mas rescinde-se o contrato com a *Société*. As obras são entregues ao Estado, e êste contrata com a firma holandesa W. J. Kalis. Wzn & Cos Baggermaatsch Chapij, de Haia, o serviço de dragagem e trabalhos complementares. Até que em 15 de abril de 1922 o Recife assistiu a uma cena julgada um sonho: um "Mala-Real" dentro do seu ancoradouro interno: o *Arlanza*, que, por sinal, era o transatlântico de 14.000 toneladas que no Lamarão mais perto de terra fundeava.

Coube ao *Gélia*, do Lóide Holandês, de 15.000 toneladas, a honra de atracar ao cais de 10 metros do pôrto do Recife. 2 de outubro de 1923.

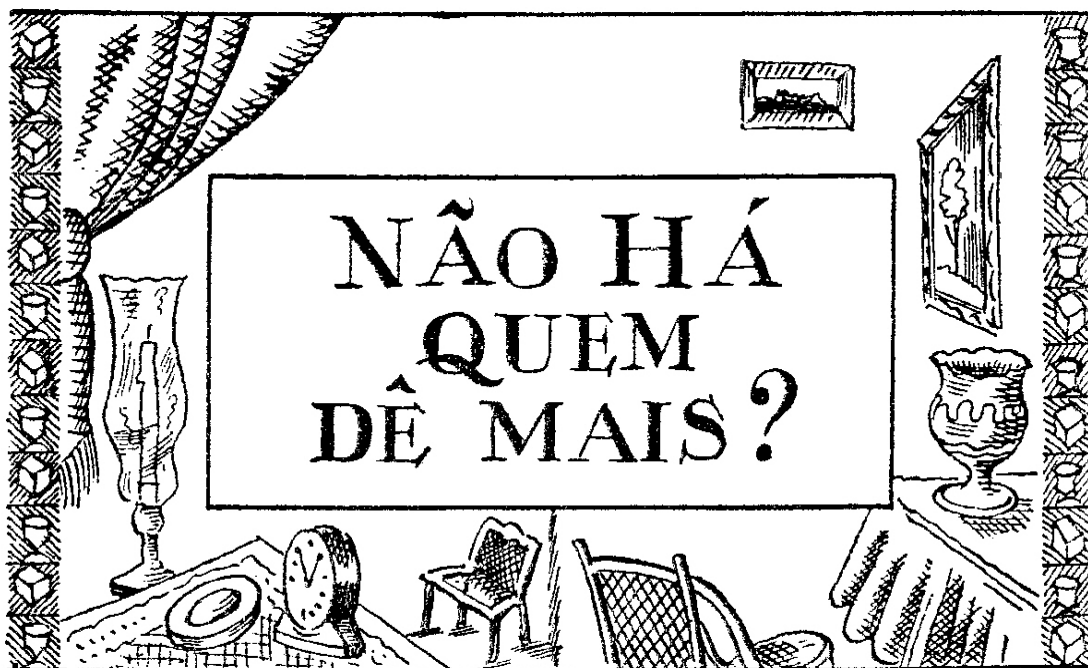
O Lamarão, terrível e áspero, com suas vagas e suas ventanias, ia passar a tema de cronistas da cidade. Distantes os dias em que barcos de 4.000 toneladas, como o *Clyde* ou o *Cordillere*, se davam ao luxo de fundear tão longe, com mêdo dos baixios

da entrada da barra. Agora, os "gigantes do mar" poderiam transpô-la e vir sentir no costado a carícia da terra pernambucana . Porque já as quilhas nacionais tinham ultrapassado o tamanho dos antigos "Mala-Real" das suntuosas viagens à Europa, de outrora...





Foi-se tomando o gôsto pelos leilões em casa das famílias conhecidas



O leilão em domicílio foi considerado a princípio uma falta de pudor. Assim como não se permite a ninguém despir-se em público, também causava vexames abrir as casas a estranhos para que ali se vendessem trastes e utensílios. Aquêles interiores de outrora tão esquivos, tão claustrais! Ficava mal por êsse lado de recato e, além ao mais, dava idéia de penúria, de dificuldades, de decadência. Dir-se-ia: - "Fulano está acabando com o que tem..." Era um mau sinal de equilíbrio econômico. Geraria desconfianças e prevenções não somente de ordem privada como igualmente de caráter comercial. O crédito sofreria na praça... Leilão, somente os ordenados pelo juiz.

Por isso, de comêço, anúncios de leilões apenas aludiam a vendas de salvados, de artigos em abandono, por medidas judiciais, fôsem nos trapiches, nas alfândegas ou nos próprios cais da cidade. Quando muito, nas agências dos leiloeiros. Predominavam, entretanto, os leilões de mercadorias avariadas, explicáveis pela morosidade nas travessias dos barcos a vela, sujeitos a ríspidos temporais com insultos violentos de vagas, aguaceiros, môfo, tudo a concorrer para que muita coisa saída dos portos europeus em bom estado aqui chegasse em condições de não ser aceita por quem a encomendara.

O martelo decidia-lhes a sorte - e o preço

Tornavam-se assíduos, dêste modo, os avisos de que seriam vendidos no dia tal e a certa hora o carregamento avariado trazido pela barca ou pelo brigue inglês. Os compradores afluíam e, arrematando êsses artigos, ofereciam-nos dias depois em seus balcões com abates, por estarem "levemente manchados". Não raro, a própria embarcação era também posta em praça, por lhe faltarem condições de navegabilidade ou por insolvência do armador.

Posteriormente, já se proporcionava a aquisição por quem mais desse, de móveis em "segunda mão". Mas apenas nas agências. O agente Borja, por exemplo, em seu armazém na Rua do Colégio, nº 15, fazia leilão de uma "infinidade de objetos patentes ao ato da venda", e acrescentava que entre eles haveria *"um ótimo escravo"*. Esse agente Borja parecia ser homem de relêvo na sua época, pelo tino profissional, pois já anunciava com clichê. Representava a pequena gravura uma mesa por trás da qual o leiloeiro, de martelo em punho, apregoava, e em roda surgiam cabeças de licitantes.

Certo dia, uma família, porventura estrangeira, pretendendo retirar-se da cidade, quis vender seus móveis de modo menos precário que o de passar a outras mãos particularmente, e entregou-os a um leiloeiro para levá-las à competição pública. E assim se fez. Deu que falar, houve críticas e estranhezas; contudo, tratando-se de "povo de fora", achou-se explicável a "sem-cerimônia": - "Estrangeiro não tem vergonha de nada!". Concorrentes não faltaram: uns na expectativa de pechinchas, outros curiosos de ver o chalé por dentro, bisbilhotar o cenário da intimidade alheia, conhecer como esse pessoal de outras terras tinha a casa. A venda deu bons resultados. Certas causas alcançaram preços superiores aos dos objetos novos. - "Tudo pelos olhos da cara!" Valeu a lição, porque, aos poucos, famílias brasileiras experimentaram o gostinho de fazer leilão de seus "trastes" nos próprios domicílios. Como motivo real ou fingido diziam "retirar-se para a Côte ou ir passear à Europa".

Terá sido um dos mais primitivos anúncios de leilão desse gênero o seguinte, que saiu em 1356:

Estando a família do sr.... a retirar-se para Lisboa pela barca de vapor de 21 do corrente, faz este leilão, por intermédio do agente Oliveira, da mobília da casa de sua morada no campo, consistindo em um piano de excelentes vozes, em perfeito estado, sofás, cadeiras usuais de braços, de balanço, mesa elástica para 18 pessoas, ditas redondas para salas, consolos, bancas para jogos, secretárias, guarda-roupa, guarda-vestidos, guarda-louça, aparadores, cômodas, um superior leito feito de ferro de encomenda, para casal, ditos de jacarandá e de outras madeiras, pedra para filtrar água, jogo de corrida de cavaleiros, lavatórios, toucadores, lanternas, candeeiros, relógio, aparelhos de louça para mesa, sobremesa, almôço e para chá, garrafas inclusive para clarete, copos de várias qualidades, uma vaca de leite em abundância, com bezerro, um carro para seis pessoas para um e dois cavalos, com arreios dobrados e singelos, um cabriolé novamente consertado e pintado, uma carroça, escadas, banheiros e outros objetos. Sexta-feira, (dia-santo suprimido e por isto de poucos afazeres) 25 do corrente, às 10 horas da manhã, no sítio do Caminho dos Aflitos, outrora pertencente ao finado Tavares e atualmente ao Ilmo Sr. F. C. Pais de Andrade, próximo ao Manguinho, advertindo-se aos concorrentes que ali será servido apetecível lanche para recreação.

Não é apenas já um reclamo inteligente e sugestivo. É um quadro da época. Nos aspectos da cidade, nos seus costumes, no interior de suas casas, na particularidade do seu quotidiano. Quem não compreende aquele dia-santo cortado, mas ainda respeitado pela população? E a mesa elástica de 18 pessoas, tão diferente dos quatro lugares de hoje e das festas em que se comem "salgadinhos" quase invisíveis, e de pé? E o cabriolé? E a identificação do prédio pelo nome do proprietário?

Os leilões foram-se amiudando. Adjetivação nos anúncios; títulos vistosos. Nomenclatura grupada pelas peças do prédio. Ia sofrendo modificação o sentimento de re-

cato em se abrirem as portas aos estranhos para as exposições e os lances. Quer se tratasse de um palacete, quer de uma casa térrea. Entrava-se à vontade pela sala de visitas, onde a mobília de jacarandá se dispunha simetricamente: o sofá com as quatro cadeiras de braços, a jardineira ao centro sustentando sobre o tampo de mármore um jarrao de louça de China ou um vistoso candeeiro belga, os dois consolos com portas envidraçadas através das quais se viam *biscuits*, álbuns para retratos, objetos de charão, as dezoito cadeiras de guarnição em várias filas, o espelho oval, as oleografias em voga, o tapêto aveludado... Dali se passava ao corredor, com o porta-chapéu, ao quarto de "estado" provido da cama de casal com cúpula e cortinado, o *toilette*, o lavatório a ostentar sua guarnição de porcelana, o guarda-vestidos de duas amplas portas. E mais os quartos do santuário, de costura, de dormir, de banho. Por fim, cozinha de "fogão de tijolo", copiar com gaiolas de passarinhos, cocheiras, caramanchões, figuras de louça, bancos... Tudo se vendia, inclusive, às vezes, baús de flandres pintados ou de couro com fechos de metal, castiçais de mangas de vidro, caixinhas de tartaruga, quadros de caranguejos...

É interessante acompanhar nesses velhos anúncios de leilões as características dos móveis ou pelo menos os seus nomes de outrora. A princípio, marquesas e marquêsões não faltavam, simples ou trabalhados. E os canapés, tremós, arcas, cômodas com segrêdo, conversadeiras para centro de sala, forradas de damasco de sêda com flôres artificiais, podendo formar quatro peças. As cadeiras forradas eram comuns: ora de cetim amarelo, ora de sêda preta, ora de gorgorão bordado. Igualmente se recomendavam as poltronas douradas. Mesinhas de charão, camas com embutidos de marfim ou madreperola, caixinhas de música, quartinheiras de colunas ou de paredes não faltavam, e alguns dêsses objetos vieram até a época mais atual. Muito comuns, também, na época, as cadeiras privadas...

Depois, já se viam as dunquerqueas, as aparadores de suspensão, as cristaleiras, os *toilettes*, os bibelôs e outros tipos de móveis não conhecidos pelos antepassados. Ra-reavam os baús, as arcas, os tremós, as armários de portas almofadadas. Apareciam, porém, escarradeiras de porcelana com gravuras de muito bom gôsto. Êsse costume das escarradeiras nas salas durou até a segunda década dêste século, mais ou menos. Elas estavam presentes sempre, em par, aos lados das sofás, para que ninguém cuspiisse no chão... Os espelhos de parede, com molduras douradas, geralmente encimados por liras, florões, cabeças de crianças, também se faziam obrigatórios. Uns menores, e outros de grande tamanho, às vêzes com cercaduras de veludo.

Os bonitos e caras candeeiros de cima de mesa ostentaram-se até se vulgarizar o uso do gás carbônico. Substituíram-nos pelos lustres de pingentes ou, quando mais modesta a casa, por arandelas ele dois e três bicos ornados de globos lavrados ou coloridos. A água encanada nos domicílios veio a afastar dos leilões, um tanto, as bacias, os "banheiros" e as pitorescas gamelas "boas para um bom banho".

O que ganhou notável prestígio nas vendas a martelo foi o piano. A princípio dava que falar quem o possuía e atacava. Destacava-se o teto da qual saíam sons dêste maravilhoso instrumento. Pouco a pouco, entretanto, foram-se tornando comuns. Os professôres e professôras de piano enchiam as jornais com seus oferecimentos de serviços. E não havia mais leilão sem piano. De Pleyel, de Blondel, de Herz, de Bevelot... De cauda e meia cauda, de armário com lanternas de prata e mangas de cristal, nas madeiras mais preciosas como fôsse jacarandá. Senhoras e senhorinhas poderiam em condições mais suaves deslizar seus dedos pelas teclados de marfim na interpretação de noturnos e valsas, de sonatas e óperas, de melodias ou quadrilhas. Quem é que perderia seu dinheiro com realejo, que tinha pancadaria, feito em Paris,

e que ali custara 800\$000? Tampouco os cravos, as harpas, as rebecas arrastariam maior número de concorrentes a essas vendas públicas. Agora, só piano!

A máquina de costura, por seu turno, começou a freqüentar a nomenclatura dos leiloeiras Oliveira, Pinto, Gusmão, Pestana e outras. Já não constituía aquela grande novidade que se ostentara em clichês saborosos nas fôlhas, acompanhados de elogios ao seu "progresso maravilhoso". Seu trabalho equivalia ao de 30 costureiras: pesponto, bordar, franzir... E vendiam-se em prestações, custando de 50 a 70 mil réis cada uma. Pois já perdera o caráter de raridade. Caíra nos leilões.

Essas vendas a quem mais desse estavam tendo competidores e precisavam apresentar comodidades e atrações. Além do "lanche de recreação", havia bondes especiais. Houve mesmo um ônibus gratuito para um leilão na Passagem da Madalena antes decorrerem os bondes. As maxambombas igualmente davam transporte grátis por conta dos vendedores. Os versinhos ajudavam:

Temos trens grátis
Para os concorrentes,
Pois estamos certos:
Voltarão contentes.

Sim, voltavam. Os que realizavam compras de pechincha e os que lá se dirigiam apenas para mastigar uns bons-bocados e tortas, ou saborear uma cerveja. Também os que faziam do leilão uma pequena festa, entre conversas, críticas, namoros...

Em 1871 faleceu o agente de leilões Francisco Gomes de Oliveira, e o seu necrológio acentuava-lhe a prioridade na classe.

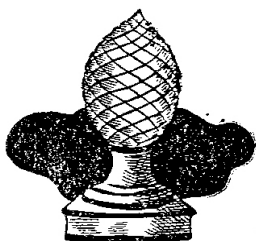
Por volta de 1900, com o novo século, foi surgindo a moda dos móveis menos pesados, como se dizia no tempo. Era a inovação das mobílias austríacas, dos bibelôs torneados, das cristaleiras de um só corpo, das cadeiras tipo Thonet, das colunas de pau-cetim. Para adquiri-los vendiam-se por qualquer preço as marquesas de jacarandá, os aparadores de carvalho, as camas de bilros, as arcas de tremidos, os cadeirões de bolachas, as cômodas de amplos gavetões e de segredos, tudo que fôsse sólido e antigo. Os anúncios de leilões refletem essa ânsia...

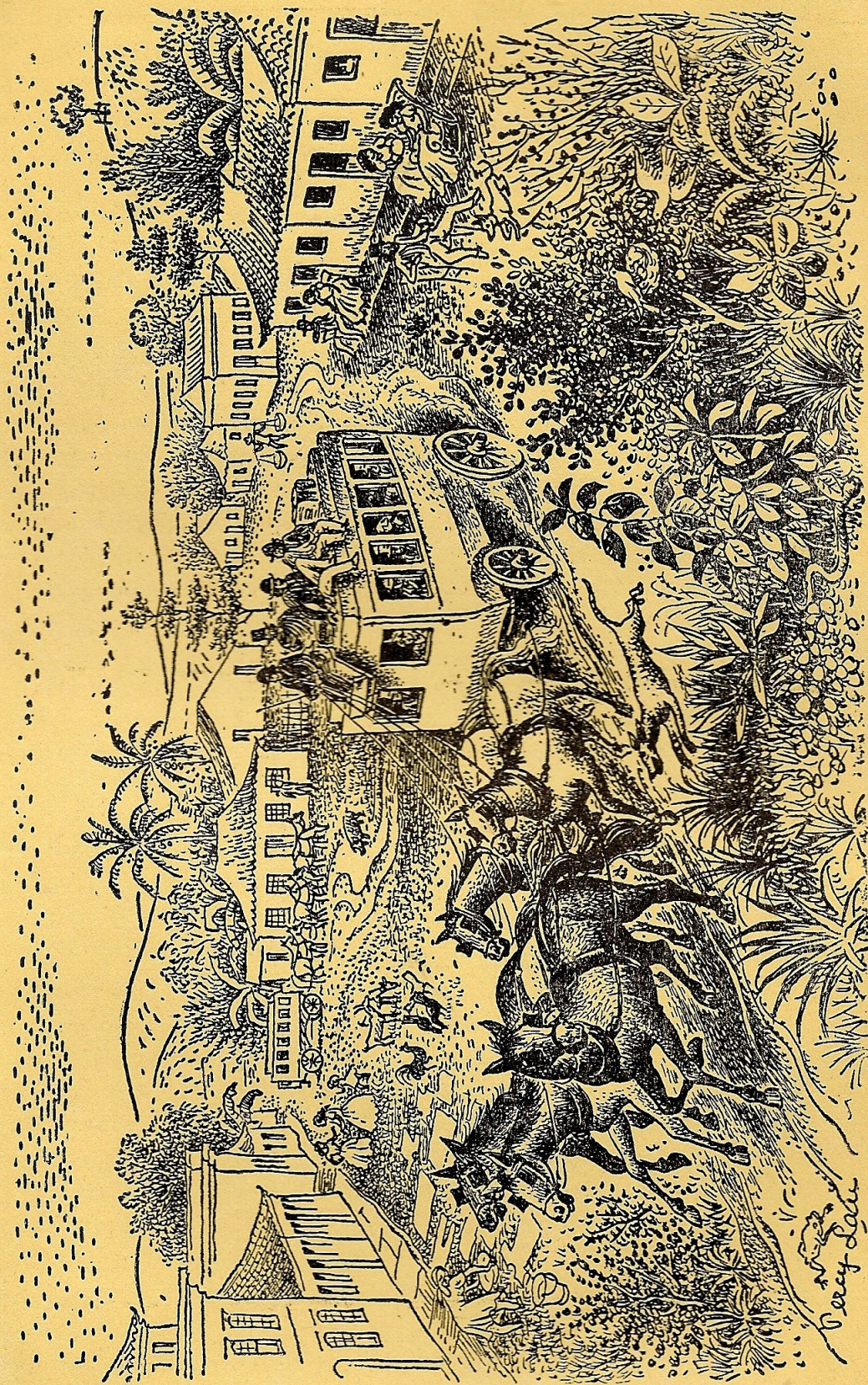
Os agentes Gusmão, Pestana, Pinto, Vernet, não se cansavam em manejar o martelo, e embora se esforçassem, os lances tornavam-se exíguos e morriam depressa. Vinha vindo, igualmente, a era da peroba amarelinha, que encheria os interiores daquelas séries de mobiliários saídos das serrarias há pouco inauguradas na cidade com abundância de reclamos e ruídos de exposições nos seus depósitos em ruas centrais. A fama dos móveis austríacos, por sua vez, transitava para os leilões... As madeiras nacionais ganhavam supremacia. Surgiam os sofás e cadeiras de encosto reto, de pés frágeis, de assento mesquinho, revelador de um tempo em que pouco se parava em casa, em que a vida se transferira para os cinemas, os clubes, os consultórios, as lojas... Para que mais as mesas elásticas de seis e oito tábuas, quando agora as famílias se reduziam pela restrição da natalidade e pelo egoísmo econômico de se morar sozinho? Nem tampouco nas festas as mesas amplas prestavam serviços: comia-se em pé - salgadinhos e doces minúsculos, com as próprias mãos, ao invés dos fartos e prolongados jantares ou ceias de garfo, de antigamente, com uma dezena de pratos, uma infinidade de sobremesas, grande variedade de vinhos, e ainda por fim o café e o licor. Nos lares ultramodernos tudo se reduzia: o espaço das peças, o tamanho dos móveis, até a altura das portas. Piano? Para quê, se havia o

rádio de cabeceira? Escrivadinha? Bastava a máquina de escrever portátil, que se guardava numa gaveta de penteadeira.

Reapareceria então, como paradoxo, o interesse de um grupo de bom gosto, ou de uma classe de novos-ricos ávidos de ostentação, pelos velhos mobiliários, pelas "antigüidades"; mas estas não chegariam mais para o martelo dos leiloeiros - seriam traficadas pelos antiquários sonhadores de milhões de cruzeiros.

Os *leilões* iriam voltando ao primitivo cenário das agências, tornando-se raros nos domicílios como outrora. Desta vez, o motivo não seria absolutamente o pudor de se devassarem os interiores. Oh, não!... Porque muitas coisas que as nossas avós teriam vergonha de mostrar, mesmo na intimidade das alcovas, já andam à vista de todos pelas ruas...





Apipucos estava no auge, pelo verão, com os “excelentes e enfeitados” ônibus do Sayle



I

Povoação de rios, mangues e camboas, o Recife não poderia ter deixado de utilizar, para seus primeiros meios de transporte, as embarcações. Foi o tempo das canoas. Elas vararam, a remo ou a vara, todos os cursos d'água na condução de gente e de cargas. Eram utilíssimas e cotadas. Nenhum outro processo de comunicação conseguiria suplantá-las, porque o cavalo diante da passagem fluvial teria de recuar, ou se recorreria à balsa. As canoas iam a tôda parte: traziam açúcar, a água de beber, a madeira, o tijolo, as mudanças, tropas e famílias.

Mesmo depois de ter competidores mais fortes, a canoa manteve no Recife seu prestígio. Sente-se isto ao ler os jornais do comêço do século passado. Os anúncios de oferecimento ou de pedido de compra dêsses barcos tornaram-se freqüentes, principalmente os que aludem ao transporte d'água. Porque, nessa época ainda, o abastecimento do "precioso líquido" era feito pelo varadouro de Olinda. As canoas acostavam pelas praias da capital e ali os escravos iam encher os seus baldes para vendê-los pelas casas. Os canoeiros também refletem importância nas páginas dos diários; assim como, mais tarde, se faria questão de um bom boleeiro, dava-se alto preço por um excelente condutor de canoa: robusto, ágil, zeloso, honesto. Frisavam-se essas qualidades, a par das que acentuavam as dos barcos: "canoas de carreira para 6 pessoas", "canoas abertas de carregar trastes", "canoas ligeiras de carregar água" e "canoa aberta para quem quer ir passar a festa".

É de se avaliar o préstimo desas canoas durante os anos em que por meio delas Olinda se comunicava com o seu pôrto, que era o "povo" do Recife.

Quando Maurício de Nassau resolveu lançar as suas pontes que respectivamente ligaram a península à ilha de Santo Antônio e esta ao continente, possibilitou-se bastante a prosperidade de outros sistemas de condução. A rêde, o cavalo, o carro de engenho, a cadeirinha, puderam, assim, vencer maiores distâncias sem os contratempos dos rios a transpor. Não é que êstes meios de transporte vencessem as canoas, é claro, porém constituíam já uma variedade no cenário da cidade. Sobretudo o cavalo bem ajaezado para os homens e o palanquim colorido e estufado para as damas constituíam uma nota de bom gosto e de elegância.

Nas festas promovidas pelos Príncipe, de regozijo pela restauração da soberania de Portugal, em que se jogaram a cana, o pato e a argolinha, os animais eram de bonitas estampas, de galhardos movimentos e de ostensivos arreios. Frei Manuel Calado, testemunha de vista, descreve uma das cenas dêsses festejos e alude, no seu estilo próprio, à gente que assistia aos festejos em "batéis e barcos", quando não fôsse em "palanques e teatros".

Os cavaleiros fazem sua entrada "na cidade Mauricéia que se chamava Santo Antônio", precedidos por trombetas e vindo à frente o Príncipe João Maurício

Todos cavalgavam esplêndidos animais, "os melhores da Capitania". Os holandeses "cavalgavam à bastarda" e os portugueses "à gineta", levando após si "os olhos de todos, e principalmente os olhos das damas".

Era o tempo dos cavalos, como agora será o das baratinhas a atrair os olhos das "garotas".

Um pormenor a frisar ainda é o das "barcas e batéis" que enchiam o rio, mostrando bem como estavam em voga.

Aliás, as estampas de Carls, do século XIX, quando nos apresentam aspectos do Capibaribe, seja do centro da cidade, seja dos arrabaldes, prodigalizam-nos as embarcações: canoas a vara ou vela, barcaças, botes a remos. Nestas, pitorescamente, cavalheiros de cartola e moças de chapéus, a passeio, realizando o que hoje ninguém faz: gozando a beleza e o atrativo do nosso típico e belo rio.

Agora, até as casas lhe dão as costas!...

As cadeirinhas e palanquins encheram as ruas do Recife até o século XIX na sua primeira metade. Apareciam de feitios variados, simples ou artísticos, forrados ou não, de cúpula ou sem ela, leves ou pesados. Em 1841 ainda se anunciava uma "cadeirinha de arruar, com dois varões, sem defeito, chegada da Baía", sendo de notar que as fabricadas na terra do vatapá eram as preferidas, pois os anúncios aludiam quase sempre a essa procedência.

Outro anúncio curioso a propósito dêsse gênero de transporte é o de "um palanquim de rebuço", recomendado às senhoras recatadas, que não gostavam de se mostrar, daquelas que, em casa, só espiavam a rua através do xadrezinho dos balcões.

Todos os visitantes do Recife referem-se ao uso das cadeirinhas, palanquins e serpentinhas. Estas viaturas, conforme ensina Pereira da Costa no seu *Viaturas Coloniais*, era uma espécie de cadeirinha-rêde. Nas tardes de festas religiosas os palanquins deixavam as damas e senhorinhas nos templos e ficavam à sua espera, cá fora, com os escravos de guarda.

Muitos olhos gulosos de rapaz os espreitavam, da esquina, ávidos de um rosto furtivo que se mostraria, rápido, por entre as sanefas de damasco da portinhola...

Com êsses palanquins verificaram-se acidentes que nos fazem sorrir, a nós os da

era dos automóveis. Uma tarde, na Rua Nova, um cavalo de matuto, amarrado ao poste de madeira do candeeiro de azeite, espanta-se e dispara. Acontece, porém, que as rédeas do animal se enroscam nos varais de um palanquim em descanso na mesma rua e lá se vão os dois - cavalo e palanquim - numa carreira doida até o Atê-ro da Boa Vista...

A primeira condução coletiva puxada a muar, no Recife, foi a diligência, que se chamou também ônibus. Puxado por quatro cavalos e tendo, às vezes, dois andares. O de cima apreciado nas noites de luar ou tardes de verão. Corria-se para o Monteiro, Manguinho, Casa Forte, Apipucos, partindo do Largo da Matriz de Santo Antônio, em certa época. Houve vários exploradores desses serviços, como por exemplo o inglês Thomas Sayle, que avisava estar correndo o "seu excelente e enfeitado ônibus com famosos cavalos e bem conhecidos cocheiros".

Em 1847 publicava-se uma lei contratando o serviço de ônibus entre Recife e Olinda logo que estivesse concluída a ponte da Tacaruna; e de fato estabeleceu-se esse transporte, que somente cessou em 1871, quando para aquela cidade se inaugurou o tráfego dos trens da Cia. Trilhos Urbanos. Já na época dos bondes de burros que chegavam até o Asilo, em Santo Amaro, tentou a própria empresa uma ligação, por meio de diligências, entre aquele ponto terminal e o Varadouro. Publicaram-se horários em correspondência com os dos bondes, mas não se ofereceram vantagens reais e depressa as diligências deixaram de correr.

O mais falado contratante de ônibus foi Cláudio Dubeux. Era um comerciante de pólvora e morava em Apipucos, onde faleceu em 13 de fevereiro de 1881.

Já em 1855 êle anunciava:

Linha de ônibus.

Do dia 11 do corrente em diante haverá um ônibus para Olinda, em todos os dias úteis, o qual partirá para ali às 6 horas da manhã, e voltará às 7 a fim de se achar aqui às 8 horas da manhã e às 2 da tarde, sendo as passagens a 20\$ mensais para os assinantes, e 500 rs. para os avulsos. Na mesma data e em diante haverá outro destes carros também nos dias úteis para a passagem da Madalena até a casa do Sr. Viégas; partirá às 7 ½ da manhã para voltar às 8 ½ e de tarde sairá às 4 para voltar às 4 ¾ Passagem: por mês 16\$ e avulsa a 500 rs.

N. B. - Tôdas as passagens continuam a ser pagas adiantadas, visto que o abaixo assinado não está de acôrdo a continuar fazer lançamentos de cinco e dez tostões que com dificuldade se recebe.

Cláudio Dubeux.

Como se vê, o fiado já se fizera tão comum que ia até ao pagamento das passagens de ônibus. Sem dúvida, porém, o sr. Cláudio Dubeux não se mostrava duro com todos, porquanto várias vezes veio à imprensa ameaçar o público com a suspensão dos seus carros, alegando ausência de lucros e excesso de impostos.

O vício de se querer andar de ônibus sem pagar era grande, pois "o dono do ônibus Pernambucana avisa continuar as viagens para Apipucos. Ninguém subirá no veículo sem previamente comprar passagens. Não se chamem à ignorância por estar farto de calotes."

Aos domingos o ônibus realizava viagem extraordinária até Apipucos, saindo da Rua do Crêspo às 6 horas da manhã e regressando às 7 da noite. "Banhos amenos

no Capibaribe". Bilhetes no escritório de Cláudio Dubeux.

Em 1852 já corriam êsses ônibus para Apipucos, partindo da rua da Cadeia. A assinatura mensal era de 24\$; trimestre, 60\$. Passagem avulsa, 1\$000.

Após os espetáculos do ator João Caetano, em 1856, havia ônibus para os arrabaldes. E, notemos ainda, saíam reclamações contra "o excesso de lotação" dos ônibus... "Só se faltava andar uns por baixo dos outros". Decididamente, debaixo do sol não há mais quem invente nada.

As portas da inauguração do trem para Olinda, seja em 1870, o horário dos ônibus para aquela: cidade e dela para o Recife era o seguinte:

Ida : 7 da manhã e 4 da tarde.

Volta: 8 ½ da manhã e 5 ½ da tarde.

Como amostra das comodidades e do espírito de reclamo da época citaremos o caso de "um ônibus para o leilão na Passagem da Madalena". E, ainda, êste aviso datado de 1864, quanto ao tráfego no centro da cidade:

Estando calçada a Rua da Aurora, o trânsito de carros e ônibus e outros veículos deverá ser feito pela ponte da Boa Vista e sair e entrar livremente pela última rua a fim de evitar o encontro dos mesmos na referida ponte.

Os carros particulares - as seges - ao aparecerem no panorama da cidade provocaram uma curiosidade semelhante à que causou o tráfego dos primeiros automóveis, no começo dêste século.

Aquêle sensacional acontecimento, numa fase em que as seges eram raras, mereceu êstes versos de O *Carapuceiro*:

Quando eu andava na escola
Do mestre Feijão de Côco
O Recife duma vila
Nada distava, ou bem pouco;

Havia uma capoeira
Sege do Governador,
Tinha o Bispo outra que tal
E às vêzes o Ouvidor.

Mas, logo depois, outros versinhos populares diziam do aumento dessas carruagens:

Traquitanas, carros, seges,
Cabriolés e carrinhos
Obstruem dia e noite
Os populosos caminhos.

Em 1830 já êles se faziam anunciados no *Diário de Pernambuco*:

Carrinho inglês de 4 rodas, para 2 pessoas, forrado de sêda amarela com molas excelentes, envernizado, polido, com metais prateados.

Ou êste:

Carro de 4 rodas, novo, armação envidraçada, coberto para evitar chuva. Vende-se no segeiro francês da rua Nova.

Adolphe Bourgeois abria a cocheira de carros de aluguer no princípio da Rua da Aurora, e Fred Hansem também mantinha a sua na Rua do Passeio Público, nº 15.

Já não eram privilegiados em andar de carro o Bispo, o Governador e o Ouvidor, como outrora. Os carros de aluguer animavam a cidade. Casamentos, batizados, enterros, desembarques, festas do Poço, do Monte, do Cajueiro, obrigavam os ricos a êsses transportes de luxo: landôs, berlindas, vitórias. Os cabriolés serviam aos capitalistas na sua condução diária para os armazéns e escritórios e aos médicos para sua clínica. Leves, pequenos, de um cavalo só e com dois assentos - o do boleeiro e o do dono.

Os carros deram que falar, e tiveram seus episódios, por vêzes dramáticos e de aventuras. Os do primeiro grupo ocorriam, por exemplo, daqueles carros misteriosos que levavam médicos de olhos vendados para serviços profissionais a clientes que tinham os rostos ocultos por máscaras. Do outro gênero eram os raptos de moças sol-



Carros.



Vendem-se bons carros novos com arreios vindo ha pouco de França, feito pelos melhores fabricantes de Paris e querendo com boas parellhas de cavallos. Vendem-se tambem bons arreios para carros e cabriolet, como mollos preparos para ditos, tambem galão, couros de lustre, vaquetas grandes para cobertas, colleiras envernizadas, lanternas, velas para ditos, molas, eixos patente e muitas outras qualidades de ferragens, tudo por preço commodo : na rua Nova n. 61.

solteiras, por oposição de pais severos e indomáveis aos casamentos com "gente baixa" ou com "mulatos". Nos famosos pastoris de antigamente os carros serviam também ao furto das pastôras...

Não foi, porém, por tais motivos que êsses veículos se tornaram mais falados. Por volta de 1850 eram comuns denúncias desta natureza:

Adverte-se ao público que os carros de passeio ns. 53 e 21 conduziram, no dia 9, cadáveres. para o cemitério e pede-se ao mesmo público que prezando sua saúde não deve alugar tais carros. (Aviso do Guarda da Salubridade).

Esse humanitário aviso aparecia num tempo em que a varíola, a febre-amarela e a cólera-mórbus não deixavam de figurar nos obituários, note-se bem.

Convém acentuar, porém, que já existiam carros fúnebres, explorando tal serviço a firma Agra, com sua cocheira defronte da igreja de São Francisco e cobrando êstes preços: 1ª classe, 40\$; 2ª, 3ª 8\$000.

Foi dessa época a verrina contra uma emprêsa funerária cujo carro ia com tanta pressa que deixou cair o defunto na ponte do Recife.

Outra queixa era contra o percurso dos enterros pela Rua do Hospício, quando pela da Aurora era muito mais perto do Cemitério.

Não somente as cocheiras se faziam lembradas aos fregueses em anúncios encimados por clichés dos seus carros, como também se anunciavam os representantes das firmas estrangeiras que fabricavam essas carruagens na Europa.

Uma das cocheiras existentes em 1880, de Albuquerque & Cia., no Cais do Capiba-ribe, nº 16, oferecia "lindos carros apropriados para formaturas casamentos, batizados e passeios, recomendando-se não só pelo bom gosto e asseio, como também pelo *chic* das ricas librés, excelentes cocheiros e bonitos e amestrados cavalos". Também fazia viagens para o interior.

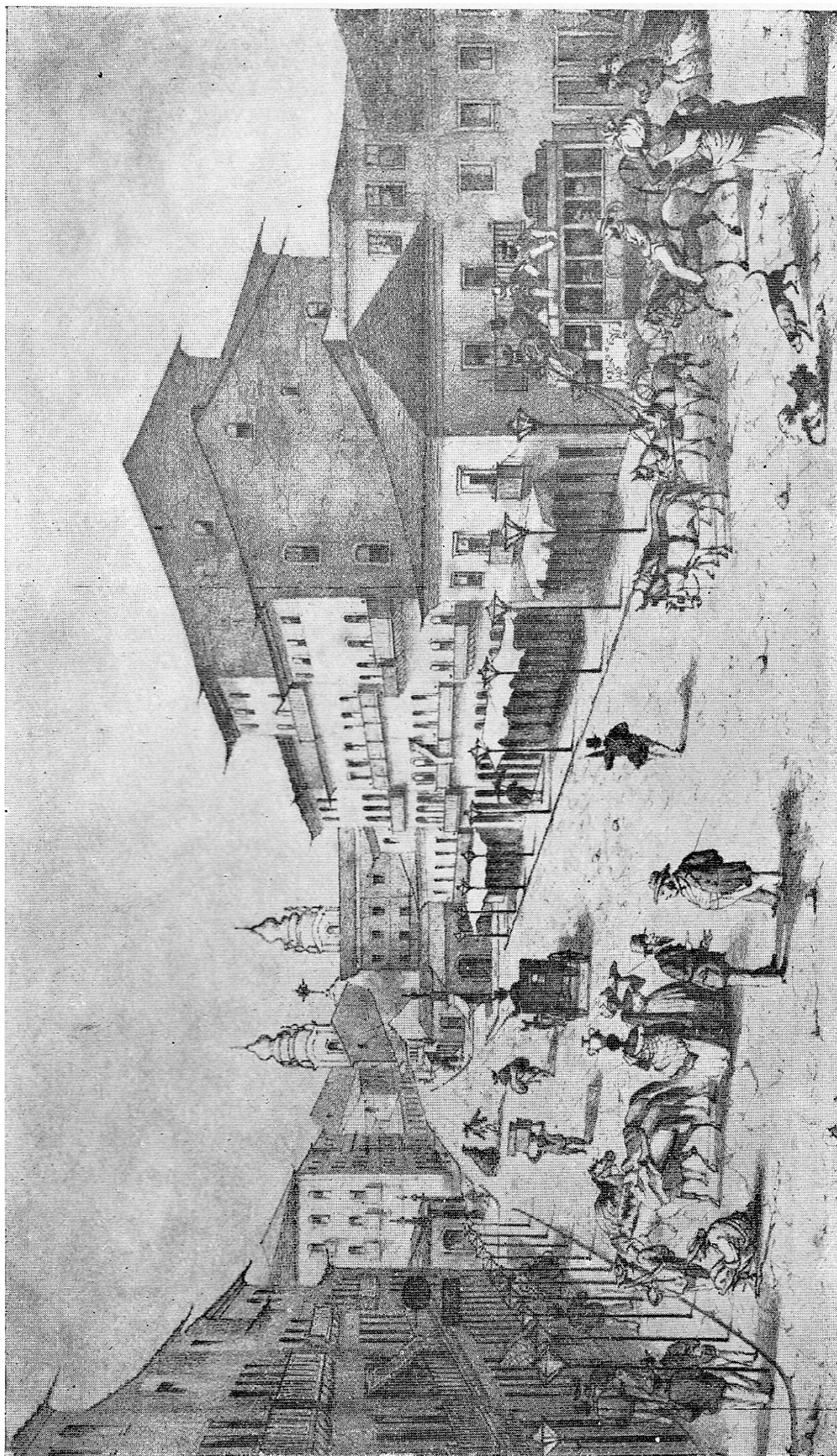
A imponência da indumentária dos baleeiros de certos carros ainda foi apreciada pelos que viveram o princípio dêste século no Recife. Se havia muito cocheiro mal-amanhado nos carros de uso nos enterros, viam-se no entanto, uniformes vistosos de condutores de carruagens particulares ou mesmo das de aluguer reservadas às cerimônias de distinção como os grandes casamentos, daqueles que pomposamente se realizavam no Palácio do Bispo.

Pouco a pouco os carros se vulgarizaram. As cocheiras multiplicaram-se na cidade, sendo sítios preferidos delas a Rua de Santo Amaro a das Cruzes, do Sossêgo. São dos últimos tempos a do Zé Luís e a do Valete. Em época mais recuada existiu um dêsses estabelecimentos que assim se anunciava:

SEGEIRO

Alberto Prevost segeiro tem a honra de prevenir ao respeitável público que estabeleceu-se no beco do Tambiá, defronte do chafariz da praça da Boa Vista, primeira cocheira à esquerda, onde as pessoas que do seu préstimo precisarem o acharão sempre pronto a servi-las com brevidade e preço cômodo.

As posturas municipais do meado do século passado já se ocupavam dêsses veículos em artigos cuja transcrição não deixa de ser curiosa:



O ônibus do Cláudio mostra-se pelo centro da cidade

Art. 153 - Nenhum cocheiro será admitido ao govêrno de carros, seges, ônibus ou outro qualquer veículo de condução pública ou particular sem estar matriculado na repartição da polícia.

Art. 155 - Os cocheiros trarão os animais dentro da cidade a trote curto; fora dela poderão trazê-los a galope ou carreira, não lhes sendo permitido abandonar o carro em caso algum.

Art. 158 - Os ônibus ou outros quaisquer veículos de condução não poderão admitir maior número de passageiros do que aquêles que fôr lotado préstimo precisarem o acharão sempre pronto a servi-las com brevidade pela polícia, para o que terão escrito em caracteres maiores e em lugar visível o número de sua lotação.

Seguiam-se outros artigos que, certo, não eram, como o último, "para inglês ver". Citamos aqui alguns dêles: o que proibia o mau trato dos animais; o que permitia nas noites de bailes e espetáculos postarem-se carros à espera de fregueses após o divertimento; o que determinava uso de lanternas à frente e atrás depois das 6 ½ da tarde; o que vedava lavarem-se carros nas ruas; o que prescrevia limites de pêso para as carroças puxadas a bois ou cavalos; o que não consentia carros que chiassem, dentro da cidade; etc.

Vale a pena transcrever ainda, pelo que têm de sabor do tempo, estas duas disposições:

Art. 164 - Nas ruas em que encontrarem o Santo Viático, levado a algum enfêrmo, ou procissão, não passarão os carros adiante nem entre o préstito, devendo-se parar imediatamente os animais pelo freio durante a devida reverência.

Art. 165 - A nenhum carro, sege, ônibus, cabriolé e outros veículos semelhantes será lícito transitar, de qualquer maneira que seja, por alguma rua da cidade, na quinta-feira e na sexta-feira da Paixão, salvo com permissão da polícia.

Êstes dois artigos como que ilustram a paisagem do Recife de quase cem anos atrás, revelando-se sobretudo o profundo respeito da população nos dias que evocavam o Martírio de Jesus. Ainda há 40 anos, nesses dias, os trens não apitavam, as campainhas dos bondes eram retiradas, evitavam-se todos os ruídos e quase ninguém vinha à rua sem ser de prêto ou de trajó escuro.

Os transportes de cargas, no Recife, por longos anos foram feitos às costas e cabeças dos negros escravos, quando não fôssem os volumes impelidos pelos mesmos homens em pequenas carrêtas. Assim eram levados aos seus destinos sacos de açúcar, fardos de algodão, caixas de fazendas e miudezas, barris de vinho, etc. Mercado-rias da Alfândega ou do sertão.

Apareceram depois as carroças de bois. Típicas da nossa cidade. Compridas e baixas, puxadas por um só animal, que trazia no pescoço uma campainha. O condutor do veículo ia, a pé, ao lado, brandindo o rêlho. Encheram o Recife por mais de século e vieram se acabar em 1905, na administração do Prefeito Martins de Barros, o iniciador da remodelação da *urbs*. Fizeram-se versos aos bois, e a policia tomou medidas excepcionais no dia da cessação do tráfego, porque diziam pretenderem os carroceiros reagir.

Na segunda metade do século XIX houve no Recife uma emprêsa de transportes de cargas: a *Locomotora*. Em 1878 já funcionava. Eram carros abertos, espécie dos

atuais, puxados a quatro e a seis burros, mas sôbre trilhos. Trilhos de ferro assentados sôbre pranchões de pinho. E como êstes exigissem constantes reparos, as ruas viviam esburacadas e os jornais, indignados, atacavam a *Locomotora*. Dispunha ela de 10 carros e 60 burros, e o pessoal compunha-se de 1 diretor, 1 guarda-livros, 1 cobrador, 3 caixeiros, 1 chefe de serviço da estação de Cinco Pontas e 3 vigias. Por parte do Govêrno exercia o cargo de fiscal o engenheiro Crisólito Ferreira de Castro Chaves. Havia um escritório alugado no Cais da Companhia Pernambucana e uma estação ao pé da fortaleza de Cinco Pontas, em cujo terreno se construiu depois a do trem. A própria Estrada de Ferro embargou as obras quando, apenas se tinham levantado dois telheiros destinados a cocheiras e oficinas da *Locomotora*.

Há mesmo uma estatística de volumes transportados:

Da estação para diversos pontos -

Açúcar	216.432 sacos
Algodão	7.377 sacas
Aguardente	10.152 volumes
Diversos	11.018 volumes

Do Recife para a estação -

Açúcar	45.148 sacos
Algodão	78 sacas
Diversos	1.218 âncoras

Não se mostrava promissora, entretanto, a situação da Locomotora. Além de "causas gerais que atuavam contra a prosperidade da Emprêsa", um outro obstáculo se fazia sentir de modo intensivo: a hostilidade dos carroceiros. Moviam uma campanha de descrédito, inventavam *histórias* e ainda por cima interrompiam o tráfego dos carros da *Locomotora*, parando as carroças em cima dos trilhos e fingindo estarem os bois em prego.

"Se a Locomotora Pernambucana tiver confiança em seu futuro é certo que medrará" - opinava um relatório.

Contudo não medrou, apesar de pertencer a emprêsa ao Banco Industrial e Mercantil do Rio de Janeiro, que na Côrte mantinha serviço congênere. Em 1880 transferiram a concessão à firma recifense Leite Osvaldo & Cia. por arrendamento de 7 anos, à razão de 2:000\$000 nos três primeiros e 3 :000\$000 nos quatro seguintes. Ia em decadência. Os carroceiros chegavam a se aglomerar às portas dos armazéns para impedir o movimento dos carros. O engenheiro-fiscal pedia providências ao Chefe de Polícia e à Câmara Municipal. Já então a emprêsa tinha 23 veículos grandes, 3 menores, 1 carroça, 80 animais e 60 empregados. Para chamar freguesia oferecia um abatimento de 20% nos fretes. O rendimento nos últimos seis meses de 1879 fôra de 11:115\$000, com uma despesa de 19:972\$110. *Deficit* assim de 8:857110, afora impostos e contas a pagar.

A crise da *Locomotora* aumentava. Em 1881 o engenheiro-fiscal Alfredo Carlos Al-

coforado, pedia demissão, porque não recebia vencimentos. E desde julho o serviço de transporte de cargas pelos carros da empresa cessara. A Presidência do Estado decreta a caducidade do contrato e marca o prazo de três meses para serem retirados os trilhos, repondo-se devidamente o calçamento. O terreno das cocheiras foi entregue à *Estrada de São Francisco* e nele se levantou o edifício da estação inicial, hoje abandonada.

Um contemporâneo da *Locomotora* revelou-nos que os seus carros eram guiados por um cocheiro de chicote em punho, acompanhado por meia dúzia de negros, num vozerio tremendo, para estimular os burros quando a carga era demasiada, máxime na subida da ponte do Recife ou nas curvas das estreitas ruas do bairro do mesmo nome.

Com a extinção das carroças de bois, vulgarizaram-se as puxadas a cavalos, que daí a pouco seriam suplantadas pelo automóvel de carga.

Dos ônibus a luar, passou o Recife, em matéria de condução coletiva do centro da cidade a arrabaldes próximos, ao bonde de burro.

O contrato, para esse serviço, foi assinado em 19 de março de 1870, no Palácio da Presidência. Era presidente o Senador Frederico de Almeida e Albuquerque, e contratante o Sr. José Henrique Trindade.

Obrigava-se este, cuja proposta, em concorrência pública, fôra a mais vantajosa, ao "estabelecimento de um sistema de carris de ferro que nos termos da lei provincial n. 879, de 25 de junho de 1896, ligue a capital desta província com os seus subúrbios, para os quais não estejam já estabelecidos os trilhos urbanos, e una os demais pontos limítrofes da mesma capital".

Êsses "trilhos urbanos" eram os trens suburbanos chamados maxambombas", de que nos ocuparemos noutro capítulo.

O contrato estabelecia, entre outras exigências técnicas que

O assentamento da linha de carris terá seu começo no largo do Arsenal de Marinha e atravessando as pontes Sete de Setembro e da Boa Vista terminará na Passagem da Madalena, ramificando-se nos pontos que mais convenham para os Afogados, Fernandes Vieira e Santo Amaro, passando este último pela ponte Santa Isabel. O detalhe das ruas e estradas por onde a linha deve fazer seu curso, será fixado de acordo com a presidência, ouvida a Câmara Municipal e mais repartições competentes.

Os trilhos ficariam no mesmo nível do calçamento; seriam assentados no centro das ruas, e se estas fossem muito estreitas, mais do lado esquerdo; os carros deveriam comportar 30 passageiros, sendo puxados a animais, "podendo andar para trás e para diante, mudando os animais de um para o outro lado".

O preço da viagem nos carris, qualquer que seja o termo desta, será de 200 réis por pessoa. O serviço será quotidiano e incessante desde as 6 horas da manhã até às 12 da noite, e regulado por uma tabela aprovada pelo Presidente da Província.

Cogitava-se de multas, de fiscalização, de calçamento das ruas por onde passarem os carros, à custa da Companhia; de transferência do contrato, de nulidade do mesmo se houvesse interrupção do tráfego por seis meses, do prazo da concessão, que seria de 25 anos, e das paradas dos carros, que seriam em qualquer parte, a um sinal do passageiro para subir ou descer.

A 21 de setembro de 1871 os jornais publicavam este aviso:

Pernambuco Street Railway Company

Amanhã 22 do corrente abre-se ao
publico a linha de Magdalena

Parte o primeiro carro da estação na rua do
Brum às 4 horas e 45 minutos da manhã, con-
tinuando de 20 em 20 minutos, até as 7 horas e
25 minutos, dahi de 12 em 12 minutos, até as
10 horas e 21 minutos, e dahi de 20 em 20 mi-
nutos até as 2 horas e 21 minutos, então de 12
em 12 minutos até as 4 horas e 57 minutos, e
depois de 25 em 25 minutos até as 11 horas e
10 minutos da noite.

Da Magdalena

Sahe o primeiro carro às 5 horas e 20 minu-
tos da manhã, continuando de 20 em 20 minu-
tos até as 8 horas e 4 minutos, e dahi de 12 em
12 minutos, até as 10 horas e 40 minutos; de-
pois de 20 em 20 minutos até as 2 horas e 36
minutos, e dahi de 12 em 12 minutos, até as 5
horas e 36 minutos, continuando depois de 25
em 25 minutos até as 11 horas e 45 minutos da
noite.

Os conductores dos carros darão em troco de
dinheiro, bilhetes da companhia, os quaes serão
trocados por dinheiro no escriptorio da compa-
nhia, travessa do Brum n. 22 todos os dias
uteis desde as 10 horas da manhã até as 3 hora-
da tarde.

Pernambuco 21 de Setembro de 1871. — O
gerente, *Bernardo Whitman*.

Depois do horário, obediente às mesmas bases, dos bondes que voltassem da Ma-
dalena, comunicava mais o gerente, Sr. Bernardo Whitman, que "os condutores de
carros darão em trôco de dinheiro bilhetes da Companhia, os quais serão trocados
por dinheiro no escritório da Companhia, travessa do Brum n.º 22, todos os dias
úteis desde as 10 da manhã às 3, da tarde".

Foi notável para o Recife essa inauguração. Os carros iam somente à Estrada dos
Remédios. Eram do tipo fechado, e nos primeiros tempos conhecidos por "ônibus".
Depois o povo deu-lhes o apelido de "baús". Aliás, por essa alcunha conhecemos ain-
da dois únicos carros fechados da antiga Ferro-Carril. Tinham os números 1 e 2. Cer-
tamente ainda dos primitivos. Vinham à rua apenas nos dias de festas públicas,
quando o número excessivo de passageiros exigia esse reforço de transporte.

No dia da inauguração viajaram 2.695 pessoas. A segunda linha a inaugurar-se foi
a de Afogados, do mesmo ano, no dia 20 de novembro. Dessa inauguração o *Diário
de Pernambuco* afirmou ser uma festa ianque. A de Fernandes Vieira teve seu tráfe-
go iniciado no domingo 1º de setembro de 1872.

Posteriormente Santo Amaro e Torre mereceram igual melhoramento. Para Afoga-
dos havia dois ramais - um, pela Rua Duque de Caxias (Afogados - Caxias), outro
pela Rua Marquês do Erval (Afogados - Erval) - e para Santo Amaro ia-se por Hospí-
cio e por Aurora. A linha Fernandes Vieira, a princípio somente com percurso pela
Rua da Conceição, depois teve outro ramal por Hospício

Os passageiros da Torre, nos primeiros anos, faziam baldeação no Sobrado Gran-
de, dos bondes de Madalena (que até aí chegavam) para um carro menor. Havia nêle

um cocheiro munido de corneta para avisar os moradores quando o bonde ia partir.

A propósito das linhas da Madalena e Torre, esta ultimamente direta, é interessante recordar o seu itinerário, que aos recifenses de agora parecerá estranho. A partir da Praça Maciel Pinheiro os carros tomavam o lado esquerdo e seguiam pela Rua do Aragão, dobravam Rosário da Boa Vista, continuavam por Barão de São Borja, Visconde de Goiana e Chora-Menino, de onde tomavam o trajeto atual. A Rua da Intendência, hoje Manuel Borba, não conhecia as honras de bonde nem... de calçamento.

Na linha da Madalena o trajeto do Brum ao Sobrado Grande era vencido em 36 minutos; na de Santo Amaro até o Asilo, em 30 minutos; na de Fernandes Vieira até às Graças, em 30 minutos também; na de Afogados até o Largo da Paz, em 40 minutos; Torre até a ponte, 45 minutos.

A princípio a linha de Fernandes Vieira ia somente até o atual Parque Amorim, que era conhecido por "Alagado".

No decorrer do ano de 1884 a *Companhia Ferro-Carril* publica artigos do seu Regulamento e horário das suas linhas, dos quais destacamos os de Fernandes Vieira e Afogados:

FERNANDES VIEIRA							
LUZ AMARELLA				TARIFA 200 REIS			
TRAJECTO 30 MINUTOS							
Rua da Conceição				Rua do Hospício			
IDA		VOLTA		IDA		VOLTA	
Dia	Dia	Dia	Dia	Dia	Dia	Dia	Dia
5.50	3.50	6.20	4.20	5.20	3.35	5.50	4.05
6.50	4.20	7.20	4.50	6.20	4.05	6.50	4.35
7.50	4.50	8.20	5.20	7.20	4.35	7.50	5.05
8.20	5.20	8.50	5.50	8.05	6.05	8.35	5.35
8.50	5.50	9.20	Noite	8.35	6.35	9.05	Noite
9.20	Noite	9.50		9.05	Noite	9.35	6.05
9.50		10.20	6.20	9.35	6.05	10.05	6.35
10.50	6.20	11.20	6.50	10.20	6.35	10.50	7.05
11.50	6.50	12.20	7.20	11.20	7.05	11.50	7.35
12.50	7.35	1.20	8.05	12.20	8.05	12.50	8.35
1.50	8.35	2.20	9.05	1.20	9.05	1.50	9.35
2.50	9.35	3.20	10.05	2.20	10.05	2.50	10.35
3.20	10.35	3.50	11.05	3.05	11.05	3.35	11.35

AFOGADOS							
LUZ VERDE				TARIFA 200 REIS			
TRAJECTO 40 MINUTOS							
Rua Duque de Caxias				Rua Marquez do Herval			
IDA		VOLTA		IDA		VOLTA	
Dia	Dia	Dia	Dia	Dia	Dia	Dia	Dia
5.00	3.00	5.40	3.40	5.20	3.20	6.00	4.00
5.40	3.40	6.20	4.20	6.00	4.00	6.40	4.40
6.20	4.20	7.00	5.00	6.40	4.40	7.20	5.20
7.00	5.00	7.40	5.40	7.20	5.20	8.00	6.00
7.40	5.40	8.20		8.00	6.00	8.40	
8.20	Noite	9.00	Noite	8.40		9.20	Noite
9.00	6.20	9.40	6.20	9.20	Noite	10.00	6.40
9.40	7.00	10.20	7.00	10.00	6.40	10.40	7.20
10.20	7.40	11.00	7.40	10.40	7.20	11.20	8.00
11.00	8.20	11.40	8.20	11.20	8.00	12.00	8.40
11.40	9.00	12.20	9.00	12.00	8.40	12.40	9.20
12.20	9.40	1.00	9.40	12.40	9.20	1.20	10.00
1.00	10.20	1.40	10.20	1.20	10.00	2.00	10.40
1.40	11.00	2.20	11.00	2.00	10.40	2.40	11.20
2.20		3.00	11.40	2.40		3.20	

O primeiro desastre causado pelos veículos da *Pernambuco Street* ocorreu na Rua Paissandu, perto da entrada do Cajueiro (Hospital Português). Vinha um menor a cavalo; o animal espantou-se e o jovem cavaleiro caiu debaixo das rodas, que lhe cortaram um pé. No hospital a criança morreu dias depois.

As linhas mais recentes inauguradas foram a de Derby, e de Jiquiá e a de Hospital Pedro II, a primeira em 1898 e as duas últimas em 1906.

O bonde para os Coelhos resultou de longa campanha da imprensa, dada a sua necessidade, ficando ali o então único hospital da cidade. Mas custou. Diziam que a política andava metida no meio para entravá-lo.

Boatos do tempo...

Os bondes da *Companhia Ferro-Carril de Pernambuco*, denominação que substituiu a primitiva da empresa, eram, por fim, todos abertos, tipo americano. Para ajudarem as parelhas, na subida das pontes da Boa Vista e da Madalena, havia burros de refôço conhecidos por "sotas". Elas permaneciam nas ruas Nova, Imperatriz e Benfica, vigiadas pelo "homem das sotas". Atrelavam-nas aos carros e, puxando-os, elas galgavam as rampas das pontes. Depois de prestado o auxílio voltavam sozinhas para seu canto habitual. Em regra, os bondes nunca subiam a ponte de uma vez só; quase sempre a meio da ladeira estacavam: era o "prego". A custa de chicotadas e às vezes com a atrelagem de mais um quarto burro, atingiam o alto.

Em vários trechos da cidade os carros da *Ferro-Carril* cruzavam os trilhos da mambomba. Pouco antes desses cruzamentos, e não obstante haver ali vigias com bandeiras e faróis coloridos, o condutor descia do bonde e ia até a esquina ver se vinha ou não trem...

Êsses vagares da *Carril* não seriam de admirar no tempo antigo, em que não se conhecia o "dinamismo". Hoje ali na estação de Fernandes Vieira os elétricos demoram longos minutos em troca de motoneiros e condutores ou para tomar e deixar reboques. Nas quintas e sextas-feiras santas não corriam os bondes, isto ainda por volta de 1875, Conforme aviso da empresa.

A propósito da linha de Hospital, que à custa de muitas reclamações veio a ser inaugurada em 1906, correram êstes versinhos:

Ferro-Carril! E que ponta!
Vem quase à eletricidade!
Também a gente desconta,
Leva em conta a amizade.
Jiquiá! Oh que progresso!
Paissandu, vitórias minhas!
Reparem bem meu sucesso,
De ano em ano espicho as Linhas.
Em parte nenhuma vi
Sucesso tão colossal.
Vejam a que altura subi!
Bonde até para o Hospital!

Ai por 1910 a *Carril* colocou acumuladores para iluminar elêtricamente os seus carros, dispensando o carbureto. E logo o povo lhes deu a crisma de "eletro-burros".

As passagens nos bondes custavam: 100 réis da estação inicial; na Rua do Brum, até a praça Maciel Pinheiro ou Campina do Bodé, Dai até os terminais, 200 réis.

Não é desinteressante um golpe de vista no movimento de passageiros nas várias linhas da *Carril* nos anos de 1876 -1877:

Madalena	601.937
Afogados	356.679
Fernandes Vieira	102.867
Santo Amaro	102.153
Hospício	27.876
Ponte Santa Isabel	9.495
Ponte da Boa Vista	17.513
Cinco Pontas	47.032
Tôrre	36.820

As linhas de Ponte Santa Isabel, Ponte da Boa Vista e Cinco Pontas eram circulares ou auxiliares do tráfego. Houve depois um ramal para a Estação Central.

Em 1878 um relatório da Presidência da Província notava que o movimento de passageiros dos bondes, a contar da inauguração do serviço, vinha decrescendo, conforme se vê dêste quadro:

1872 - 1873	1.855.647
73 - 74	1.710.566
74 - 75	1.710.566
75 - 76	1.465.111
77 - 78	1.569.233

A receita em 1777 - 1778 foi de 327:185\$366 e a despesa de 278:784\$027.

No período, 105.797 viagens redondas.

Outro pormenor estatístico da *Carril*: no Carnaval de 1882 os bondes transportaram 20.977 passageiros, com uma renda de 4.195\$400.

Nesse ano a *Carril* possuía 23 carros em tráfego e 400 burros. Estavam em consêrto ou reserva 25 carros.

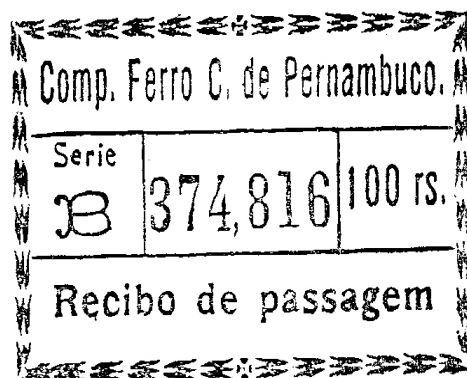
Falou-se, também, ainda em 1880, no congestionamento do tráfego. Apenas, dizia-se "no atravancamento das ruas". As carroças de açúcar paravam por tôda parte e interceptavam a marcha dos bondes.

O horário da *Carril* desaparecera, pois os carros eram obrigados a estacionar "por mais de 4 horas" numa rua ou num cais. A Ponte 7 de Setembro era um suplício! Todos queriam passar ao mesmo tempo. O aumento de veículos de carga atrapalhava tudo, pois êles levavam horas às portas dos armazéns e lojas a descarregar sacos e caixotes, sem se importar com quem tivesse pressa e obrigações.

Os jornais de 1893 reclamavam contra as viagens demoradas dos bondes, devido à superlotação e conseqüente cansaço dos burros.

Devia-se usar a tabuleta "Completo". Ao contrário, parava o 'bonde já cheio para ainda receber passageiros, inclusive senhoras, às quais os homens, que vão sentados, são obrigados a ceder seus lugares e ir para a plataforma ou, quando Deus é servido, para os estribos laterais.

Foi, por muitos anos, usual nos bondes da *Carril* serem as passagens pagas registradas por meio de cupões numerados que o condutor destacava e entregava aos passageiros. Êstes porém, "que não eram fiscais da Companhia", não aceitavam êsse papeluchos, os quais enchiam o soalho dos carros ou emporcalhavam as ruas.



Por volta de 1902 a *Ferro-Carril* resolveu dar, se não me engano, um real por cupão que lhe fôsse enviado, a favor da Liga Contra a Tuberculose. Começou-se, então, a juntar êsses bilhetinhos, com um sentido humanitário de auxiliar tão elogiável instituição, que já mantinha um dispensário na Rua dos Pires. Mas ainda outro motivo concorreu para que se andassem disputando êsses cupões: os prêmios instituídos para os que enviassem mensalmente o maior número dêles. Pediam êsses colecionadores aos amigos, aos conhecidos, aos compadres, a todo o mundo, que lhes reservassem cupões a fim de serem os vitoriosos.

Houve, também, outra mania: a de enviar êsses cupões para a Liga Contra a Tuberculose por intermédio dos jornais, sob pretexto de regozijo pelo aniversário natalício próprio ou alheio, por um casamento, batizado, nascimento, formatura e outras razões íntimas.

Visava-se, sobretudo, o "nome no jornal".

A *Ferro-Carril* desde o início do seu tráfego emitia "libretos" com 10 passagens de 100 réis, bilhetes êsses que pouco a pouco foram sendo aceitos como trocos.

Por volta de 1895 êsses papeluchos circulavam quase livremente como dinheiro, no Recife. E deram motivo a questões e barulhos. Ficaram conhecidos por "sampaio" e "sangaio". A origem da alcunha era a assinatura do gerente da Companhia: um tal Sampaio. Aconteceu que numa das emissões dessas passagens o *p* saiu parecido com um *g*. E daí o "sangaio". Havendo falta de moeda divisionária êsses bilhetes corriam à vontade. Mas, poucos resistentes, machucavam-se, rasgavam-se, e, assim, nos bondes, os condutores não queriam aceitá-los. Irrompiam discussões, desaforos, protestos, pancadas e depredações. Existiam "sampaio" moles e duros. A propósito, pelo Carnaval, no préstito dos *Filomomos* saiu um carro de crítica - um bonde da *Carril* - distribuindo-se êstes versos:

Por causa da *emissão* quebram-se os bancos
Dos bondes do Sampaio - já se vê.
Os bilhetes daqui saíram brancos
Pela troca maldita *P* em *G*.

A 13 de maio de 1914 correram pelo centro da cidade os primeiros bondes elétricos. Ouviu-se, para nunca mais, o estrépito, tão familiar aos recifenses, das patas dos burros no calçamento das ruas. E os estalidos dos chicotes dos boleiros, quase sempre acompanhados de exortações ou ameaças:

- Anda, burra ! ... Corre, diabo !...

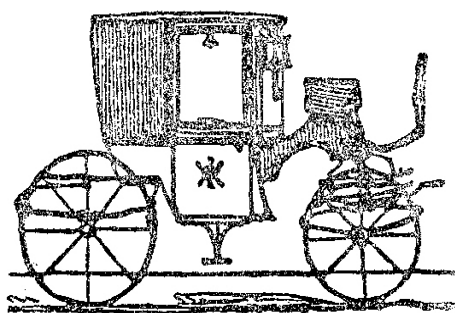
Os olhos iam deixar de ver as tabuletas vermelhas de Madalena, verdes de Afogados, azuis de Santo Amaro, amarelas de Fernandes Vieira.

Ninguém se importou com isso. Todos estavam ansiosos pelo tráfego regular daqueles carros elétricos, compridos e bonitos, que já se haviam mostrado em experiência e estavam prontos a encetar sua missão.

Os bondes de burros recolhiam-se aos arrabaldes para não voltarem à cidade - àquele Recife que eles ajudaram sobremodo a democratizar, no convívio popular dos seus bancos, aproximando o capitalista do largo do Corpo Santo do "capoeira" de Santo Amaro; a dama lorde da Passagem da Madalena, da costureira pobre da Torre; a menina rica do Colégio Pritaneu, da órfã da Estância; o chefe de seção de cartola e fraque, do amanuense de paletó de alpaca e chapéu de massa.

Nesses bondes discutia-se a Abolição, a República, a Revolta da Armada, a Guerra de Canudos, o Quebra-quebra Lampião, a Peste Bubônica, o Balão de Zé da Luz e a Campanha Dantista, com todos os seus boatos e entusiasmos.

Era um grande capítulo da vida da cidade a se encerrar, O Recife ia ser um outro Recife.



II

Pouco antes de se iniciar o tráfego dos bondes a luar, da então *Pernambuco Stre-*

et Railway Company, a cidade viu-se servida por um tipo de condução que por mais de meio século constituiu uma das suas peculiaridades fisionômicas: o dos pequenos trens chamados vulgarmente de "maxambombas". Partiam uns do bairro de Santo Antônio e outros do da Boa Vista, conforme veremos adiante, e destinavam-se a ar-rabaldes longínquos e à vizinha cidade de Olinda, onde os veículos daquela empresa não haviam chegado. Tais regiões suburbanas possuíam então uma habitação regular, embora ainda escassa devido à dificuldade de transportes, e sobretudo no verão mereciam a predileção dos moradores do centro urbano, para o passamento da Festa, quando não fôsse por uma exigência de melhor clima para a saúde. Ali abundavam as árvores, as frutas, a frescura da noite, o banho de rio, uma porção de requisitos aprazíveis, úteis e atraentes para quem vivia num sobrado ou numa casa imprensada.

O Recife fôra de comêço a zona peninsular, o "pôrto". Ali, ao agrupamento primitivo de casebres e armazéns sucederam os prédios altos de quatro e cinco pavimentos, em tórno da ermida de pescadores tornada depois a matriz do Corpo Santo. Nesses edifícios os comerciantes tinham seus estabelecimentos de negócio no andar térreo e nos superiores as residências. Maurício de Nassau dera preferência à ilha de Antônio Vaz e nela fundara a sua Mauricéia com as novidades urbanísticas que se sabem. Transbordaram, porém, posteriormente, os habitantes recifenses para o continente, mercê das facilidades das pontes lançadas pelo fidalgo alemão, para o continente, que tomou o nome de Boa Vista. Novas ruas, novos aterros, novos prédios. Passou-se a veranear nos sítios da Soledade, do Mondego, de João de Barros, da Passagem da Madalena, nesse tempo ainda "mato". Os médicos, em casos clínicos de "fraqueza do peito", "febres palustres", "anemia profunda", aconselhavam temporadas nesses recantos afastados e para lá se iam as famílias em casas de improvisado ou mesmo em tetos definitivos. Pouco a pouco, porém, o "mato" das vilegiaturas fôra recuando: descobriram-se as virtudes de Ponte d'Uchoa, do Poço da Panela, dos Apipucos, do Arraial, de Caxangá. Ali, sim, a cura seria mais rápida e sólida, e os festejos de natal muito mais pitorescos. As poucas habitações obtinham bons preços, e tratavam-se já de levantar outras, tal a procura. Mal se aproximava setembro e o calor aparecia, viam-se as mudanças em canoas, carroças, cabeças, a caminho dos ar-rabaldes em voga. Reabriam-se casas, moviam-se vasculhadores e vassouras, lavavam os tijolos do piso, caiavam paredes e fachadas, e ora esta ora aquela habitação ocupada, animava-se o bairro. E ainda seria melhor se a condução não fôra aquele ônibus do Cláudio, tão raro e tão incômodo! Nem todo o mundo dispunha de escravos para carregar cadeirinhas, ou podia ter cabriolé. Mesmo assim a "Festa" valia o sacrifício - convivência de veranistas, namoros, danças, ceias de garfos, mamulengos, circo de cavalinhos, missa do galo, sete-e-meio, recitativos...

Terras de antigos engenhos ou meros povoados de outrora eram agora subúrbios afamados, paraísos de repouso, estações de cura, quando não zonas de moradia habitual. Erguiam-se em meio dos sítios de grandes árvores sobrados de azulejos com muito luxo por dentro: mobiliários de jacarandá, espelhos de corpo inteiro, telas a óleo, tapêtes de veludo, lustres de pingentes de cristal, pratarias e porcelanas, cocheiras, caramanchões, até piano. Palacetes. E daí a necessidade de um meio de transporte freqüente e barato.

Por volta de 1861 uma lei provincial concedera a Cláudio Dubeux e Manuel Buarque de Macedo favores para instalarem "trilhos urbanos" entre o Recife e Apipucos. Não levaram a cabo a obra. Mas em 1863 obtiveram concessão idêntica o Barão do Livramento, Antônio Luís dos Santos e José Bernardo Guedes Alcoforado, que enfren-

taram a sério o problema. A 30 de dezembro dêsse ano assinaram contrato sob cláusulas pelas quais se obrigavam, em resumo, a:

a) assentar via férrea ou trilhos urbanos da cidade do Recife à povoação dos Apipucos;

b) a linha teria como ponto de partida o Largo do Capim⁽¹⁾ ou Mundo Novo, em Santo Antônio, seguiria pela rua Formosa, pela rua projetada em frente ou Esperança⁽²⁾, saindo no Manguinho e indo daí, pela Ponte d'Uchoa, Santana, Casa Forte, Monteiro, até Apipucos;

c) permitia-se futuro prolongamento da linha do Largo do Capim até o Campo das Princesas⁽³⁾ e Rua do Imperador;

d) haveria três seções, sendo a passagem de 200 réis por um trajeto de 1.000 braças;

e) o início dos serviços de construção seria 11 meses após a assinatura do contrato, e o tráfego após 2 anos.

Dias depois os concessionários avisavam que, tendo chegado da Europa desenhos e orçamentos trazidos por um engenheiro que executaria a obra, haviam resolvido formar uma Companhia com o capital de 300:000\$000 em ações de 50\$000. Quem desejasse adquirir ações procurasse um dos corretores Vasconcelos, Guimarães, Gattis, Douborcq, Macedo ou Sève, bastante conhecidos na praça. Eram as seguintes as bases da empresa, que se chamaria *Trilhos Urbanos da Recife a Apipucos*:

Art. 1.º - O capital da Companhia será de 300 contos de réis, divididos em ações de 50\$000, realizáveis em prestações, sendo 25% logo que estiver formada a Companhia e o restante nos prazos indicados pelos empresários, precedendo aviso de 30 dias. Poderá, porém, êste capital ser elevado para 400:000\$000 se para o futuro quiser a Companhia fazer prolongamento ou ramal.

Art. 2.º - Os empresários se obrigam a fazer as obras que forem precisas para a colocação de trilhos, inclusive as desapropriações, ponte de ferro que tem de ser colocada no rio Capibaribe, duas estações para recolhimento do trem rodante e dos objetos da companhia, que serão com a simplicidade possível, tendo-se somente em vista as acomodações e segurança sendo uma no bairro de Santo Antônio e outra nas proximidades da extremidade da linha; a fornecer 10 carros para passageiros e 2 para carga, e 3 locomotivas, e tudo isto nos prazos estipulados no contrato.

Art. 3.º - Concluídas as obras, serão os trilhos, com os objetos acima indicados, entregues à Companhia, que desde logo entrará na posse e administração da empresa, e gozará dos privilégios, isenções e vantagens que forem concedidos aos empresários, salvas as disposições aqui declaradas, sem que de parte a parte possam dar-se reclamações ou possam os empresários exigir mais do que a referida quantia de 300:000\$000.

Art. 4.º - Os empresários se obrigam solidariamente ao cumprimento do que fica declarado, e de que se lavrará auto autêntico.

Art. 5.º - Pela assinatura se obrigam os acionistas ao que fica declarado e ao pagamento das prestações nos tempos que forem declarados. No caso, porém, de não pagamento de qualquer das prestações em dito tempo, perderá o acionista o direito das prestações ou entradas que houver feito, e quando não realize a primeira

(1)*Depois Rua do Sol.*

(2)*Caminho Novo*

(3)*Praça da República*

poderá ser coagido judicialmente ao pagamento da totalidade das ações.

Art. 6.º - Não será permitida a transferência de ações ou dos recibos provisórios antes de estarem integralmente pagas, salva a responsabilidade do acionista ou consentimento dos empresários.

Art. 7.º - Logo que estiverem tomadas as ações serão os estatutos submetidos à aprovação dos acionistas para que seja logo incorporada a Companhia, sem que todavia por este fato tenha ela qualquer ingerência na fatura das obras, chamada e recebimento de prestações.

Art. 8.º - Aos empresários se reserva o direito de receber da tesouraria provincial a quantia de dezoito contos de réis, que lhes tem de ser paga em quatro prestações para indenizações do adiantamento que têm de fazer para desapropriações, segundo o que está estipulado no contrato.

Art. 9.º - Os empresários tomam por sua conta e risco cem contos de réis em ações; será um deles diretor nato enquanto forem acionistas e terão passagem gratuita em qualquer dos carros da Companhia.

Art. 10.º - Fica entendido que as despesas até agora feitas e as que se houverem de fazer para incorporação da Companhia, registros, etc., serão por conta dos empresários, por modo que a Companhia entre no gôzo e posse da Empresa para ser explorada por sua conta e vantagem, mediante o capital realizado.

Art. 11.º - Não se faz o cálculo dos lucros prováveis e das vantagens da Companhia, porque esta apreciação está ao alcance de todos, e não desejam os empresários fazer nutrir esperanças que pareçam exageradas, pôsto que efetivamente o não sejam.

Barão do Livramento.

José Bernardo Galvão Alcotortuio

Antônio Luís dos Santos.

A construção das linhas principiou, entre a curiosidade e os comentários naturais e costumados. Enquanto uns nutriam aquelas esperanças da cláusula 11.^a, outros, e não poucos, descreiam da conclusão das obras ou dos seus resultados. Temiam estes os desastres; vaticinavam aquêles que não poderiam mais andar animais nas estradas, pois seriam mortos pelo trem ou se espantariam; insurgiam-se os que tinham terrenos a serem desapropriados ou pediam mundos e fundos por êles; levantavam-se críticas de toda espécie pela cidade inteira.

A experiência final deu-se a 1º de janeiro de 1867. Estavam assentados os trilhos e viam-se em ensaios as máquinas e os vagões. O trem nesse dia partiu da rua Formosa, rente à da Aurora, e atingiu o Caldeireiro em 30 minutos. Um êxito completo! Nenhum acidente. A locomotiva, "apesar" de ir a toda fôrça, parou com facilidade". Notou-se mesmo que, ao contrário do esperado, os cavalos pelo caminho não se atemorizaram com os apitos. No regresso, gastou o trem menos tempo. Tudo pronto. E a 5 do aludido mês a solene inauguração. Comparecimento do Presidente da Província e das mais destacadas autoridades. Bandas de música. Foguetaria por toda parte. E o povo a encher ruas e estradas. Nunca se vira a população interessar-se tanto por um melhoramento, anotara o repórter. As 3 horas da tarde, precisas, "à inglesa", o condutor apita, a máquina ronca e silva, as rodas se mexem, e o comboio avança de Rua Formosa afora, toma o Caminho Novo e lá se vai do Manguinho pela sua rota da Ponte d'Uchoa... Uma beleza! Pena, acentuava ainda o jornal, não ter havido lugares para todos os que desejavam viajar. Pequeno o número de carros. Já as queixas...

A ânsia de quem queria "provar" o trem foi tanta que dias depois a empresa publicava um aviso declarando peremptoriamente: quem entrasse nos carros sem passagem ficaria detido na estação terminal até pagá-la. A *Trilhos Urbanos* não era nada "sopa".

Não estando pronta ainda a ponte de ligação entre o Largo do Capim e a Rua Formosa, desta última partiam provisoriamente os trens, em número de 6 por dia. As composições formavam-se de 3 carros; não dispunham as locomotivas primitivas de tôlido para o maquinista e o foguista, que viajavam expostos ao sol e à chuva, conforme se vê das gravuras de Carls. Eram, em comêço, as seguintes as paradas: Rua da Soledade; depois da curva do Manguinho; em frente à Estrada dos Aflitos, entre as casas do Dr. Augusto de Oliveira e Gusmão; em frente da casa do Sr. Luis Gomes; entrada do sítio da Jaqueira; saída de Parnamirim; entrada da Casa Forte, e finalmente Chacon.

Horários:

Do Recife - 5 ½ - 7 ¼ - 8 ¾ manhã.

“ 3 ½ - 5 - 6 ¼ tarde.

Êsse horário nos oferece como que um panorama da vida do Recife nessa época. Almoçava-se entre 8 e 9 da manhã. Jantava-se o mais tardar às 5 horas. Quem o fizesse depois disso dava que falar pela "extravagância".

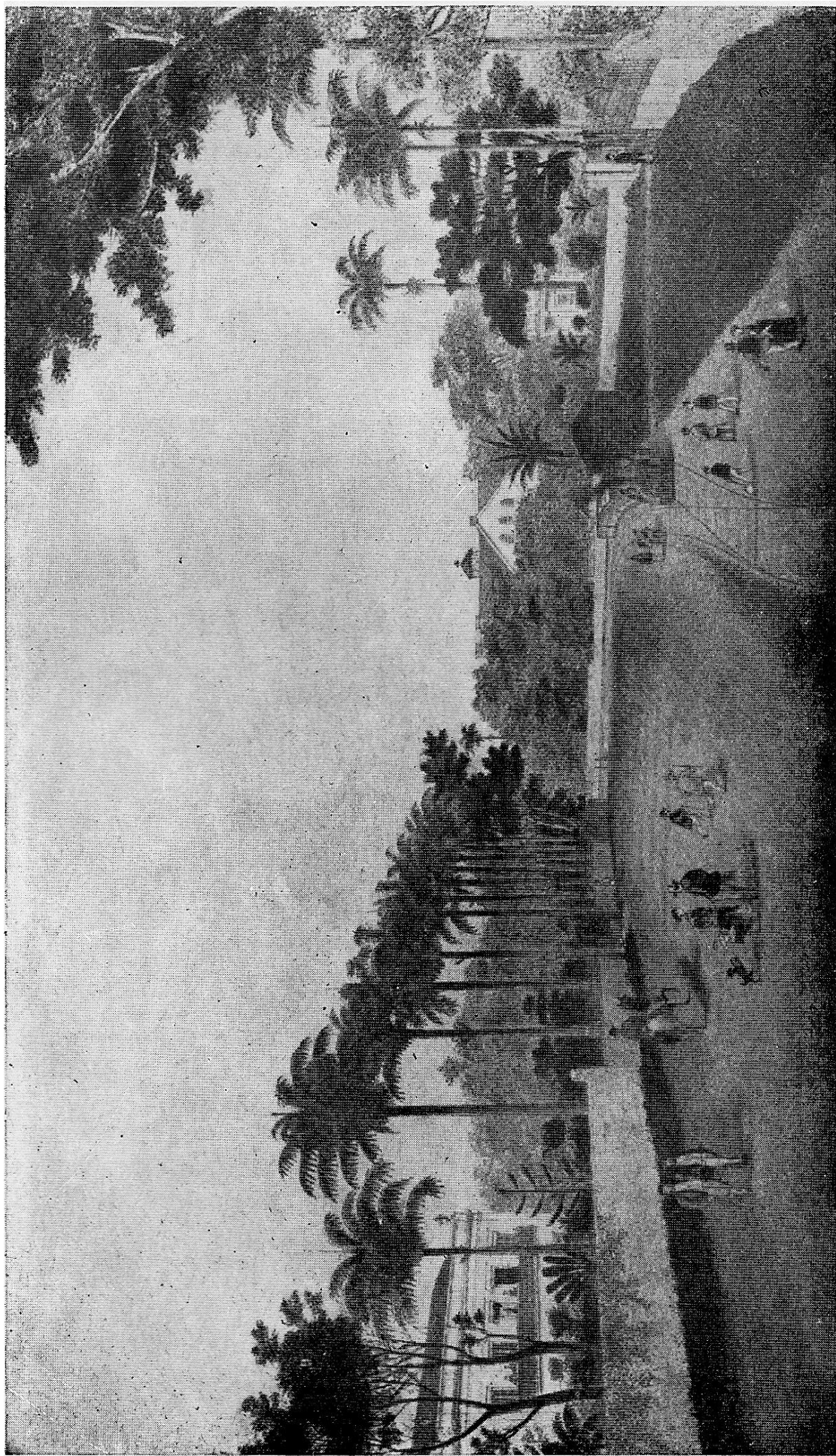
Já a 30 de março os trens alcançavam o Monteiro. Concluía-se a ponte sôbre o Capibaribe, e a estação inicial transferira-se para o Largo do Capim, depois chamado-Rua do Sol. Mais tarde a empresa obteve autorização para levar os trilhos até o Arco de Santo Antônio, mas sem poder ali construir estação. A falta de abrigo, ali, deu margem a várias queixas:

ABRIGO NO ARCO DE SANTO ANTÔNIO

Escrevem-nos: Quando a via férrea de Caxangá prolongou sua linha até ao Arco de Santo Antônio esperamos que um abrigo fôsse feito no mesmo lugar visto que deu-se o fato de a maioria das pessoas que costumavam aguardar os trens na estação da praça do Capim, passasse a fazê-lo no Arco. Ouvimos mesmo dizer que uma casa ocupada então por uma cocheira onde acha-se o estabelecimento do sr. Valete, teria êste destino; temos visto, porém, que nada se fêz ali em ordem a abrigo aos que vão embarcar.

Aproximam-se as grandes chuvas, o inverno já mostrou sua catadura, e achamos de necessidade que a gerência daquela empresa cuide em fazer um abrigo nos fundos da casa de audiências, à ilhargá do estabelecimento do sr. Valete. Não é preciso o dispêndio de uma casa de alvenaria; um barracão decentemente preparado deve ali erguer-se para abrigar do sol e da chuva e prestar um cômodo aos que naquele ponto aguardam o trem. Não é airoso para a Companhia que quem quizer ter um assento procure o parapeito do cais, ou então mereça uma cadeira dos empregados dos estabelecimentos comerciais que ali há, lugares impróprios para nêles estar uma família.

A comodidade, aos que transitam por esta via férrea, é justo que seja dada pela empresa. Se em tôdas as partes onde param os trens há abrigos, por que não há no Arco de Santo Antônio, ponto de embarque daquela via férrea onde aflui mais gente?



Quando a maxambomba chegou à Ponte do Uchoa

Essa reclamação oferece-nos um verdadeiro quadro do Recife de 1870. As imediações da ponte com o seu costumado ajuntamento de clientes da maxambomba - uns sentados na balaustrada do cais; outros em cadeiras pelas calçadas das lojas; a maioria de pé com seus embrulhos. Murmúrios, queixas, protestos. - "Isto é um país perdido!" E os preconceitos do tempo, de que o lugar era impróprio para famílias?

Os poderes públicos, entretanto, sem dúvida visando mudar dali a partida dos trens, não permitiram a construção do abrigo, consoante ato que encontramos. E somente anos depois, no Governo Barbosa Lima, aliás vencendo enèrgicamente recalci-trâncias da Companhia, o ponto inicial dos trens da Companhia passou a ser a praça da República, oitão direito do teatro Santa Isabel. Ali, uma casinha térrea servia de estação, por sinal imunda.

Em 1870 a Companhia dispunha do seguinte material rodante: 5 máquinas, 9 carros de 1ª classe fechados e 7 abertos; 9 de 2ª classe; 4 de transporte de materiais, 1 de carga, coberto. A renda do 1º trimestre de 1869 foi de 82:337\$197, e a do 2º de 108:130\$120. A lua-de-mel passara depressa, pois dias após a inauguração aparecia esta mofina:

Tudo isto que foi publicado a respeito da via férrea do Recife a Apipucos é muito bom, mas não é tudo. O que falta para evitar abusos é saber-se que distância há entre o Recife e Apipucos e daquela a cada um em que se para, a fim de que não se pague o que não deve se pagar. Isso não depende da vontade dos empreiteiros e sim das Obras Públicas.

Não tardou que essa Repartição viesse a público declarando que o preço dos transportes era de 200 réis por milha e que a distância do atual ponto de partida, em frente à rua da União, ao Caldeireiro, era de 3 milhas, assim contadas: Recife ao Manguinho, em frente à estação dos Aflitos, 1 milha; daí ao sítio da Jaqueira, outra milha, e da Jaqueira ao Caldeireiro, outra milha ainda. Assinava essa comunicação, em 8 de janeiro de 1867, o Sr. José Joaquim da Silva Varejão.

Outra reclamação curiosa: a Companhia de Apipucos estaria mandando botar pregos nos dormente de suas linhas para que ninguém andasse sôbre êles, ocasionando acidentes, máxime em crianças.

Mas a evidência do desenvolvimento dos arrabaldes com essas comunicações rápidas, cômodas e freqüentes, só não entrava pelos olhos dos que não queriam ver. Anunciavam-se casas recém-construídas com os maiores gabos para suas peças internas, sua cacimba de água doce, suas árvores de fruto, sua proximidade do trem. Alguns dêsses anúncios saíam ornados de pequenos clichês, dando idéia do prédio oferecido. Também terrenos eram postos à venda, frisando-se que em zona onde passava ou iria passar o trem. Em arrabaldes como Poço da Panela e Monteiro havia teatros. Olinda também veio a possuir o seu depois da maxambomba:

Olinda hoje tem fama,
Já teatro também tem,
E breve da Europa vem
Companhia de cantores
Trazendo bem bons tenores.

As novenas dos padroeiros constituíam festas de tal monta que davam motivos a versos pelos jornais. Nessas noites os vagões não chegavam para a concorrência, e mais de uma vez se deram distúrbios acalmados pela policia. A indumentária feminina também dava que falar:

Papai, me compre um vestido
- Não custa muito dinheiro!
Dos que Naninha tem ido
Às novenas do Monteiro.

De Apipucos os trilhos estenderam-se até Encanação. Dois Irmãos tinha aquele nome por ter sido dos mananciais ali existentes. que o Recife viu a sua "água encanada". E não pararam em Encanação as linhas: prosseguiram pela Estrada hoje conhecida por Volta do Mundo, até Caxangá, subúrbio que veio a gozar de um prestígio enorme. Vida social intensa, banhos maravilhosos, água ferruginosa, hotéis. Sim, hotéis. E não poucos. O *Grande Hotel de Caxangá*, de Mr. Silvain Brunat. O *Hotel Francês*, que tinha hipódromo (cavalinhos), banho de rio e comunicações fáceis com a cidade. Afora pensões. Também a Jaqueira teve seu hotel, com jôgo de bola, banho e bilhar. E que dizer do de Apipucos, em frente à igreja? Êste se metia a anunciar em francês: *"On invite messieurs les étrangers à venir jusque là où ils rencontreront bonne table et à price convenable"*.

GRANDE HOTEL DE APIPUCOS

O ANTIGO E BEM CONHECIDO

HOTEL DE APIPUCOS

HOJE PROPRIEDADE DE

José Antonio Pereira da Cunha

Acaba de soffrer um eompleto melhoramento.

ALLI

o respeitavel publico encontrará as commodidades que requer um estabelecimento desta ordem :

Aceio

Serviço ligeiro

Trato ameno

Commodidade de preço

Quartos para alugar

O bilhar

O gamão

O dominó

E a palestra.

A QUALQUER HORA DA NOITE

Será franca a entrada aos viajantes.

Em Caxangá, quando do tráfego dos trens via "Encanação", ficava à margem esquerda do Capibaribe a grande estação da *Trilhos Urbanos*, como ainda se pode ver hoje. Para ali inaugurara-se o trem a 24 de junho de 1870, tendo a companhia publicado a *respeito um* aviso gabando os ares do arrabalde .

A 24 de dezembro de 1871 abria-se ao tráfego o chamado ramal de Aflitos, que

acabou ficando conhecido por "linha do Arraial", pois demandava a Casa Amarela e dali se ligava também com o Monteiro. Neste ramal foram-se desenvolvendo vários núcleos de habitações, que tomaram nomes alusivos a certas características locais, como Tamarineira, Mangabeira de Baixo e de Cima, Espinheiro, e o terminal, que recebeu batismo de um prédio caiado de amarelo ali existente.

Em 1882 a Companhia propôs retirar os trilhos do trecho entre Dois Irmãos e Caxangá e construir outra linha em demanda dêste subúrbio e do de Várzea pela Capunga, Madalena e Estrada Nova. Aceita a proposta e construída a Ponte do Laserre, inaugurou-se êsse serviço a 24 de outubro de 1885. Protesta a *Ferro-Carril*, porque seus bondes já serviam Capunga e Madalena: como conciliação veda-se à *Trilhos Urbanos* receber passageiros para tais arrabaldes. No ano de 1882 o movimento de passageiros da Empresa fôra: 650.927, mais 31.164 do que no ano anterior. De 1ª classe, 194.919; de 2.ª, 452.577. A receita: 285:849\$820, e a despesa: 173:327\$291. O material rodante era já de 11 máquinas, 35 vagões, sendo 21 de 1ª e 14 de 2ª classe.

Os trens dos três ramais (Várzea, Linha Principal e Arraial) partiam da Praça da República e seguiam o mesmo percurso até o Entroncamento. Ali havia uma estação com várias plataformas, ao centro do largo. Prosseguindo, os trens tomavam caminhos diferentes: o da Linha Principal e Arraial, os mesmos rumos dos bondes de Dois Irmãos e Casa Amarela, hoje. O da Várzea tomava a Rua das Crioulas, Quatro Cantos, Rua Joaquim Nabuco, Madalena e Estrada Nova. ultimamente a Companhia chamava-se *Brazilian Street Railway Company*, mas todos a conheciam por "Companhia de Caxangá". O nome dêste subúrbio sobrepujara o de Apipucos.

Os preços das passagens avulsas obedeciam a seções. Eram 3 essas seções. Na 1ª a ida e volta custava 300 réis; na 2ª, 600; na 3ª, 800 réis, isto em 1ª classe. Vendiam-se, também, cadernetas de assinaturas com descontos. Nas estações existiam bilheteria. No entanto, já neste século a Caxangá por economia suprimiu os agentes das estações do ramal de Arraial, o menos rendoso, e estabeleceu um vendedor de passagens nos trens. Êste, por muitos anos, foi o Ursolino, tipo que se tornou popular, por folgazão, amável e repentista. Cumprindo seu trabalho de munir os passageiros dos bilhetinhos coloridos, punha-se a conversar e fazia versalhadas a propósito de tudo, com bastante chiste e, por vêzes, malícia...

Nos ramais de Várzea e Dois Irmãos (Principal) corriam trens em duas direções, cruzando-se no Entroncamento e Ponte de Uchoa, respectivamente. O do ramal do Arraial era singelo: ia e vinha de um terminal a outro. Houve mesmo época em que partia do Entroncamento, baldeando para êle passageiros vindos nos dos outros ramais. Aliás, até o desaparecimento da maxambomba os derradeiros trens do Arraial sofriam essa baldeação, o que em noites de internada era "de amargar". O Arraial sempre foi, nesse tempo, o enfeitado da empresa: máquinas quebradas, vagões de bancos furados, horários inconvenientes, atrasos... Uma singularidade dos trens da Linha Principal era terem um vagão mais comprido que os demais das composições. Distinguia-se logo pelo carro grande. Quando não se quisesse atentar para outro meio de identificação: os ingleses que transportava. Porque os filhos da Grã-Bretanha moravam especialmente nas estações dêste ramal, em vivendas que tinham um ar diferente dos palacetes brasileiros. Nada de salas fechadas nem de muros altos com cacos de garrafas. Tudo aberto, florido, ensolarado, e com os moradores de pernas nuas pelos gramados a jogar bola...

Nos trens êsses ingleses andavam com seus paletós azuis e calças brancas, de chapéus de palha, quando não de branco, escandalizando os trajos escuros dos ve-

lhotes doutôres e comerciantes. Trocavam entre si os "*morning*", abriam as fôlhas londrinhas vindas no *Clyde* ou no *Danube*, e liam-nas até o Recife ou até em casa.

Os últimos anos da *Caxangá* foram de lastimável decadência. Material rodante precaríssimo; estações sórdidas; horários longe de satisfazerem ao desenvolvimento dos subúrbios. O gerente, o Sr. Henrique Fletcher, homem folgazão, apreciador do seu grogue, de trato cortês, mas de uma displicência absoluta quanto à empresa que dirigia, ou talvez sem obter os elementos necessários para melhorá-la. Também, mão de acabar. A eletricidade tardava de mais, porém teria de vir. O Recife não poderia continuar em plano inferior a cidades menores, como Maceió, em assunto de transportes urbanos. - "A maxambomba de *seu* Fletcher vai à gaita" - dizia-se geralmente. Os jornais enchiam-se de reclamações, queixas, invectivas, sem proveito. Afirmavam que o gerente Fletcher costumava ironizar no seu português arrevesado: "Passageira não estar satisfeita vai a pé..."

Adquirida pela *Pernambuco Tramways*, a *Brazilian Street* teve seus dias contados. Em 1916 correram bondes elétricos para Várzea e Casa Amarela; em 1917 para Dois Irmãos. Deixaram de apitar por essas estradas as máquinas e de sacolejar nos trilhos os vagões. Saíram da paisagem da cidade as maxambombas .

* * *

Quando já se construía a linha do Recife a Apipucos, organizou-se outra empresa de trilhos urbanos: a do Recife a Olinda e Beberibe. Em 1857 houvera uma concessão a William Boxwell, sem êxito. A lei provincial de 1866 e a fundação da companhia que levaria a cabo a obra foram de dois anos depois. Serviu de incorporador Bento José da Costa. Capital de 200:000\$000 em duas mil ações de 100\$000. A 4 de outubro realizou-se uma sessão de acionistas, com estatutos já impressos. Elegeu-se esta diretoria: presidente, Major José Joaquim Antunes; secretários, Drs. Castelo Branco e Amaro Fonseca. Compareceram mais os Srs. Major Salvador Henrique, Joaquim de Albuquerque, Dr. Manuel Portela e André de Abreu Pôrto. Ativaram-se os trabalhos.

Olinda fazia questão de possuir igualmente transporte moderno. Enciumara-se com a primazia dada a Apipucos. A velha capital não transigia nos seus foros de nobreza, embora decaída. E os olindenses olhavam com rancor o ônibus quando no Recife corriam os trens. Desafôro dos "mascates"... A compra de ações encontrou uma propaganda jeitosa. Construiu-se um barracão na Rua da Aurora, esquina de Princesa Isabel, e toca a chegar material tia Europa. Aterros, nivelamentos, colocação de dormentes, assentamento de trilhos. Para que o trem pudesse passar pela atual Rua do Príncipe demoliu-se um muro entre o Colégio das Artes e a então, Academia de Direito. Foi abaixo com o muro a chamada "sala das becas". As desapropriações de terrenos mais para diante não se processaram tôdas com facilidade. Ao contrário: na curva da Soledade, na bomba de João de Barros e na esquina do beco do ôlho do Boi deram que falar e discutir. Interveio a justiça. Afinal, acertaram-se preços. Também o terreno da estação inicial, na Rua da Aurora, fôra comprado parte ao Dr. Manuel de Barros Barreto, a 90\$000 o palmo; parte ao Dr. Peixoto, a 80\$000; o terceiro dono exigira 120\$ por palmo, motivando questão.

Antes de correrem os trens, anunciavam-se "terras à venda" no sitio de Belém, do Dr. Feitosa, "onde vai passar o trem". Começava assim a valorização dos terrenos pelas regiões em que se prometia o melhoramento de transporte. E de fato, a partir da

Soledade tudo por ali deveu sua prosperidade à maxambomba. Encruzilhada, para maior exemplo, hoje uma pequena cidade, deveria erguer um monumento à *Trilhos Urbanos*. Porque ali, como o seu nome indica, cruzavam os trens de Olinda e Beberibe. Levantaram uma vistosa estação com três amplas plataformas, e ao lado, onde há atualmente o Mercado, outro edifício de relêvo abrigava as oficinas e depósitos da Companhia. O encontro dos vários trens na Encruzilhada constituía uma espécie de festa, sobretudo nos meses de verão, em que Olinda se enchia de veranistas.

A estação terminal de Olinda foi também motivo de discussão, quanto ao local. A princípio pensaram no Pisa. Ficaria longe do centro. Depois apontaram o Varadouro, e ali realmente construíram um prédio de certas proporções para aquêlê fim. Posteriormente, porém, e depois de terem lançado uma ponte de ferro sôbre o rio, prolongaram os trilhos até ao Largo do Carmo. A estação ficou instalada num casarão que fôra antigamente quartel do 4º de Artilharia a Pé, segundo já li, e tinha dois portões, por um dos quais o trem entrava. A máquina saía depois pelo outro, manobrava no desvio, e pegava a composição pelo extremo contrário. Esse prédio ainda agora serve a vários estabelecimentos comerciais, no Carmo, com alterações na fachada.

Em maio de 1870 fêz-se uma experiência do trem até Belém. Um matutino publicou com entusiasmo:

Viva o progresso!

O assentamento dos trilhos da via férrea de Olinda faz-se com rapidez. A locomotiva já caminha até a pontezinha de João de Barros, além da capela. No fim desta semana chegará à encruzilhada de Belém e até o fim do mês alcançará os Arrombados. Antes de findar junho fará ouvir seu apito civilizador nas fraldas da pitoresca Olinda.

A 24 de junho, para satisfazer insistentes pedidos, dizia a emprêsa, inaugurou-se o tráfego provisório. Por isso mesmo a *Trilhos Urbanos* pedia desculpas "para as inevitáveis falhas" e dava instruções para a aquisição de bilhetes. O trem ia sômente ao Varadouro. Foi êste o primeiro horário em vigor:

Do Recife - 6, 7, 8 e 9 horas da manhã;

2, 3, 4 e 5 da tarde.

De Olinda - 7, 8, 9 e 10 da manhã;

3, 4, 5 e 6 da tarde.

Como se depreende, as noites eram para descanso. Cada um que ficasse na sua cidade quieto'. Mas durou pouco essa medida de tranqüilidade: logo depois os trens aumentaram as viagens e já havia os de 8 e 9 da noite, por escandalosos que fôsem para a vida de família.. Posteriormente e até os derradeiros dias do tráfego dessa maxambomba, os trens, quer para Olinda quer para Beberibe, corriam de hora em hora, sem falar nos extraordinários, os "expressos", adotados na época de verão. Por exemplo: o de 8 horas da manhã, de Olinda, e o de 5 da tarde, do Recife, com parada apenas na Encruzilhada e fazendo o trajeto em 25 minutos. A viagem normal nos outros consumia, de Aurora ao Carmo, 37 minutos. Nos últimos tempos estabeleceram-se trens auxiliares até Campo Grande, aos quais o povo apelidou de "chaleiras". Êstes correram até 1920 quando a *Tramways* inaugurou o bonde elétrico para aquêlê

arrabalde pelo caminho do trem de Olinda.

Os preços de passagens obedeciam por volta de 1912 à seguinte tabela:

1.^a CLASSE

Ida (uma seção)	250
Ida e volta (uma seção)	400
Ida (2 seções)	500
Ida e volta (idem)	800

2.^a CLASSE

Ida (uma seção)	120
Ida e volta (idem)	200
Ida (2 seções)	240
Ida e volta (idem)	400

ASSINATURAS:

Caderneta com 120 passagens - 1 seção	18\$000
Idem com 60 passagens	10\$000
Caderneta para menores	5\$000
Caderneta com 120 passagens para alunas da Escola Normal	12\$000
Caderneta com 60 passagens para alunas da Escola Normal	7\$000
Caderneta com 60 passagens para alunos primários	3\$000

A seções assim se dividiam:

Aurora a Campo Grande;
Encruzilhada ao Carmo.

Aurora a Água-Fria;
Encruzilhada a Beberibe .

Um trem especial, máquina e um carro, custava 50\$000. Mais de um carro, 100\$000. Ida e volta, mais 50%.

O passageiro poderia conduzir livre de frete um pequeno cêsto, caixote ou embrulho que pudesse ser levado ao colo ou debaixo do banco, contanto que não fôsse peixe, carne, frutas, querosene, etc.

Convém acentuar que a *Trilhos Urbanos* de Olinda e Beberibe diferia muito de sua congênere de Caxangá. Carros limpos, alguns mesmo convidativos como os abertos,

horários respeitados, ambiente mais fino. Não se viam, como nos vagões da outra Companhia, verdadeiras trouxas por baixo dos bancos, quando não cambadas de peixes, cordas de caranguejos, miúdos de boi, tudo comprado na feira existente na Praça da República, de onde partiam os trens.

Em 1872 a emprêsa já contava 6 máquinas e 30 vagões, sendo 18 de 1ª, 6 de 2ª e 6 de 3ª classe. Essa 3ª classe não chegou a meus dias. A renda de 24 de junho de 1870 a 31 de março de 1871 foi de 97:283\$560. Em 1872 a receita orçou em 185.060\$620. Em 1885 - 176:044\$790. No ano de 72 construiu-se a estação da Rua da Aurora, que chegou até a segunda década dêste século. Não há recifense velho ou maduro que dela não se recorde. Movimentada, alegre, simpática. Como que ouvimos ainda o toque da sinêta que avisava faltarem 5 minutos para a partida dos trens. E logo depois um apito prolongado da locomotiva. A êstes sinais, quem vinha ainda do outro lado, por Santo Antônio, ou na ponte Santa Isabel, apressava os passes, se não corria à vontade... No vestíbulo da estação, ao lado dos bancos para a espera, o Girão do antigo *Café 15 de Novembro*, da Rua do Imperador, montara um botequim onde havia à venda um pouco de tudo - e um gramofone a tocar.

Como seria de prever, o trem para Olinda proporcionou à velha cidade uma renascença. Se não brilhou mais, como outrora, com os foros de capital, ficou de novo no apogeu como estância balneária. Os banhos salgados fizeram verdadeira revolução social. Até então seriam apenas "terapêutica", agora passaram a "elegância". Inventavam-se doenças como nervoso, chiliques, bambeza nas pernas, tédio, para se ir passar a festa na praia. - "Donzinha estava muito guenza, apesar de seus 14 anos" ou - "Sinhá com faniquitos todos os dias sem se saber de quê". Vinha o médico, e para estar na moda receitava banhos salgados. Arrumavam-se os trastes mais ligeiros, escolhia-se casa e fazia-se depressa a mudança. Olinda com o trem era "ali".

Hoje os tais banhos salgados
Estão na ordem do dia:
Servem para hipocondria,
Pra dores do coração,
Pra qualquer forte emoção,
Para dores de barriga.
Feitiço, olhado, estupor,
E também é de supor
Para as chamadas *caseiras*:
Sarnas, mazelas, gafeiras...

Estas últimas enfermidades sem dúvida não seriam das mais confessadas, porém outras, talvez chiques nesse tempo, prestar-se-iam maravilhosamente para a temporada. E Olinda recebeu no seu Pátio do Carmo uns banquinhos de pau para descanso, um coreto de ripas azuis, uma barraca para sorvetes. A praia encheu-se de arruados de banheiros feitos com palhas de coqueiro. E para ali acorreram famílias e mais famílias. A fama das virtudes curativas das águas do mar. Até para amôres encruados de solteironas, maliciavam.

Meu amigo, os tais doutôres
Da cidade do Recife

Têm tirado dos esquifes
Velhos, cegos, aleijados,
Com os tais banhos salgados.

Caía notavelmente o prestígio dos arrabaldes recifenses. Os banhos de rio desmereciam no conceito dos vilegiatistas - e dos poetas populares :

Beberibe e Caxangá,
Apipucos e Monteiro,
Ficou tudo no tinteiro:
Quem quiser ver o graxão
Venha pr'aqui no verão.

Sente-se através dessa poesia, com seu saibo humorístico e sardônico, o evoluir dos costumes de Olinda, mercê do novo sistema de comunicações com a capital. O trenzinho realmente trazia o progresso. O bairro dos Milagres foi um produto da maxambomba. Entre o Varadouro e o Carmo existia apenas praia e vegetação. Surdiu uma casa, mais outra, o trem fêz ali uma parada, as edificações intensificaram-se, e em breve a praia dos Milagres fazia competência com a de São Francisco, ampla e agradável como foi antes da erosão que a destruiu ultimamente. A sociabilidade também se apurou nas festas íntimas ou públicas; nas "partidas" de aniversário; nas cerimônias religiosas; nos passeios às matas de cajus ou ao alto da Sé para apanhar pitangas e maçarandubas; enfim nos próprios banhos de mar, que, se não se revestiam da exibição de hoje, congregavam de madrugada os veranistas com suas roupas de baêta bem recatadas. Mesmo assim os versos criticavam:

Preparadas as moças qual se fôssem
Pra dançar
Vão correndo de leque e de anquinhas
Para o mar.
Mas, em chegando às praias, quando saem
Dos banheiros, então,
Parece que vêm tôdas vestidinhas
Como Eva e Adão.

As maxambombas para Olinda trafegaram até 1914, quando se inauguraram os bondes elétricos para aquela cidade. Exatamente a 12 de outubro essa inauguração. Não cessou logo o movimento dos trens; continuaram a viajar por algum tempo ainda, e enquanto os bondes não atingiram o Pátio do Carmo, pois ficavam no Varadouro. Em 14 de novembro o Carmo viu o bonde elétrico. E dali a dias não mais a locomotiva apitou civilizadamente nas fraldas da histórica Olinda.

* * *

Na sensibílissima transformação dos seus transportes urbanos, do uso da cadeiri-

nha, da canoa, da rêde e mesmo do ônibus a luar, ao tráfego permanente dos bondes de burros e dos pequenos trens, fácil é imaginar-se o vulto das modificações de vida e de hábitos que atingiram o Recife do meado do século XIX em diante. A cidade cresceu, os subúrbios desenvolveram-se, as comunicações amiadaram-se, tudo recebeu um impulso vigoroso e continuado. O que era distante "mato" virou acessível arrabalde. Por êsses recantos rurais onde as residências fixas não se contavam por índices elevados ergueram-se casas avizinhas e apareceram moradores cujos nomes se tornaram depois tradicionais no local. Gerações e gerações sucederam-se sem ao menos trocarem de teto. Ao contrário, arraigados aos seus solares. Foi assim em Caxangá, no Poço da Panela, no Arraial, no Caldeireiro, em Apipucos, no Chacon, na Várzea. Em palacetes ou em chalés, gente houve que lembrava logo o arrabalde em que vivia. Aos poucos êsses sítios deixaram de servir apenas para "passamento de festas"; tornaram-se bairros residenciais.

As maxambombas, por sua vez, deram outro aspecto ao quotidiano do centro urbano. O comércio teve freguesia acrescida e habitual, da manhã à noite, graças ao transporte fácil. Modificaram-se as fisionomias das lojas e das ruas. E das festas populares também. O Carnaval, singularmente. Nota-se que, coincidindo com a inauguração do bonde e do trem, as fôlhas da época davam maior espaço ao registro dos folguedos de Momo, até então relegados quase a um silêncio absoluto da imprensa. O teatros, igualmente, puderam contar com maior número de freqüentadores, e estabeleceu-se nos anúncios o "Bondes e trens para tôdas as linhas depois do espetáculo". Procissões, novenários, atos da Quaresma, multiplicaram a assistência graças aos veículos de transporte coletivo a preços razoáveis e em horários convenientes. O Recife civiliza-se...

Dizem-no bem êstes versinhos, que ainda vale a pena citar:

Por causa das maxambombas,
Meu compadre, eu lhe confesso,
É que vem tanto progresso
Para a antiga Mauricéia,
Que está mesmo que encandeia.

O testemunho é altamente significativo, por ser contemporâneo do melhoramento.

O bonde elétrico era um aperfeiçoamento nos transportes urbanos com que os recifenses sonharam desde que em 1891 o Rio de Janeiro assistiu à inauguração desse sistema de carris pela *Botanical Garden*. Pernambuco, que tivera o trem em segundo lugar, no Brasil, e fôra das primeiras cidades brasileiras a terem o bonde de burros, não se conformaria em demorar ainda com êsse tipo de condução urbana quando a Capital Federal ia se familiarizando com os "elétricos". As viagens nos veículos da *Carril* pareceram mais demoradas, mais desconfortáveis, mais irritantes, com os "pregos" nas subidas das pontes. O que outrora fôra gabo, hoje virava queixa, remoque. Por seu lado, as maxambombas estavam ficando velhas: máquinas remendadas, vagões de bancos duros, horários nem sempre respeitados...

No entanto, nada de bonde elétrico. O Recife passava pela vergonha de saber que em outras capitais brasileiras, menos importantes, já se conhecia êsse regalo de rapidez e de progresso. Aparece a *Great Western* em 1899 com um pedido de concessão do serviço de carris elétricos para Olinda, pelo istmo. Mas a *Western Telegraph* protesta, alegando ter ali seus cabos submarinos. E a coisa ficou em nada.

Outro longo período de expectativas, ânsias, críticas. Boatejava-se muito que a situação política dominante nutria interesses em que tal melhoramento não se realizasse. Outros invectivavam a *Ferro Carril* por falta de iniciativas. E é quando em 1905 surge uma firma estrangeira, a *Bruce Peebles Company Limited*, propondo a compra da *Carril* para eletrificar seus serviços de transporte. Reúne-se a Companhia em assembléia geral, e por 146, contra 143 votos decide aceitar a proposta, cedendo-se a *Carril* por £ 142.000, ou, ao câmbio de então, 2.105:292\$000. Haveria uma caução de £ 14.000, que os proponentes fizeram em um dos bancos ingleses. O negócio, porém, depois, não encontrou muita simpatia ou vantagem. Arrependeram-se, ao que parece, e lançaram um movimento de anulação da venda. O representante da firma interessada na compra recorre à justiça. Uma famosa questão judicial agita-se, e sobra para Os jornais. E, no frigidar dos ovos, a *Carril* não é mais vendida nem se teria bonde elétrico ainda por 9 anos. Como ficha de consolação, a *Carril* instalaria umas lâmpadas elétricas em alguns de seus carros, até então iluminados a carbureto, que pingava nos passageiros. O povo, em revide, crismara tais bondes de "eletro-burros".

Agitando-se já a sucessão governamental, com a prestigiada candidatura do General Dantas Barreto, o Congresso do Estado votou uma lei autorizando a abertura de concorrência para eletrificar as linhas servidas pela *Brazilian Street* e pela *Trilhos Urbanos* de Olinda, cujos contratos já haviam terminado, devendo o contratante entrar em entendimentos com a *Ferro-Carril* para também transformar o sistema de tração dos seus carros. Dessa lei aproveitar-se-ia logo o Governador Dantas Barreto ao assumir o poder. Publicam-se os editais de concorrência organizados pela Diretoria de Obras Públicas, e escoado o prazo legal toma-se conhecimento das seguintes propostas:

J. G. White & C.
Guinle & C.
Dodsworth & C.
Companhia Ferro-Carril de Pernambuco
Alberto San Juan
Griffith Williams & Johnson
The Foreign Construction Syndicate Ltd.
Companhia Trilhos Urbanos do Recife a Olinda e Beberibe.

A comissão de estudos das propostas, constituída. pelos engenheiros Tôrres Cotrin e Heitor Maia, pronuncia-se por fim em favor da proposta de Dodsworth & C., levando em conta, sobretudo, a modicidade do preço das passagens. O prazo da concessão seria de 50 anos e a inauguração dos serviços dentro de 30 meses. As passagens nos bondes obedeceriam às seguintes quatro seções:

- 1.^a - Cabanga, Chora-Menino, Soledade, Cemitério, Hospital Pedro II.
 - 2.^a - Jiquiá, Aflitos, Torre, Hospital dos Lázaros, Caldeireiro, Olinda, km 4 da Estrada de Ferro, Beberibe e Bomba Grande.
 - 3.^a - Dois Irmãos, Várzea, Boa Viagem, Tejió.
 - 4.^a - Jaboatão.
- Em cada seção pagar-se-ia cem réis.

Aprovada pelo govêrno a aceitação dessa proposta, a firma Dodsworth entrou em entendimentos com as emprêsas que faziam os serviços de transporte urbano no Recife. Com a *Companhia Ferro Carril*, por se achar esta ainda por alguns anos amparada em contrato, foi preciso acordar uma transferência de 6.269 ações pela importância total de 1.347:000\$000, assumindo a direção da emprêsa os Srs. Eugênio Dodsworth e Eugênio Gudín. Posteriormente a concessão obtida pela firma Dodsworth & Cia. é passada à companhia recém-criada: *Pernambuco Tramways & Power Company Limited*.

Nascera a *Tramways*, que daria tanto que falar à crônica da cidade, mormente nestes duros e atropelados anos da segunda doidice mundial,

E o ano de 1913 viu nas ruas os novos trilhos para os bondes, os postes, a linha aérea, os desvios. Em São José, perto do Gasômetro, levantava-se o edifício da usina elétrica. O tráfego dos bondes de burros sofria alterações para permitir assentamento de dormentes e trilhos. As artérias principais da cidade viram-se por vários dias com o seu movimento elegante modificado pelas turmas que cavavam, remexiam, batiam, aparafusavam, erguiam colunas de ferro. - "Um inferno!" - lamentavam-se transeuntes e comerciantes.

Iam aparecendo também as maledicências, as desesperanças, os reparos dos "entendidos". A *Tramways* não tinha dinheiro para cumprir o contrato; os burrinhos teriam de continuar seu fadário por longos anos ainda; os postes de parada seriam absurdos, por obrigar cada um a saltar onde o motoreiro entendesse e não à porta de casa, como então; os "dois devotos" eram uns finórios que tinham apenas agarrado a isca e não dariam conta do recado...

O engenheiro Gudín, um dos diretores da *Tramways*, em entrevista ao jornal, explicava, porém, que tudo ia bem e dentro em pouco o Recife teria um serviço de carris elétricos dos melhores do mundo. Carros grandes e pequenos, moderníssimos, preços muito módicos, freios automáticos, caça-corpos, reboques cômodos, etc.

No dia 8 de abril de 1914 os recifenses viram em plena rua o primeiro bonde dos 12 bancos, do tipo daqueles que no Rio chamavam de "minas-gerais", em alusão ao nosso couraçado. Na verdade um belo carro. Amarelo, elegante, com uma pintura de esmalte no teto, prometedora mesmo. Não havia dois modos de opinar. Todos Quiseram vê-lo, nessa e em outras experiências. E afinal, na tarde de 13 de maio, quatro dêsses bondes, cheios de autoridades e convivas, inauguraram festivamente o tráfego entre o bairro do Recife e a Praça Maciel Pinheiro, numa linha, e até a Cabanga, em outra. Melancolicamente, nesse dia correram no centro da cidade os últimos bondes de burros. Haverá quem tenha presenciado, há 43 anos, aquela outra ruidosa inauguração - a dos bondes da *Pernambuco Street* até a Estrada dos Remédios - e comparado o entusiasmo das duas épocas.

A 12 de outubro do mesmo ano os bondes elétricos atingiam o Varadouro, e dessa vez foram os olindenses a se regozijarem, esquecidos já de que os carros procediam da terra dos "mascates". Mas agora só existiam brasileiros. A 13 de novembro, reforçada a ponte do Varadouro, como reforçadas tinham sido as do Recife, o bonde foi ao Carmo. Olinda, nessa Festa de 14, delirou. Nunca se tinha visto um Natal e Ano-Bom assim. Abrem-se dois balneários com restaurantes e orquestras. Vêem-se sorvetarias, como a *Etna*, com os seus *pezzi-duri*. Multiplicam-se os divertimentos públicos, alguns inéditos como o dos aeroplanos. Olinda com bonde elétrico virou um "sonho de nereidas", como diziam os cronistas elegantes do tempo.

Aos poucos os carros da *Tramways* foram atingindo seus destinos: em 6 de outubro alcançara Jiquiá e no decorrer de 1915 chega, a 2 de maio, à Tôrre; a 21 de abril fôra a Ponte d'Uchoa; a 20 de setembro vai ao Zumbi, a 12 de outubro a Caxangá, e a 20 à Várzea. Em 1916, a 15 de novembro, inaugura-se a linha de Casa Amarela, e a 13 de dezembro a de Casa Forte. Em 1917, a 11 de fevereiro, Dois Irmãos vê o bonde elétrico. Terminara o tráfego das maxambombas da *Brazilian Street*, a velha "geringonça de seu Fletcher". A de Olinda ainda correu até 1920, quando se inauguraram as linhas de bondes elétricos para Campo Grande e Beberibe. A linha de Boa Viagem foi a última, e a de Jaboatão, por uma reforma do contrato, ficou prejudicada, indo o bonde somente até Tejió.

Outras transformações viria incontestavelmente trazer o bonde elétrico à vida do Recife. Maior facilidade e rapidez de transporte. Novos arrabaldes servidos por essa modalidade de condução. O movimento no centro urbano intensificou-se a olhos vistos. Vinha-se a êle com mais freqüência, e a horas até então desusadas, como à noite. Outros hábitos, outras modas, outros interesses. Os cinemas aumentaram. Inauguram-se os teatros do *Parque* e *Moderno*. Aparecem os cinemas suburbanos. Remodelam-se lojas. Conjugam-se aos benefícios da tração elétrica os do saneamento, da assistência pública, do novo calçamento, da luz também elétrica, em vários trechos da cidade. As obras do pôrto avançam, e a remodelação do bairro do Recife já se desenha no traçado das duas avenidas que substituem o casario secular e revêso que as picaretas derrubaram. As construções em arrabaldes animam-se com o préstimo do bonde da *Tramways*.

Apenas, a antiga sociabilidade entre os passageiros dos bondes de burros e das maxambombas sofre um golpe profundo. Já não se viaja habitualmente nos mesmos carros, às mesmas horas. Os encontros rareiam. Outrora, quando algum dos companheiros faltava, indagava-se logo o que lhe teria acontecido. - "Fulano não veio hoje no bonde de 8 horas." Nos trenzinhos havia até quem tivesse um banco predileto, no vagão costumeiro e no horário infalível. Todos esperavam diàriamente se reunir na viagem e conversar, discutir, combinar. Quando não - quem sabe lá? - namorar... O bonde elétrico dispersou muita gente. A começar pelos pontos de embarque. Não mais estações: agora postes de paradas, dispersos, e como a população cresceu e os ádvenas se multiplicaram, êsse aspecto provinciano de uma estreita convivência nas conduções sumiu-se.

Os novos veículos da *Tramways* criaram, por outro lado, cenas diferentes. E também pitorescos. A princípio todos os bondes eram abertos. Depois uns de entrada única: os "gigolôs". Depois, os pintados em côr que fingia alumínio: os "zepelins". Por fim os em que se entra por uma porta e se sai por outra, como nas histórias da carochinha. Aos carros de 2.^a classe deram a alcunha de "lorés", expressão que se estende hoje ao que é de preço barato, "camarada". Há até amôres lorés...

E as frases? Os reboques nem sempre podem se desembaraçar nas paradas tão rápido quanto os motores. Daí os apelos de maior demora para o motoreiro :

- Espera aí, que vai descer uma velha!

Ou então:

- Vai descer um piano!

A guerra atual trouxe para o tráfego da *Tramways* uma tal situação de embaraço, de superlotação, de irregularidades, que não há mais vagar para comentá-los. Uma viagem de bonde, que era um agradável passeio, hoje é uma tortura indescritível. Andam passageiros, sem exagero, até no teto dos carros. Sai-se de um bonde amar-

rotado, pisado, sujo, como se se tivesse estado num combate. Conduzir embrulhos, livros, flôres, vidros, é arriscar-se a um desastre. Mesmo porque ambas as mãos são indispensáveis para nos agarrarmos e nos defendermos. Morreu a polidez. O tempo é de murici... Imita-se nos bondes o que fazem os supercivilizados da Europa nos campos de batalha.

Mas dentro dessa peleja há coisas espirituosas. Correu até bem pouco tempo um bonde circular entre os bairros de Santo Antônio e do Recife, onde, por motivos de segurança nacional, o tráfego de veículos foi restringido. Quiseram estabelecer uns bilhetes de correspondência entre êsse carro de emergência e os que demandavam os subúrbios, mas a afluência de passageiros era de tal monta e a viagem tão curta que a idéia fracassou. Decidiram tornar o circular gratuito. Deu-lhe o povo então o apelido de "amélia". Amélia, a "mulher de verdade", cheia de afeto e de bondade, cantada pelo samba em voga.

As "Amélias" nestes tempos de egoísmo são raras. E, por isso, o "amélia" acabou-se...

* * *

Outro meio de transporte que no Recife, como no mundo inteiro, se generalizou com todo o cortejo de seus altos préstimos e não menos notáveis atropelamentos, foi o automóvel. Ao que se sabe, o primeiro que os recifenses viram terá sido o da *Companhia de Transportes de Goiana*: um carro-ônibus. A 23 de março de 1903 largou daquela cidade, dirigido pelo chofer Henrique Bernardo e sob a orientação técnica do engenheiro Edward Johnson, trazendo passageiros. Lotação de 12 pessoas e marcha de 30 km. por hora.

Sai de Goiana às 5 e 30 da madrugada e alcança Olinda às 13 e 40. Maravilha para a época, pois a viagem por outros meios costumava ser de 17 horas. Em Olinda há uma demora para o almoço, e dali ao Recife menos de uma hora se gastou por má estrada.

Contudo, o automóvel que em verdade interessou e alvoroçou o Recife foi - no ano de 1904, mais ou menos - o *Renault* do Dr. Otávio de Freitas, médico que já escandalizara a cidade usando paletó-saco e chapéu de palha, quando os colegas não largavam a sobrecasaca e a cartola. Andava pelas ruas centrais, pulando no ruim calçamento e fazendo o motor um barulho dos diabos. Ouviam-se-lhe os estouros de longe e todos corriam às janelas para admirá-lo. E invejá-lo.

Os autos de passeio e de carga foram aumentando de número.

Um dos de carga, o *Primitivo*, depois de fama e êxitos, envelheceu e arruinou-se. De quando em quando enguiçava, e uma vez, em plena pracinha, às 17 horas, deu o prego para sempre, travando o tráfego. Empurraram-no dali, entre vaías do molecório.

Autos de aluguel ofereceram-se com as garages *Ford* e *União*, em 1919. Carros *Bayard*, *Ford*, *Renault*. Preços: das 6 da manhã à meia-noite - 1.^a meia hora, 10\$; 2.^a, 9\$; 3.^a, 8\$; 4.^a, 7\$. Durante a noite, respectivamente, 15\$, 12\$, 11\$ e 10\$000. Pouco a pouco os automóveis foram tomando o lugar dos carros a cavalos nos desembarques, nos passeios, nos casamentos, no curso do Carnaval e nos enterros.

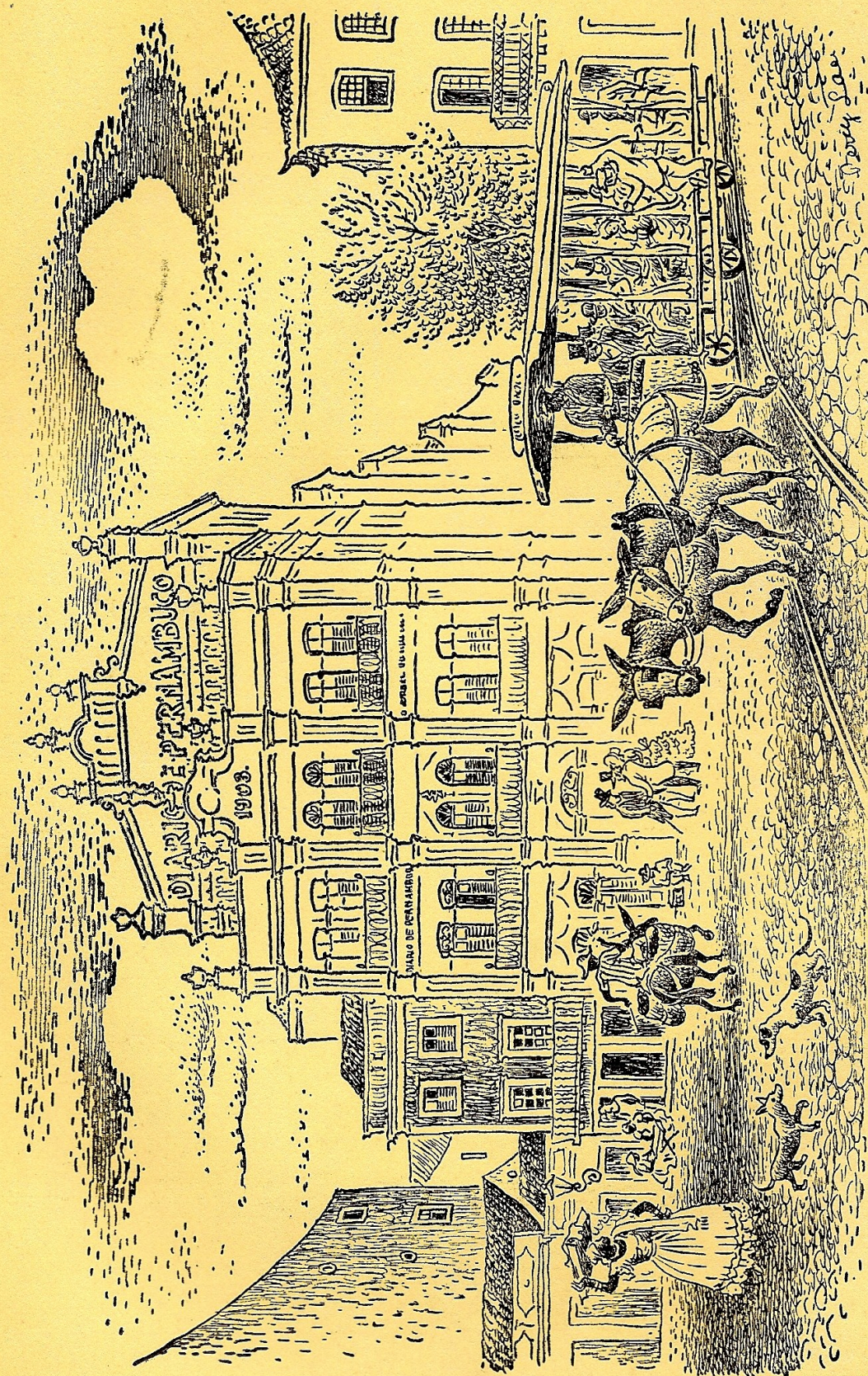
Os ônibus para o interior surdiram depois, com as melhores estradas, e por seus preços cômodos mereceram os nomes de "sopas". Os que servem os arrabaldes so-

mente agora têm uma organização regular e prestimosa: os da *Autoviária Pernambucana*. Tentativas anteriores falharam: os da *Tramways* e os apelidados "galinhas-verdes". Da *Autoviária* até agora só há elogios a fazer, até por haver vulgarizado no Recife o hábito polido e inteligente das filas.

A guerra tem favorecido o aumento das bicicletas e das motocicletas no Recife. E já se viu reaparecer um velho cabriolé... Em compensação, chispam os *jeeps* americanos.

Espera-se, porém, o ônibus-avião, cuja alcunha ainda não se sabe qual venha a ser.





Defronte do mais antigo jornal da América Latina, correu prestativo o bonde de burros até 1914



Consoante nós o entendemos hoje, farto de minudências, de informações, de intimidades mesmo, o jornal há cem anos atrás não existia. Bem entendido, nas suas colunas de matéria editorial. Porque nas seções pagas, embora sem ostensivo caráter de noticiário, poderemos conhecer, penetrando ou interpretando, a vida da cidade em seus modismos coevos, em seus episódios quotidianos, em suas peculiaridades mais típicas.

Se, como dissemos, a ação redacional se limitava rigorosamente aos artigos de fundo, aos atos da Presidência, às correspondências da Côrte e da Europa, num estilo retórico, massudo, formalístico, quase sempre, as solicitadas contrastavam num à-vontade que ia às vêzes aos extremos do escândalo. Era nessas páginas feitas pelo balcão que a vida da cidade se refletia fielmente. Em um aviso, em uma reclamação, em um anúncio, em um edital, em uma mofina, depreendia-se muito aspecto do banal entrechoque das paixões, de interêsses multiformes dos habitantes, da veia satírica de uns e da vaidade excessiva de outros, da argúcia ou do bom humor de tantos. E, também, sabia-se dos acontecimentos mais palpitantes, sôbre os quais os redatores calavam indiferentemente.

Haja vista a chegada do primeiro "barco de vapor" ao pôrto do Recife, que não mereceu uma linha. Quem quisesse saber do "momentoso fato", como diria um repórter atual, teria de ir à seção "Movimento do Pôrto" e nela encontraria a barca de vapor *São Salvador* modestamente metida entre os veleiros do costume. O Carnaval não era sequer registrado na sua passagem anual. Quando muito uma queixa contra bandos de molecas que brincavam o entrudo em pés de escada. Para se ter certeza de que havia interêsse por Morno é mister procurar os anúncios de máscaras "de

aramé e de pano, com mola e cordão", dos teatros que proporcionavam "bailes mascarados" ou das mascaradas a cavalo tão em voga.

Alerta rapaziada! O carnaval está nos batendo à porta e é preciso recebê-lo com os divertimentos do costume, permitidos em tal tempo. O grande grupo do ano passado vos convida a tratar dos arranjos com tempo; êle recebe em seu seio todos os máscaras que se lhe quiserem reunir para o passeio das ruas desta cidade e onde mais se quiser ir nos três dias de divertimentos cujo programa se há de anunciar. Adverte-se que só é permitido aos máscaras o uso de armas fingidas, de pau, papelão, etc. Haverá nos mesmos máscaras um grupo de cavaleiros para correr as cavalladas burlescas, com músicas e foguetes, e para êstes fica aberta uma assinatura de 5\$000, pagos ao receber o respectivo cartão, sem o qual não entrará máscara algum na lice, permitindo-se a cada assinante trazer um pajem, arlequim, bôbo, etc. Assina-se na rua do Queimado nº 15. Os senhores máscaras a pé que quiserem dançar na rua, terão música, mas serão sujeitos a um diretor.

As próprias festividades religiosas, de tanta importância na quietude urbana, não faziam jus a uma local da imprensa. Procissões. saíam sem reportagens a respeito. Tinha-se delas conhecimento pelos convites das irmandades ou pelos avisos de que os moradores das ruas por onde transitasse o préstito deveriam varrê-las, sob pena de serem riscadas do itinerário. E note-se que a procissão, nesses dias distantes, se revestia de tanta atração que era comum anunciarem-se casas para alugar acentuando-se, como maior gabo, estarem situadas em "ruas onde passa procissão", ou, em síntese mais de nossos dias, "rua de procissão".

A parte social, tão desenvolvida hoje, não teve espaço nas fôlhas de antigamente. Aniversários, casamentos, batizados, óbitos, não passavam de acontecimentos todo íntimos. Não transbordavam para a letra de fôrma, como assunto redacional. Em compensação, abundavam, nas solicitadas, quanto aos mortos, os versos, os tributos de saudade, os elogios póstumos, as nênias, quase sempre firmadas por um nome ou umas iniciais. Igualmente foi surgindo o costume de se felicitar alguém pela data natalícia ou evento feliz de intimidade, como exame feito em escola superior, nuns quadrinhos imitando cartão de visita com a ponta dobrada. Êstes cartõezinhos, por sinal, vieram a ter préstimo também para recados e queixas de amor...

Foi em 1858 que o *Diário de Pernambuco* abriu uma coluna com êste título: BOM-DIA, e nela, a par de comentários irônicos ou veementes, de reclamações e críticas, não raro com certo humor, começaram a aparecer leves notícias de embarques ou chegadas, de uma festa religiosa ou profana, de um óbito, de um desastre. Tudo muito sóbrio, muito rápido. Era o ôvo do noticiário:

BOM-DIA

Meu amado leitor: o calor faz-nos comer poeira sem têmos apetite estragado, e como não há de ser assim se os malditos tanoeiros ainda não aprontaram os encantados tonéis para a irrigação das praças e ruas? Valha-nos Deus!

Leitor, me responda. Um inspetor de quarteirão pode às desoras entrar por dentro de uma casa, tirar um pobre velho que o único crime que tinha era estar *pen-*

teado, levá-lo à prisão onde se acha há quatro dias? Pois, nesta terra da-se dêstes e de outros gracejos. Na Rua Direita um pardo velho teve uma altercação com um pobre inocente, moço do reino, e palavras para cá, palavras para lá, chega o mais célebre de todos os inspetores que houve, que há e há de haver: o meu pobre velho, pio... meteu-se na toca e tudo estaria acabado se o desfrutabilíssimo inspetor não quisesse tocar sanfonas no apito...

Já tive meus frenesins pela Rua Augusta, mas logo que vi os escândalos que em algumas portas se praticam, com o maior desrespeito às famílias honestas, nem por lá mais dou meus passeios.

Uma escrava do Sr. Antônio Caldas da Silva, depois de estar amortalhada e aberta a cova, na igrejinha dos Remédios, a negra buliu, sacudiu e partiu.

Senhor meu de casaca, vosmecê o que quer espiando para essa casa na Rua das Flores? Não arranja nada que as portas bem cedo se cerram e a vizinhança está alerta.

Até amanhã.

Em tópicos dêsse molde, em tórno dos mais variados temas, inseriam-se pequenas notas sociais que aos poucos se foram amihudando e desenvolvendo com ares de um leve noticiário. Não tardou que se oferecesse outra coluna menos sêca: a do "Retrospecto Semanal", cujo nome diz bem da sua função. De fato, ali se registravam com umas tintas de comentário os casos mais importantes da hebdômada finda.

Sòmente em 1859, ao aparecer, inaugurou o *Jornal do Recife* um noticiário mais ou menos desenvolvido e por vezes bem lançado, debaixo do *título* de "Gazetilha". Sente-se nêle já o faro do repórter que caça assuntos e os aproveita. A passagem dos Imperadores pelo Recife, nesse mesmo ano, já proporcionou àquela fôlha uma descrição interessante das homenagens que lhes foram prestadas. Da inauguração da "luz a gás" também há umas locais com saibo de crítica ao fracasso das primeiras experiências, muito singular para a imprensa de então.

Contudo, as solicitadas persistiam em ser o verdadeiro panorama da cidade. Com um colorido, com um sabor, com uma particularidade indefiníveis. Não somente para quem pretenda se pôr a par dos pormenores da época, mercê de um horário de transporte, de um alerta de fuga de escravos, de uma postura municipal, de uma cobrança de impôsto, de um reclamo de modista, mas para quem aprecie o chiste de nossos avoengos. E êste, acentuemos, não escasseava nas publicações do gênero. Raro não fôsse redigido com verve, quando não malícia, o tópico inserido, mediante a paga de uma pataca.

Em 1879 visitou-nos a Companhia Lírica Pansini. Conjunto famoso e repertório apreciado. Algumas óperas novas. Os anúncios da emprêsa, nos jornais, procuravam ser bem explícitos. A cada ópera, saía um resumo do enrêdo, com os intervalos entre um ato e outro, na ação da peça. Pretendia-se, assim, habilitar o espectador a acompanhar a representação bem orientado quanto à entrosagem dos atos. Foi, portanto,

num louvável propósito esclarecedor, que na noite da *Traviata* o anúncio dizia, num estilo um tanto ambíguo:

Haverá entre cada ato um intervalo de nove meses.

Todo o mundo compreendeu o verdadeiro sentido do aviso, é claro. Todavia, o humorismo e a malícia já se insinuavam nas cousas sérias. Um comentador gaiato apareceu nas "solicitadas" de um matutino apreciando as récitas da *Lírica Pansini* - porque a crítica teatral era matéria paga - e, quando se referiu à próxima noite da *Traviata*, aconselhou que, sendo tão prolongada a duração dos intervalos, conviria levar para o teatro travesseiros. Seria mesmo prudente, para se esperarem os 9 meses, a presença de "assistentes examinadas" para o que desse e viesse...

Esse humorismo de "solicitadas" não se manifestava apenas em assuntos de teatro, não. Vejamos êste pedacinho relativo à troca de um guarda-chuva:

Tendo-se trocado, seguramente por precipitação, um chapéu-de-sol de sêda novo, ficando em lugar dêle um velho, roga-se à pessoa inocente autora dêsse engano que por favor mande desfazer a troca no escritório do Dr. Antônio Vicente do Nascimento Feitosa, lugar em que se acha o velho chapéu-de-sol à espera do seu dono, a quem deseja guardar fidelidade até os últimos instantes de sua existência que está a finar-se.

Em idêntico tom facêto era redigida esta outra reclamação:

QUEM O ALHEIO VESTE NA PRAÇA O DESPE

Pede-se encarecidamente à pessoa que, por engano, ou por esperteza, na noite de 9 do corrente, de um baile da Rua do Colégio, conduziu sem licença do seu dono um chapéu francês novo, e lhe deixara uma jaca velha, tenha a bondade de vir à Rua Larga do Rosário nº 33, buscar a sua velha jaca, trazendo o chapéu novo, porque se pensar bem, perde no negócio; a jaca tem de 6 a 8 libras de sebo e pode muito bem vender aos senhores fabricantes de velas - se não vier buscar a sua jaca vai para o leilão.

O mais infeliz do baile.

Essa infelicidade do reclamante é fácil de avaliar, dado o valor que as cartolas desfrutavam nesse tempo. Serviam até de esconderijo de flôres recebidas a furto pelos cavalheiros austeros, por ser feio ou indiscreto, trazê-las às mãos ou à lapela.

Da alma dos anúncios ressumam os costumes e os preconceitos contemporâneos. Veja-se, por amostra, êste reclamo da Sapataria Paris-América:

Temos gabinete reservado para as senhoras provarem o calçado com a decência desejada.

Essa decência desejada trai o tempo das saias pelos pés e informa-nos a respeito

do hábito de as moças irem às lojas comprar sapatos, quebrando-se assim o de as famílias escolherem nos próprios domicílios os artigos de indumentária de que precisavam. Ia-se acabando o "fica feio uma senhora dirigir-se a um estabelecimento comercial para fazer compras". É bem verdade que se fazia acompanhar do marido, da mãe ou quando menos das filhas. Sòzinha, nunca!

E que dizer dos anúncios em francês? Deliciosos. Uma engomadeira inseria o seu, nestes têrmos:

On repasse le linge d'homme et de femme avec le plus grand soin - Fora-de-portas n.º 114 - Au dessus du Barbier.

E não seria só a engomadeira.

O fabricante de fósforos também se metia a parisiense:

La personne qui faisait des phosphores a rue Imperial 65 demeure maintenant rue Formose en face au numero 3, à Boa-Vista. Elle ne les vend que 3\$000 la grose.

Êsse francês era peculiar ao tempo em que companhias de teatro representavam, nesse idioma, no *Ginásio Campestre*, do Poço, ou no *Ginásio Dramático*, do Monteiro, arrabaldes do Recife. Falava-se geralmente a língua dos parisienses nos palacetes e nos sobrados dos belos sítios, daqueles que tinham cachorros de louça nas colunas dos portões e caramanchões floridos ao pé dos muros para dêles se ver quem passava.

Freqüentemente, entre avisos e anúncios, apareciam nas solicitadas ironias de infinita extensão maliciosa. Esta pode servir de símbolo ao gênero:

A uma senhora pergunta um rapaz: - "Por que as moças usam agora uma flor nos cabelos, perto da testa?"

E vem a resposta: - "Porque os rapazes de hoje que usam lunetas sem precisão, não vêem bem e a flor serve de aviso para que as beijem dela para baixo."

Sentia-se o povo da época num à vontade em queixas, declarações, avisos, anúncios, denúncias, reclamações. Nada de solenidade. Às vêzes mangas de camisa.

Pergunta-se a certo morador da Rua do Rangel em que país aprendeu a andar em fraldas de camisa pela casa, tendo a porta da rua aberta e, às vêzes, nesse traje sair à calçada...

Modêlo hábil de se protestar contra êsses ensaios de nudismo. O reclamante nada teria hoje que perguntar após freqüentar as praias de banho. Pelo contrário.

Do mesmo gênero esta outra :

Adverte-se ao morador novo da Rua do Crêspo que nesta rua não é costume lançar-se água das janelas em baixo porque sendo esta rua muito pública pode causar danos e desastres como aconteceu um dia dêstes. Isto faz um paciente.

A cena é fácil de ser reconstituída. O paciente levava o banho inesperado e sem dúvida mal-cheiroso. O chapéu-côco, o redingote, as calças brancas, os borzeguins, tudo ficava inundado. E ele corre à redação, onde redige a sua pitoresca advertência.

Uma pergunta dirigida a uma agência de companhia de navegação:

Se o sr. Agente da Companhia de vapores já sabia que o vapor *Baiana* devia consertar-se no norte por que anunciou que estaria no porto no dia 5?

Também freqüentes avisos desta ordem:

Avisa-se ao público que os carros de passeio Ns. 53 e 21 conduziram no dia 9 deste mês cadáveres para o cemitério e pede-se ao mesmo público que prezando sua saúde não deve alugar tais carros.

O humor das solicitadas de um século atrás manifestava-se principalmente nas cobranças de dívidas, que eram comuns. De quando em quando "chamava-se à lembrança" um devedor retardado ou relapso, ora com iniciais transparentes, ora com o nome por extenso. Roupas de alfaiates, gêneros de mercearias, dinheiro emprestado, aluguéis de casas, tudo vinha à baila em pedacinhos "gozados" .

Dentre tantos não será inoportuno citar-se este:

Convida-se ao senhor de engenho... A. X. a mandar pagar ao alfaiate da cidade de Olinda a quantia de 11\$300 do luto que mandou fazer em junho, sob pena de sair o nome por extenso.

Mesmo que fôra de pai ou mãe, êsse luto deveria haver findado, pois decorrera mais de um ano quando. o convite veio à imprensa. Talvez nem a saudade existisse do morto. O dó, agora, pertencia ao credor, ótimo alfaiate que preparava trajos de luto por 11\$300...

As publicações das solicitadas de outrora tinham às vêzes, no seu tom vago, um quê de intrigante para os que as lêem hoje, despertando-nos desejos de conhecer melhor os motivos dos interesses de seus autores. Esta, por exemplo:

O Sr. que quer comprar a bengala dirija-se à casa de Francisca Xavier da Cunha atrás da Matriz da Boa Vista.

Que teria de notável essa bengala? De unicórnio, como se usava tanto, ou com um belo castão de ouro? Bengala que pertencera porventura a uma figura famosa?

Não menos curioso êste apêlo tão transbordante de ansiedade e indecisão:

A sra. d. Libânia (se é a que faz roquetes de pregas) tenha a bondade de declarar melhor a casa em que mora, pois não tem sido possível achar-se na que anunciou detrás da Matriz de Santo Antônio nem mesmo na da Boa Vista.

A perícia dessa D. Libânia na sua arte está bem credenciada neste pedido de um dos seus fregueses. Ela ganhou, como se diria hoje, um bom cartaz, com a ânsia dos que a procuravam para dar-lhe encomendas de roquetes de pregas.

De outro gênero o anúncio abaixo:

A Sra. que se propõe a tomar crianças já desmamadas para acabar de criar, com todo carinho, mimo e amor, também recebe crianças que tiverem amas para se criar com leite.

Temos aí um esbôço de creche do tempo antigo. Essa caridosa e anônima senhora, tão farta de "carinho, mimo e amor" pelos filhos alheios, deveria merecer os máximos elogios de seus contemporâneos, porque não faltava quem, à mingua de protetoras semelhantes, enjeitasse os seus meninos. Diziam até, então, que haviam encontrado na roda dos expostos duas crianças impressadas e mortas, tal o açodamento com que as conduziram e as depuseram na famosa engrenagem encobridora dos frutos de amôres pecaminosos ou refúgio de mães desesperadas pelo abandono e pela miséria.

Em 1836 Mr. Théard tinha sua casa de cabeleireiro, afreguesada e sem dúvida elegante. Parece que o aconselharam a mudar de prédio ou estava em moda os artistas daquele ramo se estabelecerem em pavimentos térreos ao invés de sobrados, como até agora. O fato é que o nosso Mr. Théard, marido de uma Madame Théard que fazia pregas em vestidos a 20 réis o côvado, veio pelos jornais anunciando o seguinte:

Mr. Théard declara continuar por cima da loja do sr. Brandão na Rua do Cabugá, porque muitas pessoas que têm ido lá acham preferível cortar o cabelo num sobrado do que numa loja. Corte 320 réis.

Na realidade não ficava nada bem àqueles austeros senhores de barbas corretamente aparadas, de sobrecasacas e cartolas, exporem-se às vistas dos transeuntes em uma cadeira de cabeleireiro, num atentado à compostura, à respeitabilidade. Pagavam a pataca, sim, porém com resguardo,

Não se queira crer, para não cair em redondo engano, que nos meados do século passado os reclamos já não se aproveitassem de certo jeito humorístico, de evidente espírito de atração e curiosidade. Sabia-se já fazê-las de modo a despertar interesse e provocar risos de agrado. Um vendedor de óculos, por exemplo, inseria esta amostra do gênero :

Acudam:

Acudam a inocência, gritava um pobre míope, que por afetação andava sem óculos, de braços abertos e olhos do céu, correndo pelas ruas para aparar um vestido de menina que, engomado, se tinha despregado de uma alta varanda, e vinha caindo à discrição do vento, à maneira de máquina, julgando ser uma criança que por descuido se tinha precipitado de alguma janela abaixo, até que os moleques o desenganaram pelos assobios e caçoadas que lhe fizeram.

Eis ao que se expõem todos aquêles que, necessitando de óculos, andam sem

êles; se lê é perfeitamente um dicionário vivo de asneiras, se cumprimenta é ordinariamente a quem não conhece, se anda na rua acontece-lhe destas e outras ratadas. É por isso que se lhe avisa que quem os quiser vá na Rua Larga do Rosário n.º 35 loja que os achará bons e baratos.

Os anúncios de rádio de hoje não se mostram em absoluto superiores a êsse de 1855.

E não deixaremos de oferecer outro modelo não menos patenteador do engenho inventivo dos anunciantes que orientavam nossos avós nas suas compras e nos seus regalos. Uma sorveteria dos nossos tempos não teria a habilidade de dirigir aos moços da atualidade um convite semelhante ao que se segue:

Pergunta:

Pergunta-se à rapaziada se já se vão esquecendo de refrescar os intestinos com os belos sorvetes, pois alguns dias invernosos que têm aparecido não é motivo suficiente para entregá-los ao abandono; assim adverte-se novamente aos apaixonados dos mesmos a continuarem, ao contrário a febre amarela lhes tomará conta, e os mandarão em poucos dias para Santo Amaro, lugar sequíssimo. Rua Estreita do Rosário n.º 43.

Agora, precisamos ver como as "novidades" de ontem voltam a ser "novidades" de hoje, mercê de uma invariável manifestação dos sentimentos dos homens europeus, os da guerra. Os séculos escoam-se e por lá os povos se entredevoram imperturbavelmente. E os nomes de países, de regiões e cidades tornam à evidência, por força de combates e carnificinas, influindo até nas modas. Nós, os que estamos vivendo êste meado do século XX, podemos avivá-lo bem em face dêstes dois expressivos reclamos:

Criméia

Chegou pelo último vapor da Europa uma fazenda inteiramente nova, gôsto escocês, tôda de sêda, denominada Criméia; pelo cômodo preço de 1\$000 o côvado. Na loja da Rua do Queimado n.º 40.

"Criméia". Sabem por quê? Pensam que a denominação provinha das belezas naturais dessa península do Mar Negro, de suas atividades agrícolas ou industriais, da doçura de seu clima ou da bondade de sua gente? Que nada! Era tão somente porque nessa época os russos se batiam com franceses, turcos, inglêses e piemonteses, morrendo milhares de soldados de parte a parte. Criméia estava na moda...

E o outro, que também tinha a mesma cruenta origem:

Sebastopol

Chegou pelo paquête inglêses uma fazenda inteiramente nova, tôda de sêda, campo acetinado, com quadros largos e de listas, o mais lindo possível, último gôsto de Paris, com o nome Sebastopol. Vende-se unicamente na loja da Rua do Queimado

n.º 40, pelo diminuto preço de 1\$200 o côvado. Dão-se as amostras com penhor.

Dos costumes do tempo, de que as gazetas nada nos diziam num comento editorial, vamos igualmente achar muitas informações nas solicitadas das fôlhas. Este aviso, por exemplo:

Do dia 1.º de abril em diante haverão ônibus para a academia. Todos os dias de aula, sendo a partida do primeiro às 7 ½ da manhã e depois sucessivamente partirá um de meia em meia hora até às 11 horas; custa o bilhete de entrada 160 réis, adverte-se que pessoa alguma terá ingresso sem que entregue primeiro o bilhete ao boleiro. Êste ano não há assinatura e os bilhetes de entrada vendem-se no escritório da Rua da Cadeia de Santo Antônio n.º 13.

Êsse aviso como que desenha uma era da vida do estudante quando a Academia ainda funcionava em Olinda. Os ônibus para ali se destinavam e prestavam inestimável facilidade de condução aos moços que moravam no Recife. A passagem era barata, mas as precauções contra os calotes se faziam necessárias, e com estudantes não há que *fiar* ...

Êsses mesmos rapazes eram convidados a fazer, em certa alfaiataria, "a sua casaca, o seu colête e a sua calça preta" porque "é chegada a quaresma". Não se admitia, então, aparecesse nas ruas, pela Semana Santa, a "bela rapaziada" sem êsses indumentos de acatamento à morte do Senhor.

Da mesma época o edital da

PERNAMBUCO STREET RAILWAY COMPANY - Aviso

Desde as 3 horas da tarde de hoje, 28 do corrente, até meia noite de Sexta-feira Santa será suspenso o tráfego de tôdas as linhas desta Companhia.

A meia-noite de 29 haverão carros de tôdas as linhas para conduzirem os passageiros. No sábado trabalharão os carros como de costume.

Havia mesmo postura municipal nesse sentido: nas quintas e sextas-feiras santas nenhum veiculo tráfegaria, salvo carro de médico e em missão de urgência.

De uma empresa funerária saía macabra queixa. Costumavam retardar a retirada dos cadáveres das casas onde se davam os óbitos, e quando o faziam era em carros descobertos, a ponto de em plena ponte da Boa Vista haver caído na rua o corpo de uma donzela morta na Rua da Praia.

De tom muito diferente êstes versinhos, que são um testemunho vivo de que a maledicência popular não é um produto dêste século:

Meu vizinho, estou doente,
Desmenti ontem um pé,
Dei um trambolhão medonho
Que quase fui na maré.

Foi na ponte do Recife

"Mas, que grande bandalheira!"
As coisas da nossa terra
São tôdas de mamadeira.

Nem tudo seria maldade nessas páginas das gazetas que custavam dois vinténs. Haveria também sentimentos nobres, ternuras, fé religiosa, votos de afeto e veementíssimos ímpetos de coração.

Não terá sido um dêles que motivou êste quadrinho publicado com destaque, entre ironia de uns e sagacidade de outros?

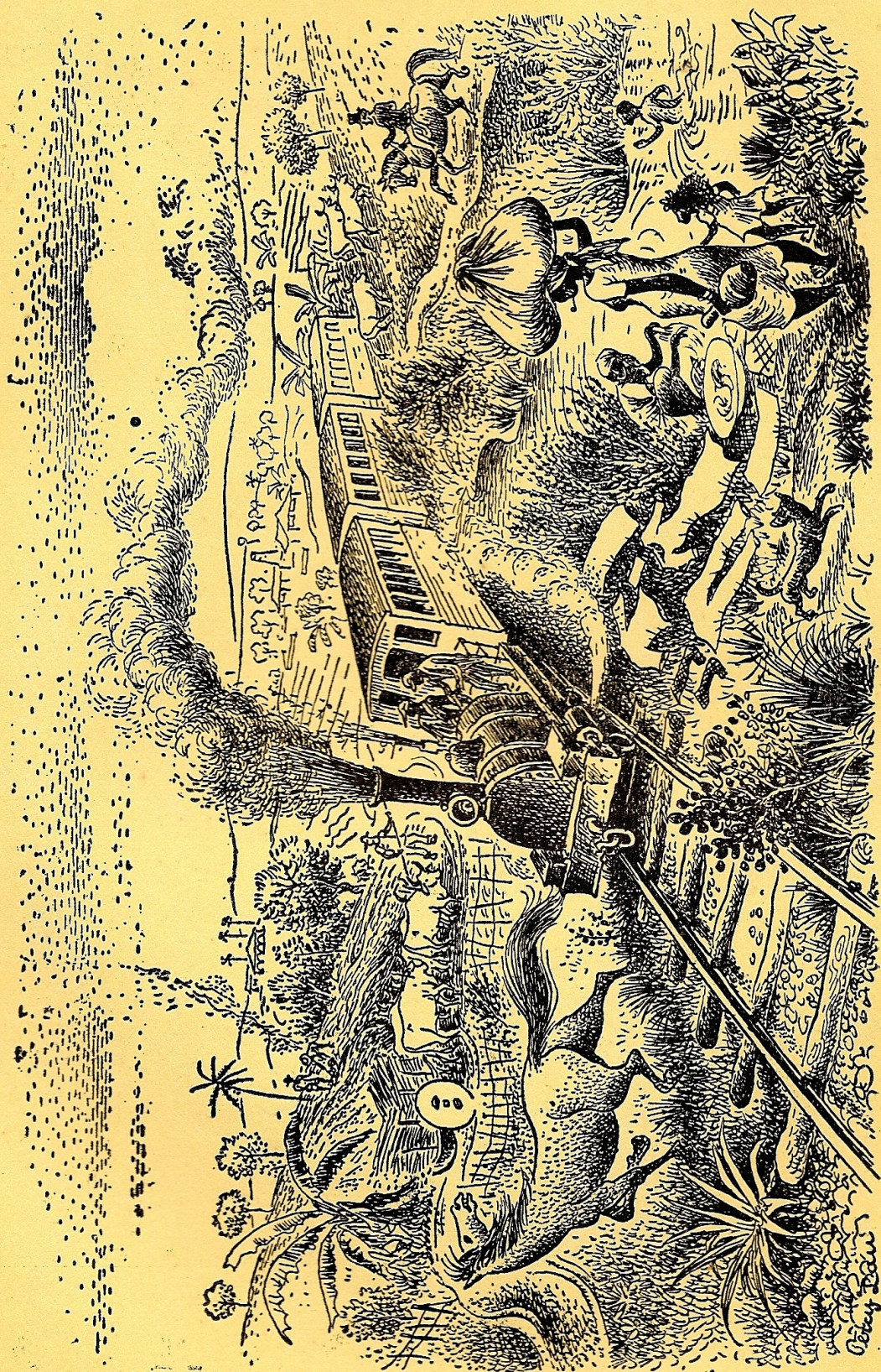
Apres Dieu, vous!

Cândida e sedutora eu a vi
ontem a vez primeira e foi
bastante sua sedução para
sentir agitar-se no cibório
profundo de meu coração um
sentimento altíssimo e veemente.

La rose rouge.

Quem não estará vendo um exemplar da gazeta, em que saiu esta confissão, sendo aninhado no misterioso escaninho de uma arca, entre um leque de plumas, um lenço de labirinto ainda perfumado e uma rosa vermelha quase murcha?





O "vapor de terra"



Pernambuco foi a segunda região brasileira a experimentar sobre seu solo o contacto do aço de trilhos e o frêmito de um trem em marcha. A concessão fôra dada em 26 de junho de 1852 aos engenheiros Alfredo e Eduardo Mornay, mas, não obstante o apoio oferecido por Mauá à iniciativa, surgiram dificuldades, desistindo os empreiteiros e reclamando indenizações. Houve, depois, um acôrdo, o govêrno imperial interveio, e afinal se constituiu a Companhia britânica, que construiria a estrada de ferro denominada *Recife and São Francisco Railway Company* ou, brasileira-mente, *Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco*. Conforme o nome estava indicando, dirigir-se-iam seus trilhos às margens do grande rio nordestino, atingindo a vila de Boa Vista. Posteriormente, modificou-se-lhe o traçado, mas a denominação primitiva perdurou, a ponto da própria estação inicial, no Recife, tornar-se conhecida por "São Francisco". Ficava situada no largo de Cinco Pontas, tendo sido levantada nos terrenos pertencentes à *Emprêsa Locomotora Pernambucana*, que ali tinha um barracão para guardar seus lastros de carga e uma cocheira para os burros que os puxavam. Dessa estação partiram durante muito tempo os trens de Garanhuns e Alagoas, e só deixou de ter préstimo quando a *Great Western*, arrendatária de tôdas as estradas de ferro que do Recife partem, resolveu reunir todos os serviços de passageiros e cargas na Estação Central, abandonando as do Brum e Cinco Pontas. . .

Em 1856 saía no *Diário de Pernambuco* êste aviso:

ESTRADA DE FERRO DO RECIFE AO SÃO FRANCISCO.

Os diretores da Companhia da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco têm

feito a chamada da 2.^a prestação de duas libras esterlinas sôbre cada ação da dita Companhia, a qual deverá ser paga até o dia 6 de julho de 1856, no Rio de Janeiro, em casa dos srs. Mauá Mac Gregor & C., na Baía em casa dos srs. S. Davenport & C. e em Pernambuco no escritório da Companhia. O acionista que não realizar o pagamento dentro do têrmo indicado poderá perder o direito todo às ações, sôbre as quais o dito pagamento não tiver sido efetuado, e em todo caso terá de pagar juros pelo tempo que decorrer entre o dia indicado para o pagamento e a sua realização.

Recife, 14 de maio de 1856.

Por ordem dos diretores

S. P. VERCKER
Tesoureiro

Decerto a cidade acompanhou com bastante interêsse as obras de construção da via férrea, primeira a ser instalada na província e segunda do país. Quando os trilhos se assentaram e da Alfândega saíram locomotivas e vagões, as experiências terão feito muita gente acorrer ao espetáculo surpreendente e inédito. Até que a 9 de fevereiro de 1858 correram os trens de horário, abriu-se ao gôzo público o notável melhoramento. Era o início da avançada rápida pelo interior, dispensando-se o cavalo, o carro, a rêde. A princípio, apenas se chegava ao Cabo. E essa vila, o comboio inaugural a atingira, entre festas. Hora e meia de viagem. Uma maravilha! Parava-se em Afogados, Prazeres, Pontezinha, Ilha. Ainda Boa Viagem não merecera estação; sem dúvida porque sua linda praia não tivesse fama. Nem os banhos de mar a conseguiam nesse tempo. Preferiam-se os de rio.

A comêço, dois trens diários em cada direção. Do Recife para o Cabo, às 9 da manhã e às 5 da tarde. Do Cabo para a capital, 7 da manhã e 3 da tarde. Eram os do horário publicado. As passagens de 1.^a classe custavam, entre os pontos extremos da linha inaugurada, 4\$000. De 2.^a e 3.^a (que também havia), respectivamente, 3\$ e 1\$500. Os bilhetes de ida e volta, "dentro de 24 horas ou 48 se nelas se compreenderem domingos e feriados de guarda", custariam 6\$ 4\$500 e 2\$260 :para as três diversas classes. Eram intransferíveis e pedia-se aos passageiros trouxessem dinheiro miúdo para a compra dos seus bilhetes, pois o trôco andava vasqueiro.

Ir-se ao Cabo virou moda. Nenhum outro. "entretenimento " se comparava ao dessa excursão num cômodo banco de carruagem puxada por locomotiva possante, vendo-se pela janelinha canaviais e cajueiros, praias e coqueirais, mangues e colinas. Nos cercados dos engenhos o gado repousava debaixo dos dendêzeiros e gameleiras; o carro de engenho cantava levando canas; a casa-grande enfeitava-se de crótons e palmeiras; as moendas espalhavam o cheiro doce do caldo... Bonito mesmo! E o trem a correr... E a máquina a apitar... E o povo do mato ao longo da linha de olhos compridos ou assustados para a carreira da composição! Era uma pena quando se chegava! Tão depressa!

A imprensa, embora com sobriedade, elogiava êsses passeios:.

"Belo passeio pela rapidez e pela paisagem." E comentava-se: "Quem diria que se chegaria lá em 90 minutos!" E a afluência aumentava de domingo a domingo. Reservavam-se aos sábados para. mais de 300 lugares no hotel. E não davam para quem queria. O *Grande Hotel do Cabo* anunciava-se nestes têrmos:

GRANDE HOTEL DO CABO

No Grande Hotel do Cabo acharão as admiradores do bom gosto tôdas as comodidades precisas para bem passar-se a tempo naquela amável vila, uma bela e grande casa com bastantes salas e quartos, para grandes famílias, decentes e abundantes iguarias, belo banho, ótimo jardim, uma banda de música militar encherá o intervalo dos mais divertimentos. O vapor nos domingos e dias santos partirá desta cidade às 7 horas em ponto e voltará às 5 da tarde. Qualquer pessoa ou família que quiser ali pernoitar achará tôdas as precisas comodidades para bem passar. Nada têm poupado os proprietários do dito estabelecimento para bem agradarem às pessoas que o queiram freqüentar. Os bilhetes do hotel do Cabo serão vendidos nesta cidade na Rua Estreita do Rosário n.º 11, e assim como as passagens para o vapor, isto é, aos sábados às 8 horas da noite e nos dias santificados na véspera às mesmas horas; o preço do hotel nos domingos e dias santos cada pessoa, almoço e Jantar 6\$000, mesa redonda, sem bebida alguma, e para famílias o que se convencionar; também encontrará a boa rapaziada *solvete* feito de belas frutas sendo êste último separado da quantia marcada para o jantar e almoço, ao preço de 500 réis por cada um, nos dias semanários as pessoas que freqüentarem o hotel pagarão na razão do que gastarem.

Êste anúncio, por todos os aspectos curioso, como que ilustra a época da inauguração do trem para o Cabo. Dá-nos o cenário da vila, no tempo. Note-se a inteligência do reclamo, o sentido de facilitar aquisição prévia de bilhetes para as refeições em combinação com as passagens do "vapor", o preço da comida, afora o interesse do "*solvete de belas frutas*" para a mocidade, a cinco tostões cada um.

E o anúncio do *Grande Hotel* surtia bem seus efeitos. A ponto de haver domingos em que muitos "turistas" voltaram com fome por não poder a única hospedaria da terra atendê-los. "Chuparam o dedo", como dizia um comentador. Tiveram os menos infelizes de apelar para os tabuleiros de bolos e de mindubis e para os caldos de cana, enganando os estômagos. Essa crise de refeições agravou-se, ao que parece, forçando os donos do *Grande Hotel* a estabelecer e publicar êste pitoresco Regulamento: "

Art. 1 - É proibido a tôda e qualquer pessoa o ingresso neste estabelecimento sem que para isso tenha um bilhete, o qual será rubricado pelo proprietário cujo bilhete terá o número igual ao da cadeira.

Art. 2 - A hora da comida será anunciada por um foguete de bomba real.

Art. 3 - No almoço terá sólido e meia garrafa de vinho para cada pessoa, bem como chá, café, bolachinhas, manteiga e queijo. No jantar haverá carne de vaca, presuntos, galinhas, perus, guisados de diferentes modos, e de vinho será a mesma quantidade da do almoço, para sobremesa queijo, doce, e frutas, que conforme o tempo se puder arranjar.

Art. 4 - Ninguém poderá ter ingresso nas salas de comida sem primeiro dar ao porteiro o seu competente bilhete.

Art. 5 - As pessoas que não tiverem bilhetes só serão admitidas se porventura houver lugar e caso não haja ficarão para a segunda mesa (já se sabe pagando).

Art. 6 - A bebida que qualquer pessoa quiser além da marcada acima tanto na hora da comida como depois pagará o que fôr de razão.

Art. 7 - Para as famílias haverão salas preparadas bem como comidas.

Art. 8 - Os bilhetes estarão expostos à venda até as 8 horas da noite de tôdas as sextas-feiras.

Art. único - O presente Regulamento será cumprido somente nos dias de domingo e santificados; nos demais será por um ajuste convencional.

Não menos expressivo como espelho da movimentação social que teve o Cabo nesse meado do século XIX é êsse Regulamento. Zelava êle, antes do mais, pela boa ordem de seus serviços de mesa; a fim de evitar queixas e desgostos, sem dúvida provocados anteriormente pelo esgotamento das provisões. Por outro lado, enchemos a bôca d'água com a amostra dos pratos de que constavam seus *menus*, proporcionados por preços tão convidativos: 6\$000 almoço e jantar. O art. 2 é de um sabor especial: aquela bomba real a anunciar a hora das refeições. Hoje, seria uma sirena. Por sua vez o art. 7 reflete o recato das famílias de outrora: não lhes ficava bem sentarem-se à mesa comum de um restaurante. Requeriam salas particulares. Evitavam-se, assim, os namoros das sinhazinhas..

O Cabo continuava a ser um motivo de sensação na vida da cidade. Um cronista mundano escrevia:

Depois de três meses de estação calmosa e dos encantos do Monteiro, do Poço e do Apipucos, reabre-se o teatro Santa Isabel e o passeio ao Cabo da estrada de ferro constitui a atração dos recifenses.

O teatro reiniciava sua atividade com o drama *A Loucas ou o Castelo das 7 Tôrres*, diga-se de passagem.

Um ano após a inauguração do trem, visitam o Recife os imperadores D. Pedro II e D. Teresa Cristina, pela primeira vez. Em três ocasiões os imperantes vão ao Cabo. A 1.º de dezembro, saem de Palácio às 6 horas da manhã, tomam o trem na estação de Cinco Pontas e com 37 minutos de viagem atingem o Cabo. Ali, enquanto a Imperatriz descansa, entre as senhoras da vila, o espôso percorre a linha em construção para a Escada. Almoça e vai ver as oficinas. E regressa. No dia 10, porém, transporta-se novamente, no trem, ao Cabo. Agora é a visita oficial à povoação. Chega solenemente lá às 7 horas. Desembarca num pavilhão especialmente construído pela municipalidade, e ali recebe "as chaves da cidade", como era de praxe. Debaixo de pátio vai até à Matriz, onde se celebra um Te-Deum. Mas vale a pena transcrever do *Monitor das Famílias* êste pedacinho:

Ali [no pavilhão] achava-se reunida a mesma câmara, o clero da vila, as autoridades judiciárias, e vários oficiais da guarda-nacional em grande uniforme e numerosas pessoas de distinção da comarca.

Ao sair do carro foi S.M. vitoriado com vivas estrepitosos e ao som: do hino imperial, que era tocado pela música militar de artilharia da guarda nacional do Recife.

E ouviu-se então o discurso oficial, com a entrega da chave da cidade. Assinavam-no o Presidente da Câmara, Inácio Barros Barreto, e os vereadores Manuel Camilo Pires Falcão, José Paulo do Rêgo Barreto, José Joaquim do Rêgo Barros, Francisco Alves de Miranda Varejão, Joaquim Pedro Patriota e Francisco Ferreira de Barros Cam-

pelo.

Pedro II responde: "Muito agradeço as felicitações que me acaba de fazer a Câmara Municipal desta Cidade." Findo o Te Deum, o Imperador pede um relatório completo do estado do município, com indicação das providências a adotar em seu benefício. Examina os livros da Cadeia e nota a falta dos termos de visita; indaga se o júri se reúne com regularidade; do carcereiro, quantos presos há. Vai ao quartel e nota que as armas não se acham bem limpas. Entra na igreja de Santo Amaro e na do Rosário dos Pretos. Atinge o extremo da vila, e acha-a pequena. E para a sua importância, como cabeça de comarca de 130 engenhos, produzindo 600 arrôbas de açúcar por ano, pensa que se deveriam ter levado a efeito obras de mais progresso, ali. Não deixou de ir à aula pública, e argüiu os alunos em Aritmética e Leitura. Quer ver o local de um antigo fortim holandês, e encontra apenas ruínas. Por fim, recolhe-se para almoçar. Na casa preparada especialmente para acolher S. Majestade, "tôdas as salas e câmeras forradas de lindos papéis e tapetadas, mobiliadas com luxo e decência", há beija-mão.

Almoça-se com solenidade. Em seguida, entrega de petições; D. Pedro II oferta um conto de réis em favor do restabelecimento do cemitério da vila; mais 500 para esmolas e 300\$000 para as obras de conservação da igreja dos pretos. A tardinha, regresso ao Recife, depois do Presidente da Câmara haver afirmado que D. Pedro era o "mais patriota dos monarcas existentes". Ainda a 21 de dezembro o Imperador dirige-se ao Cabo e dali, a cavalo, visita a Escada.

Como se vê, o trem de São Francisco foi bastante honrado pelos soberanos brasileiros. E a vila do Cabo também. A população fartou-se de ver e de admirar aquêle casal tão simples e tão bom, possivelmente decepcionada de que não correspondesse à idéia extraordinária e pomposa que fazia dos reis.

Mas o trem não iria parar no Cabo, é claro. Bastaria, como glória, para a posteridade, a gravura de Carls em que se vê uma composição da estrada de ferro ao chegar àquela povoação com ares de novidade e de orgulho.

O prestígio do melhoramento iria favorecer outros núcleos humanos do interior pernambucano. Trabalhava-se "a galope" na remoção de terras, no levantamento de aterros, no lançamento de pontes, na abertura de um túnel, enfim no prolongamento dos trilhos. Visava-se, agora, a segunda etapa que alcançaria Escada. Tinha-se pressa, e a empresa pedia braços: haveria serviço todos os dias, ainda que chovesse. Salário de 4 patacas. Gratificações a quem arrebanhasse trabalhadores.

Em 1862 já se punha em tráfego a 3.^a seção: no dia da inauguração as chuvas bloquearam o trem oficial em Frecheiras. Dali não se mexeu a máquina. Em compensação, nesse mesmo ano, a 6 de setembro, ia-se a Água Preta e mais um pulo chegava-se a Una. Então a sorte favoreceu à vontade essa Una, que depois se chamou Palmares. Ponta de trilhos, veio a cidade a ser movimentado ponto inicial dos ativos serviços do prolongamento para Garanhuns.

No Recife, ainda a primeira estrada de ferro da Província dava que falar e inspirava até os poetas populares:

A estrada de ferro
Foi feita com *muito* risco
Para embarcar os rapazes
Do Recife ao São Francisco.

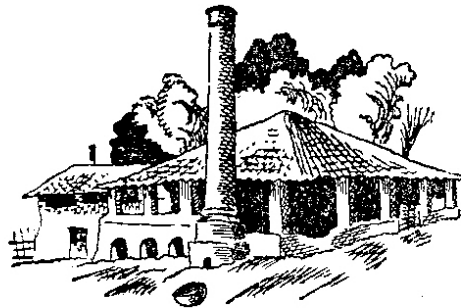
E os carregadores de pianos, tão em voga, também cantavam:

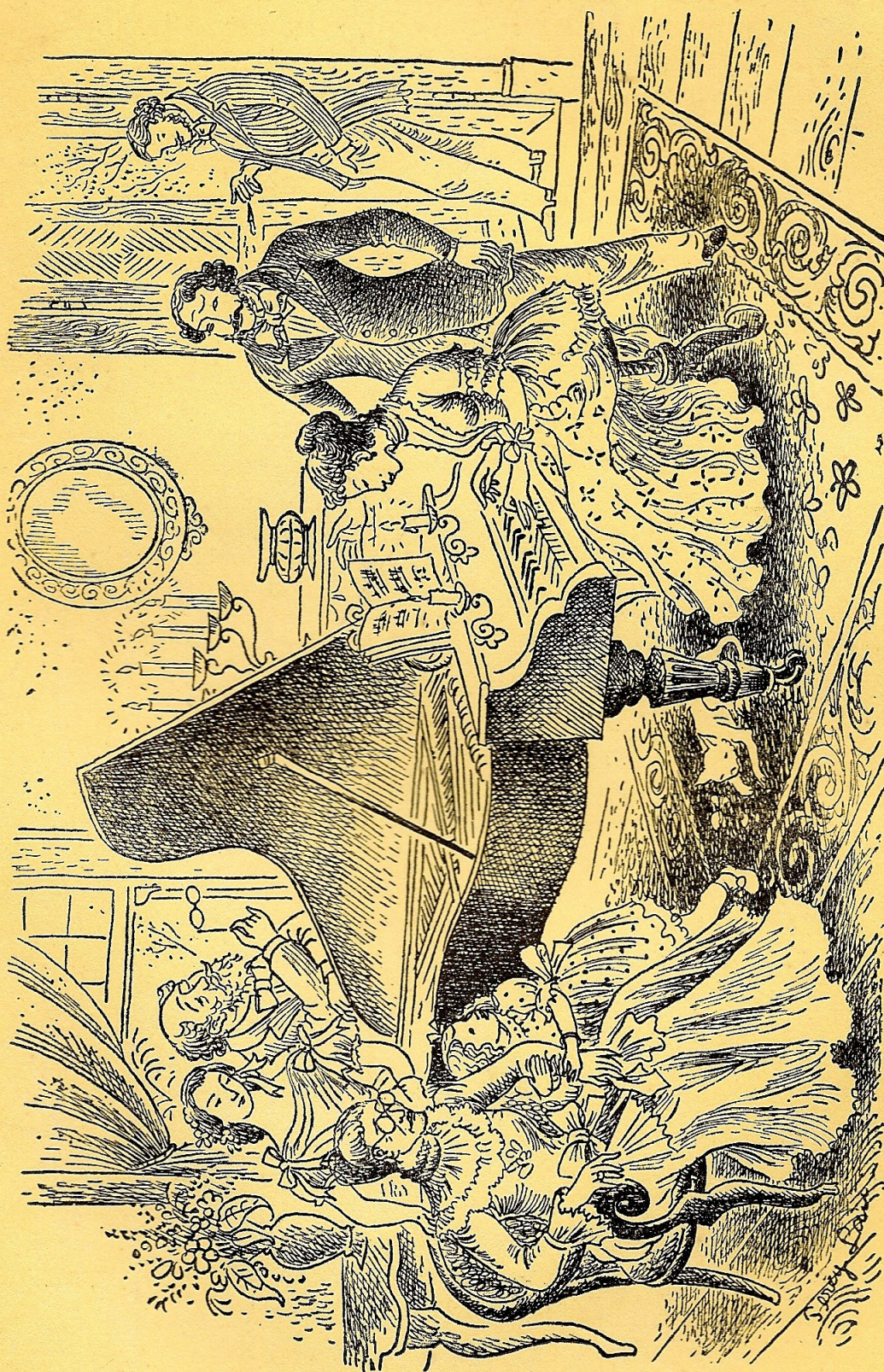
Zomba, minha nêga,
Zomba, meu sinhô,
Quem quisé se embarcá,
Trem de ferro já chegou.

O *Grande Hotel do Cabo*, entretanto, anulava o seu pitoresco Regulamento. É provável. Tornara-se inútil à falta da concorrência antiga. Os passageiros do trem, agora, passavam, sem se mexer dos bancos. Olhavam a vila pelas janelinhas dos vagões. A Matriz, o casario, os arvoredos, a estação. Para quê mais? Ia-se a outros destinos.

Tampouco o trem era mais cousa que chamasse a atenção. Vulgarizara-se. Transporte rápido e cômodo, sim, porém banal.

O próprio morador de engenho, quando estava no roçado, já não estacava o trabalho nem se escorava à enxada, como dantes, para acompanhar com os olhos o trem que passava correndo, apitando, a fumaçar, até se esconder por trás do canavial mais próximo...





Nos salões dos palacetes impunham-se as novas modas e “modinhas”

A princípio terá sido o clangor guerreiro do boré, a cadência apelativa do uai, o chocalhar propício do maracá, o compasso ritual das poracés, convites de amor ou ímpetos da desforra, banquetes em que o inimigo fôsse devorado ao estímulo atordoadante do cauim. Ritmos de tangapemas, de uiraparás, de cocares, de corpos nus.

Nesse tempo, pròpriamente o Recife não existia. Tudo por aqui era ainda o imenso lagamar, as raízes revêssas dos mangues, os rompimentos capilares dos rios, e, mal contendo-os, o parapeito estranho do arrecife à espera do seu prestígio para possibilitar um núcleo humano e dar-lhe nome.

E quando êsse sonho se objetivara, a música que se faria ouvir logo terá sido não a das cordas retesas dos arcos, nem a dos assobios arrepiados das ubás, mas a das violas nostálgicas dos marujos trazidos pela ventura ou a cobiça em naus ou caravelas bastante andejas nas percorridas de muitas outras águas e muitas outras plagas. Aferradas as quilhas ao remanso do rio, as violas plangiam nos conveses, unindo almas e vozes na nostalgia de canções que, familiares ao Tejo ou ao Minho, foram ouvidas nas ínsulas das especiarias e transitaram aos mundos novos do pau-de-tinta.

Sem dúvida, ensejo houvera de se repetir no chão aluvional do "povo do Arrecife" aquela festa descrita pela pena de Caminha, num consórcio de harmonias dos instrumentos rudes da indiada com as charamelas, os tamborins e as gaitas dos lusos, em danças e cantos. E da freqüência dêsses folguedos, que hoje classificariam de manifestações de cordialidade internacional, brotariam, conseqüentemente, dos ventres túmidos das cunhãs, os primeiros mestiços, cujas toadas viriam pouco a pouco a ser diferentes.

Os pescadores por ali fixados em tetos de palha, adestrados na arte de navegar nas jangadas indígenas, iriam, de envolta com os marujos e os trapicheiros, transformar os motivos musicais e a própria forma dos instrumentos em que as harmonias se expressavam. A guitarra, a viola, viriam a ser o violão. E para o violão do mameluco não mais a constante de uma saudade de terra para êle longínqua e desconhecida. Agora, a modinha para cantar tropicalmente o desejo, o ciúme, a ternura, o desprezo... A modinha era a mulher, tão esquiva e mesmo tão rara. Exaltava-se-lhe o reflexo do cabelo, o moreno do pigmento, o flexuosidade dos quadris, o mistério dos seios, a provocação dos olhos, a doçura da bôca. Mulheres!... Até as "erradas" serviam...

A música religiosa, cultivada pelo interesse catequizador dos jesuítas, procuraria neutralizar êsse sensualismo, através da beleza mística das ladainhas, dos autos, dos hinos, dos cânticos nas novenas dos padroeiros. Autos e danças permitir-se-iam dentro dos templos, consoante a êles ainda aludia o francês Tollenare, nosso hóspede do começo do século XIX. Como bom observador, Tollenare andara pelas nossas "festas de igreja" e vira as de Nossa Senhora do Monte ou da Saúde, uma em Olinda, outra no Poço da Panela, em que as "negras mais bonitas", ricamente vestidas sem abandono dos tipos dos seus trajes habituais, cobertas de correntões, brincos e braceletes de ouro maciço, os dedos cheios de anéis, vendem por conta dos senhores, que as aparamentam assim, fitas chamadas *medidas*, bentas ou santificadas pelo contacto

da imagem milagrosa.

Anteriormente à presença do francês das *Notas Dominicais* dançava-se a noite inteira dentro das próprias naves, defronte da capela-mor, conforme se fizera até pouco tempo antes na de São Gonçalo, de Olinda. Mas os cônegos haviam já proibido tais danças como "indecência indigna do templo de Deus". Seriam os autos de temas religiosos de que mais tarde brotariam os presepes públicos, tão famosos ainda há uns 30 anos. E se a censura eclesiástica os afugentou do recinto sagrado, assim teria agido mais pelos abusos da assistência que pela inconveniência do espetáculo.

Assim, as danças, já de cunho profano e, por sinal, lascivo, passaram aos pátios das igrejas ornamentados de bandeirinhas e galhardetes, com seus coretos de música, suas barraquinhas de guloseimas, seus atrativos de arraial. Ali, Tollenare assistiria então a danças - que descreve - ao som de reduzida orquestra e com uns passos de simbolismo sexual. Era porventura um misto de influência ameríndia e africana, mesclada, por sua vez, à avidez concupiscente do luso.

Porque já três longos séculos houvessem decorrido dos constantes desembarques nas praias do Arrecife de magotes de negros, no esvaziamento dos porões de "tumbereiros", para um ensaio da vida do cativo em plagas sul-americanas. Conta-se que êsses negros, ao avistarem a terra de destino, expressavam sua alegria pelo término da angustiosa travessia marítima, com o explodir de cânticos e de danças nos conveses dos navios negreiros. Êsses cantos e êsses passos eles iriam, mais tarde, reproduzir, numa forma estranha de desfôgo, de consôlo, de nostalgia, nos cercados dos engenhos, nos copiares dos sítios, nos quintais dos palacetes, traduzidos no lundu, no batuque, no samba. O sincretismo religioso já os conduzia a festejar assim, de mistura com os seus ídolos, os nossos santos católicos. E dêste modo, fôsse culto sobrenatural, fôsse explosão sensual, fôsse alívio de sofrimento, os atabaques rufavam, os ganzás agitavam-se, as palmas estralavam, os assobios zuniam, enquanto o pés iam traçando a rota monótona de um enleio ou os corpos se chocavam nas umbigadas.

Nas cidades, as congadas expressariam por seu turno as antigas cerimônias reais das tribos africanas, ali evocadas por quantos, outrora, fizeram parte dessas côrtes. Alguns como figuras de soberanos, de príncipes, de "gente do Paço". Teresa Rainha, bela e altiva, teria sido uma dessas soberanas que perderam a coroa para ser escravas, mas nunca se curvaram, nunca perderam a majestade do porte e das maneiras. Os cortejos da eleição e coroação nos reis do Congo eram a viva recordação dessas épocas de poder e de grandeza cujo ocaso a cobiça do negreiro provocara. Pouco a pouco êsse cunho de solenidade transitaria para a carnavalesca ilusão do maracatu... O maracatu viria a ser, para os negros, o derivativo transitório da decepção da senzala, o pretexto para cingir a coroa, vestir o manto, empunhar o cetro, ouvir de novo o maracá e o atabaque, entoar o canto avoengo, abrigar-se à umbela vermelha, alçar acima dos brancos a "boneca" fetiche.

Já era um esquivo prazer êsse de vingar-se dos senhores com a representação de um antigo fausto. Como deixaria de sê-lo, quando o lundu perdera um pouco seu sabor lascivo para tomar em terra brasileira um tom irônico, por sinal bem dos mestiços aqui nascidos?

Branco diz que negro bebe,
Bravô, sinhàzinha!
Negro bebe agoniado.

Quando negro vai à venda,
Bravô, sinhàzinha!
Acha copo já moiado...

Não roubariam, no entanto, aos lábios dos "brancos" a definição pejorativa: "danças e cantigas de negros".

As bôcas satíricas haviam esquecido cantigas com que as mães pretas embalavam as criancinhas de pele alva ou das que os velhos pretos entoavam para os ouvidos dos meninos já taludos, que dêles tanto gostavam.

O preconceito quase desenraizável de motejo, de inferioridade, de repúdio ao tocador de violão, teria nascido dessas noitadas dos pátios de engenho ou de frente de mocambos, nas horas de lazer, nos onomásticos, nas botadas, nos dias outros de festas que sobravam das casas-grandes para os "pombais negros".

Não obstante o desdém, o próprio lundu de origem tão equivocada, tornado tão sardônico, lograra penetrar ambientes mais altos, ameigando-se em formas de amor, de ternura e até de leve malícia. Pereira da Costa cita vários dêsses matizes:

Um baú de quatro palmos,
Já de cheio não o fecho,
De presentes de amôres
Coisas de cair o queixo.

Lenços, toalhas,
Cartas e flôres,
Cabelos e tranças,
Coisas de amôres.

Ou êste de alusão ao trenzinho suburbano crismado de maxambomba:

Trepei na bomba,
Comi pitomba,
Sacudi os caroços
Na maxambomba.
Moça nenhuma
Me faça tromba,
Que eu as embarco
Na maxambomba.

Canções de variados gêneros, mas tôdas muito populares, atravessaram os séculos XVIII e chegaram ainda ao comêço do atual. Delas nos recordamos nos versos e nas músicas, ouvindo-as ainda, embora de raro, de uma bôca que já não se pode gabar de primaveril. Quem não evoca particularmente a toada do

Marcha, soldado, cabeça de papel...

ou, então, aquela quadrinha, também muito cantada, e pitoresca, do

Sinhá Miquelina,
Com você não quero graça:
Por sua causa
Meu marido sentou praça.

Versinhos que refletem a época temível do recrutamento para as guerras dos primeiros anos da nacionalidade, se não as da antiga colônia , Ao lado dessa quadrinha, as de outro motivo, como as de embalo:

Bão- balalão,
Sr. Capitão,
Em terra de mouro
Morreu seu irmão...

E a Maria Cachucha :

Maria Cachucha,
Com quem dormes tu?
Durmo sòzinha
Sem mêdo nenhum.

Ainda recordaremos as cantigas de roda *A moda da carranquinha, Bota aqui o teu pèzinho, Diga, senhora viúva, Caranguejo não é peixe...*

Canções que vinham de longe, muito longe, e mantinham-se em voga. Por volta de 1901, num presepe em Afogados, no entusiasmo dos meus 16 anos, aplaudi a mais não poder uma "libertina" que entoava êstes versos bem conhecidos e com uma música melodiosa :

Eu tenho, mamãe, eu tenho
Saudade que não tem fim;
No tempo em que eu era pobre,
Mamãe, eu dizia assim.

Eu tenho, mamãe, eu tenho
Saudades de Maceió;
No tempo em que eu era pobre,
Mamãe, eu andava só.

Eu tenho, mamãe, eu tenho
Um vestido de cetim

Que os estudantes me deram
No passeio do jardim.

Mas, incontestavelmente, a modinha foi o gênero que, vindo do povo, aristocratizou-se e predominou. Por muito intensa que fôsse a prevenção contra os violeiros, a modinha, separando-se da chula, da embolada, do desafio, subiu ao salão. E ali, on-



Certa menina encontrei,
Graças taes como as que tinha,
Nunca mais encontrarei.

Quando me vio.
Deu-me uma flôr,
E dentro della
Sopro de amor.

Esta modinha tem 5 quadras, e para cada
uma seu estribilho differente. A muzica he
do insigne artista pernambucano, o Sr. P.
N. Baptista. Vende-se na imprensa de muzi-
ca da rua Bella n. 28, para piano a 640 rs. e

de o violão não entrava, recorreu ao auxílio nobre do cravo. A sinhàzinha ou a sinhá-branca, abstraindo-se um pouco da romanza, dignou-se de cantá-la. Um auditório mais jovem tolerou-a e aplaudiu-a, pôsto que os mais velhos a achassem impertinente, grosseira, imoral... A modinha, contudo, triunfara... Ao menos como um desabafo de amor dos que penavam em virtude da oposição paterna nos tempos de tremendos obstáculos: o do nome, o da tez, o do cabelo...

E quando o piano apareceu... Minha Nossa Senhora, o piano!

Que audaz revolução vinha no seu sonoro bôjo! O piano!...

A princípio era raríssimo; só em teto privilegiado. Convites aos íntimos para irem vê-lo e ouvi-lo. "Madame" tinha chegado da Europa e lá aprendera a tocá-lo. Maravilha! Sonho! Um instrumento completo em casa. Os noturnos, as sonatas, os romances mais afamados na história da música eram interpretados pelas mãos fidalgas das mulheres que habitavam os palacetes do Poço, da Madalena, de Ponte de Uchoa. As fantasias sôbre as óperas mais aplaudidas no *Santa Isabel* também se faziam apreciadas: a *Norma*, os *Puritanos*, a *Traviata*, o *Elixir de Amor*, o *Trovador*, a *Favorita*...

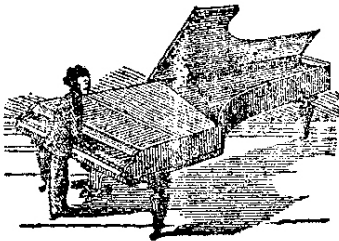
Os pianos, porém, foram aumentando de número, na cidade, Saíam da Alfândega às dúzias e vendiam-se rápido. Agora, de muitas casas e vários bairros os seus sons se espalhavam ao premir de dedos hábeis ou dos que ainda corriam escalas ou já tocavam o

Eu vi uma baratinha
No cangote de vovô...

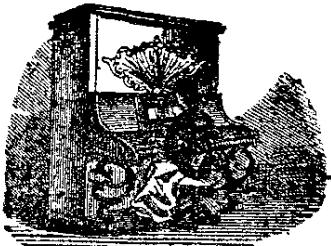
Os anúncios dos jornais ofereciam pianos e até davam dêles sugestivos desenhos.

Os pianofortes de Brunn Praeger & C., na Rua da Cruz, 10, eram feitos por encomenda.

P I A N O S



**RUA DO IMPERADOR
N. 49
Victor Préalle**



Mudou o seu estabelecimento de pianos, etc., da rua do Duque de Caxias n. 6 para a do Imperador n. 49, onde o illustrado publico achará sempre o que ha de melhor em pianos.

Aproveitou a longa pratica e experiencia que teve neste paiz, neste importante ramo de industria, durante sua residencia de quasi trinta annos, para mandar construir uma qualidade de pianos proprios para este clima, os quaes se distinguem pela sua construcção solida, sua voz forte e agradavel o pela sua elegancia interior e exterior.

Offerece tambem pianos de diversos autores, dos melhores, como sejam : Herz, Pleyel, etc. e garante a bõa qualidade de todos os pianos que se venderem nesta casa.

A era do piano foi também a do maior triunfo para a modinha. Os poetas românticos emprestavam seus versos a essa modalidade musical. E as moças, não menos eivadas: de romantismo, as cantavam. Exemplares de modinhas famosas vendiam-se a 500 réis, e nas fôlhas vinham, num clichê de fundo negro, trechos das melodias e da letra. Os nomes dessas modinhas falavam por si: *Meu primeiro beijo*, *Alta noite*, *oh! que silêncio!*, *Quer o fado*, *quer sorte*, *Ao lado de Lília*, esta talvez a mais predileta de uma época, porque assaz gabada :

Ao lado de Lília
Jurei meus dias findar;
Só nela é que existe amor,
Só Lilia me sabe amar.

Essa Lília seria, no fulgor da idade de nossos avós, a mesma mulher perfeita que é a Amélia dos sambas atuais. - "A mulher de verdade" - diz-se hoje. - "O anjo dos meus sonhos" - dir-se-ia então.

A modinha de tal prestígio gozava que um dia apareceu êste singular pedido no jornal:

Compra-se ou aluga-se, para copiar, a modinha Consumido de saudades, pagando-se bem. Adverte-se ser para ir para fora da província. Quem tiver anuncie.

Como que compreendemos, a tão larga distância, essa consumição de saudades

de uma alma talvez forçada por circunstâncias valiosas a sair de Pernambuco, a deixar o Recife, para ela, como para nós, a única terra do mundo para se nascer, viver, morrer...

A modinha maliciosa também se fazia cantar assim:

Dá-me, dá-me, laiàzinha,
Quero tudo possuir:
Teus encantos, teus carinhos,
Tudo mais quanto eu pedir.

Dá-me, dá-me, laiàzinha,
Dá-me tudo que eu careço:
Vida, amor, prazer, repouso,
Tudo em ti, se te mereço.

Dá-me, dá-me, laiàzinha,
Dá-me enfim o teu *chá forte*,
Bem docinho, bem quentinho,
Sempre, sempre, até a morte.
Dá-me, dá-me, laiàzinha,
Nada além juro querer,
Cafunés depois do chá,
Para ledó adormecer...

Provavelmente êsses versos seriam cantados em alusão à moda do chá, que não seria vendido apenas nas boticas como remédio. Os ingleses estavam emprestando-lhe um consumo de regalo, e ele ia se introduzindo nos hábitos recifenses. O chá da Índia substituíra as "ceias de garfo".

Não cairia depressa o apogeu da modinha. Os últimos anos do século XIX testemunharam-no à vontade. Os grandes poetas dessa época marcante na nossa literatura viram seus versos assim musicados. Não apenas o já por si tão melódico Casimiro de Abreu, mas também o arrebatado Castro Alves. Que o digam as vozes que entoaram o *Gondoleiro do Amor*. E o século XX rompeu sem se desvalorizar a modinha. Ainda havia estudantes que eram apenas estudantes para cantá-las do alto das janelas das "repúblicas" ou em serenatas pelas ruas e arrabaldes. Não raro, igualmente, pela esteira luminosa do rio, em botes, percorrendo trechos onde se erguiam sobrados de azulejos com velhas varandas de soteias em que moças apareciam para escutá-los, Modinhas de autores anônimos tantas delas, mas que andaram em tôdas as gargantas: *Acorda, que a noite é bela, Quisera amar-te, mas não posso, Elvira, Bem sei que tu me desprezas, Dorme, Carmela, Querida Flora*.

Acorda, Adalgisa,
Que a noite desliza;
Vem ver o luar,
Vem ouvir o canto...

Foi nessa época que Adelmar Tavares escreveu a sua lindíssima *Acorda, abre a janela, Estela*. O verbo *acordar* vivia nessas poesias, porque as serenatas primavam pelo tardio das horas, à espera do maior esplendor do plenilúnio, quando as ouvintes já dormiam...

Quando o *Esporte Clube do Recife* se fundou, em 1905, ao lado das suas atividades esportivas havia uma *Tuna Musical*, e esta realizou várias serestas.

O piano não possibilitaria somente, no gênero popular, a modinha obter um apogeu. ele auxiliaria também a era das músicas da dança: a polca, a mazurca, a valsa, a *scthottish*, o *pas-de-quatre*. Sem esquecer a quadrilha, de que o moralista de O *Carapuceiro* afirmaria:

Se os nossos avós surgissem
Do seu eterno jazigo,
Quando vissem as quadrilhas
Que diriam, meu amigo?

Felizmente os avós não saem dos jazigos. Nem para ver as quadrilhas, nem tampouco para assistir a um baile de hoje...

Os pianos, já o dissemos, encheram os reclamos de outrora, denunciando seu favor. Não só nos oferecimentos de venda do novo instrumento, uma maravilha, como nos de professores e professoras. Em 1838 um destes se classificava como "professor dêsse belo e harmonioso instrumento que é o piano". Mademoiselle Zoé Papon anunciava-se como professora de musica, podendo ser procurada na Rua Nova, D 11, de frente da igreja. Cobrava mensalidades de 12\$800 para ensinar em Santo Antônio, e 15\$ no bairro da Boa Vista. Também era "mestra de cantorias". Afinadores de piano igualmente não faltavam: Fred. Fermont era um deles.

Anúncios de pianos com clichês eram freqüentes. E já se queria alguém desfazer de um, velho, por 50\$000. De quando em quando transitava pela cidade, às cabeças de oito carregadores, um novo piano, comprado há pouco, saído da Alfândega ou de mudança. Esse transporte deu margem a uma forma de toada popular do Recife: a dos carregadores de piano. Aliviando o pêso, distraindo os espíritos, suportando as caminhadas, entoavam seus conhecidos versos:

Iaiá me diga adeus,
Olhe que eu vou embarcá:
O vapô entrou na barra,
O telegra deu siná ,

Zomba, minha nêga,
Zomba, meu sinhô:
Quem quisé se embarcá,
Trem de ferro já chegou.

Não devemos esquecer que nos tempos da escravidão os negros costumavam carregar pesos entre cantigas típicas. Quase todos os visitantes estrangeiros do nosso

país, nessa época, acentuaram tal costume. A propósito houve ato proibindo essas cantorias por duas razões, ou, melhor, na linguagem contemporânea, "para evitar dois danos - o do esforço dos negros com prejuízo da saúde e a selvagem entoação em detrimento do público". Eram até então familiares aos ouvidos dos recifenses essas toadas africanas, quando os braços robustos na negraria escrava empurrava os barris, as carroças de açúcar ou de caixas da Alfândega, ou mesmo levava à maré os "tigres". Aliás, no nauseabundo transporte destes depósitos costumavam também gritar, talvez num tom musical, a famosa alerta: "Abra o olho!" E era realmente um abrir de olhos para se afastar e um tapar de narinas para não sentir o cheiro...

Incontestavelmente o piano terá sido outrora um padrão de importância. Já me contou, certa vez, o escritor conterrâneo Plínio Cavalcânti que, visitando uma cidade decadente do interior de Minas Gerais, alguém quisera ali dar-lhe idéia nítida do antigo esplendor da localidade, afirmando-lhe enfaticamente :

- Imagine o senhor que só nesta rua havia 24 pianos de cauda! Ah! o piano de cauda! Se possuir um "de coluna" constituía sinal de grandeza social, que dizer do de meia cauda ou cauda inteira a tomar todo um amplo canto do salão! Não os deixavam as finas mãos das "baronesinhas" em páginas de concerto dignas de menção nas fôlhas ou em mais modestas criações de compositores de músicas para danças. Ainda hoje, ao folhear os velhos álbuns de músicas para piano, encontramos nos títulos e nas ilustrações das capas dessas valsas ou quadrilhas, dessas polcas ou lanceiros, uma expressão psicológica do seu tempo: *Pensando em ti, Minha Rainha, Roubando um beijo, Tentação, Sonho de Noiva, Carinhosa, Quando penso em ti, Minha Esperança, Quanto dói uma saudade...* Os nomes de mulher também apadrinhavam inúmeras dessas composições, quando não os títulos em francês, tão comuns quando se ralava correntemente a língua parisiense nos solares aristocráticos e um ironista dizia: - "Só se falta cuspir à francesa"... Como, hoje, só se falta roncar em inglês americano... Dos próprios autores patrícios, alguns tinham sua valsa para fazer *pendant* com as músicas de paternidade estrangeira. Cláudio Gama, por exemplo, tinha a *Pensez à moi*.

Ainda neste século, antes do rádio, o piano se impunha como móvel principal de uma sala, e pelas ruas da cidade ou dos arrabaldes a gente o ouvia em exercícios ou em execuções definitivas todos os dias. Predominavam as valsas lentas de Berger e de Crémieux, ao lado das composições em voga de Alfredo Gama, Raul Moraes, Nuno Guedes Pereira, Sobreira, Francisco Galvão, Artur Cabral, Nelson Ferreira, para citar somente os pernambucanos. Hoje as casas, de exíguas, não o comportam, e quase não há tempo de se parar no sossêgo dos lares para aprender a tocá-lo.

Ainda podemos colher alguns flagrantes da vida musical do Recife nestes versinhos que na década de 1860 a 1870 costumava o "Sineiro da Sé" publicar no *Jornal do Recife*:

Se se vai a um teatro,
Vê-se no palco enforcada
A gritar desengraçada
Um feia Italiana,
Que por *macarroni* engana.

Se se vai a um concêto

Em casa particular...
Ai! meu Deus! põe-se a gritar
A madama catesguincha,
Pensando fazer pechincha.

Se se vai a uma festa
Onde se deve tocar
Música sacra, entoar
Hino ao nosso Salvador
Com reverência e esplendor,

Lá vem um solo perdido
Do *Trovador*, do *Barbeiro*,
Cantado por bom dinheiro
Por Madama Lumbriega,
Que fiasco a tudo prega.

No meu tempo... oh! que tempinho!
Do teatro do Gamboa
Tudo era gente boa.
Bela voz tinha a Castiga,
Que nada tinha de espiga...

E a mulher do Siri Gordo?
Oh! que era de mão cheia!
Tinha a voz doce e candeia:
Quando na *opra* cantava,
Que palmaria levava!

Quais Colás nem Poupas... nada!
As rabequinhas falavam,
Os trombones atroavam,
Todo o espaço abobadado
Com velas aclareado.

E se a Castiga quebrando
No baiano rebolava?!
Tudo morto então ficava,
Dizendo sempre: ora lá,
Castiga... teu bem aqui 'stá!

Em outros versos de sua crítica, que bastante revela o cenário musical de outros tempos, êle escrevia:

Estava também presente
Certa viúva coberta
De luto, mas indiscreta,
Com ares de Madalena
Que mostrava ter dor, pena.

Vai logo por sua vez,
Sem se fazer muito instada,
Ao piano; e já sentada
Levantada do rosto o fumo
E canta com muito sumo:

Eu sou viuvinha
Da banda de além
Que quero casar-me
Não acho com quem.

O teatro favoreceu sensivelmente o prestígio da música no Recife. É sabido quanto a ópera, a opereta, a comédia musicada, atraíram às platéias de então o nosso povo. A história do *Santa Isabel*, do *Apolo*, do *Nova Hamburgo*, aí está para pormenorizar o interesse. Até nos subúrbios funcionaram teatros ocupados por *troupes* nacionais e estrangeiras, notadamente as francesas, que encantavam os espectadores com suas peças de títulos maliciosos e suas bailarinas "de pernas de fora"...

Trechos mais vulgarizados de óperas chegaram mesmo a ter versos de sabor brasileiro, como a célebre ária do 4.º ato da *Traviata*, que era assim cantada no Recife de há uns 50 anos:

Iaiá, tem tabaco aí?
Dá-me uma pitada,
Que eu quero dormir...

Ou com a ária *Di Provense* :

Meu papai, eu quero sêda,
Quero um xale de toquim,
Quero um anel de brilhante,
Quero um leque de marfim.

De uma das peças do gênero burlesco que despertaram imensos aplausos e ganharam popularidade, havia esta quadrinha saborosamente cantada:

Mendengue afetado,
De minha Sinhá,

Pimenta de cheiro,
Bôlo de fubá.

Os presepes, antes de se exibirem na praça pública, brilharam bastante nos palcos. Pelo Natal quase todos os teatros anunciavam êsses autos e cobravam preços para a época bem "salgadinhos" e que afiançavam o mérito das representações. Não somente nos teatros da cidade como nos da Capunga, Tôrre, Encruzilhada, Olinda, Monteiro, se ofereceram êsses divertimentos em que a música e a dança predominavam. Desde o famoso *Teatro Público* ou *Casa da ópera*, também crismado de "Capoeira", havia "função de presepe". Bem poucas outras músicas terão caído tanto no agrado popular como as das jornadas das pastorinhas. Eram familiares às gargantas de todo o mundo. E ainda hoje os velhos as repetem consigo mesmo, cutucando recordações amáveis de mestras, dianas, contramestras, do seu tempo... "Músicas de presepe" constituíam um suave e ingênuo enlêvo. As toadas do fandango e do bumba-meu-boi nunca lograram igual prestígio. Por muito que êstes dois divertimentos hajam alcançado fama e espectadores, o presepe e depois o pastoril sempre lhes estiveram à frente na estima popular. Quem não conhece pelo menos a melodia da canção típica do "queima"? Ao ser levado o arco de folhagens já sêcas da lapinha para o pátio mais próximo da igreja, a fim de ser queimado, as pastôras em filas iam entoando:

Queimemos, queimemos
A nossa lapinha...

E ao terminar, em roda das cinzas, repetiam:

A nossa lapinha
Já tôda queimou,
Até para o ano
Se nós vivas fôr...

Do bumba-meu-boi a cantiga mais vulgarizada é a do "cavalo-marinho". As outras perderam-se no olvido, a ponto de hoje ser difícil a reconstituição do auto.

Em 1854 no *Santa Isabel* exibiam-se 32 meninos pernambucanos representando um auto do século XVI - *Revelação do Natalício do Messias*. O reclamo afiançava: "Vozes boas em versos rimados". E mais: "É espetáculo que nada se parece com essas bambochatas denominadas presepes."

Contudo os presepes não perdiam admiradores. O *Teatro Público* mantinha o seu com quadros notáveis como "A entrada dos Reis Magos em Jerusalém" e o "Debate de Herodes com os Reis do Oriente", com muita pompa, novas cantorias e queima das palhinhas na noite de Reis. Quem assinasse três récitas tinha de abatimento 1\$000 e a última noite gratuita. Um crítico elogiou os cantores, mas não gostou de excesso de zabumbas e caixas de guerra na orquestra. Em regra aludia-se às "lindas e entoadas pastôras".

Uns versinhos do meado do século passado assim diziam de um presepe :

Ressurgiu em Santo Amaro

O presepe do Gamboa;
Dizem que lá *tudo é bom*
E que tem *cousinha boa*.

.....

Que há também uma laiá,
Moça chique e de espavento,
Porém leve como um sonho
E volúvel como o vento.

A poesia lírico-satírica passa a apreciar varias pastôras, como a mestra e a diana, e por fim se expressa menos elogiosa :

Quanto às outras... só inspiram
Uma doce simpatia,
Pois são mais belas à noite
Do que parecem de dia.

O uso das danças profanas, desde o minueto ao *pas-de-quatre*, intensificou-se imensamente, consoante já vimos. Ao tempo em que se usavam calções há jocosas alusões nos velhos papéis. Um anúncio de 1852: vendiam-se "ceroulas com meias de enchimento para rapazes de bom gosto que quisessem aparentar pernas bem feitas", e ao mesmo surgia comentário a um dêsses gamenhos que em pleno baile passara pelo dissabor de ver êsse enchimento escorregar de perna abaixo...

Dançava-se bastante, e havia salões de bailes públicos nas ruas da Praia e Direita, com professôres das 7 às 9 da noite. Em um dêles adjetiva-se assim o repertório: "Quadrilhas estupendas, valsas vertiginosas, polcas delirantes, schottischs delambidos",

Os bailes carnavalescos de há muito se favoreciam com a concorrência. Nêles as damas sem dominós nada pagavam. A Casa Préalle organizara um *pot-pourri* carnavalesco: *Dorme, que eu velo, O Sertanejo, Ó vinde, vinde, luz do céu, Tu és a pastôra mais formosa, Tremei, Gabriela, tremei, Maria Pão, Buvons sec, Levate la camisa, Ó maná sum-sum, Caranguejo não é peixe, Adeus ao Carnaval*.

Essas as músicas de Carnaval de 1886...

Êsses bailes populares, é claro, não invalidavam os da fina flor social, quer *nos* seus próprios e luxuosos salões residenciais, quer no *Carlos Gomes*, na *Euterpe*, no *Internacional*.

A propósito ainda de música, num parêntese, convém mencionar a aura de um instrumento: a ocarina. "Podia-se tocar em uma hora." E organizava-se uma orquestra de senhoras. Não sei, porém, que êxito teve.

Ainda no terreno da música popular tivemos no Recife outros aspectos curiosos. Os dos tipos de rua, por exemplo. No século XIX teria sido figura apreciada o tocador de realejo. Êsse instrumento era novidade. Repetia trechos de óperas conhecidas, e os ouvintes pagavam um vintém para reescutá-las. As caixas de música seriam tam-

bém; nas salas de visitas, um agrado indefinível. Algumas tinham até "pancadaria", Valsas como *España, Estudantina*, faziam-se ouvir nesses "engenhos de arte".

Isto, no entanto, não invalidaria reclamações como a que saiu publicada protestando contra um realejo da vizinhança que não permitia a ninguém dormir direito. O mesmo protesto surgiria já em nossos dias de mocidade contra uma célebre banda alemã que invadiu, sem pára-quebras, o Recife de então, e tomou, conta das ruas, atordoando a todo o mundo com o clangor dos seus instrumentos de metal e suas tiradas wagnerianas que o público não aceitava. Tampouco o pedido "de" dinheiro:

Lá vem ela, lá vem, prepara os cobres,
Oh! gente que na rua vai passando!
Quem tem o que fazer, tape os ouvidos!
Que a música alemã, eh! vem tocando...

"Pensamento" foi um romântico músico de rua do Recife de 1900, De fraque, chapéu duro, flor ao peito, e a sua flauta. Numa esquina, numa calçada, numa porta de loja, tocava. *Sobre as ondas, Louca, Fingida...* "Pensamento", não o conheciam por outro nome. Conta-se que, ouvindo uma vez numa casa um piano que não conseguia acertar um compasso, bate à janela, aparece uma moça e ele se oferece para auxiliá-la na dificuldade. Aceito o auxílio, o compasso é vencido.

Outro tipo curioso: "Leseira". Um cego que pedia esmolas no ponto dos bondes da Rua Nova, em que para subir a ponte da Boa Vista era preciso atrelar-se mais um burro à parelha: a "sota". "Leseira" tocava uma gaita habilidosamente e nela interpretava as músicas populares da época, como a *Sussu me deixe*:

Sussu me deixe,
Vá dormir seu sono:
Deixe essa menina,
Que já tem seu dono.

As filarmônicas tiveram seu apogeu no Recife do começo deste século. Três, sobretudo, se notabilizaram: a *Matias Lima*, a *Pedro Afonso* e a *Charanga do Recife*. Sociedades que primavam pela afinação de suas bandas, pelo requinte de seus repertórios, pela elegância de seus componentes, Festa em que uma das três comparecesse estava com o reclamo feito, Novenas, retretas, desembarques, recepções, piqueniques. A *Pedro Afonso* morreu antes das duas congêneres. A *Matias Lima* e a *Charanga* prolongaram existência e tiveram seus dias de glória musical.

Em 1901, na Praça Maciel Pinheiro, essas duas bandas musicais, que eram rivais e por sua vez criavam rivalidades entre seus partidários, realizaram um torneio musical de grande fama. Cada uma que executasse o que de mais seletivo e difícil tivesse no repertório. Esgotados os programas, nenhuma queria ceder à outra o último lugar na tocata. A madrugada se aproximava, sucediam-se as peças. Temia-se barulho. Afinal a polícia diplomáticamente conseguiu que ambas a um só tempo tocassem o hino nacional e se retirassem para as sedes.

Essas bandas, como as dos batalhões aqui sediados, puseram em voga os dobrados. Muitos deles se tornaram famosos na cidade, sendo assobiados e tocados em pianos, violões, flautas. Era ao som desses dobrados que os capoeiras se desmanda-

vam, à frente das bandas, esgrimindo cacetes e provocando lutas. Havia mesmo dobrados particulares de cada grupo de capoeiras, como o *Banha cheirosa*.

Das chamadas festas populares, as da noite de São João gozam de um renome tão difundido que não é preciso insistir nos seus pormenores tradicionais, embora já tão deturpadas e esquecidas que as gerações atuais delas só conhecem, pode-se assim dizer, os bailes em que se vestem trajos de matutos e se comem canjicas e pamonhas preparadas por mãos muito distantes da habilidade de outrora. Era nas festas de antanho que se entoavam as bem conhecidas cantigas da capelinha de melão e as dos que se iam banhar no rio ou no açude. Pereira da Costa registra, destas últimas, a dos versinhos:

Em Fora-de-Portas
Eu vou me lavar,
As minhas mazelas
No rio deixar.

Também muito vulgarizadas no Recife de uns 50 anos atrás as melodias das trezenas, dos novenários e do mês mariano. Festas que se realizavam por devoções domésticas a Nossa Senhora, a Santo Antônio, principalmente. Famílias tornaram-se afamadas na vida da cidade pela pompa, pela graça, pelo carinho com que cercavam êsses cultos. Preparavam-se vestidos e sonhava-se com as vozes, as orquestras, os cantos, e também as danças e as rezas... "Tiradores" celebrizaram-se. No mês de maio, entre tantas outras, ouvia-se

No céu, no céu
Com minha mãe estarei

e nas trezenas de Santo Antônio o

Milagroso Antônio,
Nosso padroeiro!
Enche de alegrias
Pernambuco inteiro.

As bandeiras, nas festas de igreja, tiveram igualmente sua época. Dessas festividades religiosas, com seu desdobramento profano, foram célebres a do Poço da Panela, a do Monte de Olinda, a do Cajueiro, a de Santa Cruz, da Penha, do Carmo, de Santo Amaro. Sem falar em outras de arrabaldes. As bandeiras saíam das residências das juízas e eram conduzidas processionalmente até à frente do templo, levadas por moças, entre cânticos. Houve no Recife do século passado bandeiras carregadas por via fluvial: lindos cortejos noturnos pelo Capibaribe afora, entre balões, fogos de bengala, foguetes e músicas.

E por que esquecer a musicalidade dos nossos pregões? O dos sorvetes, dos cus-cuzes, das ostras, do mungunzá, da vassoura, dos camarões, da lã de barriguda? Muitos morreram com seus criadores, outros se prolongaram na voz de imitadores, quantos se sumiram com a voga dos produtos que anunciavam! Alguns persistem.

outros se transformam. Antigamente, aqui, só se conhecia o pregão dos meninos do "midubim". Depois, para se imitar o sulista, não apenas em se dizer "em Recife" ao invés do nosso velhíssimo "no Recife" passaram os vendedores a gritar "amendoim"... Acêrca dêsse vêzo escrever-se-ia outra crônica.

Quase não há o que referir de novo a propósito de músicas do Carnaval, do Carnaval recifense que, sem favor, é típico. Há mais de meio século, quando nos três dias de Morno apareceram os máscaras, num tempo em que somente existia o entrudo, êles se exibiram logo cantando. Formavam grupos, com harmônios, violões, rabecas, Os dos morcegos entoavam:

O morcego bateu asas,
Mas não pôde *avoá*;
Quem não tem prazer na vida
Não diverte o *Carnavá*.

Também conhecida a toada:

Faz chorar,
Faz chorar,
Amanhã é quarta-feira,
Acabou-se o Carnaval.

Havia as músicas dos maracatus com seus batuques e a dos caboclinhos com seus estalos de flechas. Depois, o frevo. E do frevo já se tem escrito muita coisa erudita.

Não se pense que no Recife de antigamente não se tenha apreciado a música clássica, grã-fina. Muito pesadinho o confronto os avós souberam melhor do que os netos fazê-la e saboreá-la. Inúmeras sociedades musicais existiram na centúria passada. Ali se realizavam concertos de que os jornais publicavam apreciações e críticas. Concertos de discípulas de professôres em relêvo também se ofereciam. Em regra, as companhias líricas deixavam aqui elementos que passavam a ensinar "música e cantoria". Haja vista, entre tantos outros, um anúncio do empresário Marinangeli, que, tendo ficado sem meios de subsistência após o incêndio do Teatro Santa Isabel, resolveu abrir um curso de música no Recife, êle e a mulher.

Concertos ao ar livre eram freqüentes. Os do *Clube Euterpe*, da *Sociedade Harmônica-Teatral*, do *Clube Carlos Gomes*, do *Internacional*, do *Grêmio Musical Santino Pinto*, das discípulas de Madame Cerutti e de D. Teresa Dinis. E não omitamos as grandes retretas das bandas militares nos jardins públicos com programas de elite.

Nos salões residenciais igualmente assíduas noitadas de arte se efetuavam, nas quais os pianos a quatro mãos, os solos de flauta ou de violino, a árias e os duetos afirmavam a cultura musical das famílias que ainda não conheciam os sorvetes-dancantes, os jogos de futebol e os cinemas.

Mas ainda houve outros ensejos de música para o Recife de dantes. Os dos anos de aflitivas epidemias, da cólera-morbo, por exemplo Saíam às ruas procissões de penitência. E nelas se entoavam benditos como êste:

Senhor! pelos vossos Passos

Para salvar a humanidade,
Da cruel peste livrai
O povo desta cidade.

Em dias de outros vexames, embora cheios de entusiasmo, embarcavam para o Paraguai os batalhões de Voluntários da Pátria e ouviam-se hinos:

Avante, marchemos!
À glória ou à Morte!
Vamos desta sorte
Vingar a Nação.

A política muitas vezes inspirou canções alusivas aos acontecimentos. Em 1911, na campanha dantista, o hino cantado com a música da *Vassourinha*:

Salvai, salvai
Querido General,
A nossa terra
Das mãos de um traidor...

E em 1930, tão outro dia, uma porção de cantigas mordazes que as bôcas repetiam na inconsciência dos delírios revolucionários.

Versinhos musicados glosando fatos em evidência têm enchido a cidade. Sorteio militar, ascensão de balões, crises econômicas, episódios maliciosos, modas extravagantes, melhoramentos urbanos. tudo há inspirado canções, na nossa cidade de ontem como na de hoje.

Um último aspecto e porventura dos mais curiosos das músicas que o Recife ouviu: o da expressão de seus nomes como reflexos de episódios, de modas, de épocas enfim. Quando, por exemplo, correram os trens suburbanos, apareceram quadrilhas, polcas, valsas. assim denominadas: *Caminho de Ferro* e *A Maxambomba*.

Anteriormente, cantara-se bastante um dueto *Barca de Vapor*. Em 1883 inaugura-se o telefone. e compõem a polca *Quem me fala?* Mudam-se nomes de logradouros públicos e dança-se ao som da *Ruas em contradança*.

Outras muitas músicas nos pintam, nos nomes, a vida recifense de outrora: *Domingos no Poço*, *Bombeiros do Recife*, *Anquinhas da Moda*, *Banhos de Olinda*, *Republicana*, *A Bernarda*, *Abolicionista*, *Subiu o Balão*, *O Naufrago do Baía*, *Jagunça*, *O Aeroplano*...

Cada uma dessas denominações fala por si mesma. Outras merecem interpretações. Quem nos dirá que a polca *Capenga não forma* não aludisse aos que, tendo êsse defeito físico, não poderiam sentar praça?

Há outras músicas cujos nomes só os contemporâneos terão compreendido: *Quem comeu do boi?* ou o *Xô, araruna*, tão cantadas por nossos avós e ainda ouvidas na nossa infância.

Alusão política? Talvez.

Finalmente, sem o grafophone ou gramophone e a vitrola, que, aqui como em tôda

parte, tiveram suas fases de surpresa, de procura, de agrado, e de fastio para os que dêles abusaram.

O grafofone ou gramofone trouxe para as exigências musicais do Recife tôda uma fase nova e característica. A princípio de cilindros de carnaúba, depois de discos, constituiu, como seria natural, uma surpresa: a voz humana reproduzida de maneira julgada, então, perfeita. Por seu lado, os instrumentos isolados ou em conjunto também causavam admiração. Havia até quem duvidasse da realidade e sonhasse com um truque...

A máquina falante ia sendo adquirida aos poucos pelos mais felizes de posses. E mostravam-nas aos parentes, amigos, vizinhos. Posteriormente apareceram os clubes de sorteio que as ofereciam em condições suaves de pagamento. Vulgarizaram-se. Ouviam-se, noite e dia, por roda parte. Ao ponto de uma sentinela de quartel ter adormecido na gurita ao som de uma delas.

A ópera, o noturno, a opereta, a modinha, o tango, o maxixe: a cançoneta - tudo se fêz ouvir no gramofone. A cançoneta estava em plena voga. A cançoneta com letra brasileira, porque a francesa já desde o século anterior tivera fama nos teatros da cidade e dos arrabaldes. O *Nova Hamburgo*, que introduzira o canção, notabilizara-se igualmente pela cançoneta brejeira como a *Je ne peux pas mettre la main dessous*. As de cunho nacional, não menos maliciosas, eram o "prato do dia" em palcos ligeiros, nos intervalos das jornadas em pastoris, e até em-reuniões particulares... Sem esquecer as exhibições do teatrinho *João Minhoca*, do *Caradura*.

Os títulos das cançonetes diziam do seu assunto quase sempre:

Meu bem, estou cortado aí?, Coió sem sorte, Um noivo em cócegas, Mamãe não deixa, E durma-se com um barulho dêsses, Menina sem arame vá rodando não me ame, Pela janela, e a sua apimentada paródia *Pelo buraco*:

Fiz um buraco no soalho
Para espreitar certa vizinha:
Uma formosa casadinha
Esperta e viva como um alho.
Fui atrevido, fui ousado,
Mas muita gente tem meu fraco,
Mil coisas vi do meu agrado
Pelo buraco.

Quando o fonógrafo apareceu no Recife teve tal importância que se realizou uma exhibição pública no jardim do Palácio do Govêrno. Também houve mostras no salão do *Internacional* e depois na pracinha da Independência.

Todavia, o piano ainda permanecia cotado na cidade. Os cafés não o dispensavam, embora muitas vêzes tocado por mãos que ofendiam o amor-próprio dos compositores. Quem não se lembra do *La Puerta del Sol* ou do *15 de novembro*, cujos pianos, tarde da noite, se faziam ouvir pelas redondezas?

E por fim o rádio.

Êste, com todo o ativo das suas virtudes, não foge ao defeito de impor as músicas aos seus ouvintes, e, como se sabe bem, em assunto de músicas populares essa imposição, às vêzes, é inaceitável...

As consagrações da pretendida popularidade falham decisivamente, sobretudo se se tenta o concurso.

De qualquer modo o êxito da música, outrora, revestia-se de muito maior significação, porque não exigia reclamos de alto-falantes nem de nomes de cantores regiadamente pagos. Dependia o triunfo apenas de um violão isolado, de uma voz da vizinha, do assovio de um moleque, do piano da sinhazinha... E, assim, ganhava a cidade toda.





Vai sair um passarinho!



Tirar retratos hoje é ato banal. Inventaram-se as *Kodaks* portáteis, caras ou baratas, e todo o mundo quis bater sua chapa. Bem ou mal, pouco importa! Velho ou menino, mocinha ou dama, todos têm sua máquina fotográfica e fazem instantâneos de rua, jardim, interior ou excursão. Não há mais solenidade nem emoção. Sai-se de qualquer forma, cerimonioso ou íntimo, até seminu nas praias...

Isto é, porém, hoje. Outrora...

A princípio, retratos somente daqueles pintores a óleo que haviam afluído ao Brasil e se aprimoravam nas telas de baronesas de cachos e camafeus pousados nas curvas dos seios ou de viscondes de colarinhos pontudos, gravatas de volta, peitilhos gomados e comendas na casaca, a se harmonizarem com a austeridade das barbas negras ou brancas, rodeando o queixo. Eram os retratos que em molduras ovais e douradas ornavam os salões de visitas, no cenário grave dos mobiliários de jacarandá, meio velados pelos reposteiros de gorgorão de sêda.

Depois vieram os daguerreótipos. A novidade fotográfica. 1850...

Os jornais traziam anúncios convidativos, como o daquele "Monsieur Mavignier" que oferecia aparelhagem moderna, credenciando-se como "retratista e pensionista de S. Majestade o Imperador". Dispunha sua sala de "tirar retratos" de "clarabóia de 30 vidros de 20 polegadas, dando uma luz tão bela e regular que sairão os retratos magníficos". Os daguerreótipos aplicavam-se a pequenos caixilhos de frisos dourados, medalhões, tabaqueiras, caixinhas de charão, broches, pulseiras, ostensivos ou discretos... Êsse Sr. Mavignier fôra pintor, mas, cedendo às exigências do ganha-pão e da moda, transformara-se em fotógrafo. Coisas da vida... Tinha o seu *atelier* nos 1.º e 2.º andares do prédio do Atêrro da Boa Vista, n.º 82.

Os daguerreótipos tiveram seu prestígio. Nas caçoletas dos homens e nos medalhões das senhoras iam as maravilhosas reproduções das criaturas queridas, umas ainda vivas, outras já saídas do trânsito terreno. Os óleos adquiriam um valor de estimação afetiva ou artística.

Surge então a fotografia em negativos, possibilitando dezenas de cópias para se oferecerem com dedicatória aos parentes, compadres, conhecidos e... namorados. Retratos singulares ou em grupos. Com cestas de flores, num bote, debruçado num gradil de madeira, ao pé de uma coluna, com um cenário de fundo a representar um bosque, um lago, uma escadaria de palácio...

E o retrato, popularizando-se, obteve sua maior fama. Não era mais privilégio de gente lorde; não se retratavam somente barões e viscondessas, mas até os moços de casa: às vezes o bem-querer do senhor chegava ao ponto afetivo de lhes mandar copiar nas chapas as caras negras e os cabelos pixains. Os anúncios das fotografias, crescendo em número e apurando-se nas expressões convidativas, serviam de índice para a importância que o retrato tomara na sociedade dêsse tempo. O fotógrafo Lambert foi um dos que primeiro surdiram na imprensa com um reclamo derramado. Ele chegara da Europa como celebridade no seu ramo de atividade profissional. Dirigira estabelecimentos de primeira ordem em Berlim e Viena, tendo obtido prêmios na Exposição de Paris. Ia agora tomar conta da parte artística da *Fotografia Alemã*, na Rua Barão da Vitória, n.º 52, de que era gerente o Sr. F. Barza. Essa casa de "tirar retratos", de propriedade do Sr. Alberto Henschel, tornou-se das mais famosas da cidade e alcançou o fim do século XIX ainda com muita voga. Não haverá família que não possua, em álbuns, fotografias tiradas na *Alemã*.

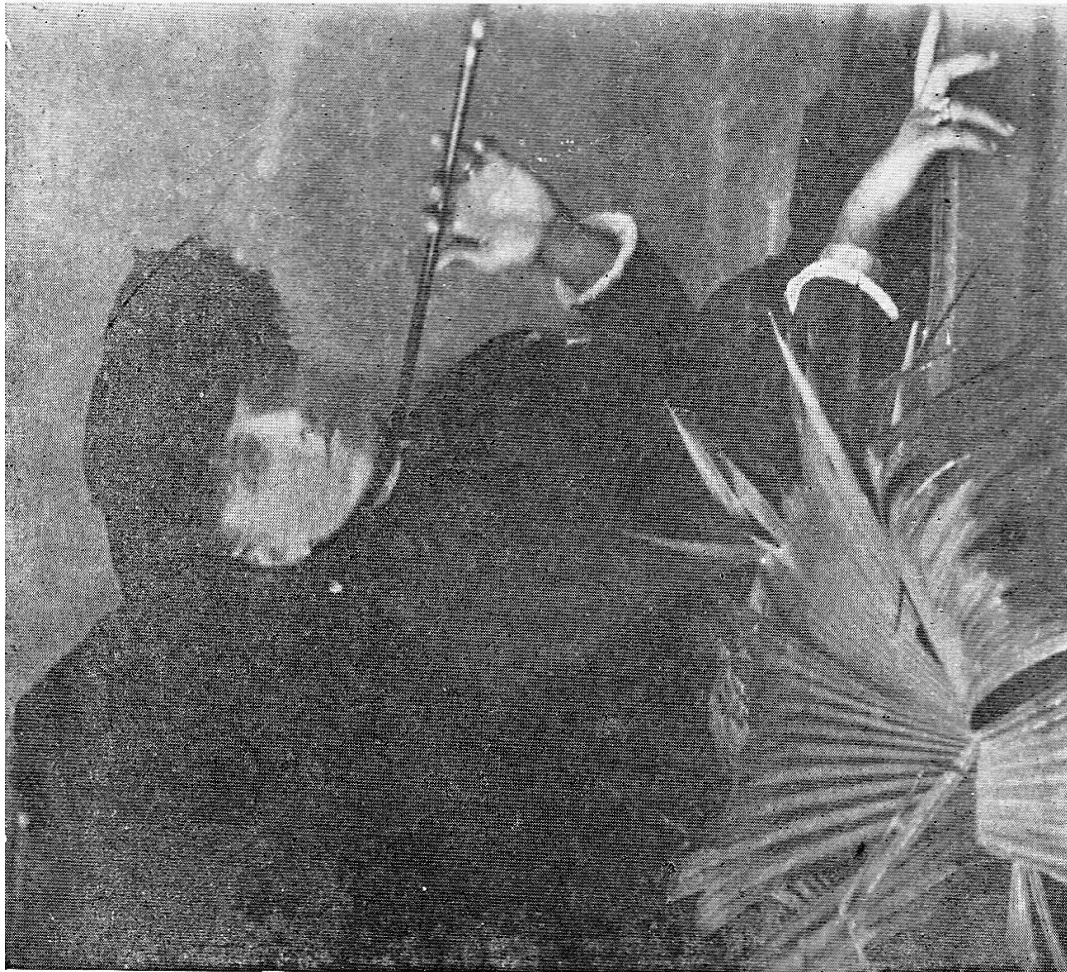
Ofereciam-se novidades: retratos para cartas a 14\$ meia dúzia. Vistas da cidade e arrabaldes. Um Sr. J. J. Pacheco praticava a "fotografia cristalotípica", com rara habilidade, "em cores fixas e traços inteligíveis". O Sr. Pacheco ia retirar-se para o Rio de Janeiro e pedia a quem quisesse aproveitar seu sistema que o procurasse no Atêrro da Boa Vista, n.º 4, até o fim do mês.

A Fotografia Imperial lançava sensacional novidade - 100 cartões de visitas por 25\$000 com retratos, nomes dos indivíduos, profissão e endereço. E explicava as vantagens dêsses cartões de identidade. Êstes lindos cartões que hoje estão em grande favor nas principais cidades do mundo civilizado são um verdadeiro mimo da arte fotográfica às classes industriais. O médico, o engenheiro, o advogado, o comerciante, o industrial e o artista por meio dêles fazem a sua pessoa mais conhecida e indicam sua residência, o que certamente lhes assegura aumento e certeza de transações e lucros. Quantas vezes se corre à procura de um médico, que não se encontra, tendo-se passado ao lado de muitos que não se conhecem? Quantas vezes procuramos um advogado, um procurador e outros profissionais deixando pelo caminho que passamos os indivíduos cujos serviços nos são necessários e cujos lucros aumentaríamos? Quantos comerciantes e artistas menos honestos usurpam interesses de outros até lhes roubando o nome porque o indivíduo cuja boa fé ilaqueiam não conhece a pessoa a quem procura? Enfim, são fáceis de apreciar as vantagens que oferece um pedacinho de delicado cartão de 2 sobre 3 polegadas com um bem feito e fiel retrato fotográfico, com o nome por extenso, profissão e moradia nitidamente impressos de qualquer indivíduo que vive da ciência ou da indústria. Para as classes aristocráticas fazem-se os mesmos cartões com o retrato, o título, a coroa ou brasão, ou outros quaisquer dizeres que forem indicados.

Uma casa fotográfica de outrora que se singularizou pelo modo de anunciar foi a *Galeria Americana*, precursora dos reclamos modernos e originais. Encimavam-se os



Um grupo de família. "Muita atenção!... Não se mexam... Menino, olhe o passarinho, aqui!... Pronto!"



Uma dama do fim do século passado, na sua
pôse, em um bote, para tirar o retrato.



Uma senhorinha de 1884. O retrato tirado para
dar com dedicatória aos pais, aos manos, à
madrinha e... a êle

da *Galeria* por um busto de moça pensativa, mão no queixo, em atitude de quem se acha em frente da objetiva. E o texto era composto em várias palavras ou frases repetidas, provocando a curiosidade de chegar ao "âmago do assunto". Assim:

Notícias

Notícias

Notícias

Notícias

Novos arranjos

Novos arranjos

Novos arranjos

Novos arranjos

Retratos de 3\$ por 2\$

Retratos de 3\$ por 2\$

Retratos de 3\$ por 2\$

Retratos de 3\$ por 2\$

Essa mesma *Galeria* em outro anúncio declarava fazer trabalhos em

Porcelana - niepçotypie

Lenços - archerotypie

Vidro - ambrotypie

Metal - daguerreotypie

Papel - talbotypie

O *Grande Salão* ficava na Rua do Imperador, n.º 38, e nêles se vendiam também quadros ovais, *passepartouts* e produtos químicos.

Outra fotografia de relêvo na época foi a de Goodrick & Hough, na Rua Nova. Era uma das que afirmavam não tornarem suas fotos as pessoas mais velhas do que são, porém de feições naturais e até "alguma coisa mais frescas". Podiam-se tirar retratos e entregá-los em uma hora. Prestavam-se a ser coloridos.

J. Ferreira Vilela, que se dizia fotógrafo da Casa Imperial do Brasil, mantinha *atelier* na Rua do Cabugá, n.º 18, sobrado, com entrada pelo Pátio da Matriz. Também tirava retratos em papel, vidro, talco, cartões de visita, cada um dos sistemas com o seu nome arrevesado.

A *Galeria* estava aberta a qualquer hora e os retratos saídos da casa tinham sido gabados no mundo inteiro.

Outras fotografias ainda funcionaram na cidade de outrora com sua freguesia predileta.

Enquanto as fotografias faziam questão de acentuar suas credenciais estrangeiras para melhor fiança de capacidade, o nosso patricio Mena da Costa, que abrira, com satisfação, sua oficina na Rua da Imperatriz, 48, lançava um reclamo em que se declarava orgulhosamente "fotógrafo pernambucano", e acrescentava:

Convencido de que o retrato tem por fim transmitir ao futuro a cópia fiel do presente e passado, tem feito um estudo especial sobre o meio de conservá-los inalteráveis, sem manchas e amarelados como grande parte dos que se encontram por aí, assim como dos mais modernos e aperfeiçoados sistemas!

Convencido também de que os fregueses nada aproveitam do luxo de uma casa desta ordem, resolveu empregar todo o seu capricho no acabamento das oficinas e escolha do material fotográfico.

Não é preciso ressaltar o sentido crítico deste anúncio, em que, sem dúvida, ao par do natural intuito de enaltecer a sua competência, trai-se a reação, ainda mais justa, contra a mania do que é estrangeiro, hoje não morta de todo, neste Brasil. Quando tudo nos deveria levar à atitude contrária...

Os retratos de tipo comum do Mena da Costa custavam 6\$000 a dúzia.

E ele avisava às Exmas. Senhoras que "as meias-côres, e as verdes, a Bismarck, e encarnadas, produzem melhor efeito do que mesmo a preta".

Esta recomendação demonstra bem quanto o "tirar retrato" se revestia de um ritual especialíssimo, preocupando os que a ele se iam submeter, sobretudo as senhoras, no desejo todo feminino de parecerem bem, de ficarem bonitas. A minúcia do traje era essencial, e daí a escolha da cor do vestido.

Assim se fixavam, e, por sinal esplêndidamente, permaneciam fixos até hoje, aqueles retratos da *Ducasble*, da *Henschel*, da *Hermine*, onde apareciam senhoras de traje de seda e vidrilhos e cavalheiros de cuidadas barbas negras.

Houve, na época da guerra do Paraguai, a moda dos retratos de farda. Não somente os militares da tropa de linha como os voluntários se fotografaram com as suas casacas longas, com talins e barbas, com suas espadas vitoriosas, com seus bonés chatos de palas longas e no peito as condecorações obtidas.

Quase todas as famílias possuíam com desvanecimento um desses retratos, pelo menos, quer de jovens, quer de entes mais maduros.

Tirar retrato tornou-se uma "obrigação", além de prazer. Todos queriam passar pela sensação de postar-se diante da máquina e depois distribuir as cópias de seu rosto pelos parentes, amigos e conhecidos. Planeja-se esse "dia"; junta-se dinheiro, escolhe-se o retratista. Na véspera fazem-se papelotes, prepara-se o vestido, dorme-se mal. Sonha-se com a "hora". E essa hora chega. Entra-se no *atelier* meio desconfiada. Um cheiro de remédio. Um quê de escuro. - "Felizmente não choveu." O fotógrafo manda sentar-se; examina a posição; faz recomendações; pega-lhe de leve no queixo (que cócega): ajeita-lhe melhor a cabeça... Muito bem! - "Agora não se mexa!" - "Sorria um pouco!" E ainda: - "Olhe para aqui, para esta coluna." O fundo ótimo: um bosque, uma cegonha, uma balaustrada. - "Quietinha!" Destampa a objetiva. Pronto. Oito dias mais, o retrato. - "Só falta falar." Uma dúzia. Põem-se oferecimentos. Madrinha Marocas, tia Angelina, Papai-Dindinho, tio Janjão, professora Sinhá...

Havia, no entanto, quem se prevenisse contra os fotógrafos. Os velhos, principalmente. Aquilo era agouro: morria-se logo depois. Não se queriam submeter à objetiva, não obstante pedidos de filhos e de parentes. Resmungavam contra os modernismos, davam muxoxos de desdém, e não iam ao retratista. Certo dia, entretanto, achando-se um dos filhos ou netos ausente, cingem o vestido de seda adamascada, botam o seu relógio de ouro pendente de um broche, penteiam com mais cuidado os cabelos brancos e vão ao Flósculo. Por sinal sai excelente o retrato: - "Ainda tão

moça!"

Outro motivo de medo de tirar o retrato era a possibilidade de sair mais velho ou, talvez, aparecer tão idoso quanto na realidade... Ponto de vista de vaidade, especialmente feminina. Por isso aquele retratista de 1871, dobrado de psicólogo, assegurava: - "Meus retratos não apresentam as pessoas mais idosas do que são, mas sim em feições naturais e até alguma coisa mais frescas." Promessa cativante: feições mais frescas... A fotografia desse hábil comerciante tornou-se um chamariz de retratados.

No começo do século uma fotografia famosa do Recife foi a de Flósculo de Magalhães, na Rua da Imperatriz, 50-A. Nessa época, já todas as que haviam obtido a freqüência de nossos avós tinham fechado as portas. Diminuiu o número de casas desse mister. A *Flósculo* esteve por muito tempo "senhora do mercado". Desse tempo quase todos os retratos dos álbuns de família trazem o seu nome. Somente depois apareceu a concorrência da Tondela, da *Photographie Chic*, de Luís Piereck, que viria a ter imenso relevo na arte,

Foi uma bela reação artística a do Piereck, no seu tempo. Os seus retratos, de alto preço, não eram para todos. Só os ricos podiam tirá-los à vontade; os remediados juntavam dinheiro para uma meia dúzia quando se fazia a primeira comunhão ou se queria presentear a noiva...

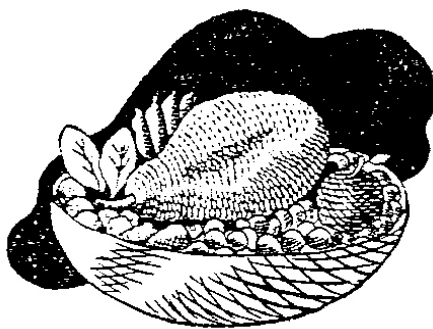
Os álbuns foram caindo da moda. Iam-se para o olvido com os mobiliários de jacarandá, os consolos de espelho, as jardineiras de tampo de mármore. Não havia nos frágeis e esguios móveis de então lugar para os álbuns de retratos, que outrora se ofereciam a venda com tanto realce - desde os de 4 aos de 60\$000; simples, de capa de madeira, com enfeites em relevo, e luxuosos, de veludo, de madrepérola, com ornatos de prata e páginas ilustradas. Lindos e preciosos álbuns que se folheavam nos salões de visitas, evocando os mortos queridos, sorrindo aos antigos aspectos de cada um dos vivos, mangando-se dos trajes e dos penteados das bisavós, ou em êxtase ante um rosto querido. Álbuns que eram, na sucessão dos retratos, uma história, uma vida.

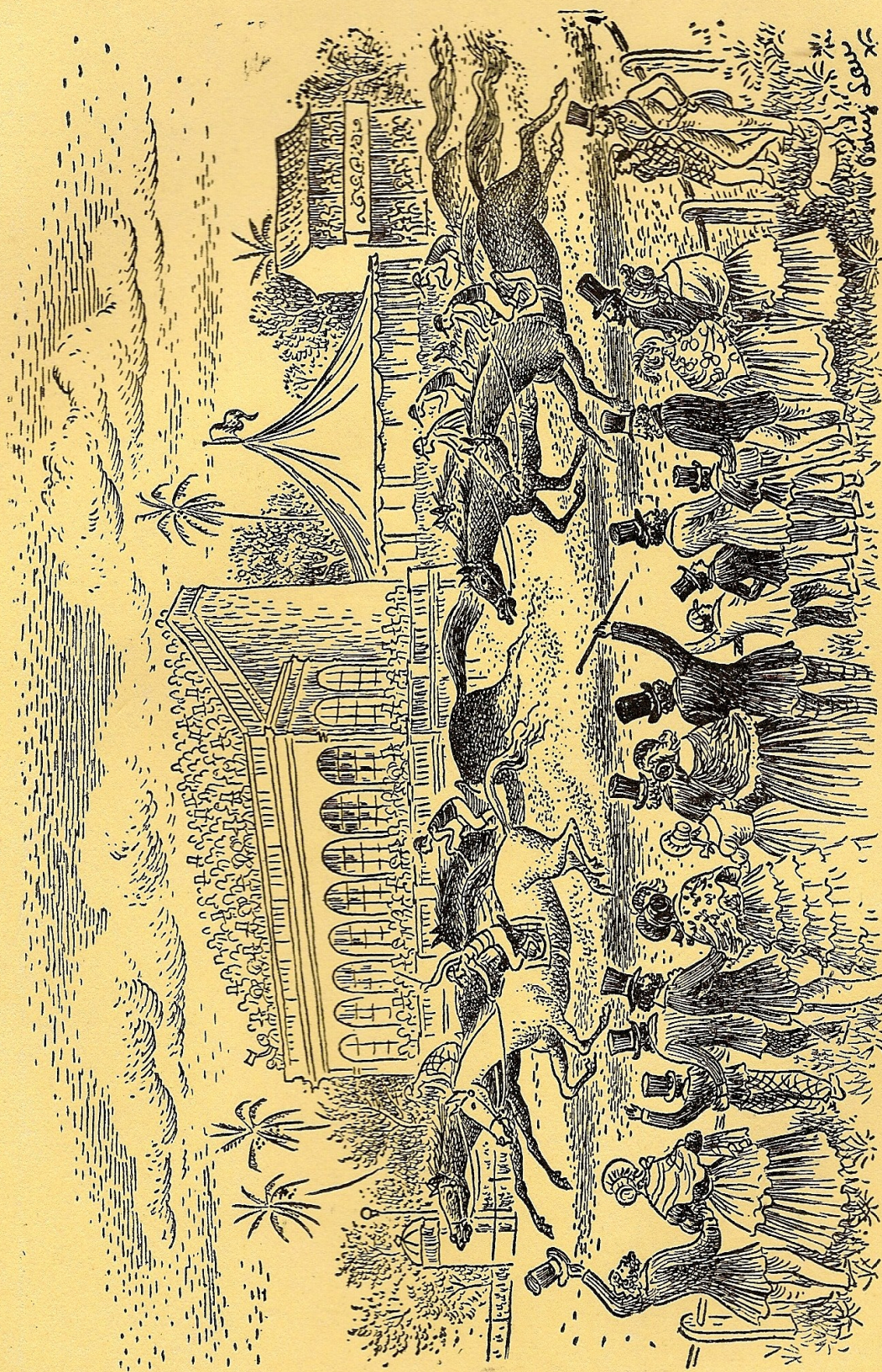
Folhear hoje um desses álbuns de capa de veludo ou de madrepérola é prazer indefinível. Misto de curiosidade, de afeto, de estudo e penetração das vidas dessas figuras já adormecidas nos túmulos há quão de anos! Fisionomias, indumentas, jóias, atitudes, penteados, expressões... Esta tem no colo um livro de orações; aquela desdobra o leque de plumas; uma sobraça um buquê de flores; outra finge remar... Há rostos femininos de uma louçania, de uma vivacidade, de um encanto que nos parece impossível possam ter envelhecido, ter-se transformado em caveira. Olhar para eles é reconstruir o "poema" da sua época - a cidade de então, seus costumes, seus episódios, seus recantos urbanos e rurais... E como que reunimos o quotidiano dessas formosas criaturas ao dos cavalheiros presentes também ao mesmo álbum - elegantes moços de bem talhados redingotes debruados, com os seus olhos românticos e as suas barbas de que parece evoluir-se o perfume de cosmético *Oriza*... Perfilam-se com a mão sobre um livro; apóiam o queixo num dedo, pensativamente; debruçam-se num gradil...

Sentem-se nessas fotografias de jovens os estados de alma dos retratados - um muito de vaidade, um pouco de intimidades afetivas, de lirismo, de malícia...

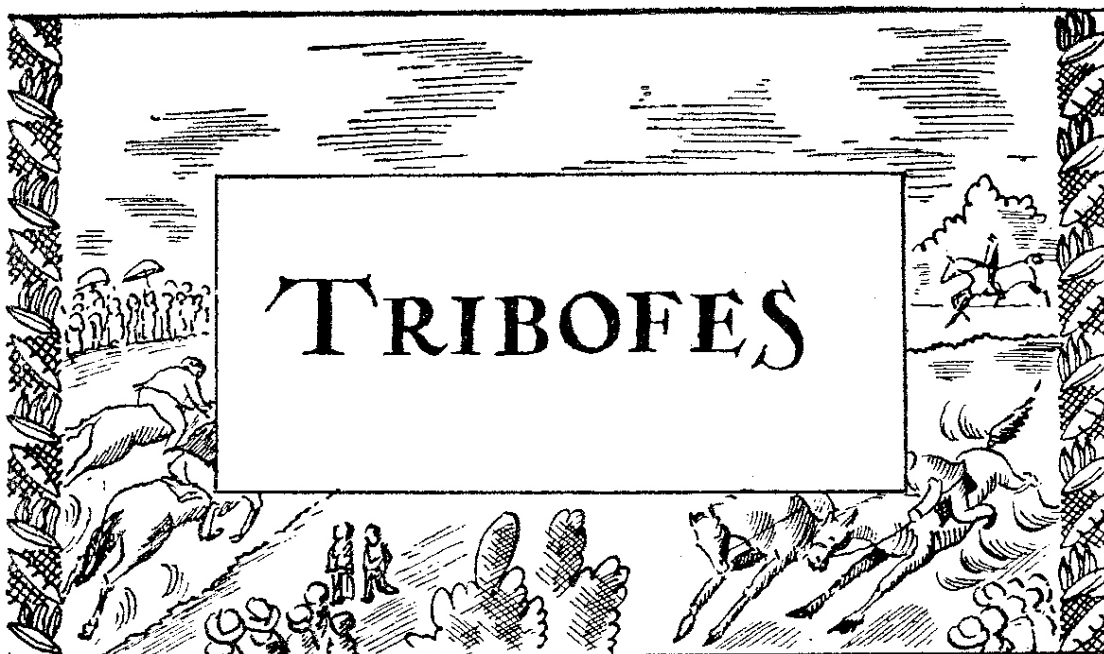
E a época da importância do retrato passou. Banalizou-se hoje nas fotografias de oito mil réis a dúzia para os documentos de identidade ou os atestados de que se sabe ler...

Nem aos meninos é preciso dizer-se mais:
- Vai sair um passarinho...





O momento dos "tribofes" nas corridas e nos amôres.



A vida social nos últimos anos do século passado transbordara bastante para os prados de corridas.

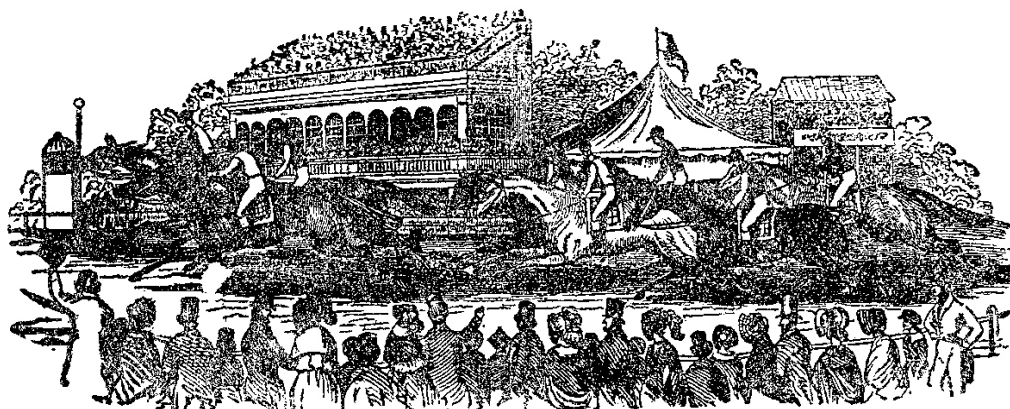
Era nêles que os cavalheiros e as damas elegantes se reuniam aos domingos, num interêsse pelas corridas de cavalos, mas, evidentemente, também atraídos pela convivência das arquibancadas, pelas palestras, pelos comentários sôbre modas, pelos namoros, pelos sorvetes, por umas horas alegres de contacto espiritual temperado pelas emoções das vitórias de animais preferidos.

No momento em que os cavalos em disparada se aproximavam do "vencedor", todos se punham de pé e fixavam os olhos na pista, acompanhando com os corações ansiosos as blusas raiadas dos jóqueis, enquanto braços se moviam, bôcas gritavam, mãos batiam palmas, leques se agitavam, bengalas percutiam forte o chão... Depois, o júbilo dos que ganhavam, a tristeza dos que perdiam.

1888 ficou assinalado na história do hipismo recifense como o do apogeu dos prados. Logo ao se iniciar o ano, precisamente a 1.º de janeiro, inaugura-se o Prado Pernambucano, na Madalena. A festa inaugural teria sido em 1887, mas razões superiores compeliram ao adiamento. E assim 88 teve as glórias. A nova pista, com suas arquibancadas modernas, causou entusiasmo e despertou interêsse geral. Compareceram para mais de 3.000 pessoas. "Senhoras com belíssimas *toilettes*": Carros muitos a trazer o pessoal rico e chique da Linha Principal, da Passagem, do Caxangá. Não cabia mais ninguém no pavilhão. E a massa popular enchia o resto do campo. Ao meio-dia o *starter* dá o sinal de partida do primeiro páreo. Começou assim a vida esportiva dêsse Prado que seria o único a chegar aos nossos dias. Nessa tarde eram cavalos de fama: *Baccarat*, *Satã*, *Paxá*, *Peri* e *Sans Pareil*.

A 25 de março funda-se nova sociedade esportiva: o Derby-Clube. E para esta constrói-se outro prado, na Estância. Convém notar que já nesse tempo se levantavam no Campo Grande as arquibancadas do Hipódromo. Para se avaliar do aprêço dado aos assuntos do turfe basta dizer que a Companhia de Trilhos Urbanos anunciava ter expedido ordens para todos os seus trens suburbanos pararem em Belém a fim de atender aos visitantes das obras do hipódromo que ali se ia erguendo.

PRADO PERNAMBUCANO



O prado do Campo Grande inaugurou-se a 30 de setembro. Também festa de arromba. À altura do melhoramento. Assistência finíssima. Trens extraordinários de meia em meia hora. Três bandas de música a tocar em coretos. Anunciaram-se 8 páreos, e a casa das apostas rendeu 27:260\$000, com a venda de 5.439, pules. No 1.º páreo venceram *Good-morning*, *Rabelais* e *Jaguarão*, na ordem da colocação. Mas tiveram honras na tarde, igualmente, *Favorita*, *Galatéia*, *Pégaso* e *Ingazeira*.

Não foi corrido o 8.º páreo, por ser bastante tarde. As famílias sentiam-se fatigadas e o jantar estaria à espera. Porventura, à noite, um espetáculo no *Santa Isabel* a chamá-las, com outros trajes e outros penteados. No 5.º, "sangangu", cena que não seria incomum nos prados. Tribofe descoberto, quem sabe? De jôgo ou de amor... Bate-bôca, taponas, faca de ponta... A cavalaria intervém, desembainha os rifles; correrias. Tudo, porém, se aquieta. Há, apenas, um ataque histérico na arquibancada. Esfregam água--de-colônia, trazem um copo d'água... Pronto, passou! A dama reabre os olhos e sorri...

Não quis o Derby-Clube acabar o ano sem dar o ar de sua graça. Na véspera da inauguração, 15 de dezembro, a imprensa foi, num bonde novo, visitar o prado da Estância, o que ficaria conhecido por "Derby" e daria nome ao belo bairro de hoje. Arquibancadas de ferro para 1.800 pessoas. Restaurante, botequins, sala para senhoras, pavilhão de pesagem dos jóqueis, salão dos sócios. Bebeu-se champanha e houve discursos. E no dia seguinte o 1.º páreo, "Província de Pernambuco", 1.200 metros, prêmios de 250\$ e 60\$ para os dois primeiros cavalos colocados. O 3.º "salvava a entrada". Correram *Arumari*, *Mouro*, *Otelo*, *Templar*, *Chicago*, *Tupi*, *Florete*, *Hércules*. O 5.º foi o mais importante páreo do dia: prêmio de 1:000\$000.

As coudelarias notáveis do tempo eram as de nomes - *Cruzeiro*, *Paissandu*, *Aliança*, *Riachuelo*, *Independência*, *Capunga*, *Ipiranga* e apareciam entre elas outros proprietários de animais, corno J. Ferreira, J. Caetano Pinto, Misael Guimarães, Artur Silva, P. Júnior, Valfrido Moreira da Costa, A. J. Morais.

Das observações: Os animais inscritos no 1.º páreo deveriam estar no prado às 9 e meia.

Os jóqueis que não estivessem matriculados na secretaria do Derby-Clube não poderiam correr no prado da Estância. A entrada de animais seria feita pela Rua das Crioulas. A de carros e cavaleiros, pela Rua da Estância. Os bilhetes custavam: entra-

das, 1\$000 - arquibancadas, 2\$000 - ensilhamento, 3\$000. O 1.º páreo às 11 e 30, e o último às 5 e 20.

Assinava o programa da 1.ª corrida do Derby-Clube o gerente, Henrique Schutel.

Os páreos corridos nessa tarde de 16 de dezembro de 1888 tinham os nomes: *Província de Pernambuco - Prado Pernambucano - Derby-Club de Pernambuco - Hipódromo do Campo Grande - Imprensa Pernambucana - Clube Internacional - Prado da Estância - Prosperidade.*

Nem todos os três prados inaugurados em 1888 chegaram aos anos de 1900 e tantos. O da Estância foi o primeiro a perder sua finalidade. Baqueou por volta de 1898 e passou a ser mercado. O famoso Mercado da Estância, de Delmiro Gouveia. Obteve outra aura de interesse. Porque se instalaram divertimentos populares nos terrenos da antiga pista, e para ali todas as noites afluía o povo ávido de jogos, de barraquinhas, de música, de palestras e também de namoras... Que o diga a rapaziada de então, ainda presente neste mundo, embora de cabelos brancos... O Derby esteve no cartaz durante algum tempo. O Hipódromo, êsse foi perdendo a sorte e ficando esquecido. Demoliram-lhe a arquibancada há pouco, para uma vila. Ficou apenas o Pernambucano, atualmente em pleno êxito, remodelado e moderno.

Foram os prados, incontestavelmente, pontos de sensacionalismo. Num domingo, o *Botequim do Prado* fez publicar êste anúncio, que traía um avoengo dos reclamistas do século XX :

BOTEQUIM DO PRADO PERNAMBUCANO

CORRIDA DE DOMINGO 22 DO CORRENTE

Honrada com a presença de S. A. o Príncipe

D. AUGUSTO

Distinto Oficial da Armada

Era a viagem de instrução de guardas-marinhas em meio da qual o príncipe teria de desembarcar do navio-escola *Almirante Barroso*, por haver sido proclamada a República.

O reclamo continuava nestes têrmos :

A emprêsa do Botequim do Prado desejando servir satisfatoriamente a grande concorrência esperada naquele dia, nem só por S. A. um dos juizes de raia, como pela magnitude dos páreos, resolve fazer patente para melhor ordem do serviço e ciência do respeitável público a seguinte

TABELA DE PREÇOS

Cerveja estrangeira garrafa	1\$000
Dita idem meia dita	\$500
Vinho Bordeaux garrafa	2\$000
Dito Pôrto cálix	\$200
Dito Madeira cálix	\$300
Dito Vermute idem	\$200
Dito Conhaque fino dito	\$200
Dito Chartreuse.....	\$800
Uma garrafa de água de Seltz	\$800
Uma dita de Champanha	10\$000
Uma dita de cidra	\$700
Uma lata de bolachinhas	1\$200
Sanduíches de fiambre e queijo	\$100
Bolos um	\$200
Empadas uma	\$200
Frigideira de camarão	\$500
Refrescos diversos	\$200
Cigarros um maço	\$200
Charutos de \$100 a	\$200

A tabela de preços do *Botequim do Prado* encherá mais d'água as bocas de hoje do que as daquele tempo.

Sabe-se ter sido em plenas corridas do domingo 13 de maio de 1888, no Prado Pernambucano, que se soube no Recife da assinatura da Lei Áurea. José Mariano assistia a essas corridas acompanhado de vários elementos ardorosos da Abolição, notadamente do Clube do Cupim. Esperava-se a sanção da Grande Lei, mas pensava-se só viesse na segunda-feira, 14. Mas de súbito um estafeta do "submarino" chega ao Prado com um despacho urgentíssimo Acabara-se a escravidão no Brasil.

A notícia como um relâmpago espalhou-se, e para quem conhece o espírito dos recifenses, fácil é imaginar a cena. Num segundo a vibração foi um só viva. E palmas, abraços, gritos, brindes, lágrimas. Sim, lágrimas. As músicas tocaram. O povo reuniu-se. José Mariano à frente dêle, e a mais bela passeata que já se vira marchou para o centro da cidade, onde o delírio tomara conta de todo mundo.





"Quem fala? É a comadre Bembém?"



- Sinhô!
- Que é, negra?
- O telefone está tocando.
- Já vou. Você viu, Donzinha? essa moleca já aprendeu a dizer telefone!
- Está na moda, Cazuza...
- Deixe-me ver quem é. Alô! Quem fala? Ah! É a senhora? Muito bom dia. Como passa o Visconde? E os meninos? Aqui em casa todos bem, agradecido. Sim, senhora Viscondessa, quer falar com a Donzinha? Vou chamá-la... É com você, Donzinha.

E a D. Donzinha, esposa do Comendador Almeida, ia ao aparelho telefônico.

- Como vai você, Amelinha? Hein? Soube que nós tínhamos botado telefone em casa? É verdade. Hoje, não se pode dispensar; é tão cômodo! Onde vamos domingo? Espere aí: de manhã à missa do costume na igreja do Espírito Santo; almoçaremos com os Guimarães Bastos, que chegaram da Europa ontem, no *Tagus*, e depois, parece-me que iremos ao Hipódromo do Campo Grande... Por quê? Queriam vir até cá à noite? Pois não! Venham. Com muito gosto. O Cazuza espera o Visconde para o gamão... E nós duas conversaremos. É verdade: a Milu já toca bem aquele noturno. Você a ouvirá... Outra novidade - a Salvina aprendeu a fazer daquelas tortinhas de crême pelas quais você é louca... Venham, venham...

Eram assim os contactos telefônicos dos tempos em que surgiu no Recife êsse extraordinário invento.

Quando hoje, muito naturalmente, discamos o nosso aparelho telefônico e nos posmos em comunicação com quem nos apraz conversar, já nos é difícil conceber nitidamente o sensacionalismo desta notícia de 1882:

O sr. José Leopoldo Bourgard obteve do Governo Imperial uma concessão para estabelecer o serviço de telefones nesta cidade.

A notícia era sóbria, porque na época não se conheciam ainda os derramamentos de reportagem, mas o fato de aparecer nas folhas já era indício de importância, pois nem tudo merecia tal distinção.

Até então, no Recife, somente se viera a ter uma noção real dêsse invento através do aparelho instalado um ano antes pelo construtor da Estrada de Ferro do Limoeiro ligando o seu escritório, na Rua do Comércio, ao Arraial, onde existia um depósito de material. Agora, porém, seria facultado à população recifense a comodidade maravilhosa de uma palestra à distância pelo fio, fôsse um negócio urgente, fôsse um interesse de amor.

O melhoramento merecia assim a expectativa que se formara e a curiosidade com que acolheriam o início do serviço. Nesse mesmo 1882 muita gente se dirigiu ao estabelecimento do Sr. Bourgard a fim de "melhor conhecer e admirar os efeitos do aparelho telefônico ali exposto". E em abril já uma linha ligava o Palácio da Presidência à Secretaria da Polícia, para as ordens de urgência.

Contudo, era ainda benefício facultado apenas às altas autoridades, às rodas privilegiadas. O povo ainda se mantinha ansioso de pôr ao ouvido o fone e ouvir uma voz que vinha de longe. Haveria porventura os incrédulos. Qual a sensação ao se escutar essa palavra estranha ou conhecida vinda de um bairro afastado, de uma casa vizinha, de um ponto não permitido à visão? Que se experimentaria mesmo?

Aprontara-se a estação, na Rua das Cruzes, onde funcionou, aliás, até o começo dêste século. Viu-se em cima do telhado uma carapuça de fios, uma "estrovenga", como diriam os menos afeitos à ciência, lá com uma ponta de receios.

Afinal, em fevereiro de 1883 dá-se a inauguração oficial dos serviços telefônicos.

Houvera antes algumas experiências dignas de serem lembradas.

No dia de Finados do ano anterior, falou-se do cemitério de Santo Amaro para o escritório da Companhia Telefônica. Os jornais deram os nomes de algumas das pessoas que tiveram êsse prazer: o administrador do cemitério, Major João Francisco Antunes, Padre Manuel Moreira da Gama, Dr. José Maria de Albuquerque Melo, Padre Antônio de Melo e Albuquerque, Francisco Antônio Pereira da Costa. Tiveram êles oportunidade de "admirar o engenho do grande Edison que nos proporciona tanta utilidade".

Começavam então a se estender as linhas entre a Fábrica Apollo, na Rua do Hospício, e os depósitos da mesma fábrica, na Rua Marquês de Olinda e Cabugá. Facultava-se a quem quisesse dar um pulo ao escritório da empresa, na Rua das Cruzes, conhecer os efeitos dêsse maravilhoso aparelho, como experiência.

E com a inauguração, embora pequenas as instalações, como seria natural, o povo iniciou sua familiarização com o "Alô, alô e, certamente, depois, com o suplício das ligações erradas e demoradas. A empresa publicara sua primeira lista de assinantes, isto é, "das pessoas que se podiam entrecomunicar:

EMPRESA TELEFÔNICA BOURGARD

A. do Carmo e Almeida, diretor e gerente dessa empresa, tendo inaugurado o serviço telefônico nesta cidade, publica os nomes dos assinantes que podem entre-comunicar-se:

- N. 1 - Associação Comercial - rua do Comércio.
- N. 2 - Dr. Raimundo Bandeira - médico - rua da União n.º 25.
- N. 3 - Cemitério Público - Santo Amaro.
- N. 4 - Henrique Forster - (escritório) - rua do Comércio n.º 8
- N. 5 - José Leopoldo Bourgard & Cia. - rua Marquês de Olinda n.º 15.
- N. 6 - Henrique Forster (armazém de farinha) - Cais 22 de Novembro n.º 2.
- N. 7 - João Alfredo Thom - rua do Comércio n.º 14.
- N. 8 - Baltar Oliveira & Cia. - rua do vigário n.º 1.
- N. 9 - Francisco de Paula Mafra - rua do Imperador n.º 23.
- N. 10 - Ferreira Guimarães & Cia. - rua Duque de Caxias n.º 95.
- N. 11 - Luiz Duprat (Companhia Fênix) - rua do Comércio n.º 34.
- N. 12 - Jerônimo da Costa Lima - rua do Brum n.º 2.
- N. 13 - Launders Brothers & Cia. - Corpo Santo n.º 11.
- N. 14 - José de Sousa Aguiar & Cia. - rua Barão da Vitória n.º 35.
- N. 15 - José da Silva Loyo (armazém) - Largo da Assembléia 1.a. n.º 13.
- N. 16 - Hospital Português de Beneficência - Cajueiro.
- N. 17 - Ricardo & Cia. Connolly - rua do Comércio n.º 20.
- N. 18 - Companhia Indenizadora - Corpo Santo.

O escritório do *Diário de Pernambuco* acha-se ligado à Estação Central por um aparelho especial, mas a comunicação dos assinantes acima referidos só poderá fazer-se com o *Diário*, mediante a intervenção do empregado da Estação, até que chegue um novo aparelho brevemente esperado, que tenha capacidade para mais dezoito assinantes. Os assinantes que se quiserem comunicar com o *Diário* deverão transmitir ao empregado da Estação os seus recados para este comunicá-los ao *Diário* e vice-versa.

Esse primeiro indicador telefônico dá-nos não somente uma informação segura a respeito dos que desde logo apoiaram a iniciativa, compreendendo-lhe o alcance, mas, também, particularmente, o sentido progressista de certos profissionais do tempo.

O daquele médico, Dr. Raimundo Bandeira, por exemplo. A sua clínica permitiria já o auxílio do telefone n.º 2, dali por diante procurado a todo instante pelos clientes, ou, então, embora ainda entrando na vida prática, pretendere "passar a perna" nos colegas mais velhos, facilitando os chamados...

A conhecida firma Henry Forster & Cia. não se julgou suficientemente provida com um só aparelho no seu escritório e instalou outro no armazém. Por sua vez, o Paula Mafra com o seu serviço fúnebre quis com o telefone vencer o Agra...

A princípio, apenas 18 os telefones, mas já poucos meses depois subiam a 83, sendo o dêste número o do *Jornal do Recife*.

O sistema era o que todos nós conhecemos até os automáticos de agora. Tocava-se a campainha e atendia a estação, pela voz de suas telefonistas. Estas nos davam

a ligação solicitada pelo nome do assinante, geralmente. Usava-se pouco o número do aparelho. Os retardamentos, os erros, por vêzes a pouca vontade e a perfídia, davam ensejo a impaciência, a qüiproquós, a cenas cômicas.

Todavia, o melhoramento mostrava-se de tanta necessidade para o público, que pouco depois da inauguração já se queixavam pela imprensa de não dispor a agência da Companhia Brasileira de Navegação, no escritório do Barão de Petrolina, de um telefone. O cúmulo! Como se saber quando estava para chegar o *Espírito-Santo* ou o *Pernambuco*, os paquetes preferidos da época?

Noutra publicação solicitava-se aos assinantes que aos domingos, entre 7 e 11 horas, não pedissem ligações, pois estavam a "limpar o maquinismo". E ainda: "não se permitisse pessoas estranhas falar aos telefones". Começava a reação contra os abusos dos que se utilizam dos telefones alheios, não para as justas necessidades de urgência, mas para as conversas demoradas em que se contam enredos de fitas, trocam-se madrigais, e tratam-se outros assuntos do tamanho dos romances em série.

Em 1884 as linhas telefônicas tinham atingido os arrabaldes. Caldeireiro, por exemplo, possuía o seu telefone. Um capitalista o instalara no seu palacete e fazia figura em exhibi-lo e oferecê-lo aos vizinhos: - "Não façam cerimônia, tendo precisão..." E lá iam os aflitos à procura de um médico, de uma encomenda urgente, de uma notícia de vapor.

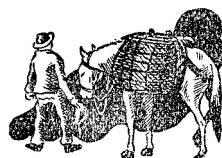
Uma forte trovoadá caída no Recife, e em que faíscas elétricas golpearam o Poço, o Monteiro e a Torre, alcançando árvores, levou a Empresa Telefônica a colocar um pára-raios na sua estação. Por sinal que durante essa famosa trovoadá três mulheres abortaram. As fôlhas já se iam botando no noticiário...

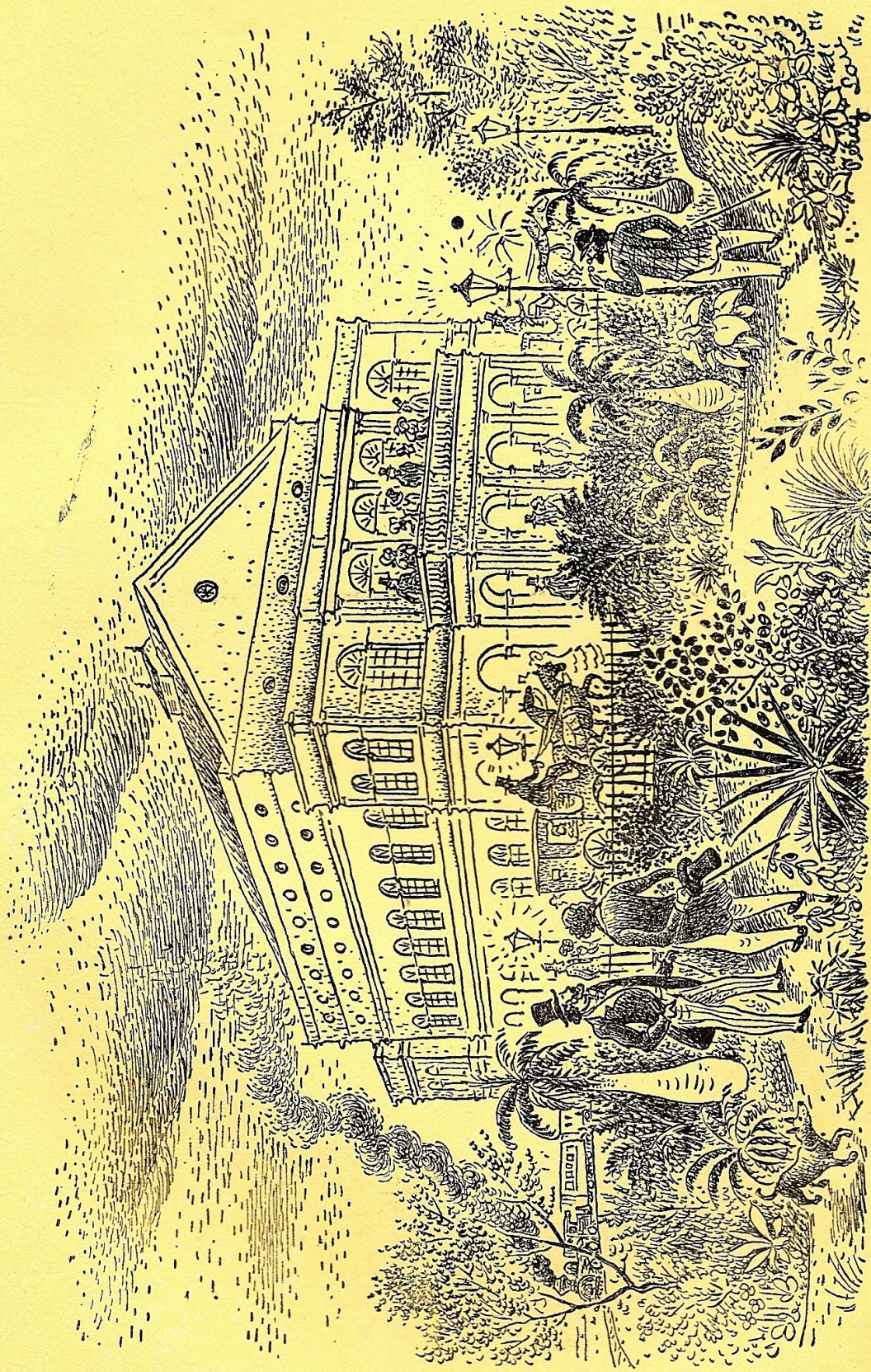
Pouco a pouco os telefones foram perdendo sua fama de novidade. Ao contrário, despertavam queixas, desdêns, ataques, ironias. As telefonistas, com ou sem razões, sofriam as investidas dos mal-satisfeitos. E ouviam-se desaforos. Ninguém mais se manifestava contente com o seu aparelho. De fato, o serviço, por cansaço do material ou negligência da empresa, ia-se tornando precário, e, por vêzes, inútil. Preferia-se mandar o moleque de casa levar o recado.

Bastava de telefonistas pacientes ou com azedumes.

Em 1907 o Governo contrata com Luís Pereira de Oliveira Faria o serviço de telefones do Recife. O prazo seria de 30 anos. O município entregaria ao contratante postes, fios, aparelhos que recebera do antigo concessionário. Este veio à imprensa com um protesto. As fôlhas da oposição ocuparam-se do caso. O novo contratante pagaria durante o arrendamento 10 contos de réis por ano, obrigando-se a manter telefones gratuitos nas repartições públicas. As assinaturas não excederiam de 15\$000 por mês. E teria a nova empresa isenção de impostos municipais.

De Luís Faria passou o serviço telefônico para a *Pernambuco Telephone Company*. Esta remodelou tôda a aparelhagem, dando-nos os telefones automáticos. E também o serviço interurbano. Das suas vantagens e dos seus defeitos que digam os contemporâneos... Quando chove ou quando os besouros se metem dentro dos condutos dos fios, há quem se mostre saudoso do tempo da manivela e das telefonistas...





O teatro Sta. Isabel quando se cantava "A Traviata"



Era nos teatros, quando não nos salões, que os raros contactos sociais se permitiam naqueles tempos de um quotidiano saturado de recato e reclusão. Tempo de um viver caseiro, em que as ruas não ofereciam ainda às famílias consentido cenário de uma frequência habitual, constituindo apenas um trânsito forçado aos homens nas suas lides do ganha-pão. O comércio não se toucava dos atrativos das vitrinas e das exposições de moda, nem a elas quase acorriam as damas: compras, reservavam-se aos maridos ou pais, quando os mascates não levavam às portas tecidos e miudezas, escolhidos e comprados no à-vontade dos vestidos de casa.

Todavia, as "partidas" e os bailes, na intimidade dos lares ou no *Carlos Gomes*, há pouco instalado, não se proporcionavam tão amiúde; decorriam meses sem o ensejo de um sarau ou de uma reunião num palacete ou num sobrado de arrabalde, a menos que a temporada de Festa pretextasse de quando em quando um arrasta-pés improvisado, graças a uma moça que sabia tocar "piano para dançar".

Por isso os teatros serviam de dupla atração: a das cenas do palco e a das plateias. Líricos ou dramáticos, possibilitavam a exibição do indumento, a vizinhança dos camarotes, o enlêvo das conversas. Eram os "espetáculos" a oportunidade felicíssima para o último figurino parisiense, para o mais moderno penteado e para a mostra da recente jóia adquirida. Ao nos depararmos com os anúncios de modistas, de cabeleireiros, de artigos de luxo, de alfaiates, de há mais de meio século, evocamos logo essas récitas de gala, onde numa linda moldura de camarote se ostentava uma dessas figuras femininas cingindo o casaco de pafos, a saia armada, a chapelina de veludo, o leque de plumas, ao lado do cavalheiro de casaca ou redingote, com a gravata de volta, o peitilho lustroso e a comenda na lapela...

Nos intervalos, na "varanda" do Teatro Santo Antônio ou já no salão do *Santa Isabel*, numa aproximação menos furtiva, desfilavam as senhoras e as sinházinhas, mirando-se aos espelhos, permutando impressões sobre o tenor ou o contralto, enquanto os jovens, na sua elegância e no seu "atrevimento", focalizavam o interesse eivado de sorrisos e, por vêzes, de umas frases, nas donzelas casadouras, umas cheias de beleza e outras prometedoras de "fortunas"...

O teatro, como a dança, era uma libertação para quem vivia tão conventualmente nos casarões de outrora. Entontecia os olhos com a multidão que enchia a platéia; abalava os corações com os dramas de cena; esboçava idílios e casamentos, quando não eram paixões de outra ordem, nem sempre limpas de pecados.

E que dizer dos homens menos sisudos nas suas quedas pelas seduições das cômicas, embora tais requisitos estivessem às vêzes condicionados aos chumaços, aos cremes e ao carmim, a que as luzes do proscênio emprestavam maior realce e mais estonteante disfarce?...

Realmente, seria para a pompa dêsses espetáculos que as casas de comércio faziam de preferência seus anúncios de tecidos de *gros de Naples*, a fazenda tão em moda para os vestidos de cerimônia. O *Paradis des Darnes* gabava suas blusas de *surah* com saias de sêda glacê para senhoras, os bicos blonde, os enfeites para cabeças com aljôfres, plumas e frocos à imitação de chapelinas. Outras lojas ofereciam balões dos mais modernos e anquinhas a 1\$500, como pechincha.

E que dizer dos cabeleireiros, quase sempre de nomes franceses, como o Gustave, que de volta de Paris, onde estivera a aperfeiçoar-se na arte de pentear, punha à disposição das Exmas. Famílias seus serviços na Rua Marquês de Olinda, n.º 51, 1.º andar? *Atelier* chique, onde as damas encontrariam exemplares do *Monitor dos Cabeleireiros*, "descrevendo com desenhos" os penteados modernos para *soirées*, bailes, casamentos e teatros. Vendia ainda coques, *cache-peignes*, bandós, crescentes. Penteava no seu gabinete e a domicílio. Havia também, nesse tempo, cabeleireiras de renome igual ao de Mademoiselle Marie Lavergne.

As modistas, por sua vez, apregoavam pelas fôlhas os seus méritos de corte. Mme. Potelletet; da Rua da Imperatriz, além de costurar, tinha sortimento de fitas, de enfeites, de leques de madrepérola e penas. Fichus, espartilhos, galões, *marabout*, franjas douradas, tudo do melhor gôsto, "para bailes e espetáculos".

Nem maiores misteres teriam os alfaiates de luxo, a jeito daquele da "Grande e bem montada "Alfaiataria de Arruda Irmãos", na Rua Nova, que anunciava de forma insinuante, exibindo um clichê sugestivo: o de um elegante cavalheiro, de barbas negras, tipo de barão ou conselheiro do Império, a provar uma casaca de linhas impecáveis. Não teremos dúvida em afirmar que estava anunciada a estréia de uma companhia lírica com o *Trovador* ou a *Sonâmbula*. E traria no elenco bonitas bailarinas...

Casas de jóias, nomes de perfumes como o *Kananga* do Japão ou o *Stephanote*, de Atkinsons, reclamos de cocheiras com gravuras de vistosas berlindas, tudo visava incontestavelmente o ensejo delicioso das noites de teatro, quando ao cultivo da arte se aliava o bom-tom do indumento e o propósito de agradar.

Teatro... Quem sentiu ainda o seu prestígio dentro dos lares no comêço dêste século, quando os preparativos para uma ópera, drama ou opereta ocupavam horas de papelotes, de espartilhamento, de frisados de bigodes, de miradas nos espelhos dos *toilettes*, de perfumamentos de *Houbigant*, poderá bem avaliar o que se haverá passado nos dias de seus bisavós.

A verdade é que o Recife amou bastante o teatro. Se não se pode remontar essa

Grande e bem montada

OFFICINA DE ALFAIATE

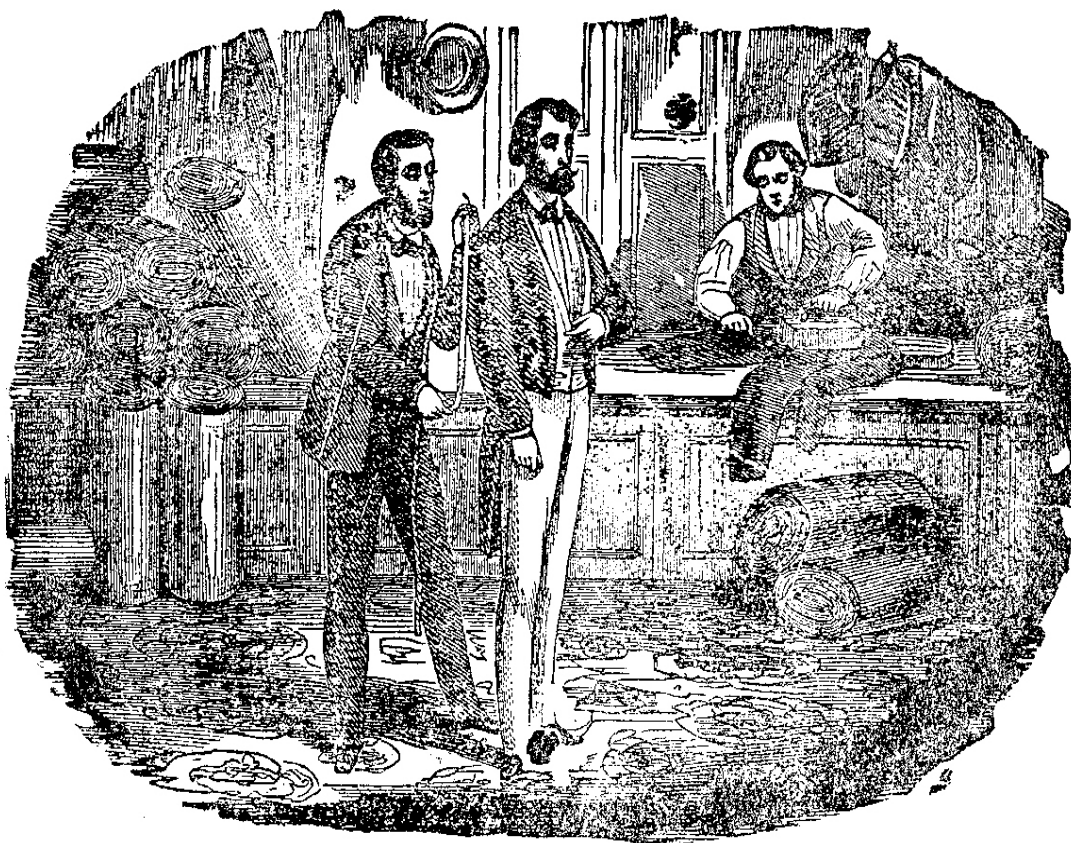
Premiada na Exposição Provincial de 1872 com a

MEDALHA DE PRATA

41 --- A' rua do Barão da Victoria --- 41

PROPRIEDADE DE

ARRUDA IRMÃOS



Camisas de todas as qualidades, pannos finos de todas as côres, merinó, fustão, gurgurão, gravatas e lenços.

Chapéos de sol, maias, ceroulas, camisas de todas as qualidades, collarinhos e toalhas.

Os proprietarios desta grande officina, veem de novo scientificar ao respeitavel publico especialmente a seus freguezes, que acharão um excellente sortimento de fazendas de todas as qualidades e proprias para todas as estações ; bons artistas para desempenhar qualquer obra com toda perfeição e esmero, a preços razoaveis.

A' RUA DO BARAO DA VICTORIA (outr'ora rua NOVA) N. 41

predileção aos séculos de quinhentos e seiscentos, pôsto se houvesse representado em Olinda, no govêrno de Jorge de Albuquerque Coelho, o auto *Lázaro rico e Lázaro pobre*, e, sem dúvida, o octênio de Nassau não haja desdenhado a arte cênica, pode-se, todavia, saber com alguma precisão do teatro em Pernambuco no fim do século XVIII e nos começos do que se lhe seguiu. É conhecida, nesse tempo, a casa da ópera. Título pomposo para um pardieiro da então Rua da Cadeia Nova, hoje do Imperador, fronteiro ao Convento de São Francisco, nome aliás que o teatro veio a ter depois.

Os cronistas da época a êle se referem, sem se esquecer de lastimar-lhe a falta de espaço, a pobreza de gôsto, a negligência no asseio, qualidades negativas que lhe valeram a alcunha pitoresca de "Capoeira". Contudo, era o "teatro público da cidade" e bastante deu que falar... Sabe-se até do nome de seu bilheteiro - o Zebedeu César. E dos preços de suas localidades :

Camarotes da 1.^a ordem: de frente, 8\$; de lado, 5\$000.

Idem da 2.^a ordem: de frente, 11\$; de lado, 6\$400.

Torrinhas: frente, 4\$; lado, 3\$000.

Platéia - 1\$000 e 500 rs., conforme ficassem também de frente ou de lado.

Vigorara, porém, anteriormente uma tabela em que se cobravam três patacas em assentos de palhinha, sendo mais módicos os de pau. Ali foram levados oratórios e óperas-sacras, próprios para a quaresma, como O *Martírio dos Macabeus*, ornado de um lindo número de flauta. Depois surgiram peças profanas com dançarinas de pernas de fora. Uma destas, Angela Martino Garcia, "primeira dama de dança chegada de Portugal", ensinava a sua arte na Rua do Rosário, 4, D, confronte à Praça da União. Por fim montaram entremezes tão maliciosos, e de tal monta se verificaram escândalos entre os assistentes, porventura protegidos pela frouxidão das luzes das candeias de azeite, que o Bispo protestou e foi criada uma censura teatral. Porque na verdade - criticava O *Carapuceiro* - aquêlê entremez *A Parteira Anatômica* era de ar-repiar...

A Casa da ópera desacreditara-se e fechou. Socorrendo-a, o empresário Francisco de Freitas Gamboa conseguiu reabri-la com uma *troupe* vinda de Lisboa, pretendendo montar na quaresma "três oratórios novos e muito constitucionais"... Suas intenções de arte eram ótimas, mas depressa se desvaneceram um pouco, porque declarava que, tendo contratado o atual teatro da cidade, reconhecia a loucura em que caíra de gastar 500\$000 para mandar vir cômicos de fora; por isso estava disposto a formar uma empresa permanente de cunho brasileiro, pelo que convocava as pessoas dispostas a tomarem parte no elenco, dedicando-se a esta "sublime arte". Mais tarde pediria lhe enviassem trajes usados para organizar o guarda-roupa da companhia, verdadeiro embrião do nosso amadorismo teatral. Exibiram-se realmente em peças "adornadas de modinhas de excelente gôsto" e em duetos como aquêlê de tanto êxito: *Barca de vapor*, alusivo ao início da navegação nesse gênero pelas costas do Brasil.

Em 1842 trabalhou no *Capoeira* o grão-mágico Sutton, com reclamos ilustrados no *Diário Novo*. As mágicas eram apreciadíssimas e o foram até o fim do século, pois artistas dessa especialidade ocuparam freqüentemente nossos teatros, inclusive o famoso Hermann. Na coroação de Pedro II realizou-se pomposo espetáculo de gala com as novas produções teatrais: O *desembarque de D. Maria II* e *Queda da inquisi-*

ção na Espanha ou Coroação de Filipe VI. Ornar-se-á ainda a noite de décimas, odes, sonetos e danças - prometia o anúncio. E o teatro "estará decentemente armado e com a iluminação que puder admitir".

No *Capoeira* as primeiras companhias líricas se apresentaram no Recife: em 1845 cantou-se o *Barbeiro de Sevilha*, *Ana Bolena*, *L'italiana in Alger*, *Elixir de Amor* e *Figli del Regimento*. O tenor Carlos Ricco fazia as damas chorarem com suas árias sentimentais.

O interesse pelo teatro, aliás, era geral no Brasil, ao que parece, pois aqui no Recife pediam-se pessoas para copiar peças que deveriam ser remetidas à Baía. Pagavam 1\$800 por cópia.

Foi na *Casa da ópera*, depois *Teatro de São Francisco*, que se deu o saboroso episódio de Garrafuz. Era êste um tipo popular da cidade, filho do sapateiro João Ventura. Rapaz boêmio, ousado, mulhereengo, mas espirituoso. Perdera um olho numa briga por causa de uma "morena". Contam que, ao ir comprar bilhetes para o *Capoeira*, exigia um abatimento de 50% por ter somente um olho. Alegava que via apenas metade do espetáculo... Certa vez, como o bilheteiro não quisesse deixá-lo entrar, tendo uma de suas peraltagens, sendo récita de gala, e ouvindo O governador Luís do Rêgo a altercação na bilheteria, deu ordem para Garrafuz ter acesso à platéia. Mas, para melhor fiscalizá-lo, botou-o no seu próprio camarote, bem no fundo. Garrafuz ficou quieto até ao primeiro intervalo. Aí, saindo a passear o governador com seu séqüito, o filho do João Ventura senta-se no camarote bem à frente e põe-se a fazer graças para o público, que rompeu a aplaudi-lo...

O Teatro Público estampou êste anúncio:

Roga-se aos srs. que receberam bilhetes de Platéia e Varanda para a representação do dia 7 tenham a bondade de procurar na ocasião de entrar os assentos respectivos aos números de seus bilhetes, pois que todos os bancos estão numerados em ordem; adverte-se que nos camarotes só devem estar os chefes das famílias que os ocuparem; que estarão abertos para se conservar a casa arejada; mas para segurança de todos da parte principal para dentro não entrará alguém sem bilhete; para se conservar a ordem em tôdas as entradas os srs. convidados apresentarão ao entrar o seu bilhete e o guardarão outra vez até o fim da Representação; os srs. que tiverem de prevenir-se de cadeiras nos seus camarotes tenham a bondade de o fazer até o dia 6 porque no dia 7 de dia estará fechado o teatro e à noite não entrarão cadeiras, para não estorvar o trânsito já acanhado por defeito da casa. Finalmente pede-se encarecidamente a aqueles srs. que tendo recebido bilhetes de varandas julgarem êste lugar pouco digno de sua alta jerarquia, queiram restituí-los à pessoa de quem os receberam, não só porque não são bilhetes vendidos para se passar a quem se quer, como porque dando-os êles a pessoas que julgam seus inferiores, não estarão no caso de ser convidadas pelos sócios; é isto um bem trivial ponto de delicadeza que não devia escapar a um homem afidalgado; mas que a experiência obriga a lembrar a quem tão fácil é em julgar-se superior, como em abater aos outros.

Há neste anúncio um verdadeiro quadro do teatro de 1840 no Recife. A observação feita quanto aos bancos numerados trai a novidade que êsse sistema constituía para o público. A entrada de cadeiras nos faz recordar os circos de arrabaldes, em que os assentos vinham das casas dos freqüentadores, marcados todos com laços de fitas ou papéis escritos colados no encôsto, visando-se uma identificação no burburi-

nho da procura de localidades. Há igualmente uma advertência curiosa: a de que nos camarotes somente permaneceriam os chefes de família Zelava-se a moralidade, talvez, mas do mesmo modo evitavam-se os caronas, os que compram um bilhete de "paraíso" e vão fazer figura nas frisas dos conhecidos... O mal não morreu. E a esplêndida lição de ética do final do anúncio? Vale tudo, e ainda pode ser aproveitada por muita gente dêsse gênero de fidalguia.

Nesse mesmo número do *Diário de Pernambuco* inseria a empresa outro anúncio:

TEATRO

Quinta-feira 8 do corrente o Empresário, para celebrar a feliz Independência do Império do Brasil expõe ao respeitável público o espetáculo seguinte: Depois de se desempenhar a famosa *ouverture A Morte de Semíramis* seguir-se-á a representação da nova peça *O Verdadeiro Heroísmo* ou *O Anel de Ferro*. No fim do 1.º ato dançar-se-á o minuet *Escocês* e findará o divertimento com o belíssimo *Quinteto* dançado e a *Gavota*. As pessoas que quiserem camarotes podem procurá-los no Teatro.

Nessa *Casa da ópera*, em 1824, por ocasião da Confederação do Equador, e já debelado o movimento, estacionaram na cidade algumas tropas vindas do Sul. Um dos corpos aquartelara perto do teatro, e os oficiais, para se distraírem um pouco, convocaram à atividade alguns artistas dispersos pela berna. Acudiram ao apêlo os que tinham sido encontrados, entre êles a célebre Joanninha Castiga, primeira dama, que cantava com o baixo cômico Francisco o aplaudidíssimo dueto:

Se quiser casar comigo
Há de ter segrêdo em tudo...

Essa Joana Castiga foi uma estrêla do tempo. Tão querida que anos depois uns versinhos satíricos, lamentando a decadência do teatro, recordavam a artista com elogios e saudades:

No meu tempo... oh! que tempinho!
Do teatro do Gamboa,
Tudo era gente boa.
Bela voz tinha a Castiga
Que nada tinha de espiga...

E a mulher do Siri Gordo?
Oh! que era de mão cheia!
Tinha voz doce e candeia:
Quando na *opra* cantava
Que palmaria levava!

E se a Castiga quebrando

No baiano rebolava?!
Tudo morto então ficava,
Dizendo sempre: olha lá
Castiga... teu bem aqui 'stá!

Foi nessa temporada que certa noite precisaram de um elemento para substituir um ator que adoecera. Recorreram a um furriel do batalhão, sem saberem que dêle fazia parte o soldado João Caetano dos Santos, o futuro grande artista do teatro brasileiro. Já se preferiam os improvisados...

Na *Casa da ópera* os espetáculos não eram diários e muitas vêzes só se efetuavam quando a venda de ingressos feita pelo Zebedeu dava para cobrir as despesas. Avisava-se também que às segundas e terceiras galerias podiam ir homens e senhoras "pertencentes à mesma família".

Ainda a ponto de se tornarem contemporâneos do *São Francisco* ou *Capoeira* existiram no Recife o teatro *Apolo* e o da Rua da Praia. O *Apolo* fôra construído na rua que hoje ainda conserva seu nome pela Sociedade Harmônico-Teatral, fundada em 1833. O primeiro espetáculo realizou-se a 1.º de dezembro de 1846. O da Rua da Praia começou a funcionar em 1848, talvez pela evidência dessa artéria no movimento que se chamou Revolução Praieira. Em 1849 poder-se-ia alugá-lo, "pois estava pronto de tudo para qualquer representação".

Dessas três casas de espetáculos principais, sem contar com os palcos de amadores, como o da *Melpômene* e a Filodramática, podemos fazer bem uma idéia. Com os seus bancos numerados ou não, de palhinha ou de pau, com suas bugias acesas diante dos camarotes, com suas candeias de azeite no palco e corredores, com suas varandas para passeio nos intervalos, deveriam oferecer à gente do seu tempo uma encantadora impressão de progresso. E dentro dêles moviam-se cavalheiros austeros, damas cerimoniosas, as sinhazinhas pudicas, e de mistura os peralvilhos espiamarés e as coquetes de ademanos provocadores... Iam todos assistir aos "dramas com cantorias", aos autos-pastoris comoventes e aos oratórios bem constitucionais...

Mas o Recife precisava de um teatro, clamava-se. Aquilo tudo existente passara da moda. Companhias estrangeiras desdenhavam ocupar o *Capoeira*, tão sórdido se mostrava. E os outros nem sempre ofereciam condições de conforto a uma boa *troupe* lírica ou de tragédias. Foi em 1839 que o Presidente da Província, o Barão da Boa Vista, encarou a sério o problema de dar à cidade um teatro de verdade. Uma lei concedia várias loterias de 60 contos de réis, cada uma em favor do melhoramento. Lavrou-se um contrato para a construção e entregaram as obras ao arquiteto francês Luís Vauthier. Dentro do natural clima de ansiedades, de dúvidas, de censuras, de planos dos leigos, de esperanças, trabalhou-se com vontade. Pediam-se canoas que transportassem areia para as obras do "teatro novo". E o belo edifício ia surgindo aos olhos da população. Até que na noite de 18 de maio de 1850, numa récita de gala, com o drama em 5 atos *O Pajem de Aljubarrota*, se deu a inauguração.

O poder imaginativo é falho para reconstituir essa noite recifense. As seges seriam ainda raras na cidade, mas tôdas saíram das cocheiras com seus boleiros encasacados. Palanquins ter-se-iam mostrado a caminho do teatro, e ao seu lado permaneceriam até o cair do pano, no derradeiro ato. Os ônibus do Cláudio porventura terão igualmente levado, ao trote de seus seis cavalos, famílias: de Apipucos, de Olinda, do Poço, de Caxangá... E até as canoas prestaram serviços de condução na travessia do rio. Aliás êsse recurso às canoas não seria de natureza excepcional. Haja vista êste

anúncio:

UMA EMPRÊSA ÚTIL

Acha-se no lugar denominado Palácio Velho, do lado do sul do teatro de Santa Isabel, uma elegante barca ou canoa, para dar passagem para o outro lado do rio, desde as 6 horas da manhã às 6 da tarde. Nas noites em que houver teatro haverá passagem até findar-se o espetáculo. Do outro lado do rio existe outra canoa destinada ao mesmo fim, e às mesmas horas, para que os passageiros não fiquem demorados uns com a viagem dos outros. Os pontos de desembarque são no cais defronte do templo dos Ingêleses, do edifício do Ginásio, e ponte junto da fundição do Star, quando aí houver maré. O frete para cada pessoa é para o 1.º, 2.º e 3.º pontos de 80 rs. e para o 4.º e último de 160 rs. Para facilidade do trôco haverá cartões e deverão entender-se com o morador da casa da esquina da rua da Florentina que fica defronte do teatro.

Êsses cartões para suavizar a falta de trôco provam que os homens de outrora eram bem mais práticos do que os de hoje. Que o digam os que se atropelam nestes dias correntes com o pagamento de passagens nos bondes.

Inaugurado o *Santa Isabel*, em todos os anos estêve ocupado. Companhias estrangeiras e nacionais. Daquelas preponderavam as italianas, de *bel-canto*, e as francesas. Ê de relêvo esta anotação: freqüentemente o Recife foi visitado por *troupes* da França, não somente no seu teatro principal, como nos de arrabaldes. Temporadas longas, por sinal. Uma dessas emprêsas estêve no *Ginásio Dramático*, do Monteiro, por alguns meses. Sim senhor!

Em 1867 estava no *Santa Isabel* uma companhia francesa cujos anúncios apareciam no jornal assim:

THEATRE DE SAINTE-ISABELLE

Aujourd'hui lund 29 Juillet le 1867
Représentation extraordinaire
dediée au commerce
au bénéfice de Mme. Mathilde Poppe
2^e et 4^e actes
de ORPHÉE AUX ENFERS o
pera-bouffe, musique d'Offenbach

Depois da distribuição dos papéis oferecia-se mais:

LA FEMME AUX OEUFs D'OR
Mme. Poppe remplira quatre rôles de differents
caractères e dansera deux pas
On commencera à 8 heures

Os anúncios do Teatro Santa Isabel eram publicados nas fôlhas, já encimadas por clichês. A princípio o simples nome do teatro em letras brancas sôbre fundo negro. Mais tarde, uns arabescos, uns emblemas da arte cênica e também uma caixa de ponto com o seu respectivo ocupante a ler a peça, munido de uns cômicos óculos a escorregarem pelo nariz... Anúncios de quase página inteira, circulado, ornado de vinhetas, mostravam-se nos grandes benefícios como o da prima-dona Senespleda, em que se cantou a *Traviata*. Não eram raros reclamos de circos de cavalinhos ou de acrobatas notáveis, ornados de clichês que representavam trabalhos de equilíbrio, de saltos, de equitação Todos muito curiosos. Dignas mesmo essas gravuras dos jornais antigos, de um estudo feito por especialista no assunto.

Não apenas para representações servia o nosso Teatro Santa Isabel. Já em 1852 efetuava-se ali um baile de máscaras. Aliás, num época distante do Carnaval: 22 de maio. As 8 horas precisas a orquestra executaria uma linda peça, finda a qual o mestre-sala daria sinal de início das danças. As quadrilhas seriam intervaladas de 10 minutos e o baile terminaria às 2 da manhã. As senhoras, mascaradas, teriam entrada grátis, sendo expressamente proibida homens disfarçados em mulheres entrarem sem bilhete.

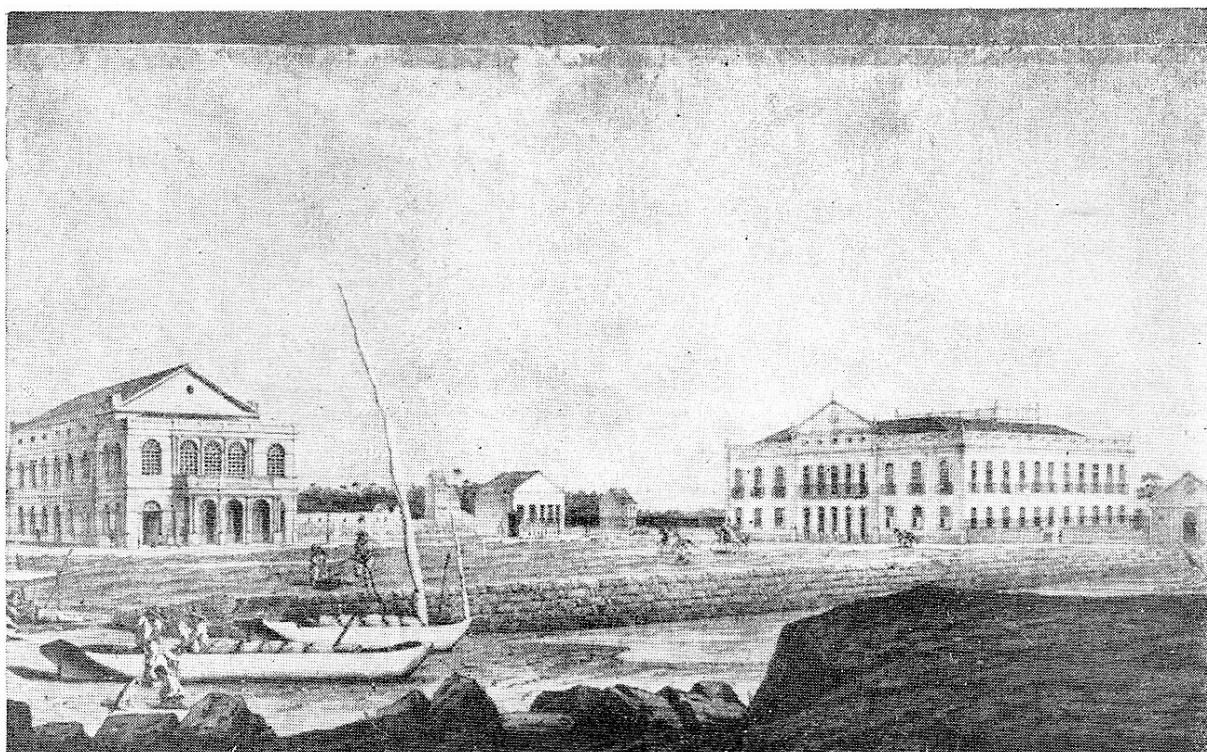
Os bailes à fantasia foram bastante comuns no Recife de outrora, Todos os teatros realizavam os seus, e sem dúvida nessa época, em que o Carnaval de rua não merecia sequer uma noticiuzinha da imprensa, todo o atrativo de Momo se resumia em tais danças. Vemos assim que, nesse particular, estamos voltando a 1850. A mascarada do comêço dêste século desapareceu; as sociedades de alegorias e críticas famosas como *Os Filomomos*, *Caradura*, *Nove e Meia*, *Cavalheiros da Época*, morreram; os próprios cordões diminuem de *(no livro falta o final da frase-N.do Digit.)*

Na tarde de 19 de setembro de 1869 tôda a cidade se abala com uma notícia tremenda: o Teatro Santa Isabel estava pegando fogo. E incêndio brabo, indomável, fulminante. Os sinos de São Francisco tocam a rebate. O povo acorre com baldes, gamelas, barris. Vão os menores do Arsenal e os soldados de linha. Atracam canoas cheias d'água. Debalde. As labaredas lambem tudo e só deixam de pé as paredes externas. O *Santa Isabel* já estivera ameaçado de incêndio há cinco anos: trabalhava ali a *Emprêsa Coimbra*. Certa. noite, após o espetáculo, o empresário Coimbra já em casa ouvira alguém passar pela rua a dizer: - "Tamanho clarão a esta hora no teatro só pode ser fogo." Sai e acorda o guarda. Com êle e uma praça urbana de serviço entram no teatro e podem ainda apagar as, chamas que, perto de um cenário, iniciavam seu destino de destruição. O ator Furtado Coelho, que fazia parte da companhia, esteve envolvido no caso e respondeu a interrogatórios, vindo até pela imprensa defender-se.

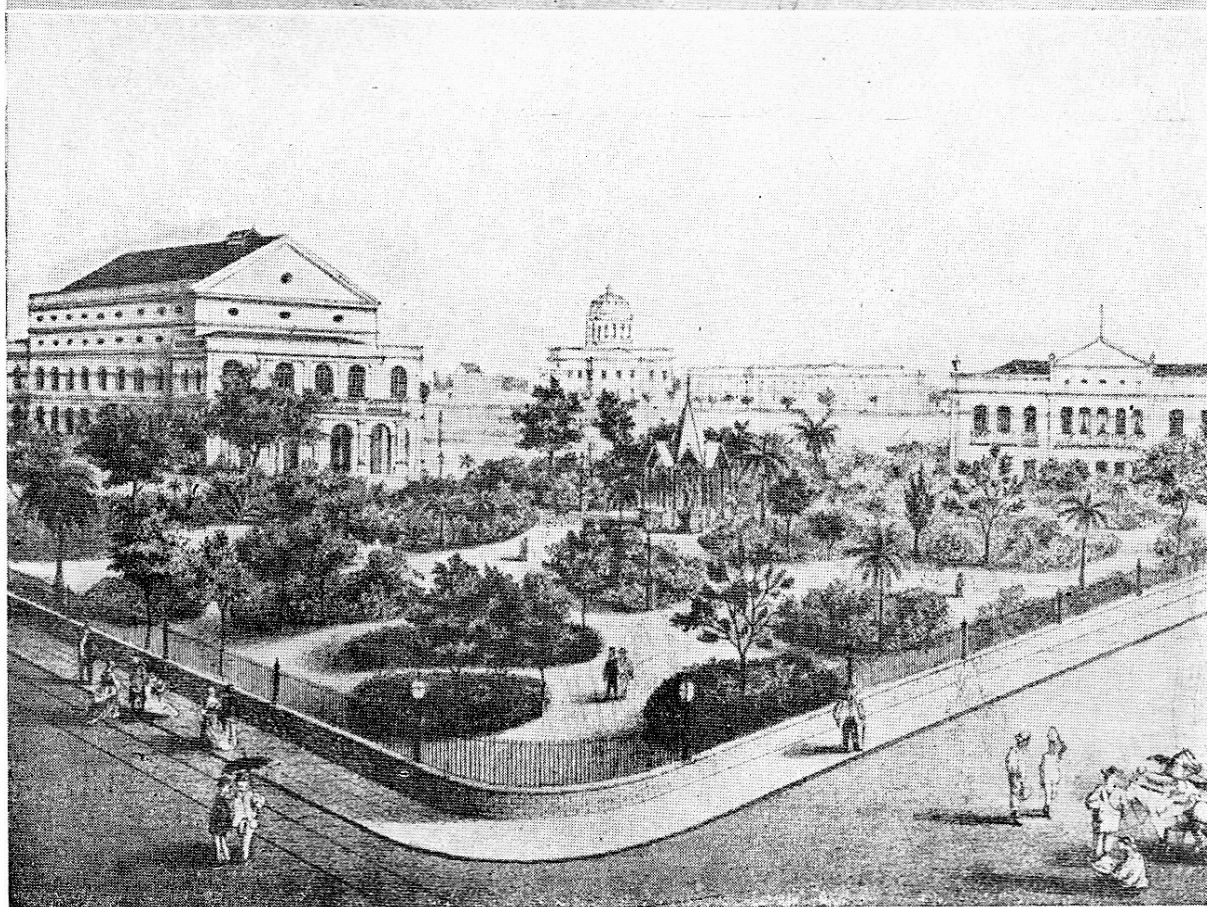
Agora, porém, Furtado Coelho não se encontrava no Recife, e; procurou-se outra causa para o fogo que lavrara na nossa bela casa de espetáculos, conforme noticiou o *Jornal do Recife*:

HORROROSO INCÊNDIO

A nossa capital presenciou ontem à tarde um espetáculo contristador. O elegante teatro de Santa Isabel ardeu totalmente. As 4 horas da: tarde os sinos do Convento de São Francisco deram sinal de Incêndio e hora e meia depois só restavam do majestoso edifício as paredes, laterais e o seu interior era um enorme e medonho bra-seiro que ardeu por muito tempo. Foram baldados os esforços e poucos socorros



Teatro Sta. Isabel e Palácio do Governo



*O teatro Sta. Isabel no tempo em que se ia aos espetáculos nas canoas. À direita o Palácio do Govêrno.
Praça da República – antigo Campo do Erário e depois das Princesas. À direita o Palácio do Govêrno e ao
fundo a Assemblêia Estadual e o Ginásio Pernambucano.*

que se poderiam prestar, os únicos de que dispomos. A violência do fogo resistiu a tudo e não deu tempo a salvar-se quase nada.

Não se sabe o que deu causa a semelhante sinistro; apenas que o fogo começou a desenvolver-se pelo ângulo norte posterior do edifício, e no andar superior aonde estavam os camarins dos artistas. O edifício tinha custado 500 contos e começou a funcionar em 1850.

No dia seguinte, entretanto, a fôlha já acrescentava qual fôra, o motivo do fogo. Ocupava o teatro uma companhia lírica do empresário Amat. Na véspera cantara-se o *Fausto* e utilizara-se um "aparelho elétrico", certamente para "efeitos infernais". Deixado, tal aparelho no camarim da prima-dona, não se sabia como, produzira o sinistro. Uma fôlha de Paris, tempos depois, explicou melhor o caso. De fato o tal aparelho carregado de magnésio ficara no camarim, e na manhã seguinte o sol, entrando por uma vidraça" fizera a explosão e o incêndio, só pressentido já de tarde e violento. O jornalista parisiense fazia sua *blague*:

O sol único culpado de incêndio decerto é uma novidade, mas tudo, é novo e original naquelas latitudes.

(no livro falta o início da frase-N.do digit.) número; o curso agoniza; o próprio entusiasmo de rua esmorece. Resta o frevo nos clubes. Eis a realidade.

O maestro da Companhia, perdem com o fogo tôda sua preciosa, biblioteca musical, no valor de 80.000 trancos. Os artistas ficaram também em aperturas, e em seu benefício realizou-se uma festa de arte. Dias depois o aludido maestro publicava:

LIÇÕES DE CANTO, MÚSICA E DESENHO

G. Marinangeli ficando sem meios de subsistência pela horrível catástrofe acontecida no teatro de Santa Isabel e não querendo ser de pêso à sociedade, propõe-se a dar lições de música e de desenho como já fizera há 20 anos em cinco colégios de ambos os sexos e em várias casas particulares.

Poderia ser encontrado "na Rua do Sêve" (dita ilha dos Ratos), propriedade do Sr. Tibúrcio, ao pé de quatro coqueiros. Nesse mesmo anúncio, abaixo, a Sra. Giulia Marinangeli, discípula do Conservatório de Milão, achando-se resolvida a deixar a carreira teatral e fixar residência no Recife, "onde sempre recebeu tantas provas de estima e consideração", também dará lições de Música e Canto.

No velho *Santa Isabel* estreou a 14 de fevereiro de 1857 o grande ator João Caetano, lembrando-se sem dúvida de quando em 1824 estivera no Recife, como simples soldado das tropas de Pedro I. Eram no tempo êstes os preços das localidades: camarotes de 1.^a ordem, 8\$; de 2.^a, 10\$; de 3.^a, 6\$, e de 4.^a, 4\$; geral, 2\$. A peça da estréia foi o drama em 5 atos *A Dama de San Tropez*. Antes, João Caetano recita um monólogo de saudação ao público. Nessa temporada já havia ônibus para Apipucos "após os espetáculos". Do repertório constavam o *D. César*, de Bazan, e *Otelo*. No drama *A Gargalhada*, João Caetano, fazendo o papel de louco, compenetrou-se tanto dêle que ao dobrar risadas de insano teve uma síncope, acudindo-o o Dr. Praxedes Pitanga, médico ainda muito conhecido no Recife nos começos dêste século.

Incendiado o teatro, pensou-se logo em reconstruí-lo . O Presidente da Província, nessa época, opinou pelo levantamento de um novo e em outro local. Mas preponderou a idéia da reconstrução. E foi-se cuidando disto. Entrementes, erguera-se um barracão no mesmo Campo das Princesas para servir de teatro. Tomou o nome de "Pavilhão Santa Isabel", e ali trabalharam várias companhias, realizando-se também bailes de máscaras, nos quais se dançaram as quadrilhas da moda: *7 de Setembro*, *Noites de São João*, *Perichole*, *La Coquette*, as valsas *Rainha das Rosas* e *Os Guardas da Rainha*. Terminavam os bailes com o galope.

Nessa mesma época, inaugurou-se na Rua das Florentinas o Teatro Santo Antônio. Ali predominou o gênero brejeiro, sem prejuízo, todavia, de grupos de arte mais nobre, como dramas e operetas. Em francês levaram-se *vaudevilles* como *Haltelá*, *L'Amour d'épiciier* e *Je ne peux pas mettre la main dessous*, o que faz lembrar o atual samba *Tire a mão daí*. No *Santo Antônio* por longo tempo trabalhou a Empresa Vicente & Baía, da, qual fazia parte o ator Xisto Baía e bem assim o maestro Colás. Anunciavam-se melhoramentos no teatro, como rebaixamento do parapeito dos camarotes, que se tornariam mais elegantes e cômodos às senhoras. Adivinha-se que êsse rebaixamento visava proporcionar ao belo sexo ensejo de se mostrar melhor nos seus vestidos de sêda, nos seus adereços de brilhantes... Os camarotes de frente eram mais caros (12\$) do que os de lado (10\$). Havia 6 frisas com 4 lugares, cadeiras reservadas ou não, e gerais. As cadeiras reservadas "poderiam ser ocupadas por senhoras pois eram dispostas espaçosamente". Depreende-se daí que as senhoras não freqüentavam muito a platéia, por ficarem muito próximas dos homens estranhos. Quão longe se estava das superlotações nos bondes!

O *Santo Antônio* foi honrado com a *Grande Companhia Italiana do Cav. Luigi Boldrini*, que levou *Morte Civil*, *Francesca de Rimini*, *Norma*, *Tôrre de Londres* e *Dois Sargentos*. Camarotes a 18\$. O Pavilhão Santa Isabel veio a chamar-se depois *Ginásio Dramático* e *Fênix Dramática*. Viveu, porém, até o *Santa Isabel* reinaugurar-se, o que se deu na noite de 16 de dezembro de 1876, com a ópera de Verdi *O Baile de Máscaras*.

A 27 de setembro de 75 o *Santo Antônio* teve uma bela festa: o benefício da atriz Eugênia Câmara. Benefício com a *Condêssa de Sennecy* e o dueto *Estudante e Lavadeira*. No intervalo a beneficiada visitou as famílias nos camarotes, agradecendo-lhes o comparecimento. Eugênia Câmara lembra Castro Alves. Este na noite de 11 de novembro de 1865 recitara em cena aberta o seguinte soneto, dedicado a Adelaide do Amaral :

Artista, tua voz é a melodia
De Sorrento nas veigas perfumosas;
É teu riso o esfolhar de brancas rosas,
Voar do cisne errante da poesia!

Quando gemes, o arcanjo da harmonia
Colhe em teus lábios flôres odorosas,
E do teu pranto as gotas preciosas
São estrêlas de luz n'alva do dia.

A *Camélia* esfolhada sôbre o dorso

Do mar da vida, em ondas de sarcasmo,
A *Hebréia*, condenada sem remorso...

Tudo sublimas, tudo. E eu digo em pasmo:
"Gênio, gênio... inda mais... sublime esforço
Das mãos de Deus no ardor do entusiasmo".

No ano de 1863 o Teatro Santa Isabel recebia a visita da Companhia organizada por Duarte Coimbra, da qual faziam parte a artista Eugênia Câmara, que iria se celebrar não propriamente por estrêla do palco, mas por haver despertado a imensa paixão de um jovem baiano naquela mesma época chegado ao Recife a fim de matricular-se na Faculdade de Direito: Antônio de Castro Alves.

Assim se anunciara a estréia da Companhia:

TEATRO SANTA ISABEL

Emprêsa de A. J. Duarte Coimbra

Estréia da nova Companhia, honrada com a presença de S. Ex. o Sr. Presidente da Província

1.a récita de assinatura. Hoje.

1.ª representação do magnífico drama em 4 atos e 6 quadros de Octave Feuillet

DALILA

Imitação do Exmo. Sr. Antonio de Serpa.

Personagens

O Cavalheiro Carmoli - Sr. Furtado Coelho

André Rowein - Sr. Lisboa

Sertorius - Sr. Flávio

A Princesa Falconiere - D. Eugênia Câmara

Amélia Sertorius - D. camila

A Marquesa Naray - D. Joana

O Príncipe Kalsch - Sr. Guimarães

O Marquês de Sora - Sr. Lessa

Marieta, criada da Princesa - Sra. D. Leopoldina

Senhoras e Cavalheiros

A ação passa-se em Nápoles. Atualidade. A música é composição do Sr. Furtado Coelho.

1.ª representação do *vaudeville* em 1 ato

A FILHA DE GRINGOLET

personagens

Paulo Haville - 1.º ator do Teatro Francês - Sr. Lisboa

Gastão Lunay - ator cômico - Sr. Penante

Ricardo, discípulo de Paulo - Sr. Guimarães

Sofia Gringolet, Margot e a Embaixatriz - Sra. Eugênia Câmara
Belmont - tambor.
Atores do Teatro Francês

Principiará às 8 horas. Os Senhores Assinantes terão a bondade de mandar buscar os seus bilhetes de camarotes ou cadeiras de segunda-feira em diante no escritório do Teatro, aonde lhes serão entregues os recibos da primeira prestação de 10 réci-tas.

A Emprêsa, de acôrdo com o Sr. Furtado Coelho, admite quatro moços que quei-ram dedicar-se à arte dramática para fazerem seus estudos debaixo da direção da-quele artista, o qual previamente decidirá se podem ser admitidos, visto que se exige o conhecimento de alguns preparatórios indispensáveis para poderem util-mente cultivar a cena.

DUARTE COIMBRA.

Terão aparecido êsses quatro jovens preparatorianos? A julgar pelo preconceito que havia contra os "cômicos" e, ainda mais forte visando as "cômicas", mulheres que até pintavam os rostos, é de supor o que possa ter acontecido, em casa, com os moços cujos desejos pendessem para aceitar êsse convite do Empresário Duarte Co-imbra...

Bastava que se houvesse "perdido" aquêlo moço baiano que vira justamente a vez primeira a Eugênia Câmara, numa noite da *Dalila*.

O Recife do novo *Santa Isabel* já seria bem outro que não o de 1850. Ruas calça-das, iluminação a. gás, bondes de burros e maxambombas, carros em abundância. O aspecto, pois, dessa primeira récita com a música de Verdi, terá sido de um esplendor muito acima do daquela distante representação do *O Pajem de Aljubarrota*, ainda com palanquins à porta e candeias de azeite no palco.

Em novembro de 1876, decorridos sete anos do incêndio que o destruíra, o Teatro Santa Isabel achava-se quase pronto. Era uma nova e mais bela casa de espetáculos. Falava-se do que vinha vindo da Europa em material de arte cênica, decorações, mo-biliário, por ser do maior valor modernista e do mais fino gôsto . Os transeuntes do Campo das Princesas paravam a fim de admirar o suntuoso edifício, e alguns já o ti-nham visitado internamente, saindo de lá satisfeitos. Só se falava no "teatro novo". Afinal, de bordo do vapor *Valparaíso* desembarcaram elementos artísticos da *Grande Companhia Lírica Tomás Pasini*, que inauguraria êsse teatro.

Cenários e guarda-roupa estavam entrando, também. E, por fim, noutro navio che-gavam o tenor Lelmi e a prima-dona Cortezzi. Faziam ainda parte do elenco a prima-dona meio-dramática Isabel Escalante, o primeiro barítono Spalazzi, o baixo Giovanni Scolari. Dezoito coristas de ambos os sexos. Outros cantores de menor vulto. Do re-pertório constavam: *Rigoletto*, *Baile de Máscaras*, *Lúcia*, *Trovador*, *Favorita*, *Barbeiro de Sevilha*, *Lucrecia Bórgia*...

A noite de inauguração do Teatro Santa Isabel e da estréia da Companhia Pasini seria com o *Baile de Máscaras*. Os preços das localidades eram êstes: Camarotes de 1.^a ordem, 14\$; de 2.^a, 16\$; de 3.^a, 12\$; de 4.^a 6\$; cadeiras de galeria e de 1.^a clas-se, 3\$; de 2.^a, 2\$; platéias, 1\$; "paraíso", 500 rs. Libretos das óperas a dez tostões.

Na véspera, à noite, fizeram experiência da iluminação, que esteve esplêndida, e a orquestra verificou se a posição das estantes era conveniente. Executaram o Hino Nacional e a *ouverture de Marco Sparda*. "As poucas pessoas que ali se achavam sentiam uma verdadeira emoção de alegria, quando o conjunto harmonioso dos instrumentos despertou os adormecidos ecos daquela restaurada sala. Foi um prelúdio de gozos que não tardaram muito a se realizarem".

É de se imaginar essa emoção por parte dos que outrora, ali, se haviam tanto deleitado, antes do pavoroso incêndio de 1869, e, agora, reviam a platéia mais formosa, mais ampla, mais luxuosa, onde de fato gerações e gerações viriam a se deliciar com o drama, a ópera, a opereta, a revista, a comédia...

A noite de 16 de dezembro foi a da inauguração. O espetáculo iniciou-se às 8 horas, com a chegada do Presidente da Província. Da sociedade que enchia camarotes, cadeiras, galerias, basta-nos, para têmos uma idéia, povoar mentalmente tôdas essas localidades com aquêles tipos masculinos, de severas barbas, negras casacas, gravatas de voltas, colarinhos pontudos, peitilhos gomados, alguns ostentando comendas. E ao lado, nos camarotes sobretudo, as damas de cabelos penteados pelos cabeleireiros de Paris, os colos desnudos nos decotes, as jóias chovendo nos pescoços, nos dedos, nas orelhas, nas cabeças, os amplos leques de plumas, as saias tufadas... Moviam-se os binóculos. Cumprimentavam-se conhecidos. Sorria-se com inocência ou malícia. As carruagens deixavam mais gente sob as arcadas do teatro. Espalhava-se o aroma forte dos mais apreciados extratos franceses. O maestro apareceu e dali a pouco iniciou-se o *Baile de Máscaras*.

Noite inolvidável! Uma casa de espetáculos que fazia inveja ao Brasil inteiro. E no outro dia o noticiarista entusiasmava-se:

"Muitas cadeiras da platéia achavam-se ocupadas por senhoras, como é uso nas cidades adiantadas da civilização'."

Senhoras na platéia! Que se poderia dizer mais? Uma maravilha de progresso! Ia-se encetar a verdadeira existência de brilho do *Santa Isabel*. Todos os gêneros e muitas celebridades visitá-lo-iam. Nunca o amor à arte cênica se manifestara tão forte nos pernambucanos. Hajam vista os benefícios dos artistas. Legítimas apoteoses, que começavam no conduzir-se o beneficiado ao teatro, em cortejo de carros, com fogos de bengala e música de pancadaria. As ornamentações da platéia eram caprichosas. Os discursos, as poesias, as flôres diziam do entusiasmo. E não menos os presentes. Em 1881, para citar um simples exemplo, a prima-dona Senespleda, ao dar sua récita de honra, com *A Traviata*, recebeu de seus admiradores: - uma pulseira de ouro com brilhantes; outra de ouro cravejada de pérolas; outra com a palavra "Amizade"; outra ainda com brilhantes; um anel de ouro com três voltas, dois rubis, duas esmeraldas; um porta-buquê de pdta; duas salvas de prata; uma cestinha de cristofle; uma caixa de charão com rendas da terra; um leque de madrepérola; três buquês de flôres artificiais com laços de fitas; um buquê de flôres de cêra; uma medalha de ouro e brilhantes; uma faixa de sêda azul bordada a ouro; uma coroa de louros. *Excusez du peu*.

Esta coroa lhe foi posta à cabeça no palco, e na ocasião a Senespleda entregou a carta de alforria a uma negrinha, Maria Rosalina. Além da *Traviata*, a beneficiada cantou a ária da *Dinorá*.

Em 1871 houve uma surpresa teatral. Tocara neste pôrto o vapor francês *Galatéia*, em que viajava para o sul o grande trágico Rossi. De repente, sabe-se que o vapor demoraria aqui três dias e que Rossi se exhibiria nesta capital. Um presente inespera-

do do Céu. E de fato Rossi deu três representações, com o Cid e *Orestes*. Tal a impressão por êle provocada, que o Sr. Plínio de Lima recitou uns versos que terminavam assim:

És a estátua animada da tragédia,
O gênio da paixão, da dor talvez.
Tu tens a alma transbordando glórias,
Tu tens dois mundos te beijando os pés.

Um teatrinho que fêz época no Recife, no fim do século passado, foi o *Nova Hamburgo*, na Rua das Florentinas. Pertencia a uma cervejaria, e, embora se dedicasse mais ao gênero café-cantante, também abrigou companhias de declamação e de canto. O seu forte, porém, era a cançoneta, o dueto, a dança. Bailarinas que se exibiam escandalosamente no cançã... Mostravam-se as pernas e os calções... As famílias tinham o *Nova Hamburgo* como "um antro de pecados", e os homens como "um paraíso na terra". Choque de opiniões. Ali também se realizaram grandes concertos.

Outros teatros recifenses que mereceram predileções foram os de arrabaldes: os da Encruzilhada, Capunga, Afogados, Monteiro, Poço da Panela. Neste último subúrbio inaugurou-se de maneira solene o *Ginásio Campestre*, na noite de 18 de outubro de 1868. Ficava no sítio do Coronel Lobo. Possuía 24 camarotes, 300 cadeiras e 144 gerais. O Conde de Baipendi, Presidente da Província, estêve presente à inauguração. Levou-se à cena a alta comédia em 3 atos de Scribe, com música do maestro Colás - *Giralda*. Vendiam-se bilhetes para 10 récitas a 115\$000 para os camarotes, 22\$500 para as cadeiras e 12\$500 para geral: "Iluminação veneziana". Trens grátis.

O teatro do Monteiro era o *Ginásio Dramático*, do empresário Giovanni.

Em Caxangá, o *Teatro Chalé*.

Em todos funcionaram companhias francesas. Também foram comuns os dramas-pastoris ou presepes, como o do ator Santa Rosa, na Capunga, constituído de moças de família e de grande fama.

O *Teatro de Apolo* teve seu ocaso em 1864. Fizeram leilão de seus pertences: 5 sofás de amarelo, 8 consolos de pedra-mármore, 2 de jacarandá, 300 cadeiras idem, 4 estufadas, 184 mochos com palhinha, 24 bancos também de palhinha, 24 sem encosto, 8 estantes de música, 4 grandes estrados, 8 cadeiras de couro, 3 lustres, 19 arandelas com mangas. O teatro ia virar armazém de açúcar, e ainda hoje o prédio exhibe melancolicamente sua fachada antiga, em que há, no alto, um emblema da *Sociedade Harmônico-Teatral*.

No palco do *Santa Isabel* todo o repertório do tempo foi encenado. Operas de Donizetti, Bellini, Verdi, Rossini, Mascagni, Massenet, Leoncavallo, Puccini... Tôdas as operetas famosas: *Mascote*, *Bocácio*, *Sinos de Corneville*, *D. Juanita*... Todos os dramas: *Duas órfãs*, *Mártir*, *Dama das Camélias*, *Os Velhos*, *João José*, *Morgadinha de Val-Flor*... Sem falar nos mágicos, saltimbancos, bufos. Viriam as revistas: *Rio Nu*, *Irene*, *Capital Federal*, *Jagunço*, *Tintim por tintim*... E os *vaudevilles* apimentados: *Lagartixa*, *Hotel do Livre-Cambio*, *28 dias de Clarinha*... Isto já se entrando pelo século XX, cujos primeiros anos ainda foram de constante esplendor do nosso velho e belo teatro.

Dos começos dêste século lembram-se ainda temporadas magníficas, como a de

Cristiano de Sousa-Lucília Simões. Em setembro de 1901 precisamente. Faziam parte da *troupe* Nanete de Sousa, Inácio Peixoto, Rangel Sobrinho, Ramallete, Chabi Pinheiro, Matos, Alberto Silva. Êste era também dado à aeronáutica; trouxera um balão e quis subir nêle, aqui no Derby. Mas um dia o aeróstato apareceu incendiado. E fracassou a ascensão.

Encenaram no *Santa Isabel* a *Zazá*, a *Tosca*, *Francillon*, *Diana de Lis*, *Blanchette*, *Lagartixa*. Os benefícios ainda se revestiram de pompa, com ornamentações, cortesjos, presentes, sobretudo o de Lucília Simões. Levara a *Zazá*, com um ato de variedades. Quem não se recorda de Chabi a declamar: "Rataplã... Rataplã... Rataplã" com aquela sua dição maravilhosa?

E nessa vizinhança saudosa de 1900, a *Gustavo Campos*, a *Tomba*, a Aurélia Vieira, a Ângela Pinto, o *Brasão*, a *Silva Pinto*. Uma sucessão de gêneros, com a *Marcha de Cádiz*, *Tempestade*, *A Mártir*, *Amor de Perdição*, *Ao Telefone*, *Frei Luis de Sousa*, *A Severa*, *Rio Nu*, *Irene*, *A Capital Federal*...

Já em 1909 uma estréia sensacional - *A Viúva Alegre*, a famosíssima opereta de Lehar que o mundo inteiro cantava e aplaudia, pela primeira vez entre nós. A *Cia. Miranda*, com Martins Veiga e Lopicolo, no-la dava a conhecer. E no outro dia o Recife começava a assobiar a valsa de Ana Glavari.

Os tempos iam mudando. Já não se cantarolava tanto aquela ária deliciosa do *Bocaccio*:

Feliz, na infância dorme
Em paz o coração...

ou a do *sourcouf*:

Um dia me deu na veneta
Um banho no rio tomar...

Agora todos sabiam era o:

Encontro no *Maxime*
Um restaurante sublime,
Cocottes às centenas,
Quer louras ou morenas...

Mas o teatro ainda não tivera de enfrentar o seu adversário o cinema - e os espetáculos continuavam a constituir uma preocupação de arte e de moda.

Outras as costureiras: Madame Fanny e Pigeon, as Carmelas, a Gérard; outros os alfaiates: o Melichareck, Virgílio Cunha, Manuel do Carmo, o Falbo; lojas de jóias do Krause, Goetschel, couceiro; de modas - a *Viúva Guilherme*, a *Casa Inglesa*, o *Louvre*, a *Rosa dos Alpes*, *Paradis des Dames*, o Coelho; cabeleireiros - o Odilon Duarte e o Peniche; sorvetes no *Café Rui* e na *Puerta del Sol*... !

Era nesses estabelecimentos de realce, do tempo, que cavalheiros e damas, rapazes e moças, se apuravam no trajo e nos enfeites para bem se mostrarem nos cama-

rotes, nas cadeiras e no salão do *Santa Isabel*.

Teve o *Santa Isabel* seus maus dias, é claro. Emprêsas que fracassavam e se dissolviam. Mortes de artistas. Resingas intimas. A ponto de uma fôlha humorística ironizar :

O Santa Isabel está com cafife. O Bérard adoeceu. O Peixoto brigou com a Ângela. A Ângela foi roubada na pensão. O Mafra arengou com o Leal e foi demitido. A orquestra substituíram-na pela banda de música da polícia. A Carolina Falco morreu.

Só um frade benzendo...

Não teria sido preciso chamar Frei Celestino, na Penha. Mesmo porque êle estaria muito ocupado a discutir com o pastor protestante Salomão Ginsberg e a queimar-lhe as bíblias...

Theatroscopio

Rua Dr. Rosa e Silva n. 61
(ANTIGA DA IMPERATRIZ)

FUNCCIONARÁ DEPOIS DO CARNAVAL

VISTAS ANIMADAS E FIXAS

*Espectaculo variado recommendado ás
exmas famílias*

SANTOS DUMONT e seu dirigivel

A SAHIDA PARA O PREMIO DEUTSCH

QUO VADIS

scenas tiradas do romance do celebre
escriptor Henrique Sienkiewicz.

VISTAS COM TRANSFORMAÇÃO

A PAIXÃO DO CHRISTO

11 scenas tiradas dos quadros dos mais
celebres pintores : Leonardo, de Vinci,
Murillo, le Prinatice Munkasky, etc.

E MUITAS OUTRAS VISTAS, RE-
CEBENDO NOVIDADES POR TO-
DOS OS VAPORES.

O cafife era momentâneo. Viriam novos triunfos com a Rotoli-Biloro ou a Vitale, se-
não com a Itália Fausto ou o Leopoldo Fróis.

Em 1910, quando o cinema por sessões já triunfara no Recife,. com o *Pathé* e o
Royal na Rua Nova, inaugurou-se na Rua da Imperatriz o Cine-Teatro Helvética, ane-
xo a uma fábrica de bombons do mesmo nome.

Êsse *Helvética*, com o seu jardim interno e o seu palco, encheu a vida recifense
por mais de dez anos e pontilhou-a de malícia e encanto brejeiro. Foi o *Nova Ham-
burgo* do século XX. Mais aperfeiçoado, é óbvio. Com luz elétrica, piadas modernas,
chiste por música, começos de nu e *pezzi-duri*... Programas cinematográficos e com-
panhias de teatro ou conjuntos ligeiros. Brandão Sobrinho com *Pra-Burro*... Os Geral-
dos, a Bela Zazá, a Tressols, Le Chocolat..., Laura de sade, Los Criolitos... O maestro
Ribas com a sua orquestra e as suas canções em voga.

O *Helvética* dos dias agitados do dantismo com a *Vassourinha* e os tiroteios!

O *Moderno* e o *Parque* nasceram como êsses filhos de fidalgos, cheios de altos
preconceitos e que depois se acomodam democráticamente a posições menos osten-
sivas. Ambos se inauguraram em 1915. O primeiro com uma companhia lírica que
cantou óperas novas no Recife; depois abrigou outras emprêsas de realce, e por fim
virou cinema. O *Parque* teve sorte idêntica. Viram-lhe o palco ocupado por conjuntos
de ópera, opereta, declamações, revistas. Da *Vitale* ao *Pé-de-Anjo*... A *Velasco* e a
Bataclã... Depois, igualmente, cinematógrafo.

A princípio, em ambos, as excelentes orquestras. Por fim, os alto-falantes...

Foi, dêste modo, relativamente efêmera a importância do *Helvética*, do *Moderno* e
do *Parque* na crônica teatral do Recife.

Nenhum dêles pôde nas suas platéias oferecer o ambiente de distinção do *Santa*

Isabel. A cidade terá de possuir breve outra casa de espetáculos com proporções que permitam uma assistência a preços razoáveis e compensadores para as grandes companhias, que já não nos visitam porque o *Santa Isabel* seja pequeno e as localidades tenham de ter alto preço.

Todavia, com o à-vontade da indumentária de hoje, êsse novo teatro não obterá mais, sem dúvida, o brilho, a galanteria, a elegância das grandes noites de outrora.

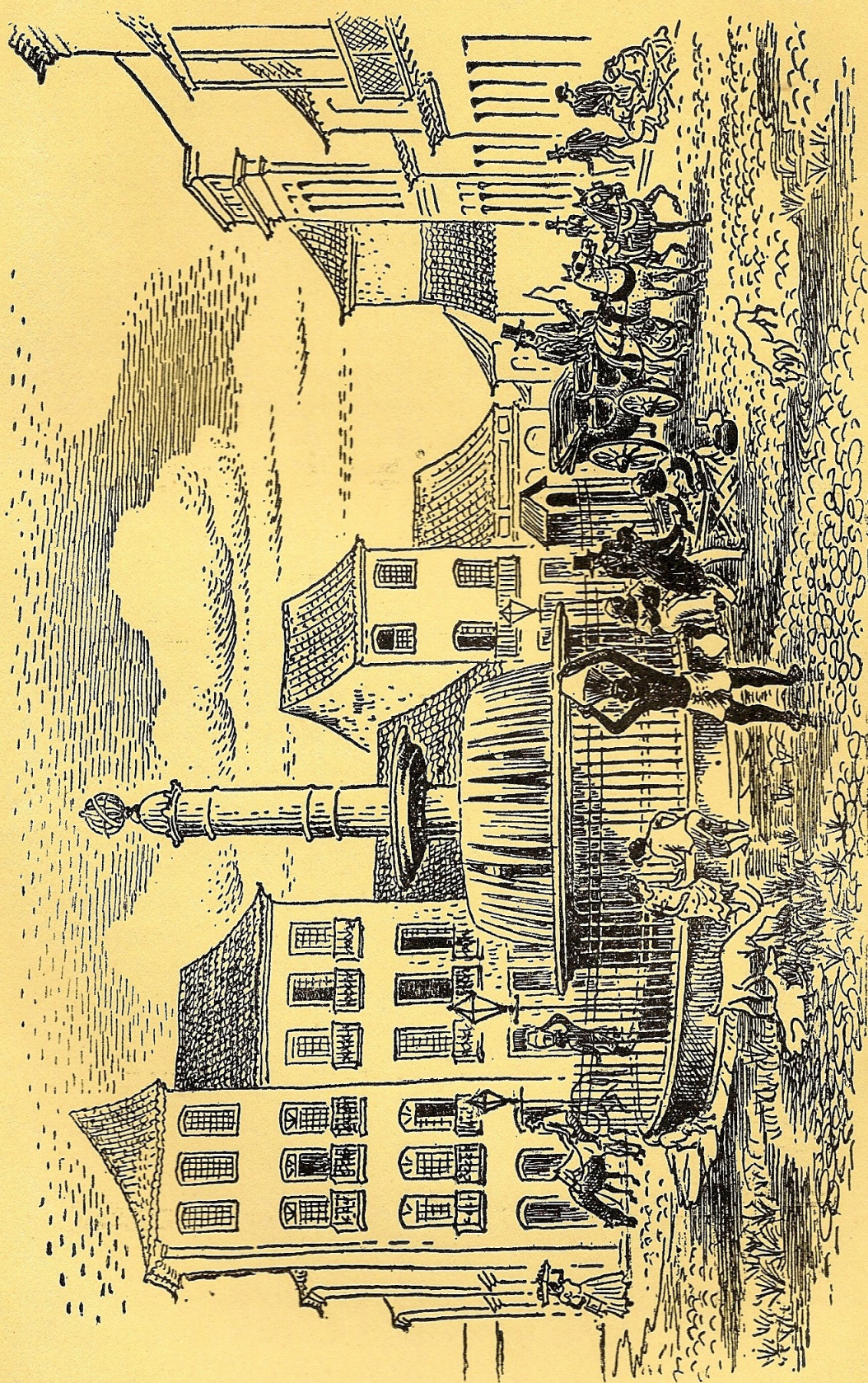
Guardará, no entanto, o *Santa Isabel*, para os que as conheceram. a recordação de sua platéia fina e imponente, repleta de casacas ou de fraques, de peitilhos com abotoaduras de brilhantes, de vestidos de sêda que rangia, de diademas e penachos, de tôda aquela finura que se espalhava pelos corredores e pelo salão cheio de sofás antigos e de espelhos dourados.

Os espelhos ainda lá se acham, mas, se falassem, que nos diriam a respeito de modas e de maneiras? É melhor que não falem.

Deixemo-los com suas mudas recordações. Para que as externarem? Há sempre tanto desagrado quando se é sincero... Fiquemos nós com as nossas intimas evocações do *Santa Isabel*. Vejamos na bilheteria o Mafra com seu cavanhaque; à porta o João dos Cartazes a distribuir programas; sob a arcada, o Lanchê vendendo pãozinhos recheados de camarões, e, lá fora, as barraquinhas de tôlido de lona onde o café cheirava tanto e os saudiúches não eram microscópicos... E se voltamos à nossa cadeira ou à nossa "ostra", por ser noite de enchente, evoquemos, no gênero ligeiro, a voz da Pepa Ruiz a entoar no *Tintim* :

Uma flor no peito
Quer dizer respeito...





A praça do Aterro da Boa-Vista com a “peça de arte” do Chafariz monumental.



É conhecido o episódio do copo d'água de Van Schkoppe. Os batavos achavam-se encurralados no Recife quando pela segunda vez o general holandês veio a Pernambuco. A situação dos compatriotas era crítica, e êle acudia com a fanfarronada de quem se constituíra ali, anos antes, um vitorioso, se bem que com a ajuda valiosa de Calabar. Libertaria do assédio as tropas flamengas e conduzi-las-ia a novos triunfos. Favas contadas. Logo ao desembarcar, folgazão e otimista, pede água para beber. Lembrava-se da que outrora sorvera, em tardes de calor, por aqueles arredores sombreados e deliciosos da terra pernambucana. A de bordo era intolerável, com sabor de barril, e tivera de achá-la suportável durante um mês e tanto. Agora, beberia água límpida, gostosa, fresca. E um oficial, cortês ou bajulador, trouxe-lhe pressuroso o copo d'água. Bebe-a Schkoppe e faz uma careta. Diabo! Salobra, ruim!... Desculpam-se. A melhor que havia. Os soldados bebiam líquido pior, quase lama. A boa, ainda existia, sim, porém longe, de cacimbas onde ir buscá-la constituía arriscar-se a 99% de probabilidades de morrer. Os insurretos tocaiavam os que iam ali e atiravam de pontaria certa. Schkoppe conformou-se, não sem esta frase resoluta:

- Breve eu dou a vocês outra água para beber!

Não a deu. À primeira tentativa de rompimento do cêrco, nos Guararapes, Schkoppe é derrotado e é ferido. Continuou a beber água salobra até voltar à Holanda.

O problema do abastecimento d'água no "povo" dos Arrecifes terá sido, desde a fundação dêste, o do transporte em barris ou potes de rios ou cacimbas em que o líquido para a bebida ou a cozinha fôsse realmente doce. A do Capibaribe, ali perto da foz, era salgada. Iam portadores a pé ou em canoas, venciam sensíveis distâncias, empregavam muita atividade e esforço na tarefa. E a água sempre seria insuficiente

ao consumo da gente que crescia na povoação e dos que ali apartavam em navios do reino.

A primeira água que os recifenses beberam mais à vontade foi a do rio Beberibe Vinha de Olinda em canoas e era vendida nas praias fluviais do Arrecife. Embora o serviço desse lucros e interessasse aos que o exploravam, êstes punham a população em situações críticas. Não se podia botar as panelas no fogo.

Em 1749 realizaram-se em Olinda notáveis melhoramentos na captação das águas do Beberibe para o consumo público: construíram uma ponte de cantaria lavrada com dez arcos, muito imponente, e uma muralha que represava o rio, evitando que o atingissem as marés altas. Dezoito bicas deixavam a água gostosa e límpida correr para os baldes, as gamelas, os barris... Todo o mundo ia ver essa maravilha: em cima, a água doce; em baixo, a água salgada. Os canoeiros, sôbre esta última, colhiam a potável, num verdadeiro milagre de engenho. As 18 bicas do Varadouro davam que falar a tôda a população da Olinda do século XVIII.

Davam que falar somente, não. Prodigalizavam-lhe ensejos de prazer, de divertimentos, de repouso e de urbanismo. O Varadouro tornou-se logradouro delicioso, encantador. Puseram bancos ao longo da muralha. Árvores de sombra. Havia banheiros para os bons mergulhos. Afluíam moradores e forasteiros. Interêsses de tôda espécie: despachos de gangas, quinquilharias, vinhos, brocados, trazidos da Europa; embarques de açúcar e de algodão; palestras com amigos; entretenimentos de namoros; ócios de meditações, de projetos... O Varadouro via de tudo. O palanquim de rebuço com uma dama curiosa de espiar as bicas; os buréis dos frades, as barretinas dos "henriques", a belbutina dos pajens, a chita das mulatinhas, o veludo dos mazombos, a estamenha listrada dos escravos. Carregadores d'água. Pretas vendedoras de pastéis e cocorotes, beijos e alfelôs, tapiocas e alfenins. Apareciam também estudantes e poetas. Glosavam o mote em voga:

Honra a cidade de Olinda
A ponte do Varadouro,

assim:

"Salvando a extensão infinda
Onde Netuno é senhor,
O grande Souto-Maior
Honra a cidade de Olinda
Mal outro govêrno finda,
Vem um outro imorredouro,
Que Jove cobre de louro
E para o saudar jucundo
Se ilumina além do mundo
A ponte do Varadouro."

Passavam perto, na quaresma, as procissões. Desde a do Entêrro, com seus irmãos encapuzados e os cantos dolentes das beús, à de Cinzas, com o papangu à frente brandindo um rêlho e recebendo caroços de pitombas. Em noites de lua, toca-

vam violas e entoavam lundus.

O Varadouro estava até na ironia dos versos populares :

Caixeiro bebe na venda
E o patrão no *Varadô*...

Êsse sistema de condução em barcos vigorou até o século XIX, quando o Recife veio a ter "água da encanação". Traziam-na até então quer do Beberibe, quer dos Apipucos, via fluvial, ambas apreciadas pela finura, côr e gôsto. O negócio da venda-gem de água pelas ruas e domicílios deveria ser rendoso para os senhores dos escravos que dêle se encarregavam, porquanto pediam pelos jornais, para aluguel e compra, pretos que já fôssem afeitos ao mister. Eram os "aguadeiros", profissão em que muitos libertos de 88 permaneceram, servindo às casas não providas ainda de "água encanada". Construíram-se, depois, depósitos d'água em certos pontos da cidade, pois em 1831 se aludia a um dêsses reservatórios na Rua Nova. Iria ser demolido pela Prefeitura, motivo por que "ninguém poderia fazer mais negócio com êle". Certamente, dali, com mais presteza, os aguadeiros transportavam a domicilio sua carga ambicionada pelas famílias, que ansiavam por botar as panelas no fogo para o almoço. Também as pretas se entregaram ao serviço de carregar água. Na Rua do Sol, "canoa d'água do Januário", precisava-se de boas negras vendedeiras, dando-se um cruzado, ou um "sêlo", a quem se apresentasse para tal mister. Vendia-se uma canoa para carregar oito patacas d'água.

Uma das qualidades de água mais em aprêço era a da "bica do Monteiro", que se oferecia coada em três panos antes de entrar para o depósito. Custava 20 réis o caneca, na Rua da Praia, por trás da Ribeira, casa de esquina.

Uma postura de 1840 determinava que não se conduzisse água em canoas abertas, e sim em tanques ou pipas fechadas.

Essa angústia pela água revelava-se indiretamente em certos aspectos da vida de então. No uso do banho, por exemplo. Quem morasse em casa perto do rio estava servido neste particular; tanto assim que o banho de rio nesses tempos passara a ser um prazer, quando não um remédio. Os banheiros de palha faziam parte do conforto até dos palacetes do Poço, Ponte d'Uchoa, Monteiro... Mas os que residiam no centro da cidade e nos sobrados? Banhos de bacia e de gamela. Quando havia água bastante... Num regulamento de internato fixavam-se os dias de quartas-feiras e sábados para os alunos se banharem, e em outra publicação semelhante fazia-se o elogio do banho como uma necessidade higiênica.

Em 1837 aparece a lei provincial que autorizava o contrato para o serviço de abastecimento d'água da cidade do Recife, "por meio de aquedutos apropriados, utilizando-se para êsse fim o açude do Prata, em Apipucos, ou o rio Beberibe. Construir-se-iam três chafarizes no bairro do Recife, seis no de Santo Antônio, três no da Boa Vista, um na Soledade. O prazo para a realização total da obra seria de 8 anos, e o da concessão de 35. A empresa a ser organizada obrigava-se a fornecer o balde d'água a 20 réis, fazendo-o gratuitamente às estações públicas, navios do Estado e incêndios".

Não tardou a instalação da Companhia que se chamou do Beberibe. 20 de dezembro de 1838. As 11 horas da manhã, no prédio da Sociedade Apolínea. Elege-se o Conselho Deliberativo Discursa o Sr. Bento José Fernandes Barros. É lavrada a ata dessa notável sessão; assinaram-na José Ramos de Oliveira, como presidente, Bento

José Alves, secretário, e na qualidade de escrutinadores, Dr. José Bento da Cunha Figueiredo e Manuel Coelho Sintra. O Conselho Deliberativo fica formado dos Srs. Manuel Coelho Sintra, Bento José Fernandes Barros, Bento José da Costa, Bento José Alves, Francisco Manuel Silva Tavares, João Pinto de Lemos, Manuel Gonçalves da Silva e Antônio José Pires.

Como se vê, nessa reunião fundamental eram tantos os Bentos que a água não poderia deixar de ser mesmo abençoada para os recifenses.

De 1841 há notícia de outra sessão, em que os acionistas da Companhia do Encanamento d'Água tomaram conhecimento das plantas; plano e orçamento apresentados pelo engenheiro Coronel Conrado Jacob de Niemeyer e Major Pedro de Alcântara Bellegarde. Mais um ano decorrido, e já se falava em que a água encanada estaria na Boa Vista muito em breve. Convidavam-se as pessoas que quisessem visitar as obras do encanamento da água do Prata a verem-na correr da torneira colocada junto à povoação do Monteiro. Encontrariam os visitantes ali, durante 5 dias, um servente encarregado de satisfazer êsse desejo da população, abrindo a referida torneira.

Sem dúvida, os caminhos do Monteiro encheram-se de curiosos: A cavalo, a carro, de cadeirinha, quando não a pé ou em canoa, poucos foram os que deixaram de fazer seu passeio ao arrabalde famoso e de provar a água fria e límpida. Ah! quando ela chegasse à cidade a um simples torcer de torneira! O mundo seria outro. E a água foi descendo...

Em 1845 estava na Ponte d'Uchoa. Já os aguadeiros iam ali buscá-la para distribuí-la pela cidade. Tão perto! O exame dessa água afirmara: "mais leve, mais pura, e de modo algum impregnada de matérias betuminosas e insalubres". Sabia-se lá como eram tratadas as canoas que traziam a de Olinda! Diziam que os negros tomavam banho dentro dos depósitos... Por isso mesmo havia tanta febre maligna!

Gabava-se também o local dos mananciais. Um paraíso. Matas, "lagos poéticos", caminhos rústicos, passarinhos a cantar. Servia para passeios, repouso, piqueniques. E - acrescentavam os maldosos - amôres... Evocava-se o episódio de Branca Dias atirando ao açude sua baixela de prata ao ser prêsa como feiticeira... Aguardava-se com impaciência a água da encanação. O próprio local do manancial já tomara êsse nome que depois enfeitaria a estação da maxambomba.

Afinal, no dia 21 de maio de 1846 inaugura-se a caixa d'água da Rua do Pires, o grande reservatório da cidade. Cedinho o bairro da Boa Vista traía-se em ares de festa. E festa invulgar. Interessava a crentes e rebeldes, a ricos e pobres, a negros e brancos. Em coretos próximos, as músicas da linha e da Polícia tocavam dobrados daqueles que faziam o povo bulir com as pernas sem querer. Até as moças, "Deus me perdoe!". Foguetes estralando. Moleques a correr para apanhar tabocas. Outros com medo das cabeças. Arcos de murta e de café ornamentando a Rua do Pires. Luminárias preparadas para de noite. As 11 horas chegam as autoridades: o Presidente da Província e o Bispo. Foi êste quem abriu a primeira torneira, usando uma chave de prata. E a água jorrou bonita de verdade, quase espumando, entre as aclamações da multidão:

- Viva Sua Majestade o Imperador!
- Viva Sua Majestade a Imperatriz!
- Viva Pernambuco !

Abriram-se outras torneiras. Água de não se acabar mais. Um júbilo intraduzível. Bôcas que sonhavam com fartura dera a sêde. Corpos que freMIam ao gôzo das ga-

melas a transbordar.

Nesse mesmo dia entraram em funcionamento os chafarizes da praça da Boa Vista e da subida da ponte do mesmo nome. No ano seguinte inauguravam-se mais os do pátio do Carmo, Paraíso, Passeio Público, Ribeira. Posteriormente chafarizes na Trempe, Soledade, Rua da Cruz, junto ao Arco, Atêrro dos Afogados, Forte do Matos.

Outra festa proporcionou a água aos recifenses. A da inauguração, na Praça da Boa Vista, antiga do Atêrro, de um chafariz monumental, obra de Mestre Vilmer. Maravilhoso. A imprensa descreveu com pormenores essa "peça de arte", de imponência escultural, e que produzia um espetáculo magnífico com seus jorros d'água. Na fonte liam-se êstes versos:

O Prata, longe, entre bosques,
A luz do Sol se encobria,
E nas sombras suspirando,
Selvagem, dúbio, corria.

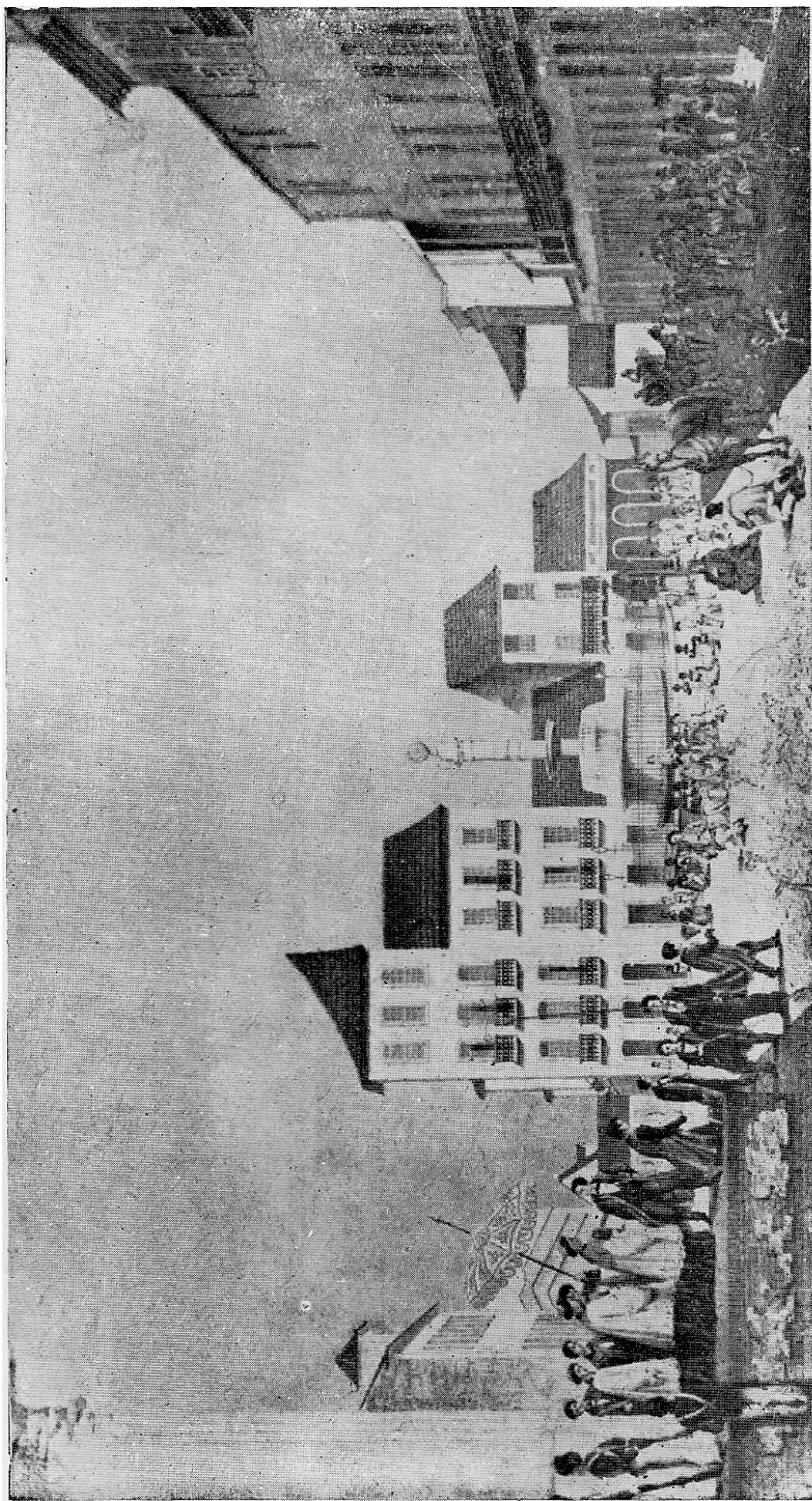
Cívico esforço o destorce
E ei-lo loução se desliza,
Saúda o Prata a cidade,
Grato à mão que o civiliza.

Consoante explica Pereira da Costa, êsse chafariz não é o mesmo que hoje se ostenta na Praça Maciel Pinheiro; foi demolido o primitivo, e o atual ali erguido para comemorar o término da Guerra do Paraguai, por iniciativa e como homenagem dos moradores do bairro. O antigo, porém, ainda se vê na gravura de Schappriz, aliás merecendo, no momento do desenho, a atenção de vários transeuntes. Em fôlhas antigas mais de uma vez encontramos anúncios de uma casa comercial naquele largo com a indicação particularíssima de "casa defronte da boneca". Essa boneca seria porventura a figura do índio do monumento? É possível.

Como uma das boas conseqüências do serviço de abastecimento d'água da cidade verifica-se a inauguração de uma Casa de Banhos, no Pátio do Carmo. Dispunha de duchas e oferecia aos clientes 18 quartos, sendo 2 de chuveiro. Banheiros para homens e senhoras, "rigorosamente separados". E preconizava suas vantagens: "Em todos os países do mundo cresce diàriamente o número de estabelecimentos denominados de Hidroterapia." As duchas, produzindo um abalo salutar no sistema nervoso e dilatando os vasos capilares, curavam esgotamentos, erupções cutâneas; beribéri, ingurgitamentos do baço e fígado, histerismo, impotência, palpitações nervosas...

Já em 1871 cogitava-se de nova linha adutora, por insuficiência da primeira. Havia "queixas de falta d'água". Fizera-se um passadiço a fim do cano-mestre ligar a Boa Vista a Santo Antônio e êste bairro ao do Recife, e a Associação Comercial reclamava porque as embarcações - rebocadores e alvarengas - não podiam viajar por baixo do passadiço nas marés cheias.

Com a escassez do líquido, o balde chegou a ser vendido a 20.0 réis. E não chegava para quem queria. Talvez por isso os olindenses, ao se instalar ali o serviço da *Santa Teresa*, espalharam êstes versinhos meio jubilosos, meio irônicos:



O Largo do Atêro da Boa Vista. O "Nosso Pai" sai da Matriz.
O chafariz recém-inaugurado ali se ostenta.

No domingo às 5 horas
Da tarde, lá nos Milagres,
Povo, nobreza e os padres
Fizeram correr torneiras
Com as bênçãos costumeiras.

Que água clara e bonita!
Melhor muito que a do Prata.
Quem quiser ver a cascata
Venha cá no Varadouro
Que chafariz tem calouro.

A água continuou a dar assunto para os comentários da cidade - de gabo ou de censura, de agradecimentos ou de ingratidões. Haveria quem tivesse saudades da "canaoa", principalmente se os diretores da companhia fôsem de política contrária... Contudo apareciam entusiastas:

Corri ruas, becos, pátios,
Visitei lojas, boticas
E fui até ver as bicas
Ou Caixa d'água do Prata
Que da gente a sede mata.

A Companhia do Beberibe prosperava. Em 86 já distribuía seu 77.º dividendo, à razão de 4\$400 a ação; o pagamento efetuava-se no escritório da empresa, das 10 da manhã à 1 da tarde diariamente, até o último dia do mês, e depois aos sábados. O aviso era de 14 de novembro, e assinado pelo diretor-secretário José Eustáquio Ferreira Jacobina.

Os sítios dos chafarizes ofereciam ao Recife de então cenas das mais interessantes e típicas. Eram pontos de reunião constante de negros e negras. Rezingas por preferência das torneiras: - "Me despache, seu João, que a branca tá m'esperando mode tomá seu banho!" Havia também idílios. Promessas de alforria para casamento. Um rapagão juntava dez réis a dez réis um quinhão para comprar sua liberdade ao senhor. A crioula de dentes alvos e olhos vivos já era ventre-livre, mas ficara servindo por gosto. Conversava-se. Maliciava-se. Falava-se dos donos: - "Judeus!" As vezes um soldado de polícia intervinha e dispersava a negraria, mandando-os para "sua vida".

Êsses aspectos diminuíram de interesse quando os canos da *Beberibe* foram entrando pelos domicílios. Foi um alívio: não se precisava mais cuidar da hora de irem os moleques buscar a água nem de tomar sentido para que eles por pirraça não despejassem os baldes na escada. - "Encapetados!" Agora, era só abrir a torneira.

O problema da água, entretanto, em certos arrabaldes ainda persistiu com suas dificuldades. Havia as cacimbas dos sítios, mas nem tôdas tinham água boa para se beber. As que de tal regalia desfrutavam, mereciam a freguesia das redondezas. Vendia-se o líquido aos potes e baldes, quando não se dava de graça por amizade ou

gentileza. Houve cacimbas famosas, cuja água não se trocava pela do encanamento. Algumas de serventia pública, em pátios, como a do Carmo, em Olinda. Ainda há bem pouco tempo uma delas, no Morro da Conceição, deu assunto à imprensa, por lhe quererem emprestar fama de milagrosa. As cacimbas do Recife sofreram uma guerra tremenda por volta de 1912, quando a Saúde Pública encarou a sério o combate à febre amarela. Mandavam aterrá-las, e os donos o faziam recalcitrando, murmurando, quando não as conservavam clandestinamente.

Nos seus "tempos áureos", as cacimbas serviram de motivo a questões de posse, a lutas entre vizinhos, desavenças que passaram de geração a geração. E sítios alcançaram muito bom preço por causa da cacimba unicamente. Anúncios de aluguel frisavam: "casa com cacimba".

A Companhia do Beberibe possibilitou um grande melhoramento a mais para a cidade: a criação de um Corpo de Bombeiros. Antes mesmo, no entanto, já os menores do Arsenal de Guerra e da Marinha dispunham de bombas para apagar o fogo. Eles compareceram ao falado incêndio do Teatro Santa Isabel. Os sapadores iniciaram sua missão de coragem e de benefício, que culminou há pouco tempo, quando ardeu durante 36 horas um tanque de óleo situado entre dezenas de outros cheios de gasolina prestes a explodir - e que não explodiram graças aos esforços dos bombeiros.

No comêço dêste século deu que falar a Companhia do Beberibe numa célere questão médica, que tomou o nome de "saturnismo". Vinham-se dando casos alarmantes de cólica, vômitos e tonturas em certa parte da população. Alguns dêles fatais. E não se sabia a que atribuir tais manifestações mórbidas. Iam aumentando os doentes e os mortos. Qual seria a causa? Interessa-se a classe médica e opinam alguns dos seus membros tratar-se de envenenamento pelo chumbo. Os sintomas eram característicos. Chumbo de quê? Dos canos que a *Beberibe* usava nas ligações entre o coletar principal e as derivações para os domicílios Assim pensavam quase todos os médicos. Um grupo discordou. A direção da *Beberibe* defendia-se, negava o saturnismo de sua água. Reúne-se a Sociedade de Medicina; discute-se pelos jornais; o govêrno manda realizar exames. A política também se mete...

Havia, porém, argumentos irrespondíveis em favor da hipótese do chumbo. A natureza dos sintomas, as melhoras obtidas pelos atacados logo que deixavam de beber a água da Beberibe ou quando se mudavam os canos de chumbo. Esta última providência, generalizando-se, deu fim aos casos de cólicas e aos óbitos oriundos dessa estranha doença. O diretor-gerente da Companhia do Beberibe era o Dr. Cecoliano Mamede, homem culto, viajado e muito estimado no Recife. Êsses requisitos não o isentaram dos ataques e das ironias. A sátira popular apareceu:

Água dura em cano mole
Tanto dá, diz o ditado,
Que embora o cano se esfole
O povo fica chumbado.

Paulo Kruger do Transvaal
A fim de esfriar o bife
Mandou pedir ao Mamede
Água fria do Recife.

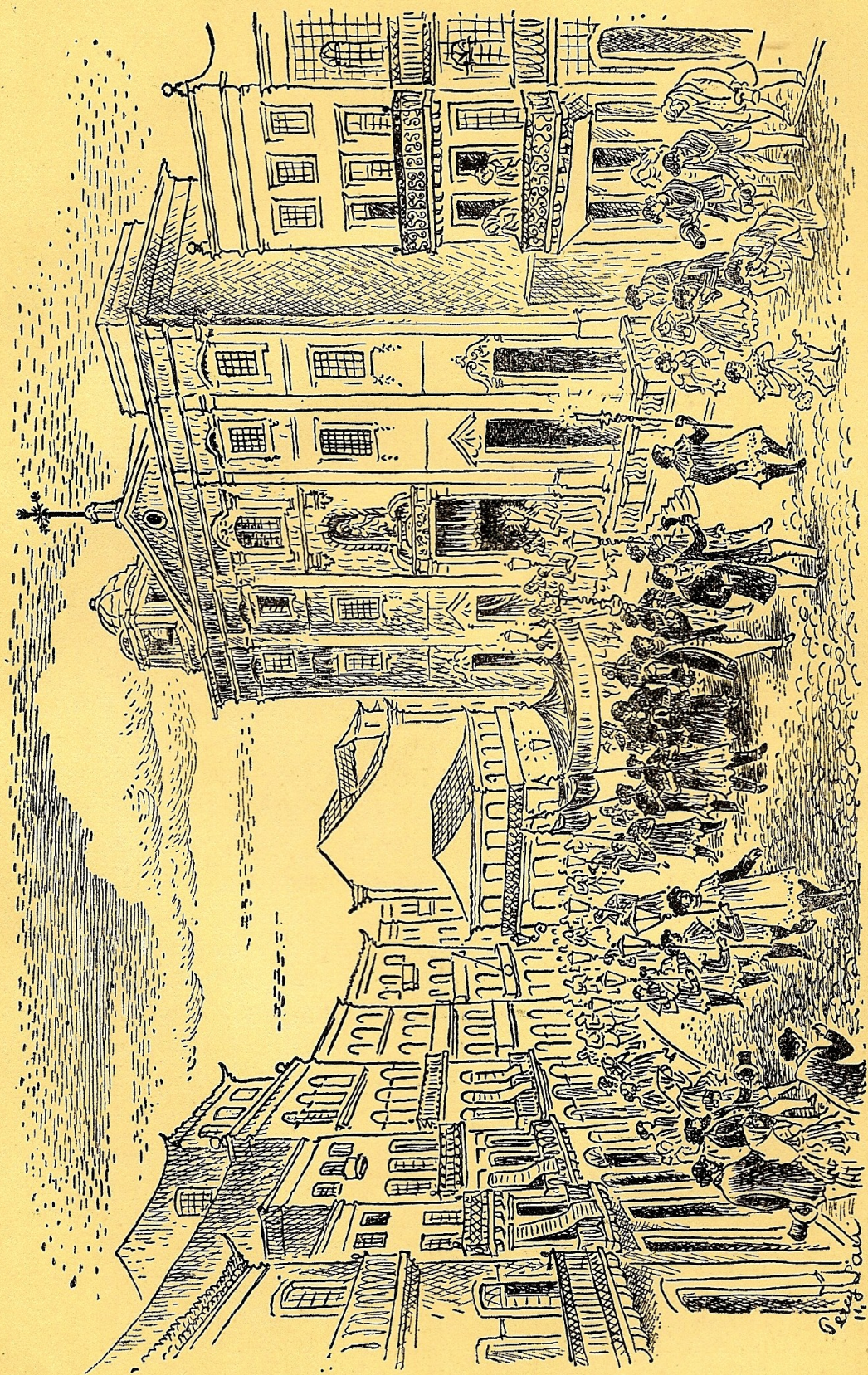
Mamede que à flor das águas
Navega neste momento
Diz que tem chumbo nos canos
Pra matar um regimento.

Até a primeira década do século atual o Recife foi abastecido apenas pelos mananciais de Dois Irmãos. Não bastavam: a cidade crescera, a população aumentara, os novos serviços de esgotos exigiam água em abundância. Pensou-se na escolha de outras fontes. Saturnino de Brito estava à frente da notável e salutar obra do saneamento. Prefere-se a água do rio Gurjaú. E ali se efetuam os trabalhos de captação, tratamento e distribuição que constituem hoje um dos justos desvelos do Recife.

A cidade é hoje das que se podem gabar de ter água em fartura. Sem dúvida não cochilará em aumentar suas possibilidades. Os bairros novos surdem, as casas cobrem terrenos, a gente multiplica-se. E pensa-se em evitar que amanhã, num apartamento de luxo, a cozinheira repita a frase da negra escrava de há dois séculos quando a canoa d'água não chegava à praia:

- A panela está seca e o feijão queimou.





O Pátio do Corpo-Santo quando saía uma procissão.



O espírito religioso da cidade andava muito à flor das ruas, como se fôsem ondas de incenso a aromatizar as vias públicas, transbordando das igrejas. Ambiente místico que a época e a gente admitiam, nos seus vagares, nas suas meditações e possivelmente na sua timidez. Os costumes não toleravam arrojados de pensamentos nem de atitudes, e os cenários quietos dos logradouros permitiam cenas inadaptáveis aos atropelos urbanos da atualidade.

Todos os bairros eram cheios de nichos situados em pátios ou esquinas, e diante deles, à noite, rezavam-se terços, tiravam-se ladainhas, entoavam-se orações. Os devotos ajoelhavam-se no chão, e quem por ali passasse teria, para não revelar impiedade, de dobrar os joelhos também. O visitante Kidder, por sinal pastor metodista, assistiu a um quadro dêesses, no Largo do Carmo, em frente a um oratório ali existente, e não pôde esconder sua emoção. A lua envolvia os que, genuflexos, erguiam a Nossa Senhora seus louvores num melodioso cântico.

Ardiam velas quotidianamente nesses nichos, e nos dias festivos recebiam ornatos de flôres naturais ou de papel, aumentando-se-lhes o número das lanternas de mangas de cristal. As datas dos padroeiros motivavam festividades na rua, com animação de visitantes, "música de pancadaria", foguetes e também fogo-de-vista. A ponto de uma fôlha reclamar, porventura pela pena de algum maçã, contra as festanças dos nichos, que acobertavam derrickos de moleques e de mulheres à-toa.

Tal importância tinham os nichos que se tornaram comuns indicações dêste teor: - "Êle mora num sobrado junto ao *nincho* de Jesus Maria José." E não se precisava mais nada para se ir até lá direitinho. Uma loja anunciava-se assim: "na Rua do Nincho do Muro da Penha". Ainda havia esta referência típica: - "Oratório pegado à igreja da Conceição".

Um oratório curioso existiu defronte da Cadeia Nova, na atual Rua do Imperador⁽¹⁾ - onde os presos ouviam missa aos domingos e santificados. Ao se reconstruir o prédio, encontraram uma lápide alusiva a êsse oratório⁽²⁾.

Nichos houve que até vieram a dar nomes a ruas. Serve de exemplo o de uma imagem do Bom Jesus, que pertencia a umas crioulas. Ganhara fama de milagrosa, e parece que se realizavam novenas em sua honra. Tão conhecida ficou, que a rua se tornou familiar à cidade como do "Bom Jesus das Crioulas".

Ainda por volta de 1880 a imagem de um nicho da Rua do Queimado foi conduzida processionalmente para a igreja do Espírito Santo, e certamente o Recife terá testemunhado freqüentes cortejos semelhantes à medida que se iam extinguindo êsses pequenos santuários.

Outro aspecto de cunho religioso a colorir as ruas era os dos pedintes de esmolas para os templos. Revestiam-se de opas de côres variadas e traziam numa bandeja enfeitada de fitas um santo para o qual solicitavam as esmórtulas. Nem sempre as irmandades viam êsse dinheiro, ao que parece, pois clamavam contra os abusos dêsses pedintes que se multiplicavam, de "capas azuis, roxas, amarelas, encarnadas, com golas e sem golas, com capuz e sem capuz". Vieram ao século XX êsses tiradores de esmolas, que recebiam, por fim, moedas, ovos, carretéis e linhas e "sangaio" ⁽³⁾.

Cena também de expressão religiosa e de certa imponência era a do viático. Narram cronistas que saía em pequena procissão, sob o pálio, e à sua passagem todos se ajoelhavam. Nos quartéis do trajeto formava a guarda, prestavam-se honras e duas ou três praças acompanhavam o cortejo até se recolher. O "Nosso Pai", mal o sino da Matriz dava dêle sinal, alertava tôda a redondeza. Queria-se saber logo para onde iria. Quem estava mal? Faziam-se cogitações; lembravam nomes de moradores cujo estado de saúde precário admitisse a extrema-unção. Iam pessoas tomar capa. Meninos para tocar a campainha. O vigário já pronto com a custódia no peito. E o préstito movia-se. Conhecemo-lo a atravessar ruas do Recife com uma solenidade parecida: apenas, ao invés de pálio, ia uma umbela.

A passagem do Bispo, também, constituía cena de interêsse e de acatamento. Corriam todos às portas para vê-lo e receber-lhe a bênção.

Indubitavelmente, no entanto, a cerimônia católica externa de maior ressaltado era a procissão, espetáculo a que todos os anos a população assistia com fervente curiosidade e recolhimento. Precedia-o, até, uma expectativa característica: a encomenda do trajo novo ou a reforma do antigo; a escolha do ponto ou da casa de onde se iria ver o desfile; os papelotes postos nos cabelos na véspera; a promessa de um "anjo" e o preparo dêle para aparecer bem vestido de "roda" e capelinha; a obrigação de sair na Ordem Terceira do Carmo ou na Irmandade da Santíssima Trindade...

Por sua vez, quem morasse em casa por onde passasse a procissão que se preparasse. Viriam as famílias amigas de cerimônia, as aparentadas e de quebra as amas de confiança com os molequinhos. Tôda essa gente ficava para jantar ou consoar. Peixe caro... Bacalhau, comida de pobre, era feio botar na mesa! O chefe da família que fôsse ao Mercado ou à Ribeira arranjar a cavala, a cioba, ou ao menos uns aratus para frigideira. E a melhor espanação do telhado e dos trastes; a caiação da fachada e a pintura das varandas ou janelas. Os panos decorativos estavam passados

(1) *A Cadeia Nova era no edifício em que hoje se aloja a Biblioteca Pública do Estado*

(2) *"Este oratório mandou fazer o Exmo, Sr. D. Lorço d'Alm. Gov. de Pernbc. Ano de 1716".*

(3) *Sangaio era bilhete de passagens de bonde que corriam como dinheiro.*

a ferro: colchas de sêda e veludo, toalhas de labirinto. Lanternas para o caso da procissão passar já com escuro.

Êste asseio não interessava somente aos interiores; não:

O fiscal da freguesia do Recife intima; aos moradores das ruas por onde passa a procissão das Cinzas para que limpem as testadas de suas casas e varram as ruas, sob pena de multa. Que não se chamem à ignorância.

De sua parte as irmandades promotoras dêsses cortejos solicitavam fôsem varridas as ruas, porque do contrário "tomariam outras direções convenientes". O não passar a procissão por uma rua habitualmente incluída no itinerário seria uma desonra, um desprestígio, uma humilhação. Que diriam os moradores das artérias vizinhas? E quem viesse ver a procissão? Dêste modo, logo cedo os escravos se muniam de ciscadores e vassouras: arrancavam-se os capins e removiam-se os ciscos. Depois, baldes d'água para baixar a poeira. Em algumas ruas, fôlhas de canela. Todo um cerimonial de recepção. Sem o quê as procissões não se dignavam de por ali transitar.

As procissões vincavam de tal importância a vida da cidade que comumente se liam anúncios assim de aluguel de casas:

Casa térrea com 2 quartos, cacimba, sótão, em rua onde passa procissão.

Ou em têrmos mais curtos, da época :

"Rua de procissão."

Êsse seria um dos maiores atrativos para quem andasse à procura de nova residência. Um chamariz, como se dizia. Porque se teria à porta, durante o ano, o espetáculo, jamais cansativo, dêsses pomposos cortejos em que se reverenciava a divindade, e ao mesmo tempo via-se tanta gente conhecida. Já longe o préstito, ficavam as visitas em comentários, em críticas, em mexericos... O movimento nas ruas prolongava-se com a volta das irmandades, que de novo chamava gente às varandas e janelas para que se vissem os conhecidos e os anjos.

Êsses anjos de procissão preocupavam imenso as famílias do tempo. Quase que se tornava uma obrigação religiosa as crianças saírem, uma vez que fôsse na vida, de "anjos". Havia promessas e havia vaidades. Umas tinham trajes pessoais, feitos em casa, e que, depois, passavam a irmãos mais moços. Em regra, porém, vestiam-se com trajes de aluguel. Senhoras dedicavam-se a êsse comércio e anunciavam-se:

Vestideiras de anjos - Trajos de Anjo Gabriel - Centuriões - Nossa Senhora - Novos e baratos.

Geralmente se tiravam retratos dos anjos, que iam figurar nos álbuns de capas de veludo ou madrepêrola. Quando a procissão se recolhia, distribuíam-se cestinhas com bolos de goma, tarecos, confeitos; cestinhas enfeitadas de crespos de papel de várias côres, ambição de tôda a meninada que já esperava os presentes.

As procissões amiudavam-se na quaresma, e a elas só se comparecia, então, de prêto ou de escuro. Baniam-se vestidos vistosos e casimiras mais claras, aliás raras no tempo. O rigor da semana santa ia ao ponto de proibir-se o tráfego de veículos na quinta e na sexta-feira santas; não se admitiam sinêtas em bondes e carroças quando o trânsito dêsses veículos se veio a tolerar; não se tocavam pianos, nem apitavam vapôres e trens.

Afora, porém, as do período quaresmal, saíam às ruas durante o ano muitas outras procissões. As de penitência, para exemplo. Havendo calamidades, como as pestes, muito comuns nesses tempos, realizavam-se cortejos que conduziam de uma igreja a outras. imagens com o fito de se lhes pedir o abrandamento da epidemia. O Senhor dos Passos do Corpo Santo foi levado para a Matriz da Boa Vista, em 1871, e ali estêve por alguns dias, quando reinava no Recife uma "febre ruim". Em 1856, a cólera-morbo apavorava os habitantes da capital pernambucana. Havia por dia mais de cem casos, às vêzes. Abriam-se hospitais de emergência. Os coveiros eram auxiliados pelos galés nos enterramentos. Só se via gente de luto. Repetiam-se os atos de penitência. A milagrosa imagem de São Roque do Convento de São Francisco estava exposta para receber súplicas.

Na Boa Vista, houve à noite uma procissão de que os recifenses guardaram por muitos anos emocionante lembrança. Saiu da Igreja da Santa Cruz e destinava-se à Matriz, onde ficaria a imagem de Nossa Senhora da Piedade. Uma onda de povo. Ao mover-se o préstito, o céu se carregou de nuvens negras. Relampejava constantemente. De súbito ouvem-se trovões. E fortes. Aumentam. A chuva desaba violentamente, inunda, ronca. Mas os fiéis prosseguem. Vão com água pelos tornozelos, pelo meio da perna, mas vão. E. cantam:

Senhor! Pelos vossos Passos
Pra salvar a humanidade,
Da cruel peste livrai
Ao povo desta cidade!

E os trovões reboando, e os relâmpagos abrindo, e a chuva a cair. Defronte do Recolhimento da Glória, estala um raio. Um estrondo de estarrecer os corações. Há como que uma parada repentina de todos. Vozes gritam: - "Misericórdia, Senhor! Misericórdia, Senhor!"

E a procissão continua a marcha, entoando:

Esta cólera terrível
Que não cede à medicina,
É dos crimes o castigo,
É a justiça divina.

Meses depois as ruas da Boa Vista assistem a outro cortejo.

Êste em tarde serena, já em ambiente mais tranqüilo. Passara a epidemia, matando mais de 3.000 pessoas no Recife, e as órfãs recolhidas iam à Matriz se confessar em ação de graças.

Realizavam-se várias procissões festivas de que hoje não temos memória. A do Se-

nhor Bom Jesus dos Desamparados e Nossa Senhora da Soledade. A do Triunfo, saindo do Carmo (por sinal que os irmãos que sem motivo justo não a acompanhasssem pagariam 10\$000 de multa em favor das obras do Hospital). A Igreja de São Gonçalo punha na rua a do Bom Jesus dos Pobres Aflitos, e a de São José de Ribamar outro cortejo com uma imagem da mesma invocação. Também o templo do Têrço, tão típico de nossa cidade, fazia sua procissão da padroeira. O Rosário da Boa Vista tinha a procissão do Bom Jesus da Cruz, que seguia êste longo itinerário: Rua da Santa Cruz, Glória (por trás da Matriz), Atêrro, Nova, Cabugá, Crêspo, Colégio, Estreita do Rosário, Pátio do Carmo, Flôres, Aurora, Formosa, Hospício, Praça da Boa Vista, Conceição, Pires, Velha, Travessa do Veras, Aragão. O itinerário é de 1852, e nota-se que nêle não se faz alusão às pontes, que porventura ainda não tinham nome oficial. Em igual época saia da Igreja do Pilar, em Fora-de-Portas, a procissão do Encontro, de iniciativa da Irmandade de Santiago Maior. Seguiu esta rota: Guara-rapes, Guia, Senzala, Beco do Capim, Cadeia e Cruz. O encontro dos andores de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora efetuava-se junto ao Arco da Conceição. Essa mesma procissão do Encontro realizou-se por muitos anos na Boa Vista, promovida pela igreja da Santa Cruz, e também em Olinda.

Vários dêsses cortejos, segundo avisos nos jornais, "não passavam em ruas não asseadas". Aviso - ou, melhor, pedido - curioso fazia a Irmandade das Chagas para sua procissão, que ainda hoje se efetua: ao empresário da iluminação pública, para que baixasse os lampiões das ruas do itinerário a fim de não estorvarem os andores.

Famosa e grotesca procissão a dos Fogaréus. Saía à noite da quinta-feira santa, e era mais um bando de homens armados de paus e archotes representando os judeus à procura de Jesus para prendê-lo. Judas guiava-os, e êste papel sem dúvida teria sido muitas vêzes desempenhado por algum digno êmulo do Iscariotes. Todos nós poderíamos hoje fazer indicações felizes se o grupo ainda se exhibisse... Entravam em tôdas as igrejas onde houvesse o Santo Sepulcro e delas se retiravam ràpidamente. Era uma espécie de representação animada, que por fim degenerara em farsa, bebedeira, desatinos e afoitezas. Da Conceição dos Militares, ali na Rua Nova, saía uma dessas procissões dos Fogaréus, em 1853. Provavelmente nos seus tempos de bom conceito. Seguiu pela Rua Nova (visita à Matriz), Cabugá, Crêspo, Cadeia Velha (visita ao Corpo Santo), Vigário, Encantamento (visita à Madre de Deus), lado da Alfândega, ponte, Colégio, Queimado, Rangel, Largo da Ribeira (visita a Santa Rita), volta pelo Pátio da Penha, Direita, Travessa de São Pedro, Hortas (visita ao Carmo), Gamboa, Flôres, e Nova ao recolher.

Contam os velhos moradores de Olinda que, ao chegar à sua diocese, o novo bispo D. Manuel Pereira não conhecia talvez essa procissão. Estava na Sé, a presidir os atos da semana santa, quando entra pelo então belo templo olindense o bando dos Fogaréus com seus archotes e cacêtes. O Bispo se espanta, assusta-se, e intima-os a que se retirem sem demora. E foi o fim dos Fogaréus em Pernambuco.

Em 1854, por ocasião da procissão de Corpus-Christi, "não se devia permitir nenhum homem nas janelas". Sem dúvida para não estarem junto das mulheres.

Procissão também curiosa, pelo seu misto de religioso e profano, era a de Cinzas. Saiu pela primeira vez em 1710, da Ordem Terceira de São Francisco. A congênere de Olinda, que a efetuava já, protestou. Deixou de aparecer nas ruas do Recife até 1820, e depois disso se realizou por vários anos. Em 1863, por exemplo, saía sem as figuras grotescas de Adão e Eva, da Morte, Abel e Caim, e outras. No seu livro *Escavações*, Amaral faz uma descrição completa dessa procissão e pinta mesmo um cenário flagrante do Recife dêsse tempo. Nem sequer a indumentária escapou à observa-

ção do cronista: mulheres com tôda espécie de adornos, como cobertas e lenços pelas cabeças, cabeções de cacundê, xales, vestidos de apertar barriga, saias de sêda com o "indispensável" sutuê (que era uma espécie de balandrau sem capuz); usavam pentes de vários tipos: tapa-missas, telhas, resplandores; não deixavam o leque da China com figuras de sêda estofada e caras de marfim, nem tampouco os penduricalhos de ouro e coral; calçavam sapatos de marroquim prêto com fitas cruzadas e encruzadas nas pernas... Os homens vestiam calças de ganga por dentro das botas, colêtes da mesma fazenda ou brancos com botões de ouro, sobrecasacas ou jaquetas. Transitavam as cadeirinhas e palanquins. Comprimia-se o povo nas "ruas de procissão". Esta expunha às vistas mais de uma dezena de andores: Nossa Senhora da Conceição, Jesus: Cristo com a Cruz às costas, São Francisco também com seu lenho, o Pontífice que confirmou a regra, São Lúcio e Santa Bona, numa só charola, dando-lhes o povo a alcunha de "Bem-casados"; São Vivaldo (o santo do pau ôco), Santa Rosa de Viterbo, Santa Angela de Fulgino, Santa Isabel, rainha da Hungria, São Luis, rei de França, Santa Margarida de Cortona, São Roque, Santa Isabel, Santo Ivo Doutor, Jesus Cristo dando 3 moedas a São Francisco, São Francisco recebendo as chagas e São Francisco morto.

Afora êsses andores, vinham as tais figuras semicarnavalescas. À frente logo o Papangu. Um mascarado armado de um rêlho, com o qual repelia as investidas do molecório que lhe atirava caroços de pitombas, entre vozerios, risadas, vaias. Depois, Adão e Eva, Caim e Abel, o Rei Herodes e os Inocentes, Anjo-da-Guarda, Lúcifer, o Juízo, a Morte, os Mártires do Japão... Era, como se vê, um préstito que tinha muito de religioso, porém bastante de cômico, merecendo um sonêto-sátira de Gregório de Matos⁽¹⁾.

Em 1893, após prolongada ausência das ruas, a procissão de Cinzas reapareceu nas ladeiras da velha Olinda. As gerações novas foram vê-la com curiosidade e as antigas com saudade. Olinda superlotou-se. Irmandades houve, do Recife, que não puderam ir acompanhá-la à falta de transportes. E centenas de pessoas tiveram de dormir na cidade de Duarte Coelho por dificuldade de regresso à capital naquela noite. Desde então não saiu mais.

Procissões que eventualmente percorriam as ruas do Recife eram as que conduziam para as igrejas as imagens de nichos demolidos ou extintos. Em 1850, por conveniência do trânsito e para facilitar as obras complementares do Arsenal de Marinha, o govêrno da Província desapropriou por 870\$000 o Arco do Bom Jesus, que ficava no extremo norte da atual rua dêsse nome, e que tinha sido uma das portas da cidade. A Irmandade do Senhor Bom Jesus das Portas, ali erecta, reuniu-se e, por vontade ou não, teve de achar bom o negócio. O Arco foi demolido, e o material, orçado em Rs. 3:200\$000, aproveitado na construção da Torre do Arsenal, que felizmente, ainda hoje está de pé. Em cima do Arco ficava a capela, que já existia, segundo Pereira da Costa, em 1667. No dia 9 de maio de 1850 fêz-se a transferência solene das imagens para a Madre de Deus. Moveu-se o cortejo às 5 horas da tarde. Ia num andor Nossa Senhora do Rosário, carregada pelos irmãos do Espírito Santo; Santo Antônio, levado pelos irmãos do Sacramento; e por fim o Bom Jesus das Portas, que, como consôlo de sua expulsão da velha morada, era conduzido aos ombros do Presidente da Província, Honório Hermeto Carneiro Leão, do Presidente da Assembléia Provincial, do Inspetor do Arsenal de Marinha e do Comandante Superior da Guarda Nacional. Fechando o préstito, um túmulo debaixo do pálio, levado por clérigos. O 2.º Batalhão de Fuzileiros acompanhava a procissão, após o Bispo, oficiais de

(1) *Escavações. de F. P. do Amaral*

linha e das milícias, outras autoridades, e o povo de sempre⁽¹⁾.

No outro dia o Arco entrava a ser demolido. Era o primeiro dos três existentes no Recife: monumentos históricos e típicos na nossa cidade. Os outros dois esperariam o século XX para que sua destruição se revestisse de um cunho mais expressivo de desdém e de incompreensão pelas obras daquele caráter.

Durante o Império tôdas as procissões tinham acompanhamento de tropas. Em 20 de março de 1855, o Comando das Armas de Pernambuco, na cidade do Recife, baixava a seguinte Ordem do Dia, sob o n.º 13:

O marechal de campo comandante das armas, em virtude das ordens expedidas pela presidência em data de 17 do corrente, determina que o 2.º batalhão de infantaria na tarde de 22 dêste mês acompanhe a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos que em procissão tem de ser trasladada da Matriz do Corpo Santo para a freguesia da Boa Vista e a êsse fim estará formado no largo da primeira matriz às 6 horas da tarde do citado dia.

As 2 horas da tarde do dia seguinte 23 uma divisão comandada pelo sr. coronel Manuel Muniz Tavares, se achará postada na matriz da Boa Vista a fim de acompanhar a mesma imagem desta para a do Corpo Santo.

A divisão se comporá de duas brigadas: a primeira de todos os corpos da guarda nacional desta capital, sob o comando do coronel Domingos Afonso Néri Ferreira: a segunda dos batalhões 2.º, 9.º e 10.º de infantaria do exército, tendo por comandante o sr. tenente-coronel Manuel Rollenberg de Almeida.

O esquadrão de cavalaria da guarda nacional marchará a pé guarnecendo o andor. Os inferiores dos corpos do exército conduzidos pelos respectivos srs. ajudantes, estarão presentes às 6 horas da tarde do dia 22 na matriz do Corpo Santo a fim de guarnecerem o andor. Os srs. oficiais de corpos que não marcharem, são convidados para acompanharem as procissões nos referidos dias.

José Joaquim Coelho

Conform. CÂNDIDO LEAL FERREIRA - ajudante de ordens encarregado do detalhe.

Por esta ordem do dia vemos que a procissão dos Passos nessa época ia para a Matriz da Boa Vista e não para o Carmo, e que se achavam sediados no Recife os 2.º, 9.º e 10.º Batalhões de Linha.

Ainda nesse distante 1855 publicava-se êste pedido:

Pede-se ao sr. Cláudio Dubeux o favor de na 6.ª-feira, dia da procissão do Senhor dos Passos, para comodidade de seus assinantes, faça sair os ônibus pelas horas seguintes: 1.º, às 3 ½; 2.º, às 4 ½; 3.º, às 5 ½; 4.º, às 6 horas; e 5.º, às 6 e ¼.

E na mesma fôlha êste anúncio:

Troca-se por dinheiro uma imagem do Senhor dos Passos, e não se olha o preço, se fôr muito perfeita e não muito pequena: na praça ela Independência ns. 6 e 8 se

(1) *As Portas da Cidade do Recife*, de Pereira da Costa.

dirá quem quer.

Outro pedacinho que merece alusão é este :

O sr. Gregório de tal morador na cidade de Olinda, procurador da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos martírios, queira vir satisfazer o importe de cêra que se gastou na procissão do mesmo Senhor.

As vestidoras de anjos, também, se pronunciavam freqüentemente pelas fôlhas do tempo em reclamos de seus sortimentos e habilidades:

ANJOS DE PROCISSAO

Na Rua do Cruz n.º 50; por cima do escritório dos Srs. Seve Filhos & C. vestem-se anjos para procissão com o maior asseio e gôsto, e cômodo preço, na mesma casa acham-se vestuários bordados, recebidos pelo vapor inglês, e portanto qualquer pessoa que queira uma figura ricamente vestida, poderá dirigir-se à mesma casa, Onde serão satisfeitos seus desejos.

Sente-se na multiplicidade dessas publicações na imprensa, acêrca de procissões, o relêvo que elas tinham. Avisava-se aos devotos que tivessem de acompanhar o Senhor dos Passos para o Carmo fôsem comprar suas lanternas de papel de lindas côres na loja de Nabuco & Cia., na Rua' Nova, 2. Nos convites das irmandades, rogava-se também aos que tinham capas em seu poder e não pudessem tomar parte no préstito as devolvessem ao consistório, a fim de não prejudicarem os que pretendessem tomá-las. Outros pedacinhos em letra de fôrma apareciam; que têm para hoje um sabor jocoso. Êste, por exemplo, em que transparece uma indignação por causa de novo itinerário de uma procissão:

Consta-nos que a procissão do Triunfo que sai de Santa Teresa, depois de percorrer algumas ruas, segue pela de Hortas e atravessa pelo Beco do Marisco para se recolher, deixando destarte de passar pela Rua Augusta. Antigamente quando esta rua não estava calçada, servia isto de pretexto para não transitarem por ela as procissões, porém hoje que não existe mais êste pretexto, qual o motivo por que, chegando a procissão ao Beco do Marisco, não há de dar mais uns 300 passos para que os moradores desta rua (que também são cristãos) gozem da visita do Senhor?

Aqui uma queixa dobrada de súplica. Nesta outra há, no entanto, uma ironia:

É FORTE TOLO

O senhor que anda botando papéis por baixo das portas, que diz morar na Rua do Sebo ou do Cotovêlo e que diz ter dado esmola para a procissão de Santa Cruz, não passa de ser algum tolo que desse alguma tutaméia de esmola e quer impor condições, querendo que transite uma procissão por dentro da lama, como que as imagens fôsem calungas de sombra; ora, meu bôbo, declare o seu nome e venha receber o seu dinheiro.

E não fará mal esta recordação de indumentária:

Sobrecasacas para a Quaresma

a 18 e 20\$000.

Houve em 1880 no Recife uma procissão de todo inesperada. Existia na Igreja do Livramento uma irmandade: a de Santa Cecília. Era constituída por músicos ou amantes da música. Naquele templo dispunham de um altar, onde homenageavam a imagem de sua padroeira. Certa vez, porém, morre um dos irmãos e por ocasião do entêrro não houve, ao que se queixavam, por parte dos responsáveis pela igreja, a merecida consideração ao defunto. Deixaram de abrir a porta principal e só o fizeram a uma lateral. Em face dessa desconsideração, a Irmandade de Santa Cecília reúne-se e resolve mudar-se imediatamente dali para a igreja do Rosário. Dito e feito. Metem nos baús o arquivo e a papelada; apanham as lanternas, a cruz alçada, as varas dos juizes, põem no andor a Santa, revestem-se das opas e em plena tarde saem de igreja afora numa procissão que espanta os moradores das vizinhanças.

Um acontecimento sensacional no Recife de outrora, em tarde de procissão, foi a morte do pardo Manuel Francisco de Carvalho Lessa, que em 1879, estando a repicar os sinos da Matriz de Santo Antônio, "em folguedo" com outros três rapazes, despenhou da torre e bateu num tabuleiro de doce, falecendo instantâneamente. Entre os que se encontravam na torre com Manuel estava Justino de Farias, que em 1877 também caíra da do Carmo, matando três pessoas. Ficara mal, porém escapara.

Ressalta de todos os vestígios das antigas procissões do Recife que a mais notável delas sempre foi a dos Passos. Saíam, pela semana santa, a do Entêrro, a dos Enfermos, a da Ressurreição, com maior ou menor pompa, mas a dos Passos revestia-se de esplendor e de notoriedade superiores. Primitivamente vinha de Olinda para o Recife, à noite, e voltava à velha cidade na tarde do dia seguinte. Seu trajeto era pelo istmo. A primeira vez que se realizou foi a 19 de março de 1654. Em 1767, porém, passou a realizar-se no Recife: do Corpo Santo para o Carmo.

Por volta de 1840 pronunciava-se uma desinteligência entre os frades do Carmo e do Corpo Santo e a imagem do Senhor dos Passos, ao invés de ir para aquêlo templo passou a ser levada para a Matriz da Boa Vista.

A imagem dos Passos que saía nas procissões para Olinda está hoje no Consistório da Madre de Deus que, como se sabe, foi o templo agasalhador da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos do Corpo Santo quando esta igreja trissecular foi demolida em 1914 para a remodelação do bairro do Recife. O Senhor dos Passos que ora vem às ruas é obra do escultor pernambucano Manoel Soares de Amorim e por sinal teve a sua primeira procissão a 19 de março de 1846 - há um século.

Nesse mesmo 1846 aparecia no *Diário de Pernambuco* esta curiosa e elucidativa declaração da Irmandade dos Passos:

Vendo os abxo.-assinados um anúncio inserto no *Diário Novo* de ontem (25-3) assinado pelo Providencial do Carmo fr. João de S. Isabel Pavão em que diz ao público que a Irm. dos Passos do Recife reconheceu o direito que assiste ao convento (o que somente se pode referir ao depósito do mmo. Senhor) é do seu mais rigoroso dever fazer ciente ao mmo. público que tal reconhecimento não existe, e que somente

porque o Exmo. Sr. Pres. da Província interveio nesta questão como conciliador foi que a Mesa do Bom Jesus dos Passos se deliberou a depositar a Sta. Imagem na Igreja do Carmo. Recife, 28-3-1846. *José Pereira da Cunha* - prov. *João Cardoso Aires* - escrivão. *Antônio Ramos* - tes.º.

Essa acomodação não teria durado muito: dez anos depois, por ocasião da invasão da cólera-morbo no Recife, o Senhor dos Passos estava sendo de novo depositado na Matriz da Boa Vista, porquanto alguém publicara uma súplica para que a imagem voltasse ao Carmo; talvez por não o estar acontecendo, a "peste" andasse flagelando os recifenses, acrescentavam.

O dia 6 de março de 1913, no Recife, foi de penetrante emoção. Não porque evocasse os heróis de 1817, aquêle dia já distante de quase um século em que explodira o movimento nacionalista mais expressivo entre os que ensaiaram a nossa independência de povo. O motivo dessa emoção, em 1913, era de outra natureza. O bairro do Recife reformava-se. Prolongamento das obras do pôrto; rasgar-se-iam duas belas avenidas, e iria ser sacrificada a matriz do Corpo Santo. Pouco importava fôsse o templo vistoso de agora a antiga ermida de São Telmo dos pescadores do século XVI. O urbanismo não vacilava ante êsses sentimentalismos históricos. Era preciso derrubar, derrubar-se-ia. A Mitra cedera a igreja por 500 contos de réis O cheque já estava entregue. As picaretas arrumavam-se no pátio famoso do bairro à espera de agir, como vinham agindo contra os sobradões vizinhos. Lingüeta, Rua do Comércio, becos, Rua da Cadeia, o Arco da Conceição, tudo iria por terra. Urgia a demolição do Corpo Santo. O "monstrengo", ali de pé, ainda, arrepiava a sensibilidade estética da engenharia do tempo. Que se apressasse o vigário, que se mexessem as irmandades e se pusessem ao fresco os santos.

6 de março. Nesse dia sairia à noite, como todos os anos acontecia, a procissão do Encêrro. Iria o Senhor dos Passos, sob o baldaquino de gorgorão roxo, para o Carmo. Tudo como há três séculos, então. Apenas, no dia seguinte, a imagem, ao invés de regressar ao Corpo Santo, sua morada de tantos anos, iria para a Madre de Deus, onde passaria a ter o seu altar. O adeus do Senhor dos Passos à sua matriz.

Houve convites especiais das irmandades para as "tocantes solenidades" dêsse dia. Logo cedo, a última missa do Vigário João Augusto, tão intimamente magoado e até seu bocadinho revoltado contra a derrubada de sua igreja. Templo repleto. As três irmandades - Sacramento, Passos, Rosário - presentes, revestidas, empunhando cruzeiras, lanternas e barandões. Tribunas, côro, nave; capela-mor - povoadas de fiéis em despedida. Reza-se a missa. Distribui-se a comunhão. E, por fim, o Vigário procede ao ato de "consumir o SS. Sacramento", que no dia seguinte seria reinstaurado na Madre de Deus.

Ainda há outra cerimônia após o Santo Sacrifício. Está armada no corpo da igreja uma essa coberta com um pano de veludo prêto, com franjas douradas. Diante dela se realiza um solene memento por alma dos mortos que se supunham tranqüilos no seu repouso sob aquêle teto sagrado e iam ser transferidos, nas suas urnas, para outros sítios propícios ao eterno sono. A multidão ora, ajoelha-se, inclina-se. E a voz do órgão ressoa pela derradeira vez naquela nave magnífica prestes a desaparecer do local em que iriam se levantar os prédios de cimento armado e a Tramways construiria depois seu quiosque de tabuletas...

Durante o dia não cessam as visitas de adeus. A tarde, o sermão de despedidas, antes do Senhor dos Passos partir. Há quem chore, há quem soluçe. Olhos fitam com uma expressão de saudade as talhas dos altares, as lajes do piso, os retábulos do

fôrro, o arrendado das tribunas, os recantos dos nichos, os florões das sanefas, a moldura da capela-mor... Nunca mais... Nunca mais... Os sinos dobram. Também pela última vez.

A procissão vai descendo os degraus externos. E que lindos degraus! Mãos acariciam a balaustrada de mármore como se acaricia um rosto de quem vai morrer. Olhos se erguem para a fachada de cantaria, tão sóbria, tão severa, tão majestosa! A procissão vai saindo... O Senhor dos Passos também desce, aos ombros dos oficiais de dragonas e de penachos. Os círios brilham protegidos pelas angélicas de papel... Move-se o cortejo ... O Senhor dos Passos vai escondido no seu baldaquino para não ver a sua igreja que os urbanistas amanhã derrubarão...

E o cortejo se some pela Lingüeta... E o pátio se esvazia para nunca mais se encher, como se enchia nas tardes do recolher da procissão, quando os anjinhos recebiam cestinhas de bolos, as irmandades dispersavam com as lanternas acesas, o povo benzia-se, e o sino dobrava a dizer: - "Já chegou... Já chegou... "

Foi assim êsse 6 de março de 1913.

No outro dia, os primeiros pedaços da torre esfarelavam-se no pátio do Corpo Santo.

No cortejo da noite, a imagem vai coberta por um baldaquino de sêda roxa, e os acompanhantes, somando milhares de pessoas de tôdas as condições sociais, num belo espetáculo cristão, conduzem lanternas de papel de côres, formam-se duas filas tão extensas que levam horas a desfilar. Na procissão da tarde, no outro dia, há o colorido das opas, dos hábitos, dos anjos, das fardas, dos pendões, do pálio, enquanto o andor do Bom Jesus dos Passos se ostenta engalanado de orquídeas, cravos, hortênsias, alecrins.

Idêntica procissão se realiza em Olinda. Ambas fazem estações em "passos" armados no trajeto. Ali, toca uma orquestra, entoam-se cânticos e a imagem simula as "quedas" do Calvário.

Êsses "passos", em Olinda, localizam-se em capelinhas próprias e fixas, ainda ali existentes. Só se abrem no dia da procissão: senhoras devotas varrem-nos, enfeitam-nos, põem-lhes luzes e flôres. São típicos do burgo êsses nichos. No Recife também existiram, porém foram todos botados abaixo. Agora os "passos" são improvisados às portas das igrejas que ficam no itinerário da procissão.

Muito têm mudado os tempos e os costumes. A volúpia de acabar com as tradições destruiu na paisagem da cidade um templo que era o marco fundamental do seu espírito religioso: a Matriz do Corpo Santo. Erguera-se onde houvera no século XVI a ermida de São Telmo, devoção dos pescadores que iniciaram o "povo" do Recife. Depois, os Arcos, que além do mais recordavam a epopéia da restauração.

Outras vitórias tem tido o martelo demolidor. Todavia, ainda as procissões guardam um pouco dos aspectos e dos aromas do passado nesta cidade tão remodelada, em parte, mesmo, tão descaracterizada. Notadamente a procissão dos Passos, à noite. Nos frisos luminosos daqueles círios acesos, luzes esbatidas, modestas, trêmulas, levadas por mãos ricas e pobres, num indeciso de classes, movendo-se todos pelas ruas em meia-sombra, num trajeto que gerações já adormecidas também percorreram, como que ressurgem o mesmo sentido místico dos séculos ficados atrás.

As procissões de hoje não são, como as de outrora, um dos raros motivos de convívio social. Agora os encontros são quotidianos, fáceis, porque as ruas se tornaram um prolongamento dos domicílios. Antigamente, no entanto, êsses cortejos católicos se constituíam em preciosos pretextos a êsses contactos. Famílias amigas se reen-

contravam e outras vinham a se entrelaçar em estima e conhecimento. Dêles resultavam préstimos, compadrescos, negócios e até casamentos. Por sua vez, melhoramentos urbanos decorriam dessas cerimônias anuais: - uns de origem municipal, outros de iniciativa particular, contanto que as procissões não deixassem de transitar por determinados lugares. "Rua de procissão" continuava a ser excelente recomendação de moradia, de comércio e de bafejos progressistas. Tinha-se melhor iluminação, calçamento, cuidado de fachadas, ausência de lixo, de lama, de bichos soltos... E não esqueçamos a importância da indumentária nessas tardes festivas: os vestidos das madamas em relêvo, os adereços de brilhantes, as saias de anquinhas, os leques de plumas, os chapéus com pássaros raros, as capas de vidrilhos, os pentes trepamoleques, tudo se exibia para se estar em perfeita obediência aos ditames da moda.

As procissões permitiam que essas damas fôssem vistas à vontade, quer estivessem nos sobrados, quer assistissem ao sermão do recolher ao templo, quer visitassem os "passos" para a oração do preceito.

Nada disso, convenhamos, ou ressaltemos, desbotava aquela expressão devota, recolhida, humilde, quando, ao passar o andor, tôda a multidão, nas varandas, nas calçadas, nos adros, nos sótãos, se ajoelhava, baixando a cabeça, enquanto os sinos dobravam no alto da tôrre, com aquêle mesmo som ouvido pelos avós.





Um rápido e delicioso olhar... E ela se fôra...



Tôda a gente sabe dos empecilhos encontrados outrora pelos que se amavam, antes do padre consentir em que se unissem. O excessivo recato, os preconceitos do sexo, as precauções dos pais, o mêdo da bôca do povo, constituíam motivos fortíssimos para se evitar o contacto entre os jovens de calças e de saias já compridas. Atualmente, porque os rapazes usem calções nos esportes e nos banhos. de mar e as moças na adolescência conservem curtíssimas as saias, já não vigoram tais rigores nem cautelas. Mas antigamente!

Que o digam as gelosias dos sobrados, as cadeirinhas de rebuço, os véus espessos, a proibição das mulheres aparecerem às visitas e sentarem-se às mesas com estranhos, os casamentos acertados entre os pais sem os noivos sequer se terem visto um dia. E outros pedacinhos da moral dos tempos. Tudo isso, é bem verdade, vai muito distante, e já no século XIX, pelo menos na sua última metade, processavam-se transformações profundas nesses assuntos de, coração. Houve uma "liberdade tal" que assanhou os moralistas da época, e acres reprimendas surgiram na paisagem social. No capítulo das danças, os versinhos mordazes do *Carapuceiro* são incisivos. O Padre Lopes da Gama, que o redigia, não tolerava a moda dos pares rodarem sòzinhos, em conversas, risinhos, sem dúvida "maldades". E aconselhava a pais e maridos:

Não deixeis que filha ou espôsa
Em baile ou visitaçào
Fique ao pé dum maganão Apoiado cochichando:
Por certo não estão rezando.

As quadrilhas e polcas, que substituíam os minuets e outras danças inocentes, eram pretextos temíveis para namoros e tentações. E mais:

Quadrilhas e balancês
São favoráveis ensejos
Se não de furtivos beijos
De abraços e apertões
De introduzir petições.

Essas petições, se não recebiam, na entrada, o carimbo do protocolo paterno, não se admitiam sem quebra da disciplina e da moralidade.

Os conselhos não surtiram muito efeito no sentido de travar a evolução das práticas modernas na sociedade. Os amôres lograram muita franquia. Os corações já se escolhiam por si mesmos, e os namorados se viam, embora a furto ou de sentinela à vista... Tempos das varandas, dos sinais com flôres, dos lampiões de esquina, das cartinhas em papel enfeitado de cromos e dos postais com pensamentos e versos... Mas ainda havia muita dificuldade, muito aperreio, muita oposição, máxime quando existiam irmãs ou tias solteironas em casa, aliadas a vizinhas em idênticas condições de desesperanças de um noivo. Eram bisbilhotices, denúncias, desfeitas, o diabo. Trancavam-se janelas, punham-se vigilantes no jardim ou no quintal, proibia-se a ida à missa, cortavam-se por todos os meios as ousadias do "bilontra".

Na verdade, freqüentes vêzes tais providências visavam salutarmente evitar casamento com um "espia-maré", tipo sem eira nem beira, de maus precedentes, e que apenas se candidatava a uma noiva rica para depois desfrutar o dinheiro dela com as "cômicas"... Não seriam raros, porém, os casos em que os estorvos nenhum fundamento plausível tinham, e com êles os futuros sogros estavam simplesmente sujando bem a água para mais tarde bebê-la, em gostosos sorvos, achando o genro excelente amigo... Aliás, o pecado não se acabou de todo com as épocas, convenhamos.

Nesses apertos de amôres contrariados, aparecia quase sempre um cireneu. E em geral era o prêto cativo ou a negra escrava. Teriam criado a sinhazinha ou o ioiôzinho, morriam de querer-lhe bem, e, nessas conjunturas, resolviam fazer o papel de onze-letras, embora arriscando-se ao tronco, às surras e até à venda para um engenheiro cujo senhor tinha fama de "judeu". Levavam ou traziam o bilhetinho, a flor, O presente. Ou o próprio recado verbal. Também como alcoviteiras se ofereciam aquelas velhas devotas, de lenço branco na cabeça e vestidos ruços, freqüentadoras das famílias, que as protegiam com esmolas, jejuns, trajos usados, restos de refeições. Algumas vendiam rendas de almofadas, bonecas de pano, bolinhos de goma, não lhes sabendo passar por mendigas. Nem sempre acobertavam idílios inocentes de jovens solteiros; atribuíam-lhes a missão criminosa de fomentar paixões adúlteras. Daí o alerta:

A mor parte destas bruxas
Mostram-se muito fagueiras
Com casadas e solteiras
E à sombra do biquinho
Vão impingindo o escritinho,

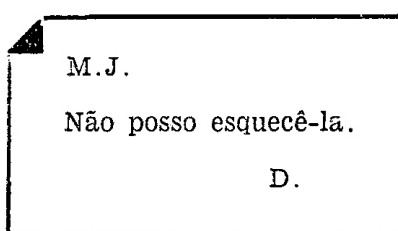
Não seriam tôdas. Abundariam as que se dedicavam a fazer casamentos. Pelo menos haveria uma casa a mais onde recebessem benefícios dobrados de gratidão... Até netinhos viriam aumentar o seu prestígio de antigos correios de amôres contrariados.

Os derradeiros anos do século passado e os primeiros do atual estavam já bastante mudados em confronto com o que houvera, nesse particular, anteriormente. Bailes, teatros, novenas, prados, Carnaval, tôdas essas festas religiosas ou profanas davam oportunidade a encontros, contactos, confissões, promessas, ajustes.

Os tempos eram outros, muito embora as cerimônias do "pedido", as exigências de um vigilante ao pé dos noivos, a proibição absoluta de andarem sozinhos, vigorassem em tôda a plenitude. O "enfin seuls" daqueles cartões-postais ilustrados, tão em voga por volta de 1900, refletia realmente uma situação íntima de rigorosa usança no tempo. Só no dia do casamento, ao se retirar o último conviva, os noivos se viam pela primeira vez na vida inteiramente sós.

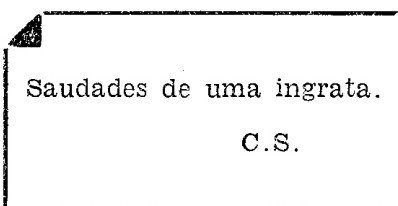
Uma das modalidades mais interessantes dos recursos de correspondência dos namorados de outrora proporcionou-se-lhes quando surgiu a imprensa. Parece estranho e é paradoxal: - as manifestações mais discretas dos corações viram-se expostas, por circunstâncias especiais de privação de ensejos, a se revelar publicamente numa coluna de jornal. Guttenberg sem dúvida nunca pensara em tal utilidade de seu invento. Êste servira para descobrir mundos, para disseminar idéias, para revolucionar povos, para espalhar acontecimentos; mas quem avaliaria viesse a ser veículo de ternuras, de ciúmes e de confissões? Religião, política, ciência, agricultura, comércio, artes, muito bem. Mas amôres contrariados, isso era novidade. E, no entanto, foi o que se viu. Prestou valioso auxílio aos namorados de então. Constituiu até, na rigidez editorial das fôlhas de outrora, a nota viva, ágil, musical, por entre avisos de "barcos de vapor", anúncios de "cabras-bichos para vender.", queixas contra o costume de se atirar água suja da varanda sem prévio -grito de alerta aos transeuntes...

Num cartãozinho assim:



estava um poema. "M. J.". Quem era? Maria Joana? Maria José? De que rua, de que arrabalde? Êle, o D. (Donato? Dionísio?) o saberia bem. E precisava dizer à moça que não a podia esquecer desde que a vira numa festa. Fazia-o daquele jeito.

Outro, porém, tinha motivos diferentes para se manifestar:



Mistério. "Ingrata". Os namorados quase sempre julgam ser mistério o que os mortais conhecem de sobejo por já terem passado pelo mesmo caminho.

E os que eram poetas, hem?

Êsses não se contentavam com as declarações e os queixumes em prosa, recorriam aos versos :

Era amado por ti, era querido
Por ti que me roubaste o coração,
Mas hoje teus olhares são mudados,
Já teu peito por mim não tem paixão.

Outrora em teu olhar tão puro e lindo
Eu lia meu futuro esperançoso,
No arfar dos teus seios melindrosos
Julgava-me, então, ser mui ditoso.

Hoje vejo adverso o meu futuro,
Hoje creio que tudo era ilusão;
Teu olhar só me mostra brilho impuro,
Teu peito só me dá ingratidão.

Provavelmente nada dessas suspeitas era real. Ciúmes, simplesmente. Nela o amor persistiria firme, imutável. Êle é que se mostrava insaciável nas provas de afeto da sua eleita. Ou, talvez, êsses versos não passassem de "mágoas de poeta" - poeta dêsses que inventam as próprias dores. Doentes imaginários de amor. O desfecho terá sido outro. Noivaram, casaram-se, foram dignos de uma "lua-de-mel eterna".

Essas lamúrias tornavam-se comuns:

Quem sabe se mesmo agora,
Enquanto eu só penso em ti,
Não te alegras distraída
Sem te lembrares de mi?

Vê-se aí nitidamente o timbre do ciúme , O poeta é igual a milhares de outros. A todos os poetas do tempo. Os do século XIX e ainda os do XX. (Cala tua bôca, cronista! Tens a língua preta!) Uns transbordavam êsses. sentimentos passionais pelas solicitadas. Os mais felizes vinham mesmo pelas páginas editoriais. De qualquer modo a finalidade não variava: madrigal, queixume, recado...

Teus olhos são dois focos de ternura
Que me prendem, perturbam e me arrebatam.

Houve, nesses amôres de solicitadas, pedacinhos cômicos e irônicos. Certo dia uma dessas almas apaixonadas desaguou assim para um jornal do seu tempo :

À...

Mulher, ainda um dia quero
A teus pés pedir perdão
Dos crimes por mim passados,
Deixar de amar-te isto não!

Cumprirei a sentença dada
Lavrada por vossa mão,
Tudo cumprirei enfim,
Deixar de amar-te isto não!

Antes de tudo haver sofrido
Quero entregar-te o meu condão
Para uma lembrança esquecida,
Deixar de amar-te isto não!

Ainda um dia hei de ver-te
Por vós dada a absolvição
Proferindo estas palavras:
Era quem me amava? Não.

Arrependida do que vos fiz
Também-vos peço um perdão,
Foram queixas e estas tais
Que vos ofereço a minha mão.

V.

Na verdade, como poeta, êsse apaixonado não merecia muito amor.. E talvez porque a sua deusa tivesse maiores exigências literárias, no outro dia vinha pelo mesmo jornal esta. resposta que, embora incisiva, não se mostrava, quer poética, quer gramaticalmente, mais feliz:

A V.

Meu poeta vou pedir-te
Que não sejas bestalhão;
Dos crimes por mim passados
Não te perdôo, isto não.

Vai cumprir "vossos deveres.
Estudar vossa lição,
Pois escuta meu bestunto:
Vosso amor não quero não.

Que importa teres sofrido?
Vai pra lá com teu condão
Para uma lembrança esquecida
Terás, sim, reprovação.

Desde há muito que vós tínheis
A minha condenação,
Pois eu sempre desprezei
Vossa parva amolação.

No fim do ano dirá:
"Fui sempre da aula um fujão,
Por isto meu pai me espera
Com uma tunda de bordão."

J.

Houve nessas publicações verdadeiros romances de amor, para quem as acompanhou com interesse e constância. Um dêles, em tempos recuadíssimos, começou assim:

Não calculas o amor que nutro por ti, minha amada. Por algum tempo não pude ir ver-te, é verdade, mas se souberes a razão me perdoarás. Ah! muito sofri com isto! Peço-te não sejam assim má, pois o amor que te consagro me mata. Teu sincero

R. B.

O primeiro capítulo resume-se nesse bilhete. Haviam-se conhecido e amado. Ia tudo bem. De repente êle se ausenta, sem explicações. Que foi? Ela pensou num esquecimento, em "outra", em tudo que fôsse ruim... Não o via mais no lampião da esquina! Esperara-o debalde à varanda ou no caramanchão do jardim. Ingrato! Pois também não queria mais saber dêle. Não era o único homem no mundo... Um muxoxo, um arrufo, uma decisão.

Dá-se o reencontro. Reacende-se a paixão no rapaz. Ela, no entanto, de verdade ou fingindo, não lhe dá atenção. Vira a cara, foge, despreza-o. "Deusa de meus sonhos". Não acredita. Caprichosa essa "deusa". Êle recorre aos versos :

O teu riso todo angélico,
Teu olhar encantador,
Fizeram nascer em mim
Um profundo, ardente amor...

Não dá resultado. A moça é dura de se comover. Não lhe perdoa o malfeito. Continua impassível e arisca. Judia dêle à vontade.

Quando tu foges de mim
Sinto cruel dissabor.
Ah! quanto sofre quem está
Nos laços prêso de amor!

Encontram-se, porque os versos aludem a "prazer ao teu lado", mas sem a antiga satisfação de dois corações que se compreendem. Ao contrário. A um recado dêste molde :

Estou imensamente ansioso por ver-te.

há uma resposta cruel :

Desejo nenhum. Não me agrada ver-te.

Os capítulos separam-se por varies meses. Silêncio profundo. Que se teria dado? Reconciliação? Noivado? Felicidade completa? Ou êle terá desistido inteira e definitivamente? Quem pode penetrar o segrêdo dessa mudez?

Eis senão quando surge êste lamento:

Tenho penado bastante por ti! Quanto te
mostras má! Os dias passam e meu amor
por ti aumenta!

Outra mulher, menos voluntariosa, já se teria talvez compadecido. E o romance estaria findo. Porém essa Iaiá ou Maroquinhas revela-se vingativa ou cheia de amor-próprio. "Reinava" para experimentar bem a sinceridade do arrependimento. E não deixava de ser prudente. "Homem!" E persistiam as picardias. Numa "partida", negava-lhe a valsa, dizendo-se doente de um pé, e ia acintosamente dançar uma valsa de corrupio com outro. Num casamento, distribuía os cravos da noiva com todos os rapazes, menos com êle. Até uma rosa que êle lhe deixara cair aos pés, pisara-a "distraída". " E o pobre a escrever-lhe :

Não me é possível esquecer-te. Tua be-
leza e teus encantos me fascinam. Não se-
jas cruel! Exige-me um sacrifício e fá-lo-ei.
Mas dá-me uma esperança de amor e serei
o mais ditoso dos homens.

E não vinha a esperança. Remoques, desdêns, isto sim. Deveria renunciar. Tudo debalde. Um ano, dois anos quase, e nem uma sombra de felicidade. Outro interregno. Silêncio. Suspendera-se O "folhetim". Mas chegou o Natal. Ela estaria veraneando

em Apipucos ou em Olinda. Mês de alegrias para todos, menos para êle. Deus o esquecera sem dúvida. Ela divertia-se e êle penava. Mesmo assim publicou:

Impossível olvidar-te. Impossível! Boas festas!

Noite da missa do galo. Fizera roupa nova, comprara gravata da moda, sapatos de couro de lustro, extratara-se, pusera cosmético no bigode, metera na cabeça o chapéu-de-côco inglês, levou a bengala de cabo de marfim. Saiu radiante. Dera "festa" de três patacas aos moleques de casa. - "Sinhôzinho viu passarinho verde" - afirmara a irmã ao vê-lo tão contente, quando vivia tão macambúzio. Vira mesmo. Pela manhã, ao abrir o jornal, encontrara êste quadrinho:

R.

Cumprimento-te afetuosamente desejando-te milhares de venturas e felicidades, para prazer de quem saudosamente pensa em ti.

S.

Era a ansiosamente esperada vitória. Ela, a querida deusa dos seus sonhos, rendera-se. Quebrara a obstinada mostra de desdém, de desprêzo. Aquêlê cartãozinho do jornal traduzia tudo. E no dia de Festa quisera dar-lhe o presente almejado acima de todos os mais: o seu coração de mulher...

Um verdadeiro romance pelas solicitadas...

Os amôres alheios, como se vê, faziam-se ostensivos pela imprensa de outrora. Ainda nos começos do século atual recadinhos e versos dessa natureza não eram raros. Os quadrinhos, mais ou menos enfeitados, apareciam com felicitações em iniciais, com transbordamentos de ciúmes, com avisos de oportunos encontros... E, às vêzes decepções dessas entrevistas:

À M...

Fui e não... Por quê?

O.

Fôra pressuroso, e não a vira ou não lhe falara. Eis a história tôda. Baile, teatro, novena, piquenique... quem sabe? Talvez propósito, rompimento, olvido. Mesmo com essas manifestações havia quem tivesse esperanças:

À...

O proscrito da sorte ainda te espera.

X.

Nas expansões poéticas dêesses amôres seria natural que, ao lado dos versos maus, surgissem poetas de verdade, com os seus sonetos, e êles predominavam, dignos de elogios. Não admira que os autores deixassem nos seus apreciáveis trabalhos seus nomes por extenso, numa justa vaidade literária. Releva, porém, notar os anônimos. Modéstia, recato, temor de atrair cóleras paternas para a moça... Estaria num dêesses casos o autor dêeste soneto, realmente bem feito, que saiu anônimo :

A...

Morrer é nada! A flor que entreabre o seio,
Turíbulo de perfumes, murcha e morre,
E o rouxinol na mata, que percorre,
Solta, morrendo, o último gorjeio.

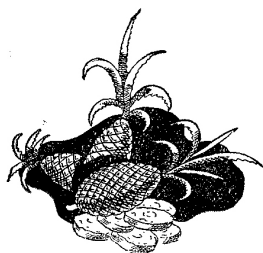
Tomba o cedro do Líbano, no meio
Da luta, em que o calor não mais socorre,
E do tronco lascado a seiva escorre
Por onde perde o gigantesco anseio.

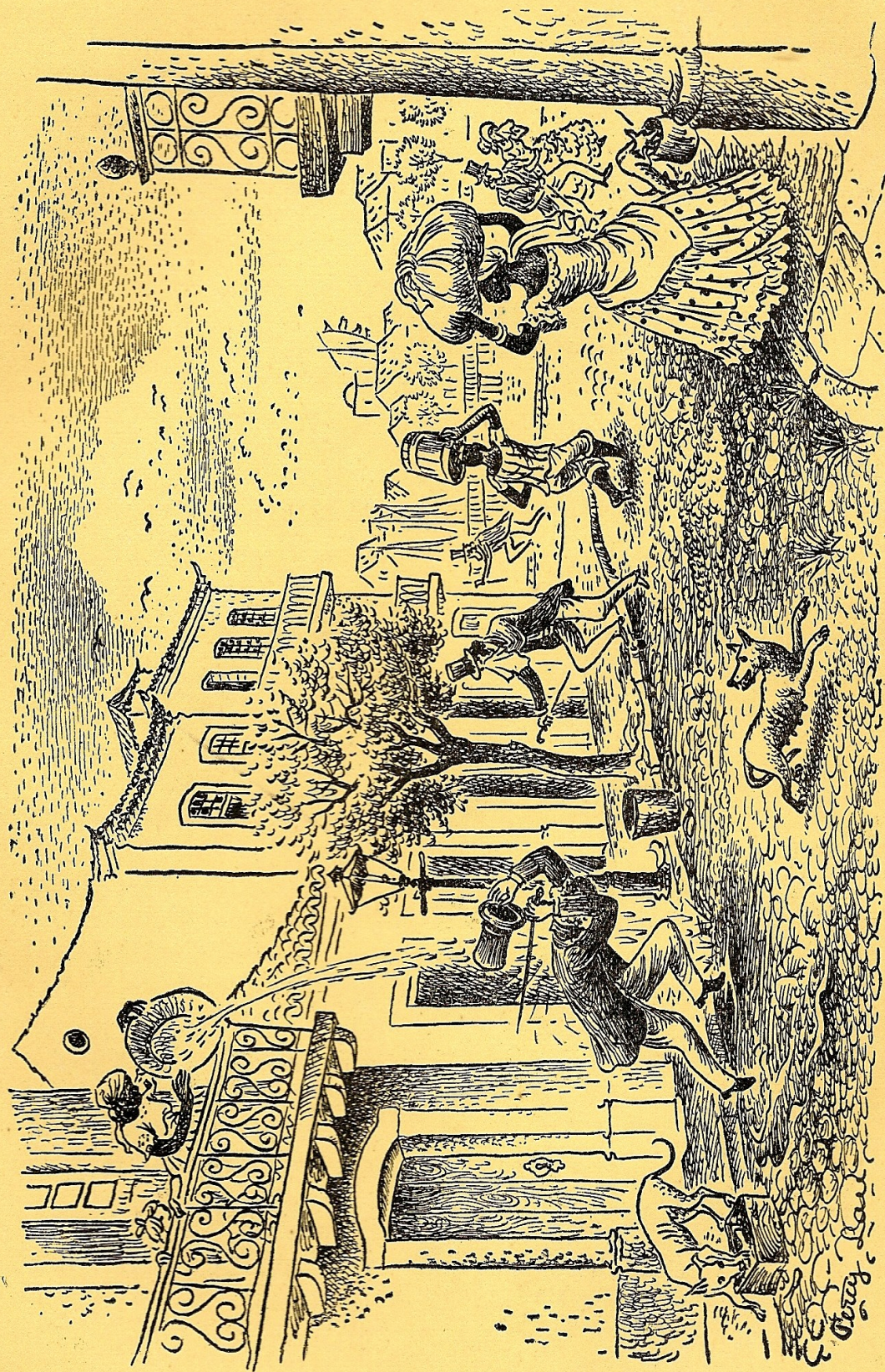
Morrer é nada! A lei, que sopra a vida
E que anima a existência, e o ser vigora,
Mata, de um golpe, a obra produzida...

Porém, morrer aos poucos, hora a hora,
Lendo nos olhos teus quanto és fingida,
Não é morte... É suplício que devora.

Essa mulher não tinha razões, pelo menos intelectuais, para não amar a êsse homem. O sonêto, que não quis assinar, dava-lhe credenciais para merecer um afeto sincero. E quem poderá mais imaginar, depois de meio século de distância, o que houve depois? O "fingida" porventura não seria "de coração". Ciúmes... E os dois se teriam unido e dado ao mundo uma prole sadia e feliz.

Todos êesses amôres de longe, lembrados ou não nesta crônica, levantarão, para nós, esta interrogação: - "Terão florido? Terão murchado?"





A água suja caía da varanda e o "tigre" passava agredindo as narinas dos transeuntes.



De que modo se começou a fazer, no Recife, a remoção dos dejetos humanos e das águas servidas?

Nos arrabaldes e zonas onde existiam grandes terrenos era fácil abrir buracos para enterrá-las, ou sulcos para desviá-las, quando não os atiravam aos rios e mangues. Mas no centro da cidade, com exigüidade ou ausência de quintais, nos prédios de sobrados? Como se proceder na retirada desses resíduos cuja permanência, além de se tornar perigosa à saúde, era desagradável ao olfato?

Recorreu-se ao préstimo do escravo. Ele era pau para toda obra. Em barricas, à noite, fazia-se o transporte até à beira das "marés", onde se dava o despejo. Aos poucos organizou-se serviço mais ou menos regular, mediante paga mensal aos empresários. Nos dias marcados, logo que escurecia, os portadores chegavam e levavam os vasilhames mal-cheirosos, para trazê-los, minutos após, vazios e prontos a receber nova carga.

A êsses barris deram a denominação de "tigres", que se estendeu aos próprios condutores. Havia "tigres com chapéu" e "tigres sem chapéu", ou seja de tampa ou sem ela. Reclamava-se contra os destampados. O nome de "tigres", sem dúvida, seria alusão à coragem dos seus transportadores... O trânsito desses depósitos pelas ruas importa vexames, sacrifícios. Todos levam o lenço ao nariz, fecham-se janelas, transeuntes fogem ou se encolhem. Há uma caricatura da época, muito expressiva, pois representa as atitudes dos que passam por um trecho da cidade no momento em que os tigres também o freqüentam. Os transeuntes recuam, encostam-se às paredes, viram os rostos. A gravura deixou-nos todo o flagrante do quadro de antanho

Conta-se que os portadores desses barris alertavam de longe os moradores com

esta frase :

- Abra o ôlho! Abra o ôlho!...

Não raro as vasilhas, já meio apodrecidas, rompiam-se em plena rua, e o seu repugnante conteúdo, depois de banhar o escravo, espalhava-se pelo solo.

Do que fôsem os locais destinados ao despejo de tais imundícies pode-se bem ter idéia pelas reclamações que enchiam os jornais da época. Bastaria citar a dos passageiros da *Trilhos Urbanos do Recife a Apipucos*. A estação inicial ficava perto do Arco de Santo Antônio, e ali também os tigres eram aliviados de sua carga. Quem estava à espera do trem ou nêle aboletado, tinha de sentir "o perfume" espalhado. Outros pontos, de igual modo, tornavam-se indesejáveis pelo mesmo motivo, gerando-se queixas semelhantes às dos fregueses da maxambomba. Posteriormente ficou proibido fazerem-se despejos em qualquer sítio onde passasse o rio. Estabeleceram-se, em edital da Municipalidade, os locais para tal serviço. Eram êles: Detrás do Teatro Velho - Travessa do Alecrim - Dita das Cinco Pontas - Dita de São José - Cais do Lessa (fundos do armazém do Sal) - Beco do Capim - Forte do Matos (por trás da casa do Borba) - Rua do Arsenal de Marinha (fundos do Beco Largo) - e Pôrto das Canoas.

Na Boa Vista os pontos marcados seriam: Ponte Velha, no fim da Rua dos Coelho, Barreiras e Rua da Aurora.

Êsse edital vinha assinado por José de Barros Falcão de Lacerda, em nome do presidente da Província, e estava datado de 1843.

O problema das águas servidas não se apresentava menos grave. Tornara-se usual despejá-las de varanda abaixo, quando se vivia em sobrado. Uma postura municipal de 1831 determinava ninguém o fizesse, sem ser à noite, e isto mesmo com êste aviso prévio três vêzes seguidas :

- *Água vai!... Água vai!... Água vai!...*

Multa de 4\$000, além de indenização dos prejuízos causados, em caso de infração.

Todavia, os banhos inesperados, e mal-cheirosos, não desapareciam da paisagem recifense. As queixas abundavam. Uma fôlha inseriu:

Adverte-se ao morador novo da Rua do Crêspo que nessa rua não é costume lancar-se águas das janelas em baixo, porque sendo esta rua muito pública pode causar muitos desastres como aconteceu um dia dêstes. Isto faz um dos padecentes.

A cena é de 1852. E é fácil imaginá-la. A escrava debruça-se à janela e derrama estouvadamente o conteúdo seboso da gamela, enquanto o "padecente", com seu redingote cheirando ao alfaiate, recebe a indesejável irrigação.

À medida que a cidade crescia, o trânsito dos tigres aumentava. E o volume das águas servidas igualmente multiplicava as dificuldades domésticas em desviá-las dos interiores das casas sem quintal ou perto das quais não existissem marés. As condições higiênicas iam refletindo essa conseqüência de um péssimo sistema de eliminação das fezes e das águas sujas. Sobretudo quando as epidemias, de cólera-morbo assaltaram o Recife, nos anos de 1856 e 1859.

Num relatório apresentado à Presidência da Província, em 1854, no tocante à Saúde Pública ressaltava-se o grave inconveniente do "transporte de excrementos em barricas" e preconizava-se a adoção de "latrinas móveis" por serem as "permanentes" inaconselháveis devido à pouca elevação dos terrenos. "Os perigos seriam maiores aqui que em outros lugares." Por outro lado, os quintais viviam sujos de lama e

de lixo.

O primeiro surto de cólera foi tremendo. A cidade como que se encolheu toda de pavor. As fogueiras ardiam pelas ruas e as procissões de penitência repetiam-se à noite, com seus cânticos de súplica que gelavam os corações. Às portas dos templos expunham-se imagens. Entoavam-se a todo momento "Benditos contra a peste". O Carnaval passou fraquíssimo, quase nulo. Verificaram-se para mais de 3.300 óbitos no Recife, nessa epidemia, tendo havido dias de mais de 100.

Sem dúvida essa mortalidade terrível deu ensejo a que em 1858 se cuidasse de uma concessão para se organizar empresa que explorasse serviço moderno de esgotos. E a 25 de setembro assinava-se um contrato para tal fim, com o engenheiro Carlos Luís Cambronne.

Esse contrato cogitava de um serviço de escoamento das águas servidas para o rio, por meio de canos de ferro ou de grés. Quanto às "matérias sólidas", seriam depositadas em caixas de madeira revestidas de metal, herméticamente fechadas, que a empresa forneceria a cada domicílio, com capacidade para dez pessoas, em 15 dias. Eram as "latrinas inodoras". De quinzena em quinzena esses depósitos seriam transportados ao despejo, em local próprio, por carros especiais.

A empresa encarregar-se-ia também do transporte do lixo. Os trabalhos começariam dentro de 18 meses e estariam prontos em cinco anos.

Cada contribuinte pagaria, em quartéis vencidos, a importância anual de 20\$000, e, no caso de excederem as pessoas o número, de dez por domicílio, haveria o pagamento de mais mil réis por pessoa.

Esse contrato, que não teve execução pelo Sr. Cambronne, foi renovado em 1865 com o mesmo engenheiro francês e o Comendador Antônio Gomes Neto.

Essa renovação de contrato assentava nas seguintes bases:

O cessionário, por si, seus sócios e sucessores, obrigava-se a estabelecer um sistema completo de limpeza e escoamento das matérias excrementícias e águas servidas da cidade do Recife, nas casas existentes e nas que viessem de futuro a ser construídas. O sistema consistia de um aparelho de latrina a sifão, com suprimento de água salgada, e destinado ao escoamento das águas servidas, e de uma canalização de ferro, ou grés vidrado, interiormente, por onde todas as matérias deveriam ser conduzidas ao mar, no ponto indicado na planta.

As obras começariam 18 meses após esse contrato e estariam concluídas dentro de 4 anos. Seriam fiscalizadas obras e serviços pelo governo. Nos prédios de sobrados haveria pelo menos uma latrina em cada andar.

Haveria latrinas e mictórios públicos. A cidade dividir-se-ia em três -distritos: bairros Recife, Santo Antônio e São José, e Boa Vista.

Os preços das latrinas seriam estes: 3.^a classe, 27\$000, pagos por quartéis vencidos, anualmente, por uma só latrina ; por duas latrinas, 52\$000, e por três, 60\$000. Mais 6\$000 por aparelho excedente. A empresa teria preferência para a remoção do lixo dos domicílios. O sistema proposto era o mais aperfeiçoado então existente, exigindo dupla canalização, emprego de máquinas a vapor e adoção de aparelhos a sifão, semelhantes aos de Londres, com completo e abundante suprimento d'água. O sistema de que cogitava o contrato de 1808 tornara-se já muito inferior nas suas vantagens. Serviu de fiador a essa inovação de contrato o Barão do Livramento, nome ligado a vários outros melhoramentos no Recife.

Em 1867 a imprensa queixava-se de que até então nada se tivesse feito em matéria de esgotos. Os tigres continuavam na sua tarefa, com o que folgavam bastante os que os exploravam. Possivelmente teriam sido esses exploradores dos tigres que ins-

piraram o poeta satírico dêstes versos:

As casas hoje se ajuntam,
Em fera sociedade,
Para oporem-se ao cambrone
Que brutalmente as invade.

Os contratantes pensaram mesmo em se ver livres do compromisso. Em maio de 1876 propuseram ao Govêrno ceder todos os direitos, privilégios e obras já realizadas mediante a indenização de 1.400:000\$000.

A Assembléia Provincial, porém, manifestou-se contrária.

O povo já começara a chamar de "cambrone" aos aparelhos de latrina, em alusão ao engenheiro que dirigia os serviços de esgotos. Por sinal que êsse francês viveu entre nós longos anos e aqui faleceu, repentinamente, ao tomar um banho. Teceram-lhe as fôlhas muitos elogios. A viúva deixou-se ficar em Pernambuco, dirigindo um colégio de moças na Capunga.

Outros versos refletiam a azáfama dos trabalhos da empresa, de "limpeza e asseio" do Recife:

Em casa metem-se canos,
Cada quarto está servido,
E assim vai ser conduzido
Aquilo que o catingueiro
Crê que é pomada de cheiro.

De fato, em 1871, ao transitar o Imperador D. Pedro II por esta cidade, a caminho da Europa, no paquete inglês *Douro*, assistiu à bênção das instalações da *Recife Draynage* e ao início dos serviços. Armara-se um "belo pavilhão" nas Cinco Pontas, e nêle se realizou a cerimônia. Ao centro havia um vistoso repuxo de cinco jorros d'água. Serviu-se uma mesa de bolinhos e bebeu-se champanha.

O pavilhão foi visitado nesse dia por 4.594 pessoas, e um jornal lamentou que, para maior agrado, não tivessem mandado para lá uma música.

Em 1878 as atividades da empresa podiam ser avaliadas por este tópico de um relatório: A colocação de aparelhos orçara em 2:437\$712. Em consertos: rs. 10:161\$420. As anuidades renderam 101:407\$344. Havia entretanto, no bairro do Recife, 400 casas ainda sem latrina. E estavam instalados 8.213 aparelhos.

A medida que se ia concluindo a instalação dos aludidos aparelhos, podendo êles serem utilizados, a *Recife Draynage* publicava nos jornais avisos que decerto envai-deceriam os moradores dos prédios a que se referiam, por mais prosaica que fôsse a regalia autorizada. Leiamos um dêsses pitorescos avisos:

COMPANHIA RECIFE DRAYNAGE

Os srs. Proprietários e inquilinos das casas das ruas do Livramento ns. 1 a 39, do Rangel de 2 a 62, e de 1 a 77, da Penha de 1 a 33, largo da Ribeira de 2 a 14, Du-

que de Caxias de 31 a 121, Pedro Afonso de 2 a 84, beco do Carcereiro de 1 a 19, S. João de 19 a 63, Concórdia de 126 a 144, travessa do Gás de 2 a 54, Cadeia Nova de 29 a 33, podem fazer uso dos aparelhos de latrina que estão colocados nas suas moradias.

Provindo a maioria das reclamações que são diariamente recebidas do uso impróprio que os moradores fazem dos aparelhos, consentindo que seus fâmulos lancem nos mesmos panos, ossos, espinhas de peixe, e outros resíduos de cozinha, do mesmo modo que faziam pelo antigo sistema dos barris, a empresa faz público para conhecimento dos mesmos senhores que os aparelhos são destinados para receberem unicamente as matérias fecais e as águas servidas de uso doméstico, e que tudo mais que fôr ali lançado tende a obstruir os canos, em prejuízo dos srs. proprietários que são responsáveis pelas despesas da desobstrução.

Recife, 23 de dezembro de 1872.

BROTHERHOOD JUNIOR
Gerente interino.

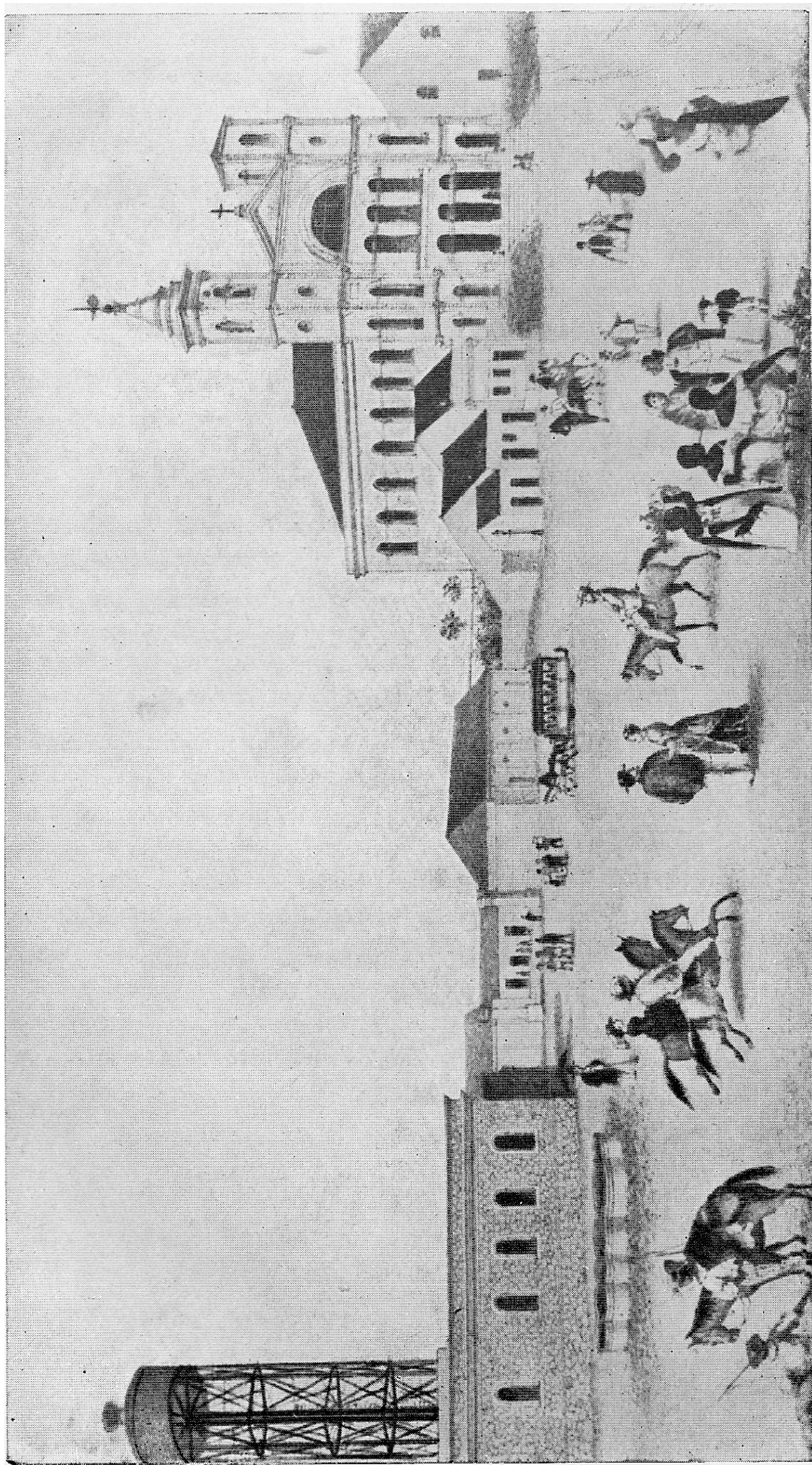
E a cidade ia, afinal, na sua parte urbana, sendo libertada dos tigres, nada obstante as campanhas mofinas dos prejudicados. Um exemplo dêsse despeito contra o melhoramento foi o boato de que o surto de varíolas manifestado no Recife logo após a inauguração dos esgotos resultava dos... "aparelhos dentro das casas". Houve até uma representação de grandes proprietários de casas ao Imperador, contra os esgotos.

Os malefícios verdadeiros do sistema de escoamento das fezes e águas servidas adotado pela *Recife Draynage* viriam a se produzir, sim, mas muitos anos depois, quando, pelo acréscimo da população, pela falta de zelo da empresa, pelo mau estado dos canos, pela insuficiência da água, passassem êsses serviços a se tornar responsáveis, em grande parte, pelas péssimas condições higiênicas da cidade, como bem acentuava Otávio de Freitas em vários de seus trabalhos médicos. As caixas das latrinas eram focos de ratos e de baratas; a canalização estourava, contagiando o sub-solo e atingindo veios d'água; as descargas não eram eficientes; a colocação dos aparelhos tornava-se inconveniente e perigosa quando eram próximos às cozinhas, salas de refeições, quartos de dormir.

Em 1893 o Governador Barbosa Lima pensa num novo serviço de esgotos para o Recife, uma vez que terminaria dali a poucos anos o prazo da concessão da *Recife Draynage*, que se confessa incapacitada de melhorá-la.

Enfim, a *Recife Draynage* via-se acusada de responsável pela alta mortalidade da capital pernambucana. Otávio de Freitas apresentou ao govêrno do Estado magnífico relatório acêrca das nossas más condições de higiene, acentuando a urgente necessidade de ser o Recife dotado de outro sistema de esgotos, moldado no que houvesse de mais moderno na época. Incontestavelmente eram os aparelhos e canos da *Draynage* os causadores de milhares de casos mórbidos, principalmente os de tifo e disenteria. Notava-se mesmo que os arrabaldes onde não existiam instalações da *Draynage* ofereciam melhores condições de salubridade do que a parte central da cidade. As epidemias tornavam-se habituais: todos os anos a varíola, a peste, a febre amarela, a disenteria.

No quadriênio Gonçalves Ferreira abre-se concorrência para novo serviço de esgotos. Apresentam-se três concorrentes, que, em parecer do Dr. Tôrres Cotrim, foram



No Largo de Cinco Pontas a torre do novo serviço de esgotos fala do progresso da cidade no meado do século passado.

assim classificados: 1.º lugar - Dr. Manuel Tapajós; 2.º - Dr. João Teixeira Soares; 3.º - Dr. José Antônio de Almeida Pernambuco. Mas já a 25 de fevereiro de 1908 o Governador Sigismundo Gonçalves anula essa concorrência sob o fundamento de serem de preços muito altos as propostas.

Todavia, o Dr. Otávio de Freitas persistia em clamar pela nova rede de esgotos. Dela dependeria a salubridade do Recife. Morrias-e na "Veneza Americana" como em Bombaim. Em 54 anos tivéramos 109 epidemias. Aliás, doenças como a peste, a febre amarela, a varíola, estavam-se tornando endêmicas entre nós. Que se dotasse a cidade de um serviço o mais moderno de esgotos, e nossas condições sanitárias modificar-se-iam logo.

Em agosto de 1905 desembarca no Recife o engenheiro Mitchell Whitley, da firma Douglas Fox, para levantar uma planta do Recife. Organiza-se a comissão com engenheiros estrangeiros e nacionais, e sem demora eles eram vistos por todos os recantos da cidade e seus subúrbios a visitar casa por casa, tomando medidas e realizando estudos dos terrenos.

Os serviços da *Draynage*, cada vez piores. Quando uma turma de operários abria um buraco para consertar os canos já estourados de velhos, quem é que agüentava o mau cheiro? Nos interiores das casas as latrinas nunca tinham água e só poderiam localizar-se em quartos do quintal.

A Repartição de Obras Públicas, em 1908, toma a seu cargo os serviços de esgotos, o que motiva protesto do gerente, o inglês Mackintosh, por intermédio do seu advogado Dr. Milet. Mas, a empresa já não dispunha de direitos contratuais: desde 1903 findara o prazo da concessão e a *Recife Draynage* obtivera apenas permissão para continuar a executar o serviço até nova decisão.

Essa decisão, e importante, o govêrno Herculano Bandeira iria tomá-la. De Santos chega o sanitarista Saturnino de Brito, que já realizara a obra de saneamento da grande cidade paulista. Com o seu extraordinário poder de iniciativa, de trabalho, de disciplina, Saturnino de Brito escolhe seus auxiliares, organiza turmas de operários, recebe de Santos alguns especializados, e... mãos à obra!

O Recife assiste a uma de suas fases mais curiosas de atividade. Sucedem-se quadros de todos os matizes. Abrem-se valas em tôdas as ruas da cidade, desde as mais importantes às mais modestas.

Na Rua Nova, na Pracinha, na Rua da Imperatriz, no livramento, no bairro do Recife, há profundos sulcos de ponta a ponta e montes de terra aos lados. Os grandes condutores, barricas de cimento, ferramentas em filas, e pinguelas para os transeuntes.

O comércio viu-se em certos apuros durante alguns dias. E o Carnaval perigou, porque as artérias centrais se achavam quase intransitáveis. Como se brincar de bisnagas e confete ali? Como passar o frevo e o corso? Mas Saturnino de Brito era mesmo dinâmico. Deu ordens para tudo ali se concluir antes do Carnaval, e assim foi feito. Quem lhe desobedecia a uma determinação? Tinha autoridade e prestígio

Os bondes, também, andaram mudando de percurso, e ruas que nunca os haviam visto tiveram momentâneamente essa regalia: Avenida Riachuelo, ruas da Trincheira, Florentinas, Augusta, Pátio do Paraíso...

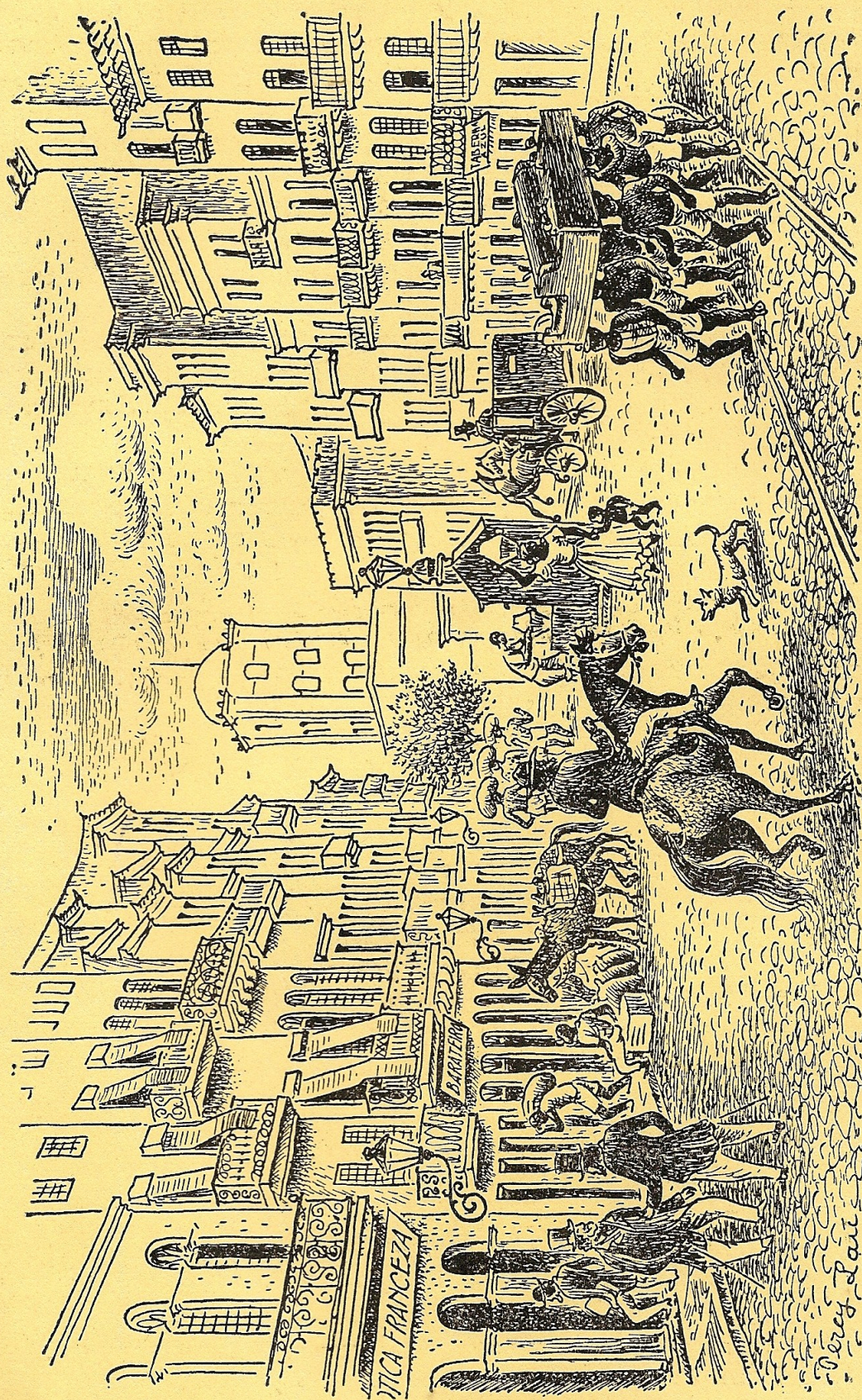
Era por essa época que as senhoras usavam umas saias muito apertadas nos tornozelos - as *jupes entravées*. Querendo uma dessas damas atravessar a vala da Rua Nova, não lho permitiu a saia estreita, e caiu no buraco.

Cousas do saneamento! Mas, também, quando os serviços se inauguraram, quan-

do se teve a água farta de Gurjaú, todos os obstáculos, aperreios, mudanças de hábitos, lama, poeira, foram mais que compensados.

A inauguração realizou-se a 12 de dezembro de 1915, e desde então o Recife passou a ser não uma das cidades em que mais se morria, mas uma cidade em que se morre porque a morte ainda não se acabou.





As boticas e lojas anunciam-se e os pianos saem da Alfândega para as mãos das damas e sinhazinhas.

Orrey-Lanc



As modas e o bom gosto, requintes peculiares à finura da sociabilidade, foram-se apurando no Recife por todo o transcurso do século passado de forma intensiva, mercê das circunstâncias de progresso inerentes à época, de profundas transformações políticas e econômicas. Sente-se êsse evoluer acentuado nos escritos contemporâneos, que, por sinal, também refletiam as mudanças ambientes, num sôpro mais largo de espiritualidade, possibilitado pelo duplo fenômeno da Independência e do romantismo.

Tínhamos, então, um panorama brasileiro, quer no regime quer na literatura. As rajadas das novas idéias transpunham o oceano e varriam o nosso país, trazendo-nos os moldes do constitucionalismo e da democracia, como, igualmente, o dos livros e o da imprensa. A tudo, no entanto, íamos dando, como já déramos à raça, um tempêro nacional.

Os costumes não poderiam furtar-se a modificações. Nos indumentos e na prática do comércio. A segunda e a terceira décadas do século XIX assistiam à especialização das casas comerciais, das lojas como lhes chamavam. Menor o número daqueles armazéns mistos, onde a vendagem dos gêneros alimentícios alternava com a das fazendas e miudezas. Aventuravam-se as "casas de modas", em geral estrangeiras, francesas notadamente, oferecendo artigos com uma distinção que se traía pelo próprio sistema do reclamo.

Pôsto não fôssem ainda freqüentadoras das ruas as famílias, em compras, vigente o uso de se adquirir quase tudo a domicilio nos baús dos mascates, já apareciam nesses estabelecimentos modernos senhoras mais libertas dos preconceitos sociais da época, embora acompanhadas dos maridos ou dos pais. A visita às "lojas", - e

não mais, prosaicamente, "boticas" - gerava um prazer arrastador de outras famílias. Alegrava-se a vista, topavam-se conhecidas, discutia-se por trás dos leques padrões e figurinos. E já se ia às costureiras acertar os modelos ou fazer a prova.

Que disso falassem os rigoristas e os maldizentes: - "As mulheres agora só vivem na rua." O número crescia. Sobretudo quando apareceu a sege e o bonde. Era tão fácil vir mesmo de longe à cidade! Outro mundo estava-se criando no ambiente urbano. Os próprios anúncios das fôlhas revelavam tais mudanças. Havia pequenos cli-chês em que um alfaiate assentava melhor a casaca do freguês, com gabos à perícia da tesoura e à qualidade da casimira; com um caixeiro a desdobrar em face da dama uma peça de certa sêda em moda; com uma basta e ondulada cabeleira feminina originada de um famoso óleo perfumado de Paris...

O faustoso e apurado panorama dos salões no Segundo Reinado condicionava-se a essas transformações de elegância. As casacas pretas ou de côres, de golas de veludo, as saias armadas e os corpinhos de pafos, além das caçoletas de ouro e diademas de brilhantes, sem esquecer os leques de plumas, os borzeguins de cetim, as lunetas de tartaruga, as cartolas reluzentes e as chapelinhas de gorgorão, permitiam a existência de lojas cujos interiores seduziam os olhares e atraíam fregueses.

Já os tecidos tomavam nomes alusivos a acontecimentos e figuras em evidência: *Criméia, Maioridade, Sebastopol, Varsoviana, Regente...* Mais tarde seriam *Abolicionista, República, Aquidabã, Jagunço, Capoeira, Sangaio...* As revistas de modas, com desenhos, como *A Estação*, vendiam-se na Côrte a 12\$ a assinatura anual, e nas províncias a 14\$000. *Jornal de Modas Parisienses*. Tudo era, neste particular, parisiense. O *Carapuceiro* afirmava só faltar se cuspir à francesa. Até as crianças, ao nascer, vi-nham em um cestinho de Paris...

As modistas da França, em aqui chegando, não se limitavam a cortar e coser. Abriam também suas casas de *nouveautés*. Madame Routier, por exemplo, vendia chapéus de montaria, turbantes e capelas, bicos de blonde, capotinhos de retrós para proteger penteados. Madame Théard no seu sortimento dispunha de balões, aspas para os ditos, baleias para espartilhos e corpinhos, e fazia pregas a 20 réis o cô-vado. Outra francesa, Madame Milochaud, tinha. vestidos para a Quaresma, romei-ras, anquinhas a 1\$500, manteletese chapéus de filó ou palha do maior gôsto de Pa-ris.

Quanto ao custo dos feitios, poderemos saber o de uma modista do tempo:

Vestido de gorgorão, sêda, <i>gros de Naples</i> , popelina	10\$
De cambraia ou gaze	8\$
De lã	6\$
De chita	3\$
Vestido de noiva	20\$

Os vestidos de noiva eram costurados a preços convidativos para os que hoje vi-vem, mas certamente "pelos olhos da cara" no julgamento econômico dos contempo-râneos.

O sexo forte também mal se arranjava com a tabela dos alfaiates: casacas debrua-das, pretas ou de côres, 26\$; sobrecasacas, 28\$; jaquetas de pano, 16\$; calças, 12\$; colête de veludo, 7\$.

Convém ressaltar que os preços se referem à fazenda e ao feitio. E são de 1842,

quando um par de luvas de sêda custava duas patacas.

A arte do reclamo andava bem adiantada nesses dias distantes. Assim, um anúncio provocava as sinhazinhas casadoiras :

A Ilma. Sra. que quiser se apresentar no tão suspirado dia do casamento com um vestido digno do magnífico ato mande comprar na loja de miudezas do Cardeal, junto à botica do sr. Bartolomeu.

E, sem dúvida, a noivas encantadoras cingindo encantadores trajos de núpcias destinar-se-iam aqueles delicados leques de madrepérola com penas e pinturas, borla de sêda e frasquinho de cheiro. E as caçoletas para colocar daguerreótipos - o retrato do noivo? Ofereciam-nas as lojas em versinhos :

É tão barato
que faz animar;
quem vir a pechincha
não deixará de comprar.

As saias de roda e de babados impunham-se. Arcos e anquinhas. A ponto de um crítico ironizar :

Dizia-se antigamente que a mulher quanto mais pequena melhor, porque levava menos pano nos vestidos; hoje, alta ou baixa, bojuda como uma pipa ou esguia como um espêto, gasta as mesmas varas de côvado: o que sobeja no comprimento acomoda nas ancas, embora pareça campainha de cima de mesa.

A vaidade e a preocupação dos trajos ia dominando as cabeças femininas. Pouco importavam possibilidades pecuniárias de pai ou marido, contanto que se acompanhassem os figurinos do *Jardim das Damas*. Os hábitos de sociedade iam-se afastando bastante dos tempos em que se vivia em casa brincando o "jôgo do limão" com o *Chora, Mané, não chora, porque não vê o limão*. E, de mão em mão, o limão se escondia, até que, na roda, alguém o encontrava.

Aconselhava-se: "tôda moça que quisesse casar devia ser examinada em ler, escrever, contar, coser, remendar, tomar ponto de meias, princípios de cozinha e fazer torcidas". As torcidas eram para os candeeiros de azeite de peixe ou carrapato.

Uma das inovações marcantes do século passado foi a dos cabeleireiros. Homens e senhoras, mas franceses na maioria. Madame Marie Lavergne, na Rua do Crêspo, n.º 14. Era sucessora de um Sr. Godofredo e mantinha êstes preços:

Penteados de Exmas. Senhoras feitos no estabelecimento	2\$000
Na residência	4\$000
Assinatura por mês, sendo um penteado por dia, na residência das freguesas	100\$000

Para os penteados de noivas, condições especiais. Penteava coques a 1\$500 cada

um.

Como se vê, já as damas costumavam vir às lojas, embora em gabinetes discretos, fazer penteados. E algumas, de posses vultosas, pagavam mensalmente a alta soma de 100\$000 para ter suas tranças e cachos bem armados à moda de Paris. Algumas dessas cabeleireiras aplicavam cosméticos, carmins e *veloutine*, pós de flor de arroz, aderentes e invisíveis. Uma caixinha com borla custava 5\$000.

O Gustave era também cabeleireiro francês de fama. Bem assim o Delsuc, da Rua Duque de Caxias, n.º 7 A, 1.º andar, que dispunha de 12 oficiais para barbear, 6 para cortar cabelos e "3 ditos para o postiço". Seu estabelecimento denominava-se enfaticamente *A Tesoura de Ouro*.

O recato para as senhoras era indisfarçável. A própria Madame Lavergne e outras colegas de negócio frisavam ter uma sala em que só teriam ingresso as senhoras que se quisessem pentear em seu estabelecimento sem estar expostas às vistas dos mais concorrentes. Não admira tal discrição feminina, porque entre os homens havia quem não se expusesse ao desfrute de cortar cabelo aos olhos dos transeuntes. Mr. Théard, sem dúvida espôso da que fazia pregas, declarava continuar por cima da loja do Sr. Brandão, porque muitas pessoas acham melhor cortar o cabelo num sobrado do que numa loja. Seu preço seria sempre o de 320 réis, Depreende-se que começavam a surgir cabeleireiros em andar térreo e a aumentar suas tabelas...

Também as sapatarias acentuavam ter gabinetes reservados, onde as damas experimentariam os calçados com "a decência-desejada". E compravam os sapatos gaspeados a 4\$200, para si, enquanto escolhiam também os de lustro, para meninas, a 1\$500. Quando não uns chinelos de tapête, para levantar da cama, a cinco tostões.

O Recife andava na verdade muito mudado para os velhos. Tinha até um professor de dança. Luis Cantarelli, na Rua das Trincheiras, n.º 19. Ensinava também em colégios. Com certeza teria altas credenciais para naqueles tempos se meter a dar lições de volteios às alunas dos educandários...

Outra modalidade de profissão há pouco aparecida, e em prosperidade: a dos dentistas. Quase todos também franceses: Paulo Guignaux, Frederico Gauthier... Colocavam gengivas artificiais e dentaduras completas. Pagava-se pela extração de um dente 3\$000, e se se empregasse o "eterizador", mais dez tostões. A obturação a ouro custava 5\$000.

A clientela dos consultórios justificava a abertura de novos gabinetes e a competência dos preços. O Osório, já nosso patrício, ornava seu anúncio com umas ilustrações de molares, de dentaduras parciais ou completas, e punha acima delas o seu retrato barbado, porventura para impor mais confiança e respeito. E ia mais a um requinte nacionalista: em letras grandes - *Dentista de Pernambuco*. Em compensação, Madame Tomás fazia questão de se apresentar como "Parteira Francesa", diplomada por Paris. Dessas assistentes gaulesas ter-se-ia originado o costume de se garantir aos meninos virem da França os irmãozinhos...

Na ciência odontológica já se percorriam caminhos longínquos dos da arte do José Anacleto, dentista e sangrador bem conhecido, que sangrava e tirava bem dentes, por preços à vontade de quem lhe desse a preferência, chumbava, separava perfeitamente os dentes de frente, aplicava ventosas sarjadas...

E os consultórios de dentistas iriam servindo de pretexto a muito passeio às ruas...

Outra inauguração de ruído, na cidade, foi a da Casa de Banhos do Pátio do Carmo. Nasceu do novo sistema de abastecimento d'água do Prata. Tratava-se de um grande estabelecimento, com 18 quartos, 10 para homens, 4 para senhoras, 2 de

chuveiro e 2 de duchas. Caldeira a vapor para banhos mornos. Respeito e boa ordem, absoluta separação dos sexos. Um banho morno, com direito a toalha, sabonete e... aguardente, custava 1\$000. Ditos de farelo, também dez tostões; o sulfuroso exigia mais 500 rs , E os de ducha circular, 2\$000. Banheira forrada com lençol, mais 5 tostões. Havia assinaturas. Vinha essa casa balneária substituir a falada "Barca de banhos" que existira no Capibaribe, muito freqüentada no seu tempo, com café e bolinhos, e sala para recreio - e motivo de vários banhos de igreja...

As lojas de jóias também se tornaram numerosas na cidade de outrora, e, singularmente, quase tôdas situadas na Rua do Cabugá. A nomenclatura dos artigos de ouro, prata e pedras preciosas nelas oferecidos alongava-se nos reclamos, tentando a imaginação dos que não compreendiam uma apresentação social sem êsses atavios de luxo.

Estabelecimento curioso foi o de Manuel Pedro de Melo, sob o título *O Profeta*, na Rua das Cinco Pontas. Êsse negociante ostentava seus dotes de empreendimento, de "dinamismo", e, não "querendo restringir-se às formas comuns de comerciar", declarava aceitar pelos gêneros de sua casa, além de dinheiro, açúcar, algodão, milho, feijão, bois, cavalos e escravos... Isto foi em 1864.

Mas, em regra, sentia-se que, com a era do gás, da água encanada, do bonde de burros, das carruagens, do vapor, tudo estava avançado. Os bailes, os teatros, os prados, as "partidas", as festas de igreja, o próprio Carnaval, impunham modas e costumes outros. Vendiam-se fantasias para os três dias de Morno. Falava-se na companhia lírica. Elogiavam-se os extratos de Houbigant, de Piver, de Atkinsons, de Roger-Gallet. Havia as tinturas para os cabelos e as barbas, no cabeleireiro Odilon, na Rua da Imperatriz, que chegou ao século XX.

As lojas, que a comêço eram apenas identificadas pelo local ou por uma particularidade do prédio, passavam a ter nomes. Não mais a Loja junto do Arco, da esquina da Rua da Cadeia Nova, em frente da Boneca, do Atêrro da Boa Vista, das listras, das seis portas. Agora, a *Maison Moderne*, a *Boa-Fé*, a *do Balão*, a *da Fragata Amazonas*, a *do Elefante de Botas*, a *do Pavão*. Esta apregoava alpaca da côr dos cabelos de D. Maria Pia. E também os *soutembarques* de *gros de Naples* pretos ricamente enfeitados. Sem dúvida, dêsse modelo de indumento nasceu a expressão *sutambaque*, usada depois para definir um casacão pesado e incômodo.

Loja interessante era *O Rival sem Segundo*, de um Zé Bigodinho. Vendia, entre outras causas:

Varas de babado bordado do Pôrto a	\$200
Dúzia de tesourinhas a	\$480
Carretéis de retrós a	\$080
Frascos de água-de-colônia a	\$500
Dúzia de penas de aço a	\$060
Silabários com estampas para meninos ...	\$320
Dúzia de meias finas para senhoras a	4\$000
Realejos a	\$100

Sem esquecer pentes para alisar e para tirar piolhos.

Os primeiros anos do século XX ainda conheceram um comércio que fechava às 9 horas da noite. Escurecendo, as famílias saíam mais à fresca a fazer as suas com-

pras. Senhoras de *matinée* e sem chapéu... A comodidade delas justificava o excesso de trabalho dos caixeiros. Era argumento contrário à idéia do fechamento do comércio às ave-marias. Não admira, porque em 1886, ao se pôr em execução a lei de descanso dominical, os críticos ironizaram, achando que as cozinheiras e... as parteiras também deviam ter direito a tal repouso. E outros achavam que soltar caixeiros aos domingos seria concorrer para sua perdição moral. Iriam vadiar, beber, jogar...

Defendiam também o fechamento das lojas às 9 da noite os homens que depois do jantar iam prosar à porta dos estabelecimentos ou mesmo lá dentro, em cómodas cadeiras. Costume do tempo.

A abertura das casas de Madame Júlia Doederlein e Emília Brack, na Rua Nova, trouxe uma nota viva e inédita ao comércio recifense. Ao invés de caixeiros, moças nos balcões. A zombaria, a malícia, a indignação soltaram-se. Mas a inovação deu certo. Os estabelecimentos *Casa Alemã* e *Casa Inglesa*, mais conhecidos por *Madama Júlia* e *Madma Brack*, serviram de modelo a muitos outros, no gosto, na elegância, nas novidades de exposições e de serviços rápidos. Aparelhagem elétrica para a iluminação e para os trocos. Orquestra aos sábados. Uniformes das caixeiras. Estudantes pelas portas, "grelando" as moças. Algumas delas deixaram o balcão para serem donas de casa bem felizes. Uma, morreu românticamente a dançar.

E mereceram versos :

Tão formosas, feiticeiras,
Numa troça sem rival,
As caixeiras do Recife
Vêm brincar o Carnaval.

Nesses dias de folia,
De requebros sem igual,
Vamos nós, tôdas primores,
Divertir o Carnaval.

Nossos casacos tão lindos,
Nossas saias a voar.
Prenderemos os coíós
Sempre assim a pandegar.

Pelas ruas em folia
Sem temer nossos patrões
Vamos tôdas, companheiras,
Alegrar os corações.

Muitas outras casas comerciais acompanharam os processos de mostruário e de venda de Madamas Júlia e Brack. A *Viúva Guilherme*, o *Louvre*, a *Maison Chic*, o *Paradis des Dames*, o *Coelho*, a *Rosa dos Alpes*, já vinham, aliás, se destacando no comércio recifense, dispondo da melhor freguesia e recebendo da Europa os mais apurados sortimentos. Seus donos viajavam constantemente para o Velho Mundo: os Gurgel do Amaral, o Cupertino Bastos, o Carlos Vilela, o Domingos Coelho. E outros.

Do que se conhece do passado remoto, sabe-se que, após os mascates percorredores de ruas e arrabaldes, o comércio fixo apareceu no antigo burgo do Arrecife, onde a cidade nascera. Comércio ainda misto. Sabão e chita, carne-de-ceará e chapéu, manteiga e xale. No andar térreo a "botica", nos superiores a morada do comerciante. Depois do domínio holandês, o bairro de Santo Antônio, a ex-Mauricéia, começara a ter existência urbanística para os portugueses. Abriram-se por suas ruas casas de negócio. Terá surgido a Rua Nova, cujo nome é uma definição.

Na ponte que Nassau lançara ligando a Mauricéia ao pôrto, construíram de um lado e outro lojinhas onde se vendia um pouco de tudo: gangas e louça da China, *panos de fábrica* e chapéus de Braga, miçangas e quinquilharias... Ao se arruinar a ponte, transferiram-se êsses *magasins*, como os classifica F. P. do Amaral, para a série de casinhas edificadas então na pracinha da Polé, ou seja a nossa Praça da Independência. Essas lojinhas vieram até 1905, quando foram demolidas pela Prefeitura.

A Rua do Queimado até o Livramento, e mesmo alcançando a Ribeira, hoje Mercado, viu também estabelecimentos de mercancia, embora menos importantes que os das ruas mais centrais. Aliás, por ali se aboletaram muitas firmas em grosso, depois. A Rua do Queimado ainda pelo princípio dêste século tinha um comércio de plano modesto, no qual, às portas das lojas, caixeiros insistiam para que os matutos vindos à praça ali entrassem e comprassem.

Outra expansão comercial verificou-se na Boa Vista quando se realizou ali o grande serviço de aterragem que deu motivo à Rua da Imperatriz. Todo o mundo chamava a essa zona, criada pelo desaparecimento dos mangues, o Atêrro da Boa Vista. Embora a princípio com muitas casas residenciais em prédios de um só andar, a Rua do Atêrro foi ganhando sobrados e conhecendo lojas. Eram comuns anúncios de estabelecimentos comerciais no Atêrro da Boa Vista, uns na "quina da Matriz", outros "defronte da Boneca", e ainda alguns no "caminho que vai para o Hospício".

A primeira livraria que parece ter havido na cidade foi a do Cardoso Aires, pai do bispo dêsse nome, na Rua da Cadeia Velha, atual Avenida Marquês de Olinda. Por sinal que se incendiou e muito se lamentou o desaparecimento do balcão em que se vendiam as obras de Hugo, de Macedo, de Lamartine, e cartas de abc com tabuadas...

Outra livraria de fama foi a do Pátio do Colégio, sem dúvida por se tornar vizinha da Academia. Mais tarde, na Rua do Crêspo, inaugurava-se a *Francesa*, de Lailhacar & C., com largos gabos de imprensa. Além dos artigos de livraria e papelaria, tinha à venda objetos para presentes, como caixas de charão, estojos de costura com realejos, papel para cartas com vistas da cidade. A firma editava a *Folhinha Anedótica*, que em 1871 abria com versinhos alusivos ao término da Guerra do Paraguai :

Mestre López foi pilhado
Afinal no Aquidabã.
De tantos crimes e horrores
Teve a paga! Triste afã !

E fazia profecias para o Ano-Novo com chiste:

As moças - é profecia -

Mesmo as tornadas *canhão*,
Neste ano acharão par
E noivas tôdas serão.

Nessas livrarias de antanho muitas novidades se expunham à venda: as *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves; O *Moço Louro*, de Macedo; o *Chernoviz*, *A Cigana*, livros de sortes, uma *Gramática Nacional*, em versos, livros de leitura de Landelino Rocha e Abílio César Borges, o *Almanaque das Senhoras*, de Guiomar Torresão, o *Método de Ahn*, *Suspiros Poéticos*, *Leitura Repentina*, de Castilho, e, para nosso assombro, o *Barleus* a 30\$ e o *Castrioto Lusitano* a 5,... Não esqueçamos a *Revista do Norte*, de Martins Júnior, Artur Orlando, Adelino Freire, Pardal Mallet e Teotônio Freire .

Todavia, corriam êstes versinhos :

Não há ventura
Como ser tôlo,
Que ter miolo
É mal sem cura.

Na loja de livreiro de Manuel Marques Viana, na Rua da Penha, à ilharga do Livramento, se faziam subscrições para o *República*, de dezembro a março, por 3\$, e daí por diante a 2\$000 o quartel.

Essa liberdade de subscrições para o *República* não causa admiração, porque em 1889, antes do 15 de novembro, uma loja da Rua do Queimado convidava a freguesia a comprar os artigos de sua especialidade para irem bem vestidos assistir a "próxima proclamação da suspirada república".

A política invadia o terreno do reclamo. Era o progresso. Já iam distanciados os tempos em que se vendiam as estamenhas mescladas para escravos e as camisas e calças para moleques, de fazenda escura, trançada, bem encorpada, a 2 tostões o côvado. Agora, com a Abolição, as mulatas e crioulas estariam competindo com as brancas na aquisição das agracianas, dos basquines de guipura, das bareges transparentes, das popelinas sortidas... E, muito puxadinho, se a sorte lhes sorrisse, um xale de toquim, sonho dourado de tôdas as cabeças femininas:

Meu papai, eu quero, quero,
Quero um leque de marfim,
Quero um anel de brilhantes,
Quero um xale de toquim.

O leque, o anel e o xale. Muita mulherzinha côr de canela, de cara bonita, fugindo à senzala pelo 13 de Maio, estaria pelas ruas da cidade a ostentar essas prendas. E a comer seu pastel ou tomar seu sorvete.

As pasteiras e as lojas de sorvetes vulgarizavam-se no Recife.

Sobretudo o sorvete, deliciosa novidade da época, quando o gelo ainda vinha de fora. As famílias iam-se acostumando a tomá-lo, embora em "salas especiais com tôda a decência". De início era a "neve". Mas a expressão "sorvete" preponderou. Vendedores americanos anunciavam vender gelo a bordo. Quem o fôsse ali buscar, perto

dos arrecifes, pagaria menos. Anunciavam-se sorvetes com frequência. Assim, por exemplo:

Hoje haverá sorvete no Atêrro da Boa Vista D. 3.

A rapaziada era solicitada para ir apreciá-lo : de mangaba, de caju, de abacaxi e de creme. E poesia:

Das 10 às 9 freguesas
A sorveteira está pronta:
Um sorvete a dois tostões,
Não há cousa mais em conta.
Rapazes do grande tom
Cá da terra e de além-mar,
Se vos quereis refrescar
Com o belo, gostoso e bom,
Deveis a bôlsa afrouxar.

Havia sorvete até no Poço da Panela. Sem dúvida quando lá funcionavam companhias francesas no Teatro-Ginásio Campestre.

O sorvete alcançou tal fama que certo cidadão era convidado a pagar uma conta de sorvetes há tempos saboreados...

O *Café Rui*, da Rua Nova, e o *Familiar*, defronte, não deixavam de apregoar os que fabricavam. O "creme duplo" do Café Rui andava em grande voga. E para apreciá-lo reuniam-se nas redondas mesas de tampo de mármore as famílias inteiras: desde o barbado chefe à molequinha de criação.

O século XX principiara disposto às novidades. No Carnaval, o confete e o lança-perfume, expostos à venda em casas de modas. Clubes de mobílias e de relógios. Apareciam as mitenes e as zitas. Ouviam-se na *Violeta* os primeiros grafofones. Que maravilha! Cilindros de carnaúba que nos deleitavam com as óperas, as modinhas e as sonatas... Aboliam-se os *croisés*; vestiam-nos apenas figuras apegadas à tradição da indumentária. Afoitavam-se os paletós-sacos e os jaquetões em atos que outrora por favor admitiam o fraque. E os chapéus de palha, até nos médicos! As senhoras já se permitiam-as blusas menos cativas dos pafos e as saias sem balões, embora com as de madapolão por baixo.

Os namorados compravam nas livrarias os cartões-postais ilustrados. Coleções disputadas a cada vapor vindo da Europa. Permuta para o resto do mundo. Pensamentos e versos. Os postais enchiam os mais bonitos álbuns, de capas de sêda, veludo, madrepérola. Substituíam os de retratos de família. As noivas mostravam os seus postais às amigas.

Ia mudando de novo o mundo. E com êle as modas e o comércio. Trastes, trajos, quinquilharias, jóias, regalos, não eram mais os de dantes. Quem compraria mais um tremó ou um baú? Quem procuraria obreias ou anquinhas? Quem se vestiria de *gros de Naples* ou de jaqueta? Quem levaria para casa uma caixa de música ou um cosmorama? ..

Na Rua Nova ostentava-se uma revolucionária novidade do tempo: um cinemató-

grafo por sessões.

A arte do anúncio não é, como supõe muita gente, privilégio do espetacular século XX, tampouco daqueles derradeiros lustros da não menos alvoroçada centúria anterior. Pode-se ter certeza de que mesmo no início da época oitocentista o reclamo encontrava aprêço já singular. E havia anunciantes dotados de maior espírito que muitos lojistas de agora... Inteligência, argúcia, chiste não lhes faltavam, isto não! E até uma poeirinha de malícia, por pudicos que fôssem os costumes. A maneira de atrair, de envolver, de conquistar fregueses, poreja, dêsses anúncios de há cem anos, em jornais cujo papel amareleceu e vai-se esfarinhando. E não se lançará uma novidade, antes uma reafirmação, dizendo-se do quanto essas manifestações de tino comercial nos falam hoje como cenário e psicologia. Movimentam-se ante os nossos olhos as gerações que palpitaram seduzidas pelo que se anunciava, e como que lhes penetramos as almas, num desdobramento de vaidade, de pecúnia, de utilidades.

Por si só o anúncio constitui espelho das variadas cenas do viver de outrora. Cada um, na sua face clara e nítida, apresenta uma tonalidade dêsse cenário longínquo: ora a moda, ora o paladar, ora a ganância, ora a astúcia...

O cabeleireiro José Ricardo Coelho, dono de *O Mundo Elegante*, na Rua Nova, n.º 37, 1.º andar, não somente apregoava seus "coques, *cache-peignes*, *frisettes*", mas também ensinava a tirar medidas para chinós. êsses cabelos postiços andavam indistintamente em alta moda, porque todos os cabeleireiros lhes teciam gabos e dêles davam preços, inclusive o Odilon Duarte, que, de barbas brancas, ainda conhecemos ali na Rua da Imperatriz, na primeira década de 1900.

O cuidado com os penteados revelava-se na profusão de anúncios dos cabeleireiros e cabeleireiras. Vinham condições de serviços feitos nos estabelecimentos, em gabinetes reservados, longe das vistas estranhas, consoante era acentuado, e a domicílio. Havia mesmo assinaturas mensais. E preços especialíssimos para as noivas. Maria Lavergne tinha "coques não somente de trança como de cachos", muito próprios para bailes e temporadas líricas.

Outros anúncios bastante saborosos foram os das máquinas de costura, verdadeira revolução na atividade das modistas e no próprio trabalho doméstico. Os mais tentadores modelos expunham-se em clichês, junto com as condições de compra, vigorando o sistema do "pagamento em quartéis". As máquinas faziam obra de 30 costureiras, e nelas se podia coser com dois pespontos, embainhar, franzir, bordar e marcar roupa com perfeição. Vendiam-se por 80, 90, 120\$000, conforme o tipo.

Outros anúncios de evidente sugestão para olhos femininos eram os das costureiras, a que já aludimos, vulgarmente conhecidas por "madamas", por serem estrangeiras, e que também vendiam fazendas, adornos, perfumes: a Madama Routier, da Rua Nova, a Scasso, no Atêrro da Boa Vista, a Lecomte, a Théard, a Milochaud, a Rey, a Potellier, a Pigeon, a Fanny, a Gérard, cada qual acentuando, em enumeração provocadora, que seus artigos estavam em plena voga em Paris e Viena. Que fôssem ver as romeiras de blonde, os babados e babadinhos, as anquinhas ou *tournures*, os sutambaques, os vidrilhos em golas e capotas, os manguitos, os capotinhos de retrós, os xales de toquim... Os tecidos traziam nomes dêste padrão: Frondelina parisiense, Barege de sêda, Duquesa de França, Beleza da China, Foulard de Paris, Basquine de veludo, Popelinas, quando não aludiam a acontecimentos da época - Varsovia-nas, Regência, Sebastopol, Criméia, Napoleônica. As tesouras do Delsuc, do Arruda

Irmão, do Paul Julien e de outros, por seu turno cativavam os "leões do norte" com os gabos à perícia dos artistas, aos seus figurinos, e com os clichês de seus anúncios. Sem falar nos preços: sobrecasacas, 18\$; sacos pretos, 7\$; calças de casimira, 4\$; calça branca, 1\$600; brim de linho, 3\$500; paletó de alpaca, 3\$000.

Todavia, já nesse remoto 1859 havia lojas como a do José Gonçalves Malveira, na Rua do Crêspo, n.º 10, que recebia da Europa, pelo vapor inglês *Tyne*, cortes de vestidos de sêda com três babados, ricamente bordados a veludo, para 230\$, 200\$, 180\$, o que constituiria uma "loucura de desperdício" quando um corte de cambraia bordada custava 4\$000 e um borzequim para senhoras apenas 3\$500.

Madame Théard, chegada de França, pelo último paquete inglês, convida as senhoras de bom gosto a aproveitarem essas noites de lua, para vir admirar e comprar os enfeites e adornos de tôdas as espécies que ela mesma escolheu no meio de tôdas as novidades de modas que apareceram na exposição de Paris.

Quem não sente palpitar nesse anúncio a ânsia curiosa das moças de então por adquirir uma dessas novidades da Exposição de Paris?... Quantos sonhos, quantas lábias, quantas invejas e quantos triunfos num salão, num camarote, numa corrida, numa novena! Madama Théard era uma psicóloga: "chegada de França, pelo último vapor inglês", "que ela mesmo escolheu". "E que dizer, como moldura da cidade, daquele aproveitamento da noite de luar, sem dúvida quando as candeias e azeite mal davam para aclarar os caminhos? E o comércio de portas abertas até tarde para que as damas pudessem vir com os maridos fazer compras, mais à vontade, sem cadeirinha ou sege...

O reclamo atingia tôdas as utilidades mais cobiçadas, de luxo ou de primeira necessidade, como as toalhas de credência da Bretanha bordadas de labirinto com bico, o dedal de ouro, a manteiga de Copenhague em latas amarelas, o extrato *Moskari*, de Houbigant, ou o *Ylang-Ylang*, de Piver, as saias de cabeção, o creme *Simon*. para tirar manchas do rosto, o impagável sorvete de creme, as capotas pretas com vidrilhos, pulseiras de frocos, os chambres para senhoras e homens, riscado escuro e largo para escravos, casacas para a quaresma, as mesas de charão e as chapelinhas de palha... Até uma máquina de escrever *Fairbanks* se anunciava, em 1879, com ilustração.

Quem teve sua aura anunciadora foram os dentistas. Já os barbeiros que anunciavam dentes iam perdendo a clientela, como aquêlê José Anacleto, que se oferecia assim:

ESPECÍFICOS PARA DOR DE DENTES

José Anacleto continua a sangrar e tirar bem dentes, chumba dentes furados, separa bem os da frente, e aplica ventosas sarjadas. Pode ser procurado a qualquer hora nos seis dias da semana na rua da Gamboa do Carmo n.º 20; vende específicos odontálgicos, remédios infalíveis e muito próprios para aplacar e destruir as dores de dentes pela cárie, a 1\$ e 2\$, o frasquinho com folheto assim como pós dentifrícios e tônico para limpar e conservar perfeitamente os dentes sem alterar o mármore poli-

do, fortalece as gengivas.

Os especialistas em odontologia tomavam o seu lugar, e eram quase todos franceses: Frederico Gauthier, J. Jane, Paul Gaignoux. Havia dêles anúncios neste teor:

MASSA ADAMANTINA

Rua do Rosário n.º 36, segundo andar, Paulo Gaignoux, dentista francês, chumba os dentes com a massa adamantina. Essa nova e maravilhosa composição tem a vantagem de encher sem pressão dolorosa tôdas as anfractuosidades do dente, adquirindo em poucos instantes solidez igual à da pedra mais dura, e promete restaurar os dentes mais estragados com a forma e a côr primitiva.

A abundância de dentistas estrangeiros levou o Osório, em reação, a aparecer, vaidosamente, com o título de "dentista de Pernambuco", no que foi secundado, num prelúdio de feminismo, por uma senhora Rosa Jane - "dentista pernambucana".

Não faltava aos anunciantes o tom facêto. As vezes nos próprios títulos: "Barato que admira", "Pechincha para os belos passeios do campo", "É caro mas é bom", "Isto não é pomada", "Barato assim só para acabar". Quando o vapor *Santa Fé* sofreu um comêço de incêndio no pôrto de Recife, muitas mercadorias levemente avariadas foram vendidas com abatimento. E a expressão :- "É do Santa Fé" - serviu depois até para se anunciarem aluguéis de casas convidativos.

É de acentuar a visão larga de certos negociantes do Recife no tocante aos benefícios do reclamo. Hajam vista, entre outros, os anúncios. vistosos, amplos e pormenorizados da *Loja do Pavão*, do *Elefante de Botas*, da *Fragata Amazonas*, da *Loja do Balão*, da *Casa da Boa-Fé* ou da de *Seis Portas*, do *Paradis des Dames*, de *A Safira*, da *Flor de Ouro*.

O dono da loja da Rua do Cabugá, n.º 6, publicava:

Oh! lá senhores namorados! Tenho para vender cartões dourados com coleção de cartas, com ricos e delicados bordados, muito próprios para a rapaziada.

E outro:

O proprietário da Confeitaria à Rua do Rosário faz ciente à rapaziada que chegou o suspirado gêlo para fabrico de belos sorvetes, diàriamente das 11 da manhã às 10 da noite. Adverte não deixem de tomar 2 cálix por dia pelo menos porque refresca os intestinos como afugenta a peste da febre amarela.

Aí temos nesse anúncio informações de vários gêneros: a vinda do gêlo, por não ser fabricado ainda (1852) entre nós; o fechamento dos cafés às 10 da noite; o uso do gêlo para evitar a febre amarela...

O *Grande Hotel Central*, da Rua Larga do Rosário, que mais tarde se gabaria de "já ter a luz elétrica", ao se inaugurar anunciava:

GRANDE HOTEL CENTRAL

No centro da Veneza Americana.
No centro do comércio.
O mais perto das vias férreas.
O mais perto do embarque no cais 22 de Novembro.
O mais perto dos teatros.
O mais recomendável dos amantes do cômodo.
O único que tem no seu interior casa de banhos.
O único em que as famílias podem hospedar-se sem receio de encontrar-se *com pessoas da vida suspeita*.
O único onde atualmente se acha o melhor chocolate espanhol que se pode tomar a qualquer hora. Também se vende a libras.
O único finalmente que oferece completas comodidades por ser o mais espaçoso do Recife.

A *Livraria Francesa*, recém-inaugurada com um luxo digno de uma cidade que já tinha uma Academia de Direito, anunciava' "English Books - Just received per "Douro" - e na "Biblioteca Rosa" o *Que amor de criança!*, da Condessa de Ségur. Também vendia, entre outras causas, obreias para cartas e areeiros para enxugar a tinta.

Pianos e músicas eram também oferecidos em grandes reclamos ilustrados. Em uns a moça a tocar o instrumento em voga. Em outros, o piano apenas, ou um conjunto orquestral, ou a pauta de uma composição musical. Os chapéus de massa ou de mola tinham seus clichés saborosos, como também os calçados franceses, os retratistas, os carros de aluguel, os remédios, os mosquiteiros e dosséis para camas, os candeeiros, as lunetas, os manequins...

Êsse capítulo das ilustrações em anúncios, antigamente, é não somente curioso, mas também instrutivo. Revela um evoluer do comércio nas suas práticas de competência, de bom gosto, de inteligência, desdobrando aos olhos do pesquisador as transformações das modas, do progresso. Casas comerciais houve, pelos meados do século XIX, que primaram pelos reclamos, pagando-os de colunas abertas. A *União Mercantil* e a *Fragata Amazonas*, a do *Elefante de Botas*, a do *Baliza*, a *Loja das Listras*, eram estabelecimentos que enumeravam seus artigos com preços e adjetivos qualificativos. A do *Pavão* publicava em mais de uma coluna pequenos reclamos assim intitulados :

Os balões do Pavão
As percales do Pavão
Os bramantes do Pavão
As anquinhas do Pavão

E assim por diante.

A *Nova Economia*, "confronte à Ilma. Câmara Municipal", dispunha de queijo londrino a 900 rs. a libra, dito do reino a 2\$300, dito do sertão a 500 rs. a libra. Doce de goiaba em latas a 2\$, conservas sortidas a 800 rs. o frasco, ervilha a 700 rs. a lata, vinho do Pôrto de 800 rs. a garrafa, Moscatel a 1\$500, azeite doce refinado a 800 rs. a lata, cerveja *Tenent* a 6\$200... a dúzia, bolachinhas inglesas a 500 rs. a lata...

Não eram nada raros os reclamos em francês. Até os do Teatro Santa Isabel. Ainda nos últimos anos do século passado a *Maison Chic*, que, por sinal, deu à arte do anúncio uma nova forma, com seus clichês de blusas, de espartilhos, de roupinhas de meninos, de cartões postais e de visitas, teve uma modalidade parisiense: começava todos os artigos pela frase: *Ce qu'il faut !...*

Através dos anúncios é-nos dado acompanhar as etapas do progresso na vida de nossos antepassados no seu conforto e no seu bem-estar. É o relógio que aparece, aqueles relógios de paredes, de pêndula, com os mostradores marcando as horas e os dias do mês; os cabeleireiros, os leilões, os colégios, os professores de música e de dança, as casas de modas e de banhos, todo um evoluir de hábitos, de requintes, de cultura.

Faz-se mesmo um confronto apreciável entre os anúncios do começo do século XIX e os do XX, e tem-se uma espécie de cosmorama dessas duas etapas de nossa civilização.

Ao realejo que toca harmoniosas peças, de 1840, opõe-se o grafofone que se possibilita em clubes, a 5\$ por mês, em 1902... À casaca verde em moda por volta de 1050 afoita-se a fazer sombra o jaquetão de 1900. E que dizer do vestido de saia-balão diante da saia escorrida? Até nos preços o estudo de confronto elucida: não mais, na primeira década deste século, aquele queijo-do-reino de. 2\$300 da Nova Economia, porque já subiu para 5\$000... E hoje, excussez du peu... Cr\$ 60,00.

Uma casa na Rua da Glória ou do Pires que se alugava a 6\$ por mês, está pela hora da morte. Agora custa 30\$000. Para ricos. ..

Os anúncios contam-nos de tudo isso. É uma história perfeita da cidade, em que havia, entre os ramos de negócios êstes :

ATENÇÃO

Vende-se uma famosa negra, moça, de nação; com um lindo molequinho de 3 meses, muito esperto e nutrido, sabendo a dita negra engomar, ensaboar e vender na rua, além do muito e abundante leite que tem a sua boa conduta e fidelidade a torna digna de possuir-se, por isto que existe na casa há 8 anos e que só por motivos que se dirão ao comprador porque se vende, quem pretender dirija-se à rua dos Martírios n.º 14.

Casa de consignação de escravos,
na rua dos Quartéis n.º 24.

Compram-se e recebem-se escravos de ambos, os sexos, para se venderem de comissão, tanto para a província como para fora dela, oferecendo-se para isso tôda a segurança precisa para os ditos escravos.

Se outrora se comprava um palanquim de cúpula, agora se queria uma sege com vidraças; à lanterna magica, que se vendia com elogios às suas vistas, opunha-se o animatógrafo; o azeite para candeeiros foi desaparecendo da coluna de anúncios quando se intensificou o reclamo dos bicos de gás... Ao brigue muito veleiro sucedia a barca de vapor...

O custo de certos artigos também poderá oferecer aos curiosos do passado um atrativo, senão um interesse econômico: as camisas Inglêsas que se vendiam a 12\$ meia dúzia; o madapolão de 3\$500 a peça; a casimira preta de 4\$.000 o corte; o paletó francês sobre casaco balão de arcos para moças, a 3\$, forrado a sêda, por 20\$, na Loja dos 500 Paletós; a cambraia suíça de 2\$500 a peça; as chitas francesas de 3,60 rs. o côvado; as botinas para senhoras a 4\$ o par; saia branca de 3\$; bramanete de linho de duas larguras a 1\$800 a vara; caixas de mariscos para costuras a 8\$; frascos de banha a 1\$500; vestuários para meninos a 3\$500; o espartilho do mesmo preço; as meias de 5\$ a dúzia e o chapéu de palha a 2\$... e escarradeiras para sala a 5\$.

Na década de 1850, na Rua dos Quartéis, o estabelecimento comercial de Manuel Antônio de Jesus vendia, para acabar, pentes abertos para atar cabelos a 2\$ a dúzia, caixinhas com obreias pretas e de côres a 60 rs., ricos espelhos para paredes a 1\$500. dúzia de brincos de côres para orelha a 100 rs., dúzia de berimbaus a 60 rs., dúzia de torcidas para candeeiros a 60 rs., linhas de carretel de 200 jardas a 60 rs., canivetes de mola a 240 rs., tesouras para costura a 160, 240 e 320 rs., leques finos para senhoras a 1\$, caixas para rapé a 120 rs., escôvas para cabelo a 400 rs., lenços de sêda a 600 rs.; luvas de fio de Escócia a 400 rs. o par, óculos de armação de aço a 400 rs., bico preto de linho a 100 rs. o côvado...

Era nessa mesma época, em que o leque estava no apogeu, que o Vapor das Novidades, na Rua da Imperatriz, apregoava:

AO SEXO AMÁVEL

Venham moças e não tardem
Um lindo leque comprar.
Olhem que pelo preço é de graça,
Se tardarem não hão de encontrar.

Um leque de marfim custava ali 3\$000.

Pouco a pouco as possibilidades de aquisição modificavam-se.

A República, com a descida do câmbio de 27 para 10, já provocava um anúncio sob o título "Festas de 1891", que apresentava preços bem mais "salgados".

Alguns anunciantes revelavam certa finura nos seus processos de negócios. Haja vista o cabeleireiro francês Gustavo, zeloso de aperfeiçoamento na arte de pentear, que avisava a sua gentil clientela encontrar-se sempre no seu atelier o "Monitor do Cabeleireiro onde acham-se descritos e desenhados todos os penteados modernos para soirées, casamentos e bailes"!

O Paredes Pôrto, da rua da Imperatriz, 52, inseria com reclamo a seu modo singular :

Para outro
Privilégio
Admira!

Chita francesa
Chita francesa
Chita francesa
Chita francesa

	☐ côvado 200 réis
	☐ côvado 200 réis
	☐ côvado 200 réis
	☐ côvado 200 réis
Muito larga	
Muito larga	
Muito larga	
Muito larga	
	Padrões claros
	Padrões claros
	Padrões claros
	Padrões claros
☐ Paredes Pôrto	
☐ Paredes Pôrto	
☐ Paredes Pôrto	
☐ Paredes Pôrto	
	Rua da Imperatriz 52
	Rua da Imperatriz 52
	Rua da Imperatriz 52
	Rua da Imperatriz 52

Os versinhos populares, de tanto valor como fotografias da vida recifense de outrora, como que nos revelam o comércio dêsse tempo:

Como vai tia Nazu?
Inda usa da luneta
Do tamanho de um cometa?
Traz fitinhas e babados
Nos vestidos decotados?

E a tia Nazu sai às compras:

À Lira finas botinas,
À Numa Pompílio, dentes,
Ao Zé Bigodinho pentes,
À Pavão grandes trouxinhas,
À Arara bicos, rendinhas.

À Siqueira trazem luvas,
À Agua Branca toucados.
À Esperança frisados,
Crista à Galo Vigilante,

Cheiro, à Museu Elegante.

Também os médicos iam se anunciando de maneira a trair a ânsia de competência.

O Dr. Cosme de Sá Pereira, que faleceu com quase 100 anos e todo o Recife ainda do comêço do século conheceu pelo seu espírito folgazão, assim se pronunciava funcionalmente:

O Dr. Cosme de Sá Pereira continua a residir na Rua da Cruz n. 53, 1.º e 2.º andar, onde pode ser procurado para o exercício de sua profissão médica, e com especialidade sôbre o seguinte

- 1.º moléstias de olhos;
- 2.º moléstias de peito;
- 3.º moléstias dos órgãos gênito-urinários.

Em seu escritório os doentes serão examinados na ordem de suas entradas começando o trabalho pelos doentes dos olhos.

Dará consultas todos os dias das 6 às 10 da manhã, menos nos domingos ,

Praticará tôda e qualquer operação que julgar conveniente para o pronto restabelecimento dos seus doentes.

O seu colega Dr. João da Silva Ramos mantinha uma casa de saúde:

João da Silva Ramos, médico pela Universidade de Coimbra, dá consultas em sua casa das 9 às 11 horas da manhã e de 4 às 6 da tarde e recebe doentes, mesmo alienados, em sua Casa de Saúde, onde pratica qualquer operação cirúrgica.

Os preços ali, são de:

- 1.ª classe - 3\$000 diárias
- 2.ª classe - 2\$500 diárias
- 3.ª classe - 2\$000 diárias.

No capítulo das especialidades de alguns médicos há particularidades hoje tidas por estranhas. Exemplo: o Dr. Nunes da Costa era médico operador e parteiro, mas especialista em olhos e estreitamento de uretra.

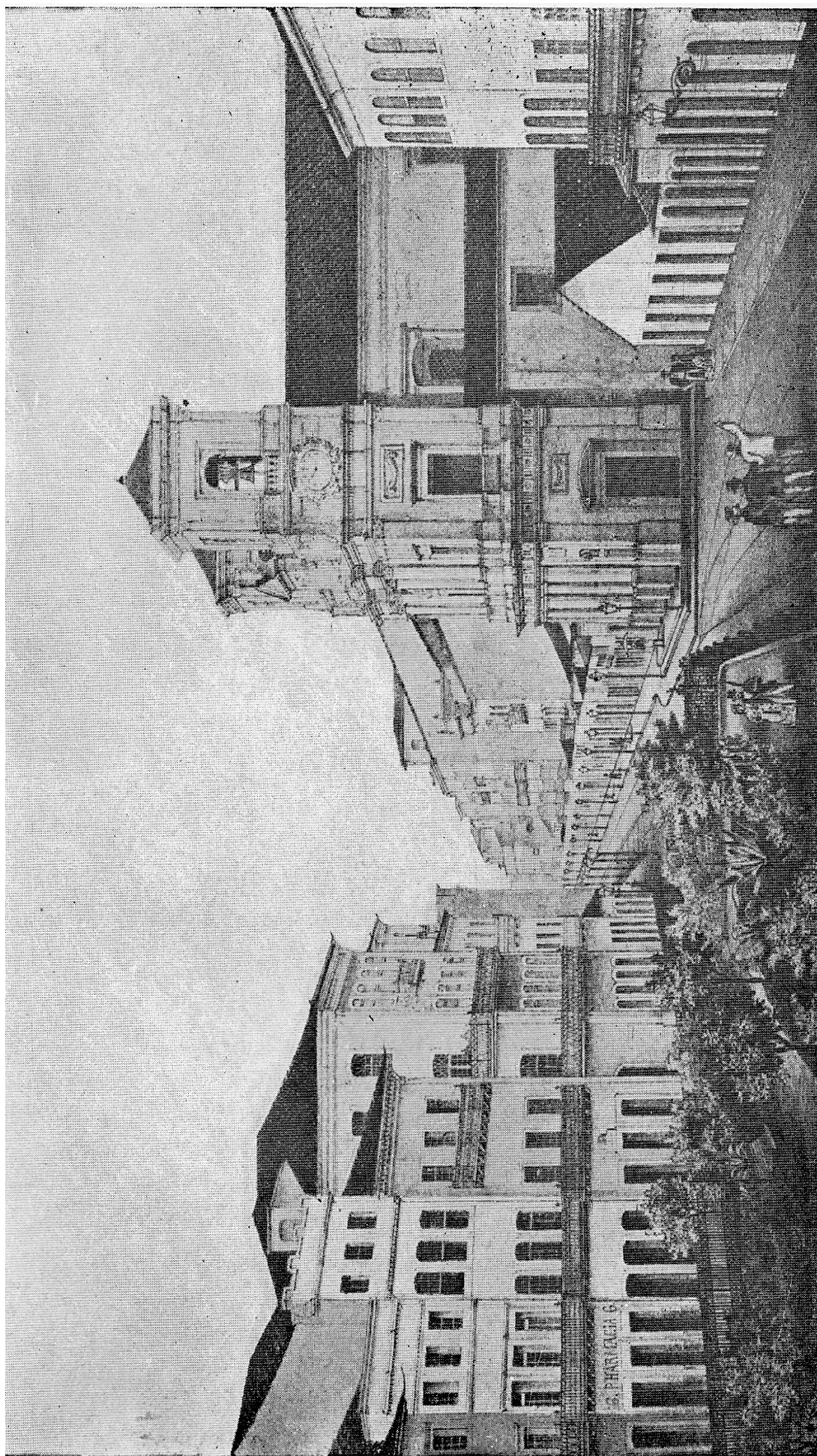
A parteira francesa Madame Tomás, de primeira classe pelas Faculdades de Paris e Rio de Janeiro, fixara residência no Recife e podia ser procurada para "os misteres de sua profissão na Rua do Queimado n.º 300, 2.º andar". E logo, para provar que estava sendo assoberbada de serviços, pedia às senhoras "que possam necessitar de seus serviços, que deverão preveni-la com antecedência, a fim de saber para onde tem de dirigir-se quando a qualquer hora do dia ou da noite, tenha de ser chamada".

Inseria-se êste anúncio, que por si fala bastante:

GRANDE DIVERTIMENTO

Terá lugar domingo 29 do corrente a abertura do Salão Recreativo na praça da Concórdia, Pôrto das Canoas, n.º 3, o qual se acha montado com asseio e comodidades para os freqüentadores, sendo esta a ocasião oportuna que ainda uma vez os apreciadores de espectros e figuras poderão apreciar por meio de ótica os dificultosos movimentos que se pode executar em duas máquinas construídas pelos srs. r. & A. Milten.

Eis os espectros e figuras que serão postas em execução:



A Rua da Imperatriz, antigo Atêro da Boa Vista, já era tôda ciosa da elegância de suas lojas.

O Anjo da Paz - A Morte divertida - O mágico índio - O engana-meninos - A boa cozinheira descobrindo a panela - Satanás em apuros - A Morte encapotada - Cupido doméstico - O Barão dos ratos - Satanás fritando meninos - As graças de uma velha - As doudices dos namorados - O dia e a noite de um noivado - O gorducho na paz e o magrelo na guerra - Gordo como um bacalhau e magro como uma pipa.

Entrada de cada pessoa 1\$000.

Nesse anúncio temos uma antecipação remotíssima do cinema.

E os títulos das cenas, com seu chiste, ironia e malícia até, dão-nos idéia da curiosidade, do riso, dos muxoxos de nossos avós, ao freqüentarem o Salão Recreativo do Pôrto das Canoas...

Os pastoris também enchiam de atrativos os reclamos dos teatros Santo Antônio, Apolo, Encruzilhada, Beberibe, Caxangá. Não menos os "bailes mascarados", como o do Santa Isabel em 1852, no qual as senhoras mascaradas teriam entrada grátis, sendo expressamente proibida aos homens disfarçados em mulheres a entrada sem o competente bilhete.

No Carnaval eram os anúncios de máscaras de pano ou cêra, com mola ou sem cordão, a cêra para as limas, os tratos de aluguel, de variados tipos, e durante os três dias as famosas mascaradas a cavalo que tanto ruído produziam e tanta gente arrastavam:

O grande grupo do ano passado participa que se acham inscritos mais de 50 assinantes para as cavalhadas burlescas nos três dias de Carnaval, e continua a estar aberta a assinatura para êste interessante divertimento até o dia 20 do corrente na Rua do Queimado n.º 45: depois dêste dia não se recebem mais assinantes.

Quanto às festividades religiosas encontram-se todos os seus pormenores em anúncios do tempo. Programas das cerimônias, das tocatas religiosas e profanas, das procissões com pautas e itinerários, com vestidoras de anjos, e até oferecimentos de casas "em ruas de procissão". Por ocasião de costumadas festas do frontispício do Carmo, saiu um anúncio ornado de clichês ilustrando a programação e até com uma novidade: após a procissão subiria aos ares um balão "de nova invenção nunca visto nesta cidade, feito por um maquinista pernambucano".

E que nos sugerirá de peculiar aos velhos tempos da nossa hoje tão americanizada urbs êste reclamo?:

Mr. Douvizy has the honour to inform the public specially his numerous customers that he has just arrived in this town with a rich splendid assortment of hats of the last Paris fashion and that he has the honour to be at your orders at Mrs. Maia Irmãos & C. Street 1.º Março 14.

Êste reclamo tem a data de 24 de dezembro de 1886 e, digamo-lo ainda, aparecia também em francês.

Os anúncios em jornais do século atual já apareciam, em regra, sob a responsabilidade de firmas comerciais não existentes no meado do anterior. Raras as que ainda vinham de lá; quase tôdas eram das últimas décadas da época oitocentista e várias criadas no 1900. Por menos que se creia, as firmas de comércio, máxime no ramo de

varejo, têm vida efêmera: ou a falência, ou a liquidação, ou a morte de um sócio, ou a sucessão dos donos, levam a casa a novo nome, quando não a extinguem de todo. Hoje em dia contam-se as lojas do Recife que tenham mais de 20 ou 30 anos: a Maison Chic, Krause, a Coelho, a Carinhosa, a Livraria Ramiro, poucas outras. A Padaria Japonêsa, bem antiga, pelas contingências da guerra passou a se chamar "Imperatriz"... A Chapelaria Colombo, mudando de prédio, também alterou sua denominação. E assim se vão as velhas casas do começo do século, nossas conhecidas de mocidade, quando andavam em plena voga a Viúva Guilherme, o Louvre, a Estrêlas do Brasil, A Reforma, as Chapelarias Adolfo e Rafael, os ourives Couceiro, Goetschel, A Botina Inglêsa e O Pé Chinês, as lojas de pianos e músicas Prealle e Paiva, as de miudezas A Liga, Graciosa, Rosa dos Alpes, Risonha, O Novo Mundo, os alfaiates Falbo, Melichareck, Manuel do Carmo, as casas de artigos para homens Metrópole e Gondim, sem esquecer as Madamas Júlia e Brack com suas caixeiras.

Era dêsses estabelecimentos ciosos de modernismo e de elegância que saíam nas folhas os reclamos. Uns sóbrios, sintéticos; outros, derramados, com discriminação de artigos, como os da Loja do Anjo, do qual se podem apreciar os preços, de 1908, comparativamente aos dos anúncios de tempos passados. Que carestia, meu Pai do Céu!... Faltavam ainda, porém, seis anos para principiar a Grande Guerra, e, depois... Que se peça agora o custo daquela casimira preta inglêsa de pura lã, se houver... que custava, no primeiro centenário da abertura dos portos, 6\$000 o metro.

A GRANDE LIQUIDAÇÃO DE FAZENDAS NA LOJA DO ANJO

56 - Rua Duque de Caxias - 56

A SABER:

Morim americano de 15\$ a 6\$ a peça.
Cretones alemães de 600 a 300 e 320.
Morim de 4\$ a 2\$500 a peça.
Algodão de 4\$ a 2\$ a peça.
Organdís estampados de 400 a 200.
Voile indiano de 800 a 300.
Brim para roupa de menino de 800 a 400 e 500.
Brim pardo para vestido de senhora de 600 a 400.
Brim de linho para vestido de senhora, desenho novos.
Brim branco n. 6 de 5\$ a 2\$50Q e 3\$.
Bramante cru 4 larguras de 1\$500 a 1\$.
Dito para ceroulas de 1\$200 a 600 e 700.
Atoalhado branco lavrado de 5\$ a 2\$500 e 3\$.
Pano de côr com 2 largs. para mesa de 3\$500 a 1\$800.
Lenços de Bretanha de 6\$ a 2\$500 e 3\$.
Lenços de sêda japonêsa de 1\$ a 400 e 500.
Cardonete para ceroulas tecido novo de 1\$800 a 800.
Tafetá para fôrro de vestido em tôdas as côres de 800 a 400.

Sarjelim em tôdas as côres de 500 a 300.
Lindíssimas blusas bordadas de 7\$ a 3\$ e 3\$500.
Cambraia suíça transparente 2 largs. de tôdas as qualidades.
Sêdas lindíssimos desenhos de 6\$ a 2\$ e 2\$500.
Gaze de sêda com 2 largs. em tôdas as côres de 2\$500 e 3\$000.
Capas ricamente bordadas para senhora de 35\$ a 15\$ e 20\$000.
Casacos de casimira e de fêltro de 100\$ a 25\$, 30\$ e 40\$.
Camisas com um pequeno toque de môfo, para homem de 8\$ a 4\$.
Camisas para senhora.
Espartilhos a 4\$ e 5\$.
Saías de castor para senhora em tôdas as côres de 8\$ a 4\$.
Meias fio de escócia de 60\$ a 24\$ dúzia.
Ditas brancas e de côres a 500 o par.
Mosquiteiros para cama.
Cortinados de croché a 10\$.
Ditos de côr para janela.
Ditos em todos os tamanhos para cama.
Guarnições de panos de croché.
Sobretudo de pano, impermeável para homem de 80\$ a 40\$ e 45\$.
Pano para hábito de N. S. da Penha.
Casimira preta inglêsa pura lã de 12\$ a 6\$.
Tapêtes para sofá de 25\$ a 18\$.
Ditos em todos os tamanhos sem competência em preços,

LOJA DO ANJO

Grande quantidade de retalhos de sêdas, lãs, chitas e brins.

56 - Rua Duque de Caxias - 56

Reclamos se popularizaram, como o do vinho *Talher*, do *Elixir Sanativo*, da *Cássia Virgínica*, da manteiga *Bretel*, do cigarro *Santos Dumont*, do *Café Java*, da *Padaria Polaca*, da *Bola de Cambará*, "que cura tosse e constipação", da bolacha *Ingrata*, do *Tônico Camacá* ⁽¹⁾, uns com gravuras típicas, outros em quadrinhas que se sabiam de cor.

Reclamo que bastante intrigou as recifenses foi o de quando se alargou a então Rua do Cabugá. Em um dos prédios novos apareceu uma enorme interrogação de metal. E todo o mundo indagava o que queria dizer aquilo. Os jornais falaram. Achavam-no inestético.

Julgavam-no engraçado. E, por fim, era o nome da antiga *Casa de Especiarias do Cristóvão*, que para ali voltava com o nome de *O Grande Ponto*.

Outros seriam os motivos de modas para conceituar tais reclamos. Longe iam aquelas casacas de bom pano, em verde, à moderna, que custavam 28\$, ou os cha-

(1)Preparado para os cabelos, principalmente de mulher

péus vendidos pelas lojas francesas da Rua Nova, quina da Matriz, em suas caixinhas de pau. Em 1900 enchiam as vistas os mitenes de sêda, as zitas para tornar mais esbeltos os corpos espartilhados, as bolsinhas de camurça penduradas nas cinturas, os colarinhos duplos para homens, de oito centímetros de altura, os sapatos amarelos "pés-de-galinha", os "fracs rayés" para as moças...

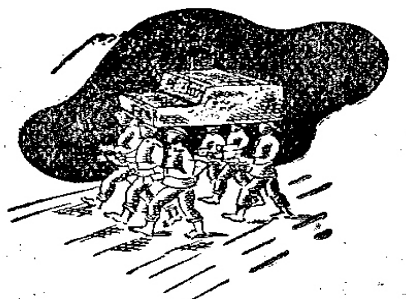
A arte de anunciar tomara impulso mercê dos avanços na imprensa, mas, quanto aos recursos de sagacidade dos anunciantes, nada havia; como não há, de novo debaixo do sol.

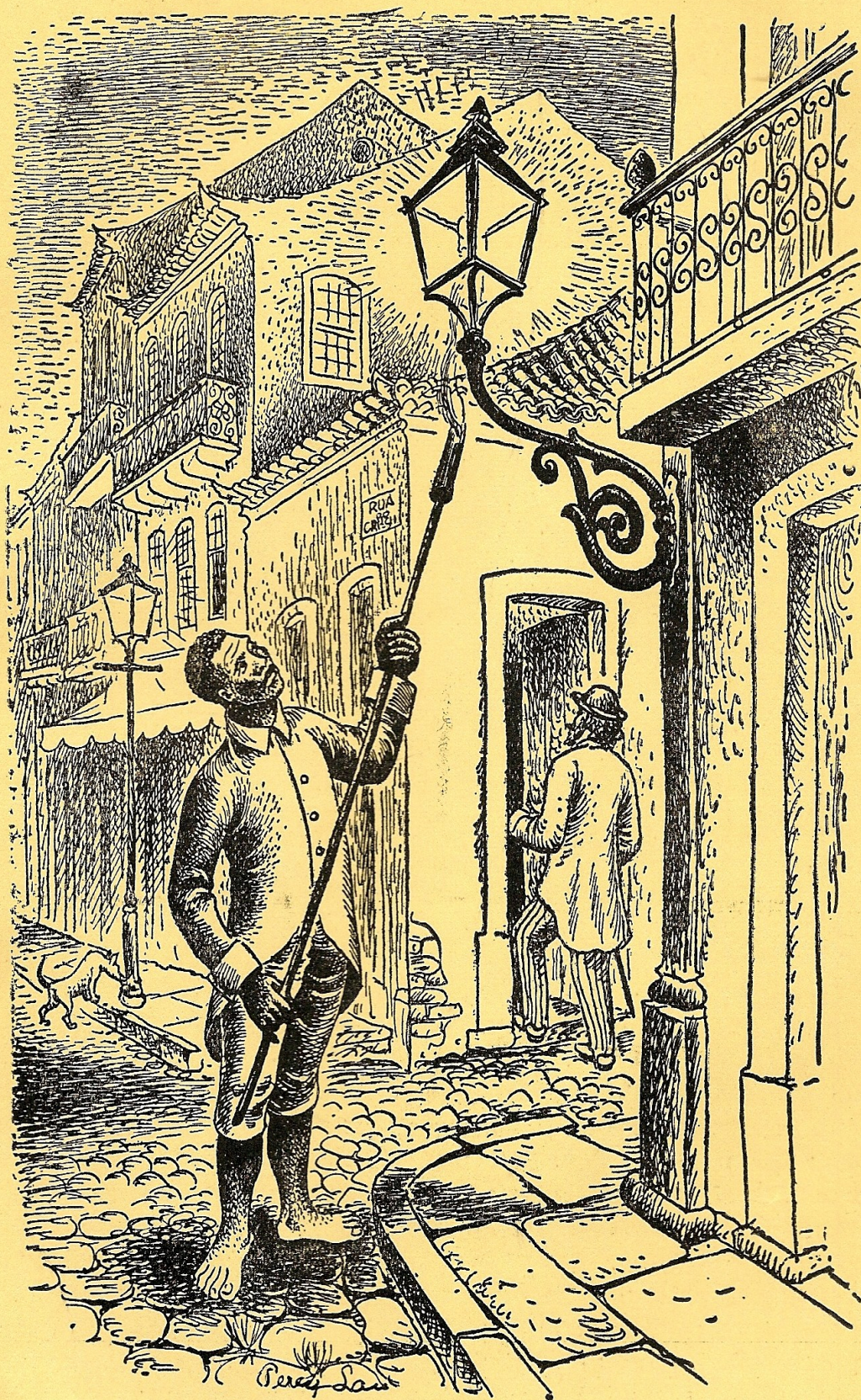
Anúncio que aparecendo agora nos jornais causaria o maior dos chamarizes seria o daquele Novo Hotel Rocambole do Pátio do Têrço n.º 7, a convidar os que viessem "Contemplar as belezas da poética Recife" a fazer ali suas refeições. Dispunha de "gabinete reservado para as Exmas. Famílias" e oferecia "jantar com três pratos - sopa, pão, farofa, arroz, café, doce, frutas, queijo e... vinho, tudo por mil réis.

Isto em 1886 - ano que, ao nascer, levava o Jornal do Recife, após aludir a "um-mal-estar visível", a "uma agricultura definhando", a "nenhuma solução da questão social", a perguntar aflito e desalentado: - "Para onde vamos? Para onde nos levam?"

Quem não lhe responderia hoje, ansioso:

- Ao Novo Hotel Rocambole!





O acendedor do feérico lampião a gás.



Qual o sistema de iluminação naquele primitivo burgo dos Arrecifes habitado pelos pescadores de cavalas e ciobas e pelos vigilantes dos trapiches que serviam à opulenta vila de Duarte Coelho? Nas noites bem fechadas, sem uma estrêla no céu, de que modo se guiariam até às palhoças de morada os homens vindos da pesca? Iriam à frente do bando com uma tocha alimentada por azeite de peixe, de chama vacilante aos arremessos do vento, enquanto atrás gente da família carregava os samburás pejados de peixe. A cena teria sido essa, por muitos anos, nessa língua de terra que a linha de recifes protegia do mar e o contôrno do rio envolvia mansamente.

Mas quando êsse "povo" veio a tomar o aspecto fixado pelo lápis de Post, por volta de 1645, com ares de vila importante, mostrando igreja, sobrados, torreões, armazéns de recolher, guritas e fortalezas, penderiam das paredes lâmpiões ou andariam ainda os moradores de archotes às mãos? E no tempo da Cidade Maurícia, famosa pelos melhoramentos, haveria um serviço de iluminação pública em roda do Palácio das Tôrres ou do da Boa Vista? Mergulhariam no escuro as alamêdas do belo parque de Nassau, mal o sol se escondesse, quando não houvesse o nosso esplêndido luar? E a ponte, aquela obra tão notável para a vida urbana, será que à noite não, disporia de um simples candeieiro de quando em quando para alumiar os transeuntes?

É bem verdade que se fechavam as portas e as sentinelas não permitiam passagem após as ave-marias. Todavia, os que tivessem uma senha precisariam às vêzes transpor a ponte, viessem para a Mauricéia ou se destinassem ao bairro do pôrto.

Há uma velha gravura da antiga ponte da Boa Vista, do tempo dos banquinhos, em que se podem ver lâmpiões de suspensão. É, porém, de época posterior ao príncipe flamengo, e por ventura será a mais remota estampa em que se possa apreciar

indícios de um sistema de iluminação pública. Nesse desenho incontestavelmente há prova de que já o Recife passara a clarear artificialmente seus logradouros.

Nos dias festivos, sabe-se, punham-se luminárias. O costume é velhíssimo. E o próprio Maurício de Nassau, ao ter notícia da restauração de Portugal, em 1640, ordenou manifestações de júbilo público, entre elas as luminárias de praxe. Eram as famosas tigelinhas, tão gabadas pelo seu efeito feérico.

Se não nos socorrem, neste particular, documentos precisos, não se nos acusará de imaginativo em excesso por admitirmos quase com certeza que já no século XVI pelo menos Olinda teria nas suas ladeiras e pátios lampiões de azeite de carrapato permitindo um tráfego mais seguro aos seus habitantes. Ao menos, nas fachadas de seus sobrados senhoriais existiria um dêsses prestimosos fachos protegido por vidros e estendendo seus benefícios a uns poucos metros em redor. Para o resto da cidade, o uso das tochas.

Quanto ao século XIX, temos documentação iconográfica suficiente para apreciarmos a iluminação pública da época. Não somente a de Pernambuco; também a do Rio de Janeiro, da Côte através das gravuras de Debret, de Rugendas, de Biard e tantos outros que nos visitaram e nos deixaram desenhos preciosos. Aquêles candelários que se desciam ou se faziam subir por meio de roldanas e cordas teriam sido o modelo em moda também no Recife. Os negros, tôdas as manhãs, viriam limpá-los, enchê-los de combustível, e à boquinha das noites acendê-los. Se não houvesse lua...

Também, quanto ao próprio Recife, possuímos uma farta coleção de estampas, sendo as mais interessantes as de Schaplitiz e Carls, de épocas diferentes, por sinal, umas mais remotas, outras mais próximas de nós. E nessa coleção de aspectos antigos não faltam os lampiões, e já de vários tipos: os de suspensão e os de colunas. Nos largos, nas ruas, nos cais, nas pontes, nos becos e até nos "caminhos". A cidade estava longe de viver às escuras, por precária que fôsse a intensidade da luz.

Existia até, em 1831, uma empresa encarregada dêsse serviço. Fôra êle arrematado em praça nesse ano. Quatro anos depois o contratante desculpava-se do "esmorecimento dos lampiões", justificando-o com a falta de azeite de peixe no mercado. Recorrera ao de carrapato, menos eficiente. Prometia uma remodelação nos candelários de modo a se tirar o melhor proveito dêsse outro combustível, embora êle "se revestisse de mais melindres, a ponto de o fabrico de torcidame precisar ser reformado". Esperava-se entretanto o brigue *Globo* com um grande carregamento de azeite de peixe. Concluía o contratante por estar certo da indulgência do público, porquanto tinha consciência de haver elevado a iluminação em Pernambuco a um "conceito de ser a melhor conhecida daquém e dalém-mar", e "se mesmo houver algum mais impertinente ralhador que estranhe e não perdoe, paciência, que o arrematante para ouvi-lo tem orelhas muito boas".

Os candelários eram oferecidos à venda com alusões as mais elogiosas aos seus préstimos :

Lampiões para gás, modernos. Gás a 320 réis a garrafa.

E êste outro:

Candelários de gás muito cômodos e econômicos que basta prepará-los de 12 em

12 noites com duas garrafas de gás e acesos das 7 à meia-noite.

Entrara em moda, para iluminação, o querosene, a que vulgarmente se passara a chamar de "gás". Era já uma transformação para melhor. O azeite de peixe e de carrapato iam caindo aos poucos do uso. Todavia, em 1839 ainda houvera um contrato para fornecimento de azeite e algodão para as cinco luzes da cadeia. E para a escola noturna de Fora-de-Portas tinham sido fornecidos dois candeeiros de azeite.

Tão rendoso era o negócio da venda ambulante de azeite que se pediam para alugar negras afeitas a êsse comércio:

Precisa-se de pretas para vender azeite de carrapato, habilidosas nesse serviço.

Era um anúncio comum no comêço do século passado.

Um Sr. Gaumont, dourador, com loja na Rua Nova, 52, fabricava candeeiros tanto de gás como de azeite e alugava candeeiros e lustres de 10 bicos, para bailes.

Como se vê, estavam em voga os dois sistemas: azeite e querosene. Em luta ainda, como se dá hoje entre a eletricidade e o gás carbônico.

Nas residências, após a vela de sebo adotavam-se as candeias de azeite, as famosas candeias de torcidas a que alude a quadrinha:

As mulatas da Casa Forte
Estão-se vendo numa lida:
Sem azeite para a candeia,
Sem algodão para a torcida.

Os versinhos sem dúvida refletiam uma crise do tempo.

Com o querosene apareceram os candeeiros de cima de mesa, mais ou menos de bom gosto e finos, os de suspensão com arandelas vistosas. "Candeeiros belgas" - um modelo de aprêço. Uns em vidro branco, outros de côres com enfeites gravados, alguns de cristal, com pingentes. Variedade de tipos de que os jornais já publicavam reclamos ilustrados com o título pomposo: BOA LUZ!

A firma Viana Castro & Cia., estabelecida na Rua da Imperatriz, n.º 6 declarava que, "tendo recebido de uma das mais importantes fábricas da Europa a incumbência de apresentar neste mercado os seus magníficos candeeiros para querosene, resolveram fazer uma exposição dos mesmos candeeiros, das 4 horas da tarde às 9 da noite, e para ela têm a honra de convidar ao respeitável público". E acrescentava: "Mais de 100 qualidades."

Não se sabia o que escolher - diriam os visitantes, encantados com os variados feitios dos candeeiros. E que luz!

Uma casa de fazendas da Rua Imperial, que também vendia candeeiros, resolvera liquidar êste último artigo com grandes abatimentos. Assim, anunciava "vender ricos e elegantes candeeiros a gás, muito bem preparados, com bom maquinismo, chaminé e globo .moderno, escôva francesa, lindo abajur chinês a 12 dúzias de pavios por 8\$, 7\$ e 6\$000, e os dourados que a princípio se vendiam por 25\$ e mais, a 12\$000".

Foi em 1847 que se agitou no Recife a idéia de se adotar na iluminação pública o

novo processo do gás carbônico tão em moda na Europa e de que se diziam maravilhas. Era um "passo agigantado" no progresso das cidades. Mas dez anos decorreram antes da Lei provincial n.º 386 aprovando o contrato com Henry Gibson, Manuel de Barros Barreto e Filipe Lopes Neto para explorarem tal serviço na capital pernambucana.

Em 1858 o Diário de Pernambuco, na sua curiosa seção "Página Avulsa - Bom Dia", que, pode-se dizer, constituiu na imprensa recifense o embrião do noticiário, afirmava já não se poder duvidar que muito breve seria a cidade iluminada a gás carbônico. Sem dúvida os postes mostravam-se pelas ruas, o gasômetro surgia, os canos eram metidos pelo subsolo. A ponto de os mordazes comentadores das obras dessa natureza dizerem em versinhos que os ingleses estavam tomando conta da terra por baixo para depois a tomarem por cima. Esses "poetas" de outrora se vivessem hoje modificariam suas quadrinhas para se prevenirem contra outras gentes que assaltam os territórios alheios pelos ares...

A 26 de maio de 1859 realizou-se a inauguração do primeiro trecho da cidade iluminado a gás carbônico. Compreendia a Rua Nova e suas proximidades. Anunciara-se o início do serviço para 25 de janeiro, mas tivera de ser adiado por faltar uma peça do maquinismo que somente poderia vir da Europa. Já nesse tempo o Jornal do Recife mantinha uma animada "Gazetilha" e nela publicara:

Não há dúvida que a noite de 25 será de divertimento. Muitas pessoas de outros bairros virão ver a iluminação.

E no dia seguinte :

A população passou por uma decepção. Houve um acidente no gasômetro que não permitiu a inauguração. O gás virou lamparina.

O Diário de Pernambuco, mais austero, explicava:

Deixou de ser possível o início dos serviços de luz do gás por falta de cilindros para destilação. Só depois de 4 meses.

A 28 de abril, experiência em frente do Palácio da Presidência com o maior êxito. Afinal, a 26 de maio Santo Antônio teve luz a gás. Todos a acharam bonita e forte. A cidade encheu-se de gente. Houve músicas em coretos. E zombava-se da triste figura dos lampiões a azeite, que nem pareciam acesos, nas outras ruas.

A 18 de junho acendiam-se os lampiões do bairro do Recife, e a 8 de agosto oficiava a Presidência ao Engenheiro Francisco Rafael de Melo recomendando-lhe autorizasse o início da iluminação a gás do 2.º distrito da Boa Vista. No mesmo ofício permitia-se o contrato com o Sr. Antônio Borges Galvão Uchoa para iluminar a azeite a povoação dos Afogados até chegar ali o gás. Pouco a pouco a cidade no seu centro substituiu o azeite pelo gás. E também os arrabaldes, porque não tardou que a empresa promettesse 100\$000 de recompensa a quem indicasse com tóda a ciência quem estava danificando os lampiões nas estradas do Poço, Passagem, Afogados e Motocolombó.

As reclamações já surgiam. Algumas pitorescas. Achavam uns que os acendedores

de lampiões deviam usar uma farda e um boné com o dístico "Gás". Evitar-se-ia assim "aqui um homem quase nu e acolá um outro de casaca, nesse mister". E também que um ladrão trepasse nas escadas perto dos muros das casas a pretexto de, limpar os vidros e as torcidas, mas com a idéia de pular para dentro dos quintais à cata de galinhas e frutas, ou... para bulir com as molecas. A força da luz igualmente era alvo de queixas :

Neste sistema os ingleses
Encontraram nova mina:
"Não nos dão nem gás nem velas,
Porém luz de lamparina ."

As vezes faltava luz de repente. Era um transtorno e um perigo, principalmente se se estava numa dança. Por isso outros versinhos pediam ao inglês do gás que não consentisse tais eclipses quando houvesse bailes....

A veia satírica não se cansava. O "Sineiro da Sé" nas suas deliciosas cartas ao amigo Dr. Tirilolé dizia:

Depois de ver tudo isto
Vi aceso o gás amigo.
É tal qual azeite antigo!
Por isto canta a menina:
"O gás virou lamparina".

Nem por essas ironias a iluminação a gás carbônico deixou de ser um dos mais belos números do programa de recepção aos Imperadores na sua primeira visita ao Recife. Em vários pontos da cidade ergueram-se pavilhões, colunas, arcos, pirâmides, e dêsses monumentos a luz a gás constituiu o máximo relêvo. Os cronistas não escondiam o embevecimento:

A noite tôda a cidade iluminou-se. Uma só casa por mais nobre que fôsse não deixou de tomar parte nesta manifestação de regozijo geral. Mais de 200.000 luzes afugentavam as trevas.

É bem verdade que nesse 1859 apenas uma parte da cidade possuía luz a gás, mas, incontestavelmente, ela foi que ofereceu maior contingente de realce noturno aos engalanamentos urbanos. Todavia, o capítulo "Iluminação" nas reportagens do *Monitor das Famílias* é extenso e derramado. Exalta-se o brilho das luminárias na Rua da Cruz, Lingüeta, Praça do Palácio, Rua da Boa Vista, Cais do Colégio. Os bicos de gás dispunham-se em desenhos, ressaltando dísticos patrióticos e emblemas imperiais.

No Atêrro da Boa Vista, a iluminação "lembrava-o céu". Escadarias, um imponente arco, um pavilhão chinês, duas ordens de galerias e um camarim para SS. Majestades. E nesse camarim oito consolos de jacarandá com tampos de mármore e sobre eles candelabros de cristal com quatro luzes cada um. Um espelho de moldura dourada e dois jarros de fina porcelana "donde de contínuo exalavam puras emanações

as cândidas flôres que produzem os nossos mais belos jardins". Três lustres também de cristal, alcatifas, duas cadeiras de espaldar estofado e forradas de damasco carmezim. E luzes, muitas luzes. Além das centenas de bicos de gás, o refôrço de 1.640 lampiões com velas de espermacete. É de se imaginar o esplendor.

Luminárias iguais ou superiores só as de que se enfeitara o Recife para receber os Voluntários da Pátria, de volta do Paraguai. Em 1864 contava a cidade com 1.067 lampiões a gás, assim distribuídos:

Bairro do Recife	167
Santo Antônio	263
São José	234
Boa Vista	282
Afogados	34
Passadiço	4
Ponte provisória	8
Santa Isabel	20
Boa Vista (ponte)	5
Madalena	20

No mesmo ano de 1859 a companhia de iluminação a gás declarava-se preparada para "colocar canos nas casas para fornecimento de gás", que seria pago à razão de 10\$000 por mil pés cúbicos. A colocação dos canos do principal às portas das casas correria por conta da empresa, e nos interiores o serviço seria feito pagando o consumidor mil réis por pé. Os candeeiros, braços, lampiões, etc., obedeceriam a preços relativos às suas classes. Três pés cúbicos de gás davam uma luz igual a 5 velas de espermacete, vendidas aqui em pacotes de 6 em libra, consumindo 250 grãos de espermacete por hora. E êsses três pés cúbicos custariam apenas 30 réis, enquanto as velas custavam 200 réis por hora. Uma luz de azeite de côco custava 100 réis, também numa hora. Haveria um registro para marcar o consumo.

Tôdas essas vantagens constavam de um anúncio da empresa. E tempos depois ela oferecia 40% de desconto nas despesas de instalação domiciliar, facilitando assim a extensão do uso do gás.

Em 1879 os lampiões subiam a 1.879, e a despesa com a iluminação pública orçava em 114:434\$700, tendo sido os contratantes Fielden Brothers multados em 4:124\$880.

Sobretudo ao comércio o novo sistema de iluminação viera a servir. Puderam as lojas apresentar melhor sedução de vitrinas e mostruários à noite. Facilitou-se a visita das famílias, mais à vontade, sem os chapéus e trajos de luxo, a escolha mais proveitosa das fazendas no seu padrão e no seu tom, enfim um aumento sensível de apurados. Saíam muito mais às ruas depois das ave-marias do que outrora com a meia escuridão do azeite de peixe. Mas, por fim, já os combustores comuns não iam satisfazendo, em número, nas ruas comerciais. Adotaram os negociantes uma iluminação especial, mantendo a suas custas lampiões extras. Os da Rua do Crêspo resolveram manter a iluminação especial adotada na festa do Arco de Santo Antônio. Os da Rua Nova e Cabugá também imitaram os colegas da Rua do Crêspo. Depois, foi a vez da Rua da Imperatriz. Êsses lampiões especiais mantinham-se acesos até às 9 da noite, quando o comércio fechava.

Um comerciante da Rua Nova comprometeu-se ao acôrdo para ter luz extraordinária, porém não pagou a sua quota. Daí, por vingança, manterem o poste à porta do caloteiro, mas sem o lampião e com esta legenda :

O 54

Ainda não pagou o gás
Mas tem a satisfação
De ver o bico sem luz
E a coluna sem lampião.

A princípio, em noites de luar não se acendiam os lampiões a gás. Posteriormente essa restrição cessou, porque havia muitas vezes a ausência da lua em dias em que deveria estar presente. Contudo, em 1905, numa renovação de contrato, e por medida de economia, tornou a vigorar o apagamento dos combustores em noites de lua plena, aparecesse ou não... Muito glosou a oposição essa medida de poupança, chamando-lhe de "contrato com a lua".

Embora com a adoção das camisas incandescentes a luz do gás tivesse melhorado bastante, já não estava atendendo bastante às exigências da época no comêço do século XX. Daí terem-se feito experiências, por volta de 1905, com a iluminação pública por meio de lâmpadas a álcool. Organizou-se uma *Companhia de Luz e Fôrça Motriz pelo Álcool*, e por sua iniciativa as ruas do Cabugá, Nova, Duque de Caxias foram também iluminadas por êsse sistema. Luz inegavelmente simpática: forte, alva, suave. Mas as tais lâmpadas eram muito complicadas e caprichosas. De quando em quando encravavam e davam trabalho. Nos domicílios, onde também obtiveram voga, deram muito que fazer: quase sempre, numa noite de festa, em meio ao jantar, numa hora de doença, murchavam a luz ou se apagavam de todo. Quando não estouravam.

Embora festiva a inauguração das lâmpadas a álcool nas nossas ruas, elas duraram pouco. O gás voltou a dominar.

A eletricidade vinha surgindo. Casas comerciais, raras ainda, dispunham dêsse melhoramento mercê de motores próprios. As casas da Júlia e da Madama Inglesa, a Photographie Chic, uma outra qualquer. Saia gente de seus lares para ir ver a "luz elétrica". Falam os jornais antigos de um foco elétrico na fachada de Bourgard & C. (do telefone), que deu que falar no Recife. Outra amostra; na festa do Cajueiro, do Hospital Português, mereceu comentários: "Cavalheiros e damas admiravam a maravilha dessa luz".

Os moradores de Fora-de-Portas, por essa mesma época, 1882, tomaram um susto tremendo. A noite avistaram um clarão celestial para os lados do mar. Acendia e apagava misteriosamente. Houve sustos, rezas, até começos de mudança. Soube-se depois ser uma galera surta no Lamarão a fazer fulgir sua lâmpada elétrica no alto de um mastro.

Em 1886 deu-se uma concessão ao Sr. José da Silva Loio Júnior para explorar um serviço de iluminação elétrica na cidade. Os empresários Fielden Brothers protestaram. Seria desnecessário o protesto, porque tal melhoramento somente vinte e tantos anos depois o Recife o desfrutaria. Em 1895, nova tentativa. Editais de concorrência. Fracasso.

A luz elétrica ofereceu-se abundantemente em público no Derby, quando Delmiro

Gouveia manteve ali seu grande Mercado da Estância, com vários divertimentos, na campina onde existira o prado de corridas. Orgia de luzes. Ponto de atração da cidade inteira. Teatro. Hotel. Jogos. Até bonde se teve para o Derby.

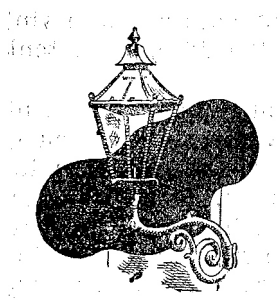
Propriamente serviço regular de iluminação elétrica no Recife quem no-lo deu foi a *Pernambuco Tramways*. Essa empresa estabeleceu o transporte coletivo por energia elétrica, adquirindo a *Ferro-Carril* e as companhias dos trens suburbanos. Também comprou a *Companhia do Gás*, em 1913, obrigando-se a ir substituindo o antigo sistema de luz pela eletricidade; quer nas vias públicas quer nas residências.

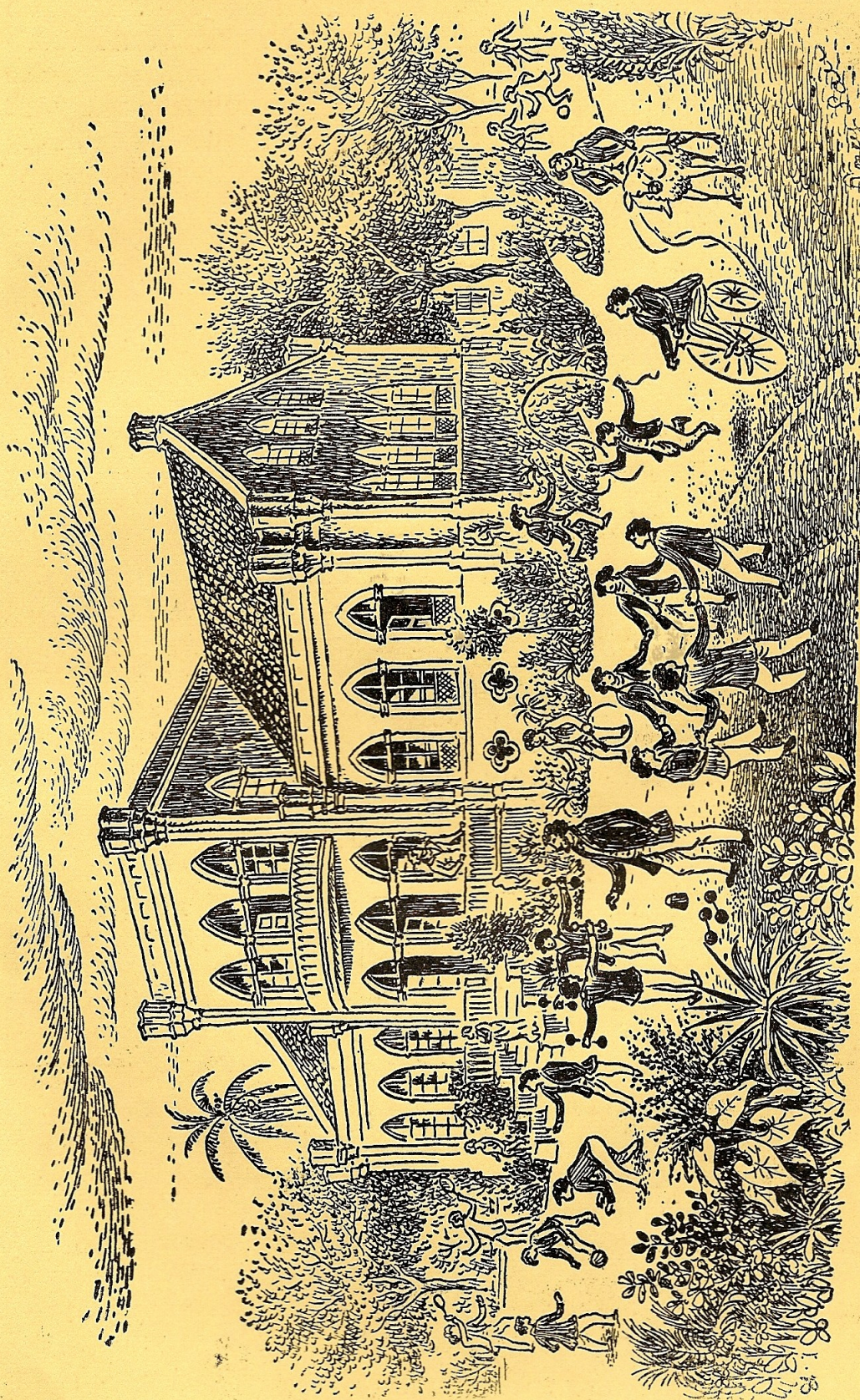
O primeiro trecho inaugurado foi o do centro da cidade, a 28 de março de 1919.

A luz elétrica triunfou inteiramente hoje.

Todavia, há que fazer um reparo de justiça. Olinda, nossa cidade-mater, teve iluminação elétrica primeiro que a sua rival, o Recife. Ali êsse sistema de luz foi inaugurado a 14 de julho de 1913. É bem verdade ter tido Olinda gás carbônico e posteriormente voltado ao querosene em seus lampiões de ruas. Uma volta ao passado... Desforrou-se, porém, com a eletricidade muitos anos antes que a cidade dos mascates...

O Recife, hoje em dia, quase todo se envaidece de sua iluminação pública. Vai muito distante o tempo daquele Antônio dos Lampiões a quem se atribui o primeiro contrato de azeite de carrapato, ao alvorecer da nossa independência. Lâmpadas elétricas pelas avenidas, pelos parques, pelas estradas e até pelos becos. Contudo, há uma emoção singular quando ainda vemos, em trechos menos extensivos da cidade, aqueles lampiões de braço, fincados nas, paredes. projetando-se para a rua, numa elegância que não é, fácil imitar embora sem luz. E eles vão se sumindo de todo da paisagem recifense.





A hora do recreio no Internato Pernambucano do professor
Manuel Alves Viana, na Ponte do Uchoa.



- "Menino, você já está no tempo de ir para a escola!"

Era uma frase vulgaríssima de antigamente. Emitida, quase sempre, num tom misto de interesse pelo saber e de ameaça de uma disciplina mais forte. Essa escola não seria apenas a instrução, mas, igualmente, a cama, a palmatória e as orelhas de burro. Estava dentro da pedagogia de sua época. Nelas aprenderam nossos antepassados e deram para gente.

Há, porém, a curiosidade de conhecermos como teriam sido estudantes êsses avoengos, qual o seu clima escolar, de que maneira viveriam em contacto com os mestres e condiscípulos. Sem dúvida a ressurreição é impossível no seu colorido próprio. Não há fotografias nem reportagens. Resta-nos imaginar e interpretar, cada um a seu modo, através de indicações sumárias e de elementos indiretos. Teremos, então, uma visão dos meninos de outrora com seus livros e cadernos feitos em casa amarrados numas correias de argola, metidos nuns trajos de fazenda grossa, de gorros ou chapéus de palha desabados a cobrir as cabeças tiranizadas pela soletração, pela tabuada ou a análise lógica nos Lusíadas... A caminho da escola ou do colégio.

Onde seriam êsses educandários? Qual o seu aspecto? Que tipos teriam os professores? Quais os seus métodos de ensino?

Leiamos, antes de tudo, êste anúncio de 1879:

José Bethencourt Amarante, administrador da lojinha de fazendas e calçados à Praça da Boa Vista n.º 16, propõe-se novamente a lecionar pequeno número de meninos as primeiras letras e noções gramaticais; promete agradar aos senhores seus pais, pois quando se puxa muito êles (meninos) entendem que já é martirizá-los.

Temos aqui duas cenas pedagógicas dignas de reparo. A improvisação do mestre ou, o que talvez seja mais certo, o empecilho da verdadeira vocação. Teria o Sr. Bethencourt jeito para o magistério, mas, rendendo pouco, não lhe dando para viver, ou não tendo conseguido uma cátedra oficial, dera para vender chitas e sandálias. O novo processo de conduzir alunos, sem puxar demasiado por êles, é igualmente sintoma de já se estar reagindo contra os excessivos rigores das escolas. Adaptava-se como ser inteligente que era.

Há ainda a considerar certa coragem em vir de público confessar a prática do magistério, de vez que se sentem em publicações dêsse gênero o recato, o vexame, o cuidado em esconder pelo menos o nome de quem ensina remuneradamente. Quase sempre os oferecimentos vêm de "um senhor que possui alguns conhecimentos" ou de uma "senhora honesta capaz de ministrar lições de leitura, contas e bordados". Indicava-se a rua, o número da casa, embora se ocultasse a identidade do mestre. Poderia afetar talvez as suscetibilidades de algum parente mais altamente colocado, pôsto esquecido dos membros da família menos aquinhoados. Desmanchar-se-ia porventura o casamento de uma filha, de uma irmã, com essa revelação ostensiva de "ensinar meninos". As indicações tornavam-se até mais vagas, como as dêste aviso:

Um moço casado e sua senhora, ambos com bastante prática de ensino, se oferecem para lecionar nesta cidade ou em algum engenho primeiras letras, gramática portugûesa, geometria, geografia, inglês e a falar francês, costuras e bordados. Quem quiser deixe carta fechada nesta tipografia com as iniciais M.R.S.

Já por si a prevenção contra o exercício de funções remuneradas era arraigada e imperiosa. Seria feio trabalhar para fora: costuras, labirintos, bolos, para vendagem, constituíam indícios de aperturas pecuniárias, de declínio social, de deslustre do nome... - "Sabe? D. Carminha está cosendo para fora!" E seguia-se o comentário: - "Quem diria, hein? Neta de um barão!"

Daí esta proposta cujas entrelinhas dispensam maiores explicações:

Uma pessoa capaz e com as condições precisas propõe-se, mais por entreter o tempo do que pelo interesse que lhe possa resultar, a ensinar em sua casa as primeiras letras até ao prefixo número de 20 alunos. Rua da Alegria, 2.^a casa ao lado esquerdo, indo da Ribeira. A assiduidade e o método que pretende empregar não deixará de produzir em breve prazo os melhores resultados.

Mais entretenimento do que interesse... Uma pedagogia de passatempo. Daria mesmo os resultados pretendidos? Por causa das dúvidas um outro se fazia mais explícito e ousado:

Qualquer sr. que precisar de um hábil professor para aprender ou mandar ensinar retórica, filosofia, latim e francês dirija-se à rua da Cadeia n.º 59 onde achará com quem tratar.

Adverte que suas lições podem ser presenciadas por qualquer curioso e que promete em pouco tempo mostrar o seu desvêlo.

Duas boas amostras do tempo. Em ambos o escrúpulo do nome. Num, a preocupação de desdém pelo dinheiro; noutro, a vaidade de não temer a crítica à sua com-

petência.

Maior desassombro revelava o Sr. Antônio Gonçalves Domingues. Êste se apresentava inteiramente identificado e lançava ao público a declaração escandalosa de adotar métodos abreviados nos quais a fêrula não tinha lugar. O nosso Sr. Domingues assumia êste compromisso inacreditável para seus contemporâneos: ensinar sem o auxílio da palmatória. Quantos risinhos de zombaria entre os colegas de classe! Quantos, do alto de sua autoridade, com uma voz adequada para o momento, não teriam sentenciado: - "Êsse professor das arábias é um maluco!" Se, todavia, alguns assim se manifestavam, descrentes, outros iriam admitindo a possibilidade da abolição da fêrula. E preferiam mesmo a escola onde ela não se aplicasse mais. Versinhos refletiam a reação:

Qualquer bichano careta
abre hoje sua escola
e de palmatória em punho
nos alunos bate sola.
E os coitados dos meninos
por não saberem a lição
vivem sofrendo o castigo
desta nova inquisição.
Pois que são inquisidores
os mestres que por aí há
que julgam que mais ensina
quem mais nos alunos dá.

Bem custoso terá sido, entretanto, convencer os pedagogos da eficiência, sem a fêrula, da assimilação mental dos compêndios de Doutrina Cristã, de Caligrafia, de Gramática Portuguesa, de Noções Gerais de Aritmética Prática, vendidos nas livrarias de então a da esquina do Colégio ou da Rua da Cruz, por exemplo. Nem tampouco o ensino de "fazer labirintos com perfeição" dispensaria pelo menos uns cocorotes...

Em 1828 exigiam-se exames para a regência de cadeiras primárias que fôsem criadas. Já não se permitiam improvisações muito amplas. Ao menos os candidatos provariam diante de banca suas habilidades antes de irem gozar os proventos dos 200\$ anuais nas escolas de Iguaraçu, de 240\$ em Goiana ou em Garanhuns. Nesse comêço do século XIX havia aulas de Botânica e Agricultura no Jardim das Plantas, de Olinda. E no Liceu Provincial existiam as cadeiras de Gramática Latina, Retórica, Poética, Filosofia Racional e Moral, Aritmética, Geografia, Inglês, Desenho, Francês, História, Física, cálculo e Comércio. Nos bairros do Recife e Boa Vista funcionavam duas cadeiras de Latim.

Em 1837 o professor Belarmino de Arruda Câmara apresenta um plano de colégio de educação primária na cidade do Recife, sob o título "Colégio da Conceição", sob as seguintes bases:

Os pensionistas pagavam 200\$ anuais e os externos 24\$000. Os primeiros tinham direito a um primeiro almoço, jantar, ceia e roupa lavada. Ensinar-se-iam: Doutrina Cristã, leitura, escrita, contas, Gramática Portuguesa, Geografia, Latim e Francês. Em aulas extraordinárias, danças, Música e Desenho.

Seriam feriados: véspera de São Tomé até Reis; da 4.^a feira de Trevas à Páscoa. Exames no fim do ano. Uniformes: calça branca, parda ou azul; sobrecasaca azul de ganga e gravata preta. Para as saídas usar-se-ia: calça preta ou branca, jaqueta azul. Os alunos internos, de 6 a 14 anos, trariam cama de lona e baú com roupas.

Vamos assistir às refeições: ao almoço, chá ou café, pão com manteiga; ao jantar, carne cozida com verduras, arroz, prato do meio e frutas do tempo; à ceia: letria, arroz-doce, ervas com pão. Nos dias de preceito: peixe ou bacalhau.

Não haverá castigos grosseiros, mas jeito e brio.

Não é tão difícil assim vivermos um pouco a época de escolares dos nossos avós mais remotos. Essas condições do Colégio da Conceição nos proporcionam um quadro nítido desse quotidiano, a ponto de vermos os estudantes com sua garbosa fardinha quer nas atividades comuns da vida escolar, quer nos dias solenes de festas ou agradáveis de saída... Partilhamos de suas refeições; sentimos o perfume do cozido com verduras, provamos o arroz-doce, bebemos o chá verde... Assistimos aos argumentos de doutrina ou de tabuada; ouvimos uma boa tradução do Método de Ahn ou leitura da Cartilha Maternal ou do Primeiro Livro de Abílio César Borges.

Outro colégio notável foi o do professor José Soares de Azevedo. Era o *Pernambucano*. Em 1841 realizou pomposa distribuição de prêmios. Desfile dos alunos, missa cantada no Convento de São Francisco, oração pelo Padre-Mestre João Capistrano. O educandário ficava no Atêrro da Boa Vista, n.º 6. Esse professor Soares de Azevedo, ao contrário dos "anônimos", teve grande evidência no magistério pernambucano. Alcançou uma cadeira oficial no Liceu. Ensinou particularmente por longos anos, enchendo os jornais de anúncios. Por vezes mesmo aparecia com publicações literárias ou de ordem pedagógica. Percebe-se sua importância na época através dessa publicidade, dos cursos que manteve e até de intrigas em que o quiseram meter.

Outros: professores também obtiveram renome nesses tempos:

Filipe Néri Colaço, que ensinava Aritmética, Álgebra e Geometria; Antônio Vicente do Nascimento Feitosa, mestre de Filosofia Racional e Moral; Alberto Lavenère, que "ensinava Francês, Geografia, Matemática e Desenho; Bernardo Fernandes Viana, que ensinava meninos a 2\$ por mês dando somente tinta, e a 2\$500 dando todos os pertences de escola, sendo lição de leitura 2 vezes ao dia, contas, uma vez; na 2.^a feira, tabuada pequena e dobrada; pesos e medidas, algarismos e vinténs até patacas, explicação de regras de civilidade." Na 3.^a feira, doutrina e ajudar missa. Sábado: toda a doutrina.

O Colégio de Santo Antônio também expunha suas condições de matrícula, de ensino e tratamento. Acrescentava serem os banhos às 4as. e sábados, parcimônia explicável pela dificuldade de água numa época em que não havia ainda torneiras e o "precioso líquido" vinha de longe em canoas. Fornecia porém a direção do colégio velas de espermacete para o estudo à noite. Os preparatórios ensinados obedeciam ao programa oficial: 1.º ano - Gramática Nacional, Latim, Desenho Linear e Figuras, Geografia Descritiva e Civil; 2.º ano - Latim, Aritmética, Francês, História Sagrada, Geografia e Desenho; 3.º ano - Latim, Aritmética, Francês, História (Romana, Grega, Idade Média), Inglês, Geometria, Botânica e Mineralogia; 4.º ano - Latim, História do Brasil, História Geral (Idade Moderna), Botânica, Geometria, Zoologia e Ciências Físicas; 5.º ano - Álgebra, Física, História da Literatura, Trigonometria, Filosofia Racional e Moral e Retórica; 6.º ano - História da Literatura Nacional, Astronomia Elementar.

Do sexo feminino, o *Colégio Francês do Espírito Santo* exigia o seguinte uniforme: vestido branco, singelo, com avental de sarja preta.

Em contraste com essa singeleza, outro estabelecimento escolar para meninas contratava um professor de danças, o que muito teria dado que falar. Logo professor!... Que credenciais de moralidade precisaria apresentar êsse dançarino para se conceituar perante os pais das sinhazinhas de seu tempo?

Um educandário que teve grande realce foi o *Internato Pernambucano*, na Ponte d'Uchoa, fundado por Manuel Alves Viana, no ano de 1876. Publicava um anúncio ilustrado de um sabor especial. Representava o prédio que é o atual palacete Batista da Silva, e no parque viam-se os alunos em recreio. Um trepado numa bicicleta de rodas de tamanhos diferentes; outro, num carneiro; uns pulando em cordas; outros manejando halteres; vários jogando bolas ou petecas; enfim, todos distraidíssimos e folgazões, apesar das compridas jaquetas que vestiam. No texto gabava-se a situação do colégio, num arrabalde dos mais salubres do Recife; o conforto do prédio, o corpo docente culto e moralizado, o abono do aproveitamento nas listas de aprovações, a excelência da alimentação, provada pelas visitas espontâneas e inesperadas de pais de alunos. Êsse *Internato Pernambucano*, em 1882, entre seus alunos distintos apresentava os nomes dos Srs. Artur Henrique de Albuquerque Melo, Valfrido da Cunha Antunes, José Matias Gonçalves Pereira, José Austregésilo Rodrigues Lima, João Luís dos Santos e Teodorico de Oliveira. Eles terão tomado parte animadamente nos folguedos de recreio que o desenho tão vivamente nos recorda.

Houvera um colégio para meninas na Tamarineira, que depois se transferiu para os Coelhos. Estava no 14.^o ano de existência em 1867, e a diretora, "em prova de aprêço em que considera o progresso das idéias civilizadoras do país, oferece ampliar a instrução das meninas com o ensino da língua inglesa, a língua italiana, o canto, a pintura, a aquarela, à la gouache, estas subordinadas ao desenho, flôres, e demais obras de câra. A diretora espera sem vaidade e despida de estudado fanatismo e hipocrisia, segura nas garantias que possui, ser atendida e acreditada."

A viúva de Mr. Cambronne, o que fôra contratante do primitivo serviço de esgotos da cidade, mantinha na Capunga seu *Colégio Francês*, e o velho professor Raimundo Honório já ensinava na Rua do Sebo, no 3 de Dezembro, que dirigia.

Nem se pense que na segunda metade do século passado a instrução secundária estivesse descuidada. Basta citar os nomes dos estabelecimentos de ensino nessa época: *Santíssima Trindade*, nos Coelhos, n. 20; *Nossa Senhora da Saúde*, Rua da Imperatriz, 17; *Santa Genoveva*, Cotovêlo, 154; *Externato Gadauet*, na Rua do Hospício; *Nossa Senhora da Conceição*, Rua São Francisco, 72; *São Francisco Xavier*, dos padres jesuítas, na Rua do Hospício; *Nossa Senhora da Penha*, na Rua do Cabugá, 7, 1.^o andar; *Imaculada Conceição*, Rua Augusta, 280; *11 de Agosto*, na Rua da Glória; *Instituto Acadêmico*, na Rua Visconde de Goiana; *19 de Abril*, Rua do Progresso; *Santa Lúcia*, Rua do Queimado; *12 de Maio*, no Corredor do Bispo; *Institution Française de Demoiselles*, Rua do Sebo; *Instituto Nossa Senhora do Carmo*, Rua de São Francisco, e *Nossa Senhora das Vitórias*, Rua do Hospício.

Êsses colégios foram mais ou menos contemporâneos.

De épocas próximas, ainda o *Pedro II*, na Rua do Sebo; o *Americano*, na Rua da Imperador, 42, de D. Maria Cândida Bandeira Magalhães, auxiliada pela irmã, D. Ana Pinto Bandeira de Magalhães, e no qual as aulas de Geografia, Aritmética e Gramática Portuguesa eram ministradas pelo ilustrado lente do Ginásio Dr. João Batista Requeira Costa, e as de Música pelo inteligente pianista Cláudio Ideburque Carneiro

Leal; o *Nossa Senhora da Graça*, na Ponte d'Uchoa, cuja diretora era A. Carroll; o *Americano*, sito na Estrada de João de Barros, n.º 24; o *Colégio d'Aurora*, do professor jubilado Silvano Tomás de Sousa Magalhães, que expunha seus métodos de ensino, corpo docente, etc. Os alunos internos pagavam anualmente, por quartel de 105\$, a importância de 420\$000, com direito a médico e botica; semi-internos, 216\$; os externos, mensalmente 5\$000. A instrução compreendia:

- 1.º - Ler e escrever;
- 2.º - Princípios gerais de moral;
- 3.º - Doutrina cristã e civilidade;
- 4.º - Exercícios gramaticais;
- 5.º - Noções de aritmética;
- 6.º - Seu desenvolvimento em aplicações práticas, quer em inteiros e quebrados, quer em decimais e regras de proporções.
- 7.º - Sistema de pesos e medidas do império;
- 8.º - Elementos de geografia e história, com especialidade do Brasil ;
- 9.º - Geometria retilínea.

Em 1868 o *Colégio de São José*, ainda hoje existente, já se anunciava. Estabelecido na grande casa contígua à igreja de Nossa Senhora da Soledade, dirigido pelas Irmãs de Santa Dorotéia, sob a proteção do Revdmo. Sr. Dr. Vigário Capitular da Diocese. Internas pagavam 35\$ mensais, meio-pensionistas 15\$, e externas 5\$ não sendo pobres. Logo que pudesse, admitiria também internas sem recursos pecuniários.

Êsse colégio inaugurou-se a 21 de janeiro. Missa cantada pelo Deão Faria, tendo como ministros assistentes os Cônegos Castilho e Sousa Gomes. Pregou ao Evangelho o Superior e Visitador da Missão Jesuítica Padre Razzini. Os acompanhamentos da missa foram feitos a harmônio e cântico por parte de irmãs e educandas. As meninas do *São José* andavam de vestido branco com faixa azul na cintura.

A propósito de indumentas ocorre citar o enxoval exigido pelo *Colégio de Nossa Senhora das Vitórias*. Êste educandário era dirigido pela Baronesa Lucie d'Herpent e seus dois filhos: Mme. Blanche d'Herpent Torgo e Barão Jules G. Vander Dussen d'Herpent. Eis o enxoval :

- 1 vestido preto;
- 1 véu para missa e atos religiosos;
- 1 chapéu de palha;
- 2 vestidos brancos;
- 1 colchão;
- 2 travesseiros;
- 1 cobertor de lã;
- 2 ditos de chita;
- 6 fronhas;
- 6 lençóis;
- 6 toalhas de rosto;
- 3 ditas de banho;

6 guardanapos;
1 talher;
1 copo;
1 vaso com tampa ;
1 bacia para banho.
E mais objetos para toucador e dormitório.

Como se vê, era completo.

Dava como referências de sua idoneidade os nomes dos Drs. Herculano de Sousa Bandeira e Henrique Pereira de Lucena. Colégio grã-fino.

A abundância de educandários no Recife, alguns com tão boas, credenciais, não evitava que muitos pais preferissem enviar seus filhos aos da Europa. A Europa era o grande preconceito do tempo. Muito rapaz e muita moça voltou de lá arrastando os erres e fazendo curvaturas de salão, embora escrevesse português como um vende-lhão de curtas letras. O Colégio para meninos em Wandsbeck, na Alemanha (subúrbio de Hamburgo), oferecia suas imensas vantagens civilizadoras mediante 1.000 marcos anuais, menos Dança e Desenho, que iriam à parte no pagamento. Afirmava germânicamente que "daria educação exemplar" aos... mestiços sul-americanos.

Também o *Instituto São Bernardo*, fundado em 1862 sob a proteção do Sumo Pontífice Pio IX, estêve no auge. Dirigia-o o bacharel em Matemáticas Bernardo Pereira do Carmo Júnior, ministrando educação física, intelectual, moral e religiosa. Já contava, após alguns anos de vida, numerosos ex-alunos na Faculdade de Direito. Era na Rua da Aurora, n.º 32.

A Escola Normal foi criada em 1864, tendo como diretor o Cônego Francisco Pereira de Brito Medeiros. Entre os seus primeiros professores figuram os Srs. Bacharel Jorge Dornelas Ribeiro Pessoa, Maximiano Lopes Machado e Miguel Arcanjo Mindelo. As aulas começavam a 25 de julho. O Recife civilizava-se. No ano seguinte abria-se "com luxo" a *Livraria Francesa*, de Garraux & Lailhacar, na Rua do Crêspo, n.º 9. "Honrava à cidade que já conta uma Academia de Direito". Nesse tempo o Sr. João Valfredo de Medeiros, que viria ser o dono da *Francesa* no comêço dêste século, era o proprietário da Livraria Acadêmica, na Rua do Imperador, 79. Vendia-se em 1.ª edição a *Gramática Portuguesa de Salvador de Albuquerque*, de mistura com *O Judeu Errante*, *O Conde de Monte-Cristo*, e *A Revolução de 48*, por Lamartine. E saía *A palmatória*, periódico crítico e divertido a 40 rs. o exemplar:

"Cheguem, rapazes do tom,
Descobriu-se A Palmatória.
Venham comprá-la, é barato,
Venham cobertos de glória."

No Palacete da Rua da Praia ensinava-se leitura repentina por cartilhas - método para cortar o vício de as crianças comerem as últimas sílabas das palavras. Feriados os sábados. O professor dava, livros e velas para o estudo à noite. Perto, da livraria do padre Inácio.

Tobias Barreto teve um colégio, o 25 de Março, na Praça do Conde d'Eu.

As escolas primárias eram em número de 100 no ano de 1861, com a frequência

de 3.568 alunos. Dez anos depois subiam a 269, com 9.822 alunos. Já em 1886 a matrícula das masculinas atingia 6.420; das femininas, 5.121; das mistas, 1.231. Nas noturnas, 135, alunos do sexo masculino. Nas particulares: masculinas, 316,; femininas, 256; mistas, 26 alunos.

O diretor interino da Instrução manda fornecer 4 candeeiros e uma lanterna para o serviço na escola noturna da freguesia do Recife (Fora-de-Portas), de que era professor meu avô materno. Antônio Rufino de Andrade Luna. A escola feminina ali também mantida era dirigida por sua espôsa, a professora Emília Cândida de Melo Luna. Foi isto em 1871.

Nesse ano a verba destinada à instrução pública da Província era de 408:861\$200. Havia 312 escolas primárias. Matrícula de 6.398. alunos nas masculinas, de 3.124 nas femininas e de 106 nas particulares. Na Escola Normal, 49. Na escola prática anexa, 114. No *Liceu Provincial* existiam 18 cadeiras. Alunos internos, 149; externos, 42; semi-internos, 14. Existiam no Recife 17 colégios secundários para meninos, com 626 alunos, e 9 para meninas, com 85 alunas. Na Faculdade de Direito, 348, e no Seminário, 64.

O *Liceu Provincial* foi fundado em 1.º de setembro de 1825, sendo seu primeiro Diretor o Padre-Mestre Miguel do Sacramento Lopes, também jornalista e famoso pelo seu jornalzinho satírico *O Carapuceiro*. Nasceu o educandário no Convento do Carmo e depois de ter andado de empréstimo por vários prédios, inclusive um dos torreões da antiga Alfândega, veio a ter seu vistoso edifício próprio, à margem do Capibaribe, onde ainda hoje funciona. Deram-lhe, posteriormente, o nome de *Ginásio Pernambucano*, sendo que nos começos da República, sem resultado, quiseram impor-lhe a denominação de Instituto Benjamim Constant. Teve, por alguns anos, internato, enquanto o *Colégio das Artes*, anexo à Faculdade de Direito, também de renome, aceitava apenas alunos externos.

Cogitava-se de fundar uma Casa Modelo, a exemplo das Casas de ABC dos Estados-Unidos e da Côrte. Em 1874 estavam matriculados na Escola Normal: 55 homens e 44 senhoras.

No dia 31 de julho de 1872 reúne-se na Rua do Cabugá, n.º7, sobrado onde residia o Dr. João Dinis Ribeiro da Cunha, um numeroso grupo de professores para tratar da criação de uma associação que auxiliasse a causa da instrução no Recife. Faria também, por todos os modos úteis, a propaganda da alfabetização. E nessa data fundou-se a *Sociedade Propagadora da Instrução Pública*. Surgiram depois, sob seu patrocínio, várias escolas primárias; entre elas a que subsiste até hoje com o nome de *Escola Normal Pinto Júnior*. Ao nascer, era simplesmente *A Propagadora* e votava-se também a formar professores primários. Inaugurou-se a 11 de agosto do ano acima citado. As aulas passaram a ser noturnas para as normalistas, atendendo-se a que se tornava mais fácil a frequência de moças pobres, que não dispunham de trajos "decentes" para andar nas ruas à luz do sol. Foram lentes da *Propagadora* Martins Júnior, José Higino, Olinto Vítor, Buarque de Macedo, Cônego Melo Luna, Landelino Câmara, Franco de Sá, Regueira Costa, Afonso Olindense, Artur Orlando, Luís Pôrto-Carreiro, Leal de Barros, Virgínio Marques, Alcedo Marrocos, José de Freitas Morais Pinheiro, Arnóbio Marques, Luna Freire, Cícero Peregrino, Vicente Ferrer e muitos outros nomes de relêvo no magistério. Nenhum deles ganhava um vintém na *Propagadora*, e todos se esforçavam na assiduidade e no método de ensino. O Dr. Pinto Júnior foi de tal modo um de seus valorosos e dedicados servidores que por sua morte a Escola lhe tomou o nome, numa homenagem merecidíssima. Hoje todos lhe chamam Escola Pinto Júnior, mas até o começo do século em curso era *A Propagadora*.

E as suas alunas "as moças da Propagadora".

Este mesmo século XX herdara do anterior novos estabelecimentos de ensino que tiveram fama depois. O *11 de Agosto*, na Rua da Glória; o *19 de Abril*, dos irmãos Pôrto-Carreiro, na Rua do Hospício (hoje Escola de Engenharia); o *Coração Eucarístico*, também na mesma rua, no prédio de esquina em que esteve depois o *Ginásio do Recife*; o *Santa Margarida*, a princípio na aludida Rua do Hospício; o *Instituto Aires Gama*, na mesma artéria boa-vistana: o *Instituto Pernambucano*, com seu apogeu na Rua da Aurora; o *Pritaneu*, na Rua da Soledade.

O *Aires Gama*, de Alfredo Gama, deu a nota com seus espetáculos de fim de ano ou na data natalícia do diretor. Esplêndidos números de declamação, canto, comédia, orquestra. Não ficava um lugarzinho vazio para ninguém. E muito homem velho ou maduro de agora ali se exibiu numa cançoneta, num solo, num recitativo, num papel de teatro. Alfredo Gama era o maestro, o ensaiador, o compositor. Cândido Duarte, dirigindo o *Instituto Pernambucano*, votava-se mais às cerimônias e festas cívicas. Teve um batalhão lúcido formado de alunos, ao qual um instrutor do Exército ministrava ensino militar. Nas paradas dos batalhões de linha em datas nacionais a "tropa" do *Pernambucano* não faltava, com sua banda de música própria.

Dos colégios de meninas o *Santa Margarida* tornou-se o de maior destaque. De suas festas de encerramento de aulas e distribuição de prêmios guardam-se ainda vivas recordações pela finura do ambiente, pela seleção das famílias de alunas, pela graça e arte dos programas. Também as tardes de premiação no *São José*, embora com um aspecto mais religioso, revestiam-se de solenidade e brilho. Famílias da alta sociedade desciam dos seus carros próprios defronte da "grande casa" junto à igreja da Soledade, e iam enchendo o salão de honra. O bispo comparecia, distribuía os prêmios de maior importância. Havia muito contentamento, muitas lágrimas de emoção, muitos beijos de pais, muita vaidadezinha mal disfarçada porém estimuladora.

Apareceu a moda dos quadros de formatura para os colégios de moças. Com uns *passee-partout* de inspiração do Vera Cruz Tondela, Piereck, Monteiro & Cia. Eram expostos dias antes, e lá iam vê-los pessoas das famílias, conhecidos, compadres, curiosos e... tantas vezes olhos que visavam entre todos um só retrato de concluinte.

Essa moda dos quadros de formatura iniciou-a o *Colégio Pritaneu* - um dos educandários femininos de maior renome no Recife.

Nas quintas-feiras da Paixão alguns colégios saíam em duas filas para visitar o Santo Sepulcro. Ou para ir ver no cinematógrafo, que era novidade, a vida de Jesus. Para assistir à passagem de procissões, igualmente vinham à rua Colégios, quer de um sexo, quer de outro.

Não se poderão esquecer os educandários de caridade. Eles, na sua modéstia, realizam uma obra imperecível e nunca bastante admirada. *Santa Teresa*, de Olinda; *Jaqueira*, *Magalhães Bastos*, da Várzea; *Estância* - cada um dêsses tem sua história de dedicações de proteção e de alfabetização. A casa dos Expostos, no governo de D. Tomás José de Melo, 1789, por haver sido extinta aqui a Ordem dos Capuchinhos, foi instalada na igreja da Penha, com sua respectiva "roda". Em 1840, restaurada a missão capuchinha no Recife, passou-se a Casa dos Expostos para um prédio da Rua da Aurora, onde esteve até voltar, em 1855, para a Rua da Roda. Posteriormente as órfãs tiveram por teto um edifício na Jaqueira, junto ao qual se levantaria o magnífico prédio do Hospital Infantil Manuel Almeida.

Nessa Casa dos Expostos as irmãs de caridade estabeleceram uma escola primária, além de ensinarem trabalhos manuais.

Houve no meado do século passado um Colégio dos Órfãos e outro das Órfãs. O primeiro, criado em 1831, foi mandado estabelecer-se no convento deixado pelos Carmelitas Descalços, cuja ordem deixou de funcionar em Pernambuco. Depois, transferiram-no para um prédio na Rua da Aurora, e dali para o da Rua da Glória, onde posteriormente esteve o Instituto dos Cegos. Os órfãos passaram-se para a Colônia Frei Caneca. O das Órfãs foi inaugurado num sobrado da Rua da Aurora, e depois mudado para o Convento de Santa Teresa, em Olinda.

Mais recentes, os recolhimentos de crianças desvalidas, com escolas, desdobram-se pela Casa da Estância (São Vicente de Paula) e Magalhães Bastos, na Várzea. Todos êsses estabelecimentos vieram a ser subordinados à Santa Casa de Misericórdia.

No *Colégio da Jaqueira* verificou-se em 1912 uma das tragédias mais dolorosas de que os recifenses já tiveram notícia. Certa manhã uma das irmãs precisou administrar um vermífugo a cerca de cem alunas que desse tratamento estavam necessitando. Aconteceu que, mal ingeriram o remédio, tôdas as órfãs começaram a sentir-se mal. Uma intoxicação violenta e gravíssima. Algumas meninas já agonizavam. Chamam o médico. É um envenenamento sério. Alarmam-se o colégio, a vizinhança, a cidade inteira. Correm médicos às dezenas para o orfanato. Verifica-se que, ao invés de sêmen-contra (vermífugo), as educandas tinham ingerido cólico. 88 meninas intoxicadas. 18 já estão prestes a expirar. Outras sofrem. Aplicam-se medicamentos adequados. Mas às 4 da tarde havia 35 cadáveres; à noite, 42. E eram cenas terríveis. Uma das meninas, a pequena Laura, dizia entre dores atrozes: - "Quero morrer logo. Minhas companheiras já foram; quero ir também para o Céu." Uma mãe encontra a filha já morta, na mesa do necrotério. Ali se atulham os ataúdes, enfeitados de folhas de pitangueira. Brasilina, uma pardinha, levou dias entre a vida e a morte.

Todo o Recife acompanhava pelo noticiário das fôlhas sua agonia e suas esperanças de salvação. Um dia, perto de morrer; outro, livre de perigo. Por fim, ela venceu a morte. Outras - 43 - também escaparam. Foram para a sepultura 45, umas juntinho das companheiras, como no dormitório do orfanato. Uma negligência de farmacêutico gerara essa tragédia.

Ia-se, porém, trabalhando pelo Saber. Obra de séculos e de gerações sucessivas num labor humilde, constante e desprezado... Com muito ou pouco tino pedagógico. Com espírito de apostolado ou mácula de entranhado interesse pecuniário. A eiva não é de hoje. Que o afirmem êstes versinhos:

A instrução secundária
Vai por aí muito mal,
O estudo é tal ou qual,
Mas ostenta-se garboso
Monopólio escandaloso.

Só conta ser aprovado
O que estuda em certa parte,
Não se vive aqui sem arte.
Amigo, é bom estudar
Com quem tem de examinar.

A boa mensalidade
Bem paga com prontidão
Produce certa mansidão
Que vem acabar em A;
O rigor não chega lá.

E como êste garante
Colégios particulares
Em mui bonançosos mares
Navegam afortunados,
Os *RR* ficam burlados."

Havia professôres improvisados ou de bem orientada profissão. Alunos estudiosos e vadios. Bons e maus programas. Críticas justas ou malévolas. Esta seria plausível ou refletia vingança:

Pede-se a um professor do pátio do Têrço que não abandone seus alunos para vir pedir dinheiro emprestado na rua, dinheiro nunca pago. Enquanto isso os alunos oferecem cravos às vizinhas, das janelas das escolas...

Como se vê, nesse distante 1871, os pobres professôres já viviam em aperturas financeiras, a ponto de darem facadas pelas ruas, e os meninos das escolas já eram bastante sabidinhos para tecerem galanteios às meninas das redondezas. E ainda há quem corra atrás do inédito...

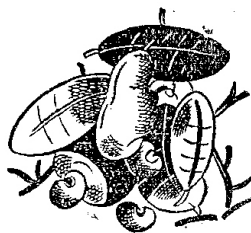
O *Carapuceiro*, por seu lado, criticava amargamente a orientação dada aos Cursos:

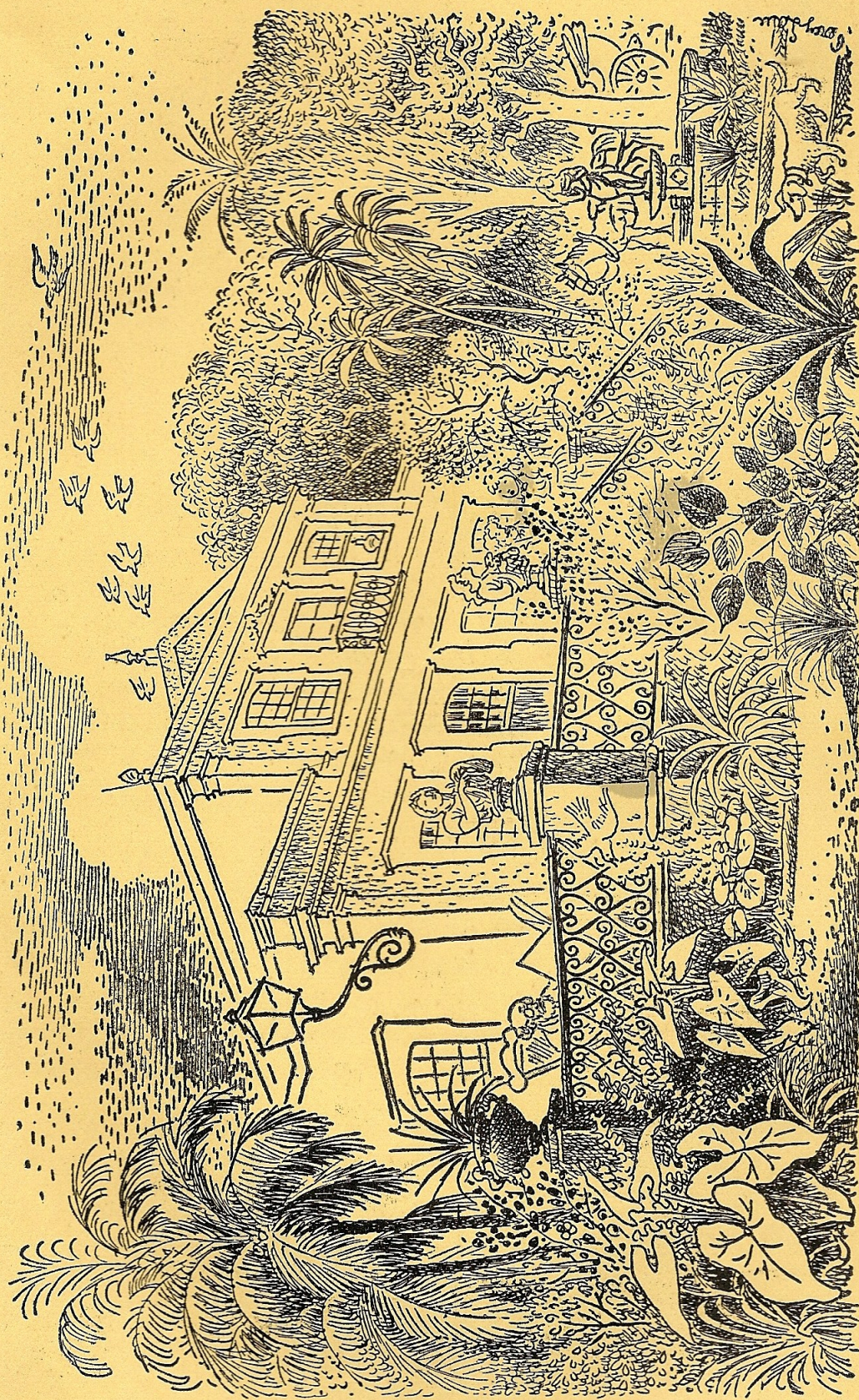
O Latim se ensinava em 6 a 8 anos. Agora, mais o Francês, o Inglês ao mesmo tempo, e ainda sobra vagar para a Geometria, tudo em 3 meses de férias; mais 3 ou 4 para os restantes preparatórios; e matricula-se imediatamente se se é um abismo de jurisprudência.

Êste tópico, sem dúvida, foi muito glosado entre os graves senhores em conversanos banquinhos da Ponte da Boa Vista.

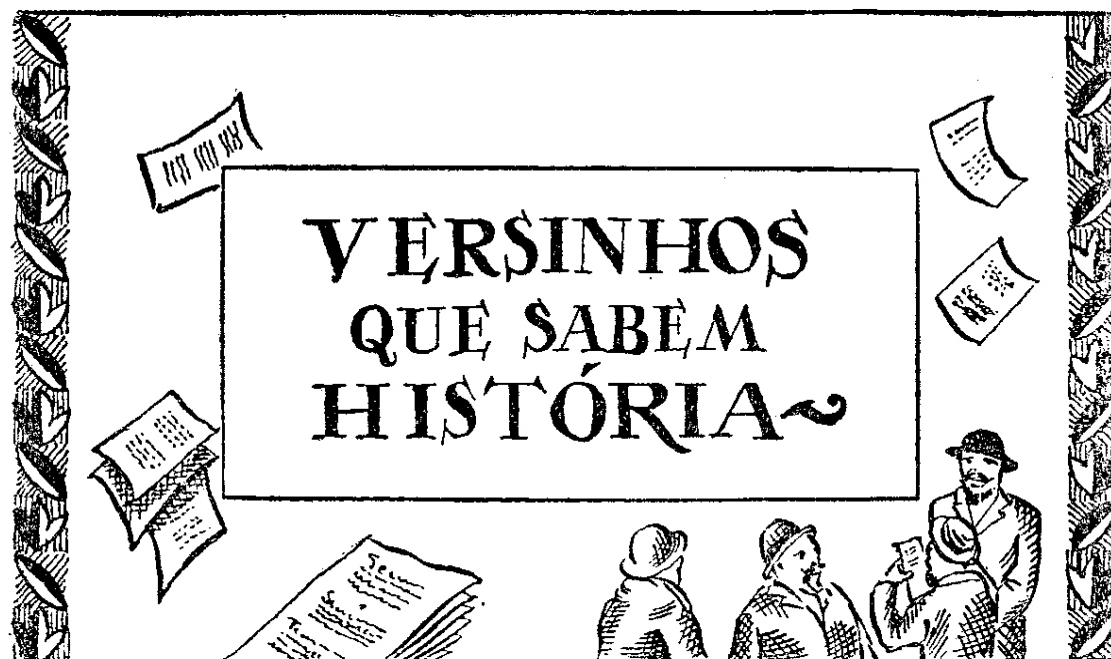
E um dêles, limpando ao lenço de barras a luneta cativa por uma fita preta à casa do sutambaque, sentenciaria:

- Aprender só no meu tempo, com a palmatória...





O palacete de arrabalde onde, depois do jantar, tomava-se fresco nos terraços, em cadeiras de balanço, que serviam para acalanto.



Os versos populares escrevem também a história de uma cidade. Não somente a história política, mas a social. Recolhê-los, quando não descobri-los, por escondidos em publicações esquecidas, é reconstituir colorida e saborosamente o passado, quer nas linhas mestras, quer nos pormenores, nos seus diz-que-diz, nas suas malícias, num quotidiano característico.

É farta a contribuição da musa do povo. Uma fôlha diária, um almanaque, um livro de sortes, um hebdomadário ilustrado tôdas essas fontes se oferecem dadivosas aos que em sua busca andam ávidos de um flagrante antigo. Lemo-los com a curiosidade de quem almeja penetrar as épocas transatas e interpretar-lhes o cenário, o ambiente, a vibração, conhecendo-lhes os fatos do dia, os comentários, as críticas.

Já Pereira da Costa agasalha, no seu excelente *Folclore Pernambucano*, versos populares em tôrno da inauguração da primeira ponte do Recife, aquêl notável acontecimento do século XVII, vendo-se um boi voar e atravessando-se a pé enxuto o Capi-baribe, embora pagando o pedágio:

Foi um dia de encantos,
De graças, recreio
Para o Conde que o bôlso
De florins viu cheio.

E, depois, os vates não pouparam os homens públicos da época o Mendonça Furtado, o José César de Meneses, o ouvidor Bacalhau - sem esquecer o bandido Cabe-

leira:

Fecha a porta, gente,
Cabeleira aí vem
Matando mulheres,
Crianças também.

D. Tomás de Melo, governador, teve seu quinhão de ironias, principalmente no tocante aos seus amôres por D. Brites:

D. Tomás quando se foi
Deixou muito cabedá
Pra dotar a D. Brites
Quando ela se casá.

Êsses pedacinhos de sátiras pròpriamente históricas, citadas de Pereira da Costa, mostram quanto a verve dos poetas populares se adestrava para as manifestações de tempos posteriores, mormente no decorrer do século XIX, em que a cidade iria alcançar grande desenvolvimento e assistir a profundas transformações. A navegação a vapor facilitara o enxame de visitantes estrangeiros, o estabelecimento de um comércio parisiense, as ousadias de uma sociabilidade menos ronceira. Realizavam-se saraus a que se comparecia trajando casacas, e vestidos de gala trabalhados por artistas francesas, dançavam-se as quadrilhas e beijavam-se as mãos das damas, usavam-se os *carnets*:

Há sujeitos tão devotos
Que trazem nas carteirinhas
Para se não esquecerem
Os nomes das sinhàzinhas.

E quanto à moda dos galicismos, dizia-se rimadamente:

Ora, eu falo do francês
Que todos querem versar
Quando nem mesmo falar
Sabem o seu português.

Como se vê, essa crítica seria oportuna ainda, inteirinha, nos tempos atuais, substituindo-se apenas o francês pelo inglês...

As preferências iam, como é de supor, para tudo quanto trouxesse rótulo de fora. Da terra, nada servia. A polícia proibia os pastoris e aplaudia o cançã. Quer o artigo de comércio, quer os artistas de vários moldes. Sem dúvida, êsse" clima estrangeirista, também não raro nos dias de hoje, deu margem aos seguintes versinhos:

Mademoiselle Camille
Na cidade de Paris
Quando lava roupa suja
Tem-se em conta de feliz.
Mas, depois, vem ao Recife,
Faz coisas que não se diz,
Pois medita no teatro
Tem-se em conta de atriz.

Enquanto tais modismos se verificam, a política ferve e apresenta motivos de glosas pitorescas. Os partidos digladiam-se. Um sobe, outro desce, e se existem fiéis votados até ao sacrifício, outros se mostram com raízes de convicção menos profundas:

Nada, nada, minha gente,
Tem razão o vencedor;
Viva o partido que vence,
Hoje eu sou conservador.

Os conservadores haviam subido entre passeatas e vivas. E discursos, em que já achavam o governo imperial uma perfeição política, ao invés de um trono carcomido...

No comércio, também, as sátiras não davam tréguas. Máxime quando as movia uma competência arrepiada ou um fracasso de negócios. Dai a mordacidade :

No embarque do açúcar
Lá da casa do Amorim
Vai em cima o bom açúcar
E em baixo só o ruim.

E que dizer dos velhos aspectos da cidade? O rio tentava a um banho. Tão mansas as águas e tão frescas nos dias de calor de março! Muitos não resistiam. Atiravam-se ao Capibaribe e nadavam à vontade. Mas a crítica moralista se pronunciava:

Qualquer súcio, novo ou velho,
À luz do sol ou da lua,
No cais chamado do Apolo
Vai lavar a pele sua.

Não clamo porque se lave
Todo e qualquer maganão,
Mas é que essa brava gente
Banha-se em trajo de Adão.

Os melhoramentos da cidade, todos êles, tiveram seus cantores. A nova iluminação a gás carbônico, por exemplo, com poucos meses de inaugurada e gabada, já fazia jus a esta quadrinha :

Depois de ver tudo isto
Vi aceso o gás amigo,
É tal qual azeite antigo,
Por isto canta a menina:
"O gás virou lamparina."

Alude-se claramente a uma canção em voga, em que o novo sistema de iluminação pública já padecia remoques e censuras.

Não menos do que o gás, os transportes urbanos modernos deixaram de provocar comentários. Assim, o trenzinho que ligava o centro da cidade aos arrabaldes mais distantes, vulgarmente conhecido por "maxambomba", entrava em uma variedade de poesias populares dêsse tempo. A propósito de penteados femininos havia êstes versos :

Não gracejo, falo sério,
Teu penteado de arromba
Não tem que ver, Micaela,
O cano da maxambomba

Em 1874, a 1.º de janeiro inaugura-se o telégrafo submarino entre a Côrte e Pernambuco e a 23 de Junho entre o Recife e a Europa . Festas, regozijo, telegramas de D. Pedro II nos jornais da terra. Pois não tardaram êstes versos irônicos:

Os telégrafos inglêses
São boas teias de aranha,
Onde o cobre dos fregueses
Como mosquitos se apanha.

E os bondes? Os bondes a burros, inovação que dera lugar a um rosário de elogios e de satisfação! Não mais as diligências, nem as cadeirinhas, nem as rêdes ou canoas? Agora, sim, transporte regular, freqüente, rápido. Passear no bonde, que delícia ! Os ônibus do Cláudio, para Apipucos e Caxangá, tinham suspenso as viagens à falta de fregueses. Contudo, não tardara esta queixa :

As goteiras são tantas e tão grossas
Que parece correr a água a potes,
E aos pobres passageiros encharcados
Não valem nem chapéus e nem capotes.

O sistema de retirada do lixo dos domicílios em carroças, pretextara reclamação

contra os vasilhames postos às portas das casas:

De sorte que ninguém pode
Passar pela rua tal
Sem dar com a inimitável
Limpeza municipal.

Não admira tal crítica, porque, ao se estabelecer o serviço de esgotos, em substituição aos famosos e repugnantes "tigres" de então, houve quem publicasse êstes versos que falam por si:

As casas hoje se ajuntam
Em fera sociedade
Para combater o cambrone
Que brutalmente as invade.

"Cambrone" ficaram sendo chamados os aparelhos sanitários, por uma ironia ao nome do gerente da empresa.

A instrução teve seu bocado. As escolas aumentavam de número, não somente as do govêrno, mas também as particulares. Os métodos pedagógicos ainda consentiam a palmatória e a orelha de burro. E, então, rimava-se:

Qualquer bichano careta
Abre hoje a sua escola
E de palmatória em punho
Nos alunos bate sola.

Ou esta sorte :

Dizes asneiras em penca
E mal o teu nome assinas:
Estás no caso de ser
Professôras de meninas.

Cena de rua: o Bispo passa; todos correm a vê-lo no carro a abençoar o povo; uns se ajoelham, todos se descobrem:

Nisto vem o sr. Bispo,
Lá vai repique geral;
O garrita dá sinal,
O meão faz din-din-dão,
O grande bate também.

Êstes versos têm um sentido evidente de combate aos excessos de ruídos da cidade de outrora. E os sinos eram responsáveis, nesse tempo, por grande parte de tais excessos.

A água encanada, outra maravilha de comêço do século passado, mereceu o seu "poemazinho" :

Corri ruas, pátios, becos,
Visitei lojas, boticas,
E fui ver até as bicas
Ou caixa d'água do Prata
Que da gente a sêde mata.

Quando se tornaram comuns com a facilidade de transportes, as moradias nos ar-
rabaldes, no "mato", todos os sonhos eram obter ali um chalé entre árvores de som-
bras e de frutas, com criações fartas, bom banho de rio perto, festejos de Natal pró-
ximos, sossêgo, frescura e saúde. Que bom !

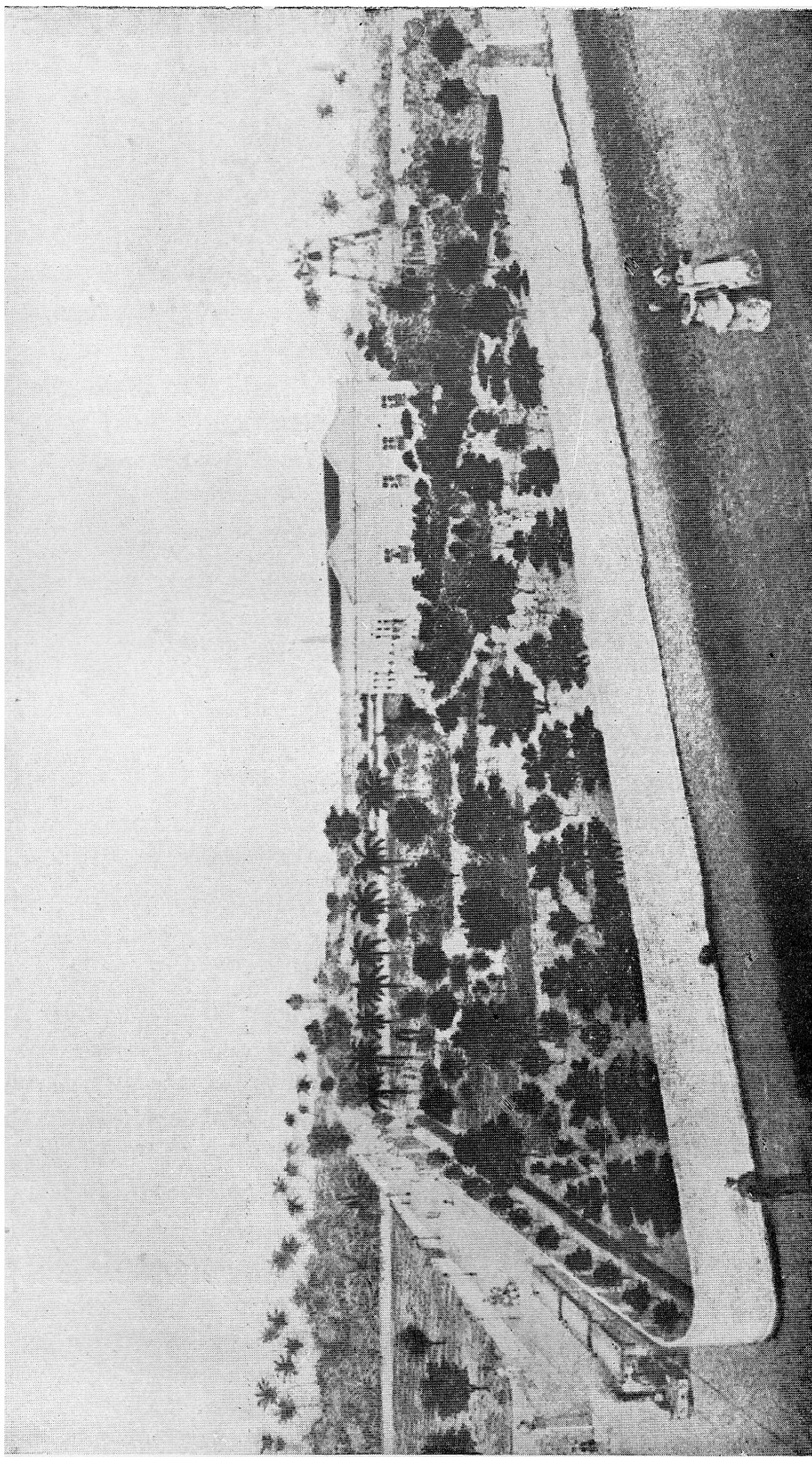
Morar fora da cidade,
Carro ter mui bem montado,
Assim como bem fardados
Criados de casacões,
De luvas, cintos, calções.

Casa sempre ter de amigos
Cheia todo o santo dia,
Piano com melodia
Tocar a sinhá dengosa
Que se assusta por nervosa.

E seguia-se como um pequeno quadro da vida encantadora nesses recantos rústi-
cos:

Depois de jantar à grande
No jardim ir descansar,
Chá, café ir lá tomar
De balanço nas cadeiras,
Debaixo de trepadeiras,
Tendo à frente chafariz
Correndo perenemente,
Onde se vê permanente
Figura marmorizada
De Ninfa sempre molhada.

Quem não está vendo os nossos antigos solares suburbanos, alguns dos quais ain-



A maxambomba passa diante de antigo sítio e palacete dos Livramento
“Morar fora da cidade”...

da hoje conservaram êsses aspectos, lá pelas bandas do Poço, do Caldeireiro, de Api-pucos? O arvoredor, os tanques de azulejos, os caramanchões, as estátuas de louça, os terraços de pedra de lioz, os sótãos de balcões envidraçados... Falta apenas a gente de outrora para apreciar êsse cenário realmente sedutor. Os, moradores de agora estão no cinema, suportando o calor e o apêto, para admirar... os quadros da vida norte-americana...

Um hotel oferecia-se em versos :

Barato, sim; fiado, não;
No hotel podem entrar,
Pois quem tiver dois cruzados
Aqui pode almoçar.

E quando bater 3 horas
Venham aqui bem jantar,
Mas tragam 1\$500,
Pois mal não hão de passar.

Outra cousa, meus senhores,
Eu vos quero é avisar:
Que tragam dinheiro miúdo,
Pois não tenho pra trocar.

Anúncio completo. Sinceridade em declarar que faz preços razoáveis, sem admitir calotes. Diz-nos o custo das refeições e a hora em que são servidas. E, por fim, consolamo-nos em saber que já nossos avós se viam aperreados com a falta de moeda divisionária...

E os médicos... seria crível que êles escapassem à sátira dos antigos ?

Com seringa de Pravaz
Dando injeções de morfina,
Matarás a humanidade
Em nome da medicina.

Também as eternas guerras européias despertavam nossos entusiasmos e nossas antipatias. Hajam vista êstes versos de 1870, eternamente verdadeiros:

Foi a França, ela só, que, erguendo a voz,
Dos tiranos dobrou negra cerviz;
Se o mundo é liberal, no grande espaço,
Não se deve a Berlim, mas a Paris.

As cheias que quase todos os anos e impetuosamente investem do interior contra o Recife, flagelando arrabaldes, derrubando mocambos, paralisando o tráfego, amea-

çando as pontes e enfeitando de baronesas o rio, também tiveram os seus poetas. Uns para ironizar a abundância das chuvas, que no ano de 1895 caíram com tal impetuosidade e duração que a procissão dos Passos foi transferida por quatro vezes na sua saída da igreja do Carmo e acabou se realizando sem aviso prévio na primeira tarde em que houve uma estiada. Outros para sugerir medidas de engenharia capazes de evitar essas inundações periódicas:

Aterros e mais aterros
Pelos rios e marés,
Lojas, vendas e cafés
Onde só era alagado.
Eis o caldo transtornado...

Deve haver estudo sério,
Camboas, barcas, canais,
Para as águas pluviais,
Devem nossos engenheiros
Abrir com bons empreiteiros.

Se não lá um belo dia
Adeus, risonho Recife!
Pega-te a água em cafife,
Que se do mal escapares
Sofrerás muitos azares.

Como se vê, atribulam-se as cheias aos grandes aterros que se haviam realizado e temia-se o desaparecimento do Recife por um assalto decisivo das águas. O engraçado é que neste 1944, em face de um inverno rigorosíssimo, com enchentes devastadoras, renasceu a crítica aos atuais aterros e o medo do "dilúvio"...

Nada fugia à crítica dos verzejadores. Aí por 1870, teceu-se muito humorismo em torno das parteiras francesas, tão em moda:

Hoje tudo tem mudado
Té na classe das parteiras,
Hoje temos estrangeiras
Que se umbigos cortam bem,
Cortam a língua também.

No meu tempo, oh! belo tempo!
Era Joaquina Tarracha
Que comendo uma bolacha
Dava conta da emprêsa
Com asseio, com limpeza.

E depois que dava conta
Da tarefa trabalhosa
la logo pressurosa
Dizer ao pai da criança:
Olhe! É sua semelhança!

A propósito do costume de dar cafunés, prazer a que tanta gente se submetia com delícia, corria esta quadrinha expressiva!

Dá-me, dá-me, laiàzinha!
Nada além juro querer:
Cafunés depois do chá
Para ledó adormecer...

Na musa popular de outrora, a mulher se faz sentir a cada passo. Pudera não! Sobretudo na crítica às modas, os poetas tomam a gentil criatura para tema:

Seu vestido não tem cauda,
Tem tamanho regular!
Para quê essa bobagem
De querê-la arregaçar?

Aqui, descrevem-se trajos da moda:

Manguitos de puro linho,
Dominós bem enfeitados,
Chapelinhos desabados,
Leques de sândalo fino,
Balões de bôca de sino.

E a propósito dos requintes femininos no preparar a toilette:

Nisto leva duas horas:
Prega, cose, bota, tira,
No espelho onde se mira,
Cabeções, cintos, anquinhas
Desta que tem camarinhas.

Já as mulheres começavam a encher as ruas, fugindo à clausura dos balcões de xadrez. Faziam compras, passeavam de sege., tocavam piano, iam a bailes, viam o cosmorama, tomavam até sorvetes, embora em sala discreta, somente para as famílias. A propósito de tais usos manifestavam-se os moralistas:

Muita moça sai à rua
Somente pra se mostrar
E vai toda enfeitadinha
Como se fôsse casar.

E outro, mais pérfido e injusto:

As moças do tempo de hoje
Não vestem senão filó:
Por cima muita farofa,
Por baixo... canela só.

Êste vate queria talvez que, para dar-lhe uma prova em contrário, a moça visada ao tomar o carro ou bonde erguesse um pouco, mais a roçagante saia e lhe confiasse a vista do começo da sua perna bem feita... Mas, que esperança! Se o quisesse... fôsse viver no meado do século XX.

A mordacidade com as mulheres, entretanto, não esmorecia. Ao contrário. Tomava por vêzes um azedume de namorado que levara taboca. O que escreveu esta quadra revela-se um despeitado:

As mulheres quando se ajuntam
Para falar da vida alheia
Começam na lua nova,
Acabam na lua cheia.

Outro compôs esta oração para uma bôca feminina:

Tenho pecado, Senhor,
Porque vivo a namorar;
Porém, deveis atender
Que preciso me casar!

As épocas passam. Não para a musa popular nas suas ironias, chacotas e maldades. Já pelos nossos dias os versos daquele gênero esfuziam com mais ou menos espírito e pimenta.

Quando se deu o falecimento do nosso eminente Barão do Rio Branco, às vésperas do Carnaval, no Recife êsses dias de folguedo sofreram muito na sua animação. Embora não se houvesse proibido o Carnaval, êle decorreu incontestavelmente frio. Por isso aventou-se a idéia de outro reinado de Momo, após a Quaresma. E assim se deu: o domingo, a segunda-feira e a terça que se seguiram ao sábado de Aleluia tiveram honras carnavalescas. Um vate satírico espalhou esta quadrinha, cantada com a música de Iaiá, *me deixa subir esta ladeira*:

Êste ano houve

Aqui por exceção
Dois carnavais
Pela morte do Barão.

Na mesma época, entre nós, criara-se o serviço de combate aos mosquitos, com as visitas domiciliárias dos guardas sanitários e a destruição de focos: A medida higiênica inspirou um poeta para se "vingar de um piano da vizinhança que o incomodava noite e dia:

Êste piano, quando toca,
Meu Deus! coisa extraordinária!
Espanta até os mosquitos
Da polícia Sanitária...

Quando se exibiram no Recife os balões dos aeronautas Ferramenta e Zé da Luz, versos glosaram o acontecimento.

No dia da subida do Nacional cantou-se pelas ruas:

O pau rolou,
Caiu,
O Ferramenta
Já subiu.

E ao se saber que Zé da Luz partira uma perna numa queda, após ter obtido uma patente de oficial da Guarda Nacional, também foi cantada esta quadra:

Zé da Luz era tenente,
Mas passou a Capitão
E quebrou a sua perna
Na descida do balão.

A campanha dantista de 1911 foi de uma notável fertilidade da musa popular. Hinos, sonetos, sátiras não faltaram. Entre os inúmeros versos aparecidos na época, releva citar êstes, que bem demonstram o entusiasmo partidário reinante e foram escritos após a eleição:

Vencemos em tôda a linha:
As adesões já são tantas
Que o Rosa só tem Rosinha,
O resto é todo do Dantas.

A mania de colecionar postais, no principio dêste século, sugeriu esta piada:

Não se fizeram pra isto

Êstes bilhetes postais:
Para trazer em apuros
As algibeiras dos pais.

Outra mania era a dos pianos, e a propósito O Carapuceiro aconselhava. :

Não reprovos a vossa filha
Que aprenda algum instrumento.
Honesto divertimento
São o toque e a cantoria
E que muito se apreciava.

Mas, vêde a quem confiais
De ensinar, a alta função;
Tem-se visto maganão
Que enquanto o solfejo ensina
Vai fugindo com a menina.

Êsses conselhos do jornalzinho do Padre Gama abrangiam outros setores da moral prática. O dos indumentos, por exemplo:

Se vossa filha ou espôsa
Já com seis varas de cassa
Para vestido bem passa,
Por cumprir com a modernice
Dar-lhe mais é patetice.

Não seria justo, nem imparcial, omitir, neste passeio pela cidade antiga, através da musa do povo, as críticas provocadas pelos homens de letras ou que a tal se pretendam. Vejamos êstes versos:

A república das letras
Isso é cousa de espantar!
É uma república mesmo
É um comércio sem par
Como nem o de Paris.
A palavra a todos cabe,
Mas se um diz o que sabe
Outro não sabe o que diz.
Cada qual é um literato,
Cada qual é um escritor,
Cada qual é um poeta,
Cada qual é um orador.

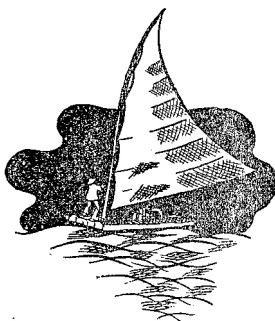
E com jus se crê das suas
Vãs pomadas impingir.

Estavam na moda as pomadas - as perfumadas e as de tingir.

Cabeleiras de jovens e de velhos não prescindiam delas. Tal a voga das pomadas, que a palavra tomou um outro sentido: o de engodo, embuste, diríamos hoje "fita".

E cantava-se:

Pomada, pomada;
Pomada de primor,
É com ela que se vence
Nos negócios e no amor...





Perto do Arco de Santo Antonio, enquanto Pensamento toca sua flauta,
Leseira pede uma esmola



Como tôdas as cidades, o Recife teve seus tipos de voga popular. Uns que ficaram conhecidos pela boêmia, pela intemperança, pelo ridículo, pela turbulência; outros de melhor naípe, pela evidência política, pelo ressaltado intelectual, por uma projeção pública ou por uma peculiaridade de feitio ou bom humor.

Foram muitos nestes últimos quarenta ou cinqüenta anos. Terão sido também muitos em épocas mais recuadas e de nós desconhecidas. As crônicas aludem a vários e dão-lhes alcunhas, vêzo bastante da época: O Padre Marreca, o subdelegado Pataca de Anjo, o Quaresma, o Padre Carapuceiro e tantos mais.

Na era de Nassau não existiu o Melchior possuidor daquele boi amarelo tão manso que entrava pelas casas a dentro? Êsse animal, conhecidíssimo na Mauricéia, como se sabe, deu motivo à pilhéria do Príncipe, a do "boi que voou", na tarde da inauguração de nossa primeira ponte. E Frei Manuel dos óculos? E o Papa-robalos, precursor da quinta coluna?

E quantos outros tipos se terão distinguido no cenário urbano de então, nesses tempos agitados, como depois na revolução dos Mascates, de 1817, da Confederação do Equador, da Praieira...

Não terá sido um tipo popular o Leão Coroado? E Nunes Machado? E o Pedroso? E Frei Caneca?

As revoluções são férteis nessas criações de popularidade, as quais atingem, não raro, os que nada fizeram por se tornar heróis.

Ademais, outrora essa popularidade tornava-se mais freqüente e acentuada, por ser a população mais rala e o maior vagar permitir-se desse reparo a essas criaturas marcadas no quotidiano da cidade por uma singularidade qualquer.

Hoje a multidão abafa os tipos, no trânsito urbano. Temem-se os esbarros, olham-se as mulheres, previnem-se os atropelos de automóveis, disputam-se os raros lugares nos bondes... E, talvez, diante da doidice coletiva do mundo, não haja nenhuma extravagância na pequena dose de um vício, de uma vaidade, de um grotesco das criaturas em particular. Quase é necessário viver-se num subúrbio, como o Horácio, da Soledade...

Lembremos, quanto possível, os tipos populares de "outro dia", do nosso tempo.

Surgem-nos em grupo Bode Ioiô, Maracujá de Gaveta, Barrinhos, Ô Ferro!, Tinisco, Madama Papoula, Cariri... O primeiro vivia pela Boa Vista e insurgia-se com berros e desaforos ao ouvir êsse cognome, que julgava insultuoso. O segundo singularizava-se apenas por um defeito físico que lhe dava ao rosto, prematuramente, rugas semelhantes às de um maracujá passado do tempo. O terceiro ficara marcado na vida por imbecilidade que o tornara familiar com suas ingenuidades e pedidos de tostão em troca de palpites de bichos. Era um ébrio o outro, e atordoava os transeuntes, quando não os assustava, se desprevenidos, com o grito estridente que lhe deu o apelido. Tinisco, prêto alto, magro, vendedor de bilhetes, também conhecido por "Castiçal do Inferno", enchia-se de furor ao ser tratado pelas alcunhas e corria atrás dos moleques com um pau... Madama Papoula, preta gorda, cachaceira, pornográfica, andava de quando em quando às voltas com os soldados de polícia. E Cariri, êste era um velho de barbas brancas, roupa de couro, chapéu de vaqueiro, montado numa burra a vender ervas medicinais. Por maldade espalharam que êle furtava crianças, correndo a seu respeito versos entoados com a música em moda:

Lá vem Cariri aí

Com o seu saco de pegar menino...

Não menos popular o Major Pataca, famoso por haver sido presidente da sessão eleitoral da Rua do Caldeireiro em que José Maria foi assassinado. O Major Pataca, muito cioso da farda da Guarda Nacional, com que saía infalivelmente na procissão dos Passos, mantinha uma banda de música num sobrado da Rua do Imperador. Quando a banda ensaiava, à noite, os ratos, espantados com a desafinação, fugiam dos buracos... Era o que se afirmava. E Lanchê, que vendia, no saguão do Santa Isabel, num baúzinho de flandres, pães recheados de camarões aos espectadores da *Sansone* ou da *Tomba*? Nesse mesmo teatro foi popularíssimo João dos Cartazes a distribuir os programas pela cidade e interferindo amavelmente junto ao bilheteiro para conseguir boas localidades. Bento Milagroso, em Beberibe, fêz época, anunciando milagres da sua "água" capaz de curar a doença mais rebelde. Do mesmo gênero o Homem do Dedo, no Derby. Êste bastava aplicar o dedo na parte afetada. Ambos a princípio encontraram clientes apregoadores das curas mais estupendas, porém depois, como sempre acontece, a desmoralização encerrou a comédia, o que não impediu, há pouco tempo, a fama da "Santa de Tejió".

Um tipo curioso foi o Dr. Facadinha. Metido num fraque, com uma pasta vazia debaixo do braço, passava apressado como se tivesse a chamá-lo importantes negócios... Mas, ao ver certa cara estranha, parava e, com uma choradeira de doenças em casa, pedia-lhe 5\$000 "emprestados". Se a vítima pretextava não dispor dessa quantia, diminuía-a para 2\$, para 1\$, para 500 réis, e por fim para um tostão... Era uma facadinha apenas.

Na Rua Nova, no ponto em que os bondes de burros paravam a fim de tomar a

"sota" que facilitava a subida da ponte, havia o cego Leseira. Êle próprio assim se chamava:

- Uma esmolinha para Leseira, minha gente!

Todos lhe davam uma moeda, depondo-a na cuia de queijo vazia. Leseira pelo tato conhecia os números dos bondes gravados nas plataformas externas, e pela voz os passageiros e condutores ou boleiros: - "21, você já voltou da Torre?"; ou: - "44, a sota hoje está maneira?"

Tocava uma gaita, e nela, a pedido, executava músicas em voga:

Sussu sossega,
Vai dormir teu sono,
Deixa essa menina,
Deixa essa menina,
Que já tem seu dono.

Tocava também na sua famosa gaita a valsa *Louca*, a modinha *Querida Flora* e outros trechos em voga.

Pensamento vestia fraque e tocava flauta. Popularíssimo. De quando em quando parava numa esquina ou sentava-se numa calçada e executava suas músicas prediletas. Não dispensava uma grande flor ao peito, nem a bacorinha. Contam que certa vez, diante de uma casa onde alguém se esforçava por acertar um compasso ao piano, sem consegui-lo, perdeu a paciência e bateu ao postigo. Aparece a moça que não aprendia a lição. E Pensamento ensinou-lhe como se sair da dificuldade.

E Budião de Escama? Êsse veio do século XIX e pouco alcançou do atual. Moço desviado pelo álcool, nêle se deixou ficar. Mas sempre bem trajado, mercê das roupas usadas que os estudantes, muito seus amigos, lhe davam. Aparecia de *croisé* cinzento, cartola, uma rosa na lapela. Frequentava os cafés da Rua do Imperador ou as vizinhanças da Academia de Direito, então na Praça 17. Tornara-se célebre pelos seus discursos asneirentos e suas estrambóticas definições: "As estrêlas são ovos estrelados na frigideira do firmamento"... Budião de Escama criou no Recife de antigamente um adjetivo: "budionesco", e muita gente boa fêz e faz jus a êle.

Pelo seu exótico apuro de trajo, a querer simular juventude há muito finda, chamavam-na Dondon Enfeitada. Vestidos espalhafatosos, penteados grotescos, pretensões a casamento...

Sátira, com a sua gaita e suas exibições no teatrinho João Minhoca, do Clube Caradura, onde, com outros, dançava de pastôra, deu sua nota.

E o Homem da Vassoura? Vendia vassouras, espanadores, abanas, e assim carregado apregoava com um jeito todo seu e numa voz saudosíssima:

- Minha gente! Lá vai o Homem da Vassoura!... Lá vai êle simhora!...

Um dos pregões mais típicos do Recife, tanto quanto o da lâ de barriguda, tão musical, é o Homem da Ostra, ainda hoje vivo⁽¹⁾, devendo ter talvez seus 80 Cajus:

Eu tenho ostra
Chegada agora ...

(1) o autor escrevia em 1946. (N. do Ed.)

Chegada agora...

Chegada agora...

Tipos populares também foram os "brabos", os remanescentes dos capoeiras de frente de música. Deram que fazer à polícia em festas, pastoris, carnavais. Inocência Bico-Doce, Nascimento Grande, Apolônio da Capunga, Abdon, tantos outros. Chapéu desabado, calças-balão, sapatos brancos, porretes...

E o Pacheco? Era um negociante simplório a quem atribuíam verdadeiro anedotário de ingenuidades e tolices. A ponto de se criar o termo "pachecada" para designar qualquer manifestação de falta de inteligência ou de toleima. Pacheco, certo dia, a uma senhora que lhe telefonou indagando se deixara, na sua loja, um guarda-sol, perguntou, pondo o objeto defronte do fone: - "Será êste, Exma?"

As profissões ofereceram à cidade figuras também populares. Como donos de cafés, o Girão, do *15 de Novembro*, o Vicente, do *Café Rui*, o Crispim das Empadas. Pianistas como o Artur Cabral, o Britinho, o Josafá, sempre presentes às danças ou aos pianos de cafés. Professôres dêsse instrumento, cujo aparecimento foi de uma importância que muitos anos durou, apresentavam-se o Cláudio Gama, o Cláudio Leal, o Targino, a Cerutti, a D. Marocas Vaz, o Marcelino Cleto. Outra figura familiar: o Mafra, bilheteiro do Santa Isabel. Alto, de cavanhaque, com uma voz de trovão, temível quando o aperreavam por preferência de camarotes para o lírico ou a revista, mas de bom coração. O Joca Arara, com sua casa fúnebre, fazia blagues nos anúncios, gabando suas "viagens de ida". Samuel Vieira tornara-se evidente pelos comícios na praça pública e pela gravata encarnada que usava e lhe deu alcunha. Um dêsses comícios, contra o "sorteio militar", na pracinha da Independência, terminou em muita carreira, fecha-fecha, quedas nos entulhos do logradouro em consêrto, e quebra-lampiões.

E já vão se projetando figuras de maior relêvo social. Quem teria sido mais popular no Recife do que José Mariano? Campanhas democráticas, proteção de escravos, defesa do povo, além do seu físico, já por si de um forte poder de simpatia. E o velho João Teixeira, incansável nas suas arengas em favor da construção de um passadiço para pedestres na ponte de Limoeiro? Luís Gomes a pugnar pelo pôrto do Recife e pela estrada de ferro *Recife-Arica*. O Dr. Cosme de Sá Pereira, jovial apesar dos 80 anos, de *croisé* e cartola, falando alto, bulindo com os companheiros do bonde da Madalena, arrabalde onde residia há muitas décadas. Homem de saber, de um passado ilustre na medicina, mas simples, bonachão, espirituoso. Contava-se que, recebendo de um amigo presente de belo cacho de bananas, viu o ofertante de passagem num carro e gritou-lhe:

- Muito obrigado! Estavam esplêndidas!

E, como pela distância não fôsse logo compreendido, tornou-se mais claro com um gesto que traduzia simbolicamente a natureza da fruta.

Outro médico popular, o Dr. Barreto Sampaio. Oculista de mérito e copiosa clínica. Sempre apressado, com as abas do fraque abanando. Mas não lhe falassem num pintor célebre ou num quadro notável. Esquecia tudo.

Sant'Ana Araújo, bela alma, estava presente a tôdas as missas de sétimo dia, levado pelos seus deveres de amizade, e vivia com os braços cheios de jornais do dia, pois os colecionava, indo buscá-los às redações.

A campanha dantista de 1911 deu-nos uma porção de figuras populares: a começar pelo próprio General Dantas Barreto, de uma popularidade, nesse tempo, excep-

cional. E com êle Tônico Ferreira, Liberato de Matos, Coronel Sebastião Alves, General Carlos Pinto, os tribunos João Barreto e Oscar Brandão. Sem esquecer o cabo Marrêta. Vale a pena recordar o curioso fato a que êste se acha ligado: ouvem-se gritos de "Viva Dantas Barreto!" no quartel da Polícia. Forma-se curiosidade e levanta-se um escândalo. - "A polícia aderirá?" Não, explica o órgão rosista: os vivos não foram ao General, mas à mãe do cabo Marrêta, que fizera anos...

Aliás, êsses tipos de evidência transitória em fases pré-revolucionárias são comuns. As vésperas da República houve o caso do jóquei Crispim e em 1930 o de Ulisses José dos Santos, ambos dados como mártires das situações dominantes, e por isso glorificados.

Vale lembrar ainda algumas figuras de destaque popular: os Amorins, capitalistas tão famosos pela fortuna que no Recife a palavra "Amorim" tornara-se sinônimo vulgar de riqueza, de grandes posses. - "O quê! 3\$000 por essa galinha? Você pensa que eu sou dos Amorins?" Os três Vigários: Monsenhor Silva, de Santo Antônio; Padre Augusto, da Boa Vista, e Cônego João Augusto, do Corpo Santo. O solicitador Alexandre Padilha. De cartola. Severo. Ao entrar no bonde a todos cumprimentava:

- Bom dia aos homens!

O velho Guedes Pereira, da Costeira.

A lista é longa e o espaço é curto. Não se pode, no entanto, esquecer a figura de João Ramos. No tempo do Clube do Cupim, trabalhando pelos escravos, êle pintara a manta. Atribui-se-lhe uma partida pregada a um barão, na qual lhe roubou escrava preciosa, fazedora de saborosos doces. Disfarçaram a negra em dama de alta sociedade: vestido de sêda, sapatinhos de luxo, Chapêu de plumas, leque... Outro Cupim dá-lhe o braço e a leva ao cais de embarque. Ao passar na Rua do Crêspo vê o barão, o senhor, que andava doido por pegar a escrava e provar-lhe os pastéis de nata. Passa o par diante do barão. Cumprimentam-no. O barão retribui a saudação e tira respeitosamente a cartola à "dama":

- Minha senhora, meus respeitos!...

Não findou aí a popularidade de João Ramos. Nas primeiras décadas do século XX dedicou-se a outra sorte de infelizes: os animais. Fêz-se presidente da Sociedade que os protegia e tomou a causa a sério. Quem não o viu, em plena rua, de calça branca, paletó de alpaca, num sungar de ombros, a mandar um carroceiro aliviar a carga do seu veículo? Os sacos de açúcar diminuía, e o pobre boi podia continuar seu fadário. De outra vez, obrigava o dono do animal a dar-lhe de beber. Ou intimava-o a tratar de uma ferida no flanco ou na perna do cavalo. E quando conseguiu uma postura municipal proibindo que se carregassem aves de cabeças para baixo? Sem se temer de resmungos, de ameaças, de desaforos, mesmo de chacotas - era assim a alma de João Ramos. Primeiro, os negros. Depois, os bichos.

E por falar em negros... Êles encheram as ruas e as casas da velha cidade até muito depois da Abolição. Os da Costa, de carapinhas brancas e com seu linguajar nem sempre compreensível, e os da terra, inteiramente nossos. Negros de carregar fretes, de puxar carroças, de vender água da canoa ou do chafariz, de mercadejar bolos e outras guloseimas, de dar o peito às crianças brancas, de varrer, de cair, de fazer despejos, de levar recadinhos de amor... Havia os pretos de casa, tão estimados e bondosos, cansados de tomar conta de meninos e querendo-lhes bem mesmo quando já tinham também os seus meninos. As histórias que lhes contavam serviam para tôdas as gerações e conseguiam formar rodas no chão, atentas e fascinadas pela menina dos brinquinhos de ouro ou pela moura- torta.

A princípio êsses negros chegavam da outra banda do mar, nos porões dos tumbeiros, maltratados, sujos, sofrendores, e levavam-nos para os armazéns de Santo Amari-nho. Dali para os mercados em plena rua, onde os escolhiam, com exames de dentes, de músculos, de agilidade, antes de comprá-los. Os mercados eram um espetáculo banal na cidade. E não menos os leilões dessas criaturas, por sentença judicial ou vontade dos donos, fartos dêles ou em dificuldades de dinheiro:

- Vou me desfazer do Ponciano. É a ruindade em figura de gente. Gente, não, que negro não é gente. Não há quem o agüente.

- Mas você gostava dêle, major! Gabava-o tanto!

- Sim... sim... mas mudou, o diabo. E demais está ficando velho, não presta mais como dantes...

E entregava-o a uma casa de comissão pela venda de escravos. - Quando o negro era novo e bom, se fugia, que alarido! Avisava-se o capitão-da-mato, davam-se-lhe os sinais, e punha-se um anúncio no jornal mais lido:

100\$000

Fugiu da casa de azulejos na Trempe, como quem volta para a Estância, uma crioula que acode com o nome de Joana, de 17 anos, muito vistosa para a idade, fala mansa e descansada, sem um dente da frente. e uma pinta no olho direito. Costuma trazer o cabelo penteado e usa xale. É habilidosa em labirinto. Quem souber do paradeiro e indicar receberá 100\$000.

Umas eram hábeis em bordar, outras como doceiras, e não faltavam as de bom engomado, as de cozinha, as arrumadeiras as traquejadas em todos os serviços. As vezes o anúncio pedia a compra de uma escrava nestes termos ambíguos:

Compra-se uma mulata que seja bonita, embora não tenha habilidades. Na Rua dos Quartéis- D 5.

- Pra que festa? - comentava malicioso um leitor da gazeta. Cenas havia como esta: uma cabrinha (gente e não bixo, alertava a notícia) entrou em uma quitanda com uma sola vedando-lhe a bôca. Indagaram que significava aquilo, e explicou ser um castigo da senhora, a sinhá-branca. O marido comprava apenas um vintém de toucinho e queria ter sopa gorda. Maldava que a escrava bebesse, a furto, a ôlha.

Negros e mais negros... Histórias e mais histórias dêles. E também tipos conhecidíssimos na cidade. Um Pai Benedito que vendia água há mais de 50 anos. Quem não conhecia Pai Benedito com seu chapéu de carnaúba esfiapado, sua calça de estamena, seu "mané-joão" de algodãozinho ou de ganga? Contavam dêle que, tendo ficado liberto pela lei dos sexagenários - e ele já ia para os 80 - preferira continuar a carregar seu balde como sempre, só para não deixar a casa dos senhores onde "Sinhazinha se criara no seu colo".

E entre as dezenas de pretas de mungunzá, de tapiocas, de comidas de dendê, de grudes e de bolos, quem ignorava a existência de Tia Felicidade, retinta na pele, gorducha, bonitona, com sua saia de ramagens, seu cabeção de rendas entremostrando o seio túmido, o xale ao ombro, a rodilha alvíssima? Negra limpa e tentadora, mas bulissem com ela, afoitassem-se, e veriam a repulsa. Vendia bonecas de pano, um

primor de bem feitas.

A Abolição dera fim a muitos dêsses quadros e fôra esbatendo os preconceitos. Já então se projetavam no panorama urbano as figuras de pretos livres, e vários dêles ilustres. Doutôres. Quantos de fama, na medicina e na advocacia, e queridos de clientes! Um dêsses homens de côr escura, mas de inteligência clara, era médico e muito suscetível. Sem dúvida reagindo aos que ainda se louvavam de branquidão, sem talvez olhar para trás... tornara-se mesmo Irritadiço, impulsivo, contam os mais velhos. Gostava o esculápio de finas roupas, bons cavalos, luxuoso carro e confortável vivenda. Nesta, por prevenção com o vizinho, uma família de origem portuguesa, mandou levantar tôda uma puxada para que não o incomodassem com as vistas.

De gênero cômico, entre os pretos, apareceu na cidade, já neste século, uma negra gorda, baixota, que, por ter andado pela Europa, parece-nos, voltou de lá empregando a torto e a direito frases em francês pouco hugoano. Deram-lhe, então, a expressiva alcunha de "Madama Negresse".

Pela sua avantajada estatura destacou-se no Recife do começo do século atual o corretor Rodrigão. Na procissão dos Passos somente êle era capaz de carregar o grande pendão da irmandade. Ao morrer foi sepultado em duas catacumbas e o pendão nunca mais saiu à rua.

Outro tipo bastante popular foi Ângelo Sabiá. De cara muito amarela, por uma afecção hepática crônica, era êle auxiliar da casa fúnebre do Agra. Suas *blagues* em tôrno do Clube P. M. tornaram-se conhecidíssimas pela malícia De outro gênero, porém, teve-as não menos curiosas.

Na época em que as mercadorias por sorteio estavam em voga, êle fazia propaganda de um clube de caixões de defunto...

A galeria dos nossos tipos populares é vasta, e a memória sem dúvida deixará escapar a menção de muitos dêles.

Ainda procuraremos evocar o Comendador Verga, pachola no seu fraque e eternamente entusiasta das artista do palco no Santa Isabel; o Capitão Zé da Luz, famoso nas suas ascensões no aeróstato Brasil; o destemido *sportsman* Joviniano de Melo, que se apresenta para dar o salto da morte em bicicleta, de que o francês Prescott tanto se orgulhava, e fá-lo, espetacular e vitoriosamente, perante um público ávido e arrebatado, no Prado Pernambucano .

E quem não se recorda dos "naturistas"? Um grupo de cidadãos que resolveram se tornar vegetarianos e andavam pelas ruas de alpercatas, metidos numa roupa de brim ordinário e alguns dêles conduzindo cestos com bananas, tomates e caju...

Idênticos aos naturistas no vegetarianismo foram os Lucas, na Madalena. Êstes, porém, formavam uma espécie de seita religiosa: barbas e cabelos crescidos, os homens; cabeças rapadas, as mulheres. Todos metidos nuns camisolões brancos e tendo uma burra sem orelha como animal sagrado.

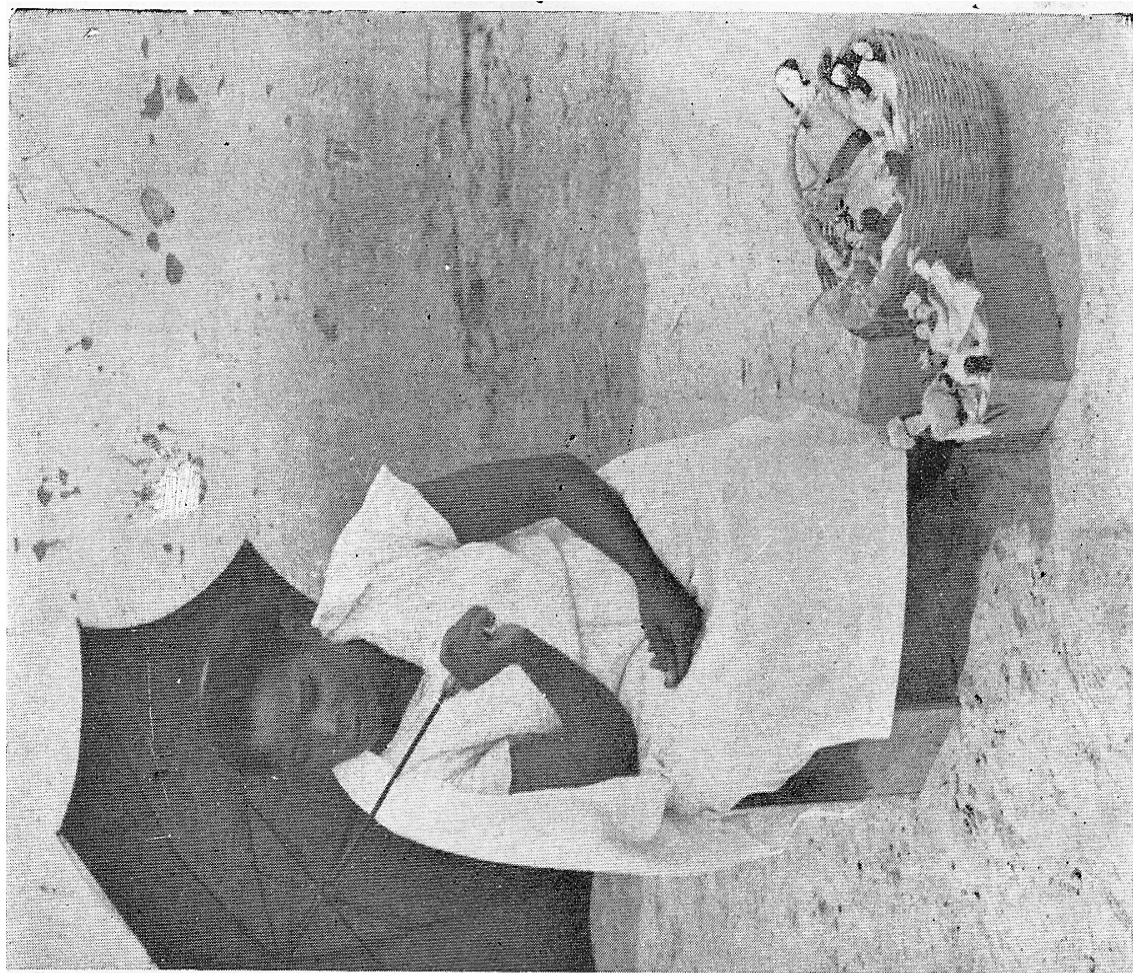
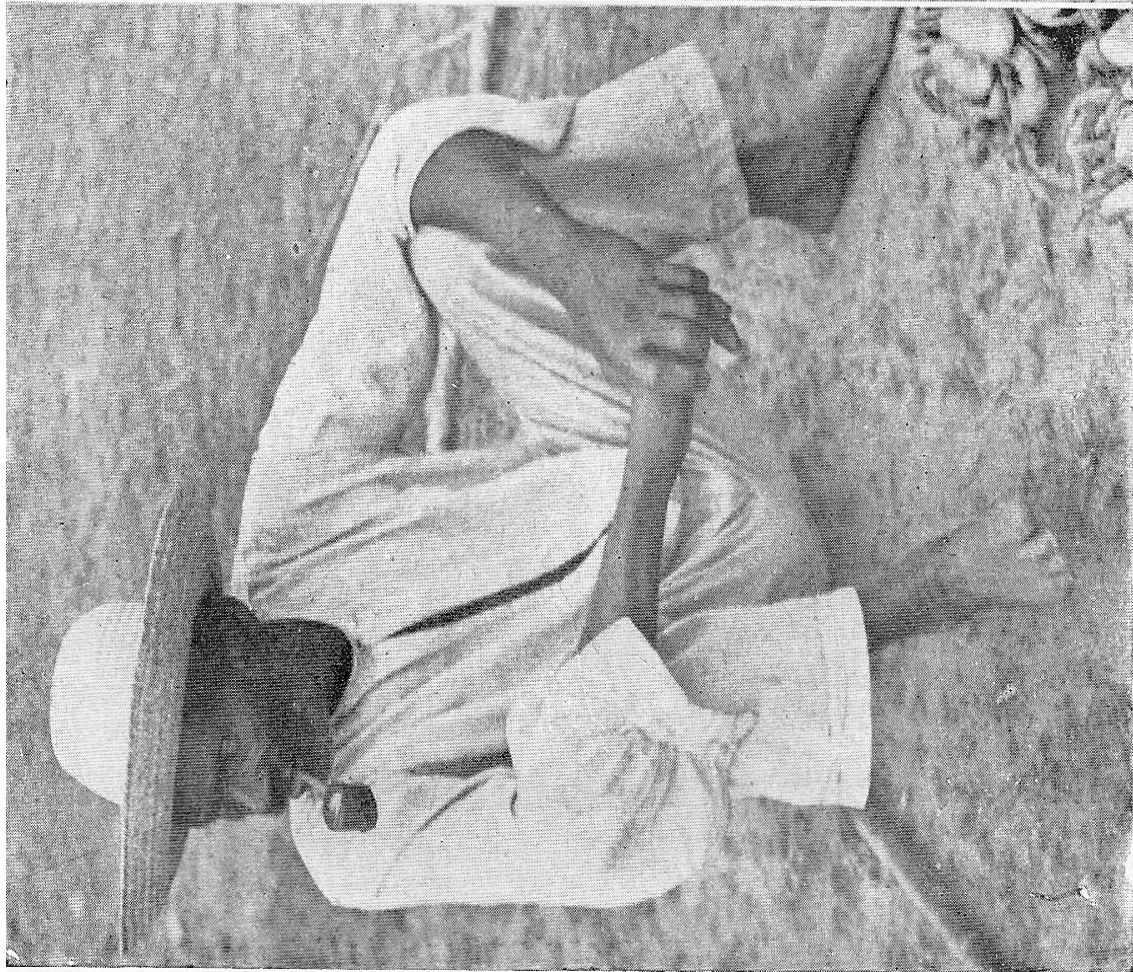
Alguns dêles vendiam verduras, e ao chegarem a uma casa faziam a saudação ritual:

- A paz de N. S. Jesus Cristo esteja nesta casa!

A princípio cordatos e mansos, parece que depois começaram a ter atitudes menos razoáveis e a policia teve de intervir, indo alguns parar na Tamarineira⁽¹⁾

As letras não terão dado ao Recife algumas figuras populares capazes de provocar curiosidade e simpatia quando entrevistas de um dos antigos balcões de madeira dos

(1) Hospício de Alienados do Recife.



O homem dos caranguejos e a freguesa das bonecas de pano.

sobrados?

Num remotíssimo Recife de 1690 não teria já despertado olhares aquêles mordaz poeta Gregório de Matos? Satirizando reinóis, padres, mulatos, em seus versos seria temido e admirado a um só tempo. "Bôca do Interno". Lírico e irônico. Nem a procissão de Cinzas escapara às suas pinceladas caricatas.

Já nos últimos anos do século XVIII todos se voltariam para ver o frade carmelita cheio de idéias liberais e também poeta, mais familiar aos recifenses pelo apelido paterno - Caneca - do que pelo nome de pia.

Um tipo bem popular do Recife na primeira década dêste século foi o poeta humorístico Gonçalves Lima. Inteligente mas boêmio. Vivia pelas ruas, pelos cafés, num pervagar constante. Fazia versos inspirados e sobretudo satíricos.

Um dos seus episódios mais típicos ocorreu poucos dias antes de sua morte no Hospital Pedro II. Numa das suas peregrinações pela Rua do Imperador, êle entra na casa fúnebre do Agra, onde era bastante conhecido.

Ali indaga de que classe lhe fariam o entêrro, quando morresse. - De 3.^a classe - responderam-lhe, em gracejo também.

- Quanto custa?
- 60\$000.
- E o de 4.^a? - replica Gonçalves Lima.
- A metade: 30\$000.

O poeta sorri e estende a mão:

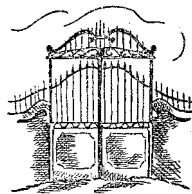
- Então, passe as 30 lonas... O resto fica aí para o entêrro de 4.^a.

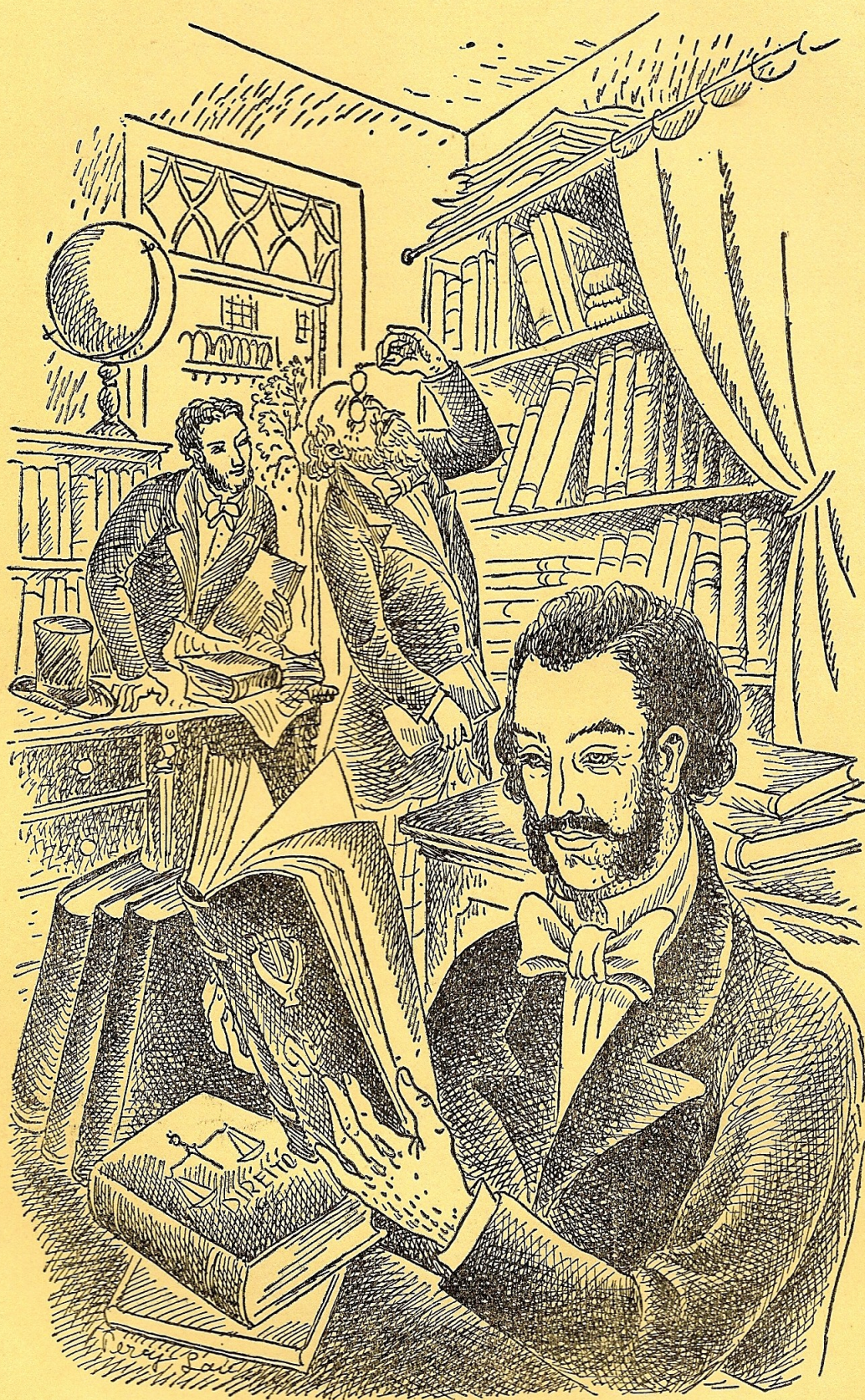
Ao sair ainda declara:

- A vida é um negócio...

Foi embora. Dias depois recolhe-se ao Hospital e morre.

O Agra faz-lhe o entêrro.





A escolher as últimas novidades em gramática e em poesias...



Todo o mundo sabe que D. João, Príncipe Regente, não abriu os portos brasileiros apenas às mercadorias, mas, também, às idéias. Tanto entrariam de agora por diante, sem exigências de bandeiras, as maquinarias inglesas como as tafularias parisienses, e, aproveitando-se da franquia concedida pela Carta régia de 28 de janeiro de 1808, os livros e os folhetos trazendo os perigosos francesismos temidos pelos absolutistas num grau de receio igual ao das espôsas em relação às francesas... Tudo quanto procedia de Paris era tão sedutor! Máxime se se continha em páginas de prosa e verso, uns venenos cheios de musicalidade estilística e de provocação ideológica, perfumes sutis responsáveis pelos desvairas da independência na Norte-América e pela Revolução na Europa. E no Brasil as consequências políticas não tardariam a se afirmar no movimento de 1817, germinando nas vermelhas bibliotecas do Areópago de També ou na do Sobradinho de Olinda onde morava o Padre João Ribeiro, sem falar nos estudos avançados que o Bispo D. Azeredo Coutinho permitia e estimulava no recém-criado Seminário da colina de Nossa Senhora da Graça.

Principiava-se a ler no Recife sem o recato de um pecado. Filosofia e poética, oratória e política, romance e teatro. O danado do século XIX amanhecera trepidante de novidades: constitucionalismo, democracia, igualdade, individualismo, republicanismo... E ainda de quebra: romantismo, de espreguiçada, para quebrar em breve as fronteiras fortificadas do classicismo. Não eram somente os reis a tremer pelo seu direito divino. De igual pavor seriam acometidos sem demora os soberanos dos antigos moldes de criação literária, compelidos, sem guilhotina nem Convenção, apenas numa rápida arruaça de teatro, crismada de "Batalha do *Ernani*", a uma abdicação em favor dos pregoeiros do colorido e do sentimento na arte.

Literariamente não se mostraria sáfaro o terreno pernambucano. Desde o seiscen-
tismo, aqui, a nobre vila de Duarte Coelho se ornara de um Mecenas, o Capitão-Mor
Jorge de Albuquerque Coelho, a proteger vates e a possibilitar um poema, que, va-
lendo-se do recente invento de Guttenberg, surgiria em letra de fôrma, eivado de Ca-
mões, louvando não somente o anfitrião, mas também a terra indígena:

Para a parte do sul onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Céu luminoso mais serena
Tem sua influência, e temperada,
Junto da Nova Lusitânia ordena
A natureza, mãe bem atentada,
Um pôrto tão quieto, e tão seguro,
Que para as curvas Naus serve de muro.

Nessa mesma Olinda, ia-se ao teatro de recreação dos padres jesuítas assistir ao
auto *Rico Avarento e Lázaro Pobre*, sem falar nos autos de presépios dançados nas
amplas e bonitas naves das igrejas. A arisca Marim dos Tabajaras terá tido nesses
dias de fartos açúcares e cruzados, sua promissora vida intelectual, tanto o panora-
ma descrito pela pena do Padre Cardim traía êsse ambiente propício à poesia, com
seu conforto, seus folguedos e sua gente gostadora de luxo. A cupidez flamenga,
amando mais o tinir das moedas do que as rimas das odes, aniquilaria com os mos-
quetes e os falcões, antes de fazê-lo com as chamas, essa civilização olindense. Con-
tudo, seria apenas uma transferência de sítio: o povoado dos Arrecifes iria herdar
essa vida social e mental a que o octênio de Nassau emprestaria bases não somente
urbanísticas, mas artísticas. A restauração, nas suas conseqüências econômicas, en-
tregaria ao Recife os foros definitivos de cidade-cabeça, pôsto Olinda ainda procuras-
se lutar pela hegemonia e, sob o aspecto intelectual, retivesse em suas colinas, ainda
em plena independência do país, a Academia de Direito. Incontestemente lograsse por es-
sas eras uma particularíssima animação de estudantes sem dúvida inclinados às be-
las-letras como o seriam às jurídicas. Os versos compor-se-iam nos intervalos dos es-
tudos, e seus autores saíam pelas ladeiras olindenses a recitá-los, em salões de fes-
tas, ou em tertúlias literárias, dedicados às pálidas e tímidas donzelas de seus so-
nhos... Não faltariam nessa paisagem por si romântica e inspiradora as serenatas em
noites de lua cheia, atingindo-se os planaltos onde os templos dormitam entre as co-
pas das árvores, divisando-se do alto o mar, os coqueiros, as praias, as jangadas...
Olinda é um constante motivo de evocação e de louvor. Ontem como hoje os poetas,
em prosa ou em verso, têm sabido gabá-la. Se agora Paulino de Andrade escreve:

No alto, a paisagem verde-escura e acinzentada,
Em baixo, o oiro da praia e a saudade do mar...
Sugere lendas... reis magos... terra encantada...
Fidalgas castelãs... troveiros a cantar...

- que se dirá do tempo em que na verdade havia os balcões de xadrez, as gelosias
misteriosas, os bilhetinhos de obreias trazidos pelas negras cativas, as moças fugidas
por não quererem casar contra a vontade dos pais?... Seu clima místico falaria a Luís

Guimarães Filho :

Todos contemplam do Recife as luzes,
Mas, oh! memória lúcida e evidente,
Com que poder o espírito seduzes!

Era na escura Olinda - a penitente
Das negras catedrais e negras cruzes
Que eu punha os olhos meus saudosamente.

Nem sequer para os vates modernos o fascínio de Olinda declina, porque Joaquim Cardoso viria a cantá-lo :

E ainda
Com as velhas bicas, os velhos
Pátios das igrejas,
Amparo, Misericórdia, São João, São Pedro,
Nossa Senhora de Guadalupe
E os Beneditinos e as Irmãs Dorotéias
e os padres de São Francisco.

O Recife, porém, atraía. A vitória do ancoradouro estendera-se até às letras. Os acadêmicos mudavam-se para as vizinhanças do Capibaribe, trocando as moradas dos sobradões do Amparo, de São Bento, dos Quatro Cantos, pelas "repúblicas" do Atêro da Boa Vista, embora com o incômodo e a despesa de irem ao alto do Varadouro assistir às suas aulas, em viagens de canoa ou de diligência. Poetas da terra e de fora revelam-se nas estrofes líricas ou satíricas, tão abundantes no século XVIII. Gregório de Matos, enquanto gabava uma bôca:

Vossa bôca para mim
Não necessita de cravo:
Que o sentirá por agravo
Bôca de tanto carmim.
.....
Que menina que é tão bela
Sempre tem bôca de cravo.

- dirigia ao juiz de Iguaçu, que se agastara com o tratamento de vós, êste epigrama :

Se tratam a Deus por tu
E chamam a El-Rei por vós,
Como chamaremos nós
Ao Juiz de Iguaçu?

Tu e Vós, e Vós e Tu.

A poesia satírica vicejou sobremodo no Recife. Quem ler o Folclore Pernambucano, de Pereira da Costa, ou em pesquisas pessoais percorrer as coleções dos jornais políticos que em verdadeiras chusmas circularam no Recife, no século XIX, e mais ainda os periódicos ilustrados ou não, como O Carapuceiro, Diabo a Quatro, América Ilustrada, Lanterna Mágica, recolherá fartíssimos produtos dessas liras vibrantes de ironias. E não esqueçamos os próprios matutinos: *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *Diário Novo*, *A Província*, e outros onde igualmente apareciam poesias desse gênero. Poetas anônimos, mas bem felizes em suas chistosas críticas a homens, fatos, costumes:

Aquê! que a Pernambuco
Presidente fôr mandado
Ou há de ser Cavalcanti
Ou há de ser cavalgado.

A Revolução de 48 daria esta quadrinha não menos espirituosa:

Machado que corta lenha
Também corta mulungu:
Praieiro que tem vergonha
Não fala com guabiru.

E por que não citar a Frei Antônio da Conceição, no século Antônio de Andrade Luna, nesta sua quadra não menos incisiva?

Quando os séculos das trevas dominavam,
Nas cruzes os ladrões se penduravam.
Hoje domina o século das luzes,
Pendentes dos ladrões andam as cruzes.

Em outro tom e tema o poeta Antônio Gomes Pacheco, que era padre, glosava um mote que lhe fôra oferecido:

Pergunta certa senhora,
Sem presumir mal algum,
Se quebra jejum um beijo
Sendo em sexta-feira dado.

desta maneira:

Pois se ela o beijo deu
Simpliciter não pecou.

Que a lei a ninguém privou
Para dar o que fôr seu.
Enquanto se fôra eu,
Beijo não dera nenhum.
Porém como só deu um,
Não tem o jejum quebrado,
Inda mais sendo êle dado
Sem presumir mal algum.

Os versos satíricos estiveram em moda durante os séculos denominados em literatura de "formação" e "transformação", êste, sobretudo, e o "autônômico" não terá visto menos essa maneira de criticar os homens e os costumes. Hajam vista as estrofes visando os governadores Furtado de Mendonça, o Xumbergas, Henrique Luis, D. Tomás de Melo, Caetano Pinto Montenegro e o famoso Luís do Rêgo:

Luís do Rêgo foi chamado,
De raiva ficou maluco:
Sete campanhas que tinha
As perdeu em Pernambuco.

A mulher de Luís do Rêgo
Não comia senão galinha:
Inda não era princesa,
Já queria ser rainha.

Encontram-se em tôdas as publicações antigas essas manifestações poéticas de cunho facêto, visando as modas, os vícios, as presunções e os acontecimentos marcantes de cada época. Quem não ficará com uma idéia perfeita do gênero lendo êstes versos, citados ao acaso, de O *Carapuêiro*, do Padre Lopes Gama?

Um homem de bem é hoje
Contrabando, infelizmente.
O furtar decentemente
Não é crime, não senhor,
Assim haja um protetor.

Estranhos morando em casa
Sôbre ser dispendioso
É negócio perigoso:
Quando não façam conquista
São testemunhas de vista.

Por seus nomes de batismo
Basta que sejam tratadas;

Essas vozes inventadas
Por arditos maganos
Abrirem o passo a mil danos.

Mas os poetas apareciam também sem anonimato, como um sapateiro repentista, Manuel Rodrigues de Azevedo, que, numa festa, presente a "deusa de seus sonhos", glosaria o mote:

Uma moça que eu cá sei

Se a fortuna me chamasse
E seus bens me oferecesse
Para que livre escolhesse
Aquele que me agradasse,
Não quisera me elevasse
Ao supremo grau de rei.
Pobre sou, tal morrerei,
Tenho o fausto por quimera:
Fôra feliz se me dera
Uma moça que eu cá sei.

O grande frade patriota que foi Frei Caneca, como se sabe, primou nas musas, pondo-as em altar no qual apenas as sobrepujou o amor à Pátria :

Entre Marília e a Pátria
Coloquei meu coração:
A Pátria roubou-me todo,
Marília que chore em vão.

O Desembargador Antônio Joaquim de Melo, apesar da respeitabilidade do seu cargo, da sua sobre casaca e da sua cartola, gostava de versos, por muito que escandalizasse a gente de seu tempo. Não somente os rimava como coligia os alheios num volume hoje precioso: *Biografia de alguns poetas*. Dos de sua lavra vale apontar êstes:

Você diz que eu sou sua,
Se eu sou sua não no sei:
O munda dá tantas voltas
E eu não sei de quem serei.

Todo cativo procura
Ter a sua liberdade,
Eu procurei cativo
Por minha própria vontade.

Na galera dos amôres
Todos se embarcam cantando,
Porém no fim da viagem
Todos se apartam chorando.

O século XIX, sendo o da soberania política e da autonomia literária, seria também o do máximo prestígio intelectual do Recife. Olinda, com a sua Academia criada em 1827, conservá-la-ia no seio de suas ridentes colinas até 1853, considerada então uma "Nova Coimbra". Núcleo mental de juristas e de beletristas. Sociedades de letras e imprensa na qual *O Olindense* deixou nome em prêmios literários e políticos acompanhando as agitações da época. Consoante acentua Hélio Viana, em sua *Contribuição à História da Imprensa Brasileira*, foi o primeiro jornal de estudantes no Brasil. Contudo o Recife ia tendo suas ruas povoadas de homens de letras, que as preferiam às ladeiras desertas da capital. Não tardaria que por elas passasse um jovem médico, depois parlamentar e diplomata, tipo de elegância e de galanteria, com um título de visconde, porém familiar à sociedade com o seu nome de poeta: Maciel Monteiro. Dêle se contavam anedotas de conquistas, fazendo-o um homem perigoso aos olhos dos maridos e dos pais.

Ela foi-se e com ela foi minh'alma
Na asa veloz da brisa sussurrante,
Que, ufana do tesouro que levava,
la, voava... e como vai distante!

Outro vate escreveria, para a delícia dos espíritos ávidos de mistério dos adolescentes e leitura clandestina das donzelas, um poemeto em prosa lírica: *As Noites da Virgem*, com uma página cheia de reticências. Era Vitoriano Palhares, cuja musa, por ocasião da luta contra Solano López, se acenderia em estrofes palpitantes de civismo. E começava-se a ver, também, pela Rua Nova, pela Boa Vista, pelas novenas de Caxangá ou do Poço, um moço moreno, de cabeleira crêspa, insinuante, bonito, ousado. Era da Bahia, cochichavam as moças. Estudante e poeta. Depois, murmurava-se de amôres seus com uma atriz do *Santa Isabel*. Um escândalo. Metido com as "cômicas"! Mas - os seus versos! Que diferentes dos que se ouviam então! Arrebata-dos, flamejantes, sensuais:

Tudo me vem lembrar que tu partiste,
Tudo que me rodeia de ti fala;
Inda a almofada em que pousaste a fronte
O teu perfume predileto exala.

- "É dêsse tal Castro Alves". O rapaz que discutia em versos com Tobias Barreto, outro poeta conhecido na terra, e andava lançando uma idéias novas com o título de Escola do Recife. Idéias revolucionárias em Filosofia, em Direito, em Literatura. Havia, dentro das casas, senhoras piedosas que se benziavam ao ouvir os nomes dêsses "endemoninhados", Castro Alves, ao sair, pondo o chapéu de massa sôbre os anela-

dos cabelos, mirava-se ao espelho e sorria: - "Tremei, pais de família!" Os condoreiros iam mesmo alto: em pensamentos e em amôres. Nesses remígios, alcançavam as misérias da escravidão e entravam com seu estro na peleja pela abolição:

Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!

Tobias ensinava Filosofia em um sobradinho da Praça Conde d'Eu. Tivera-se já o 13 de Maio e pregava-se a república. Ao grupo estava presente Martins Júnior, com sua cultura jurídica e seu pendor para a poesia. Não mais versos sentimentais, descritivos, piegas. A poesia que cantasse a ciência, porque a ciência era a única verdade e vinha destruir todos os antigos preconceitos da fé. O século marcava-se pelo materialismo. Chegado do Ceará, outro acadêmico de talento escrevia romances: *O Cabeleira*, *Lourenço*, *O Matuto*, e tomava parte em grupos de amadores do teatro para os quais fazia peças com um companheiro não menos contagiado pelas letras: Carneiro Vilela. E Franklin Távora aparecia em livros e na imprensa, mantinha polêmicas, tornava-se falado. Carneiro Vilela ia dando igualmente suas páginas de ficção, tecidas com um fio provocador de intriga, como as de *A Emparedada da Rua Nova* e dos *Mistérios do Recife*. Era levada à cena no *Santa Isabel* sua peça patriótica *Brasil-Paraguai*. E na *América Ilustrada*, além de crítica de costumes em prosa, ensaiava-a também em caricaturas. Essa queda pelo teatro favoreceu ao Recife casas de espetáculos particulares, como a do *Apolo*, construída pela Sociedade Harmônico Teatral, e a do teatrinho da Rua da Praia.

O trânsito dos anos, como sói acontecer desde que o mundo é mundo, ia proporcionando a variedade dos gostos. Êsses plumitivos reunidos em assembléias históricas ou literárias, com apresentação de trabalhos, aplausos, elogios, e mais tarde consagrações de brochuras, não estariam divergindo, senão em ambientes, dos remotos trovadores dos "oiteiros poéticos". Na praça pública armava-se o tablado, com festões e bandeirinhas, e no trono a "Musa", no seu eterno feminino, recebia as reverências dos vates. A assistência ouvia e pronunciava-se. Oferecia a Musa um tema, e os seus devotos tinham de glosá-la rápidos, seguros, inspirados, para merecer a coroa de louros da noite. Quem não ia ouvir os oiteiros do século XVII? A geração do século XX, em seus alvôres, dispunha dos recintos dos grêmios literários e dos salões em festa para os recitativos ao som da *Dalila*.

Os oiteiros poéticos teriam sido um dos chamarizes mais poderosos da Olinda de outrora. Nêles desafiar-se-iam os menestréis das ladeiras românticas que iam dar na Rua Nova, onde moravam, em sobrados de portas almofadadas e de postigos em xadrez, as muito reclusas sinhazinhas de olhos lânguidos e longas tranças, motivando talvez versos a jeito dos de título *O Cismar da Virgem*:

Era a hora em que do céu
Vem da noite espêso véu
D'escuro a terra cobrir.
Era a hora em que pendente
Da lua a face indolente
Vem tristemente fulgir.

.....

Era a hora em que a donzela,
Debruçada na janela,
Mais gosto de contemplar,
Porque então ela me ensina,
Quando assim a fronte inclina,
Que devo a Deus adorar.

Era a hora em que eu daria
Tesouros de alta valia
Para vê-la sempre assim.
Era a hora em que se a terra
Lá dos céus anjos encerra,
Ela é anjo para mim.

.....
Não cismes, terna donzela,
Eu lhe disse - meiga e bela,
Que me mata o teu cismar.
Deixa o passado no olvido,
Que eu também dêle esquecido
Só te quero agora amar.

Um dos ensejos mais freqüentes e, sem dúvida, mais cobiçados de os poetas de antigamente se exibirem e fazerem, com suas homenagens, suas apresentações, era o das poliantéias. E estas visavam de preferência, então, a família imperial.

Quando os Imperadores visitaram Pernambuco, em 1859, o *Monitor das Famílias*, publicação ilustrada, em uma série de números dedicados ao esplêndido e memorável evento, inseriu dezenas de poesias encomiásticas a D. Pedro II e a D. Teresa Cristina. Foram hinos, quadras, sextilhas, sonetos, pequenos poemas, quase todos os gêneros poéticos em voga.

Filha querida da formosa Nápoles
Que ao trono do Brasil dais lustre e glória;
Arcanjo tutelar a cujo abrigo
Vive o Rei, vive o povo e Vive a história.

Era uma quadra de uma modesta Alexandrina, esquiva ao realce literário, flor humilde de origem porque nos versos ao monarca confessava :

Eis-me hoje a vossos pés, Monarca exímio,
Temerosa, porém de prazer cheia,
Pobre órfã, educada na pobreza,
A vergonha e o pudor a voz me enleia.
.....
Somos o povo de um tão bom monarca,

Somos o povo mais feliz do mundo,
Temos a glória de ser livre, amando
Nosso Rei, nosso irmão, Pedro Segundo.

Os cantos patrióticos avultaram. O de um Sr. J. Coimbra tinha estrofes vibrantes:

Foi aqui que se deram batalhas,
Que o fuzil trabalhou nas metralhas:
Pernambuco exultou de altivez;
Êste povo empenhando a coragem
Deu na guerra valente bafagem,
Humilhando em seus pés o Holandês.

As poesias não se revelavam apenas nas fôlhas dos jornais: estampavam-se também nos painéis das decorações, em plena via pública. No alto de um belo Arco, no Atêrro da Boa Vista, entre "arregaços e arabescos", "iluminados pelo mágico clarão da luz do gás que lhes presta uma vista benigna e graciosa", liam-se estas quadras:

Os leais pernambucanos
Bradam dêste ponto ao mundo:
De outros Reis cale-se a fama,
Glória a D. Pedro II.

Se o amor à Liberdade
Nos dá renome na história,
Também preito à Majestade
É florão de nossa glória.

Em uma das várias passagens do Conde D'Eu e de D. Isabel pelo Recife, coube-lhes receber a homenagem de um moço que viria a ser um dos grandes nomes do Brasil intelectual. O *Jornal do Recife* assim noticiou o episódio:

O sr. acadêmico Tobias Barreto de Menezes, inspirado na augusta presença de SS. AA., improvisou a seguinte saudação poética que recitou com aquiescência de SS. AA. que dignaram-se de honrar ao poeta mandando-lhe pedir uma cópia da mesma:

Larga a espada, oh! Mauricéia!
Toma d'ouro o teu laurel,
Rasga-te, pétrea epopéia,
Aos pés da grande Isabel.
Grande? Sim - e essa grandeza
Não é, não é ser princesa
E sim dons de mais possuir,
É ser de heróis um renôvo,
Ser a esperança de um povo

Que abre a estrada do porvir.

.....
Que importa o festim de horrores

Que se celebra no sul?

Vindes a tempo, Senhores,

Limpar este céu azul.

Vindes ver que denodados

Manejam nossos soldados

As mais romanas ações.

Lançai nos peitos guerreiros

Heróicos e brasileiros

Mais êsses dous corações.

Começava a Guerra do Paraguai. E quantos poetas ela viria a inspirar, entre nós! Vitoriano Palhares estaria pensando no seu *Centelhas*, e Castro Alves no seu "peregrino audaz".

Foi nesse "século das luzes" que se possibilitou a livraria no Recife. Talvez em balcões de diferentes destinos se vendesse a carta de abc ou a tabuada, quando não o folheto de rezas ou o almanaque, mas não era ainda a casa especializada. Ao que se afirma, a primeira foi a do Cardoso Aires, na Rua da Cadeia Velha, no bairro de São Frei Pedro Gonçalves. O dono da livraria viria a ser o pai de um jovem e erudito sacerdote, futuro bispo. Morava com a família por cima da loja, e esta teve imensa popularidade. Afreguesada e querida. Em 28 de janeiro de 1871 um incêndio, começado no prédio vizinho, devorou-a também, e a cidade lamentou-se profundamente. Quando os sinos das igrejas deram as cinco badaladas repetidas de rebate e se soube ser o "fogo dentro do Recife", atingindo a botica de seu Cardoso Aires, foi uma dor nos corações. Há 65 anos estabelecera-se ali mesmo o estimado comerciante, e nunca se aborrecera de vender as histórias de Trancoso, o papel pautado, a folhinha religiosa, o livrinho de novenas ou mês mariano, o envelope ou a obreia, a *Chave dos Sonhos*, os versos de Lamartine, o tratado de Retórica, o caderno para a venda, o lápis ou a caneta de pena de pato, o registro de santos, o *crayon* para fazer contas na pedra... E as chamas iam dando cabo de tudo. Mais tarde o Cardoso Aires conseguia reabrir o negócio na Rua da Cruz e agradecia pelos jornais às pessoas que o haviam valido. Por volta de 1900, porém, existia outra loja de livros e papelaria na mesma Rua da Cadeia, então Marquês de Olinda, de um velho Cardoso Aires.

Tenha sido ou não a primeira a destruída pelo incêndio em 1871, já contando então 65 anos de existência, outras apareceram em anúncios das fôlhas no decorrer da centúria de 19. A da Esquina do Colégio e a da Rua da Cruz, 56 (provavelmente a nova do Cardoso Aires) devem ser citadas. Nelas se ofereciam a *Gramática Portuguesa*, o *Simão de Mântua*, as guias das Câmaras Municipais e dos juízes de paz, O *Bom Ricardo*, a 200 rs., o *Telégrafo de Bandeiras* e bilhetes para boticas, a 120 rs. o cento. Vendia-se também o periódico sátiro-político *A Ponte da Boa Vista*. Na Rua das Flores, D 17, abriu-se a Tipografia Fidedigna, que imprimia, entre outras obras, o livro de sortes *O Destino*. Custava cinto tostões, trazendo as regras para o jogo de prendas. No correr dos anos surgiram a Livraria Acadêmica, na rua do Imperador, já com a Faculdade de Direito ali perto, no antigo Colégio dos Jesuítas. Nela havia penas de aço a 500 rs. a caixa, papel para forrar salas a 2\$000 a peça, e obras do mo-

mento: «O *Manuscrito Materno*, de Pérez Escrich; *As Doidas de Paris*, de Montepin; *Eurico*, de Herculano; *A Judia*, de Tomás Ribeiro; *A Morgadinha dos Canaviais*, de Júlio Dinis, e os volumes mais sugestivos de Júlio Verne, Camilo, Dumas pai, Pinheiro Chagas, do qual o *Santa Isabel* levava, com êxito de aplausos e lágrimas, a *Morgadinha de Val-Flor*. contudo, já se sussurrava com piscadelas de olho:

- Leu o novo romance do Eça de Queirós?
- Ainda não. Como se chama?
- O *Primo Basílio*... Leia, leia.

E lia-se muito, sobretudo por causa das cenas do "Paraíso"... O gôsto literário transitava do romantismo para o chamariz moderno da escola realista. Os homens das "soirées de Medan" tinham lançado a público muitas páginas estranhas e vivas que uns liam no original, tanto o francês era familiar, e outros em raras versões feitas em Portugal. Os "Rougon-Macquart", *Madame Bovary*, os contos de Maupassant, e já nas letras patricias O *Cortiço*, *A Casa de Pensão*, *A Carne*, iam substituindo o velho interesse por Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães, ou pelos versos de Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias.

A Rua do Imperador teve uma outra casa de livros: a *Popular*; esta metia-se a obras de ciência, como o *Recueil des Lois*, de Lepec, o *Des Droits et des Obligations*, de Louis Ponget, e mais Platão, Plutarco, Marco Aurélio, "moralistas antigos". Ponto de acadêmicos. Assinava-se por 30\$000, pagos adiantadamente, o "Atlas Histórico da Guerra do Paraguai, importante monumento das glórias nacionais que constará de 17 mapas formato Jesus, nitidamente gravados no Rio de Janeiro, devendo a publicação achar-se completa em julho de 1874". A livraria do Padre Inácio, certamente austera nos seus balcões, gabava sua *Gramática Nacional* em versos, o que seria realmente um elemento magnífico nessa época do "aprender de cor". Avaliemos o encanto das regras do infinito pessoal em quadrinhas, a classificação dos substantivos em oitavas ou a divisão de orações ensinada em odes... Junto ao Arco de Santo Antônio houve uma *Livraria Econômica*.

A mais sensacional abertura de estabelecimento de livros foi a *Librairie Française*, na Rua do Crêspo, n.º 9, esquina da do Imperador, prédio de feição colonial que veio até as primeiras décadas do século atual sem sofrer o insulto da remodelação. Pertencia a livraria à firma Garraux & Lailhacar, e da inauguração dizia o noticiário do *Jornal do Recife*: "É uma loja de luxo honrando a cidade que já tem uma Academia." Em 1871 editava a *Folhinha Anekdotica*, publicação em ótimo papel, com mui curiosas gravuras e texto variado. Calendário do ano a entrar: Têmporas, Estações do ano, Bênçãos nupciais, Festas mudáveis, Eclipses, Épocas gerais, Festas nacionais, Dias de grande gala e salvas, Dias de paradas, Lunações... Anekdotas ilustradas e uns versinhos de apresentação do Ano-Novo:

Horizontes mais fagueiros
O novo ano nos traz,
Pois o velho, que deixou-nos,
Deu-nos glória, deu-nos paz.

Mestre López foi pilhado
Afim no Aquidabã;
De tantos crimes e horrores

Teve a paga. Triste afã!

Morreu à ponta de lança
Do nosso Chico Diabo,
Sendo armas brasileiras
Que da fera deram cabo.

.....

O pior é que sofrendo
Vamos a fome cruel,
A peste, que decimando
Nos vieram dar seu fel.

.....

Houveram fogos e festas,
Flôres, versos, falações,
Fitas, hábitos, comendas
E também novos barões...

Casaram moças aos centos,
Nasceram muitos nenéns;
Pondo de lado desgraças,
Aceitai meus parabéns.

As moças (é profecia)
Mesmo as tornadas canhão
Neste ano acharão par
E noivas todas serão.

Os rapazes venturosos
Acharão peixes no ar
E até os preguiçosos
Hão de nababos ficar.

Nessa *Folhinha Anekdotica*, em fôlhas de côr verde, a *Librairie Française* enumerava suas novidades: papel para todos os misteres, florete, armaço, desenho, fantasia, mata-borrão, música e cartas com as iniciais do comprador. Envelopes variados e até os rendados para "os que amam". Areeiros de vidro ou metal. Sinêtes de osso e marfim. Obreias de cola. Caixas de costura, de perfumaria, de jóias, em charão, veludo, cetim, algumas delas com música. Álbuns em madrepêrola, sêda, papelão para retratos. E livros, um rol dêles, desde a *Arte de Furtar* às famosas aventuras do Barão de Munchausen, das *Falenas*, de Machado de Assis, à *História da Princesa Magalona*. Essa *Librairie Française* por volta de 1900 traduziu em vernáculo seu nome: passou a ser a Livraria Francesa, do João Valfredo de Medeiros, que fôra exaltado republicano e fizera parte do Conselho Municipal. Ainda casa muito afreguesada e sortida, com sua feição antiga de vitrinas fixas e baixas, cheias dos artigos de novidade do tempo. Velhos ali faziam plantão para a palestra, e os jovens para namoros... Suas contem-

porâneas famosas foram a *Ramiro Costa*, a *Papelaria Pernambucana*, a *Silveira*, a *Econômica*, mais familiarmente conhecida por *Nogueira*, livrarias notáveis do começo do século XX. Por elas andaram os intelectuais de então: os de nomes consagrados e os candidatos a idêntica consagração. Os dois grupos de sempre. Aquêles, sólidos na sua glória; e os outros, vaidosos da nova época e cômicos de ultrapassar os vitoriosos. Essa nova geração ironizava a que a antecederia, chamando-lhe "fin de siècle", com um quê de decadente, mofada, fora da moda. A jovem era a da centúria entrada em 1901, com umas fumaças de renovação, a começar pela indumentária: calças tabica, jaquetões meio cintados, sapatos amarelos, chapéus de palhinha, colarinhos duplos e altíssimos, à Santos Dumont. Nada de cartolas, *croisés*, barbas, botinas de elástico... Nas letras, também fingiam desdenhar os velhos autores, embora os lessem regaladamente, preferindo ostentar nas mãos o *Canaã*, de Graça Aranha, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, mal assimilados ainda, as *Apoteoses*, de Hermes Fontes, o *Visionário*, de Mateus de Albuquerque... E o Eça, porque o Eça ainda foi uma surpresa para essa geração. Ela procedia de umas leituras meio ou inteiramente furtivas de avelhantados tomos das estantes de um avô, de um pai ou de um tio gostador de livros: a literatura ainda era olhada como uma dispersão de tempo útil, ou fonte de envenenamento mental. Os escritores, classificavam-nos de contadores de caraminholas, e os poetas, em especial, de "viventes do mundo da Lua". Se aos mais idosos a permissão de um convívio com as belas-lettras trazia cunho de ocupação menos séria, que dirá dos jovens cujas horas seriam tão necessárias ao estudo da análise lógica, da regra de proporções ou da multiplicação de complexos, quando não a decorar as cruzadas ou mares da Ásia? Começava-se por êstes volumes das estantes de casa: os romances de capa e espada de Ponson de Terrail, de Emile Richebourg, de Xavier de Montepin, em trânsito para os açucarados amôres de Pérez Escrich. Porventura mais benéfica, uma atração irresistível para os tomos vermelhos e verdes, com um balão na capa, de Júlio Verne, àvidamente perlustrados até tarde da noite, na ânsia de se "saber o fim". Um rumo melhor conduziria essas primícias de interesse pela literatura aos romances de Macedo *A Moreninha* e *O Moço Louro*, do Alencar de *O Guarani* e *Iracema*, à *Escrava Isaura*, à *Inocência*, de mistura com *As Primaveras*, de Casimiro de Abreu, e os poemas indianistas de Gonçalves Dias.

Mas vinha o dia do Eça. Quase sempre *O Crime do Padre Amaro* ou *O Primo Basílio*, mais cobiçados pelos adolescentes. Encontravam-nos mais escondidos na estante, se não os obtinham de empréstimo para saboreá-los, trancados no quarto. E era a primeira surpresa do Eça. Sim, a primeira, porque outras depois se imporiam, levando a um culto integral do autor de *A Cidade e as Serras*. Essa primeira, porém, era toda de ordem sensual. O que atraía nesses livros, acima do estilo, da ironia, dos flagrantes pessoais, da paisagem, da palpitação social, eram simplesmente os amôres carnavais de Leiria e as entrevistas adulterinas do "Paraíso". O acicate resumia-se nessas cenas de volúpia, cuja realidade não fôra dado conhecer aos jovens leitores, pôsto a desejassem... A compreensão do Eça por um prisma superior ao dêsses passos de alcovas viria com a conquista de *Os Maias*, *A Correspondência de Fradique Mendes*, as *Cartas de Inglaterra*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *As Farpas*, que fariam voltar aos dois romances da estréia para, também, melhor penetrar no seu mérito literário. Tinham, todavia, travado relações com o "realismo". E, agora, o caminho desbravava-se para as traduções de Zola e Flaubert (porque o francês do ginásio não dava para lê-los no original), para Abel Botelho, Fialho, João Grave, sem esquecer a "prata da casa" no enlêvo de *O Cortiço*, *Casa de Pensão*, *A Carne*...

Preparatorianos vaidosos da importância de fazer exames no Ginásio tornavam-se

os "moços do século XX". E não transigiam nisso, com as afoitezas, os excessos e os rompantes da nova era de que se prognosticavam maravilhas, inclusive de pacifismo... Ironias, suficiências, desdêns, demolições de famas. Mas, aqui para nós, olhos compridos para os escritores em fastígio, cujas figuras viam passar pelo corredor elegante da cidade, à fresca da tarde, nesses tempos em que a vida de trabalho terminava cedo e se jantava às 4 e 5 horas.

Entre as moças a espalharem sua graça pelas calçadas das lojas notavam-se também os vultos das letras. Quem não daria uma atenção ao garbo de Alfredo de Carvalho, de fraque impecável, de bigodes eriçados, com um desempenho de homem erudito, viajado e galanteador? - "Ele sabe até holandês!" - murmurava-se com certo espanto. E o Petrônio rumava para a Livraria do Nogueira, onde, melancolicamente, seria vendida a retalho, anos depois, a sua opulenta biblioteca. Outro nome em destaque seria o de Carlos Pôrto-Carreiro, o educador de uma porção de gerações e o famoso tradutor do *Cyrano de Bergerac*. Descobriam-se na versão belezas superiores às do original e recitavam-se com entusiasmo os *couplets* dos cadetes de Gasconha, enquanto outros preferiam a cena do balcão com o seu "ponto róseo no *i* do lábio que se adora". Pereira da Costa aparecia: baixinho, grisalho, de prêto, sem zelos de indumentária, sobraçando jornais antigos, e vindo de arquivos ou bibliotecas onde seu lápis vermelho deixaria rastro do muito pesquisado e anotado para sua obra preciosa sobre Pernambuco. Mal pensava que os seus *Anais* ainda estariam inéditos em 1945... Faria Neves Sobrinho, nervoso, ágil, de prosa sedutora, publicara *O Poema do Olhar*:

Olhos, espelho d'alma!
Quantas vêzes a sós, esquecido do mundo,
Sob o pátio da noite, ampla, estrelada e calma,
Eu me fico a cismar, em silêncio profundo,
Em tudo que exprimis, olhos, espelho d'alma!

E tantos mais presentes nesse cenário da cidade ou dêle arredios, mas em evidência de nomes! Teotônio Freire, assinando crônicas floreadas de estilo, musicais e arrendadas, nas colunas de *A Província*, autor do romance *Passionário*. Faelante da Câmara, de uma envolvente simpatia, com seu pincenê de tartaruga prêso a um retrós prêto, e senhor de uma prosa tersa e seivosa. Carneiro Vilela, já prêsa da hemiplegia, nem por isto deixava de mirar as vitrinas dos livreiros, com o seu ar de ironista, temido pela crítica mordaz em que se fazia lembrado seu tirocínio na *América Ilustrada*, pela pena e pelo lápis de caricaturista, ambos seguros e destros. Lia-se ainda muito o seu *A Emparedada da Rua Nova*, e emprestavam-se nomes reais àquelas personagens, enquanto um prédio era apontado como o verdadeiro cenário do drama.

Outros muitos despertariam a nossa curiosidade e, possivelmente, a nossa inveja, vendo-os como os víamos às portas das redações, cuja intimidade nos tentava, aspirando de fora o cheiro da tinta de impressão ou espiando as mesas em que rabiscavam os jornalistas de nome feito, ou até os menos ostensivos noticiaristas. Ponto também de reunião desas individualidades em destaque nas letras era a livraria do Nogueira, na qual os novos ousavam penetrar a pretexto de mirar as recentes edições de 3 fr. e 50, entre as quais as novidades de Maupassant, de Daudet, de Leconte de Lille, de Baudelaire... Os intelectuais ali habitualmente reunidos eram os mem-

bro da novel Academia Pernambucana de Letras ou do vetusto Instituto Arqueológico. Nenhum ponto de reunião mais cobiçado para os cultuadores da literatura do que essa Livraria Econômica, ou do Nogueira, denominação provinda de seu proprietário, Manuel Nogueira de Sousa, livreiro de espírito e de bom gosto, cunhado de Martins Júnior, homem que tomava parte sempre nas tertúlias de sua casa. Ali, invariavelmente, à tarde, encontravam-se e cavaqueavam os eminentes da época, alguns de dobrada eminência: nas letras e na política.

Comentavam-se os últimos aparecimentos literários e as futuras chapas para deputados. Não estivessem ali Faria Neves Sobrinho, Gilberto Amado, Artur Orlando, rosistas, penas adestradas na defesa do partido dominante, pelo *Diário*, e também Gonçalves Maia, Faelante, de *A Província*, e paladinos da oposição ao "Chico-Flor".

A Livraria do Nogueira, nos primeiros anos de 1900, reunia, assim, quase todos os vultos literários do tempo: Samuel Martins, com seu pincenê, saído há pouco da gerência da Caixa Econômica; França Pereira, vate e prosador de méritos; o romancista anticlerical de *O Claustro*, Manuel Arão; Artur Muniz, muito míope, quase a raspar as lombadas com o nariz; Gervásio Fioravanti, o poeta de *Meses*, boêmio, *blagueur*; Regueira Costa, o "amigo de Castro Alves", a quem conhecíamos desde meninos através de sua *Seleção Clássica* e agora olhávamos com admiração e inveja, sabendo-o confidente do autor de *Vozes d'Africa*, o companheiro das jornadas heróicas do teatro *Santa Isabel* quando ali Eugênia Câmara representava a *Dalila*. Tantas outras figuras de expressão intelectual passavam pelos balcões da Nogueira, sem embargo dos tímidos ou ousados novéis rondadores da livraria consagradora, uns atraídos pelo contacto dos "grandes", outros à procura de uma novidade francesa de 3 francos e 50...

Outro ponto de reunião de jornalistas era a chapelaria dos dois irmãos Melo, junto à Casa do Krause; nela era habitual Baltazar Pereira, o temível polemista, em prosa e verso, da antiga fôlha de José Maria. Outras figuras de projeção na vida cultural da cidade, mormente professôres da Academia, ali se mostravam. O Dr. Adolfo Cirne, com escritório no 1.º andar, seria dos mais assíduos, vendo-se igualmente Gervásio Fioravanti, o poeta dos *Meses*, Albino Meira, Neto Campelo (um dos diretores do *Correio do Recife*), Tomé Gibson, do *Jornal Pequeno*, Manuel Caetano, de *A Província*.

Pouco adiante, abria-se em começos do século a Livraria Silveira, e numa das suas dependências, tôdas as tardes, marcavam presença Rodolfo e Aprígio Garcia, Osvaldo Machado, Domingos Magarinos, Faelante da Câmara, Heitor Maia, Artur de Albuquerque, Artur Baía, Machado Dias, Artur Muniz. Professôres, jornalistas, poetas, teatrólogos, chefes de repartições. Formavam o "Cenáculo", Quando Euclides da Cunha, em plena glória de *Os Sertões*, transitou pelo Recife, o "Cenáculo" ofereceu-lhe um almôço na Pensão do Derby.

Os novos tinham como pontos de contacto intelectual os grêmios literários cujos títulos homenageavam figuras antigas e contemporâneas: Casimiro de Abreu, Tobias Barreto, Vitoriano Palhares, Ribeiro da Silva, Castro Alves, Maciel Monteiro... Ou nas mesinhas dos cafés: o *Rui*, o *15 de Novembro*, o *Santos Dumont*. Leitura de versos, defesa de teses, discursos de saudação, júris históricos, críticas de livros lidos, esperanças de publicações... O livro? Que sonho! Mesadas que não iam ao fim do mês poderiam pretender prover às despesas com a impressão de uma obra? Valia um pouco, porém, ao desejo de aparecer, a imprensa. Os suplementos dominicais de *A Província*, a coluna "Letras e Artes", do *Jornal do Recife*, concessões literárias do *Correio do Recife*, do *Jornal Pequeno*... Mas que de custo para romper as barreiras dessas redações! Do lado de dentro já sorriam Mário Rodrigues, Júlio Barbona, Mendes Martins, Mateus de Albuquerque, Eugênio de Sá Pereira, Isaac Cerquinho (o Cha-

bi), Caetano de Andrade, Edviges de Sá Pereira, Artur Lima (Pio Piparote), Laiete Lemos, Olímpio Fernandes, outros mais. Do lado de fora, um punhado de pretendentes, numa avidez que não consentiria, hoje, a formação disciplinizadora da fila... Apareciam as revistas mundanas: *Cinema*, *Moderna*, *Avança*, *Rua Nova*, *Cricri*, quando não as brejeiras, *Pimenta*, *Besouro*, que aceitavam colaboração dos novíssimos, mas em regra duravam tão pouco! Recorriam também às páginas literárias dos livros de sortes. A *Lanterna Mágica*, do Távora, pôsto que satírica, admitia alguns sonetos.

Não houvera até então, nesse período inicial da centúria atual, uma revista de arte e pensamento à altura da *Revista Contemporânea* ou da *Revista do Norte*, em que tinham fulgurado Martins Júnior, Pardal Mallet, Adelino Filho, Paulo de Arruda, França Pereira, Demóstenes de Olinda... Fôra, portanto, uma "revolução" o aparecimento de *Heliópolis*, publicação de cunho artístico e de selecionada matéria, mas de uma geração que surgia para as letras. Um bando de moços de bigodes cuidados, de sonhos nas cabeças, sabendo bem dizer o que pensavam, fôsse em prosa ou em poemas. Ala moça de Ulisses Sampaio, Rodovalho Neves, Mário Linhares, Paulino de Andrade, Costa Rêgo Júnior, Humberto Carneiro, Raul Monteiro, Araújo Filho, Mariano Lemos, Silva Lobato, Agripino Silva. Foi uma revista marcante dessa época de vanguarda.

Dessa vanguarda de moços ávidos de aparecerem nas letras, faria parte um jovem romancista, Lucilo Varejão, cujo livro de estréia *O Destino de Escolástica* provocaria a atenção da crítica de todo o país, assegurando o triunfo seguinte de *Do que morreu João Feital*, páginas deliciosas da vida do bairro de São José.

Em 1902 circulou a *Revista Pernambucana*, quinzenário de fino sabor literário. Eram seus diretores Getúlio Amaral e Olímpio Fernandes, saía ilustrada com "Vistas do Recife", hoje bem curiosas, e reunia colaboração de poetas e prosadores da velha e da nova guarda. Tanto aparecia um Teotônio Freire como um Manuel Duarte. Não passou do ano seguinte. Mas, merecia viver bastante.

Outra revista de bom quilate nas letras foi *Pallium*, da Sociedade Histórica e Literária Bernardo Vieira de Meio. Em 1900. Tinha como orientadores José Campelo, Leonino Correia, Oscar Loureiro, Franklin Sève e um grupo de cooperadores dos mais em foco no Recife intelectual da época.

Nessas publicações, bem assim em outras fôlhas impressas, iam, de permeio a nomes consagrados, afoitando-se outros ainda mal conhecidos e canhestros que, no entanto, viriam, depois, a ter "seu dia". Sonhadores de glórias e de livros...

As edições de livros, então, eram verdadeiras batalhas vitoriosas Editôres? No Rio, a *Garnier*, somente aberta aos "marechais" da literatura; a *Alves*, inclinada às obras didáticas. Outras, muito retraídas, de raras tiragens. No Recife, as tentativas dêsse gênero quase não tinham expressão de regularidade. O remédio era o livro à custa do autor, por muito que isto representasse de coragem e de sacrifício. Os mil exemplares, se tanto, destinavam-se a ofertas, porque as livrarias mal vendiam uma quinta parte. Mesmo assim, do grupo da *Heliópolis* não poucos se tornariam, então, autores de livros, e com estréias que não foram apenas promessas.

Outra publicação de relêvo na primeira década de 1900 foi *A Evolução*, "órgão racionalista", tendo como diretores e colaboradores Hersílio de Sousa, Leal de Barros, Olinto Vítor, Gouveia de Barros, Raul Azêdo, Rangel Moreira. E não em plano inferior de mérito a *Cultura Acadêmica*, da Faculdade de Direito, repositório de magníficas páginas de sua especialidade, sem prejuízo das de literatura. O Almanaque de Gaspar Regueira Costa e o de Júlio Pires Ferreira contribuíram sensivelmente para o aga-

salho de escritores já feitos e de aspirantes a renome; suas coleções constituem hoje manancial farto para pesquisas desse gênero. Até as senhoras tiveram seu jornalzinho, *O Lírio*: Amélia de Freitas Beviláqua, Edviges de Sá Pereira, Maria Augusta Freire, Elisa de Almeida Cunha, Belmira Vilarim, Úrsula Garcia - mulheres a scandalizar as rodas domésticas com esse seu "despachamento" de se meterem a poetisas e jornalistas. Bons tempos em que o despachamento das moças consistia apenas em aspirarem a ser literatas!

Assim rolavam as coisas literárias nesse Recife ainda tão distante das renovações materiais que a segunda década, com as transformações políticas do governo Dantas Barreto, o após-guerra, as obras do pôrto, iria possibilitar. A fisionomia urbana era a mesma das gerações vividas no derradeiro quartel do chamado século das luzes, de que Martins Júnior diria enfaticamente:

Século dezenove! O bronze de teu vulto
Há de ser venerado, há de se impor ao culto
Dos pósteros, bem como impõe-se à escuridão
Um relâmpago, um raio, um brilho, uma explosão!

Contudo, tentavam-se imitar as novidades de fora. As do Rio, por exemplo. 1904 por lá significava o início das remodelações do quatriênio Rodrigues Alves, e com elas, a par do bota-abaixo e do novo Rio, palpitavam os espíritos, querendo renovar concomitantemente as atividades literárias.

Entraram em moda as conferências literárias, imitando-se o Rio de Janeiro, "que se civilizava" com a abertura de avenidas. Aqui, também, alargava-se a Rua do Cabugá, botavam abaixo as lojinhas da Praça da Independência. Luciano Pereira da Silva, com suas belas barbas negras, falava sobre *Grampos*, os lindos e perfumados prendedores de cabelos femininos ou de chapéus com plumas e passarinhos. Mário Rodrigues escolheria *Pregos*, mesmo os dos bondes gerando impaciências para uns que tinham fome e pretextos amáveis para demora defronte de certa casa quando se tinha sede de amor... Gilberto Amado, ambicioso de ascensões, diria de *Nuvens*, e Laiete Lemos, sentimental nos versos e nas valsas, preferiria *Lágrimas*. Adelmar Tavares revelar-se-ia em *Trovas*, enquanto Oliveira Melo roçaria os *Muros*, não como criança a matar lagartixas, mas... bebendo eflúvios descidos de imagens ali debruçadas, ao longo dos sítios de arrabaldes. Não era em vão que os chefes de família erigiam esses muros de cacos de garrafas... Ladrões de galinhas apenas? Não. Conferencistas literários também.

As trovas, de que Adelmar se ocupou, deram o gracioso volume de *Descantes*, raridade bibliográfica de hoje. Destinava-se ao cestinho de costuras das moças, quando havia vagares para tais futilidades; hoje, na caixinha do *rouge* o livro não se acomodaria. Escreviam-no cinco menestrelis: Carlos Estêvão de Oliveira, Moreira Cardoso, Silveira Carvalho, Manuel Monteiro e o autor de *Mirian*. Cada um com o seu retrato, com a sua Indumentária da época e as trovas espalhadas pelas páginas, em coloridas vinhetas, em tipos igualmente a côres. Ouçamos os trovadores nas amostras do seu sentir potéico :

Adelmar:

Canto e abre-se a janela.

E aparece a imagem tua.
Meu Deus! Que causa tão bela:
Um lírio fitando a lua!

Nossa amizade está morta;
Bem sabes, encantos meus,
Que dois pobres numa porta
- Perdoe, por amor de Deus!

Carlos:

Um problema me consome,
Mas não lhe dou solução:
Como escreveste o teu nome
Dentro do meu coração?

Dizem que o amor é eterno
E é ave de arribação:
Chega com o frio de inverno,
Foge com o sol de verão.

Moreira:

Não sei, tão grande parece
A tristeza que padeço,
Se a tristeza me entristece
Ou se à tristeza entristeço.

Tuas pupilas me dão
Cruéis dúvidas, e ao tê-las
Não sei se olhos são estrêlas
Ou se estrêlas olhos são.

Silveirinha :

Ideei um chalèzinho
De proporções tão pequenas
Que a dois corações apenas
Pudesse servir de ninho.

Ergui-o em mente, e depois
De já se achar concluído,
Vi meu trabalho perdido:

Não tinha espaço pra dois...

Monteiro:

Milagres - terra de Olinda
Quando o sol no azul desmaia
É corpo de moça linda
Deitado à beira da praia.

Somos cinco retirantes
Pelas estradas reais;
Pobres dos nossos descantes,
Descantes pobres de mais.

Todos dessa geração faziam trovas, ou, se não as teciam em rimas, sonhavam-nas em pensamentos. Não pertencessem todos êles àquela cadeia sentimental de que um dos elos fôra Paulo de Arruda, morto aos 27 anos, mal o século repontara, quando decorávamos os versos do seu *Nelumbos* :

Quero esquecer-te e mais te anseio e vejo.
Lembro que me feriste cruelmente,
Resisto e sofro, luto e te desejo.

E nesta luta a alma se me exala:
Morro sorrindo, aos poucos, lentamente,
Morro beijando a mão que me apunhala.

E uma tarde foram levá-lo às alamedas do *Santo Amaro* para ali deixá-lo apunhalado pela doença e pela vida... Para de lá, de uma coluna de mármore truncada, falar-nos:

Alma de mulher:
Eu fui Paulo de Arruda.
Tombe de teus lábios, sôbre o que passou, cantando-te a
[Beleza
efêmera e o misterioso Gênio, uma palavra ao menos de
[saudades.

Cidadão:
Eu fui Paulo de Arruda.
Os preconceitos? Acalcanhei-os.
As vãs Grandezas? Renunciei-as.

A Piedade? Foi meu fanal.
Fui ativo, fui bom e fui modesto.
Que mais desejarias para que eu fôsse digno de ti,
[Cidadão?

E ali perto dêle, vizinho de sono e de musas, dorme outro poeta morto nesse apontar de uma nova centúria: o corretor-boêmio Gregório Júnior. Levou os quarenta e poucos anos de existência a versejar com chiste e com malícia, quando não com lirismo, pelas bancas dos *ship-chandlers* do Cais da Lingüeta, entre uma cotação de esterlinos e uma venda de açúcar. Sonetos, quadras, monólogos, cançonetas... Êle também fala ao transeunte da necrópole, e com versos próprios :

Eu penso assim: que a gente lavra um tento
deixando de existir.
Ou seja um grande, um másculo talento,
ou seja um pulha, um pobre lazarento,
que ande sempre a pedir...
Eu penso assim: que a gente lavra um tento
deixando de existir.

Gregório Júnior, nessa sua poesia eivada de verdade e de sarcasmo, alude a uma dessas homenagens póstumas prestadas a quem em vida nunca mereceu nada de seus coevos e só passou, para êles, a valer, quando não era mais um competidor...

As decepções de amor e das letras não matavam o fervor de amantes e de plumitivos. Era uma mística indiferente aos desenganos, aos cilícios, às desilusões. Se uns tombavam, outros porfiavam, e muitos vinham ainda chegando para o início da romagem, cujos caminhos não variam quase. Não houvera sempre o mar, o céu, a praia, a árvore, o Sol, a tormenta, o ocaso, para cantá-los, e, dentro dessa paisagem, a mulher com os seus olhos, as suas tranças, os seus sorrisos, as suas vozes e os seus beijos mais prometidos que dados? 1901, com as privações e os embaraços que os ditames morais infligiam, aticava mais os temas dêsses versos, que hoje, talvez, não tenham razão de ser, tanto menos se aspira quanto mais se consente e se obtém... O lirismo reflete, assim, não uma época literária e sim um clima social. Não haveria razões para um poeta moderno referendar o motivo dêste terceto de Henrique Soido:

Tem tanta graça esta gentil princesa
que a palavra nos lábios fica prêsa
e os beijos saltam sem querer da bôca.

Os beijos de agora não precisam mais de nenhuma perícia acrobática para atingir mentalmente uma varanda, um muro, uma distância qualquer... Êles caem, as mais das vêzes, de bôca a bôca, como um fruto apanhado sem custo e sem susto.

Os versos líricos de então refletiam, sim, as distâncias, as vigilâncias, os obstáculos. Eram, a seu modo, recados de amor...

Américo Falcão, vate paraibano, alto, elegante, de fraque e chapéu desabado, con-

tentar-se-ia com muito menos:

Ama-me sempre assim, quero sonhar, sonhar...
Dá-me que eu veja sempre a flor do teu sorriso,
Dá-me que eu beba sempre a luz do teu olhar.

Sorriso e olhar... Promessas que fôsem e nunca tivessem realidade: pouco importava. Já um soneto de João Fioravanti o confessara:

E é por isto que vive em meus olhos o pranto,
Pois não há maior dor, e que nos doa tanto,
Que a da gente esperar o que nunca há de vir.

Sonhos de poetas do comêço dêste século, em que se sonhava mais do que se objetivava. Bem o expressava Mateus de Albuquerque, no seu *Visionário*:

Asas brancas de arminho, ao sol, pelo infinito,
Voando, num sussurrar de música sonora.
Partem, vão-se os meus sonhos gárrulos de outrora,
Belos sonhos do meu sagrado amor bendito.

Castelos côr de céu, verdes pomares, fito,
A asa negra da noite amortalhando agora.
Olha: não mais ali fulgura o rir da aurora
Nem pompeia do amor o soberano rito.

Claros dias de sol, noites brancas de estio,
Alma que tanto amei, beijos soltos em chama,
Dissipados à luz de límpidas estrêlas.

Adeus! Meu coração tão êrmo e tão vazio
Arde neste deserto e lágrimas derrama,
Pois de tanto penar já não sabe contê-las.

Um a um, todos falavam assim de suas queixas, de seu ofegos, de suas ânsias, de seus corações. Eram Uriel de Holanda, Miguel Magalhães, Oliveira e Silva, Tondela Júnior, Mário Melo, José de Barros Lima, Olímpio Fernandes... Falavam e queriam dizer o que nem sempre o verso exprimia. Eugênio de Sá Pereira torturava-se:

Quero neste papel vazar, gôta por gôta,
Todo êste grande amor, todo êste sentimento
Que de mim o prazer para bem longe enxota
- Disse o poeta a chorar, num túrbido lamento.

E a pena empunha. A idéia entre queixas lhe brota,
Como um grito de dor, forte, rude, violenta.
E, rôto o coração, rôta a crença, e a alma rôta,
Vê de sangue tingir-se o papel, de momento.

Escreve! A inspiração em fogo lhe incendeia
A mente. E, entre o papel e a paixão que o inebria,
Fala, treme, vacila, exulta, chora, anseia.

E no fim do poema o papel rompe, louco:
Vê que nêle não disse o que dizer queria
E que para dizê-lo o Pensamento é pouco.

Nem por isso êles, os vates de 1901, deixariam de encher de versos os cartões-postais ilustrados, cujas coleções em álbuns eram o frenesi da época. Não havia quase ninguém sem o seu álbum, luxuoso ou simples, mas cioso de conter as mais sugestivas estampas, muitas delas formando histórias de amor a terminar numa alcova nupcial. Escreviam-se nêles, a pedido dos donos, mormente das donas, pensamentos em prosa ou em versos. Postais de veludo, de cetim, de plumas, de sêda, de madeira, de alumínio... Nas livrarias os colecionadores aguardavam a chegada de novas caixas para escolher primeiro as coleções imprevistas e originais. Vexames de inspiração falha, em certos instantes. Mas, em compensação, pretexto amável para uma declaração, um galanteio, um azedume... Havia as perguntas. Os inquéritos:

Quem é que tem mais saudades:
Quem fica ou quem vai embora?

A um dêesses Oscar Brandão responderia :

Ou seja homem ou mulher,
Eis a maior das verdades:
Só há de ter mais saudades
O que mais amor tiver.

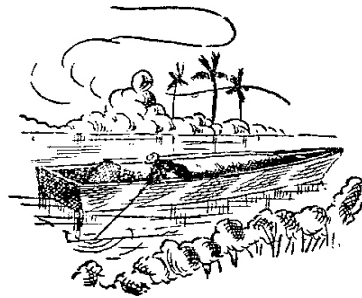
Nas vitrinas da *Francesa*, da *Nogueira*, do *Silveira*, iam aparecendo os *vient de paraître* de Paris, trazidos nos *Mala Real*, aquelas brochuras de 3 francos e 50, os exemplares recentes de *Les Annales*, *Revue de Paris*, *Mercure de France*, ao lado dos livros portugueses tão procurados - *Itália coroada de rosas*, de Justino de Montalvão, *Os Gatos*, de Fialho, *O Barão de Lavas*, de Abel Botelho, *últimas Páginas*, do Eça - de envolta com o D. *Casmurro*, de Machado, *Carícias*, de Garcia Redondo, *Inverno em Flor*, de Coelho Neto, *Pela Sertão*, de Arinos, e o êxito extraordinário do *Quo Vadis?*, que dera ensejo até a uns broches em moda. Muita gente os usava sem saber o que queria dizer "Quo Vadis?"...

Contava-se mesmo o caso de um leitor do romance que já a meio dêle mostrava-

se desapontado por não ter surgido ainda êsse tal do Quo Vadis... Perfídias de 1901 atribuídas ora a uma, ora a outra personagem em relêvo, mormente na política.

E assim, por um Recife cujos aspectos urbanísticos pouco haviam mudado nas suas características familiares aos olhos dos avoengos, caminhava essa nova geração de letrados impelidos pelos sonhos e devaneios de aparecer e de triunfar, convictos de uma importância intelectual contemporânea ou futura, planejando novelas e sonetos, numa persuasão de estarem-se notabilizando, embora dentro de um cenário indiferente, zombador ou desentendido. Enquanto muitos das gerações pregressas repetiam, num tom de absoluta verdade, versinhos de antanho postos eternamente em atualidade :

Não há ventura
Como em ser tolo,
Que ter miolo
É mal sem cura.



FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- GABRIEL SOARES DE SOUZA: *Tratado Descritivo da Brasil*.
TOLENARE: *Notas Dominicais*.
PEREIRA DA COSTA: *Folclore Pernambucano - Mosaico Pernambucano*.
KOSTER: *Viagens ao Nordeste Brasileiro*.
F. P. AMARAL: *Escavações*.
BARLÉU: *História dos oito anos de Nassau na Brasil*.
SEBASTIÃO GALVÃO: *Dicionário Histórico e Geográfico de Pernambuco*.
FREI MANUEL CALADO: *Valeroso Lucideno*.
DEBRET: *Viagem ao Brasil*.
BIARD: *Dois anos no Brasil*.
KIDDER: *O Brasil e os Brasileiros*.
BAERS: *Olinda Conquistada*,
MARY GRAHAM: *Viagem ao Brasil*.
CÉSIO REGUEIRA COSTA: *De Acoradouro a Pôrto*.
ANTÔNIO JOAQUIM DE MELO: *Biografia de Alguns Poetas*.
ARTUR ORLANDO: *O Pôrto da Recife*.
DOM. DE SAMPAIO FERRAZ: *O Molhe de Olinda*
PADRE XAVIER PEDROSA: *Literatura Pernambucana*.
FERNANDO MOTA: *Antologia de Poetas Pernambucanos*.
WANDERLEY PINHO: *Salões e Damas do Segundo Reinado*.
VILHENA: *Cartas*.
Primeira Visitação da Sto. Ofício às partes do Brasil: Denúncias de Pernambuco
- Introdução de RODOLFO GARCIA.
Inventário das armas e prédios deixadas em Pernambuco em 1654.
O Monitor das Famílias - 1859 - (Coleção do Autor).
Revista do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco.
Coleções de *América Ilustrada*, *Diabo a Quatro*, *O Carapuceiro*, *A Lanterna Mágica*,
A Pimenta, *O Besouro*, *A Lanceta*, *A Nota* e inúmeras outras publicações periódicas
da Biblioteca Pública do Estado.
Coleções das revistas literárias: *Revista contemporânea*, *Revista da Norte*, *Revista*
Pernambucana, *Heliópolis*, *Pallium*, *O Lírio*, da Biblioteca Pública e particulares.
Arquivos da Fiscalização do Pôrto do Recife e alguns particulares.
Fototecas da Diretoria de Documentação e Cultura, do Instituto arqueológico e do
autor.
Coleções completas do *Diário de Pernambuco*, *Jornal da Recife*, *A Província*, *A*
Concentração, *Gazeta da Tarde*, *O Norte*, *Jornal Pequeno*, *Correio da Recife*, *Diário*
Novo, e inúmeros outros jornais do Recife no século XIX e começo do século XX, li-

dos e fichados pelo autor nos assuntos de seu maior interesse no momento.

Almanaques, relatórios, cartas, manuscritos, álbuns de família, recortes, notas pessoais do autor.

Ao Dr. Olímpio Costa Filho, Diretor da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e aos seus auxiliares de todas as categorias, à frente o prestimoso Sr. Francisco Caeté; ao Dr. José César Regueira Costa, Diretor da "Documentação e Cultura" da Prefeitura Municipal do Recife; ao Sr. Ernesto Leça, do Gabinete Português de Leitura, cabe aqui um agradecimento especial do autor pela compreensão de seu interesse pelo passado do Recife e pelo auxílio prestado às suas pesquisas, facilitando-lhe todos os meios de as realizar com proveito. Deve-se ainda ressaltar a constante contribuição da Diretoria de Documentação e Cultura no fornecer cópias de gravuras e fotografias do Recife antigo, várias aproveitadas nesta obra como motivos de desenhos ou reproduzidas em fotogravura.

A Exma. Viúva do Coronel Luis de Faria, também, o autor se sente feliz de agradecer o inestimável apoio prestado, confiando-lhe toda a coleção do *Jornal do Recife*, que pertenceu por muitos anos a seu espóso, para demorada leitura e anotações de tão proveitosos frutos.

As reproduções fotográficas das litogravuras de Shlapitz e Carls que ilustram esta obra, e, bem assim, outras fotografias do Recife do século XIX ou começos do atual, foram em gesto muito obsequioso fornecidas pela Diretoria de Documentação e Cultura, da Prefeitura Municipal do Recife, cuja fototeca é digna de elogios. Há, igualmente, neste livro, uma artística fotografia do conhecido fotógrafo-amador da capital pernambucana, Oscar Maia - a do torreão do palácio de Nassau.

VOCABULÁRIO DE TÊRMS REGIONAIS E PALAVRAS POUCO USUAIS

Certa leitora, embora nascida às margens do Capibaribe, na caatinga pernambucana, mas residente desde cedo na Europa. reclamou que lera ARRUAR com grande dificuldade, por causa dos muitos brasileirismos, têrmos regionais e expressões antigas existentes no livro. A advertência serviu para nós, habituados àqueles vocábulos, constatarmos a dificuldade que encontrariam nesta história do Recife os leitores de outras regiões do País e os estrangeiros de língua portuguesa. Tentamos aqui um vocabulário, portanto, para facilitar a leitura de ARRUAR. Não conseguimos trabalho completo e muito menos perfeito. Os percalços de uma edição já em andamento não nos permitiram realizar, pela escassez de tempo, melhor o nosso intuito. Que a nossa intenção seja, todavia, motivo para nos relevarem todos a limitação desta iniciativa. Muitas das deficiências dêste pequeno "Vocabulário" poderão ser, no entanto, removidas em futura edição desta obra, tanto pelo nosso próprio esforço quanto pela colaboração dos leitores amigos que desejarem generosamente trazer-no seus esclarecimentos e sugestões, que serão pressurosamente aproveitados por nós .

Prestaram-nos auxílio na confecção dêste "Vocabulário" as seguintes obras: Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 9.  edição; Dicionário da Língua Portuguesa, de Moraes; Maxambombas e Maracatus, de Mário Sete (2.  edição) .

Rio, março de 1952

A. M. N.

AGUADA, *s. f.* Bolacha de farinha de trigo, denominada também *de-água-e-sal*.

ALFELÔ, *s. m.* Massa de melão ou açúcar em ponto forte. A forma portuguesa é *alféloa*.

ALFENIM, *s. m.* Confeito alvíssimo, sólido mas delicado e quebradiço, muito agradável ao paladar, preparado com melado, que se deixa ao fogo até atingir um ponto especial, quando, então, se retira a massa do fogo, estendendo-a sobre um mármore ou qualquer outra superfície fria. Depois de parcialmente esfriada, puxa-se a massa com as mãos polvilhadas de goma, até alvejar e solidificar, podendo-se, antes, dar-lhe as mais variadas formas.

ANQUINHAS, *s. f. pl.* Ancas postizas: armação de arame para altear os quadris e entufar as saias das mulheres.

ARANDELA, *s. f.* Braço colocado na parede para receber vela ou lâmpada elétrica.

AREEIRO, *s. m.* Pequeno vaso onde se tinha areia fina para secar a escrita.

ARRÔBA, *s. f.* Pêso antigo de 32 arráteis, hoje arredondado em 15 quilos.

AZEITE-DOCE *s. m.* Óleo de azeitona.

BALANDRAU, *s. m.* Opa usada por certas irmandades em atos religiosos.

BALDAQUINO, *s. m.* Pálio, pavilhão, tenda ou barraca portátil, sustentada por varas, que se leva em cortejo e procissões, sob a qual se põe o vaso em que vai o SS. Sacramento, quando é levado por Viático, isto é, para ser administrado a pessoa moribunda.

BALEIA, *s. f.* Vareta dos espartilhos e corpinhos das mulheres, dura e flexível, tirada das barbas das baleias.

BANDÓ, *s. m.* Penteado feminino que assenta dos dois lados da testa.

BARANDÃO, *s. m.* Círio ou vela grande de cêra; brandão.

BAREGE, *s. f.* Tecido de lã. É adaptação do vocábulo francês *barège*.

BARONESA, *s. f.* Nome dado às ninfeáceas, plantas aquáticas dicotiledôneas que na estação chuvosa descem os rios.

BARRETINA, *s. f.* Antiga cobertura alta de feltro ou peles, para a cabeça dos militares.

BASQUINE, *s. m.* Casaco curto usado pelas mulheres.

BAÚ, *s. m.* Caixa retangular de fôlha-de-flandres ou madeira (e neste caso coberta de couro cru), com tampa convexa.

BEIJU, *s. m.* Bôlo chato de pouca espessura e sêco, feito com farinha de mandioca fresca, nas "casas de farinha" das fazendas e engenhos do Nordeste.

- BELBUTINA**, *s. f.* Tecido fino de algodão aveludado, com que se faziam colêtes, enfeites de roupas ou mesmo sapatos.
- BERIMBAU**, *s. m.* Pequeno instrumento sonoro de ferro, que se toca segurando nos dentes e puxando com o dedo indicador a lingüeta.
- BERLINDA**, *s. f.* Pequeno côche de quatro rodas, suspenso por dois varais, aos quais se atrelam os cavalos.
- BILONTRA**, *s. m.* Indivíduo atirado a conquistas.
- BOLA**, *s. f.* Bala; reбуçado.
- BOLA-DE-CAMBARÁ**, *s. f.* Bala feita com o melado preparado com a raspado tronco do cambará.
- BOLINA**, *s. f.* Pranchão ou tora de madeira que se lança na água e destinado a amortecer o contacto das embarcações com o cais.
- BOMBA**, *s. f.* Bueiro de estrada de ferro ou rodagem.
- BORÉ**, *s. m.* Espécie de trombeta dos índios.
- BORZEGUIM**, *s. m.* Botina cujo cano se fecha por meio de cordões.
- BOTADA**, *s. f.* Início anual da moagem de cana nos engenhos e usinas de açúcar.
- BROCADADO**, *s. m.* Estôfo entretecido com fios de ouro ou prata, com desenhos em relêvo.
- BUFO**, *s. m.* Personagem cômica de teatro.
- BUGIA**, *s. f.* Castiçal pequeno. Vela de cêra.
- BUMBA-MEU-BOI**, *s. m.* Bailado popular dramático organizado em cortejo, no qual os principais personagens são o boi, o cavalo-marinho, Mateus, o médico.
- CABEÇÃO**, *s. m.* Parte superior da camisa da mulher, que fica sôbre o peito, e onde geralmente se fazem ou se aplicam bordados e rendas.
- CACHE-PEIGNE**, *s. m.* (Têrmo francês). Rôlo de cabelos que esconde o pente ou a fita que segura o penteado das senhoras. Flôres, fitas ou pérolas colocadas na parte posterior da cabeça como para encobrir o pente que sustém os cabelos arranjados sôbre a nuca.
- CACUNDÊ**, *s. m.* Bordado de fitas ou tiras de chita sôbre a fazenda, cobrindo um risco em forma de folhagem.
- CAFIFE**, *s. m.* Persistente falta de êxito; série de contrariedades.
- CAFUA**, *s. f.* Quarto escuro no qual se prendiam os alunos faltosos ao cumprimento dos deveres.
- CAMAFEU**, *s. m.* Pedra preciosa com duas camadas de côr diferente, numa das quais se lavra uma figura em relêvo.
- CAMBARÁ**, *s. m.* Páu-pereira, ~~árvore~~ da família das Apocináceas, também chamada *camará*, *pau-de-pente*, *pau-forquilha*, *pau-para-tôda-obra*, *pau-pereiro*, *pinguaciba*.
- CAMBOA**, *s. f.* V. *gamboa*.
- CAMBRONE**, *s. m.* Latrina com escoamento para fossa previamente escavada; tipo de aparelho lançado em Pernambuco pelo engenheiro francês Cambronne.
- CAMÉLIA**, *s. f.* Meretriz.
- CANAPÉ**, *s. m.* Assento comprido de madeira e fundo palha, para duas ou mais pessoas.
- CANCÃ**, *s. m.* Dança de movimentos muito rápidos.
- CARNAÚBA**, *s. f.* Espécie de palmeira, de cujas fôlhas se extrai cêra para vários fins industriais.

CARNE-DO-CEARÁ, *s. f.* Charque, i. é, carne de vaca, salgada e em mantas, sêca ao sol.

CARRAPATO, *s. m.* Nome da semente de ricino ou carrapateira, planta também chamada mamona.

CASTÃO, *s. m.* Cabo das bengalas.

CAUIM, *s. m.* Bebida preparada pelos índios com mandioca ou milho cozido, mastigado e fermentado em um vaso chamado cauaba.

CHARAMELA, *s. f.* Pequena charanga ou banda de música composta somente de instrumentos de metal, e às vezes também de tambor.

CHAROLA, *s. f.* Andor de procissão.

CHUMAÇO, *s. m.* Enchimento feito de algodão, penas flexíveis ou crina e usado entre o fôrro e o pano do vestuário, para lhe altear a forma; almofada.

CIBÓRIO, *s. m.* Vaso em que se guardam as hóstias consagradas.

CISCO, *s. m.* Lixo.

COGAR, *s. m.* Enfeites de penas que os índios usavam nas solenidades como adorno para a cabeça; penacho.

CONSOAR, *v. int.* Comer ou beber em consoada, i. é, pequena refeição à noite, em dia de jejum.

CONTRAMESTRA, *s. f.* Uma das principais figurantes do pastoril.

COQUE, *s. m.* Cocó; penteado feminino, que consiste em enrodilhar de certo modo os cabelos no alto da cabeça.

COSMORAMA, *s. m.* Aparelho ótico com o qual se observavam séries de vistas de diversos países e fatos.

CÔVADO, *s. m.* Antiga medida de comprimento que tinha 66 centímetros.

CREDÊNCIA, *s. f.* Mesa junto ao altar, onde se colocam as galhetas e outros acessórios da missa.

CRESCENTE, *s. m.* Cabelo postiço usado por senhoras para complemento de penteado.

CRISTOFLE, *s. m.* Liga metálica inoxidável fabricada por Paul Cristofle, e destinada a folhear objetos de mesa.

CROISÉ, *s. m.* (Térmo francês). Jaquetão comprido aberto na parte posterior, usado em solenidades.

CROQUE, *s. m.* Vara com um gancho de ferro na extremidade e de que os barqueiros se servem para atracar barcos.

CRÓTON ou CROTÃO, *s. m.* Planta de folhas ornamentais.

CUNHÃ, *s. f.* Mulher, na língua tupi.

CUPE, *s. m.* Carro de alto luxo puxado por dois cavalos, para duas pessoas, destinado às solenidades, e dirigido por cocheiro que se sentava do lado de fora do veículo. É adaptação do francês *coupé*.

DAGUERREÓTIPO, *s. m.* Aparelho primitivo de fotografia, inventado por Daguerre.

DANTISMO, *s. m.* Situação política dominante e chefiada pelo General Dantas Barreto.

DANTISTA, *s. m.* Partidário de Dantas Barreto; adepto de sua campanha política.

DERRIÇO, *s. m.* Namôro.

DESMENTIR, *v. tr.* Luxar (uma articulação); sofrer torcedura (de uma

- articulação), traumatismo (de músculo ou tendão).
- DIANA, *s. f.* Um dos tipos de pastora, figurante do folguedo coreográfico chamado pastoril.
- DOBRADO, *s. m.* Música de marcha militar.
- DOSSEL, *s. m.* Armação saliente, forrada e franjada, que encima leito.
- DUNQUERQUE, *s. m.* Espécie de móvel de sala como o consolo, em que se colocam jarras e pequenos objetos de ornato ou curiosidade.
- DURAQUE, *s. m.* Tecido muito forte e consistente que foi usado especialmente em calçados de senhora.
- ESSA, *s. f.* Espécie de túmulo vazio erguido num templo, enquanto se sufraga a alma do defunto.
- ESTAMENHA, *s. f.* Tecido grosseiro de algodão.
- ESTROVENGA, *s. f.* Engrenagem; coisa complicada.
- FALCÃO, *s. m.* Antiga peça, na artilharia, de calibre três.
- FANDANGO, *s. m.* Nome de certos bailes ruidosos da gente do campo, ao som da viola.
- FICHU, *s. m.* Lenço de pescoço para senhoras; ligeira cobertura triangular para ombro e seios, quando trazem vestidos decotados.
- FLORIM, *s. m.* Unidade monetária na Holanda, usada em Pernambuco durante a sua ocupação por tropas desse país, entre 1630 e 1654.
- FRISSETTE, *s. f.* (Térmo francês). Anel de cabelo frisado.
- FURRIEL, *s. m.* Antigo posto militar entre cabo e sargento.
- GAMBOA ou CAMBOA, *s. f.* Braço estreito de rio ou mar, que enche com o fluxo do mar e fica seco com o refluxo.
- GAMELA, *s. f.* Vaso de madeira em forma de alguidar, que serve para lavagens ou para dar comida aos porcos.
- GAMENHA, *s. f.* Garôta assanhada; moça sapeca.
- GÁS, *s. m.* Denominação dada ao querosene, no Nordeste.
- GELOSIA, *s. f.* Grade de fasquias ou ripas de madeira, cruzadas intervaladamente, com que se cobrem as janelas das vistas dos vizinhos e transeuntes.
- GOMA, *s. f.* Polvilho, amido de mandioca.
- GRÃO, *s. m.* Pêso do valor de 50 miligramas.
- GRÊS, *s. m.* Rocha constituída de grãos de areia consolidados por um cimento; arenito.
- GUIPURA, *s. f.* Renda de linho ou de seda, de malhas largas e sem fundo.
- GURITA, *s. f.* O mesmo que guarita, casinha portátil de madeira para abrigo de sentinelas.
- HENRIQUE, *s. m.* Soldado do batalhão denominado Henrique Dias, em homenagem ao herói da guerra contra os holandeses invasores em 1630.
- JACA, *s. f.* Chapéu alto, cartola.
- LABIRINTO, *s. m.* Trabalho de agulha também chamado *crivo*, feito em bastidor, desfiando-se fazenda fina em forma de quadriculos, que se enchem

- com passagens sucessivas de linha, formando o desenho.
- LAPINHA, *s. f.* O mesmo que *pre-sepe*.
- LIBRÉ, *s. f.* Uniforme ou fardamento de criado de casas nobres.
- LICE, *s. f.* Lugar destinado a torneios e justas; liça.
- LIMA ou LIMA-DE-CHEIRO, *s. f.* Pequena esfera ôca, de cêra ou bor-racha, cheia de água perfumada, que se usava nos folguedos do entrudo, antigo carnaval.
- LIOZ, *s. f.* Variedade de calcário bran-co e duro, usual em cantaria e esta-tuária.
- LORDE, *adj.* Ricaço; enfatuado; vai-doso; grã-fino.
- LUNDU, *s. m.* Canção de origem afri-cana.
- MADAPOLÃO, *s. m.* Pano branco e fino de algodão, que se emprega pa-ra roupa branca; morim.
- MAMULENGO, *s. m.* Divertimento que consiste em representações teatrais por meio de bonecos toscos.
- MANEIRO, *adj.* Leve; de fácil ma-nejo.
- MANGAR, *v. rel. e int.* Fazer caçoa-da; zombar.
- MARACÁ, *s. m.* Chocalho usado pe-los índios nas solenidades religiosas e guerreiras.
- MARRAFA, *s. f.* Pequeno pente orna-mental de uso no toucado das se-nhoras.
- MARROQUIM, *s. m.* Pele de cabra ou bode, tingida do lado exterior e pre-parada para artefatos.
- MARUIM, *s. m.* Inseto pequeno se-melhante ao mosquito.
- MAZOMBO, *s. m.* Indivíduo nascido no Brasil, no tempo da Colônia, de pais estrangeiros, especialmente de portu-gêses.
- MEDEIXES, *s. m. pl.* Esquivanças; desdêns fingidos; dengues.
- MEMENTO, *s. m.* Papel ou caderne-ta onde se anota o que não se quer esquecer de fazer.
- MENESTREL, *s. m.* Trovador; decla-mador.
- MESTRA, *s. f.* Principal personagem feminina do pastoril
- MIÇANGA, *s. f.* Ornato feito de con-tas variegadas e miúdas de vidro.
- MIDUBIM, *s. m.* Amendoim.
- MITENE, *s. f.* Luva de senhoras que, cobrindo a mão, deixa descobertos os dedos.
- MÔCHO, *s. m.* Banco de assento qua-drado e sem encôsto.
- MOFINA, *s. f.* Artigo anônimo difa-matório publicado na imprensa.
- MOLEQUE, *s. m.* Negrinho.
- MOTOREIRO, *s. m.* O encarregado do motor do bonde e que conduz o veí-culo; motorneiro.
- MURICI, *s. m.* Fruto do muricizeiro, característico pelo seu paladar acre.
- NAVE, *s. f.* Parte principal ou vão no corpo da igreja, onde o povo ora; espaço na igreja desde a entrada até o santuário.

NÊNIA, *s. f.* Canto fúnebre.

OBREIA, *s. f.* Massa de farinha de trigo cozida, que serve para colar papéis, previamente colocada nas bordas de carta-bilhete.

OITICORÓ, *s. m.* Fruto da árvore dêste nome, também chamada oiticorôzeiro.

ÔLHA *s. f.* Gordura do caldo, água nutriente em que se cozeu carne ou outra substância alimentícia.

ONZE-LETRAS, *s. m.* Alcoviteiro; medianeiro.

ORELHAS-DE-BURRO, *s. f. pl.* Castigo aplicado antigamente aos colegas rudes e relapsos e que consistia em colocar na cabeça do aluno um capacete de papel com orelhas grandes, no intuito de pô-lo em brios.

OUTEIRO, *s. m.* Festa que se realizava outrora no pátio dos conventos, por ocasião da qual os poetas glosavam motes dados pelas freiras.

PAFO, *s. m.* Peça de franzido, frouxa, em roupa de mulher.

PALANQUIM, *s. m.* Espécie de liteira.

PANO-DE-FÁBRICA, *s. m.* Eram assim chamados os primeiros tecidos procedentes da indústria fabril; até então só eram conhecidos os tecidos fiados em casa, na roca, ou os finos tecidos importados.

PAPANGU, *s. m.* Aquêle que usava certa fantasia, mascarado, e que ia à frente da procissão de Cinzas.

PASTORIL, *s. m.* Folguedo popular coreográfico representado em um tablado ao ar livre, ao som de uma charamela.

PATACA, *s. f.* Moeda antiga equivalente a 32 centavos atualmente, 320 réis ou 16 vinténs, antigamente.

PERALVILHO, *s. m.* Peralta, casquilho, janota.

PIQUE, *s. m.* Lança antiga.

POPELINA, *s. f.* Tecido lustroso para vestes femininas ou camisas de homem.

PORACÉ, *s. f.* Dança dos índios.

PORTALÓ, *s. m.* Lugar por onde se entra num navio ou por onde se recebe ou tira a carga.

PRAVAZ, *s. m.* Certo tipo de agulha ou seringa, provavelmente fabricada por Pravaz, que os morfinômanos usam para auto-injetar-se.

PRESEPE, *s. m.* "Os pastoris, quando dançados em casas de famílias, por *mocinhas direitas*".

QUARTINHA, *s. f.* Moringa.

QUEIJO-DO-SERTÃO, *s. m.* Requeijão.

RATADA, *s. f.* Extravagância, excentricidade.

REBUÇO, *s. m.* Cortina ou guarnição de pano usada nos palanquins e destinada a impedir que se visse quem o ocupava ou nêle viajava.

REDINGOTE, *s. m.* Casaco comprido, com as frentes inteiriças; sobrecasaca.

REFLE, *s. m.* Sabre-baioneta, usado por policiais.

RÊLHO, *s. m.* Açoite ou azorrague feito de couro torcido.

REMÍGIO, *s. m.* Vôo das aves.

REMOQUE, *s. m.* Dito picante, motejo, insinuação indireta.

RODA DOS EXPOSTOS, *s. f.* Roda da Casa dos Expostos, que recebia

- crianças enjeitadas pelos pais, os quais lá as depositavam discretamente, por uma abertura no muro e a faziam girar depois de tocar uma campainha, indo a criancinha encontrar na outra extremidade mãos benfazejas das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo.
- ROMEIRA, *s. f.* Cabeção que usam as senhoras como enfeite, e quase sempre de renda ou de sêda.
- ROQUETE, *s. m.* Sobrepeliz, mantelite ou pequena capa com mangas, rendas e pregas miúdas.
- ROSISMO, *s. m.* Situação política dominante e chefiada pelo Conselheiro Rosa e Silva.
- SAMBURÁ, *s. m.* Cêsto feito de cipó ou taquara.
- SANGANGU, *s. m.* Desordem; conflito; sururu.
- SEGE, *s. f.* Côche com duas rodas e um só assento, fechado com cortinas na frente.
- SICUPIRA ou SUCUPIRA, *s. f.* Madeira de lei, preferida para obras de marcenaria.
- SOTA, *s. f.* Parelha de burros sobresalente que era atrelada à frente do par de animais que puxavam os bondes, nos lugares íngremes, a fim de subi-los.
- SOTÉIA ou AÇOTÉIA, *s. f.* Eirado ou terraço por cima das casas ou tórres.
- SUTAMBAQUE, *s. m.* Casação.
- SUTUÊ, *s. m.* Espécie de balandrau sem capuz.
- TABOCA, *s. f.* Bambu ou taquara; gomo de bambu que se enche de pólvora, na fabricação de foguetes.
- TALCO, *s. m.* Lâmina fina de latão, que imita o ouro; ouropel.
- TALIM, *s. m.* Correia a tiracolo, à qual os militares prendem uma arma; boldrié.
- TANGAPEMA, *s. m.* Tacape; espécie de clava que servia aos sacrifícios humanos, entre os índios.
- TAPIOCA, *s. f.* Bôlo feito de goma fresca, geralmente com uma camada de côco ralado no interior.
- TARECO, *s. m.* Espécie de pão-de-ló em pequenas rodela.
- TELETE, *s. m.* Pequena capa com rendas e pregas miúdas.
- TIGRE, *s. m.* Barril onde antigamente se transportavam para despejo matérias fecais.
- TOQUIM, *s. m.* Tecido sedoso parecido com o cetim, porém inferior. Esta forma é talvez corruptela de Tonquim.
- TREMÓ, *s. m.* Aparador antigo com espelho alto, e que cobre a parte da parede entre duas janelas.
- TRIBOFE, *s. m.* Conchavo doloso entre apostadores e jôqueis nas corridas de cavalos.
- TURCO, *s. m.* Peça de madeira ou de ferro que sai do costado do navio ou construções à beira d'água para descer e suspender escaleres ou pequenas embarcações.
- TUTAMÉIA, *s. f.* Tuta-e-meia; ninharia; pouco dinheiro.
- UAI, *s. m.* Certo tipo de tambor usado pelos índios. Palavra de origem tupi.
- UBÁ, *s. f.* Canoa usada pelos índios.

UBAIA, *s. f.* Planta da família das mirtáceas.

UNICÓRNIO, *s. m.* Espécie de rinoceronte; substância do chifre desse animal.

URSA, *s. f.* Nome dado pela Astronomia a duas constelações boreais, que se distinguem por Ursa Maior e Ursa Menor.

VARA, *s. f.* Medida antiga de comprimento, equivalente a 1 metro e 10 centímetros.

VASQUEIRO, *adj.* Escasso; difícil de encontrar.

VELOUTINE, *s. f.* (Térmo francês).
Pó-de-arroz muito fino.

XENXÉM, *s. m.* Moeda antiga de cobre, de 10 réis, que circulou no Brasil.

ZITA, *s. f.* Jarreteira; fita elástica pendente da cinta de senhora, que serve para sustentar a meia.

MARIO SETTE

1886 - 1950



De renome internacional, o autor de ARRUAR, a seu respeito assim se expressa Henrique Perdição, no "Dicionário Universal de Literatura", edição de 1940:

"Escritor brasileiro, nasceu em Pernambuco, no ano de 1886.

Depois de haver feito na terra natal os seus estudos primários foi para o Rio estudar humanidades, com o intuito, talvez, de se matricular depois numa escola superior. Mas, ou porque as carreiras liberais o não seduzissem, ou por outro qualquer motivo, regressou anos depois ao Recife e foi empregar-se num escritório comercial, passando mais tarde para os correios, onde é presentemente chefe dos Serviços Econômicos, já tendo ocupado, em comissão, a Direção dos Correios e Telégrafos de Alagoas.

Desde muito novo que Mario Sette começou a escrever e a publicar versos vários, que, porém, nunca reuniu em volume; depois, já com crônicas, contos e comentários, passou a colaborar com certa assiduidade em periódicos não só de Pernambuco, mas também do Rio e de outros Estados, fazendo aparecer em 1917 o seu primeiro livro: Ao clarão dos Obuses, contos inspirados em episódios da guerra que então lavrava. A seguir, publicou: Rosas e espinhos (1918); Senhora de Engenho, com edições várias e que muitos consideram a sua obra-prima: Quem vê caras, diálogos: O palanquim dourado, A filha de D. Sinhá e O vigia da Casa Grande, romances, todos três, havendo o último alcançado o Prêmio da Academia Brasileira, de 1924; Sombras de Baraúnas, contos; As contas do Têrço, romance; João Inácio e A mulher do meu amigo, novelas; Maxambombas e Maracatus, crônicas "cheias de côr e de emoção sôbre o 1900 pernambucano", na expressão de Gilberto Freire - livro que teve, logo que apareceu, duas edições sucessivas; Seu Candiño da Farmácia e Os Azevedos do Poço, romances. Destas obras, várias são de edição portuguesa (Lelo & Irmão) e de uma delas - a Senhora de Engenho - fêz-se uma tradução espanhola.

Há, ainda, outros trabalhos seus, mas de caráter didático: Velhos azulejos, Terra pernambucana, Moral e civismo e Brasil, minha terra, além de outro - História do Brasil - ainda inédito. E inéditos tem, igualmente, três outros livros: um de crônicas, um de contos e outro de historinhas para crianças.

Mario Sette que é, sem dúvida, dos mais operosos escritores da sua terra, pertence à Academia Pernambucana de Letras e ao Instituto Histórico de Pernambuco, sendo correspondente de outras associações de cultura literária do País."



LIVRARIA-EDITÔRA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

LARGO DA CARIOCA, 11 - 2º ANDAR - TEL. 42-2741

RIO DE JANEIRO